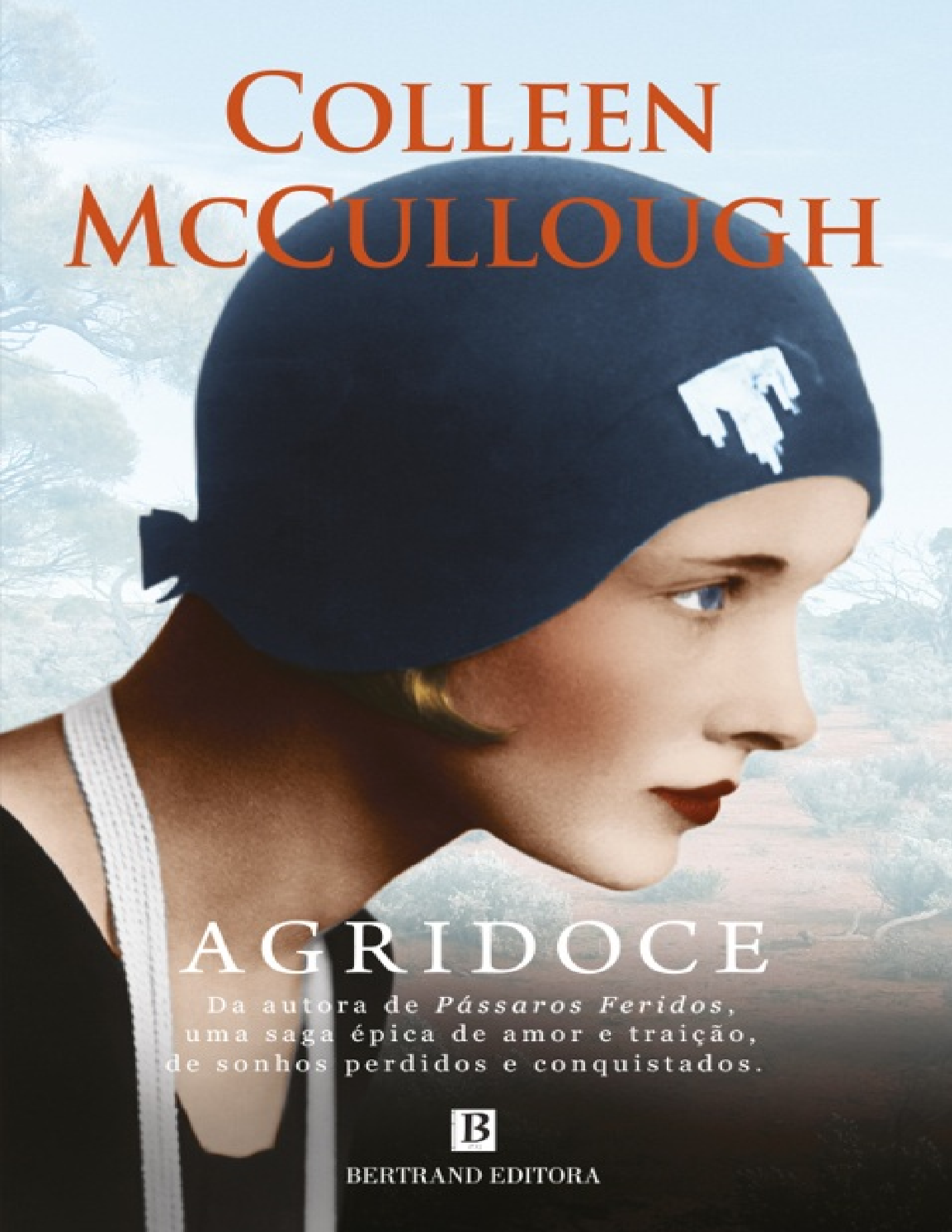

COLLEEN
McCULLOUGH
AGRIDOCE
Da autora de *Pássaros Feridos*,
uma saga épica de amor e traição,
de sonhos perdidos e conquistados.
BERTRAND EDITORA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Colleen McCullough nasceu na Austrália. Neuropatologista de formação, foi a fundadora do Departamento de Neuropatologia do hospital Royal North Shore, em Sydney, antes de começar a trabalhar como investigadora e professora em Yale, onde permaneceu durante dez anos. A sua carreira como escritora teve início com a publicação de *Tim*, a que se seguiu o *best-seller* internacional *Pássaros Feridos*. Vive em Norfolk, no Pacífico, com o marido, Ric Robinson.

Título original: Bittersweet
1.ª edição em papel: novembro de 2014
Autora: Colleen McCullough
Tradução: Catarina Andrade
Revisão: Miguel Freitas
Design da capa: Ana Monteiro
Imagem da capa: Corbis/VMI

© Colleen McCullough, 2013
[Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa, exceto Brasil, reservados por Bertrand Editora, Lda.]

Esta edição segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Bertrand Editora
Rua Prof. Jorge da Silva Horta, n.° 1
1500-499 Lisboa
www.bertrandeditora.pt
Tel. 217 626 000 · Fax 217 626 150

ISBN: 978-972-25-2945-7

ZZZZ

Para Val e Alex Martinez, com muito amor
e gratidão pela sua generosidade
ao longo de todos estes anos.

PARTE UM

QUATRO ENFERMEIRAS
DE UMA NOVA GERAÇÃO

Edda e Grace, Tufts e Kitty. Dois pares de gémeas, filhas do reverendo Thomas Latimer, pastor da Igreja Anglicana de St. Mark no condado e cidade de Corunda, Nova Gales do Sul.

Encontravam-se sentadas em cadeiras estreitas em frente à enorme boca da lareira, onde nada ardia. O grandioso salão estava cheio de mulheres conversadoras convidadas pela esposa do pastor, Maude, para celebrar o evento que aconteceria em menos de uma semana: as quatro filhas do pastor iam abandonar o presbitério para iniciar o seu treino de enfermagem no Hospital de Corunda.

Falta menos de uma semana, falta menos de uma semana!, dizia Edda repetidamente para si mesma, suportando a vergonha de estar em exposição, os seus olhos não paravam de olhar em redor, pois preferia não estabelecer contacto visual com a sua madrasta, Maude, que monopolizava a conversa como era habitual, tagarela, tagarela, tagarela.

Havia um buraco no chão de madeira, ao lado da cadeira de Edda, a última de uma fila de quatro; um movimento dentro dele captou a atenção desta, e Edda ficou tensa, sorrindo enervada. Um enorme rato! Um rato estava prestes a invadir a festa da mamã! Apenas mais um centímetro, pensou Edda, enquanto observava a cabeça do rato, e vou gritar um estridente «Rato!» com todas as minhas forças. Que divertido!

No entanto, antes que Edda conseguisse encontrar voz para gritar, viu a cabeça do animal e paralisou. Uma cabeça preta e lustrosa, em forma de cunha,

com uma língua vibrante — enorme, tendo em conta o animal que era! —, um corpo preto, sim, mas por baixo uma barriga vermelha. E aquela coisa continuava a avançar e a avançar, dois metros de cobra preta com a barriga vermelha, letalmente venenosa. Como entrara ali?

Ainda continuava a emergir do buraco, à espera do momento em que a ponta da sua cauda estivesse livre para disparar numa direção imprevisível. Os utensílios da lareira encontravam-se do lado oposto àquele em que Edda se encontrava, com Tufts, Grace e Kitty no caminho, completamente alheias ao que se passava; nunca chegaria a eles.

A sua cadeira era estofada, mas não tinha braços e as pernas terminavam em pontas finas, pouco maiores que um batom. Edda respirou fundo, levantou-se a si e à cadeira uns quantos centímetros do chão e assentou a perna esquerda da cadeira no meio da cabeça da cobra. Em seguida, sentou-se com força e com todo o seu peso, segurando firmemente os lados do assento, determinada a ultrapassar a tempestade como se fosse Jack Thurlow agarrado às rédeas do cavalo. A perna da cadeira trespassou o crânio da cobra entre os olhos, e esta, com os seus dois metros, ergueu-se no ar. Alguém soltou um grito estridente e outros se seguiram, enquanto Edda Latimer continuava sentada e lutava para manter a perna da cadeira enterrada na cabeça da cobra. O corpo do animal chicoteava, contorcia-se, batia em Edda e em tudo à volta dela, com golpes mais selváticos e punitivos do que o punho de um homem, chovendo sobre ela de forma tão furiosa que Edda parecia envolta por uma névoa rodopiante, uma sombra golpeante.

Mulheres corriam por todos os lados, ainda aos gritos, com a imagem de Edda e da cobra estampada nos olhos, sem conseguirem controlar o pânico para a ajudar.

Exceto Kitty — a linda Kitty, a corajosa Kitty —, que saltou para o lado oposto da lareira, empunhando um machado, utilizado para separar toros de lenha demasiado grandes. Desviando-se dos golpes violentos da cobra, Kitty separou a cabeça da espinha com duas machadadas.

— Já te podes levantar da cadeira, Eds — disse Kitty à irmã, deixando cair o

machado. — Que monstro! Vais ficar coberta de nódoas negras.

— És louca! — choramingou Grace, derramando lágrimas de choque.

— Tolas! — disse Tufts furiosamente para Edda e Kitty.

O reverendo Thomas Latimer, pálido como a cal de parede, estava demasiado ocupado a acudir à sua segunda esposa, num autêntico ataque de histeria, para fazer o que mais desejava: confortar as suas filhas admiravelmente corajosas.

Os gritos e o choro começaram a esmorecer, e o terror diminuiu o suficiente para que algumas das mulheres mais intrépidas se juntassem em volta da cobra e observassem a sua mortalidade de perto — que bicho enorme! No meio de toda aquela confusão, a senhora Enid Treadby e a senhora Henrietta Burdum ajudaram o pastor a acalmar Maude, e ninguém, à exceção das quatro gémeas, se lembrou do motivo desta reunião arruinada. O que importava era aquela estranha criatura que Edda Latimer matara, uma cobra letalmente venenosa, e estava na hora de correr para casa a fim de perpetuar a principal atividade feminina de Corunda: a Coscuvilhice, e as suas amigas, a Intriga e a Especulação.

As quatro raparigas dirigiram-se para o carrinho do lanche abandonado, serviram-se de chá em chávenas delicadas e pilharam as sanduíches de pepino.

— As mulheres são mesmo tolas, não são? — perguntou Tufts, agitando o bule. — Parecia que o céu estava a cair! Contudo, é típico de Edda. O que tencionavas fazer se a perna da cadeira não aguentasse?

— Nesse caso, Tufts, teria pedido a tua ajuda.

— Hum! Não precisavas de pedir, porque a nossa outra brilhante pensadora e planeadora, Kitty, foi em teu auxílio. — Tufts olhou em volta e continuou: — Apedrejem os corvos, vão-se embora! Comam, meninas, podemos comer tudo.

— A mamã vai demorar uns dois dias a recuperar disto — disse Grace, divertida, segurando a chávena a pedir mais chá. — É certo que bate aos pontos o choque de perder as suas quatro criadas não remuneradas do presbitério.

Kitty bufou.

— Que disparate, Grace! O choque de perder as criadas não remuneradas pesa bastante mais no pensamento da mamã que a morte de uma cobra, por muito grande e venenosa que fosse.

— E, mais — disse Tufts —, a primeira coisa que a mamã vai fazer assim que se recompuser é dar um sermão a Edda sobre como matar uma cobra mantendo a compostura e a discrição. Causaste uma grande confusão.

— Meu Deus, sim, causei mesmo — disse Edda, calmamente, enquanto espalhava uma suculenta compota vermelha e uma camada de *chantilly* por cima de um *scone*. — Nham! Se eu não tivesse feito confusão, nenhuma de nós conseguiria apanhar um *scone*. As amiguinhas da mamã teriam comido todos. — Edda riu-se e continuou: — Na próxima segunda-feira, meninas! Na próxima segunda-feira vamos começar a viver as nossas vidas. Sem a mamã. E sabes que não estou a dizer isto para te chatear a ti e à Tufts, Kitty.

— Sei, sim — disse Kitty, bruscamente.

Maude Latimer não era *conscientemente* desagradável; considerava-se a maior santa de todas as madrastas, bem como de todas as mães. Grace e Edda eram filhas do mesmo pai que as suas duas filhas, Tufts e Kitty, e não fazia qualquer discriminação entre elas, dizia Maude prontamente a qualquer pessoa que se mostrasse interessada na vida do presbitério. Como podiam quatro lindas filhas ser um fardo para alguém que adorava ser mãe? E isto poderia ter funcionado na vida real tão bem como na cabeça de Maude, não fosse um percalço físico do destino, nomeadamente o facto de a mais nova das gémeas de Maude, Kitty, ter uma beleza muito superior à das suas adoráveis irmãs, superando-as da mesma maneira que o Sol obscurece o brilho da Lua.

Desde a infância de Kitty até à presente festa de despedida que Maude gabava as qualidades de Kitty a toda a gente que a quisesse ouvir. As opiniões privadas das pessoas eram idênticas às opiniões públicas de Maude, mas oh, ficavam todos tão *cansados* quando Maude aparecia do nada, com a mão de Kitty presa firmemente na sua, e as outras três gémeas atrás. Era opinião consensual em Corunda que Maude estava a criar três inimigas implacáveis para Kitty, as suas próprias irmãs: como Edda, Grace e Tufts deviam odiar Kitty! Toda a gente deduzia que Kitty devia ser desagradável, mimada e

insuportavelmente pretensiosa.

No entanto, não era bem assim, embora o porquê fosse um mistério para toda a gente, exceto para o pastor. *Ele* interpretava o amor entre as suas meninas como a prova sólida e tangível do quanto Deus as amava. É claro que Maude usurpava os elogios que o seu marido fazia a Deus como se fossem mais devidos a ela e só a ela.

As raparigas Latimer tinham pena de Maude, quase tanta quanto a antipatia que sentiam por ela, e gostavam dela apenas na medida em que os laços familiares as uniam, fossem estes de sangue ou não. O que unia as raparigas nesta aliança inabalável contra Maude não era o facto de três das gémeas serem preteridas por ela, mas a situação difícil em que Kitty se encontrava, sendo alvo de toda a atenção e afeto de Maude.

Kitty poderia ter-se tornado uma miúda presunçosa e insolente; em vez disso, era tímida, sossegada e reservada. Edda e Grace, vinte meses mais velhas, repararam muito antes de Tufts no efeito da sua mãe sobre Kitty e, quando tal se tornou óbvio para as três, ficaram muito preocupadas. Da mesma maneira que a conspiração entre elas para protegerem Kitty de Maude começou aos poucos e se perdeu nos meandros da infância, tornou-se mais forte à medida que o tempo foi passando.

Era sempre a dominadora Edda que sofria o impacto das situações mais difíceis, um padrão que se mantinha desde os seus doze anos, quando apanhou Kitty, na altura com dez anos, a tentar mutilar a sua própria face com um ralador de queijo; Edda tirou-lho das mãos e levou-a imediatamente ao seu pai, o homem mais amável e bondoso do mundo. Este lidou com a crise de uma forma exemplar, resolveu o problema da única maneira que sabia, persuadindo a menina de que, quando se tentava mutilar, insultava Deus, que a fizera linda por alguma razão misteriosa, por uma razão que um dia iria compreender.

Esta conversa fez com que Kitty se aguentasse até ao último ano de escola, no Colégio Feminino de Corunda, uma instituição da Igreja Anglicana. Ao adiar o início da educação das gémeas mais velhas e ao antecipar o das mais novas, o pai fez com que as quatro raparigas frequentassem todas o ensino primário e

secundário na mesma turma e se matriculassem na universidade ao mesmo tempo. A diretora do colégio, uma escocesa severa, recebeu as onze raparigas que entraram no ano final com um discurso concebido para desencorajar as suas expectativas de vida, em vez de as estimular.

— Os vossos pais permitiram que vocês usufruíssem de dois a quatro anos de educação a mais ao manter-vos no Colégio Feminino de Corunda até se matricularem na universidade — disse ela, no tom de voz controlado de uma mulher educada em Oxford —, o que irá acontecer no ano de Deus de 1924. Quando se matricularem, a vossa educação será soberba, pelo menos no que diz respeito a educação para mulheres. Vão ter aulas de inglês, matemática, história antiga e moderna, geografia, ciências, latim e grego neste ano preparatório para a universidade.

A diretora fez uma pausa demorada e, em seguida, concluiu:

— No entanto, a carreira mais desejada para vocês é um casamento adequado. Se escolherem permanecer solteiras e tiverem de se sustentar, existem duas carreiras disponíveis: ensinar numa escola primária e algumas poucas escolas secundárias ou trabalhar em secretariado.

A este discurso, Maude Latimer acrescentou um comentário durante o almoço no presbitério no domingo seguinte.

— Que disparate! — disse Maude suspirando. — Oh, o casamento adequado! Meninas, é claro que todas vocês vão alcançar *isso*. No entanto, nenhuma das filhas do pastor de St. Mark precisa de sujar as mãos a trabalhar para sobreviver. Vão viver connosco e ajudar-me a manter a casa até casarem.

Em setembro de 1925, quando Edda e Grace tinham dezanove anos e Tufts e Kitty dezoito, Kitty dirigiu-se aos estábulos do presbitério e encontrou um pedaço comprido de corda. Fez um laço numa ponta e atirou a corda por cima de uma viga, colocou a cabeça no laço e subiu para cima de um contentor vazio de gasolina. Quando Edda a encontrou, já Kitty tinha afastado o contentor com os pés e encontrava-se pendurada, pateticamente calma, a tentar libertar-se da vida. Sem nunca conseguir perceber onde fora buscar a força, Edda libertou Kitty da corda que a asfixiava, antes de esta se magoar de modo irreversível.

Desta vez, Edda não levou Kitty de imediato ao pastor.

— Oh, minha querida irmã, não podes, não podes! — chorou Edda, com a face encostada ao cabelo sedoso da irmã. — Nada pode ser assim tão mau!

No entanto, quando Kitty foi capaz de falar, Edda percebeu que era ainda pior.

— Odeio ser bonita, Edda, abomino-o! Se, ao menos, a mamã se calasse, me desse alguma paz! Mas não dá. Para todos os que quiserem ouvir, eu sou a Helena de Troia. E ela… ela não me deixa vestir de forma mais descontraída ou não usar maquilhagem. Edda, se ela pudesse, tenho a *certeza* de que me casaria com o príncipe de Gales!

Edda tentou mostrar-se despreocupada.

— Até a mamã deve ter percebido que não fazes bem o tipo de Sua Majestade, Kits. Ele gosta delas casadas e muito mais velhas do que tu.

O comentário foi recebido com um riso forçado, mas Edda teria de falar durante muito mais tempo e de usar toda a sua persuasão antes de Kitty consentir em falar dos seus problemas com o pai.

— Kitty, não estás sozinha — argumentou Edda. — Olha para mim! Eu venderia a minha alma ao diabo para ser médica, e estou a falar a sério! É tudo o que eu sempre quis, um curso de medicina. Mas não posso. Por um lado, não há dinheiro para isso, nem nunca há de haver. Por outro, o papá não aprova, oh, não por ser contra as mulheres desempenharem estas profissões, mas pela forma como toda a gente trata mal as mulheres em medicina. Acha que eu não seria feliz. Eu sei que ele está errado, mas ele recusa-se a ceder. — Edda agarrou no braço de Kitty e esmagou-o entre os seus dedos fortes e esguios. — O que te faz pensar que és a única que está infeliz, eh, responde-me. Não achas que já pensei em enforcar-me? Mas já pensei! Não só uma vez, mas muitas.

Quando Edda contou o que acontecera a Thomas Latimer, que Kitty tentara enforcar-se, esta estava dócil como o barro.

— Oh, minha querida, minha querida! — sussurrou ele, e as lágrimas corriam-lhe pelo rosto longo e atraente. — Para castigar o crime do suicídio, Deus tem um Inferno especial, não existe fosso em chamas nem a companhia de

outros para ultrapassar o sofrimento. Aqueles que se matam são condenados a vaguear pela imensidão da eternidade sozinhos, para sempre. Nunca veem outro rosto, ouvem outra voz, saboreiam agonia *ou* êxtase! Jura-me, Katherine, que nunca mais te vais tentar magoar outra vez, seja de que maneira for!

Kitty jurara e cumprira o seu juramento, mas de qualquer modo as irmãs vigiavam-na de perto.

A tentativa de suicídio acabou por acontecer num momento propício, pois, por essa altura, o pastor de St. Mark era membro do conselho de administração do Hospital de Corunda. Na semana a seguir à crise de Kitty, o conselho reuniu-se e, na sua agenda, vinha mencionado o facto de que em 1926 o Departamento de Saúde da Nova Gales do Sul ia apresentar um novo tipo de enfermeira: uma enfermeira devidamente treinada, educada e *registada*. Para o pastor, esta era a carreira ideal para uma rapariga educada como uma autêntica senhora. O que mais o entusiasmava era o facto de estas novas e devidamente treinadas enfermeiras terem de viver no hospital, para se encontrarem disponíveis sempre que necessário. O vencimento, depois de deduzir a estadia, os uniformes e os livros, era uma miséria, mas cada uma das suas filhas tinha um dote modesto de 500 libras, o que significava que não teriam de gastar o vencimento. Maude já se queixava que mais quatro meses no presbitério eram demasiados para o trabalho doméstico envolvido. Por conseguinte, disse o pastor para si mesmo enquanto acelerava para casa no seu *Ford Modelo T*, porque não falar desta carreira de enfermagem às filhas? Era digno de uma senhora, podiam viver no hospital, recebiam um vencimento e (embora fosse demasiado leal para o dizer, mesmo a si mesmo) libertavam Maude, a Destruidora.

O pastor abordou Edda primeiro, e é claro que esta ficou loucamente entusiasmada. Até Grace, a mais relutante, foi fácil de recrutar. Se a ideia de se livrarem de Maude era mais aliciante para Grace e Kitty do que a perspetiva de trabalhar, o que é que interessava?

Mais difícil para o pastor foi travar sozinho a batalha contra o conselho de administração do hospital e persuadir os outros doze membros de que o Hospital de Corunda deveria estar entre os pioneiros de hospitais com novas enfermeiras.

Algures dentro do corpo de Thomas Latimer, gracioso e esguio como uma gazela, escondia-se um leão, tão adormecido que já devia estar ratado por traças. Dentes à mostra, garras de fora, o leão era a manifestação do pastor Latimer com quem pessoas como Frank Campbell, o diretor do Hospital de Corunda, não sabiam lidar. Assim, bastante satisfeito com o que um pouco de agressividade feroz conseguia alcançar, o reverendo Latimer saiu vitorioso do campo de batalha.

Saciadas, senão completamente empanturradas, as quatro gémeas Latimer olharam umas para as outras, triunfantes. O salão encontrava-se deserto e o chá que sobrava nos bules estava cediço, mas em cada jovem peito batia um coração feliz.

— A partir da próxima segunda-feira, não há mais Maude — disse Kitty.

— Kitty! Não podes tratá-la assim, ela é tua mãe — exclamou Grace, escandalizada.

— Posso sim, se quiser.

— Cala-te, Grace, a Kitty está só a celebrar a sua emancipação — protestou Edda com um sorriso rasgado no rosto.

Tufts, a mais prática de todas, olhava fixamente para o corpo da cobra.

— A festa terminou — disse ela, levantando-se. — Está na hora de limpar tudo, meninas.

Com os olhos postos na cobra, agora rodeada de sangue, Grace estremeceu.

— Não me importo de tirar as folhas de chá do fundo dos bules, mas não vou limpar *aquilo*!

— Visto que tudo o que fizeste desde que a cobra entrou no salão foi guinchar e choramingar, Grace, és tu que vais limpar aquilo — disse Edda.

Tufts riu-se.

— Achas que aquilo é difícil de limpar, Grace? Espera até estares a trabalhar nas alas do hospital!

A expressão de Grace mudou, cruzou os braços sobre o peito, olhou

fixamente para as irmãs e disse:

— Começo quando tiver de começar, nem um minuto antes. Kitty, provocaste aquele sangue todo ao cortares a cabeça à cobra, por isso devias ser tu a limpar. — A sua disposição mudou e começou a rir. — Oh, meninas, lembrem-se! Os nossos dias como empregadas domésticas acabaram! Hospital de Corunda, aqui vamos nós!

— Com toda a sujidade e confusão que nos espera — acrescentou Edda.

O reverendo Thomas Latimer, que tinha algum sangue Treadby mas não era natural de Corunda, fora nomeado pastor da Igreja Anglicana de St. Mark em Corunda há vinte e dois anos. Fora precisamente aquela parcela de sangue Treadby que o tornara aceitável para a maior parte da população da igreja anglicana, apesar da sua juventude e falta de experiência. Nenhuma destas duas características era considerada uma grande desvantagem, visto que os habitantes de Corunda gostavam de moldar as pessoas como barro, a fim de servirem os seus interesses. A sua esposa, Adelaide, vinha de uma boa família e era muito estimada por todos, bastante mais do que a empregada do presbitério, Maude Treadby Scobie, uma viúva sem filhos com o sangue certo e uma ideia insuportável da sua própria importância.

Thomas e Adelaide foram-se apaixonando cada vez mais, o pastor era extremamente atraente, muito culto, uma alma generosa e ingénua, e Adelaide ainda mais. Seguiu-se uma gravidez, passado um tempo adequado, e a 13 de novembro de 1905 Adelaide deu à luz duas meninas, Edda e Grace. Uma terrível hemorragia debilitou-a e Adelaide faleceu.

A eficiente Maude Scobie conhecia bem os assuntos do presbitério, e os administradores de St. Mark acharam melhor que Thomas Latimer mantivesse os serviços da senhora Scobie, sobretudo devido à presença de dois bebés recém-nascidos. Maude era seis anos mais velha que o pastor e já contava com mais de trinta anos. Impressionantemente requintada e de uma beleza inigualável, Maude ficou encantada por continuar a ser sua empregada. O trabalho não era fácil, mas

também não era mau. Os governantes não se importavam de pagar a amas e a empregadas de limpeza.

A congregação inteira compreendeu quando, um ano após a morte da esposa, o pastor voltou a casar, desta vez com Maude Scobie. Esta engravidou de imediato e deu à luz, um pouco prematuramente, duas gémeas a 1 de agosto de 1907. Foram batizadas de Heather e Katherine, mas ficaram mais tarde conhecidas como Tufts e Kitty.

No entanto, Maude não tencionava morrer, aliás, a sua intenção era viver mais do que o pastor e, se possível, do que as suas próprias filhas. Era agora a esposa do pastor e tornou-se bastante mais conhecida dentro da comunidade, que, com algumas exceções, não gostava dela e a considerava arrogante, superficial e uma mulher apenas interessada em subir de estatuto social. Corunda decidiu que Thomas Latimer fora trapaceado ao casar com uma harpia maliciosa. Um veredito que deveria ter esmagado Maude, mas que nem sequer beliscou a sua arrogância. Maude era o tipo de pessoa cuja autossatisfação é tão grande, tão enraizada, que nem chegava a perceber o quanto as pessoas a detestavam. O sarcasmo e a ironia não lhe penetravam na pele, tal como água em penas, e limitava-se a ignorar toda a gente. Com tudo isto teve uma sorte incomparável: desiludido desde muito cedo com o casamento, o seu marido considerava o matrimónio um contrato sagrado e para toda a vida, um elo que jamais poderia ser quebrado ou desonrado. Independentemente de Maude ser uma esposa pouco apropriada, Thomas Latimer mantinha os seus votos. Lidava com ela com paciência, umas vezes fazia-lhe as vontades, outras convencia-a a agir de outro modo, aturava as suas birras e enxaquecas, e nem uma única vez contemplou quebrar os seus votos para com ela, nem sequer em pensamento. E se, por vezes, pensava que seria maravilhoso se Maude se apaixonasse por outra pessoa, bania esse pensamento horrorizado enquanto este ainda se formava.

Nenhum dos pares de gémeas era idêntico, o que levava a discussões acesas sobre o que era considerado «idêntico» no que dizia respeito a gémeos. Edda e

Grace tinham a altura e a constituição esguia da mãe, bem como a graciosidade do pai. Ambas eram lindas de se ver, os traços dos seus rostos, mãos e pés idênticos. Tinham o cabelo escuro, muito negro, sobrancelhas arqueadas, pestanas longas e espessas, e olhos cinzentos muito claros. No entanto, existiam diferenças. Os olhos de Grace eram arregalados e continham uma tristeza natural que ela própria cultivava. Já os olhos de Edda eram mais profundos, sombreados por pálpebras sonolentas, e possuíam uma certa invulgaridade. O decorrer do tempo revelou que Edda era extremamente inteligente, decidida e um pouco inflexível, enquanto Grace não era grande apreciadora de livros nem sedenta de conhecimento, irritava toda a gente com a sua tendência para se queixar e, pior ainda, para se lamuriar. Quando começaram a treinar para se tornarem enfermeiras, a maior parte das pessoas não conseguia ver o quanto Grace e Edda eram parecidas. O seu temperamento estampara expressões bastantes díspares nos seus rostos e os seus olhos reparavam em coisas diferentes.

Maude nunca gostou muito delas, mas escondia a sua antipatia com uma astúcia subtil. Aparentemente, as quatro raparigas estavam sempre limpas e arranjadas, todas vestidas com roupa de valor semelhante e eram educadas de forma justa. Se, porventura, escolhia roupa com cores que favoreciam mais as suas filhas do que as de Adelaide, bem… Isto não podia manter-se, e não se manteve depois dos primeiros anos de adolescência das raparigas, altura em que imploraram ao pai para lhes dar a liberdade de escolher as cores e o estilo de roupa. Felizmente para Edda e Grace, quando a revolução de moda juvenil terminou, a surdez seletiva de Maude permitiu-lhe ignorar a opinião generalizada de que Edda e Grace tinham bastante mais bom gosto em roupa do que Maude.

Tufts e Kitty (Tufts nascera primeiro) eram, ao mesmo tempo, tão semelhantes e diferentes entre si como o par de gémeas mais velho. Saíam à mãe, uma versão de bolso de Vénus: estatura baixa, seios arredondados e bem proporcionados, cintura fina, lábios cheios e pernas espetaculares. Donas de uma beleza perfeita, sempre foram arrebatadoras desde que nasceram, e toda a gente ficava encantada ao ver que, no caso de Tufts e Kitty Latimer, Deus usara o

mesmo molde duas vezes. Covinha no rosto, caracóis, sorrisos encantadores e enormes olhos redondos conferiam-lhes o encanto fascinante e enternecedor de um gatinho, tudo rematado por uma testa arredondada, o queixo pontiagudo e uma ligeira curva nos lábios, tal como a Mona Lisa. Tinham o mesmo nariz curto, fino e direito, os mesmos lábios cheios, as mesmas maçãs do rosto proeminentes e as sobrancelhas delicadamente arqueadas.

O que Tufts e Kitty tinham de diferente era a cor da pele: Kitty era o sol e Tufts a lua pálida. Tufts tinha uma tonalidade de mel, desde o cabelo louro como âmbar até ao brilho de pêssego da sua pele, e olhos dourados, serenos e distantes. Era colorida com vários tons da mesma cor básica, como um artista com uma paleta limitada. Oh, mas Kitty! Onde Tufts se misturava, Kitty contrastava. O mais notável era a sua pele um intenso castanho pálido, que alguns apelidavam de «café com leite» e que outros, menos caridosos, murmuravam dever-se à mistura de sangue negro que a família de Maude tinha algures. O seu cabelo, sobrancelhas e pestanas eram claros como cristal, um louro extremamente claro, de um tom muito pouco quente, o que em contraste com a pele escura era espetacular. Apenas o tempo dissipou os rumores de que Maude descolorava o cabelo de Kitty com água oxigenada. Para culminar a singularidade de Kitty, os seus olhos eram de um azul profundo com raios cor de lavanda, que apareciam e desapareciam consoante o seu estado de espírito. Quando pensava que ninguém a observava, Kitty contemplava o seu mundo sem a tranquilidade das irmãs. A luz que iluminava os seus olhos ficava perdida, até mesmo um pouco aterrorizada, e, quando a situação escapava à sua capacidade de raciocínio ou de controlo, afastava-se e retirava-se para um mundo só dela, sobre o qual não falava com ninguém e de que apenas as suas três irmãs tinham conhecimento.

As pessoas chegavam a parar e a olhar descaradamente para Kitty quando a viam pela primeira vez. Como se isso já não fosse mau, a mãe gabava constantemente a sua beleza a todos os que encontrava pelo caminho, incluindo aqueles com quem se cruzava diariamente: uma enchente de gritos estridentes e afetados de admiração, não se importando com o facto de o alvo da sua atenção,

Kitty, estar a apenas alguns passos de distância, bem como as outras três raparigas.

— Já alguma vez viram uma menina tão bonita?

— Quando crescer, vai casar com um homem rico!

Foi precisamente este tipo de comentários que levou a um ralador de queijo, a uma corda e à decisão que Edda tomou de inscrever as quatro num curso de enfermagem no Hospital de Corunda, no início de abril de 1926, pois as irmãs concordaram que, se não tirassem Kitty da alçada de Maude, poderia chegar o dia em que Edda não estaria por perto para frustrar mais uma tentativa de suicídio.

Visto que o único mundo que as crianças conhecem é aquele em que habitam, nunca ocorreu a nenhuma das quatro Latimer questionar o comportamento de Maude Latimer ou parar e pensar se todas as mães eram iguais, limitando-se a assumir que, se alguém era tão arrebatador (palavra utilizada por Maude) como Kitty, estaria sempre sujeito às mesmas implacáveis torrentes de atenção. Não lhes passou pela cabeça que também Maude era única, à sua maneira, nem lhes ocorreu que talvez uma criança com uma natureza diferente da de Kitty tivesse apreciado a atenção. Na presente situação, as raparigas Latimer entendiam que a tarefa principal das três era proteger a vulnerável quarta filha do que Edda chamava «idiotices parentais». À medida que cresciam e amadureciam, o instinto e o desejo de proteger Kitty nunca esmoreceu, nunca diminuiu, nunca deixou de parecer menos importante.

As quatro raparigas eram inteligentes, embora Edda arrecadasse todos os louros académicos, pois a sua cabeça compreendia conceitos matemáticos tão facilmente como acontecimentos históricos ou língua inglesa. A inteligência de Tufts era muito semelhante, embora lhe faltasse a paixão destemida de Edda. Tufts tinha uma maneira de ser muito prática, terra a terra, que estranhamente diminuía a sua inegável beleza. Ao longo da adolescência, Tufts demonstrou pouco interesse em rapazes, que considerava estúpidos e infantis. Qualquer que

fosse a essência que os rapazes emanavam para baixo dos narizes das raparigas e as atraía, esta não tinha efeito sobre Tufts.

Existia um equivalente masculino do Colégio Feminino de Corunda: o Colégio Masculino de Corunda, e as quatro raparigas Latimer confraternizavam com os rapazes nos bailes, festas, eventos desportivos e outros. Eram admiradas, até desejadas, beijadas quando queriam, mas certas partes do corpo, como os seios e as coxas, eram proibidas.

As regras não eram difíceis de cumprir para Tufts, Kitty e Edda, embora fosse um pouco mais complicado para Grace, a mais aventureira e a menos dada à leitura. Constantemente mergulhada em bisbilhotices e revistas femininas sobre estrelas de cinema, atores de teatro, modelos e o mundo da realeza, como aquele representado pela família de Windsor que governava o Império Britânico, Grace não deixava de ser falada dentro da comunidade. O seu cérebro era egocêntrico, mas perspicaz, era perita em safar-se de sarilhos ou trabalho que não gostasse de fazer, mas Grace tinha uma paixão imprópria: adorava as locomotivas a vapor dos caminhos de ferro. Quando desaparecia, toda a gente no presbitério sabia onde a encontrar: na gare a observar as locomotivas a vapor. Contudo, apesar das suas muitas características indesejáveis, Grace era uma pessoa naturalmente bondosa, muito afetuosa e dedicada às irmãs, que, por sua vez, aturavam a sua tendência para se queixar constantemente.

Kitty era a que tinha a imaginação romântica, mas a sua beleza espiritual não era igual à sua beleza física, sendo dotada de uma língua que podia ser mordaz ou atrevida, ou ambas. Era a sua defesa contra toda aquela rapsódia de elogios, pois apanhava as pessoas desprevenidas e fazia-as pensar que haveria algo mais por detrás daquele rosto bonito. As crises depressivas (embora fossem apelidadas por todos de «tristezas de Kitty»), que a tomavam de assalto quando Maude penetrava as suas defesas, eram momentos muito maus, aliviados apenas pelas irmãs, que compreendiam as suas razões e a apoiavam até a crise estar superada. Nos exames escolares, Kitty saía-se bem, até a matemática lhe mostrar as suas terríveis cabeças de hidra. Era ela que arrecadava os prémios pelos ensaios de literatura e que se expressava excecionalmente bem no papel.

Maude detestava Edda, sempre a líder na oposição aos seus planos para as raparigas, sobretudo para Kitty. Não que Edda se importasse. Quando chegou aos dez anos, já era mais alta que a madrasta e, quando chegasse à idade adulta, faria sombra a Maude de uma forma bastante desconfortável e ameaçadora para uma senhora tão complacente. Os pálidos olhos azuis olhavam fixamente como os de um lobo branco e, nas raras ocasiões em que Maude tinha um pesadelo, era Edda quem lhe atormentava os sonhos. Foi com enorme prazer que Maude dissuadiu o pastor de fazer o enorme sacrifício monetário de pagar o curso de medicina a Edda, considerando-o o seu maior triunfo. Sempre que pensava em negar a Edda qualquer das suas ambições de vida, ficava imensamente satisfeita. Se Edda soubesse quem teve a última palavra e decidiu sobre a sua carreira médica, a situação teria sido muito pior para Maude, mas Edda nada sabia. Apanhado entre a pressão esmagadora da sua inflexível esposa e a sua própria convicção de que, ao negar o curso a Edda, a estava a poupar a uma vida complicada, Thomas Latimer nunca contou a ninguém. Edda simplesmente achou que era uma questão de dinheiro.

Edda e Grace, Tufts e Kitty, as quatro fizeram as malas, uma única por pessoa, era tudo o que lhes era permitido levar para este novo mundo no hospital, e, no início de abril de 1926, apresentaram-se ao serviço no Hospital de Corunda.

— Já era de esperar! — disse Tufts, com um ar desolado. — É Dia das Mentiras.

O condado e a cidade de Corunda constituíam uma área rural mais rica e mais generosa do que a maior parte na Austrália, situada como estava nos planaltos do Sul, a três horas de distância de comboio de Sydney. Produzia cordeiros, batatas, cerejas e rubis vermelho-sangue, embora os rubis de Treadby, encontrados no chão das grutas e locais semelhantes, já não existissem, deixando os depósitos de Burdum sem rival no mundo.

A esta altitude, o verão recolhia os seus frutos e partia para outras regiões no final de março. Abril era o início de um outono com um sabor bastante britânico, completado com árvores de folha caduca e arbustos importados, bem como uma paixão por jardinagem para todos os gostos, desde Anne Hathaway a Capability Brown. Assim, o Dia das Mentiras assistiu aos primeiros chuviscos no ar, as folhas das perenes nativas tinham um aspeto cansado e empoeirado, sedentas de chuva. O pastor despediu-se das filhas na entrada principal do Hospital de Corunda e deixou-as carregar as malas para dentro, sem as ajudar, com os olhos cinzentos repletos de lágrimas. O presbitério ia ficar tão *vazio*!

Embora as irmãs Latimer não soubessem, a enfermeira-chefe Gertrude Newdigate só desempenhava as suas funções há uma semana quando elas chegaram, e não parecia contente. Quando aceitara o emprego no Hospital de Corunda, ninguém mencionara alunas deste novo tipo de enfermagem, a razão mais forte pela qual decidira a favor de ir trabalhar para aquele hospital. E agora…! Esta mudança radical na enfermagem já levantara problemas em Sydney, e a enfermeira-chefe Newdigate não queria estar envolvida. E agora…!

Uma figura glacial, coberta de branco da cabeça aos pés, estava sentada por detrás da sua secretária a olhar para as quatro jovens que se encontravam de pé à sua frente. Vestidas com roupa cara e elegante, todas com batom ao estilo de Clara Bow, pó de arroz e rímel, o cabelo cortado à altura do queixo, *collants* de seda pura, sapatos envernizados, bolsas e luvas, uma entoação inglesa nas suas vozes que dava a entender que tinham frequentado uma escola privada…

— Não tenho acomodação apropriada para vocês — disse a enfermeira-chefe, friamente, a goma do seu uniforme tão rija que estalava cada vez que ela respirava fundo —, por isso, vão ter de ficar acomodadas na pequena casa de campo abandonada das irmãs, que o diretor do hospital, o doutor Campbell, foi obrigado a remodelar a um custo considerável. Ficarão à guarda da irmã Marjorie Bainbridge, que vai viver na mesma casa mas com um certo grau de privacidade.

A sua cabeça, envolta num véu branco e rígido de organdi, que sobressaía como um toucado egípcio, moveu-se o suficiente para fazer brilhar um crachá de prata e esmalte preso à gola do seu uniforme: a insígnia que indicava que a senhora Gertrude Newdigate era uma enfermeira registada no estado da Nova Gales do Sul. Se as raparigas tivessem conseguido identificar os outros crachás, teriam percebido que a enfermeira-chefe era também uma parteira registada e uma enfermeira de crianças registada, que completara o curso de enfermagem no segundo hospital mais antigo do mundo, o St. Bartholomew, em Londres. O Hospital de Corunda tinha uma enfermeira muito prestigiada ao serviço.

— As enfermeiras oficialmente registadas — disse a enfermeira-chefe — são chamadas irmãs. O título não tem nada que ver com freiras, embora há muitos séculos as freiras desempenhassem o papel de enfermeiras. No entanto, com a dissolução das ordens monástica e conventual sob Henrique VIII, a enfermagem foi relegada a um tipo muito diferente de mulher: a prostituta. Florence Nightingale e as suas sucessoras tiveram de superar obstáculos incríveis para que a profissão que conhecemos hoje ganhasse a importância devida, e nunca devemos esquecer que somos suas herdeiras. Ao longo de três séculos ou mais, a enfermagem esteve desacreditada, foi considerada um meio de criminosos e de

prostitutas, e ainda existem *homens* com poder e autoridade que veem a profissão dessa maneira. É bastante mais barato contratar uma prostituta que uma senhora.

Os pálidos olhos azuis da enfermeira-chefe disparavam raios gelados de terror.

— Enquanto enfermeira-chefe deste hospital, sou a vossa superior máxima, e aviso-as de que não tolerarei qualquer tipo de mau comportamento. Estamos entendidas?

— Sim, enfermeira-chefe — sussurraram as quatro em coro, até Edda.

— Grau de parentesco e nomes — continuou a voz, cada vez mais áspera. — Decidi que deverão guardar os vossos laços de parentesco para vocês mesmas. As vossas colegas de curso não têm o vosso dinheiro, nem os vossos privilégios, nem a vossa educação. Uma das coisas que eu mais abomino em vocês é a vossa aparência de classe alta e a vossa pronúncia. O vosso, hum, ar de superioridade. Sugiro que tentem manter isso o mais controlado possível. Nomes… Como o hospital não pode permitir confusões, todas vocês vão exercer com apelidos diferentes. Senhora Edda, a senhora será conhecida como enfermeira Latimer. Senhora Grace Latimer, vai ser tratada por enfermeira Faulding, o apelido de solteira da sua mãe. Senhora Heather Latimer, será a enfermeira Scobie, o apelido da sua mãe do primeiro casamento. Senhora Katherine Latimer, será conhecida como enfermeira Treadby, o apelido de solteira da sua mãe.

A goma do uniforme rangeu quando a enfermeira-chefe respirou fundo.

— O ensino formal das ciências e teorias de enfermagem não vão começar até julho, o que significa que terão três meses para se habituarem às rotinas e ao serviço de enfermagem antes de abrirem um manual. A irmã Bainbridge é a vossa chefe direta, responsável pela vossa formação diária.

Ouviu-se um ligeiro bater na porta e entrou uma mulher com um ar muito animado, com trinta e muitos anos, cujo rosto estava desprovido de batom ou pó de arroz. Olhou para a enfermeira-chefe como um cão meio esfomeado e adulador.

— Ah, mesmo na altura certa! — disse a enfermeira-chefe. — Irmã

Bainbridge, apresento-lhe as suas alunas: enfermeira Latimer, enfermeira Faulding, enfermeira Scobie e enfermeira Treadby. Tenham a bondade de acompanhar a irmã, meninas.

Sem qualquer oportunidade de recuperarem o fôlego, as quatro raparigas seguiram a irmã Bainbridge para fora da sala.

A irmã Marjorie Bainbridge usava o mesmo véu de organdi branco que a enfermeira-chefe, rigidamente engomado e que mais parecia um toucado egípcio, mas o resto da indumentária não tinha qualquer semelhança. O seu uniforme consistia num vestido de mangas compridas, com gola subida, e colarinho e punhos de celuloide amovíveis. A sua ampla cintura estava rodeada por um cinto de borracha verde-escuro, do qual brotavam tiras brancas que terminavam dentro dos bolsos. A estas, como viriam a saber mais tarde, estavam presas as tesouras usadas para cortar ligaduras, a mordaça de Jennings para o caso de ataques epiléticos e um minúsculo estojo de ferramentas. O seu uniforme engomado tinha riscas finas verdes e brancas, as meias bege eram grossas, feitas de fio da Escócia, e os sapatos pretos de atacadores tinham um salto de cinco centímetros. Um uniforme que não favorecia a sua figura quadrada e que não fazia o seu enorme traseiro parecer menor quando caminhava como um soldado numa parada, cima-esquerda, baixo-direita, cima-direita, baixo-esquerda, sem o mínimo indício de feminilidade. Com o passar do tempo, as raparigas habituaram-se de tal forma ao aspeto do traseiro de uma enfermeira disciplinada que acabaram por adotar o mesmo visual, mas, naquela manhã movimentada e fria de abril, ainda era uma novidade.

Uma caminhada de quinhentos metros levou-as a uma casa de madeira, triste e decrépita, com um alpendre na parte da frente. Quando a enfermeira-chefe usara a palavra «casa de campo», as raparigas esperaram algo pequeno e elegante, mas esta casa mais parecia um celeiro de um andar esmagado por um martelo-pilão. E se o diretor Campbell incorrera em «gastos consideráveis» para a remodelar, então nem o olho clínico de Edda conseguia ver onde. Para

completar a inadequação do edifício, este fora dividido em pequenas secções, o que conferia ao seu interior o aspeto de um bloco de apartamentos, e as quatro alunas de enfermagem de nova geração não tinham quase espaço nem conforto.

— Latimer e Faulding, vocês vão partilhar este quarto. Scobie e Treadby, este. Terão acesso à casa de banho e à cozinha. Os meus aposentos ficam por trás daquela porta trancada, que separa os quartos do resto do vestíbulo. Sempre que eu estiver nos meus aposentos, não devo ser incomodada. Vou deixar-vos a desfazer as malas.

A irmã Bainbridge saiu pela porta trancada que dava para o vestíbulo.

— Bem, não alimentem os esfomeados! — disse Kitty, baixinho.

— Isto é bastante austero — disse Tufts com um suspiro.

Estavam de pé na cozinha, uma pequena divisão com um fogão a gás, mas mais nenhum tipo de conforto.

Grace preparava-se para começar a chorar, com os olhos húmidos fixos na pequena mesa de madeira e nas quatro cadeiras dispostas à sua volta.

— Não acredito — choramingou Grace. — Não temos uma sala comum, para além destas quatro cadeiras duras numa cozinha!

— Se chorares, Grace, vou dar-te de comer aos cães — disse Tufts, passando a ponta de um dedo enluvado pelo rebordo do fogão.

Tufts sorriu com ar trocista e disse:

— Podia até perdoar que não tivessem dado uma segunda demão nas paredes, mas ninguém *limpou* os nossos quartos como dever ser.

— Então, é essa a tua primeira tarefa — disse Edda, parecendo extremamente feliz. — Pensem nisto, meninas! Eles não nos querem cá.

Três pares de olhos voaram na direção de Kitty, a mais frágil do grupo. Como iria ela lidar com esta novidade que tinha de saber? E, quanto mais cedo, melhor.

— Que se lixem todos eles, então! — disse Kitty num tom de voz forte. — Que eu seja amaldiçoada se uma Latimer se vai deixar abater por uma cambada de cadelas complacentes.

— Cabras, queres tu dizer — disse Edda.

Kitty riu-se.

— O que elas não sabem é que estão na liga dos amadores no que diz respeito a cabras. Nós aguentámos uma vida inteira com a mamã, que poderia dar aulas de malícia à enfermeira-chefe.

As lágrimas secaram. Grace olhou fixamente para Kitty, admirada.

— Não estás em baixo? — perguntou ela.

— Até agora, não — disse Kitty com um sorriso. — Estou demasiado deslumbrada com a ideia de que finalmente estou a viver a minha própria vida.

— O que achas da enfermeira-chefe, Edda? — perguntou Tufts.

Grace respondeu:

— Um navio de guerra a todo a velocidade; está tão habituada a disparar salvas à distância que nem chega a ver os navios inimigos aparecerem no horizonte.

— Preferia dizer que somos apenas mais trabalho para ela — disse Tufts. — Segundo a senhora Enid Treadby, a enfermeira-chefe aceitou este trabalho para acabar em beleza a sua carreira num lugar tranquilo.

— E porque não partilhaste mais cedo essa pérola connosco? — perguntou Edda. — É informação vital, Tufts!

— Nunca me lembro de repetir rumores que ouço. É mais forte do que eu, Eds, a sério! *Sabes* disso.

— Sim, eu sei, e desculpa por me ter irritado contigo. Grace, para de berrar com um bezerro sem mãe.

— A enfermeira-chefe é uma mulher detestável, e a irmã Bainbridge também — disse Grace, entre o choro, com lágrimas a correrem pela sua face. — Oh, porque é que o papá não nos mandou estudar para um hospital em Sydney?

— Porque, em Corunda, o papá é um homem importante, assim pode manter-nos debaixo de olho — disse Tufts. — Traseiros doridos por causa das cadeiras duras, meninas, e nada de sala comum. Pergunto-me se existe uma caldeira de água quente escondida algures? Afinal, isto é um hospital.

— Não há água quente nesta cozinha — disse Edda, fazendo uma careta.

Kitty saiu do quarto que ia partilhar com Tufts, segurando um objeto com riscas verdes e brancas de tal maneira engomado que mais parecia uma folha de

cartão. Cerrou o punho direito e começou a esmurrar as suas duas camadas para as separar. Escapou-lhe uma gargalhada.

— Isto é pior do que tirar a pele a um cordeiro no matadouro — disse ela.

Kitty pousou o vestido e pegou numa folha branca de cartão.

— Acho que quando eu acabar de esmurrar isto, será um avental — disse Kitty, desferindo o primeiro murro. — Olhem! Deve atar-se à volta e por cima do uniforme, apenas as mangas ficam de fora. Já percebo por que razão as nossas meias são pretas de tricô.

A meio de retocar o batom e o pó de arroz, Grace olhou para cima.

— O que queres dizer com isso? — perguntou ela.

— Oh, Grace, não sejas tão burra! Porque achas que a enfermeira-chefe nos deu aquele sermão sobre as freiras, a castidade e as prostitutas? O que ela estava mesmo a dizer é que nos próximos três anos não vamos ter relações sexuais, mesmo sendo ainda mulheres. Não podes namoriscar com nenhum dos médicos, Grace, faças o que fizeres. Seria muito mais provável que a enfermeira-chefe te perdoasse por matares um paciente do que se te comportasses como uma prostituta. É por isso que vamos usar uniformes feios e meias grossas de tricô pretas. Também aposto que não é permitido usar batom ou pó de arroz.

— Chora outra vez, Grace, e eu mato-te! — ameaçou Edda.

— Quero ir para casa!

— Não queres, não!

— Detesto limpar porcaria — disse Grace, ficando de repente mais animada. — Ainda assim, quando eu tiver vinte e um anos, já serei enfermeira registada e poderei fazer tudo o que me apetecer sem pedir permissão. Até casar com quem eu quiser e votar nas eleições.

— Desconfio que a coisa mais difícil que vamos ter de fazer é aprender a dar-nos bem com as outras enfermeiras — disse Edda, pensativa. — Quer dizer, quem são elas? Nenhuma de nós alguma vez esteve internada num hospital, nem os nossos pais se dão com gente do hospital. Achei abominável a instrução da enfermeira-chefe para controlarmos a nossa aparência e pronúncia. Deduzi que o que ela queria dizer é que nós somos mais distintas que as outras enfermeiras, a

nível social e de educação. Nunca fomos snobes, o pai ficaria chocado com tal acusação, sobretudo tendo a mamã como exemplo. — Edda suspirou e continuou: — Mas, infelizmente, as pessoas tendem a julgar o livro pela capa.

Tufts exibiu o seu conhecimento de factos locais mais uma vez.

— As enfermeiras são todas do West End e estúpidas como portas — disse ela.

— Bem, vamos começar por retirar frases como «estúpidas como portas» do nosso discurso — avisou Edda.

Oh, Tufts conseguia ser tão irritante! O problema é que ela não era muito de falar, por isso nenhuma das outras esperava que o seu silêncio ocultasse informação.

— Sempre achei que usar um guardanapo às refeições aumentava imenso a quantidade de roupa para lavar — disse Kitty com alegria. — Quer dizer, podemos limpar a boca com a mão e, se tivermos o nariz a pingar, temos a manga para o limpar.

— É verdade — disse Edda num tom grave. — É melhor começarmos a treinar limpar bocas e narizes, bem como feridas, pois duvido imenso que haja guardanapos ou lenços… muito menos de renda.

Edda fez um ar enojado e disse:

— Que coisa estúpida, lenços de renda.

Kitty aclarou a garganta ruidosamente.

— Eu sei que me costumo ir abaixo, meninas, mas não sou cobarde. Nem toda a perfídia do West End me vai derrotar. A enfermagem não me atrai como a ti, Edda, porque para ti é a coisa mais próxima de medicina. Mas acho que vou conseguir *aprender* a gostar.

— Linda menina, Kitty! — exclamou Edda, aplaudindo o pequeno discurso.

Kitty descarregava agora, perante os seus olhos, o fardo da infância. Ela vai ficar *muito* melhor, pensou Edda, sinto-o no fundo do meu ser. Tão aberta relativamente a Maude, tão consciente dos perigos que espreitavam em redor de Maude. Depois de Maude, as raparigas do West End não eram nada.

— Já ultrapassei o desgosto de não poder seguir medicina — disse Edda a

Kitty, com receio de que a sua desventura estivesse a ser exagerada na cabeça de Kitty. — A enfermagem é uma profissão mais sensível e a nossa formação como enfermeiras de nova geração significa que não nos vamos tornar ignorantes que sabem colocar uma ligadura, mas que não sabem porquê. Pensa em mim como um velho cavalo de batalha, a mais pequena lufada de éter põe-me a relinchar e a escoicear o chão. Num hospital, sinto-me *viva*!

— Por falar em relinchar e escoicear, Jack Thurlow sabe que vais estudar enfermagem? — perguntou Tufts maliciosamente.

A pergunta surtiu efeito. Edda sorriu e respondeu:

— É claro que sabe. E o coração dele não está mais partido que o meu. O mais difícil vai ser manter *Fatima* treinada à altura das expectativas de Jack. Atrevo-me a dizer que, no futuro, vou andar a cavalo sozinha muito mais vezes.

— Se ainda tivesses a *Thumbelina*, seria mais fácil — disse Grace. — O papá não teria de estar sujeito a Jack Thurlow, que nem sequer frequenta a igreja.

Kitty interveio no momento em que começou a antever uma tempestade a formar-se no rosto de Edda.

— Cala-te, Grace, isso nem é discutível! A minha eterna pergunta, Eds, é porque gostas de andar a cavalo?

— Quando estou montada num cavalo, estou a pelo menos um bom metro e meio de distância do chão — respondeu Edda num tom sério. — Para mim, essa é a parte mais emocionante de andar a cavalo. Ser mais alta que um homem.

— Quem me dera ser alta! — exclamou Kitty com um suspiro.

A porta do vestíbulo rangeu e abriu-se. A irmã Bainbridge surgiu e lançou um olhar furioso às suas alunas.

— O que significa isto, enfermeiras? Ainda nem sequer começaram a desfazer as malas!

O Hospital de Corunda era o maior hospital regional na Nova Gales do Sul, com cento e sessenta camas na sua secção de cuidados gerais, oito camas na ala psiquiátrica e trinta camas no lar de convalescença/idosos no caminho de Doobar, onde o ar e a altitude eram considerados bastante mais benéficos. Ao contrário da magnificência de arenito da maioria dos hospitais, a sua aparência não encantava ninguém, pois mais se assemelhava a um quartel do exército. Construído em madeira sobre paredões e alicerces de calcário, era composto por uma série de estruturas retangulares compridas, a que só não chamavam barracões devido à existência de uma ampla varanda coberta de ambos os lados. As alas Um e Dois dos homens tinham o dobro do tamanho das outras, tal como as alas Um e Dois das mulheres. A consulta externa de crianças, o raio X e patologia, a sala de operações, as cozinhas e os armazéns tinham o tamanho regular, enquanto a administração, de frente para Victoria Street, se situava num edifício feito integralmente de blocos de calcário. A propriedade tinha vários hectares e estava salpicada de edifícios, desde a vivenda da enfermeira-chefe, que mais parecia saída de um livro de histórias, até casas edificadas durante a Grande Guerra, altura em que também fora um hospital militar. Um aspeto geral tornava aquele sítio viável: todos os metros quadrados de cada hectare eram planos, o que dera origens às plataformas e cabos que ligavam os edifícios como a ponte de Brooklyn ou uma teia de aranha — caminhos cobertos a que todos chamavam rampas. A maior parte das rampas estava protegida dos elementos por um cobertura e por painéis laterais de um metro e meio, embora os últimos

duzentos metros de acesso à casa das Latimer se limitassem a uma rampa coberta. Na ala dos homens, o final da rampa fora totalmente fechado para se tornar uma sala de espera. O mesmo fora feito na ala das mulheres. Aqueles que visitavam as crianças podiam esperar no lado dos homens ou no das mulheres. A ala de partos era afortunada: situava-se dentro do edifício da administração, tal como as urgências e uma pequena sala de operações.

O choque perante a dura realidade continuava a fazer-se sentir de forma intensa nas raparigas Latimer, porém, se a apreciação de carácter feita pela enfermeira-chefe estivesse correta, nenhuma delas teria aguentado mais do que aquele primeiro dia no Hospital de Corunda. Tinham sido cuidadosamente educadas como senhoras e nunca dadas a bens materiais, mas Gertrude Newdigate já há muito esquecera a sua própria juventude e não tivera em conta a força e o carácter humanos.

O primeiro e o maior choque não foi a nível pessoal: tratou-se da perceção de que o hospital era o lugar onde o paciente era admitido para morrer. Mais de um terço dos pacientes saíam do hospital pela morgue, enquanto outros dois terços regressavam a casa para morrer. Tal estatística foi-lhes dada por um carrancudo porteiro do hospital chamado Harry, que acabou por se tornar uma autoridade docente para as quatro novas enfermeiras semanas antes de conhecerem o seu orientador, o doutor Liam Finucan.

— Está estampado nos olhos dos pacientes — exclamou Tufts, horrorizada. — Sinto-me mais um padre a dar a extrema-unção do que uma pessoa que cura. Como é possível que as outras enfermeiras sejam tão alegres?

— Estão habituadas e já se resignaram — disse Grace, com lágrimas nos olhos.

— Que disparate! — interrompeu Kitty. — São profissionais experientes, sabem que a melhor maneira de lidar com a morte é convencendo os pacientes de que não estão a morrer. Eu observo-as, não me importa o quanto sejam desagradáveis para mim. A forma como nos tratam não é importante. *Observem-*

nas!

— Kitty tem razão — disse Edda, que guardava a sua indignação para coisas como usarem bocados de jornal como papel higiénico ou toalhas demasiados gastas para secar a pele molhada (mas, afinal, os hospitais não eram financiados?). — Grace, já gastaste a tua quota-parte de lágrimas de hoje, não te *atrevas* a chorar!

— Aquela enfermeira Wilson despejou-me uma taça cheia de vómito em cima!

— Levaste com o vómito em cima porque a enfermeira Wilson reparou como ficaste enojada quando o viste. Controla a tua repugnância, e não volta a acontecer.

— Quero ir para casa!

— Não me parece que isso vá acontecer, sua bebé — disse Edda, dissimulando a sua compaixão. — Agora, vai trocar de avental antes que o vómito passe para o teu vestido. Uff! Tresandas!

Ainda assim, a primeira semana acabou por passar e, no final desta, já as raparigas conseguiam vestir de forma irrepreensível as suas «folhas de cartão» engomadas, até mesmo dobrar as partes plissadas mais complexas da sua touca, que mais parecia um par de asas. As outras enfermeiras tinham uniformes e aventais mais razoáveis, incluindo mangas curtas, enquanto as Latimer, as alunas de nova geração, vestiam mais camadas que uma encomenda bem embalada.

A comida, como acabaram por descobrir, era horrível para os pacientes, bem como para os funcionários, mas estes trabalhavam tão arduamente que comiam qualquer coisa, desde couve espapaçada a molho cheio de grumos a nadar em gordura. A cozinha nos seus aposentos, informou-as a irmã Bainbridge, era apenas para fazer chá, café ou chocolate quente.

— Nada mais, nem sequer torradas — acrescentara ela.

O pastor protegera as suas raparigas dos aspetos mais terríveis e sórdidos da sua vocação religiosa, e excluíra as palavras incesto, sífilis e perversão do seu vocabulário. Devido ao clima e à falta de refrigeração, os mortos eram enterrados num caixão fechado num período de vinte e quatro horas. Desta

forma, na segunda manhã da estadia das raparigas, quando a irmã Bainbridge lhes mostrou como dispor um cadáver, foi a primeira vez que alguma delas viu ou tocou num cadáver.

— Um sifilítico que violou a própria irmã — dissera Bainbridge a brincar.

A reação das raparigas a esta explicação foi um olhar vazio.

— Mantenham a vossa dignidade! — disse Edda, rindo da sua ignorância. — Lembrem-se de que somos Latimer. O que nos perturba hoje, amanhã já terá passado, não deixem que elas vos mandem abaixo! Nada de lágrimas nem depressões.

Sentiam-se sempre cansadas, de uma forma completamente nova para elas, o que era muito difícil de suportar. Os pés doíam, as costas doíam, as articulações doíam. Tudo o que lhes fora ensinado pela delicada Maude tinha de ser posto de parte, não havia lugar nem tempo para delicadezas no Hospital de Corunda, cujo diretor era um avarento que não estava disposto a atender às necessidades de ninguém a fim de poupar dinheiro, ao qual estava unido como uma sanguessuga a um pedaço de carne suculento.

Abril, maio e junho desapareceram num denso nevoeiro de exaustão, o que era bastante benéfico para o hospital. Nem mesmo Grace tinha energia para pensar em desistir. Só pensar em criar tal confusão assemelhava-se à ideia de subir o Evereste, completamente inatingível. Limitavam-se a aguentar.

Edda mantinha-as unidas, convencida de que a situação ia mudar, como acontecia com tudo devido à simples familiaridade. Talvez porque a única coisa que as mantinha resignadas e em silêncio era precisamente a única coisa que perderiam se voltassem para o presbitério: quartos aquecidos. Com o inverno à porta, era *maravilhoso* viver num ambiente quente, independentemente das imensas afrontas e insultos que a sua vida de enfermagem pudesse significar. Edda tinha a certeza de que, assim que provassem as suas capacidades às mulheres cruéis que as governavam, as recompensas chegariam: tais como cadeiras com assentos macios, a possibilidade de fazer tostas, um pouco de

bondade. No final dos primeiros três meses, a formação começaria e as quatro raparigas seriam chamadas a pôr os seus cérebros, as suas mãos e as suas vozes a trabalhar. Os meses de abril, maio e junho não as diferenciaram das alunas do West End.

O tutor das raparigas era o doutor Liam Finucan, o patologista (e também o médico-legista do condado e cidade de Corunda). Aceitara ser docente por duas razões: a primeira, porque considerava que a inteligência das enfermeiras era uma capacidade desperdiçada; e a segunda, porque reparara na qualidade das quatro novas alunas, enquanto eram mandadas de um lado para o outro do hospital numa espécie de programa de orientação apressado.

Liam Finucan, um protestante do Ulster, formara-se em medicina no St. Bartholomew, em Londres, na mesma altura em que a enfermeira-chefe Gertrude Newdigate lá se encontrava, por isso já se conheciam há muito tempo. O seu amor pela patologia levou-o a conhecer o prestigiado Sir Bernard Spilsbury, e as suas qualificações eram tão elevadas que poderia ter dirigido o departamento de patologia de qualquer hospital em Sydney ou Melbourne. O facto de ele ter escolhido um posto inferior a esse no Hospital de Corunda devera-se à sua esposa, Eris, uma rapariga de Corunda, que ele conheceu e com quem se casou em Londres. Em 1926, quando as irmãs Latimer iniciaram a sua formação, já ele se encontrava em Corunda há quinze anos.

Como era típico da maior parte dos patologistas, era uma pessoa reservada e tímida, não tinha o comportamento adequado de um médico à cabeceira dos pacientes e considerava os mortos muito mais interessantes do que os vivos. No entanto, a meio de julho, duas semanas depois de ter começado a dar formação às novas alunas, Liam Finucan revelou uma faceta da sua personalidade até então desconhecida de todos aqueles que o conheciam e até mesmo de si próprio. De dentro dos estábulos mentais surgiu um cavalo de guerra e de dentro de um armário repleto de teias de aranha saiu uma armadura. Montado num e envergando a outra, Liam inclinou a sua lança e galopou para a batalha. O seu

adversário não era aquele sovina miserável do doutor Frank Campbell, era a enfermeira-chefe Newdigate.

— Não deste qualquer tipo de ajuda ou apoio a estas quatro raparigas, Gertie, e isso tem de parar — disse Liam, a sua voz suave e melodiosa a soar como aço com sotaque estrangeiro. — Devias ter vergonha! Quando qualquer enfermeira convencional começa a trabalhar no hospital, é acolhida na família do West End e é mimada com conselhos e todo o tipo de gentilezas, enquanto estas quatro jovens não têm ninguém com quem contar. Não quero saber se desempenhavas o cargo há pouco tempo quando elas começaram, tinhas um dever para com elas que ignoraste de forma vergonhosa, só porque a sua mera presença irritava as enfermeiras do West End. Julgas que já esqueci como me torturaste durante a tua primeira semana, quando descobriste que íamos dar formação a estas novas alunas? Aqui estamos, a meio de julho, e agiste como se elas nem sequer existissem. Acomodaste-as numa casa decrépita, entregaste-as à supervisão daquela submissa gorda e preguiçosa, Marje Bainbridge, e recompensaste-a com *metade* da mesma casa!

Os olhos do doutor Finucan ficaram do mesmo tom cinzento-escuro do mar tempestuoso e fitaram-na com desdém.

— As tuas alunas de nova geração estão até mais cansadas do que deveriam estar — continuou ele. — A sua acomodação é típica do doutor Campbell: cadeiras duras e camas pequenas, uma cozinha que estão proibidas de utilizar. Por acaso, a sua casa é abrangida pela conduta de aquecimento a vapor, por isso não têm passado frio, mas são obrigadas a cortar lenha e a colocá-la na caldeira para terem água quente, e isso é inadmissível! Estás a ouvir? *Criminoso!* Apesar de serem privilegiadas, foram educadas para serem humildes. Tens sorte por a mãe delas ser uma cabra egoísta!

Liam inclinou-se para a frente o suficiente para assentar as palmas das mãos sobre a secretária imaculada da enfermeira-chefe, e olhou furiosamente para ela.

— A seguir vou falar com Frank Campbell, mas estou a avisar-te, Gertie, que espero poder contar com o teu apoio. Visto que as raparigas têm de viver cá, cada uma delas terá o seu próprio quarto. Vais providenciar uma sala comum

com cadeiras confortáveis, e secretárias e estantes para livros para poderem estudar. Serão autorizadas a utilizar a cozinha à vontade, para cozinhar refeições leves, bem como líquidas, e certifica-te de que têm uma caixa de gelo antes da primavera. Levanta o teu traseiro mimado da cadeira e trata do bem-estar das raparigas! Usa os serviços de Marje Bainbridge como pau de cabeleira, mas não a rodeies de luxo. Ouvi dizer que vai haver dinheiro para construir uma nova casa para as enfermeiras, mas, até estar terminada, quero as minhas alunas acomodadas de forma adequada.

Gertrude Newdigate ouviu o discurso, mas não estava disposta a aceitar as culpas pela parcimónia de Frank Campbell.

— Trava as tuas batalhas com aquele homem asqueroso! — disse ela, friamente. — As minhas mãos estão atadas.

— Mentira! Já te conheço há vinte anos e não me assustas. E Frank também não. Gertie, *pensa*! Aquelas quatro raparigas têm tantas capacidades, aí é que está a tragédia! Porque hás de arriscar perder quatro potenciais enfermeiras-chefes para agradar a um bando de enfermeiras mesquinhas do West End, que não sabem distinguir sódio de potássio? Que não conhecem o termo latino ou grego de uma raiz medicinal, mesmo que este lhes mordesse o nariz? Dedica a tua energia com as raparigas do West End a convencê-las de que a medicina do futuro se fará com enfermeiras qualificadas. Não estejas tão agarrada ao passado!

A objetividade natural de Gertrude regressara. Compreendia o que Liam queria dizer, embora não tivesse tido a intenção de que fosse assim. O problema é que Gertrude trabalhava há muito pouco tempo no Hospital de Corunda e ainda não se apercebera das limitações das enfermeiras do West End no que dizia respeito a ciência ou teoria. No entanto, Gertrude tinha sempre um golpe baixo na manga.

— Como está a tua mulher? — perguntou ela suavemente.

Liam não mordeu o isco, apenas o repeliu desdenhosamente.

— A ser infiel, como é seu hábito. Algumas coisas nunca mudam.

— Devias divorciar-te dela.

— Para quê? Não tenciono arranjar outra.

As raparigas Latimer adoravam o doutor Liam Finucan, um raio de sol solitário num túnel imensamente escuro. Tendo descoberto o quanto as raparigas eram inteligentes e capazes, o doutor Finucan dedicou-se com vigor e entusiasmo à tarefa de as ensinar, encantado ao aperceber-se de que os conhecimentos prévios de matemática e física das raparigas lhes permitia compreender coisas como as leis da eletricidade e dos fenómenos gasosos. Eram tão competentes como os rapazes nos primeiros anos do curso de medicina. Quando a matéria era nova e desconhecida, absorviam o conhecimento avidamente. Até Grace, veio ele a descobrir, tinha mais do que capacidade suficiente para aprender a parte teórica, o que a impedia de fazer mais progressos era a sua falta de interesse pela enfermagem. Mencionara «quatro enfermeiras-chefes» a Gertrude Newdigate, mas era mais acertado falar em três. O que quer que Grace desejasse na vida, não era certamente tornar-se uma enfermeira registada.

A sua preferida das quatro era Tufts, a quem ele chamava sempre Heather. Edda era a mais talentosa e inteligente, mas Liam, o patologista, apreciava a organização, o método e a lógica, e Tufts era superior em todas estas áreas. Edda era a cirurgiã que dá nas vistas, Tufts a patologista paciente, não havia qualquer sombra de dúvida. A preferência do doutor Finucan por ela era recíproca. Nem a aparência atraente do cirurgião Max Herzen, com o seu monóculo, nem o charme bem-humorado do chefe de obstetrícia Ned Mason conseguiam competir com a atração que existia entre Tufts e o doutor Finucan, com o seu cabelo preto e grisalho nas pontas, rosto alongado e de traços finos e olhos azul-acinzentados. Não que a pouco romântica Tufts estivesse caidinha pelo doutor Finucan ou sonhasse com ele quando dormia, simplesmente gostava imenso dele enquanto pessoa e adorava estar na sua companhia. Conhecendo a sua natureza, as irmãs nunca cometeram o erro de gozar com ela quando o assunto era homens, muito menos o doutor Finucan. Apesar de não ser propriamente uma freira, Tufts fazia

lembrar um monge.

O fogo que Liam acendeu sob os pés da enfermeira-chefe assemelhava-se um pouco a uma tocha, na medida em que a enfermeira-chefe também o acendeu sob os pés da irmã Bainbridge, que, por sua vez, o propagou à líder das enfermeiras do West End, Lena Corrigan. Esta sentiu o fogo queimar de tal maneira que o espalhou por todo o círculo restrito do West End. As queimaduras fizeram-se sentir nas semanas que se seguiram.

Pouco tempo depois, a casa das enfermeiras abriu e a mudança era abismal: cada uma das quatro raparigas ficou com um quarto individual; quatro cadeiras confortáveis e secretárias apareceram, como que por magia, numa sala comum, que até estava equipada com telegrafia sem fios; a cozinha passou a poder ser utilizada para preparar refeições leves; havia duas casas de banho e água quente. Harry, o porteiro, aparecia todos os dias a fim de recolher os uniformes para os levar à lavandaria, e havia nos armários da cozinha biscoitos, latas de compota, frascos de molhos, muito chá, café e chicória, cacau em pó, dióxido de carbono em pó para adicionar às bebidas frescas e as tornar gaseificadas, e concentrado de groselha-preta. Tudo isto não parecia nada quando se olhava para o esplendor da caixa de gelo, suficientemente espaçosa para guardar blocos de gelo grandes e manter frescos os ovos, o *bacon*, a manteiga e as salsichas.

— Morri e fui para o céu — disse Grace com um suspiro.

De repente, de modo completamente inesperado, a irmã Bainbridge foi transferida para uma casa mais pequena ao lado, na mesma rampa. Contudo, antes de se mudar, mostrou às raparigas as qualidades maravilhosas do sulfato de magnésio. Dissolvido em água quente numa banheira ou bacia, curava dores no corpo e nos pés. Como tinham sobrevivido até agora sem a magia do sulfato de magnésio?

— É a minha vez de morrer e ir para o céu — disse Edda. — Os meus pés parecem humanos novamente.

Apesar de as enfermeiras do West End ainda terem demorado vários meses a

admitir que as emproadas alunas de enfermagem de nova geração eram tão boas a prestar os cuidados básicos quanto elas, a perfídia da sua perseguição cerrada esmoreceu. De que servia a perfídia se os seus alvos a superavam sempre?

— Já remonta a meados de julho — disse Edda quando setembro terminava, mergulhado num mar ondeante de narcisos amarelos. — *Alguém* fez a gentileza de intervir… mas quem?

Os seus palpites eram variados, e iam desde a enfermeira-adjunta Anne Harding à menos desagradável das enfermeiras do West End, Nancy Wilson, mas ninguém, nem mesmo Tufts, desconfiava da mão do doutor Liam Finucan no assunto. Este limitava-se a apreciar com enorme satisfação as suas quatro protegidas florescerem naquele ambiente mais feliz e gratificante.

— A Grande Guerra trouxe muitos avanços na área da cirurgia — disse o doutor Finucan, com a sua voz suave, à turma de quatro alunas —, mas fez muito pouco pela medicina curativa. Os maiores assassinos continuam a matar em grande escala: a pneumonia, a doença cardíaca e vascular. Enfermeiras como vocês representam o maior avanço de todos os tempos no tratamento da pneumonia.

As sobrancelhas do patologista arquearam e o seu olhar não parava de dançar de um lado para o outro.

— Em que medida? Não percebem porquê? Porque, minhas senhoras, os todo-poderosos da medicina agora compreendem que uma enfermeira bem treinada e instruída enfrenta a pneumonia de forma *inteligente*. Tendo conhecimentos de anatomia e fisiologia, não se limita a esvaziar a caneca de expetoração, a arrastadeira e o recipiente de urina do paciente e a mudar-lhe a cama. Não, esta nova enfermeira insiste com o paciente para se exercitar constantemente, mesmo quando confinado a uma cama; ela acredita que o paciente é capaz de fazer melhor, explica-lhe numa linguagem simples o que os médicos nunca lhe dizem, a natureza da sua doença, e nunca o deixa sozinho, a elanguescer como um boneco de peluche sem atenção, por muito ocupada que

esteja. Apenas uma coisa pode salvar o doente de pneumonia: cuidados de enfermagem incansáveis e informados.

As raparigas ouviram avidamente e assimilaram tudo o que o doutor Liam Finucan não podia dizer: que apenas o conhecimento da ciência que se encontrava na base da enfermagem podia alentar uma enfermeira a esforçar-se para proporcionar o tipo de cuidado que o doutor Finucan exigia.

— É o mal das enfermeiras do West End — disse Edda às irmãs, enquanto comiam sanduíches com salpicão na sua cozinha aquecida. — Vivem em casa, carregam aos ombros o peso das preocupações que têm em casa, bem como as que levam daqui, mal sabem ler e escrever para além do básico e conhecem apenas a medicina que vão aprendendo nas alas com os pacientes. Algumas delas são enfermeiras muito boas, mas para a maioria é apenas um trabalho. Se um doente com pneumonia precisa de ser movido ou obrigado a tossir, ou se é necessário mudar-lhe a cama, isso vai depender do quanto as enfermeiras estão ocupadas, de como é a enfermeira encarregada do turno ou de que enfermeira do West End está de serviço. Não existe qualquer conhecimento de base.

Grace fungou.

— Não é provável que isso aconteça connosco — disse Grace com um ar desolado. — Dói-me a cabeça com todos os termos médicos e nomes de doenças.

— Vá lá, Grace, dói-te a cabeça porque só pensas no Rudolph Valentino.

— Adoro as aulas — disse Tufts, com o nariz enfiado numa cópia de *Gray's Anatomy*.

— Se deixares cair gordura de salpicão nessa página, Tufts, vais ter sarilhos — disse Edda com um ar ameaçador.

— Quando é que eu alguma vez desperdicei uma gota de gordura de salpicão?

As aulas prosseguiram, o doutor Finucan não brincava em serviço.

— Não existem remédios ou técnicas farmacêuticas que valham grande coisa — disse ele — contra as doenças que matam mais. Sabemos o que os germes são e podemos destruí-los no meio que nos rodeia, mas não quando eles se

encontram dentro dos nossos corpos. Um bacilo que infeta os tecidos, como a pneumonia nos pulmões, não tem tratamento possível. Conseguimos ver tudo ao microscópio, mas não há nada que possamos administrar oralmente ou através da pele ou por injeção subcutânea que o mate.

Por alguma razão, o seu olhar fixou-se em Tufts: uma enfermeira-chefe perfeita!

— Como sou o médico-legista do Hospital de Corunda, faço autópsias, que consiste na dissecação cirúrgica de mortos. O outro termo para autópsia é *post mortem*. Vão aprender bastante sobre anatomia e fisiologia à volta da mesa da morgue. Se a pessoa morta for um indigente, sem família ou amigos, posso abrir o cadáver minuciosamente para vos mostrar um sistema em particular: o linfático, o vascular, ou o digestivo, por exemplo. Espero que apareçam bastantes indigentes, o que geralmente acontece.

O doutor Finucan olhou para elas com um ar severo.

— Lembrem-se sempre disto, enfermeiras! O sujeito que se encontra por baixo da nossa faca é uma criatura de Deus, por mais humilde que seja. O que veem, o que ouvem, o que tocam e mexem é, ou foi, um ser humano vivo que fazia parte do grandioso plano de Deus, qualquer que ele seja. Todas as pessoas são dignas de respeito, inclusive após a morte. Enfermeira Latimer, não se pode esquecer de que os desejos do paciente são tão importantes e válidos como os seus. Enfermeira Treadby, lembre-se de que nem todas as crianças são puros anjos. Enfermeira Scobie, não se esqueça de que haverá alturas em que a maior parte dos seus adorados sistemas deixa de funcionar. Enfermeira Faulding, lembre-se de que até a maior porcaria que um paciente faz é parte integrante do plano de Deus.

O doutor Finucan sorriu com enorme satisfação e continuou:

— Não, não sou religioso como o vosso pai, minhas senhoras, pois o Deus de quem eu falo é a soma de tudo o que foi, é e será.

Um homem bom, era o veredito de Edda, partilhado por Tufts. Para Kitty, ele era um desmancha-prazeres e, para Grace, o doutor Finucan não passava da Voz da Perdição, reiterando o que podia ser considerado o resumo da sua vida

enquanto enfermeira: porcaria, porcaria e mais porcaria.

As raparigas sentiam-se contentes por uma coisa: embora a enfermeira-chefe, o doutor Campbell e o doutor Finucan soubessem que elas eram irmãs gémeas, mais ninguém o sabia. Existia um enorme mundo que separava o presbitério de St. Mark e o Hospital de Corunda.

Na opinião de Edda, nenhum homem conseguia competir com Jack Thurlow, que conhecera pessoalmente num trilho equestre junto ao rio Corunda quando tinha dezassete anos. Naquela altura, tal como agora, montava um puro-sangue às manchas cinzentas com a crina e o rabo escuros, o tipo de cavalo que Edda daria tudo para ter, em vez da sua velha e gorda *Thumbelina*, embora soubesse que nunca o teria.

Ainda se conseguia lembrar daquele dia: o inverno chegava e as longas e graciosas vergastas dos chorões disparavam folhas amarelas, como uma tempestade de dardos esguios. A água do rio, clara como vidro, corria pelo cume da Grande Cordilheira Divisória, cujas velhas montanhas arredondadas dominavam a orla oriental de Corunda. Um mundo mágico de ventos fortes e cortantes, sopros de neve distantes, uma terra de odor intenso e um céu riscado de nuvens…

Jack galopava pelo trilho equestre e Edda viu-o pela primeira vez por entre uma chuva de lágrimas geladas de chorão. Montado de forma tão elegante no seu cavalo, com os braços morenos e musculosos à volta do pescoço da sua montada, quase sem segurar as rédeas. O cavalo e o cavaleiro eram velhos amigos, pensou ela, desviando *Thumbelina* do trilho e esperando para ver se ele passava por elas a grande velocidade, sem dar conta da sua presença, ou se parava para a cumprimentar.

O facto de o dia estar bastante nublado significava que ele não estaria a usar chapéu. Lentamente, o cavaleiro ergueu a mão à altura da sobrancelha, com os

dedos fletidos, como se estivesse a agarrar a aba de um chapéu inexistente. Não era nenhuma estrela de cinema, mas para Edda era bem melhor do que aqueles cavalheiros artificiais, cheios de maquilhagem, rímel nas pestanas e lábios pintados. Um autêntico homem do campo de Corunda, lindo aos olhos adolescentes de Edda. Revelando boas maneiras, parou o cavalo, desmontou e ajudou Edda a descer de *Thumbelina*, apesar de esta não precisar de ajuda.

— Esta velhota necessita de ir pastar — disse ele, depois de se apresentar, acariciando o focinho de *Thumbelina*.

— Sim, mas agora o papá tem um carro a motor e ela é o único cavalo que sobra nos estábulos do presbitério.

— Proponho-lhe uma troca.

Edda arregalou os olhos claros.

— Uma troca?

— Proponho uma troca ao presbitério, para ser mais preciso. O recinto relvado que tenho em casa é demasiado pequeno para um cavalo tão novo e vigoroso, mas seria o ideal para a sua velhota. Fico com ela em troca de uma égua com quatro anos chamada *Fatima*, desde que a mantenha ativa — disse Jack, enquanto enrolava um cigarro.

— Se o papá aceitar, é uma pechincha! — disse Edda, entusiasmada, sentindo-se como num sonho.

Um cavalo em que valia a pena andar, bem como um pequeno recinto de relvado viçoso para *Thumbelina*! Oh, rezo para que o papá diga que sim!

Naquela altura, Jack Thurlow tinha apenas trinta anos, era alto e bem-constituído, sem parecer desajeitado ou pesado. O seu cabelo grosso e ondulado estava raiado de finas madeixas douradas e castanho-claras. O seu rosto era atraente, embora marcadamente masculino, e os seus olhos de um azul profundo. Um genuíno homem Burdum, pensou Edda, desde o cabelo aos olhos.

— Sou descendente do velho Tom Burdum — disse ele com um ar melancólico.

Edda recuperou o fôlego e riu.

— Está a *queixar-se*?

— Raios, pode crer que estou! O que faria eu com todo aquele dinheiro e poder? — perguntou ele, como se o dinheiro e o poder fossem coisas repugnantes. — Já tomo conta do Corundoobar pelo velho Tom desde os meus dezoito anos, e o Corundoobar é tudo o que eu quero na vida. Os cordeiros proporcionam-me um rendimento constante e os cavalos árabes, que crio para as senhoras montarem, estão a começar a ganhar prémios em várias feiras equestres. Mais alguma coisa seria demasiado para mim.

Um homem com ambições limitadas, pensou Edda, que na altura enfrentava o desgosto de não poder frequentar o curso de medicina. Se o velho Tom Burdum me desse 5000 libras para estudar medicina, não faria o menor rombo na sua riqueza, enquanto o próprio herdeiro não se importa de renunciar a tudo, à exceção de uma pequena coisa. Corundoobar é um terreno magnífico com mais de dois mil hectares, mas nem sequer é a maior ou a melhor propriedade de Tom. Que mundo injusto!

Este fora o início de uma amizade bastante curiosa, limitada a passeios ao longo do rio Corunda, uma amizade a que, de forma surpreendente, o pai de Edda não se opôs, desde a oferta de *Fatima* à falta de supervisão dos encontros da sua filha com Jack.

A culpa disso era de Maude. A pequena interesseira que vivia dentro da sua cabeça começou a sussurrar e depois a agir quando o pastor indignado a informou da ousadia de Jack Thurlow se apresentar à sua filha virgem, e decidiu que não trocaria *Fatima* por *Thumbelina* e que não permitiria mais os passeios a cavalo de Edda pelo trilho equestre…

— Que enorme disparate! — disparou Maude, surpreendida com a estupidez do pastor. — Vamos a Corundoobar ao final da tarde, Thomas, agradecer a Jack Thurlow pela sua generosidade ao dar um cavalo decente a Edda. Oh, os homens são tão tolos! O homem está muito bem na vida, um Burdum de sangue e, até ao momento, o único herdeiro de Tom Burdum. Devias estar de joelhos a agradecer a Deus por ter posto Edda no caminho de Jack Thurlow! Com alguma sorte e

com uma boa orientação, dentro de três anos Edda será mulher de Jack.

As quatro raparigas ouviram a invetiva de Maude e discutiram-na muitas vezes ao longo desses três anos. O seu alvo, Edda, aceitou tudo isto melhor que as irmãs, pois, se o pai aceitasse a situação, isso significaria que ganhava *Fatima* e uma nova amizade. A única a quem esta determinação cega incomodou foi à pobre Kitty. Se Maude era capaz de se comportar assim com Edda, de quem não gostava muito, o que seria capaz de fazer quando chegasse a altura de Kitty?

É claro que não poderia passar de uma amizade. A virgindade era algo altamente valorizado e as filhas do pastor tinham sido educadas para acreditar que um homem digno esperava uma esposa virgem na sua noite de núpcias. A gravidez fora do casamento era considerada o pior pecado imaginável.

Existiam razões, claro, e o pastor, enquanto instrutor religioso das filhas, certificava-se de que elas compreendiam que tal não era um mero capricho, mas sim uma lei lógica: «Um homem tem apenas uma prova de que é o pai dos filhos da mulher», dizia o reverendo Latimer, no seu tom de voz mais sério, às suas filhas de quinze anos, «e essa é a virgindade da mulher na noite de núpcias, juntamente com a sua fidelidade durante o casamento. Porque haveria um homem de alimentar e abrigar crianças que não fossem dele? O Novo e o Velho Testamento condenam a falta de castidade e a infidelidade.»

Ocasionalmente, Thomas Latimer repetia este sermão, embora sem perceber que a sua maior ajuda para assegurar a inocência das suas meninas era o facto de nenhuma delas querer abdicar dela, incluindo Edda.

Apesar de todos os seus encantos, Jack Thurlow não conseguiu conquistar o coração de Edda. Nem nenhum outro homem. Sabendo que tinha a capacidade de fascinar os homens, Edda esperou pelo conquistador do seu coração, que nunca apareceu. Porque está na natureza do ser humano culpar-se a si mesmo, Edda acabou por decidir que não era capaz de sentir emoções profundas. Sou uma pessoa fria, dizia para si mesma, não consigo sentir o que os outros sentem. Nenhum dos rapazes e homens que me beijaram desde o baile do Colégio Feminino de Corunda em 1921 me provocaram uma reação intensa. Alguns momentos de paixão intensa num canto escuro, que terminavam sempre comigo

a afastar com um safanão um par de mãos masculinas suadas do meu peito. Que raio os deixa tão *excitados*?

Apesar destes caprichos, Edda continuou a encontrar-se com Jack Thurlow no trilho equestre, agradecida pelo facto de ele nunca ter tentado abraçá-la ou beijá-la. Oh, não havia dúvida de que existia uma atração física entre os dois, mas era óbvio que ambos abominavam a ideia de que esta atração os pudesse comandar.

Em janeiro de 1926, ela beijou-o.

Assim que ele a viu, esporeou o cavalo cinzento para galopar rapidamente na sua direção, desceu do seu dorso e arrancou-a de cima de *Fatima*, com as mãos a tremer.

Estava trémulo e visivelmente a chorar, mas isso não o impediu de a levantar no ar e de a rodopiar numa dança louca e improvisada… uma espécie de brincadeira tola.

— Um novo herdeiro Burdum surgiu como que por magia! — disse ele, pondo-a no chão. — Edda, consegui sair da cadeia do velho Tom! Esta manhã, às dez horas, tornei-me o dono legal do Corundoobar, sem quaisquer custos, e assinei um papel a renunciar aos restantes bens do velho Tom. Livre, Edda! Estou livre!

Edda não se conseguiu conter e beijou-o nos lábios, uma mensagem calorosa e ternurenta de felicitação, que durou tempo suficiente para quase passar perigosamente o limite e se tornar algo mais sério, mais intenso. Em seguida, Jack afastou-se, o seu rosto coberto de lágrimas, e pegou na mão de Edda.

— Estou tão feliz por ti — disse ela com a voz rouca, a sorrir.

— Edda, é o meu sonho! — Jack pegou num lenço para secar os olhos. — Corundoobar é uma propriedade de primeira classe, com o tamanho certo, e não existe um único rubi nas proximidades, por isso o dinheiro e o poder vão passar-me ao lado. — Com um sorriso rasgado, despenteou-lhe o cabelo, algo que ela detestava que fizessem. — Com o teu treino de enfermagem a começar daqui a três meses e com a falta dos nossos passeios a cavalo, não sabia o que ia fazer. Até cheguei a pensar em mudar-me para oeste, para a terra dos carneiros

merinos. Agora acontece isto!

— Podemos continuar a passear a cavalo nos meus dias de folga — disse ela com um ar sério.

— Eu sei, e vamos fazê-lo.

O velho Tom Burdum, ao que parecia, descobrira finalmente um herdeiro adequado, e todos os habitantes do condado estavam desejosos de ver o novo herdeiro chegar no comboio de Sydney ou Melbourne. Contudo, este nunca chegou e o velho Tom recusou-se a explicar porquê.

Quando a notícia do novo herdeiro chegou, não passava de um pequeno boato miserável, desprovido de factos sustentados e nunca suficiente para saciar os mais ávidos coscuvilheiros de Corunda.

A mais empreendedora desta laia era Maude, que, afortunada por ter uma macieira que dava frutos antes do tempo, levou um cesto de maçãs ao velho Tom e à velha Hannah Burdum. Junto deles, aplicou os seus instrumentos de tortura coscuvilheira com uma perícia sem igual, mas que surtiu pouco efeito. Contudo, descobriu o suficiente para aguçar o seu apetite e incentivá-la a descobrir novos métodos de recolha de informação.

Ficou a saber, por parte do velho Tom e da velha Hannah, que o novo herdeiro se chamava Charles Henry Burdum, de trinta e dois anos, que nascera e fora criado em Inglaterra, onde ainda morava. Mesmo os imensos bens do velho Tom não eram nada para ele, pois já era um homem muito rico. De acordo com o velho Tom, Charles fazia negócios nos mercados do dinheiro da City de Londres, a capital financeira do mundo!

Conhecendo estes factos, Maude dirigiu-se à estação, ao frio e à chuva, às três da manhã, para embarcar num expresso noturno de Melbourne para Sydney, onde chegou às seis da manhã, tomou o pequeno-almoço no restaurante da Central Railway e esperou à porta da biblioteca pública até esta abrir. No interior, dentro da sala de leitura, Maude descobriu tudo sobre Charles Henry Burdum. Uma mulher cheia de recursos, esta Maude Latimer.

Podia até ser um homem com muito dinheiro, mas Charles Burdum tinha também uma faceta altruísta: era médico, licenciado pelo Guy's Hospital, e de momento ocupava o cargo de diretor na Manchester Royal Infirmary… muito prestigiado! É claro que o dinheiro não atrapalharia a sua carreira médica, pois não? Maude pesquisou dicionários biográficos (Eton, Balliol, Guy), jornais de grande formato bastante aborrecidos, tabloides de reputação duvidosa, revistas de sociedade, revistas menos glamorosas e jornais com má fama e bastante desprezíveis, que se esquivavam por pouco às leis contra a difamação. Todos eles lhe trouxeram algum proveito. O doutor Charles Burdum era sinónimo de novidade.

Em 1925, ficara noivo da única filha de um duque. A sensacional e escandalosa relação amorosa fez muitos cabeçalhos em tabloides de ambos os lados do Atlântico, pois o doutor Burdum, apesar da sua riqueza e de ser proprietários de milhares de hectares no Lancashire, não era suficientemente bom aos olhos do duque. Quando a sua filha, Sybil, apareceu na primeira página do *News of the World* a dançar um louco *charleston* com Charles Burdum numa festa bastante duvidosa, o duque interveio e tirou Sybil da vida de Charles Burdum. Encantada, Maude descobriu que Sybil tinha apenas dezassete anos na altura, estando obviamente debaixo da autoridade do pai. Fora, sem sombra de dúvidas, uma relação escaldante. O casal fugiu, foi apanhado, e Sybil desapareceu da face da terra. Um fotógrafo francês tirou uma fotografia da rapariga sentada com um ar pesaroso na lógia de uma vila na Riviera francesa. Na fotografia seguinte, aparecia vestida de noiva a casar com o marido escolhido pelo duque: um homem que descendia de Guilherme I de Inglaterra, o *Conquistador*, do lado materno, tinha um metro e noventa de altura e era descendente da casa de Hanôver do lado do pai.

O que Maude não conseguiu obter foi uma imagem decente deste indivíduo notável, metade dinheiro, metade medicina. As fotografias a preto-e-branco dele nem sequer conseguiam responder à pergunta de todos, se era um homem atraente ou não: uma boca, um nariz, dois olhos e uma cabeça cheia de cabelo que parecia louro. No entanto, uma fotografia dele com um grupo de homens

indicava que não era muito alto… Isso é bom, pensou Maude. Um homem muito alto não seria ideal para Kitty.

Embora gostasse bastante de espalhar rumores, Maude não contou a ninguém os seus planos para Kitty. Mais cedo ou mais tarde, Charles Burdum visitaria a sua herança colonial, e a intensidade da sua tentativa falhada de casar com a filha de um duque indicava que a ferida no seu orgulho não sararia rapidamente. A visita de Charles iria decorrer enquanto ele ainda fosse solteiro. Até lá, Kitty estaria ocupada com o seu treino de enfermagem, como que em espera. Estava tudo a correr tão bem! Edda casaria com Jack Thurlow, Grace casaria com um preguiçoso qualquer que ganhava a vida com trabalho braçal, e Tufts tornar-se-ia uma peça vital, a tia enfermeira-chefe, que correria de irmã para irmã quando os seus filhos precisassem dela.

Maude não tinha qualquer dúvida de que tudo correria como planeado. Até Deus entrava em conluio nos seus planos, pela razão mais simples: Ele era um indivíduo sensato, de outro modo não teria criado pessoas como Maude.

Os primeiros seis meses de tudo o que é novo e desconhecido são sempre os piores de aguentar: um mantra que orientava a vida das irmãs Latimer até ao final de 1926, quando, para seu espanto, se aperceberam de que tinham sobrevivido, até mesmo a relutante Grace.

O que é de lamentar, pensou Tufts, é que os nossos horizontes não tenham sido alargados em termos humanos. Desde a área de refeições das enfermeiras até à acomodação, tudo é estratificado. Não estamos autorizadas a conviver com os médicos ou com os nossos subalternos, e as irmãs fazem questão de que as enfermeiras do West End saibam que nós, as precursoras de uma nova ordem de enfermagem, estamos um degrau acima delas. Não posso ser amiga de Harry ou Ernie, os porteiros, não me posso sentar entre as enfermeiras do West End no refeitório e, se aparece um médico na ala, mandam-me de imediato tratar da roupa suja ou esfregar arrastadeiras. Estou sempre num nível acima ou abaixo e não me atrevo a sair dele. Como é possível existir *esprit de corps* ou camaradagem entre os diferentes tipos de pessoas que trabalham no hospital, se não lhes é permitido comunicarem entre si como amigas? No entanto, as nossas adversárias mais amargas, se não mesmo inimigas declaradas, são precisamente as pessoas que seriam mais beneficiadas com isso. Anseio por ensinar Lena Corrigan, Nancy Wilson e Maureen O'Brien os princípios básicos de química e física, mostrar-lhes que a água tem três estados e que o iodo é um elemento. No entanto, elas não querem saber, porque confessar a sua ignorância seria o mesmo que admitir a derrota nesta batalha sem sentido. Como as faço entender que o

conhecimento é o único caminho que as pode tirar da penúria e subserviência?

— As enfermeiras do West End estão convencidas de que, se não tivermos companhia, exceto uma das outras, vamos começar a fraquejar — disse Edda. — Quando é que acham que elas vão acordar?

Com o Natal à porta, as irmãs estavam a vestir-se para ir à igreja, o primeiro domingo desde que tinham começado o treino de enfermagem em que as quatro estavam de folga. Após a missa iam ao presbitério para um almoço comemorativo. Tufts e Kitty tinham feito dezanove anos em agosto, e Edda e Grace vinte e um em novembro, sem qualquer celebração. Hoje era um dia muito especial.

Após verificar se as costuras das suas meias transparentes de seda estavam direitas, Grace olhou para cima.

— As raparigas do West End não sabem que somos irmãs — disse ela — e passam muito tempo a pensar se as nossas discussões e desavenças são muito más.

Linda!, pensava Grace ao olhar para Edda, porque é que não posso ter aquela aparência? É a maneira como anda, sinuosa e sensual, a sua postura, aquele sorriso enigmático. O vermelho era, sem dúvida, a sua cor, independentemente do tom. Naquele dia, Edda usava um vestido de crepe pesado, de tom escarlate, que, apesar de não ser justo, evidenciava bem a sua figura magnífica. Na cabeça, tinha um chapéu achatado de crepe vermelho, ligeiramente inclinado sobre o olho esquerdo, e sapatos pretos, mala e luvas.

— Estás maravilhosa, Grace — disse Edda inesperadamente (ou será que os gémeos leem os pensamentos do outro?). — Quem me dera ter paciência para trabalhar os adornos dessa maneira! Transformaste a renda bege numa asa de borboleta com os rebordos pretos. Tal e qual uma obra de Aubrey Beardsley.

Enquanto puxava uma luva preta comprida pelo antebraço acima, Grace rosnou:

— O meu chapéu? Fica-me bem, Eds?

— É perfeito. Tal como asas dobradas umas sobre as outras e debruadas a preto.

Um grupo de enfermeiras do West End viu as quatro raparigas percorrerem a rampa em direção a Victoria Street. Lena Corrigan franziu o sobrolho. Ainda não conseguiam perceber por que razão, após seis meses de isolamento rigoroso, privadas de qualquer tipo de amizade no hospital, estas quatro raparigas ainda falavam umas com as outras. Com uma aparência fantástica, elas passaram pela rampa a rir e a brincar umas com as outras, tão felizes, sem qualquer razão aparente.

— Será que isto é tudo resultado de uma pronúncia sofisticada e de uma boa educação? — perguntou Lena.

— Isto o quê?

— Não sei, Nance, mas elas têm *algo* — suspirou Lena. — O problema é que, quanto mais as conheço, mais gosto delas. Sobretudo da Latimer. Uma rainha para o olhar, mas nada convencida.

— Não, nenhuma delas é convencida — disse Maureen. — Até a Treadby, a que tem o cabelo louro oxigenado, é simpática.

A enfermeira Corrigan virou-se e continuou:

— Sabem que mais, meninas? Estou farta desta guerra. Ainda não têm vinte anos, mas em breve serão enfermeiras registadas pelo Estado. Acho que está na altura de começarmos a pensar em arranjar algum dinheiro para matricularmos as nossas filhas. E sim, têm razão, a ideia não é minha. Foi algo que a enfermeira Scobie disse.

A vida nas alas do hospital era um desafio para Edda, Tufts e Kitty, mas para Grace era uma tragédia. Todas as irmãs de Corunda vinham de longe e eram consideradas funcionárias públicas oficiais. As enfermeiras não oficiais do West End tinham a liberdade de se casar porque eram consideradas «trabalhadoras casuais», sem benefícios, tal como os porteiros, as empregadas de limpeza, o pessoal da cozinha, as datilógrafas e por aí em diante. As funcionárias públicas não podiam casar e, por essa razão, não existiam enfermeiras casadas. As viúvas podiam ser contratadas, assim como, em teoria, as divorciadas, embora uma

divorciada nunca sequer chegasse a uma entrevista cara a cara. As divorciadas faziam-se passar por viúvas e tinham muito cuidado para não serem vistas na companhia regular de homens. Muitas irmãs «viviam fora» em casas alugadas, geralmente partilhadas com outra irmã, mas o Hospital de Corunda, tal como outros hospitais, oferecia acomodação no local para uma série de irmãs. Frank Campbell preferia receber uma pequena renda das casas da Grande Guerra, do que manter as acomodações vazias, e as irmãs, sendo solteironas, eram as inquilinas ideais: nada de filhos nem de maridos sorvedores de cerveja.

Contudo, o que ninguém considerava, exceto as próprias irmãs, era o preço a pagar por ter uma carreira profissional: os bebés por nascer, o outro lado da cama vazio, a falta de estímulo que a companhia eternamente feminina proporcionava, a preocupação de viver uma velhice desamparada. Por esta razão, mergulhavam no trabalho, tentavam encontrar pessoas simpáticas para dividir a casa, mantinham relações ocasionais com homens ou contentavam-se com a presença umas das outras. Nada disto as tornava chefes fáceis. No entanto, era um jogo duro: se existisse uma mulher juíza, ela também seria uma solteirona se recebesse um salário do governo.

O dia estava dividido em três turnos: das seis da manhã às duas da tarde, das duas da tarde às dez da noite e das dez da noite às seis da manhã. Cada ala requeria sempre a presença de, pelo menos, uma irmã de serviço. As alas duplas, dos homens e das mulheres, requeriam a presença de duas irmãs, tal como a das crianças. Isto perfazia um total de cinquenta irmãs enfermeiras, incluindo as que trabalhavam na ala psiquiátrica e no lar de convalescença/idosos.

Algumas, como a irmã Una Robertson, da ala dos homens, e a irmã Meg Moulton, da ala das crianças, eram conhecidas em todo o hospital desde o primeiro dia de serviço, enquanto outras, como a enfermeira-adjunta Anne Harding, permaneciam anónimas durante vários meses. Era uma questão de personalidade. A irmã Moulton era muito querida, enquanto a irmã Robertson era o mais furioso dos dragões. Ambas eram mulheres de meia-idade, em cujos queixos começavam a nascer pelos e que tinham a barriga volumosa e a pele áspera, contudo, as semelhanças ficavam por aí. Todo o amor da irmã Robertson

era dirigido aos seus pacientes masculinos, que tinham tanto medo dela como os médicos. Na opinião de Grace, o Diabo era um adversário bem mais fácil.

— Faulding, está a correr — rosnou a irmã Robertson para Grace, que se encontrava bastante frenética. — Faça o favor de parar de imediato! Só existem duas razões para uma enfermeira correr: fogo ou hemorragia.

Mas como, perguntava Grace, é possível fazer o trabalho todo se não me é permitido correr? E por que razão todos os pacientes têm de se barbear diariamente? *Fazer a barba cinquenta vezes por dia, mesmo quando estão à beira da morte!* Uma pergunta que muitos dos pacientes partilhavam com Grace.

— A irmã é que precisa de se barbear — disse um homem furioso. — Dê-me o seu véu e venha você para debaixo da maldita lâmina de barbear… a irmã é pior que o *Kaiser Bill*!

— Pobre homem! — disse Grace a Kitty mais tarde, secando lágrimas de riso dos olhos. — Cinco minutos depois, a irmã fez questão de lhe enfiar pessoalmente um supositório *enraivecido* pelo rabo acima, e o homem acabou por passar uma manhã terrível na casa de banho. Felizmente, o homem conseguia andar.

Existiam muitos momentos engraçados, mas também alguns tão dolorosamente tristes que demorou às irmãs Latimer o ano inteiro de 1926 para aprenderem a lidar com a tristeza. Algumas pessoas, descobriram elas, eram tão corajosas! Outras encolhiam-se e começavam a gritar quando lhes tocavam. Ninguém permanecia mais tempo no hospital do que o essencial, e não só devido às políticas do hospital. A famosa avareza do diretor, Frank Campbell, afetava os pacientes tanto quanto os funcionários. Colchões velhos e cheios de covas, lençóis tão coçados que já desfiavam e toalhas tão usadas que já não secavam, sabão caseiro horrivelmente cáustico, pedaços recortados de jornais em vez de papel higiénico e a pior comida que os cozinheiros conseguiam providenciar.

O que mais intrigava as Latimer era o facto de o pai ser membro do conselho de administração do hospital e passar pelas alas sem ver o que Frank Campbell

fizera e continuava a fazer. Não, o papá vagueava pelo hospital na sua demanda espiritual, a sorrir e a confortar os pacientes, enquanto ignorava as condições físicas deploráveis em que viviam, como se não existissem. Pois, o hospital não era *gratuito*. Mesmo o paciente mais pobre recebia uma conta para pagar, o que fazia com que o trabalho de assistente social fosse o mais difícil do Hospital de Corunda. Ela tinha de encontrar motivos para o paciente não ter de pagar os serviços, o que era muitas vezes impossível. Os médicos especialistas eram bastante decentes, mas Frank Campbell cobrava cada recorte de jornal usado na casa de banho.

Kitty desabrochou, sobretudo depois de ter sido mandada para a ala das crianças, onde muitos dos pequenos pacientes sofriam de problemas nos ossos: a maior parte tinha ossos partidos, um ocasional deslocamento congénito da anca, fraturas infetadas, doenças relacionadas com a densidade óssea e demasiados casos de raquitismo entre os mais pobres. Independentemente do seu mal, as crianças tinham tendência para estarem bem-dispostas, habituadas à dor e à cama de hospital, ou para se tornarem uma maçada perigosa quando as deixavam sair da cama. Para Kitty, pouco importava, adorava cada criança, cada obstáculo, cada momento.

Os rapazes e as raparigas eram tratados em conjunto até aos seis anos, idade a partir da qual eram separados em duas alas: rapazes e raparigas. Aos catorze anos eram admitidos nas alas de adultos. No inverno apareciam mais casos de ossos partidos, no verão eram mais comuns as doenças intestinais e gástricas, mas ao longo de todo o ano as cinquenta camas estavam ocupadas, pois as crianças tinham tendência a precisar de internamentos mais longos. Só nestas alas, o reverendo Thomas Latimer fizera um esforço considerável para minorar o sofrimento: havia muitos brinquedos e livros, e os aquecedores estavam sempre a funcionar, o que não se podia dizer dos aquecedores nas outras alas. O orçamento de Frank Campbell só chegava para um canalizador, cujo sonho falhado de uma vida era ter um colega canalizador.

Kitty não conseguia identificar ao certo o momento em que a sua depressão desaparecera e ficara soterrada nas exigências do trabalho. Talvez tivesse sido um processo demasiado furtivo, demasiado gradual, mas uma coisa era certa: a partir do momento em que começou a trabalhar com crianças, a depressão nunca mais deu as caras. Cuidar de crianças internadas fazia-a sentir-se como se estivesse envolta num manto de bem-estar, que a confortava, acalentava, acalmava e satisfazia todos os seus desejos. O mundo, como Kitty o percebia, estava repleto de pessoas cujas necessidades e provações faziam os seus próprios problemas parecerem risíveis, ridículos. Depois de dezanove anos a ser o centro do mundo, Kitty viu-se relegada para as suas margens mais extremas: não era ninguém, não era nada. E gostava tanto do trabalho que se esqueceu de que era linda, até se esqueceu de Maude e da vida no presbitério. Nem a criança mais traquina e mais malcomportada do mundo tinha o poder de abalar a sua nova confiança, a paz serena que encontrara em si mesma. Finalmente, Kitty abriu as asas e voou.

O que Kitty não compreendia é que o seu despertar de consciência só servira para a tornar ainda mais bonita. Desesperada por a retirar da vista da maior quantidade de homens possível, como último recurso, a enfermeira-chefe enviou Kitty para a ala das crianças.

— O problema é que a Treadby é uma enfermeira tão boa que não me posso dar ao luxo de a perder — disse a enfermeira-chefe a Liam Finucan —, e não a posso acusar de ser convencida ou de se fiar demasiado na sua aparência, porque ela não é assim. No entanto, ela dá a volta à cabeça dos homens, e as mulheres também a odeiam pela sua natureza adorável e pelo seu belo rosto.

— Felizmente — disse Liam com um sorriso —, o Hospital de Corunda não tem nenhum Páris para tentar a nossa Helena de Troia.

— Porque és impermeável aos seus encantos, Liam?

Liam ajeitou o cabelo, que tinha tendência para lhe cair sobre a sobrancelha e obstruir parcialmente a visão.

— Não faço ideia. Talvez não goste de louras oxigenadas?

— Aquele cabelo não é oxigenado! Quem me dera que fosse, uma raiz mais

escura talvez desiludisse alguns dos nossos médicos mais novos.

— Enviá-la para a ala das crianças é suficiente — sossegou-a ele.

— Sim, mas ela não pode lá ficar para sempre.

— É verdade. Vamos só reduzir ao mínimo o tempo que ela passa nas alas de adultos.

— A Meg Moulton adora a miúda, o que é um alívio! Já me disseram que a Treadby é a enfermeira de crianças perfeita. A ala é um local mais feliz quando ela está de serviço, e farta-se de trabalhar.

— Nenhum ser humano é perfeito, Gertie.

Kitty continuava a sua viagem de descoberta, caminhando pela ala animada e sorridente, com pulos e passos de dança que faziam os miúdos rir. Até começar a exercer enfermagem, sobretudo com crianças, toda a gente, exceto as irmãs e o pai, a descartava como membro produtivo da sociedade. Agora, Kitty tinha um propósito.

Não que a ala das crianças permitisse algum tempo para reflexão. Se não era Jimmy Collins a arrancar a crosta de uma ferida ou Ginny Giacometti a cair da cama ao tentar pregar uma partida, era Alf Smithers a comer uma embalagem inteira de giz, porque as refeições nunca saciavam a sua barriga sem fundo.

— O efeito do seu sorriso multicolorido poderia até ter sido bastante encantador — disse Kitty à irmã Moulton —, se ele não tivesse comido o par de giz preto em último lugar… que nojo!

Ouviu-se um gemido vindo de Barry Simpson, que as fez virar.

— Enfermeirinha, enfermeirinha! Fiz cocó na cama!

— E lá se foi o lençol de baixo do doutor Frank Campbell — disse Kitty. — Os cocós do Barry são impressionantes.

No entanto, mesmo na ala das crianças havia homens para importunar Kitty. O mais maçador deles era o médico interno, o doutor Neil Cranshaw, que tinha influência suficiente como autoridade médica para sustentar a sua demanda. Kitty detestava-o, mas o seu posto obrigava-a a tratá-lo com o maior respeito e consideração.

— Jantar no Parthenon? — perguntou ele, supervisionando a enfermeira

Treadby enquanto esta tratava da ferida aberta de Jimmy.

— Lamento, senhor doutor. Estou ocupada.

— Não é possível que esteja ocupada todas as noites, senhora enfermeira.

— Até junho de 1926, estou sim, senhor.

— E o que acontece nessa altura? — perguntou ele, pensando que tipo de expressão resultaria melhor com ela… que linda que ela era! Assumiu um ar de admiração, apenas estragado pelo desejo que invadia o seu cérebro.

— Depois, acabo o curso como enfermeira registada — disse ela com um ar muito sério — e estarei disponível para aceitar convites para jantar. Até lá, sou obrigada a estudar nos meus tempos livres.

O doutor Cranshaw poderia ter discutido, mas a irmã Moulton estava a olhar fixamente para eles, como que pronta a disparar. O doutor Cranshaw desapareceu.

— Obrigada, irmã — disse Kitty.

— Médicos solteiros — disse ela mais tarde para as outras três — são uma dor de cabeça.

— Diz-me algo que eu já não tenha aprendido sozinha — disse Edda.

— Neil Cranshaw anda a incomodar-te? — perguntou Tufts, e desatou a rir. — Ele convidou-me para jantar no Parthenon no outro dia. Apanhou-me no corredor enquanto fazia um recado à irmã Smith. Fiquei ali de pé, a olhar fixamente para ele, chupei os lábios lentamente como um peixe e entortei os olhos. Ele fugiu a correr.

— Mas repara — disse Edda —, o Hospital de Corunda não recebe o melhor da colheita da Sydney Medical School. Esses vão para hospitais como o Vinnie, o RPA ou o North Shore em Sydney. Nós não ficamos com o pior, mas são bastante maus.

— Em que outro hospital considerariam o doutor Cranshaw um parte-corações, um homem com uma aparência tão cómica que mais parece o Stan Laurel? — perguntou Tufts.

— Ele tem mesmo aquele ar desolado do Stan Laurel — concordou Kitty.

— Tresanda sempre a cigarros baratos — acrescentou Grace —, e não

suporto ver cabelo ruivo num homem. Na verdade, meninas, não há aqui nenhum médico que eu ache atraente. Acham-se todos tão bons.

Felizmente para o doutor Cranshaw, estes comentários foram mantidos em segredo e ele continuou sem saber que a enfermeira Treadby, que mais parecia um anjo de Botticelli, tinha a língua tão afiada como uma faca. Por conseguinte, continuava a fazer figura de parvo na ala das crianças, livre para atormentar Kitty, porque fazia turnos rotativos no serviço do doutor Dennis Faraday naquele momento. O doutor Faraday era o estimado e respeitado especialista pediátrico do Hospital de Corunda.

A ala estava de momento a recuperar de uma luta frenética contra uma epidemia de difteria, que quase fora perdida devido ao *stock* insuficiente de uma tubagem de borracha especialmente modificada para ajudar as crianças a respirar. Um caso de economia enganadora, típica de Frank Campbell. A enfermeira Harding teve de apanhar o comboio da manhã para Sydney, pagar demasiado a um fornecedor de material médico e regressar no comboio da noite, para descobrir que Liam Finucan tinha improvisado o equipamento com tubagens de borracha normal, que funcionavam suficientemente bem para evitar o que teriam sido duas mortes por negligência médica. Tal como acontecia com todas as doenças infeciosas infantis, apenas os casos mais graves eram hospitalizados. Mais de cem pacientes entre os dois e os doze anos com difteria laríngea: uma membrana maligna na garganta inflamada expandia e bloqueava a via respiratória e o tubo de borracha modificado mantinha-a aberta. Foi uma epidemia muito grave que ceifou a vida a dezassete crianças e deixou outras quatro hospitalizadas durante vários meses devido a complicações cardíacas.

Havia sempre duas alas vazias, mas completamente prontas, no final de uma rampa especial, para servir de área de isolamento para epidemias, mas só tinham sido utilizadas de forma tão intensa nos três anos que se seguiram à Grande Guerra, quando a gripe matou mais pessoas do que a própria guerra. Parecia que as epidemias muito letais atacavam sobretudo as crianças e os jovens adultos, talvez porque, pensou Edda, se um corpo conseguira sobreviver a tudo e mais alguma coisa até atingir a velhice, isto devia-se ao facto de se ter tornado mais

resistente e muito mais difícil de matar.

Kitty não esteve de serviço nas alas dos pacientes com difteria. A irmã Meg Moulton preferiu mantê-la na ala das crianças, embora Grace, Edda e Tufts tivessem trabalhado nas alas dos pacientes com difteria. Para Kitty, isto significava turnos duplos e folgas canceladas, mas não havia enfermeiras disponíveis suficientes. Apenas algumas voluntárias, enfermeiras reformadas do West End, asseguraram a sobrevivência do Hospital de Corunda.

De modo privado e reservado, a epidemia de difteria assinalou uma vitória para Kitty, um triunfo que partilhou apenas com as suas irmãs.

— Jantar no Parthenon numa noite qualquer à sua escolha? — perguntou o doutor Neil Cranshaw a Kitty enquanto esta fazia as camas.

De repente, tudo se tornou demasiado para aguentar. Se não tivesse havido uma epidemia de difteria… se o hospital tivesse um único lençol decente… se Cranshaw não falasse mais do que devia…

— Oh, por amor de Deus, seu imbecil, enfie os convites pelo rabo acima! Agora desapareça e deixe-me em paz!

O doutor Cranshaw teria ficado menos surpreendido se uma borboleta o tivesse atacado selvaticamente durante um passeio no jardim; certamente, nunca pensara numa resposta para dar. Um olhar violeta intenso daqueles olhos habitualmente azuis fê-lo sair disparado da ala como um rato a fugir de uma vassoura de palha.

Quando junho de 1927 chegou, as irmãs Latimer já desempenhavam as funções de enfermeira há catorze meses e entravam agora no seu segundo inverno sob a administração de Frank Campbell, depois de terem ultrapassado todos os seus problemas e adversidades. O facto de Grace ter sobrevivido era um mistério para as outras três, ainda que a sua astúcia a tivesse colocado no bom caminho e as suas aptidões enquanto enfermeira tivessem melhorado, agora que já estava mais acostumada à porcaria. Foi uma agradável surpresa aperceber-se de que não havia porcaria todos os dias.

As irmãs já tinham passado uma vez por todas as alas. No início de junho, Kitty encontrava-se de volta à ala das crianças, juntamente com Tufts. Edda estava convencida de que alguém iria reparar nas semelhanças entre as gémeas, mas nem mesmo a irmã Meg Moulton reparou. Os uniformes escondiam os seus corpos e os olhos de cores diferentes dominavam os seus rostos. Também ajudava o facto de Kitty gostar de cuidar de meninos, enquanto Tufts preferia as meninas, por isso costumavam ser vistas em separado.

— Venham ter comigo ao meu gabinete, enfermeiras, assim que voltarem do almoço — disse a irmã Moulton com uma invulgar brusquidão.

— Que raio se passará? — perguntou Tufts a Kitty enquanto comiam sanduíches de fiambre em casa. — De qualquer modo, a *minha* consciência está tranquila.

— Disseste isso com um sorriso tolo, enfermeira santinha. Visto que conheço a Moulton bem melhor que tu, palpita-me que nos vai ser dado um trabalho

especial.

O palpite estava certo, como vieram a descobrir meia hora depois no gabinete da irmã Moulton. O doutor Dennis Faraday também se encontrava lá, e ambos tinham um ar muito sério.

— O caso de que vão tratar será muito breve e a enfermeira-chefe sugeriu que fosse entregue às quatro enfermeiras de nova geração — disse o doutor Faraday num tom de voz vibrante e agradável.

O doutor Faraday era um homem muito grande, que fora um famoso jogador de *rugby* na sua juventude e fazia lembrar um simpático e afável urso castanho (pele morena, cabelo e olhos castanhos) com um dom indiscritível para tratar de crianças.

— Em circunstâncias normais — continuou ele —, as crianças moribundas são tratadas na ala na medida do possível. No entanto, a criança em questão não pode estar sujeita aos olhares de curiosos. Corunda é um vespeiro de boatos e as crianças que estão aqui internadas recebem muitas visitas. O vosso paciente será tratado no isolamento, longe de visitantes. Chama-se Michael Vesper, mas podem tratá-lo por Mikey. Foi-lhe diagnosticado sarcoma metastático e encontra-se num sofrimento horrível. Uma ínfima dose de opiáceos liberta da dor o menino mais maravilhoso do mundo, tão animado e tão agradável! Sabe que está a morrer e é um verdadeiro herói.

Os olhos do doutor Faraday brilharam com lágrimas. A irmã Moulton lançou um olhar intenso a Kitty e a Tufts que as avisou para não comentarem as emoções do médico.

— Quando tiver oportunidade, senhoras enfermeiras, dou-vos os relatórios da polícia, as notas da assistente social, tudo o que conseguir encontrar que diga respeito ao Mikey. — O doutor Faraday pestanejou e respirou fundo. — O Mikey tem dois anos, mas não parece ter mais de doze meses. Até hoje, não estava diagnosticado nem recebeu qualquer tratamento. Se não fosse pela curiosidade da nossa enfermeira distrital, nunca ninguém teria reparado nele. Dou-lhe cerca de duas ou três semanas de vida, mas estou determinado a fazer com que esses poucos dias sejam os mais felizes e os mais confortáveis da vida

de Mikey. — O doutor Faraday dirigiu-se para a porta. — Irmã, o resto das instruções estão nas suas mãos. — E, com um sorriso, desapareceu.

O silêncio que se seguiu pareceu durar horas. Na verdade, demorou alguns minutos, durante os quais Grace e Edda chegaram e ficaram a saber o que as esperava. Naqueles catorze meses, as irmãs nunca tinham servido juntas como um quarteto, nem tal aconteceria com Mikey Vesper, embora este fosse o seu único paciente. Kitty e Tufts escolheram fazer o turno das seis da manhã às dez da noite, Grace o turno da noite e Edda alternaria turnos.

— A enfermeira-chefe escolheu-vos — disse a irmã Moulton —, principalmente porque vocês não *espalham* rumores. Desconheço a razão por que ela está tão certa disto, mas confio no seu discernimento. O conselho que vos quero dar é que mantenham algum distanciamento emocional. O caso de Mikey Vesper é desolador, mas, se deixarem que este vos parta o coração, nunca conseguirão tornar-se enfermeiras registadas.

— Vamos sobreviver, irmã — disse Edda.

No entanto, a irmã Moulton não tinha terminado:

— Não sabemos em que medida a subnutrição de Mikey se deve às metástases do cancro ou a pura negligência, sabemos apenas que ambas contribuíram para o seu estado atual. O pior de tudo é que Mikey nunca foi suficientemente importante na vida de alguém para desenvolver uma identidade própria. Nunca passou de uma pedra no sapato. A sua mãe é obrigada a trabalhar mais do que a maioria dos escravos… o senhor Vesper vive às custas do seu trabalho de lavadeira. A enfermeira distrital não sabe se ela tem um problema mental ou se existe alguma barreira linguística, visto que a família é alemã e só se encontram em Corunda há dezoito meses. Os filhos são apenas algo que a pobre mulher concebe, carrega no útero e amamenta até terem idade suficiente para comer e beber sozinhos. Tem três rapazes com idades entre os treze e os dezasseis anos, a seguir a eles fez uma pausa e depois teve três raparigas, que agora têm entre seis e nove anos. E Mikey, com apenas dois.

— Qual é a explicação para essas pausas? — perguntou Tufts. — O senhor Vesper esteve preso?

Os olhos azuis de Meg Moulton arregalaram-se.

— Excelente dedução, Scobie. Posso pedir ao sargento Cameron para investigar.

— Os rapazes frequentam a escola? — perguntou Kitty.

— Não — suspirou a irmã Moulton. — Bem, têm de saber, e já desempenham as vossas funções há tempo suficiente para não ficarem chocadas. O diretor da escola Corbi apresentou uma queixa ao sargento Cameron. As três meninas Vesper foram molestadas pelo pai e pelos irmãos.

— A mais nova tem apenas seis anos — disse Edda com a boca seca — e nenhuma delas atingiu ainda a puberdade.

— Então, o senhor Vesper deve saber que vêm sarilhos de todas as direções — disse Grace, que já amadurecera o suficiente para não chorar. — Devia ser enforcado!

— Ninguém vai fazer isso — disse Tufts —, mas vai voltar para a prisão durante muito tempo.

Uma irmã espreitou para dentro da sala e disse:

— Michael Vesper chegou.

O quarto Um era demasiado pequeno para caber nele uma cama de adulto, mas Mikey Vesper tinha um berço espaçoso para o acomodar. Embora Kitty soubesse a idade de Mikey, ele parecia ter metade desta, e a distensão abdominal devida à subnutrição dava a falsa impressão de ter mais massa corporal do que realmente tinha. A sua pele era muito fina e clara e tinha o cabelo encaracolado castanho. Enormes olhos escuros num rosto estranhamente velho contavam a sua história, transmitindo austeridade, compreensão e compostura. Não era uma criança linda, exceto pelos olhos. Sendo uma enfermeira extremamente experiente, Meg Moulton sabia que Mikey era uma daquelas crianças com o poder de nos assombrar para toda a eternidade.

Mikey podia ter sido negligenciado e descurado na sua própria casa, mas a sarcomatose tinha, até ao momento, poupado o seu cérebro, como Tufts e Kitty,

ao partilhar um longo turno duplo, vieram a descobrir. Ambas compreendiam que Mikey era um daqueles pacientes a quem seriam administrados tantos opiáceos quantos necessários para atenuar a sua dor insuportável. A questão da dependência não era algo que fosse considerado em pacientes terminais. E ele ficava tão *agradecido* pela mais pequena gota de opiáceo! A sua agonia deveria ter sido tão grande, mês após mês enquanto o cancro se espalhava, sem ninguém a tentar atenuar o seu tormento. A morfina deixava-o radiante… ainda bem que não era daqueles a quem causava náuseas! Não que ele implorasse que lhe fossem administrados opiáceos, poupava as injeções para alturas em que precisasse mesmo, explicando a Grace a meio de uma noite passada em branco que, se estivesse sempre sedado, não conheceria todas as enfermeiras adoráveis da maneira como conhecia. Kitty dançava o *charleston* enquanto ele ria e aplaudia, Tufts fazia a dança dos sete véus com os lençóis esgaçados de Frank Campbell, e Edda tocava músicas com as tigelas de metal e as bacias, cantarolando canções sem sentido. O que quer que as enfermeiras fizessem por ele, Mikey adorava.

A sua única visita era Maria, a menina Vesper do meio, que aparecia do meio do nada como um fantasma e ficava, ansiosa, aos pés do berço de Mikey a ouvi-lo contar todas as coisas maravilhosas que as suas enfermeiras faziam por ele, desde as picadas de agulha que lhe acalmavam as dores até às sessões de canto e dança de Kitty. Maria não o visitava todos os dias, talvez um em cada cinco. O que era óbvio para todos era a devoção que Mikey sentia por Kitty. Apesar de adorar as quatro, Kitty ocupava um lugar especial no seu coração. A relação entre as duas crianças Vesper permanecia bastante privada. A enfermeira de serviço era quase sempre Kitty, que respeitava os seus laços familiares e os deixava sozinhos durante quinze minutos, quando Mikey se sentia suficientemente bem. As visitas de Maria deixavam sempre Mikey melhor.

O sargento Jim Cameron do Departamento de Polícia da Nova Gales do Sul tomou grande interesse nos Vesper, desde a negligência sofrida por Mikey às

queixas do diretor da escola de que Bill Vesper e os filhos abusavam sexualmente das meninas Vesper, e estava convencido de que o senhor Vesper roubava cordeiros. Chefe da polícia de Corunda, Cameron tinha o pressentimento que devia chamar os peritos de Sydney, mas a sua faceta obstinada tipicamente escocesa dizia-lhe para não envolver estranhos no assunto. Os Vesper eram problema *dele* e ele era capaz de o resolver.

Pauline Duncan, a enfermeira distrital, fora uma espécie de agente catalisador para o sargento Cameron, e ele conhecia-a bem. No dia da admissão de Mikey Vesper no hospital, a irmã Duncan fora chamada às primeiras horas da madrugada para ajudar após uma briga num acampamento cigano por baixo da ponte ferroviária que passava pela parte ocidental do rio Corunda. Depois de tratar as nódoas negras e de coser uma ou duas feridas de facadas, entrou no seu *Modelo T* e regressou à cidade. A velha casa onde os Vesper viviam ficava no caminho, e a dúvida persistente que por vezes sentia em relação a Bill Vesper fez com que abrandasse e parasse. Porque não?, perguntou a si mesma. Já estou aqui, porque não dar uma vista de olhos? Os rapazes Vesper não estão em casa a esta hora, talvez consiga falar com aquela pobre mulher…

A senhora Vesper encontrava-se nas traseiras da casa a ferver lençóis numa tina de cobre, e as três filhas, chegadas da escola com os olhos esmurrados, estavam a ajudá-la. Um menino pequeno coxeava por entre as suas pernas, a choramingar baixinho, e de vez em quando uma das raparigas empurrava-o para o lado. Um único olhar foi suficiente. Pauline Duncan avançou rapidamente, pegou no menino e correu para o carro. Com a criança no lugar do passageiro ao seu lado, dirigiu-se de imediato para o gabinete do doutor Faraday. Uma hora depois, Mikey Vesper encontrava-se no hospital de Corunda e o doutor Faraday despertava a desconfiança do sargento Cameron em relação à situação de Mikey em casa.

Para as enfermeiras de Mikey, avisadas para não se deixarem envolver demasiado, já era tarde demais.

— Como é que alguém é capaz de tratar uma criança pequenina de forma tão cruel? — perguntou Kitty.

— Um homem como Bill Vesper nem sequer sabe o que cruel significa — disse Grace, secando os olhos. — Se não querem filhos, não deviam tê-los.

— Hum — disse Edda. — Não existem formas de evitar que os tenham.

— Então, vou certificar-me de que caso com um homem que possa sustentar os filhos — disse Kitty com frontalidade.

— Não tentes o destino, Kits — retorquiu Edda. — Se qualquer uma de nós conseguisse prever o futuro, as videntes não ganhariam as fortunas que ganham. Vê o caso das celebridades de que a Grace está sempre a falar. Todas elas consultam videntes. No entanto, quando pensamos bem no assunto, que preocupações tem uma celebridade?

Tufts sorriu.

— Um bebé indesejado?

Com todo o amor e devoção de que Mikey foi alvo, a sua morte chegou mais lentamente. Se os seus dias não eram livres de dor, o doutor Faraday mantinha essa dor o mais suportável possível, sem induzir o coma. O que Mikey mais gostava de fazer era andar a reboque de um lado para o outro, numa parte abandonada da uma rampa, numa pequena carroça de madeira pintada de amarelo-vivo, com a sua enfermeira a fazer de pónei, a relinchar e a trotar. Apenas Grace nunca teve a alegria de ser o pónei de Mikey, mas Grace sabia que Mikey passava noites muito más e que era nessas alturas que ele precisava de conversar.

A dor e a privação de sono tinham feito com que o seu cérebro tivesse amadurecido precocemente, mas alguém que esperasse ouvir palavras de sabedoria dos seus lábios perdia a viagem. Os seus pensamentos, embora alguns anos à frente da sua idade, eram ainda os pensamentos de um menino pequeno. O que conquistava o amor de todos era a doçura do seu temperamento, e o que conquistava tanta admiração era a sua valentia.

— Ou talvez — disse Grace a Edda, durante a passagem de turno — o que faz com que Mikey seja tão adoravelmente memorável é a sua recusa em

queixar-se. E eu, de todas as pessoas, deveria saber isso! — Grace franziu o rosto. — Que tristeza, aprender esta lição com uma criança de dois anos!

Numa atitude muito sensata, Edda não respondeu.

À medida que se aproximava o mês de vida que fora dado a Mikey, a sua dor agravou-se, o que significava que as injeções de opiáceos se tornavam cada vez mais frequentes. Já não conseguia comer, sobrevivendo à base de batidos de leite com chocolate, rebuçados de açúcar ou caramelos de manteiga.

— Cansado, Kitty — disse a criança um mês depois de estar internado. — Muito cansado.

— Então, dorme, meu querido.

— Não quero dormir. Em breve, não vou acordar mais.

— Oh, Mikey, nem penses nisso! Existe sempre mais um acordar.

— Para mim, não. Sinto-me demasiado cansado.

Quando Maria o veio visitar, a irmã Moulton pediu-lhe que dissesse à mãe e ao pai que Mikey não aguentaria outras vinte e quatro horas. A menina acenou com a cabeça e foi-se embora. Naquela tarde, um Bill Vesper bêbedo e os seus três filhos, também bêbedos, chegaram ao hospital e exigiram levar Mikey para casa. A resposta de Frank Campbell foi chamar a polícia que, liderada pelo sargento Cameron, levou os quatro elementos da família Vesper para a prisão a fim de recuperarem a sobriedade. Na manhã seguinte, de ressaca, mas de *compos mentis*, nada foi dito sobre Mikey ou em relação a retirá-lo do hospital. Os Vesper entraram na sua carrinha velha e foram-se embora.

Na madrugada do mesmo dia, Mikey sofreu uma alteração repentina na coluna vertebral, onde o tumor principal se encontrava, e começou a gritar. A exausta Kitty chamou Meg Moulton, que por sua vez mandou chamar o doutor Faraday, que se encontrava em casa a dormir.

Por fim, os gritos pararam. Kitty segurava Mikey nos seus braços enquanto o doutor Faraday preparava a injeção. Os olhos da criança abriram-se e ela sorriu para Kitty, deixando escapar um suspiro como se fosse dizer algo. Kitty sorriu por sua vez e esperou para ouvir o que Mikey ia dizer, mas as palavras nunca vieram.

— Pode guardar a seringa, senhor doutor — disse ela ao doutor Faraday. — Mikey deixou esta vida.

— Obrigado. Sabe o que fazer, enfermeira — respondeu o doutor Faraday, e abandonou a ala.

Kitty deitou Mikey, dolorosamente consciente da rapidez com que o pequeno corpo arrefecia. Quando acabou de o preparar para o seu descanso final, a carne de Mikey estava fria, fria, fria…

Ninguém viu Kitty sair de mansinho e descer a rampa em direção ao seu esconderijo secreto, para onde se costumava retirar desde a chegada de Mikey. Ainda não chovia, mas o céu de inverno abatia-se sobre ela em densas nuvens cinzentas, um vento cortante soprava e as rampas encontravam-se desertas. O lugar onde se escondia era junto a um velho tronco de árvore por baixo de uma rampa elevada para deixar passar um pequeno riacho. Tentou encontrar o tronco às apalpadelas, sentou-se nele com as mãos cerradas e sentiu as lágrimas correrem-lhe pelo rosto. Mikey, Mikey! Para quê pôr-te neste mundo se o teu único propósito foi passar dois anos a sofrer com dores horríveis, dores essas que não fizeste nada para merecer? Como eu desejo que exista um céu cheio de carrocinhas amarelas e batidos de leite com chocolate!

O ataque de dor não durou muito. Quando terminou, Kitty regressou à ala das crianças para reportar à irmã Moulton que Michael Vesper falecera. O doutor Faraday não o fizera e, de alguma maneira, Kitty sabia-o.

O condado e a cidade de Corunda custearam o funeral de Mikey, ao qual nenhum membro da família Vesper compareceu. Bill Vesper fora ouvido a proclamar no seu *pub* de eleição que se o governo tinha o direito de raptar o filho de um homem, então deveria ser o governo a pagar o enterro desse mesmo filho. O reverendo Latimer celebrou a cerimónia no cemitério, à qual compareceram alguns funcionários do Hospital de Corunda. Foi angariado bastante dinheiro para garantir que, quando a terra por cima do corpo de Mikey Vesper assentasse, seria construído um monumento de homenagem de granito cinzento com letras douradas cinzeladas. Por qualquer razão, era importante que Mikey Vesper descansasse numa sepultura decente.

A história de Mikey Vesper espalhou-se por Corunda depois da morte do menino e contribuiu para o ódio generalizado em relação a Bill Vesper e aos seus rapazes. Visto que o sargento Cameron não conseguiu persuadir nenhuma das meninas Vesper a apresentar queixa de abuso sexual contra o pai e os irmãos, a situação continuou, embora, ao mesmo tempo, tenha sido relegada para segundo plano por todos em Corunda.

A violenta tempestade de inverno, que ameaçou desabar sobre Corunda ao longo de três semanas, resolveu decidir-se a aparecer e a libertar toda a sua fúria no final de junho, chegando depois de escurecer.

Tufts era a única das quatro Latimer de serviço e encontrava-se a trabalhar na ala Um dos homens, a ala mais negligenciada de todas.

Até mesmo a enfermeira-chefe fora arrastada para o conflito entre o doutor Frank Campbell e todos os membros do pessoal do Hospital de Corunda que tinham algo que ver com esta ala. Horrorizada com o facto de o sistema de aquecimento ter perdido demasiada pressão não conseguindo aquecer a ala Um dos homens, a enfermeira-chefe mandou instalar dois aquecedores a coque, vindo mais tarde a descobrir que Campbell, que fora convencido a adquirir os fogões porque o coque era mais barato, se recusara a comprar quantidade suficiente deste para tornar o negócio mais rentável. E nas noites ventosas, como esta, ambos os aquecedores a coque tinham de ser complementados com vapor, o que era possível se os aquecedores da esquerda estivessem desligados e toda a pressão do vapor fosse direcionada para os da direita.

A enfermeira-chefe chegou à ala por volta das nove e não encontrou coque nos baldes grandes, nem fogo nos aquecedores.

— Scobie — disse a Tufts, com o seu uniforme engomado a ranger —, vá até casa do doutor Campbell, acorde-o e traga-o aqui de imediato! Não fique aí especada de boa aberta… *faça o que lhe disse*!

E Tufts assim fez. Impressionante, pensou ela enquanto apressava o doutor Campbell a percorrer a rampa, até onde vai uma enfermeira expedita quando é

obrigada a *fazê-lo*!

— A enfermeira-chefe está zangada? — perguntou o diretor.

— Furiosa mesmo, senhor doutor. Oh, despache-se, *por favor*!

E, na verdade, quando Tufts e o diretor chegaram à ala Um dos homens, a enfermeira-chefe parecia estar fora de si. A goma do uniforme cedera e perdera a sua rigidez, o véu encontrava-se no chão e os dedos rechonchudos de ambas as mãos estavam fletidos como garras.

— Avarento! Miserável! Déspota! — rosnou ela, agarrando o colarinho do roupão de Frank Campbell e levantando-o do chão.

Campbell, um homem franzino que fora um déspota durante vinte e cinco anos, encontrava-se agora pendurado dos punhos da enfermeira-chefe como uma carcaça num talho, paralisado de medo. Aquele espantalho de cabelo grisalho era uma louca!

— Já o avisei antes, doutor Campbell, que não vou admitir que nenhum homem morra de pneumonia porque o senhor se recusa a aquecer as alas! Se continuar a não haver coque e se a pressão não for mantida, vou falar com o ministro da Saúde em Sydney e contar-lhe tudo o que se passa no Hospital de Corunda! Demorei quase dezoito meses a conseguir uma marcação, mas acabei por a conseguir e, quando vir o senhor ministro, vou partilhar com ele dezenas e dezenas de documentos repletos dos seus crimes contra a humanidade: homens, mulheres e crianças que estão doentes!

E havia mais. Todos os homens e enfermeiras da ala Um masculina se esqueceram por que razão estavam lá, sentados nas camas com os olhos a brilhar e o coração, senão todo o corpo, aquecido pela diatribe da enfermeira-chefe.

— Oh, foi maravilhoso! — disse Tufts às irmãs, depois de as acordar para lhes contar a novidade. — A enfermeira-chefe abanou Frank como um rato… na maior parte do tempo, os seus pés não tocaram no chão.

— A enfermeira-chefe ganhou a batalha da ala Um masculina — disse Edda —, mas a grande questão é se ela ganhou a guerra.

Talvez não, mas houve uma enorme melhoria no que dizia respeito ao aquecimento das alas e o canalizador ganhou, finalmente, o colega canalizador

que tanto desejava. A enfermeira-chefe cancelou a sua marcação com o ministro da Saúde, suficientemente sensata para saber que os homens se protegem uns aos outros. Se não fizesse mais no Hospital de Corunda do que garantir que os seus pacientes tinham aquecimento, o seu tempo lá já teria valido a pena. E fez mais uma coisa, assente na teoria de que na pior das hipóteses nada mudaria e que na melhor das hipóteses mudaria tudo. Comprou uma praga a uma velha cigana quando o acampamento regressou para debaixo da ponte ferroviária. Oh, não era uma praga de morte! Apenas uma que garantisse que Frank Campbell fazia as malas e se ia embora do hospital para outro lado qualquer. O Inferno seria o lugar ideal, mas não era preciso tanto. Bastava a cidade de Darwin ou Bullamakanka.

Os Vesper foram vistos pela última vez naquele inverno. Quando a enfermeira distrital passou pela rua dos Vesper em outubro de 1927, encontrou a velha casa degradada vazia. Bill Vesper e a família tinham ido embora, para onde, ninguém sabia. Tudo o que restava era o monumento de homenagem de granito cinzento no cemitério da Igreja de St. Mark, com a sua inscrição dourada e brilhante que assinalava o derradeiro lugar de descanso de Michael Vesper, de dois anos. Ninguém sabia a data do seu aniversário, nenhuma das crianças Vesper fora registada.

PARTE DOIS

UMA JÁ FOI, FALTAM TRÊS

Grace estava sempre metida em sarilhos. Quanto mais a sua carreira de enfermeira se prolongava, mais coisas irritantes havia para memorizar, até que, por fim, mesmo os ensinamentos mais básicos de enfermagem se tornaram demasiado difíceis de lembrar.

— Explique-me o registo de equilíbrio de fluidos, enfermeira Faulding — ordenou a enfermeira-chefe, chamada a intervir como último recurso.

— É mantido um registo de equilíbrio de fluidos do paciente para garantir que a entrada de líquidos é suficiente para compensar a saída — respondeu Grace num tom que diz a qualquer professor que o seu aluno é um papagaio.

— A que entidade diz respeito o registo de equilíbrio de fluidos?

Grace parecia confusa.

— Ao equilíbrio de fluidos, enfermeira-chefe.

— Isso até um cego conseguia perceber, Faulding. O que quero dizer é: a quem pertence o registo de equilíbrio de fluidos?

Grace parecia ainda mais confusa.

— Ao hospital, enfermeira-chefe.

— É propriedade de quem? — insistiu a enfermeira-chefe.

— Do hospital? — perguntou Grace, hesitante.

A enfermeira-chefe suspirou de impaciência.

— Dada a qualidade das suas três irmãs, Faulding, recuso-me a acreditar que seja burra como uma porta, mas é um facto que põe a minha fé à prova! O registo do equilíbrio de fluidos pertence a algo chamado paciente, e é na verdade

um registo da quantidade de fluidos que o paciente, a quem pertence o registo, ingere, bem como a quantidade de fluidos que ele ou ela produz, sobretudo sob a forma de urina, mas que também pode incluir…?

— Hum… fezes? — perguntou Grace, cheia de esperança.

— Não, se já estiverem formadas, Faulding. Fluidos são líquidos, não é verdade? O registo também deverá incluir outras medidas como vómito, sangue, expetoração e saliva, se em quantidades mensuráveis — disse a enfermeira-chefe, que não estava a gostar nada daquilo.

O que o Hospital de Corunda precisava era de uma irmã Explicadora… e urgentemente!

— Porque é necessário manter um registo do equilíbrio de fluidos?

— Ah, essa é fácil — disse Grace sem hesitar. — Hidropisia!

A goma do uniforme da enfermeira-chefe rangeu perigosamente.

— A hidropisia é parte dos sintomas indicativos de insuficiência renal inicial, Faulding, é apenas um aspeto. Ainda não me respondeu porque é necessário manter um registo de equilíbrio de fluidos, apenas me disse que pode indicar insuficiência renal. E as doenças hepáticas? Úlceras? O que tem de fazer quando o registo de equilíbrio de fluidos indica que o paciente vomita mais do que urina? Volte para a biblioteca e leia, depois escreva um relatório de cinco páginas sobre o registo de equilíbrio de fluidos, enfermeira.

A cara de Grace foi inundada por um enorme desânimo. Engoliu em seco.

— Sim, enfermeira-chefe. Peço desculpa, enfermeira-chefe.

— O seu pedido de desculpa é escusado, não faz qualquer sentido nesta discussão. — As unhas curtas, mas bem arranjadas, da enfermeira-chefe assentavam na ponta dos seus dedos como campanários no topo de uma igreja. — Não escapou à minha atenção que as suas tarefas diárias são executadas de forma desleixada. Onde anda com a cabeça, enfermeira Faulding? Não posso tolerar uma cabeça no ar, e a sua está completamente desorientada, como a cauda de uma vaca numa praga de moscas: aqui, ali, em todo o lado. Tem de parar, ouviu-me? Já agora, *gosta* de enfermagem? Ou é algo que continua a aguentar para poder ficar perto das suas irmãs?

E ali estava a pergunta, aquela que desejava há tanto tempo que lhe fosse feita, na certeza de que, quando surgisse, todas as dúvidas e problemas sairiam disparados. No entanto, era a *enfermeira-chefe* que estava a fazer a pergunta e como podia um humilde verme como ela ter coragem para contar as suas preocupações insignificantes a tão imponente figura? Grace engoliu convulsivamente, cerrou as mãos e olhou para elas com um ar determinado.

— É claro que gosto de enfermagem, enfermeira-chefe — mentiu ela. — Como disse, o que me falta é a capacidade de governar a minha mente. Ela… vagueia.

— Então, trate de encontrar essa capacidade, enfermeira. Está dispensada.

Poderia ter sido pior, pensou Grace, percorrendo apressadamente a rampa em direção a casa. Hoje começavam três dias de folga… que felicidade! Lembrou-se do relatório que a enfermeira-chefe a mandara fazer e suspirou. Não, não iria passar os seus dias de lazer a fazer um relatório! Podia fazê-lo nos dias em que estivesse de serviço, afinal, não fora dado nenhum prazo de entrega.

Com os doze primeiros meses passados, a casa das irmãs Latimer não lembrava muito uma casa rústica, visto que as quatro tinham tendências decorativas muito acentuadas, se não completamente diferentes. Pintaram paredes, penduraram quadros, «deram uns toques mais atrevidos ao exterior», como dizia Kitty, e criaram um jardim campestre. A irmã Marjorie Bainbridge, que vivia ao lado na sua casa particular, não se podia queixar que as irmãs desleixassem a sua acomodação. Viviam felizes.

Não que Grace planeasse ficar em casa naquele dia. Enquanto cantarolava baixinho, Grace desenterrou a roupa gasta de um tom vermelho-ferrugem que usava para se dedicar ao seu passatempo: observar locomotivas a vapor. As gares eram locais demasiado sujos para vestir roupa boa e, além disso, Grace não queria dar nas vistas, queria antes passar despercebida em circunstâncias tão invulgares. Desde que descobrira os comboios a vapor aos dez anos que estes a encantavam, de tal maneira que nem a troça das irmãs a desencorajava.

Grace vestiu-se, pôs o chapéu e as luvas e saiu pelo portão lateral estipulado que dava para o parque. Caminhou para oeste pela Victoria Street. Enquanto

caminhava, a sua mente debatia-se com a sua outra preocupação: o oculto, tão em voga, e descrito de forma tão sedutora nas revistas, nas quais as videntes previam catástrofes que se tornavam realidade e que, por coincidência, lançavam dicas sobre a realidade da vida das estrelas de cinema. Nem todos os seus pensamentos eram superficiais. Grace desconfiava que a adulação e a riqueza que chegara a estas pessoas jovens e lindas sem grande esforço tinham levado algumas delas a cometer excessos hedonísticos de que os seus clubes de fãs não gostavam.

Atrás da última fileira de edifícios públicos na Victoria Street encontrava-se uma vedação rematada com lanças de ferro, que circundava a estação de manobras dos comboios. Grace contorceu o corpo elegante por entre um molinete improvisado e entrou nos terrenos do caminho de ferro.

Ninguém a viu. Cada linha dupla dos carris estava oculta por filas e filas de vagões: vagonetas que transportavam carvão vindo de Wollongong, vagões cobertos de ripas de madeira que levavam os cordeiros para os matadouros de Sydney e Melbourne, vagões de bordas baixas para transportar maquinaria, carruagens de transporte de minérios, todo o tipo de locomotivas. Grace adorava os odores: ferrugem, óleo, fumo, excremento seco de cordeiro, cânhamo das sacas, metais, eucalipto, erva seca.

Os barracões das locomotivas surgiram da névoa. Grace abrandou, à procura do melhor lugar que a disposição dos vagões lhe oferecia hoje, e encontrou o pouso ideal no topo de uma carruagem de madeira. Não foi difícil trepar até lá para se sentar. Aninhou-se confortavelmente e recostou-se para desfrutar da vista em sossego.

Grace encontrava-se ali para observar as locomotivas, os enormes motores movidos a vapor que rebocavam todo o tipo de vagões para dentro e para fora da estação, por toda a rede ferroviária da Nova Gales do Sul. Hoje havia cinco locomotivas, um número habitual. Corunda era o ponto mais alto da linha do sul e, por essa razão, era acrescentada uma locomotiva extra para ajudar a puxar o frete pela colina acima ou era retirada uma depois de a subida ser ultrapassada. O outro terminal de locomotivas ficava mais perto de Sydney, a apenas oitenta

quilómetros de distância, mas era em Corunda que havia o estaleiro e os barracões de armazenamento permanente de locomotivas, uma indústria próspera.

Grace não sabia explicar por que razão ver uma locomotiva a vapor *C-36* ou *C-38* a deixava tão encantada. Simplesmente, desde o seu décimo aniversário, quando esteve ao lado de uma pela primeira vez, a visão daquelas enormes mulas de ferro, envoltas em fumo e vapor, fascinava-a. Ficava sentada durante horas a observá-las, deliciada com o poder que fazia as rodas mexer, rodas mais altas que ela, capazes de a reduzir a pó. Os rugidos, os estrondos, os assobios e a agitação deslizante dos sopros das locomotivas deixavam-na extasiada e, quando via uma a percorrer os carris a toda a velocidade, soltando pequenas explosões em *staccato* de um denso fumo preto, desejava tornar-se parte da locomotiva, sentir a sua enorme pujança interior.

Como se aperceberia muito em breve, o dia de hoje reservava-lhe uma surpresa maravilhosa. Corunda tinha uma plataforma giratória, uma roda de ferro rotativa enorme com um diâmetro maior que o comprimento de uma locomotiva *C-38* com tênder, e o seu conjunto único de carris comunicava com os carris que se encontravam de cada lado do seu círculo. As locomotivas tinham uma capacidade limitada de se virar sozinhas. Uma curva pouco acentuada ao longo de vários quilómetros podia alterar significativamente a direção da locomotiva, mas a única forma de mudar a direção sem consumir quilómetros era a plataforma giratória. A locomotiva e o tênder eram posicionados em cima da plataforma, que executava a rotação.

De repente, alguém apareceu ao seu lado. Grace virou-se ligeiramente e viu um homem de fato e, em seguida, decidiu que ele ali estava pela mesma razão que ela e acabou por o esquecer no meio de todo o entusiasmo de ver um maquinista experiente a posicionar com enorme precisão uma locomotiva gigantesca sobre a plataforma giratória.

— Eu sonhava ser aquele homem ali quando era pequeno — disse o homem sentado na ripa ao seu lado.

— Então, porque não é? — perguntou ela num tom indiferente, quando a

plataforma começou a girar.

— Não tenho conhecimentos nos sindicatos dos caminhos de ferro.

— Oh.

A conversa morreu, estavam ambos demasiado absortos nos comboios e nas suas rotações. Contudo, passado pouco tempo, o espetáculo terminou. Grace saltou da ripa antes que o homem tivesse tempo para a ajudar.

— Foi fantástico — disse ele, equilibrando-se num carril e passando as pontas dos dedos pelo rebordo do chapéu. — Obrigado pela companhia.

— Posso dizer o mesmo. Partilhar torna o momento mais excitante.

— É um passatempo pouco usual para uma jovem senhora.

— Eu sei. As minhas irmãs passam a vida a gozar comigo.

Ele riu.

— Posso pedir-lhe um favor, menina?

— *Pode* pedir — ripostou ela realçando delicadamente a palavra «pode».

Quem quer que ele fosse, não recebera uma boa educação.

— Posso ver o seu rosto?

Foi a vez de Grace rir.

— *Pode* — respondeu ela, olhando-o de frente.

— Não, quero dizer, sem esse chapéu ridículo.

Surpreendida e algo atrapalhada, Grace tirou o chapéu da cabeça e avaliou por sua vez a fisionomia do jovem: bastante apresentável, mas invulgarmente pálido, como se tivesse sido mergulhado num balde de geada, embora a sua pele fosse morena em vez de rosada e cheia de sardas. Como se, pensou a sempre fantasiosa Grace, o seu sol do norte brilhasse em céus sem nuvens e por isso exigisse aos seus antepassados que tivessem uma pele mais pigmentada. *Aprendi alguma coisa!*, disse ela para si mesma. Afinal, assimilara alguns dos ensinamentos de enfermagem.

— A menina é adorável — dizia ele. — Para onde vai? Posso acompanhá-la? Há muitos ladrões escondidos nas gares.

Nunca ninguém lhe chamara adorável, apenas «choramingas» ou «tormento». Podia não ter educação, mas tinha bom coração. Na verdade,

pensou Grace com satisfação, duvido que chamem «adorável» a Kitty ou a Edda. Não vendo qualquer maldade nele, Grace sorriu e acenou com a cabeça.

— Obrigada, senhor…?

— Björn Olsen. Mas pode tratar-me por Bear (urso). É o que toda a gente faz. Björn é a palavra sueca para urso. Qual é o seu nome?

— Grace Latimer. Sou enfermeira no hospital, onde me tratam por Faulding para evitar confusões. Somos quatro no hospital com o apelido Latimer.

Sentia os pés leves, como se o chão que pisavam fosse uma nuvem macia; satisfeita ao reparar que ele era bastante mais alto que o seu metro e setenta, Grace esqueceu por completo a realidade. Só estava ciente dos passos que dava ao lado de Bear Olsen, de querer descobrir tudo sobre ele. E o seu coração flutuava no tempo juntamente com os seus pés, apenas de forma diferente, quente e resplandecente. Que idade teria? Que faria da vida? Ele achava-a adorável e os seus luminosos olhos azuis acariciavam-na.

Quando chegaram ao molinete improvisado, caminharam para as traseiras do parque e encontraram um banco numa esquina deserta. Não se encontrava ninguém por perto numa terça-feira, parecia que o mundo inteiro lhes pertencia, como se fossem as únicas pessoas que o habitavam.

— Não se importa que nos sentemos aqui? — perguntou ela inquieta.

— Preferia levá-la a qualquer lado onde lhe pudesse oferecer uma chávena de chá e um *scone* — disse ele, dentes brancos num sorriso que revelava um incisivo lascado. Tão encantador! — O hospital não tem cafetaria?

Grace olhou para ele horrorizada, apavorada.

— Não! Oh, não! Não posso levá-lo comigo para o hospital, é contra as regras. Estaria metida em grandes sarilhos, e parece que isso está constantemente a acontecer-me. Estou a estudar para me tornar enfermeira e as regras são rígidas como ferro. Ferro!

Ligeiramente sem fôlego, ele olhou para ela. O pobre coitado!

— Parece mais uma prisão do que um emprego — disse ele.

— É complicado — respondeu ela desanimada.

— Estaria metida em sarilhos se fosse ter comigo ao Parthenon ou ao

Olympus? — perguntou ele.

— Oh não, nada disso — disse ela, aliviada. — Desde que não façamos nada que vá contra a lei, a enfermeira-chefe não se importa com o que fazemos quando estamos sem o uniforme e fora dos terrenos do hospital.

— Um convento, não uma prisão — disse Bear.

Grace soltou uma gargalhada.

— Em parte sim, mas sem as orações.

— A Grace é católica?

— Não, o meu pai é pastor da Igreja Anglicana de St. Mark, protestante convicto, anglicano.

Ele parecia confuso.

— A sério? — perguntou ele de forma vaga.

Apenas o avançar das sombras fez com que Grace regressasse ao mundo real. Depois de concordar almoçar com Bear no dia seguinte no café Parthenon, Grace foi-se embora apressada, com o chapéu ainda na mão enluvada e o coração aos pulos.

Bear Olsen! Grace tinha consciência de que ele estava bastante abaixo do seu nível, mas não queria saber disso para nada. Bear dissera-lhe que era o tipo de homem famoso por ter várias namoradas e, no pior dos casos, várias esposas ao mesmo tempo. Sim, Bear era um indivíduo um pouco duvidoso, um caixeiro-viajante! Era difícil ser-se fiel quando o trabalho envolvia viajar de um lado para o outro num circuito muito grande que se repetia vezes sem conta, mas de forma muito lenta. Os caixeiros-viajantes eram bem-falantes e sempre sedutores para as mulheres, chegavam a ser conhecidos por conseguirem vender chamas no Inferno. O papá ficaria furioso se ficasse a saber de Bear, mas Grace não tencionava contar-lhe e muito menos à sua madrasta. Podia confiar nas irmãs, nunca contariam a ninguém, independentemente do que pensassem sobre o assunto. Para começar, Edda nunca consideraria Bear suficientemente bom. No entanto, nada disso importava… Grace sabia qual era o seu destino. Numa tarde apenas apaixonara-se por Bear Olsen e ia casar-se com ele. Oh, não era para já, nem seria sem a oposição dos seus pais. Mas ia casar-se com ele!

Bear era um homem da Perkins, o que tinha de contar para *alguma coisa*. Não era um Bear Olsen preguiçoso, com cabelo escorrido e colado à cabeça, e um bigode com a forma de uma escova de dentes, que vendia uma dúzia de *collants* de seda à mulher de um agricultor do interior! A Perkins produzia e vendia bálsamos, tónicos, linimentos, pomadas, loções, emolientes, laxantes, antissépticos, elixires, eméticos, pequenos comprimidos azuis para o fígado e pequenos comprimidos cor de malva para os rins, sabonetes e uma bebida salgada gaseificada que poderia ter um de dois efeitos: fazer o paciente vomitar tudo ou acalmar o estômago. Toda a gente comprava artigos do homem da Perkins. O linimento de cavalo e a pomada da Perkins eram muito eficazes e todas as casas tinham uma lata de pó salino da Perkins. As crianças gostavam do sabor do laxante da Perkins e era um produto *muito* popular, tendo em conta que a alternativa era o óleo de rícino. As avozinhas punham as mãos no fogo pelos comprimidinhos cor de malva e os avozinhos pelos azuis, enquanto toda a gente garantia o efeito maravilhoso do tónico, cheio de álcool e creosoto. Depois de trabalhar tanto tempo como enfermeira, até Grace sabia que só se chamava o médico em último recurso. Quando as pessoas se sentiam doentes, automedicavam-se, habitualmente com algo com o rótulo da Perkins. Era mais barato que o médico e quase sempre tão eficaz.

Bear contara a Grace que vinha dos subúrbios do lado ocidental de Sydney, de um local chamado Clyde, onde ficavam situados os estaleiros dos caminhos de ferro. Passara a sua infância a ouvir os sopros, os apitos e os uivos das locomotivas a vapor, mas o seu pai, um bêbedo incorrigível, nunca cortejou os sindicatos dos caminhos de ferro e, assim, a sua tribo de filhos tornou-se um bando de trabalhadores não qualificados, longe dos caminhos de ferro. Bear, o mais novo, estava determinado a sair de Sydney e respondeu a um anúncio do jornal para trabalhar como caixeiro-viajante para a Perkins.

O subgerente que o entrevistou era tão implacável quanto experiente e o que ele viu em Bear, presumiu Grace enquanto este contava a história, despertou-lhe o interesse, apesar das suas limitações académicas. Bear tinha um ar honesto, a sua aparência não assustava uma mulher sozinha em casa e arvorava uma certa

autoconfiança, era generoso, sendo capaz de se oferecer a uma senhora para cortar lenha para o fogão. O que mais encantou aquele subgerente foi a aptidão de Bear com os carros, aliada a um jeito natural para os arranjar. O resultado? Bear ficou com o emprego.

Segundo o que Bear disse, nunca olhou para trás. Em primeiro lugar, porque descobriu que adorava vender. E também não estragou a oportunidade gastando mais do que o que a empresa lhe dava para despesas. Aos poucos, foi subindo na carreira, conseguindo circuitos cada vez melhores, foi-lhe dado o primeiro carro da empresa e um aumento do dinheiro para despesas, bem como vários aumentos de ordenado. Após cinco anos, encontrava-se no topo da carreira enquanto homem da Perkins na Nova Gales do Sul, e nos quatro anos que se seguiram continuou a ser o melhor vendedor de toda a Austrália e Nova Zelândia. Aos trinta, disse a Grace alegremente, estava bem na vida: tinha uma carreira segura e dinheiro no banco.

Era óbvio que ele se sentia atraído por ela, sobretudo porque os dois partilhavam aquela estranha obsessão por comboios a vapor. Ele também lhe fizera perguntas sobre a sua vida e ficara encantado ao perceber que Grace era de uma classe social superior à dele, o que significava que ela seria a esposa perfeita, que os seus filhos seriam educados como senhoras e cavalheiros e que as suas aspirações relativamente à educação escolar deles seriam elevadas. Restava agora saber como iria convencer a família de Grace a acreditar que ele era o marido certo, o *único* marido para ela?

Bear não perdeu tempo a discutir tudo com Grace assim que se sentaram numa mesa ao fundo do Parthenon. Ela pediu sanduíches de ovo com caril e ele, um bife com batatas fritas, tomate e cogumelos selvagens. Que maravilha! Ninguém reparou neles! Con Decopoulos, o proprietário, estava a servir os almoços e não havia nenhuma empregada de mesa metediça por ali.

— Eu sei que não estou à tua altura, Grace — disse Bear com seriedade, enquanto bebia chá e comia um gelado —, mas vou casar contigo. Não existe

mais nenhuma mulher para mim, soube-o no momento em que soltaste aquele guincho junto à locomotiva *C-38*, que puxa o *Espírito do Progresso*. Depois vi o teu rosto: adorável! Tem de dar em casamento, e não aceito um não como resposta. — Ele segurou-lhe a mão. — Quanto mais cedo, melhor, minha querida. Amo-te.

Os olhos de Grace ficaram mais escuros com as novas e estranhas emoções que sentiu naquele momento, e olhou fixamente para o rosto de Bear, pálido como gelo, sem conseguir acreditar no que ele lhe dizia. Casamento?

Contudo, ele não tinha terminado. Enquanto falava com ela, acariciava a palma da sua mão com o polegar.

— Eu consigo vender qualquer coisa, minha querida. Nunca vou ficar sem emprego. Adoro vender os produtos da Perkins, porque são muito bons e posso ser honesto. Vender de forma honesta é tão importante para mim como a minha própria vida. Tenho duas mil libras no banco, o que é suficiente para comprar uma boa casa em Corunda e ainda sobrar dinheiro. Oh, não será tão requintada como o tipo de casa a que estás habituada e não poderíamos ter mais do que uma empregada de limpeza, mas eu vou subir na empresa, Grace, vou sim! Um dia, vais viver com todo o luxo.

Grace retribuiu a sua carícia com dedos trémulos.

— Oh, Bear! Como se algum tempo passado na tua companhia fosse difícil! Também o devo ter sabido, porque desde que te conheci ontem que não consigo pensar em mais nada e em mais ninguém, só em ti.

O rosto dele, decidiu Grace naquele momento, mergulhando na intensa paixão dos seus olhos, era vigorosamente belo. Ontem achei a cor do seu cabelo quase branco pouco atraente, demasiado estranha, mas hoje faz parte de mim, para sempre. As suas sobrancelhas pareciam congeladas, as suas pestanas brilhavam como cristal… de onde vinha aquela pele morena? E nunca vi olhos tão azuis, tão cativantes… O nariz dele é como o meu e o da Edda. Vamos ter filhos com características tão bonitas e vão ser altos. Oh, gémeos não, *por favor*! Apenas um casal, um menino e depois uma menina…

— Casas comigo? — insistiu Bear.

— Sim, meu querido Bear, claro que sim — disse Grace.

Com o rosto iluminado, Bear encheu-se de orgulho.

— Vamos voltar para o nosso banco no parque, mulher! Quero beijar-te.

Bear apressou-a, embora Grace não tenha dado conta do passo acelerado a que iam, com a cabeça a rodopiar e o coração a cantar. Pela primeira vez na sua vida, sentia-se idilicamente feliz e temeu que tudo terminasse. Bear amava-a, Bear queria casar com ela! A alegria era tão grande que chegava a doer, e o futuro apresentava-se à sua frente como um enorme nascer do sol róseo, demasiado glorioso para ser assimilado. Nunca mais vou estar sozinha: sou amada e amo! O que mais se pode querer da vida?

Não havia ninguém por perto. Afundaram-se no banco de madeira, virados um para o outro. Bear segurou a cabeça de Grace entre os dedos trémulos, olhando intensamente para os seus olhos sorridentes e incertos.

Em seguida, aproximou o seu rosto de tal maneira que Grace deixou de o conseguir ver. Grace fechou os olhos e esperou pelo toque dos seus lábios: frescos, macios, leves como uma pena. Depois do primeiro impacto, Grace moveu os lábios e começou a saborear as incríveis sensações de um beijo dado por alguém que amava e era amado. Foi como se nunca tivesse sido beijada por ninguém, era tão diferente, tão recíproco. Bear não abriu a sua boca antes de ela estar pronta, nem usou qualquer uma das técnicas que os outros rapazes pareciam convencidos de que as raparigas gostavam. O beijo tornou-se mais intenso e apaixonado com o empenho de Grace e o toque das suas mãos sobre os seus seios, apesar de cobertos pela roupa, foi eletrizante.

— Não vamos mais longe até te colocar a aliança de casamento no dedo — disse ele, afastando-a passados alguns minutos. — Nada é bom demais para ti, Grace, e não te vou desonrar.

Por uma invulgar coincidência, as suas três irmãs encontravam-se na sala comum quando Grace chegou. Ninguém estava a trabalhar no turno da tarde. Edda olhou para cima e ficou tensa.

— O vento apanhou-te outra vez, Grace — disse Edda.

Era uma velha expressão que tinham apanhado de uma das suas primeiras amas. Não conseguiam traduzi-la à letra, mas usavam-na sempre que uma delas se encontrava num estado de pura confusão, da mesma maneira que os animais ficam quando o vento sopra os odores dos seus inimigos sobre eles, todos ao mesmo tempo.

Grace desembuchou a sua novidade.

— Vou-me casar!

Até Tufts tirou os olhos do livro. Edda e Kitty ficaram boquiabertas, perplexas.

— Que disparate! — disse Tufts.

— Não, não, é verdade!

— Quem é o felizardo? — perguntou Edda em tom de brincadeira.

— Chama-se Bear Olsen e conheci-o ontem quando observava a plataforma giratória das locomotivas — respondeu Grace, e a sua exaltação começou a esmorecer sem que soubesse bem porquê.

— *Ontem?* — perguntou Kitty com uma terrível ênfase.

— Sim, ontem! Foi amor à primeira vista — disse Grace.

As outras três suspiraram.

— Grace, Grace, as coisas não acontecem assim! — exclamou Edda.

— Quando ele é o tal, sim, acontecem — insistiu Grace. — Ele é o tal, Edda, e eu vou casar com ele assim que puder!

— E que tal acabares o teu curso de enfermagem? — perguntou Tufts. — Assim, tens alguma garantia se as coisas não correrem bem, Grace.

— Eu *odeio* enfermagem! Só me quero casar com o Bear!

— A mamã nunca te vai deixar casar com alguém que ela não aprove — disse Kitty —, e pelo teu comportamento dá para *perceber* que esse tipo não é adequado para ti.

— Tenho vinte e um anos — disse Grace com um ar desafiador —, quem é que me pode impedir de casar com quem eu quiser?

— Não tens a coragem necessária — disse Edda friamente.

— Desta vez, vou ter! — declarou Grace, decidida. — Encontrei a minha *alma gémea*, Edda! Partilhamos o mesmo entusiasmo e ideais, já embarcámos juntos nesta viagem do destino! Digo-te com toda a sinceridade que *vou* casar com Bear Olsen, independentemente de quem se oponha!

— Como é que ele se chama? — perguntou Tufts.

— Björn Olsen. A família dele é sueca. Björn significa urso e é por isso que toda a gente o trata por Bear. Ele é um homem da Perkins, o melhor vendedor da empresa, e, apesar de não termos o mesmo estatuto social, ele é bem-sucedido. — Grace levantou o queixo e afirmou decidida: — Eu *vou* casar com ele!

— Não antes de dares às tuas irmãs a oportunidade de o inspecionarem — disse Kitty num tom afetuoso. — Vá, Grace, dá-nos uma oportunidade de conhecer esse Bear Olsen, por favor! Compreendo que aches que a mamã não o vai aprovar, mas talvez estejas a julgar o pai de forma demasiado precipitada. Ele não é um snobe, Grace, e, se gostar do teu homem, será um aliado valioso. Tens de trazer cá o Bear amanhã à tarde para tomar um chá connosco, quando nenhuma de nós está de serviço no segundo turno.

— Não o podemos convidar para vir cá! — disse Tufts, aturdida.

— Ah, não podemos? — perguntou Edda, levantando-se. — Vou falar com a enfermeira-chefe.

— Edda, não! — gritou Grace.

No entanto, era demasiado tarde: Edda já saíra e, com alguma sorte, encontrara a enfermeira-chefe com tempo para a receber.

— Sim, Latimer?

— Pode dar-me a sua permissão para convidar um jovem para lanchar na sala comum da nossa casa amanhã? Vamos estar as quatro presentes para o receber.

Não houve nenhuma explosão de raiva em resposta a este pedido; em vez disso, a enfermeira-chefe, sem qualquer expressão no rosto, indicou à sua suplicante uma cadeira vazia para se sentar.

— É melhor sentar-se, Latimer, e explicar-me este pedido verdadeiramente extraordinário.

— É por causa da minha irmã Faulding, enfermeira-chefe.

— Já se apercebeu de que ela não gosta de enfermagem?

Edda suspirou e encolheu os ombros.

— Sim, senhora.

— Está metida em problemas outra vez?

— Ainda não, mas temo que, se não a protegermos, ela vá arranjar um sarilho muito grave. E, quando digo proteger, quero dizer que as irmãs têm de se unir à sua volta para a ajudar a resolver um dilema — disse Edda, esforçando-se por ser o mais vaga possível. — A nossa madrasta tem ideias muito fixas, o que é obviamente louvável, e a situação que se desenrolou implica que nós, as irmãs, tenhamos de descobrir mais sobre o assunto antes de a nossa madrasta ser informada.

Edda estendeu as mãos, como que a implorar.

— Grace conheceu um jovem com quem quer casar, mas infelizmente ele não é de Corunda. Na verdade, é um itinerante, um caixeiro-viajante. Um homem da Perkins, respeitável, mas temos de conhecer este jovem e de descobrir mais sobre ele. Um chá na nossa casa, à tarde, seria o ideal.

— Permissão concedida — disse a enfermeira-chefe, antecipando uma resposta às suas dificuldades com Grace. — Vou informar a irmã Bainbridge.

— Que jovem extremamente sensível que a Latimer é! — disse a enfermeira-chefe à irmã Bainbridge durante o jantar em sua casa. — Veio falar comigo, que é precisamente o que ela deveria ter feito. É fundamental que as enfermeiras tenham medo de nós, mas é tão refrescante que algumas vejam por baixo disso tudo. E é também uma jovem muito inteligente. Não saiu dos seus lábios uma única crítica a Maude Latimer, contudo, consegui perceber perfeitamente a situação. É óbvio que o jovem não tem estatuto social aos olhos de Maude. Devemos fazer o que pudermos para ajudar, Marjorie, mesmo que tenhamos de pedir a ajuda do diretor. O nosso cozinheiro pode preparar *scones*, compota e natas?

Duas horas passadas na companhia de Bear Olsen apaziguaram as irmãs em

relação a esta mudança repentina na vida e no bem-estar futuro de Grace. Que ele a amava, era óbvio, e também não era um simples caixeiro-viajante preguiçoso, o que era igualmente importante. Era um autêntico homem da Perkins, o melhor nos antípodas, com uma carreira promissora, duas mil libras no banco e amigos em cargos de gestão importantes. Não bebia e seria um bom marido para Grace; as suas três irmãs terminaram a entrevista convencidas disso.

— Vou continuar neste circuito pelo menos mais uns cinco anos — explicou ele, tendo devorado os *scones* com compota e natas do cozinheiro das irmãs, um sinal da generosidade e aprovação da enfermeira-chefe que espantara os seus destinatários. Talvez se encontrasse um ser humano por baixo daquele icebergue. Um pensamento chocante e muito estranho. — Por essa razão — continuou Bear —, ainda não queria desenraizar Grace de Corunda e da sua família. Encontrei uma casa decente em Trelawney Way, o que significa que tem água canalizada e esgotos. Consigo ficar com ela por mil e cem libras, em dinheiro.

— Nada mau por uma casa com água e esgotos — disse Edda.

— Uma construção muito boa, Edda, honestamente! O telhado está revestido com alcatrão, as paredes interiores têm reboco e a sanita está numa divisão separada da banheira. O chão é todo de madeira e as janelas estão devidamente isoladas, pode-se até instalar facilmente rede para não deixar entrar moscas e mosquitos em casa.

— Isso é tudo muito bom — admitiu Edda. — E a mobília? Quantos quartos tem a casa?

— Três, e ainda me sobra dinheiro da compra da casa para Grace escolher a mobília de que mais goste — disse Bear, desconfortavelmente consciente de que tinha de se sair bem neste encontro se queria casar com a sua adorada Grace.

Grace ouvia a conversa, ansiosa, mas não disse uma única palavra, por puro terror, desconfiava ele. Bear reparara que as irmãs de Grace tinham tendência para a intimidar.

— Trelawney Way fica no itinerário do homem do gelo, outra coisa boa. Grace pode ter uma caixa de gelo. Isso é muito importante para os miúdos.

Miúdos? Três pares de olhos pousaram nele.

— Espero que tencionem limitar o tamanho da vossa família ao número de crianças a que puderem proporcionar uma boa educação — disse Tufts num tom severo.

— Acreditem em mim, os meus filhos serão bem-educados — prometeu Bear.

Grace acompanhou-o até aos limites da propriedade do hospital, deixando as outras três a discutir a situação.

— A mamã nunca vai abençoar esta união — disse Kitty desolada.

— Que disparate! — contestou rapidamente Edda — Só temos de lidar com Maude da maneira certa. O que significa que vamos ter de falar com o papá. É a questão do estatuto social que vai incomodar Maude, por isso temos de argumentar muito bem que um homem da Perkins não tem nada que ver com os vendedores duvidosos de remédios malucos e roupa interior feminina vulgar. Por outras palavras, asseguramos o apoio do papá para retirar Bear da categoria malvista de caixeiros-viajantes. Ao menos, ele não é assustador! Tem um ar muito respeitável, conduz um *Modelo T* novo e o nosso gestor bancário não poderá fazer troça dele. Na minha opinião, acho que a Grace escolheu muito bem.

— Concordo — disse Kitty —, e é o que vou dizer à mamã.

— Eu também — concordou Tufts. — Bear é o homem ideal para Grace. Eles até se conheceram numa gare enquanto admiravam locomotivas. Não é estranho? — Tufts riu-se. — Os bebés deles vão alimentar-se de carvão em vez de leite e apitar em vez de chorar.

— E qual é o problema? — quis saber Grace ao entrar na sala.

— Nada, minha querida, nada — disse Kitty. — Como vamos conseguir sacar um casamento à mamã?

— Eu não quero um casamento — disparou Grace secamente. — Não quer dizer que não vá usar um vestido branco e levar um ramo de flores, mas não quero confusões, como copo-d’água e discursos. Bear não tem família ou amigos próximos suficientes para encher um lado da igreja e não o vou fazer passar por essa vergonha. Assim, quero que o papá nos case com discrição, depois vou

acompanhar Bear no seu próximo circuito, em vez de irmos de lua de mel.

Grace estava a transbordar de entusiasmo, nem mesmo a perspetiva da sombra de Maude Latimer tinha o poder de afetar a sua felicidade.

As quatro decidiram que seria Edda a mencionar o assunto do casamento de Grace ao reverendo Thomas Latimer e à sua esposa, e que o faria no início das suas próximas folgas.

Se Maude e o pastor ficaram surpreendidos por verem a sua filha mais velha, não o deram a entender e convidaram-na para almoçar.

— Não compreendo qual é o encanto da enfermagem — disse Maude, cujo sentido de autopreservação lhe dizia que Edda se tornara imune aos seus comentários e observações sarcásticas de outrora. Uma jovem confiante com uma indubitável consciência do seu próprio valor. Maude sentiu-se insignificante ao perceber que as raparigas, ao irem estudar enfermagem, a tinham superado em carácter, resolução e admirabilidade. Tudo sensações de que Maude não gostava.

— A enfermagem dota aqueles que realmente gostam do que fazem com um verdadeiro propósito — disse Edda, apreciando a comida do presbitério comparada com a do refeitório das enfermeiras. — Como é que a cozinheira consegue fazer uma *shepherd's pie* tão deliciosa, madrasta? Os cozinheiros do hospital não a sabem fazer.

— Não faço ideia — retorquiu Maude com altivez. — A mim só me compete colocá-la na ementa todas as semanas.

— Isso é o que a irmã que governa a cozinha faz, mas os resultados são bem diferentes. — Os invulgares olhos de Edda procuraram os do seu pai e fitaram-no. — No entanto, Grace não gosta de enfermagem.

Maude suspirou.

— Hum! Porque será que isso não me espanta? A tua irmã gémea, Edda, é um caso perdido.

Edda riu.

— Esse comentário não me afetou, se era esse o seu objetivo. Contudo, indica que não se vai importar muito se Grace desistir da enfermagem para se casar com outro caso perdido.

Maude ficou tensa.

— O que queres dizer com isso?

— A senhora ouviu-me. Grace está prestes a casar com um homem da Perkins, um jovem simpático e muito apaixonado por ela. Foram feitos um para o outro, papá.

— A Grace não vai fazer tal coisa! — Maude virou-se para o pastor, que até àquela altura não fizera nenhum comentário sobre o comportamento de Grace nem deixara os seus pensamentos transparecerem. — Tom, não podes ficar calado! A Grace *não* vai casar com um caso perdido!

— Já tinha percebido isso com o que Edda nos explicou — disse o pastor calmamente, limpando os lábios com um guardanapo. — És demasiado dura com as pessoas, sobretudo com aquelas que estão mais próximas de ti e de quem gostas mais, Maude, e confesso que isso me assusta. Tenho a certeza de que um homem da Perkins não é um caso perdido, a tua despensa está cheia de produtos da Perkins, incluindo aquele creme de rosto que te deixou tão entusiasmada. — Thomas sorriu para Edda, um sorriso rasgado. — E tu, claro, és o soldado batedor, Edda?

— Sim, papá. O noivo de Grace chama-se Björn Olsen, mas todos o tratam por Bear. Dinheiro no banco, melhor vendedor da Perkins e completamente apaixonado pela Grace. Quer conhecer-vos assim que possível, pois não querem um noivado longo.

— Ela está grávida! — gritou Maude, rangendo os dentes.

— Não, não está! Que mente perversa que a senhora tem, madrasta!

O reverendo pousou o garfo e a faca em cima do prato, fazendo bastante barulho. Os seus doces olhos cinzentos brilharam.

— Para com isso, Maude! Se não consegues dizer nada de agradável, fica calada! Porque tens de ser tão maldizente?

Fascinada, Edda desviou os olhos do pai para a madrasta, e de volta para o

pai. A brusquidão na voz do seu papá era novidade para ela… será que viver sozinho com Maude era um tormento assim tão grande?

— Vou receber o meu potencial genro amanhã ao meio-dia — disse o pastor a Edda —, e a Grace pode aparecer no presbitério ao meio-dia e meia. Maude, quero um almoço especial.

— Ela não está grávida, papá, mas sei que num futuro muito próximo vão existir netos para abraçar — disse Edda, com os olhos a dançar de um lado para o outro. — Estou feliz por ela porque o Bear nunca a vai desiludir e vai sempre cuidar dela.

Quase incapaz de acreditar que o pastor a tivesse repreendido (ainda por cima, em frente de Edda!), Maude Latimer passou o resto do almoço em silêncio, convencida de uma coisa: Grace iria pagar por isto. Na verdade, todos iriam pagar.

A enfermeira Grace Faulding-Latimer aguentou quinze meses como estagiária de nova geração e desistiu para se casar.

Foi um casamento pequeno, com apenas três convidados da parte do noivo, todos homens da Perkins, e a família e os amigos mais próximos da noiva. Casaram no início de julho de 1927, a meio do inverno, e o feliz casal teve uma lua de mel pouco convencional, mas muito educativa. Grace acompanhou Bear no seu circuito de vendas da Perkins pelo sudoeste da Nova Gales do Sul. Quando o circuito terminou, Grace não invejava muito a sina de Bear. Encantada com a ideia de ter casa própria, mudou-se para a casa que Bear comprou em Trelawney. Apesar de apenas Bear saber, Grace estava grávida.

Edda não fazia ideia do quanto lhe ia custar estar separada da irmã, visto que nunca tinham estado afastadas nos seus vinte e dois anos de vida. Pondo de parte as suas semelhanças físicas, Edda e Grace eram muito diferentes do ponto de vista temperamental e mental e não possuíam quaisquer características em comum das que geralmente são atribuídas aos gémeos idênticos. Muitas foram as vezes, pensava Edda agora, em que amaldiçoara Grace por andar sempre atrás dela, por não ser mais divertida, mais alegre e melhor companheira de equipa, pelo menos para uma menina ativa e mandona como Edda era. Não, Edda era sempre obrigada a assumir a liderança, e Grace compelida a segui-la. E agora que Grace já não estava por perto, Edda deu por si a sentir-se completamente destroçada.

— Quem me dera nunca ter pensado em Grace como um tumor maligno e inoperável — disse ela a Tufts, com quem se dava melhor do que com Kitty —, mas não posso negar que ser gémea de Grace fazia-me sentir que tinha um tumor. Agora, Hímen, deusa do casamento, separou-me deste tumor como um cirurgião implacável.

— Bem, minha querida, estás à deriva — disse Tufts com ternura. — Vai demorar algum tempo até te habituares a estar sem a Grace.

— Não percebes! — gritou Edda. — Sempre pensei que ia ficar felicíssima da vida por perder Grace.

— Sim, da mesma maneira que eu me vou sentir quando perder a Kitty, mas o meu senso comum diz-me que vou sofrer muito com a sua ausência. Tal como

eu, Edda, também tu tens senso comum. Como poderia não ser uma mágoa colossal perder a nossa outra metade?

Edda suspirou de alívio.

— Como, de facto?

— Pelo menos eu e a Kitty compreendemos, não te esqueças disso.

Edda tentava lembrar-se disso, mas testemunhar a cumplicidade que as unia todos os dias só a fazia sentir a sua perda ainda mais. Não é que não existissem vantagens. A mais importante para Edda fora o surto de independência repentina do seu pai em relação a Maude, tão evidente que muita gente começou a reparar nisso com algum espanto. Não que tratasse a sua segunda esposa com menos respeito, mas a sua condescendência cega desaparecera. Demasiado superficial para refletir sobre o seu comportamento, Maude culpava o murchar da sua beleza pela nova atitude do reverendo e apressou-se a passar os três meses seguintes num sanatório nas Montanhas Azuis para fazer uma dieta, exercício e desabafar com pessoas conhecidas como «alienistas». Não poderia ter tomado uma pior decisão, pois acabou por estar ausente da vida do reverendo numa altura em que o primeiro casamento de uma das suas filhas o fez pensar que estava a ficar velho. A vida sem Maude, descobriu ele, era muito agradável: podia comer o que queria ao pequeno-almoço, escolher os hinos para o coro cantar, escrever os seus próprios sermões e visitar os membros mais carenciados da sua paróquia, e consequentemente os menos importantes para Maude, as vezes que quisesse. Quando Maude regressou do seu tratamento de saúde, o pastor recusou-se a abdicar destes hábitos. Parecia que os seus ouvidos tinham deixado de ouvir.

— É o que a madrasta merece — disse Edda alegremente a Jack Thurlow quando se encontraram no trilho equestre e desmontaram dos seus cavalos para «terem uma conversa como deve ser», como Jack dizia.

Não se encontravam muitas vezes. O curso de enfermagem não lhe deixava muito tempo livre, o que era bem diferente da altura em que as quatro irmãs tinham pouco que fazer para além de algumas tarefas domésticas para Maude. A enfermagem implicava uma tamanha exaustão física que fazia com que ir ao

cinema ou, no caso da Edda, montar a cavalo fosse um esforço demasiado grande.

Edda ficou bastante divertida ao descobrir que Jack Thurlow não gostava da sua despromoção a, como ele costumava dizer, «algo prático que se guarda no armário e só se tira de lá quando apetece. Não sei porque é que imponho a minha presença».

O divertimento interior transformou-se em gargalhadas ruidosas. Edda não conseguia parar de rir.

— Oh, Jack, cresce! Tens mais onze anos que eu, mas comportas-te como um menino pequeno a quem a irmã mais velha roubou o brinquedo preferido. Eu agora trabalho para viver, e «trabalho» é mesmo o termo certo. Nada me dá mais prazer do que andar a cavalo contigo, mas não costumo ter tempo ou energia. Percebes?

— Quando começaste a estudar enfermagem, tinhas a ideia fixa de que os passeios a cavalo te ajudariam a lidar com a pressão, mas a verdade é que estás a exercer há imenso tempo e cada vez passeamos menos. O teu pai usa a *Fatima* para puxar a charrete de Maude, só para que a pobre criatura faça algum exercício.

Edda ficou boquiaberta, mas acenou com a cabeça em concordância.

— O papá tem razão, eu sei que não aprovas que os cavalos de montar estejam presos com arnês, e eu lamento. — O seu rosto arvorou a sua expressão mais sedutora. — O problema é que eu adoro montá-la sempre que posso e, se ela voltar para ti, deixo de ter essa oportunidade. É assim tão prejudicial para a *Fatima* puxar a Maude numa charrete levezinha? Eu sei por que razão me deste a *Fatima*, ela é uma égua burra, mas, ao mesmo tempo, muito calma. Maude até a treinou para puxar as aparas de relva e arbustos para o contentor do adubo.

Jack esboçou um sorriso forçado, que aos poucos se abriu.

— É pena que sejas mulher, Edda. Tens um político de qualidade dentro de ti.

— Então, só me resta casar com um político de qualidade — disse ela, sem dar grande importância ao comentário.

— Vem até minha casa, vamos beber um chá e comer um *scone* — disse ele, tentando convencê-la. — Sempre é mais confortável que as margens do rio.

Edda levantou-se de um pulo.

— E muito menos público — disse ela, montando *Fatima*, que era uma égua perfeita para todas as ocasiões, embora relutante em acatar ordens em todas elas. A sua burrice contribuía para que assim fosse.

— Alguma novidade sobre o herdeiro de Burdum? — perguntou ela, enquanto comia *scones* de queijo com manteiga acabados de sair do forno. Jack era fantástico a fazer *scones*!

— O *pommy*? O velho Tom não fala muito, mas acho que o novo herdeiro não tenciona vir à Austrália tão cedo. Tem muitos negócios em Inglaterra, sobretudo em Londres.

— Porque chamamos *pommies* aos ingleses?

— Nunca conheci ninguém que me soubesse dizer — disse Jack, encolhendo os ombros. — O novo herdeiro nem vai saber que é um *pommy* até chegar cá. O velho Tom diz que ele é médico.

— Maude disse isso, mas confesso que nenhuma de nós lhe ligou. — Edda fez uma careta. — Segundo ela, o herdeiro também é um magnata.

— Impossível. São dois opostos: altruísta *e* explorador. É como ser um santo e um demónio ao mesmo tempo — disse Jack.

— Oh, conheço dezenas de pessoas assim. — Edda sorriu. — É só procurar os indivíduos com os joelhos das calças puídos de tanto rezar: terríveis vilões!

— É por isso que gosto de ti. Consegues ver o que está escondido.

— A minha profissão ajuda. Não se consegue aprender muito sobre a natureza humana a observar cordeiros, Jack, mas com as pessoas doentes sim.

— Talvez tenha sido essa a razão que levou o herdeiro Burdum a tornar-se médico. O dinheiro também não nos ensina a perceber como funciona o ser humano. — Jack pegou na chávena e no prato de Edda. — Vamos, vou levar-te ao hospital.

Com o coração a cantar como não acontecia desde que perdera Grace, Edda regressou ao hospital na velha carrinha de Jack. Porque foi um choque tão

grande aperceber-me de que Jack Thurlow é o homem certo para mim? Sempre me senti atraída por ele e a intimidade da nossa relação é indicativa do que sinto. No entanto, foram aquelas duas horas de conversa banal na sua cozinha, enquanto bebíamos chá e comíamos *scones*, que me fizeram perceber: *uma parte de mim ama-o*! Como é que isso aconteceu? Porque é que aconteceu? Não me quero casar com ele e rezo para que ele também não queira casar comigo, mas a ligação existe e é forte, muito forte.

Eu quero viajar, quero libertar-me de Corunda assim que terminar enfermagem, mas Jack mostra-me como seria maravilhoso viajar na companhia de alguém especial. Alguém que estivesse lá para nos proteger nos nossos momentos de fraqueza e, ao mesmo tempo, nos desse espaço suficiente para nos sentirmos livres. Amo Jack o suficiente, mas será que ele sente o mesmo por mim? E isso, eu não sei. Ainda não me deu sinais de que me ama. Por isso continuo a conter-me, e ele continua a conter-se. Confiança? Oh, confiança! Não existe.

Kitty reparou na felicidade de Edda quando ela entrou.

— Estás a começar a superar a perda de Grace, Edda.

— Sim, estou — respondeu Edda, tirando as botas e as calças de montar. Esteve quase a falar de Jack, mas não o fez… era melhor não dizer nada. — Ouviste a Maude a tagarelar sobre o herdeiro de Burdum? — perguntou antes.

— Só a ouvi dizer que era médico. Onde será que ele exerce?

— Não faço a mínima ideia — respondeu Edda. — Só sei que ele é herdeiro de Burdum e que ultrapassa Jack Thurlow na linha de sucessão.

Tufts entrou de repente na sala comum.

— Edda, a escala de serviços foi alterada. Tens os teus dias de folga, mas depois voltas para a sala de operações. — O seu lindo rosto contraiu-se. — Sorte a tua! Estava à espera de ser a primeira a ir lá parar.

— O doutor Finucan não te vai deixar ir para a sala de operações até terminares o que quer que estejas a fazer para ele — disse Kitty, com frieza. —

Não podes ter só coisas boas, Tufts.

— Eu sei, assim como sei que a minha vez vai chegar.

Mas por que razão não lhes falei de Jack?, perguntou Edda a si mesma, enquanto se dirigia para a casa de banho para se livrar do cheiro a cavalo. Elas são minhas *irmãs*! Mas ele não fez nenhum avanço. E se ele se apaixonar por Kitty? Não, não vou deixar que isso aconteça! Apesar de o meu amor por Kitty ser imenso, não vou ficar quieta e deixar que ela arruíne a minha vida.

Um pensamento que, um dia mais tarde, Edda achou estranho. Por coincidência, ela e Jack cruzaram-se com Kitty, que caminhava pelo trilho equestre. Jack teve todas as reações acertadas, tal como Kitty, mas os cavalos estavam com vontade de galopar e Kitty, que se encontrava a pé, não gostava de estar perto de animais de grande porte.

— Rapariga bonita — disse Jack depois de se sentarem no tronco da árvore onde se costumavam sentar.

— A mais bonita do mundo — retorquiu Edda com sinceridade.

Jack sorriu.

— Se gostares daquele tipo, atrevo-me a dizer. Mas arbustos rasteiros de azáleas não me encantam. Eu prefiro álamos sofisticados.

Foi a vez de ela rir.

— Sabes o que significa sofisticado?

— Há muita coisa que não sabes acerca de mim — disse ele de forma enigmática.

O serviço de urgências do Hospital de Corunda tinha uma pequena sala de operações adequada para estancar uma hemorragia ou imobilizar ossos partidos até o paciente poder ser transferido para fazer mais intervenções na sala de operações totalmente equipada do hospital, que ficava ao fundo da rampa, onde as alas das mulheres e dos homens se cruzavam. Existiam dois cirurgiões de serviço no hospital e ambos tinham também os seus consultórios privados perto dali: o doutor Ian Gordon era médico de clínica geral e especialista em questões

abdominais, e o doutor Erich Herzen, o homem da ortopedia, e ambos eram considerados bons cirurgiões. O anestesista era o doutor Tony Watson, perito na administração de clorofórmio, éter, óxido nitroso e injeções localizadas. Tinha também um bom instinto para saber quando administrar aos pacientes um pouco de oxigénio para aliviar o coma induzido pelo gás.

Quando Edda atravessou as portas duplas, encontrou-se no início de um corredor repleto de salas, sendo apenas uma a sala de operações propriamente dita: salas de desinfeção, de anestesia, de esterilização, a sala onde os instrumentos eram guardados e esterilizados, um vestiário para homens e outro para mulheres, uma sala para guardar equipamento demasiado volumoso que poderia vir a ser necessário, e seis quartos individuais onde eram mantidos os pacientes em recuperação até os cirurgiões os considerarem suficientemente bem para regressarem às alas. A maternidade, descobrira ela há muito tempo, ficava situada noutro lugar, a menos que a futura mãe precisasse de uma cesariana, a qual era realizada na sala de operações principal. O obstetra, o doutor Ned Mason, já fazia parte da mobília do Hospital de Corunda; qualquer pessoa com menos de quarenta anos e nascida em Corunda viera ao mundo pelas mãos do doutor Ned Mason, que não tinha qualquer intenção de se reformar.

A irmã responsável pela sala de operações era uma tirana chamada Dorothy Marshall. Sob o seu comando, tinha dez enfermeiras e duas irmãs. Todas as enfermeiras eram do West End e estavam adstritas ao serviço de urgências de forma permanente, mas a chegada de Edda foi o início de uma mudança que se iria expandir gradualmente ao longo dos anos. Por conseguinte, a irmã Dorothy não estava feliz com a sua presença. No entanto, compreendia que a sua capacidade de transmitir conhecimento às muitas enfermeiras estagiárias que por ali passavam iria afetar radicalmente o seu próprio bem-estar futuro. Assim, estava decidida a fazer de Latimer a melhor enfermeira da sala de operações.

Edda começaria o seu serviço nas urgências, como viria a saber, na sala de operações propriamente dita, como «enfermeira suja»: uma assistente limpa e de bata, mas não estéril, que auxiliava aqueles que tinham de se manter estéreis. Estava lá para remover os instrumentos usados, esfregá-los e lavá-los, e retirar

toda e qualquer partícula de tecido humano e sangue. Depois tinha de colocar os instrumentos no esterilizador para ferver durante vinte minutos, retirá-los com pinças esterilizadas e dispô-los em tabuleiros estéreis cobertos com um pano, que iam para dentro da autoclave. Era um trabalho perigoso e desconfortável, entre queimaduras, escaldaduras e calor destinado a lutar pela antissepsia. Devido aos seus perigos, o trabalho de «enfermeira suja» era executado durante um tempo extremamente controlado. Antes de a fadiga se instalar, a enfermeira era rendida nas suas tarefas de «enfermagem suja» e eram-lhe atribuídos outros deveres durante o resto do turno.

A irmã responsável pela sala de operações agia como assistente de cirurgia e muitas vezes era ela que fechava as incisões. Se o procedimento fosse demasiado difícil, outro médico qualificado assistia o cirurgião, que tinha tendência para reclamar, visto que a irmã responsável pela sala de operações sabia mais e operava melhor que qualquer outro médico. Infelizmente, a irmã Dorothy não tinha um curso de medicina e, por isso, os ricos, tendo conhecimentos e a possibilidade de processar os prestadores de cuidados, tinham menos sorte que os mais carenciados, a quem era sempre atribuída a irmã Dorothy. Edda deu muitas gargalhadas ao longo da sua carreira de enfermagem e muitas foram as vezes em que reparou que os privilégios associados a um elevado estatuto social ou a uma grande fortuna nem sempre garantiam os melhores cuidados médicos. Também reparou que não compensava ser um paciente insuportável. Uma enfermeira a quem um paciente tratasse mal sem qualquer razão aparente tinha todo o tipo de vingança nas suas mãos, desde laxantes assustadores a erupções cutâneas muito incómodas. As enfermeiras também eram humanas!

A enfermeira dos instrumentos, aprendeu Edda, passava os instrumentos esterilizados ao cirurgião e à irmã responsável pela sala de operações e colocava os usados num prato para a «enfermeira suja» recolher e lavar. Uma das muitas pessoas em volta da mesa de operações, geralmente a irmã responsável por recolher as amostras no serviço da irmã Marshall, ficava encarregada de contar o número de gazes colocadas dentro da incisão. No caso de uma operação abdominal, as gazes podiam ter o tamanho de lenços de senhora e chegavam a

ser às dúzias enfiadas na cavidade. No entanto, cada pedaço de gaze tinha de ser retirado antes de se fechar a incisão. Se uma permanecesse no interior, podia causar a morte do paciente.

Uma enfermeira pairava sobre o ombro do anestesista para o assistir, e não tinha qualquer outra função senão fazer o que ele precisasse. Na verdade, cada corpo de bata e máscara que se juntava ao redor da mesa de operações tinha um conjunto de tarefas específicas e não podia falhar. A enfermeira responsável pela sala de operações, uma irmã novata e cinco enfermeiras constituíam a equipa, sendo que uma segunda equipa se encontrava a postos para render a primeira assim que a enfermeira responsável o ordenasse. Tal acontecia, geralmente, ao final da operação, mas, se o procedimento fosse muito longo e difícil, a equipa poderia render a outra a meio. A segunda equipa não se limitava a esperar sentada, havia pacientes em recuperação para cuidar e muitas outras tarefas a fazer.

Para sua enorme satisfação, Edda percebeu que observar uma operação não lhe causava náuseas nem repulsa, era simplesmente demasiado interessante. As mãos firmes e enluvadas mergulhadas em sangue, a colocar um tubo de metal para sugar uma hemorragia intensa, o manusear habilidoso de uma pinça hemostática num paciente com uma hemorragia persistente, a forma organizada como um conjunto destes hemostáticos, como eram apelidados, estavam todos agrupados e presos com uma fita para não atrapalharem… fascinante! Não podia negar o choque que sentiu ao ouvir o ruído que o cortador cirúrgico fazia ao atravessar osso… foi o fim do mito romântico de que os cirurgiões têm mãos delicadas! Os cirurgiões precisavam de mãos como as dos mecânicos.

O doutor Gordon estava contente por ter uma nova plateia, ao que parecia, pois descrevia alegremente a apendicectomia que estava a realizar, apenas para ensinar Edda e irritar a irmã mais novata.

— Repare, enfermeira, que não mergulhamos às cegas nos conteúdos abdominais, é demasiado perigoso. Mas consegue ver nitidamente o cólon atravessado na parte mais fina dos intestinos, não consegue? Sim? Ainda bem! Repare que o interior da cavidade abdominal tem um tom rosa-vivo… é um dos

primeiros sinais de sépsis, mas vamos intervir a tempo e o paciente não vai desenvolver peritonite. A operação é bastante simples, pois o ceco encontra-se perto da superfície ventral e o apêndice sobressai dele. Uma maçada que está sempre a infetar! Há coisas que ficam presas no seu interior e não têm por onde sair, tais como pequenas bolas rijas de matéria fecal.

Será que se esperava que fizesse perguntas?

— Obstipação intestinal?

O doutor Gordon soltou uma gargalhada grosseira.

— É o lado errado do cólon para ser isso, enfermeira.

— Vai abrir os intestinos, senhor doutor?

— Quem me dera! Não, os intestinos contêm matéria fecal que está repleta de germes. Se abrir os intestinos e qualquer pedaço de matéria fecal derramar para o abdómen, vai causar peritonite, sépsis e morte. Como vê, não temos medicamentos para matar os germes. Então, se eu realizar uma Billroth I ou Billroth II, para remover parte do estômago ou do piloro afetados por úlceras ou cancro, é vital grampar as duas extremidades do restante tecido, para que os conteúdos não possam escapar antes de se anastomosar. Pode-se tentar fazer o mesmo para retirar parte do intestino afetado por cancro, com o objetivo de realizar uma anastomose de ponta a ponta, mas é muito arriscado. As vesículas biliares são muito mais fáceis — continuou o doutor Gordon. — O que temos de fazer é encontrar uma forma de matar os germes por via oral ou através de injeções. Vá lá, enfermeira, faça perguntas!

No entanto, Edda não se atrevia a fazer a pergunta que estava ansiosa por fazer: por que razão tantos cirurgiões tinham ascendência escocesa? Se não fossem cirurgiões, eram engenheiros, e *havia*, de facto, uma relação.

O doutor Herzen nascera e fora criado na Alemanha e o Hospital de Corunda era privilegiado por ter ao seu serviço um especialista ortopédico do seu gabarito; vinham pacientes de Sydney para o consultar. O incidente mais embaraçoso na carreira do doutor Herzen ocorrera durante a Grande Guerra, quando, apesar dos protestos de Corunda, o governo federal xenófobo o detivera como inimigo e lhe recusara o direito de exercer. Visto que o seu curso fora

realizado na Universidade de Sydney, isto fazia tanto sentido como a sua detenção de dois anos. A sua devoção à Corunda era compreensível, dada a luta incansável que a cidade travou para o libertar. Cidadão residente na Macquarie Street, em Sydney, escolheu continuar a exercer em Corunda, o que também lhe valeu a obtenção do passaporte britânico.

Os dias de Herzen na sala de operações eram inevitavelmente movimentados, enquanto a admissão de doentes do doutor Gordon variava. Ambos os cirurgiões tinham bastante trabalho no serviço de urgências e podiam, se necessário, substituir-se um ao outro.

A experiência mais extraordinária de Edda chegou quando foi promovida a enfermeira encarregada dos instrumentos. A irmã Marshall decidiu gostar de Edda, o que significava que ela iria receber uma série de tarefas na sala de operações, algumas delas até da competência da irmã responsável.

Gordon e Herzen iam operar juntos, com Herzen a liderar e sem anestesista.

— O paciente está comatoso e tem tido convulsões — disse a irmã Marshall, enquanto se preparavam para entrar na sala de operações. — O doutor Herzen vai tentar remover um hematoma subdural, um coágulo de sangue que se formou sobre a superfície exterior do cérebro e que o está a pressionar. Este tipo de coágulo continua a absorver fluidos e a inchar. Como o crânio é uma caixa de osso, não há espaço para conteúdos inchados. Assim, apesar de o cérebro em si não sofrer lesões por causa do coágulo externo, acaba por ficar danificado por estar a ser pressionado. A menos que a pressão seja aliviada, o coágulo vai continuar a esmagar o cérebro e acabará por provocar a morte. Os nossos cirurgiões vão tentar travar a pressão, retirando o coágulo.

— Como sabem que o paciente tem um hematoma subdural? — perguntou Edda. — Não existe nenhum teste que o mostre, pois não?

— Há sinais: o coma, os ataques epiléticos de um lado do corpo e uma pupila mais dilatada que a outra… o último é um indício clássico de um hematoma subdural — disse a irmã Marshall. — Nenhum raio X mostra o coágulo, mas o doutor Herzen tem a certeza de que vai encontrar um coágulo enorme sobre o córtex frontotemporal esquerdo. O paciente desenvolveu um problema de fala

específico indicativo daquela área e o doutor Gordon concorda.

— Não preferia ter a enfermeira Trimble como responsável pelos instrumentos?

— Sinceramente, não. Alguns dos instrumentos tiveram de nos ser emprestados pelo Hospital de Sydney e a Trimble não os conhece, enquanto tu tiveste alguma formação em instrumentos invulgares, mesmo que tenhas aprendido apenas pelos livros. Com alguma sorte, não será preciso usar nenhum deles, mas…

A deusa pronunciara-se. Edda subiu para o seu banco, ao lado da irmã Marshall; o seu treino árduo finalmente compensara.

O doutor Herzen fez uma pequena incisão no escalpe, expôs o osso e segurou o que parecia ser uma broca. A ponta era circular, oca e dentada, com uma ponta afiada no centro. Tinha o tamanho de uma moeda de meio dinheiro ou de quarto de dólar. Quando o cirurgião rodou a manivela da broca, a ponta perfurou até ao osso. O doutor Gordon raspava cuidadosamente os grânulos húmidos de pó de osso, enquanto a broca continuava a perfurar.

— Já cheguei à mesa, cuidado! — avisou Herzen.

Passado um momento, a broca retraiu, com um pedaço de osso do tamanho de meio dinheiro agarrado. Os cirurgiões aproximaram-se para ver melhor. Edda não conseguia ver nada.

— Está negro debaixo da dura-máter por causa do sangue, Erich… estás mesmo no sítio certo! — disse o doutor Gordon, encantado.

— O aparelho de sucção está pronto?

— Sim.

— Vou fazer um corte na dura-máter. Irmã, as suas enfermeiras estão a postos para lidar com o nosso paciente, caso ele acorde e entre em pânico?

— Sim, senhor doutor.

O doutor Herzen fez dois golpes mínimos cruzados com uma tesoura pequena, curva e afiada. De imediato, viu-se um líquido gelatinoso escuro a escorrer e o doutor Gordon meteu mãos ao trabalho com o tubo de sucção.

Ainda comatoso, o paciente não reagiu enquanto a pressão sobre o seu

cérebro era aliviada, e assim os dois cirurgiões esperaram para ver se a hemorragia continuava ou se o tipo certo de coágulo se formava por baixo do maligno. Por fim, o doutor Herzen suspirou.

— Acho que podemos fechar, Ian.

O disco de osso foi cuidadosamente empurrado para o seu lugar e as aparas de osso colocadas à sua volta. Quatro suturas no escalpe, e a craniotomia terminara. O paciente começou a mexer-se.

— Porque não usaste a trefina, Erich? — perguntou o doutor Gordon.

— Não gosto disso — foi a resposta. — É muito fácil ir demasiado longe quando se chega à mesa. É um instrumento muito bom para os rapazes de Sydney, que usam esse tipo de coisa frequentemente, mas quantas vezes é que eu abro buracos num crânio? Estarmos seguros de algo é o melhor para não fazermos asneira. Acho a broca mais fácil de controlar.

— Percebido e armazenado para futura referência.

Quando o paciente foi para casa uma semana depois, sem sequelas da sua lesão na cabeça, Edda encarou a situação como um pequeno milagre. Um dia, jurou ela, iria ver os verdadeiros neurocirurgiões operar em Queen’s Square, em Londres. Talvez nessa altura o fantasma de Victor Horsley já não pedalasse na sua bicicleta por Bloomsbury, mas havia outros, e essa parte de Londres estava cheia de hospitais de renome.

Depois de dois anos de enfermagem, as três irmãs Latimer estavam bem ambientadas no seu meio. Os seus rostos por baixo dos véus de abas ridículas eram conhecidos de toda a gente, desde a enfermeira-chefe Newdigate e o diretor Campbell até às enfermeiras do West End, empregadas de limpeza e porteiros, e cada uma delas descobrira a sua preferência por determinado tipo de enfermagem, embora nenhuma gostasse de trabalhar na ala psiquiátrica.

Para Edda, a enfermagem que se praticava na sala de operações e no serviço de urgências eram o suprassumo. As razões eram bastante óbvias: o drama e a atmosfera de urgência e perigo que acompanhava cada paciente que dava entrada

no serviço. Será que o procedimento correria sem percalços ou será que o paciente desenvolveria uma complicação inesperada, e por vezes chocante, que transformaria a cirurgia numa corrida contra o tempo? Era impossível saber. Desde os horrores da Grande Guerra que a cirurgia evoluíra rapidamente, mas havia ainda tantos problemas que a medicina não conseguia resolver. Edda decidiu que gostaria de exercer enfermagem na sala de operações assim que terminasse o curso de enfermagem e se registasse.

A sua elegância e altura chamavam a atenção masculina, que não podia ser interpretada de outra maneira, pois era um facto que Edda atraía os homens. No entanto, Latimer não era uma devoradora de homens, nunca pareceu reparar nos seus olhares, ignorava os seus comentários com um encolher de ombros e recusava bruscamente os convites para sair daqueles que tinham coragem para lhe pedir. Exceto no caso de Jack Thurlow, com o qual mantinha uma genuína relação de amizade. Apesar de o amar, não tinha qualquer intenção de colocar as exigências dele relativamente às suas emoções à frente do seu curso de enfermagem. Não, Jack Thurlow teria de esperar um pouco mais antes que ela tomasse alguma iniciativa… mesmo quando essa altura chegasse, parte de si não acreditava no casamento. Uma vida inteira ao lado de Maude azedara a consideração que tinha pelo matrimónio, ou talvez fosse mais justo dizer que algo dentro de si se rebelava contra assumir o papel submisso que o casamento exige de uma mulher.

— Até é lógico — disse Edda a Tufts e Kitty num final de tarde quando saíam de serviço — que as mulheres tenham de ser submissas num casamento, acho eu. Carregam no ventre e criam os bebés, que ficam muito melhor aos seus cuidados do que aos de *babysitters* ou até de amas. No entanto, continua a não me parecer justo.

— Então, não se casem — disse Tufts. — Eu não me vou casar.

— Oh, vocês as duas só dizem disparates! — gritou Kitty. — Ter uma carreira é muito bom, mas e o amor e o companheirismo?

— O que é que o amor tem que ver com o companheirismo? — perguntou Edda.

— Tudo! Oh, vocês estão a provocar-me de propósito! É óbvio que conseguem perceber que um amor sem companheirismo está condenado ao fracasso. O amor *e* o companheirismo têm de estar ambos presentes.

— Os homens que inspiraram um desses sentimentos em mim certamente não inspiraram o outro — disse Edda com os olhos brilhantes.

— Oh, sim, e és uma pessoa tão experiente! Tu, Edda Latimer, és uma fraude — disse Kitty, indignada.

Edda esteve prestes a mencionar Jack Thurlow, mas não o fez. Por qualquer razão, Jack era um segredo seu e só seu. Sobretudo agora que se encontravam com regularidade. Oh, apenas como amigos, muito bons amigos, como ela se referia à sua relação com Jack desde o início. Edda sentia-se muito orgulhosa, não tinha qualquer intenção de exibir as suas vulnerabilidades a um homem, nem mesmo a Jack Thurlow. Ele sentia que ela dava pouca importância ao amor e menos ainda ao romance. Devia achar que, para ela, o facto de ele ser homem era pura coincidência e que não tinha qualquer importância para a relação entre eles. Nenhum olhar sedutor ou convite atrevido implícito nos olhos *dela*!

— Estás determinada a viajar quando acabares o curso e te registares — disse Kitty a Edda num tom crítico.

— Sim, obviamente. Oh, vá lá, Kitty, não me digas que vais aguentar três anos disto para depois arranjares um trabalho no Hospital de Corunda! — disse Edda, espantada.

— Eu *adoro* Corunda! — protestou Kitty. — Para quê viajar para ver mais miséria humana do que a que já temos aqui?

— Não fales assim — disse Tufts rispidamente.

— Não, não, não digo isto para ser negativa, Tufty, a sério! Mas é verdade que adoro Corunda e que quero casar com um homem que eu ame *e* de que eu goste, de preferência aqui mesmo, em Corunda.

— És ainda mais tola do que eu pensava — disse Edda, servindo o chá.

— Eu compreendo — disse Tufts, de forma mais gentil, e sorriu para a sua gémea. — No entanto, tal como a Edda, também pretendo viajar e exercer outros tipos de enfermagem.

— Nunca estivemos longe uma da outra — disse Kitty, fungando.

— Nem a Edda e a Grace, mas crescermos significa separar-nos. Edda é enfermeira, mas Grace prefere ser esposa. Passa-se o mesmo connosco. Eu sou a enfermeira, tu és a esposa — disse Tufts.

— Oh, basta! — gritou Edda, batendo na mesa.

Na vez seguinte que Edda se encontrou com Jack Thurlow no trilho equestre, fez algo que nunca chegou a compreender, mesmo muitos anos depois, quando o tempo e a distância conferiram alguma perspetiva aos seus pensamentos: perguntou a Jack se ele gostaria de conhecer a sua irmã gémea, Grace.

Encontravam-se sentados como amigos no tronco da árvore, Jack enrolava um cigarro, as suas mãos grandes e morenas encantavam Edda à medida que os ossos que as faziam mexer se moviam por baixo da pele macia. Não eram mãos de um trabalhador braçal, embora Jack afirmasse que trabalhava a terra. As suas eram mãos de patrão, nem gretadas, nem calejadas.

Os dedos pararam de se mexer. Jack olhou por baixo das suas sobrancelhas com aquele olhar interessado e curioso com que ficava sempre que ela o surpreendia.

— Conhecer a tua irmã Grace? — repetiu ele.

— Sim, mas só se quiseres — disparou ela rapidamente. — Por vezes, apercebo-me de que contigo não sigo os trâmites sociais esperados. — Edda encolheu os ombros de forma brusca. — Não te sintas constrangido em dizer que não, Jack, a sério. — A expressão do rosto de Edda evidenciou aborrecimento. — Não seria um encontro muito emocionante. Grace vai ter um bebé daqui a três meses e está bastante *cheia* de orgulho deste seu feito único e maravilhoso. — Edda soltou uma gargalhada ao aperceber-se do trocadilho imprevisto.

Jack riu-se com vontade, mas de forma bastante irónica.

— Pobre Edda! Estás a perguntar-me isso porque queres companhia. Já a devias ter visitado há muito tempo.

— Conheces-me tão bem! Vens comigo? Diz que não!

— Gostava de conhecer a tua gémea, embora me confunda a ideia de ver duas Eddas. Vocês são idênticas?

— Quando nascemos, sim, mas a vida vai diminuindo as parecenças. A minha gémea é parecida comigo, mas é um tipo de pessoa completamente diferente, é muito menos dominadora. *Não* é outra Edda!

— Isso é um enorme alívio.

— Que disparate! Desde quando é que fui dominadora para ti?

— Nunca, admito. Por vezes, até gostava que fosses.

— A casa de Grace fica em Trelawney Way — disse Edda, mudando de assunto. — No número dez. Encontramo-nos lá, então?

Jack acendeu um cigarro.

— Quando tens a tua próxima folga?

— Terça-feira.

— Vou buscar-te às três em frente do hospital.

— Não, vai antes ter comigo à Câmara Municipal.

E assim ficou combinado. Em vez de a acompanhar, Jack montou o cavalo, inclinou o chapéu na sua direção e afastou-se a galope.

Edda olhou desanimada para o vazio depois da retirada de Jack. Que idiota! Mudar alguma coisa numa relação é perigoso, mas mesmo assim ela tinha de o fazer! Porquê? Pela mesma razão, pensava ela enquanto regressava aos estábulos do presbitério, que me fez pisar a cabeça da cobra com a perna da cadeira. Para ver se era capaz. Porque é que nunca consigo deixar as coisas como estão? Está viva ou morta? É certo que toda a gente vai fugir, mas a Edda vai ficar para investigar e experimentar.

Jack Thurlow afastou-se a pensar por que razão concordara em conhecer Grace Olsen, cujo nome de solteira era Latimer, embora tivesse a desconfortável sensação de se dever ao facto de Edda Latimer o fascinar. Se tal não fosse verdade, Jack não se incomodaria com estes passeios disparatados de que não precisava, em cima de uma sela todos os dias, a sonhar com o momento em que

poderia finalmente desmontar. Sentia um enorme desejo físico por ela, mas era um homem que sabia controlar a sua paixão e não tinha qualquer intenção de ceder aos encantos de Edda. Elegante, sofisticada, consciente da sua sexualidade, Edda emanava uma sensualidade poderosa, que a sua experiência lhe dizia ser rara numa mulher educada de forma tão cuidadosa. Uma autêntica virgem, mas por opção própria. Ainda não conhecera um homem suficientemente bom, a snobezinha. Jack sabia que ela também se sentia atraída por ele, mas não dera importância a isso, considerando a atração apenas um sintoma do aborrecimento de Edda. Esta era uma jovem que ansiava por uma vida mais preenchida e mais emocionante do que aquela que Corunda lhe podia oferecer.

O casamento estava fora de questão para Edda naquele momento e nunca constara dos planos de Jack. Uma boa razão para não dar início a nada: «nadas» podem originar gravidezes. Talvez por isso, pensou ele alegremente ao sair do trilho equestre em direção à sua casa, o facto de ter aceitado o convite de Edda fosse a melhor maneira de reduzir a rapariga à sua vulgaridade: uma irmã que não estava grávida com uma irmã grávida, tudo típico da cidade de Corunda que ele tanto detestava. Quando o velho Tom Burdum lhe dera Corundoobar, de papel passado e tudo, o mundo de Jack Thurlow ficou completo e sentia-se feliz. Sendo filho da filha do velho Tom Burdum, Jack tivera uma infância turbulenta, repleta de problemas financeiros e sociais que ainda o atormentavam pela sua quantidade e diversidade. Como resultado, pelo menos na opinião de Jack, estava o seu horror aos gémeos maléficos: Dinheiro e Poder. Um terror que o levara a recusar ser o principal herdeiro do velho Tom Burdum e que forçara o velho a procurar um novo herdeiro, o médico *pommy*. Bem, boa sorte para o velho Tom!

Com dois mil hectares, Corundoobar era a maior propriedade dos Burdum. O país era rico, não eram necessários milhares de hectares para se ser um pastor ou um agricultor bem-sucedido. O solo era rico em nutrientes, a pluviosidade era maior e mais frequente nesta região do que na maior parte da Austrália e a elevação dos planaltos naquele distrito proporcionava um clima mais ameno, pelo menos durante os seis meses de verão.

Jack trabalhava em Corundoobar desde que regressara do colégio interno em Sydney quando tinha dezoito anos. A sua educação fora excelente, mas optava por não o anunciar aos quatro ventos, preferindo passar a imagem de um pastor rude, demasiado ocupado a criar cordeiros e, mais recentemente, cavalos árabes. Estes eram demasiado baixos para muitos cavaleiros masculinos, mas constituíam montadas ideais para senhoras, e toda a gente sabe que as mulheres são apaixonadas por cavalos. O velho Tom ridicularizara a ideia, mas teve de engolir o seu desdém quando a raça de Jack alcançou grande sucesso desde o início. Atualmente, Jack inscrevia os seus cavalos árabes em feiras rurais por todo o Estado. A sua ambição era exibi-los no Royal Easter Show em Sydney, a maior e mais importante feira de gado de toda a Austrália.

A propriedade de Corundoobar estendia-se por uma colina em forma de cone, desenrolando-se pelos seus flancos, tendo uma invejável vista sobre o rio Corunda, que nunca secava completamente, formando uma série de pequenos charcos. A energia do vento proporcionava-lhe pressão suficiente para puxar água para os bebedouros do cercado, enquanto os jardins da propriedade ficavam tão próximos do riacho que para os regar era apenas necessário um depósito de água elevado e a força da gravidade. Para obter água potável, a propriedade tinha reservatórios de armazenamento subterrâneo que captavam a água da chuva que escoava dos telhados.

A casa original dos Burdum era construída com blocos de calcário num padrão quadrangular, com um telhado de quatro águas feito de chapas onduladas de metal, e um enorme alpendre que se estendia em redor de toda a casa. Os jardins eram resplandecentes, verdes e um autêntico mosaico de flores de setembro a abril. Naquele momento, no auge da primavera, tudo o que desse flor estava exuberante. Sempre que contornava a colina para a Doobar Road e via a quinta, Jack ficado sem respiração e o coração saltava-lhe do peito, como nunca acontecera com nenhuma mulher. Era o sítio mais bonito do mundo e, do ponto de vista legal, irrevogavelmente seu!

Apesar de lhe faltar um toque feminino, esta casa de solteiro estava limpa e arrumada. Tal como muitos outros homens, Jack Thurlow sabia cozinhar, coser

botões, fazer bainhas, remendar meias, esfregar o chão e lavar a roupa até ficar branquinha. Quando era criança, não tinha ninguém que lhe fizesse estas coisas, e Jack assumira essa responsabilidade, tendo imenso orgulho nas suas aptidões domésticas. Tal como a sua educação, estas faziam parte do seu segredo: era um homem para quem o dever estava acima de tudo, pois era um homem que sempre fizera tudo por dever, nunca por amor, e sabia como o dever podia ser cruel. Para Jack Thurlow, não havia nada pior do que ser um escravo do dever e nunca receber um resquício de amor em troca. Por essa razão, escondia os seus segredos, rezando para conseguir viver assim para o resto da vida, sem ser responsável por ninguém e sem dever nada a ninguém. Era isto que o atraía em Edda Latimer: ela nunca seria um dever para ele, independentemente do que a vida lhe fizesse. No entanto, a sua gémea, desconfiava ele, era um dever para toda a gente. Jack riu-se.

— Um dever para Edda, nunca para mim — disse ele.

Quando Jack chegou à Câmara Municipal de Corunda ao volante de um *Daimler*, Edda arregalou os olhos de espanto.

— Bonito — disse ela, deixando-o abrir a porta.

— O velho Tom empresta-mo quando preciso.

— Podíamos ter ido a pé, não é longe.

Jack sorriu.

— Seria pouco cavalheiresco, Edda. Porque não me deixaste apanhar-te à porta do hospital?

— E deixar toda a gente a comentar? Não, obrigada!

Edda reparou que Jack tinha vestido um fato de três peças, o que lhe conferia uma aparência estranhamente inacessível. É claro que se arrependia do convite desde o minuto em que o fizera. Agora, sentia-se completamente deslumbrada ao ver Jack de fato e, por isso, manteve-se calada até virarem para Trelawney Way, que ficava numa subida ao final da George Street, numa parte bastante boa da cidade. O West End ficava a três quilómetros de distância dali.

— É aquela casa de campo bege e verde — disse ela.

O silêncio instalou-se outra vez. Edda deixou Jack abrir-lhe a porta do carro, terrivelmente consciente de que as cortinas de todas as casas da vizinhança eram puxadas para trás de forma discreta. Oh, vizinhos! Em seguida, Jack abriu o portão da cerca de madeira branca e acompanhou-a pelo caminho até à porta da frente, que ficava situada num alpendre. Alguém, reparou ela, estivera a cuidar do jardim, que não se encontrava ao nível dos jardins de Corunda: as rosas não estavam em flor como deviam, tinham bicho e manchas pretas. Grace nunca tivera muito jeito para jardinagem. Sou egoísta, pensou Edda, podia oferecer-me para vir cá algumas vezes ajudar. Bear também não é grande jardineiro, nem mesmo quando se encontra em casa. Onde estão as azáleas e os rododendros? Os amores-perfeitos e as lobélias?

Grace encontrava-se à entrada da casa, com a porta aberta, a pedir-lhes para entrar com um ar surpreendido no rosto.

— Edda disse-me que vinha acompanhada, mas confesso que nunca esperei vê-lo, meu caro senhor Thurlow — disse Grace de uma forma mais típica de Maude. — Sente-se, por favor.

Oh, pobre rapariga!, pensava Jack Thurlow enquanto se sentava de forma bastante desconfortável no tipo errado de cadeira. Era tão parecida com Edda e, ao mesmo tempo, tão diferente! Muito atraente, sobretudo com o brilho da gravidez a irradiar da sua pele, contudo, sem qualquer vitalidade ou entusiasmo pela vida.

— Trata-me por Jack — disse ele, sorrindo.

O gelo fora quebrado. Pouco tempo depois, ela e Jack riam, os olhos cinzentos de Grace cintilavam à medida que Jack a punha mais à vontade, escondendo cuidadosamente a pena que sentia dela por se encontrar sozinha em casa todo o dia e por ficar tão entusiasmada pelo seu pequeno rasgo de atenção.

Enquanto os dois conversavam, Edda examinou a casa como nunca tivera oportunidade de fazer, por estar sempre demasiado absorta em Grace para dispensar esse tempo. *Mas a casa mudara!* Quanto tempo passara desde a sua última visita? Um mês? Não, Edda, pelo menos três meses. Costumo sempre

levá-la a almoçar ao Parthenon para a libertar da sua prisão domiciliária, detesto vir a Trelawney. Agora, vejam só isto! Oh, meu Deus, por que não estive mais atenta a Grace e à sua casa?

A casa estava mobilada como a mansão de um homem rico! Aquele enorme tapete persa na sala de estar. Aquele lindíssimo biombo lacado. Tapeçaria autêntica nos assentos das cadeiras da sala de jantar. Grace, Grace, o que foste fazer?

— Jack, não te importas de ficar um pouco sozinho — disse ela quando lhe pareceu mais oportuno —, enquanto eu e Grace vamos buscar mais chá?

Assim que a porta da cozinha se fechou atrás delas, Edda agarrou a irmã pelo ombro de forma um pouco cruel e abanou-a.

— Grace, quando é que compraste esta mobília toda?

Grace corou.

— Não é linda, Eds? Encontrei Maude e a senhora Enid Treadby há cerca de quatro meses e elas levaram-me a uma loja maravilhosa que fica na estrada para Melbourne… tem peças absolutamente fabulosas! Vêm pessoas de Camberra para comprar ali.

A raiva esmoreceu. Edda olhou para a irmã com desespero.

— Oh, Grace, que… que *idiota*! Bem, não há nada a fazer, senão devolver tudo. Não se pode viver sem *algum* dinheiro no banco e tu gastaste bem mais do que as tuas quinhentas libras, não foi? Não me digas que Bear também te deixou gastar o dinheiro todo dele!

— Claro que deixou, eu sou sua esposa — disse Grace num tom magoado. — Isto é mobília a *sério*, vai valorizando com o tempo!

— Existe um provérbio antigo, gémea, que diz que temos de viver consoante as nossas possibilidades — disse Edda, impaciente. — Estás a imitar a senhora Treadby, que tem dinheiro suficiente para comprar mobília que vai valorizar com o tempo. Oh, sua idiota! Foi a nossa madrasta que te convenceu a fazer isto, eu sei que sim, aquela cabra! Não foi a senhora Treadby, foi Maude.

Por esta altura, já Grace chorava.

— Não a posso devolver, Edda, eu *comprei-a*! — lamentou-se ela. — Adoro-

a e Bear também. Ele diz que eu tenho o maior bom gosto do mundo.

— Põe a chaleira a ferver no teu novo fogão a gás finório, Grace, ou vai parecer que estamos a negligenciar o nosso convidado — disse Edda com um suspiro. — De futuro, Grace, fala comigo antes de gastares seja o que for em algo que não pertença à despensa ou à caixa de gelo, ouviste?

De qualquer maneira, a visita terminara. Edda sentou-se no banco da frente do *Daimler* e não disse uma única palavra.

— Passa-se alguma coisa — disse Jack.

— Sem dúvida.

— Sou bom ouvinte.

— Eu sei, mas é um assunto de família, Jack. Digamos apenas que me tinha esquecido do quanto Grace consegue ser completamente estúpida, está bem?

— Ah, coitadinha da Grace! Atrevo-me a dizer que ela é estúpida, Edda. Faz parte da natureza dela, não achas? O problema de se ser inteligente e esperto e eficiente é que muitas pessoas não são inteligentes, espertas e eficientes… nem sequer têm uma destas qualidades, quanto mais as três. No entanto, ela não deixa de ser uma pessoa carinhosa. Aposto que dá imensas dores de cabeça ao marido, mas ele provavelmente acha que o amor que ela lhe dá compensa qualquer aflição. Esta é a grande dificuldade que mulheres como tu sentem, Edda. Por cada milímetro de inteligência no teu cérebro, tiveste de desistir de, pelo menos, um milímetro de amor.

Que dor! Trespassou-a como uma lança afiada, mas Edda Latimer preferia morrer a mostrar a este Senhor da Criação que as suas palavras magoavam.

— Isso é um enorme disparate — disse ela de uma forma impiedosa. — Pareces saído de uma revista feminina.

— Prefiro chamar-lhe um exercício de contabilidade. Os débitos devem ser iguais aos créditos, é uma lei da natureza. Os créditos de Grace são medidos em amor, enquanto os teus são medidos em intelecto. Oh, não completamente — acrescentou ele, os seus olhos a brilhar face à raiva espelhada nos de Edda —, mas o amor nunca seria suficiente para ti. As suas recompensas são demasiado efémeras, seria como ver água a evaporar.

— E o amor seria suficiente para ti? — perguntou ela, friamente.

— Não, infelizmente não. No entanto, hoje percebi uma questão relacionada com gémeos que me atormentava há muito tempo.

Por um momento, Edda considerou não morder o isco, mas depois apercebeu-se de que, se não o fizesse, ele nunca lhe contaria. Nunca.

— E que questão é essa que te atormenta assim tanto?

— Por que razão existem gémeos? — começou ele. — Há demasiadas características para enfiar numa só pessoa, mas, se as dividirmos por duas, a mistura torna-se fina e desproporcionada.

— Então, um gémeo é menos que as outras pessoas?

— Menos não, mas diferente.

— Achas que Grace ficou com todo o coração e eu com toda a inteligência?

— Não exatamente. Acho apenas que ela precisa de um pouco do teu bom senso e tu precisas de um pouco da compaixão dela.

— Não vou pedir desculpa por ser inteligente. A Grace vai sofrer.

— Não se tiver um bom marido.

A imagem do rosto pálido como gelo de Bear veio à cabeça de Edda. Ela sorriu, apertou a mão de Jack que se encontrava sobre o volante.

— Então, ela vai ficar bem. Bear Olsen é um homem muito bom que cuidará sempre dela. — A sua voz encheu-se de dúvida. — Isto se ele conseguir que ela pare de gastar dinheiro. Que estranho! Nunca me tinha apercebido de que ela era gastadora, até agora, quando vi toda aquela mobília cara. Não sobrou um único tostão no banco.

— Acho que ela nunca teve liberdade para gastar.

— Com a nossa madrasta a controlar as contas, isso é verdade. No entanto, foi a nossa madrasta que a incentivou a comprar a mobília.

Aproximaram-se da Câmara Municipal, o carro parou.

— Deixa-me levar-te até ao hospital — pediu ele.

Contudo, Edda já se encontrava fora do carro, a sorrir abertamente.

— Não, obrigada. Vemo-nos no trilho, sim?

O seu riso pareceu apaixonado.

— Acabaram-se os passeios a cavalo durante algum tempo, Edda. Vamos passar o nosso tempo livre em casa de Grace, a ajudar no jardim. Grace está a ficar demasiado pesada para cuidar dele e Bear encontra-se fora. É o mínimo que podemos fazer. Quando estás de folga?

— Amanhã — disse ela, sem qualquer entusiasmo.

— Então, encontramo-nos aqui amanhã às onze. Eu até vinha mais cedo, mas vou ter de ir pedir emprestadas ou roubar plantas a Hannah, a Enid ou a quem for, para encher os canteiros vazios. Uma casa em Corunda sem rododendros e azáleas? Sem uma ou duas árvores de fruto? Sem narcisos amarelos na relva?

Jack arrancou ainda a falar, deixando Edda a olhar para ele como para um génio da lâmpada a dissipar-se no ar.

Por fim, Edda virou-se e começou a caminhar lentamente em direção ao portão lateral do hospital, com a cabeça num rodopio. Ao analisar tudo o que acontecera até à data, Edda não sabia o que tinha esperado que acontecesse com a visita à irmã, sobre a qual Jack hesitara algumas vezes. Edda sempre se preocupara com o facto de apresentar Jack a Grace, por receio de que ele se apaixonasse pela sua irmã mais doce. Em vez disso, Jack parecia sentir pena de Grace… porque seria isso ainda mais irritante?

Em seguida, Edda assumiu o controlo das suas emoções rebeldes, recompôs-se e evocou a imagem de Grace como a vira naquela tarde. Extraordinariamente bonita, como as mulheres grávidas tendem a ser, com uma barriga de sete meses, embora ainda pouco volumosa, e os seus enormes olhos cinzentos cheios de amor por… oh, por toda a gente! Que extraordinário que um homem pouco experiente como Jack Thurlow também tivesse sentido o apetite voraz de Grace por amor. Ela não o tentara seduzir, mas ele não era à prova do seu encanto indelével, do seu ar de incompetência desamparada. Não possuindo tal incompetência, Edda desprezava-a e assumia que Jack também sentisse o mesmo. Descobrir que isso não acontecia foi um choque bastante desagradável.

Tufts encontrava-se sentada na sala comum rodeada de livros, mas não havia sinal de Kitty… sim, estava de serviço na ala das crianças, como era habitual. Que estranho. Kitty adorava trabalhar na ala das crianças e, ao que parecia, a

enfermeira-chefe fazia-lhe a vontade.

— Tufts! — disse Edda bruscamente, acendendo o bico do fogão por baixo da chaleira. — Nunca te fartas de ser a gémea séria e inteligente?

— Vais fazer chá? Também quero, por favor! — Tufts olhou para cima com os olhos cor de xerez iluminados. — A gémea mais forte, acho que é isso que queres dizer — acrescentou ela.

— Achas?

Edda olhou para a sua meia-irmã com um ar carrancudo. Tufts também era extremamente bonita, se Kitty não estivesse ao seu lado para eclipsar a sua beleza. O mesmo rosto doce, nariz direito, olhos enormes, testa arredondada. O seu tom de pele era mais uniforme, menos impressionante que o de Kitty, e as suas covinhas raramente se viam, mas, sem Kitty ao lado, Tufts era uma rapariga lindíssima. Porque é que ninguém via isso?

— Bem, não podes dizer que Grace e Kitty sejam propriamente estúpidas ou incapazes — disse Tufts, confusa —, porque não o são. Elas apenas desejam coisas diferentes de nós.

— Coisas como o amor — disse Edda, dando uma entoação bastante desagradável à palavra «amor». — *Amor!* Ficar submetida a um homem, é o que é.

— Consigo compreender porque tens essa opinião, Eds, mas, se a enfermagem te ensinou alguma coisa, é que as mulheres e os homens possuem uma estrutura mental e física diferente. Estou bastante farta de generalizações de igualdade… nem todos os homens são iguais e nem todas as mulheres o são. O individualismo deve ser recompensado.

— Bravo, Tufts! — exclamou Edda, a rir. — De volta ao tema do amor, preferia morrer do que me tornar sua escrava.

— Lembra-te das tuas experiências de enfermagem, por favor! É o hábito que escraviza, Edda, e isso pode ser o caso do amor depois de se tornar um hábito. — Tufts deitou a água a ferver para dentro do bule. — Os hábitos podem ser quase impossíveis de se quebrar.

— Oh, Tufts, és tão mais sensata que eu! O doutor Finucan fala sobre

hormonas. Talvez tu e eu tenhamos concentrações de hormonas diferentes de Grace ou de Kitty? Ou os nossos cérebros se tenham desenvolvido de maneira diferente? E o que é um hábito, no cérebro?

Edda verteu o leite, Tufts agitou o bule para acelerar o processo de infusão. Em seguida, com as chávenas a transbordar de chá a ferver, sentaram-se para falar sobre as suas muitas preocupações.

— O que é que provocou tudo isto? — perguntou Tufts, dando um gole no chá.

— Levei Jack Thurlow a visitar Grace hoje… que ideia de loucos! Ele fez parecer que a queria conhecer por mera curiosidade, por isso pensei que assim que a conhecesse a esqueceria. — Edda riu de forma trocista. — Errado! Agora, em vez de me encontrar com ele para passear a cavalo nos meus dias de folga, estou condenada a ir com ele a casa de Grace e fazer de jardineira e criadita.

— Não é por isso que estás tão zangada, Edda.

— Já viste a casa de Grace?

— Sim. Está decorada com muito gosto. Surpreendeu-me.

— Não te passou pela cabeça que ela deve ter gastado todo o dinheiro que Bear tinha no banco, assim como as suas quinhentas libras? Maude convenceu-a a mobilar a casa num estilo que ela simplesmente não pode custear!

— Nunca pensei… A minha mãe é uma mulher horrível — disse Tufts calmamente —, ambas sabemos isso. O que é que ela pretende?

— Meter Grace em problemas com Bear, presumo eu. Sempre que ela esbanja dinheiro em mobília para o presbitério, o nosso gentil pai fica menos gentil e torna impossível para ela ficar com o artigo… Maude é obrigada a devolvê-lo. Ela achou que Bear, um homem de uma classe mais baixa que o pai, tornaria miserável a vida de Grace se ela gastasse demais. — Edda encolheu os ombros. — Bem, Maude calculou mal. Bear perdoaria tudo a Grace.

— Graças a Deus! — disse Tufts, sem rodeios. — A sua influência sobre Kitty já diminuiu, é óbvio, por isso Maude está desejosa de se vingar, bem como de encontrar outras maneiras de prejudicar alguém. Grace e Bear são apenas um exercício de treino, acho eu. Cuidado, Edda, tu és o principal alvo da mamã,

tenho a certeza.

— Estou tentada a concordar, minha querida, mas eu já me livrei do ascendente de Maude na minha vida há muito tempo. De que forma pode ela magoar-me, Tufts?

— Assim que Grace lhe contar sobre Jack Thurlow, através dele, é o meu palpite. Vai tentar difamar-te.

Edda riu.

— Bem, se começarem a falar de mim e de Jack, param de coscuvilhar sobre ti e os médicos.

Pobre Edda!, pensou Tufts enquanto descia a rampa para o serviço de patologia, situado num edifício semelhante a um barracão, um dos maiores, pois também continha a biblioteca e o novo aparelho de raio X, um equipamento tão pesado que fora instalado sobre um alicerce especialmente forte. Como a gémea mais normal, Heather/Tufts escapara a muito do que Kitty sofrera, e o mesmo poderia ser dito sobre Grace em relação a Edda, que matava cobras com a perna de uma cadeira e desafiava tudo e todos, enquanto se mantinha atraente e encantadora. No entanto, era Grace que tinha encontrado o amor, refletia Tufts: amor verdadeiro, o tipo de amor que dura, que perdoa todo e qualquer pecado e não condena. Independentemente da quantidade de erros que a pobre e tonta Grace cometesse, Bear estaria lá para remediar tudo. Agora, ao que parecia, quando Bear não estava ao seu lado para o fazer, outros homens se ofereciam pelas mais puras razões. Embora Jack Thurlow estivesse apanhado por Edda, a sua prontidão em partir em auxílio de Grace dizia a Tufts que ele desejava que Edda precisasse dele, que ele desejava que Edda fosse apenas um pouco indefesa.

É claro que Edda não via isso, não queria ver. Edda valorizava muito a sua independência, a sua capacidade de tomar conta de si mesma. Tal facto não deveria fazer com que fosse uma pessoa menos merecedora de amor, no entanto, era precisamente isso que acontecia. Algumas mulheres eram mais difíceis de

amar. Pobre Edda!

Apenas as luzes de presença noturnas estavam ligadas quando Tufts entrou e percorreu até ao final o longo corredor com inúmeras portas à esquerda e à direita, que terminava numa porta pintada de vermelho: o covil do doutor Finucan, o seu gabinete. Também este se encontrava às escuras, o patologista terminara o dia de trabalho e fora para casa, as experiências eram todas dela. Não eram bem experiências… Placas de Petri com culturas de tecido, tecido mamário embebido em parafina para dissecar, várias amostras histológicas para preparar… Os procedimentos rotineiros, tais como análises de urina, eram realizados pelo único técnico do doutor Liam. O facto de o doutor Liam conseguir sobreviver só com um técnico devia-se a ela, Tufts Scobie, que adorava a exatidão deste tipo de trabalho e realizava-o muito melhor do que o jovem oficialmente contratado para esse propósito.

Sem ligar as luzes, Tufts entrou no gabinete por uma porta lateral e dirigiu-se ao laboratório, onde carregou nos interruptores e iluminou a sala. Havia um aparelho automático para afiar as lâminas de corte do micrótomo, muito precioso, e a lâmina encontrava-se encaixada e pronta para ser utilizada. Tufts colocou o pedaço de parafina na base do micrótomo, preparou as suas amostras e começou a cortar, a deslizar e a colocar num suporte as secções transparentes do que fora em tempos a mama de uma mulher, de tal forma absorta na sua tarefa que não viu nem ouviu nada à sua volta.

— Obrigado por fazeres isso — disse a voz do doutor Finucan.

Tufts deu um pulo e, em seguida, sorriu radiante.

— Vão ficar prontas a tempo.

— Até aposto que se trata de um carcinoma — disse ele.

— Oh, pobre mulher! Não tem muito mais de trinta anos, os filhos ainda nem andam na escola.

Tufts deslizou do banco alto e voltou para o gabinete, onde esperou que o patologista fechasse o laboratório.

Tal como os seus colegas patologistas, Liam Finucan era uma mais-valia para o Hospital de Corunda. Tal como eles, poderia ter tido uma carreira de sucesso

em Sydney ou Melbourne. No entanto, a sua esposa era de Corunda e ele apaixonara-se por aquele lugar desde o primeiro dia: a sua atmosfera campestre, o verde da sua relva, os seus opulentos arbustos europeus e flores. Nascido e criado no Ulster, com antepassados protestantes, completara o curso de medicina em Londres com tanto êxito que lhe permitia exercer como patologista em qualquer lado. Trabalhara com Sir Bernard Spilsbury! Para alguém que crescera no meio das guerras religiosas do Ulster, Corunda era um paraíso.

Foi provavelmente a única coisa boa que Eris fez por ele, obrigar Liam Finucan a escolher Corunda, mas, como ele próprio relembrava, ela era jovem e tinha saudades de casa, pobre Eris! Uma linda rapariga, uma linda mulher, Eris sempre fora uma pessoa descontente. A área de especialização de Liam não exigia que se ausentasse muito nem que sacrificasse grande parte do seu tempo. De certa forma, Liam até desejava que assim fosse, porque poderia ter-se mantido cego aos muitos avanços de Eris sobre outros homens. E toda a cidade de Corunda o sabia.

Em grande parte, Liam lidava com o facto ignorando os seus inúmeros casos românticos, apenas discutindo o assunto quando ela decidia pedir o divórcio. Liam recusava os seus pedidos, não por razões religiosas, mas por compaixão. Independentemente do quanto ela lhe implorasse pelo divórcio, Liam não lho concedia, pois, embora a ocasional traição com outros homens fizesse parte da natureza de Eris, Liam não a queria sujeitar a uma humilhação pública daquela magnitude. O escândalo acabaria com ela. Havia também outra questão: se Liam também a abandonasse, Eris não conseguiria sobreviver no mundo onde habitava. Se tivessem tido filhos, seria diferente, mas Eris era infértil. O número de homens com quem já estivera e a sua ignorância em termos contracetivos provara-o ao patologista. As suas infidelidades, pensava Liam, não eram mais do que uma demanda desesperada por um filho.

Naquele momento, a situação estava bem pior do que alguma vez estivera. Corunda não tinha um número ilimitado de homens, e Eris já se envolvera com aqueles por quem se sentia atraída. Há um mês, fizera a mala em segredo e partira para Sydney, de forma demasiado repentina para Liam poder ir atrás dela.

Um abandono que lhe daria um motivo incontestável para pedir o divórcio. O seu detetive privado encontrou-a a viver com um homem que geria uma pecuária em Liverpool, e Liam finalmente desistiu da batalha.

— Vi Don Treadby hoje — disse ele a Tufts.

— Faço um chá para nós?

— O que uma bebida alcoólica forte é para a maior parte das casas, o chá forte é para uma casa onde se cura — disse ele com um dos seus raros sorrisos.

— É a cafeína e as outras substâncias que o chá tem, sobretudo porque o bebemos tão forte por aqui. Senta-te, fecha os olhos e conta. Volto mais depressa do que o cordeiro morto abana a cauda.

— Uma metáfora bastante apropriada a Corunda — gritou ele enquanto ela se afastava.

— Mais vale vivo que morto — respondeu ela ao longe.

Tufts regressou rapidamente com um tabuleiro de chá.

— Que disse Don Treadby? — perguntou ela, servindo o chá.

— Que já estava na altura de me divorciar de Eris.

— Bem, a não ser que tu peças o divórcio, é uma situação muito penosa. És a parte lesada, a meu ver. Parece-me estranho — disse Tufts, soprando o chá para arrefecer — que o divórcio não possa ser pedido por qualquer uma das partes.

Liam arqueou as sobrancelhas escuras e bastante direitas.

— Heather! Deixarias uma *adúltera* pedir o divórcio?

— Que cambada de disparates que os homens dizem! — disse Tufts, zangada. — Dizes «adúltera» como se o adultério fosse semelhante ao homicídio… para uma mulher! Eu vejo a situação como um indício de que o cônjuge acabou por se tornar uma enorme desilusão. Na minha opinião, a tua mulher está doente. E se fosses tu o adúltero, como homem, o crime seria menor e teria sempre circunstâncias atenuantes.

Tufts inclinou-se na direção dele, os seus olhos ficaram mais dourados com a luz ténue e começaram a brilhar de forma maliciosa.

— O que eu quero dizer é que o doutor está aqui bem depois da hora do jantar, fechado no seu gabinete com uma enfermeira de vinte e um anos! O que

acha que a fábrica de coscuvilhice de Corunda teria a dizer sobre isso?

Ele sorriu, os seus dentes surpreendentemente brancos devido ao contraste com a pele morena.

— São pérolas a porcos — disse ele.

— Não serão antes rubis?

Riram juntos, ambos em sintonia.

— Achas que me devo divorciar de Eris, não achas, Heather?

— Sim, Liam, acho. Tens dinheiro suficiente para lhe dar uma mesada… talvez não tanto quanto ela quereria, mas de acordo com a lei não tens de lhe dar nada, visto que a culpada é ela. Ainda vivemos num mundo de homens.

— Mas *tu* és minha amiga, não és? — perguntou ele, ficando sério de repente.

— Sim, seu tolo! É por isso que nos tratamos pelo nome próprio… bastante inapropriado se não for entre bons amigos.

A porta abriu-se e a enfermeira-chefe entrou. Ambos viraram a cabeça para olhar para ela com um ar completamente inocente.

— Está a trabalhar até tarde, doutor Finucan?

— Na verdade, não, enfermeira-chefe. Vim terminar algum trabalho que tinha em atraso, mas descobri que a enfermeira Scobie já o tinha feito.

— Scobie é uma enfermeira excelente, bem como uma técnica de análises exemplar, doutor Finucan, mas entra de serviço amanhã às seis da manhã na ala das mulheres. Sugiro que vá descansar de imediato, enfermeira.

Tufts levantou-se rapidamente.

— Sim, enfermeira-chefe. Boa noite, senhor doutor.

Nada mais foi dito até Tufts sair da sala, depois Liam Finucan falou.

— Isso foi bastante desagradável, Gertie — disse ele.

— Por vezes, tem de se ser cruel para o bem das pessoas, como sabes, Liam. Don Treadby disse-me que foste visitá-lo esta manhã.

— Jesus, mas nada se mantém em segredo por aqui?

— Em Corunda? Nada!

A enfermeira-chefe enfiou a mão no bolso imaculadamente engomado e

retirou cigarros e um isqueiro, escolheu um com filtro e acendeu-o.

— Tendo em conta esta nova situação, Liam, não podes estar na conversa com enfermeiras no teu escritório a estas horas da noite. Se o advogado de Eris descobre, vais ter problemas… e a enfermeira Scobie também.

— Não pensei nisso — disse ele, aborrecido.

A enfermeira-chefe olhou para ele com alguma compaixão.

— Bem, os homens tendem a não pensar em determinadas circunstâncias, acho eu. No entanto, recuso-me a deixar que a tua irreflexão destrua a oportunidade que esta excelente enfermeira tem de fazer uma carreira brilhante. De futuro, Liam, não deves ser visto a sós com a enfermeira Scobie, nem incumbi-la de fazer trabalhos especiais para ti.

— Nunca pensei nisso — repetiu ele.

— Mais vale prevenir que remediar, velho amigo. Divorcia-te primeiro de Eris. Já o devias ter feito há muitos anos, quando ainda eras um rapaz novo e um pretendente mais adequado para alguém como Heather Scobie-Latimer. Neste momento, és um homem de quarenta e três anos com bastante uso. — A enfermeira-chefe apagou o cigarro e levantou-se. — Posso contar com o teu bom senso, Liam?

— Claro que sim.

Depois de a enfermeira-chefe sair e fechar a porta, a imagem de Tufts apareceu perante os olhos de Liam Finucan; fechou-os ao sentir uma dor aguda que não sentia há muitos, muitos anos.

— Maldita sejas, Gertie Newdigate! — disse ele em voz alta. — Arruinaste algo com que ainda nem me tinha ocorrido sonhar.

Quarenta e três anos e bastante uso… não era propriamente o tipo de pretendente capaz de encantar Heather Scobie, disso tinha a certeza.

Várias semanas de trabalho árduo no jardim de Grace fizeram com que Edda aceitasse a mudança na sua relação com Jack Thurlow, mas não as saudades que tinha dos passeios a cavalo. De certa maneira, a jardinagem e a enfermagem tinham efeitos físicos demasiado semelhantes, nem relaxavam nem revigoravam o corpo; a coluna era a parte mais afetada, e o agachar constante exacerbava o problema. Como o cavar de centenas de buracos para plantar os bolbos de narcisos amarelos provavam, a jardinagem também não proporcionava qualquer deleite para a alma: nem paisagem para deliciar os olhos, nem liberdade para a alma. Além disso, o jardim era de Grace, sobre o qual a mesma presidia, inchada como um sapo, como se fosse a rainha de Sabá.

Jack enfrentou a sua boa ação com energia e entusiasmo, aparentemente alheado dos sentimentos e necessidades de Edda. Apenas duas visitas fizeram com que Grace esperasse que eles aparecessem sempre que Edda estava de folga; pior ainda, Jack começou a achar que Grace era a sua única atividade juntos. Assim, Edda podia dizer adeus a *Fatima*, à sua amizade com Jack, aos maravilhosos passeios a cavalo e a grande parte da sua privacidade. Edda veio a perceber que Grace era coscuvilheira e que Jack gostava de a ouvir. Paz!, lamentou-se Edda silenciosamente. Deem-me um pouco de paz!

Nas raras ocasiões em que Bear se encontrava em casa, o ambiente era descontraído. Jack e Bear conversavam sobre assuntos do universo masculino que os homens valorizam tanto: avarias de máquinas, colheitas pouco abundantes, dificuldades em encontrar bons cães de trabalho, injustiças de

alguns juízes nas feiras de gado… temas típicos de Corunda que Bear, devido às suas inúmeras viagens, estava mais que qualificado para discutir.

Na verdade, Bear estava muito feliz, tanto quanto um homem recém-casado pode estar, e aguardava o nascimento do seu primeiro filho num misto de encanto e receio.

— Sinceramente, não me importo se é menino ou menina — disse Bear a Jack e às cunhadas durante o jantar —, porque vamos ter alguns de ambos os sexos. Se prefiro que venha um rapaz primeiro, é apenas para ajudar Grace com o trabalho mais pesado por aqui.

— Têm de crescer um bocadinho antes — disse Kitty, que gostava muito de Bear.

— Oh, acredita que eles *crescem* de um dia para o outro! Eu já cortava lenha e acendia o fogão para a minha mãe quando tinha pouco mais de um ano — disse Bear de forma animada.

— Sim, mas não vais sujeitar os teus filhos ao mesmo tipo de tirania a que o teu pai te sujeitou — disse Tufts.

— Espero que não! Foi por essa razão que fiz um juramento muito cedo… a bebida é mesmo um demónio. Ainda assim, acho que não faz mal às crianças de uma família grande ajudarem e contribuírem com algumas tarefas. Penso que é melhor isso do que demasiado mimo.

— Isso — disse Grace, levantando-se de forma um pouco desastrada — não vão ter por aqui, Bear, meu amor. Eu não sou boa dona de casa.

Edda olhou para cima rapidamente, mas Grace já se virara, saindo do alcance do olhar reprovador de Edda. Oh, Grace, o que estás a fazer agora? Levantou-se e seguiu Grace até à cozinha.

— Porque achas que não és boa dona de casa, Grace?

— Credo, Edda, não deixas nada escapar! — disse Grace, com uma atitude defensiva. — Não é nada… é só porque vi um material lindo para fazer umas cortinas para a sala de estar e gastei a maior parte da mesada que tenho para governar a casa. E Bear é tão generoso.

Horrorizada ao ouvir-se, embora incapaz de se controlar, Edda imitou Maude

Latimer e rangeu os dentes.

— Oh, Grace! Não podes fazer isso! Sobretudo com o bebé a nascer em breve, de certeza que percebes isso? A tua casa está concluída, por dentro é boa demais para o resto da vizinhança, e não havia problema nenhum com as cortinas da sala de estar. Se o que gastaste endividar Bear, ele vai ser obrigado a pôr um daqueles horríveis anúncios no *Post* a dizer que o senhor Björn Olsen não se vai responsabilizar pelos gastos da sua esposa. Se continuares a gastar o dinheiro que não tens, Bear só vai ter duas alternativas: desresponsabilizar-se pelas tuas dívidas ou declarar-se falido. E se Bear declarar falência, cada pedaço da tua preciosa mobília vai ser leiloado, juntamente com esta casa. Não te lembras do que a senhora Geordie Menzies fez a Geordie no ano passado?

As lágrimas corriam pelas faces de Grace.

— Não vejo o problema desta vez — disse ela, procurando o lenço para secar os olhos. — A sala de estar *precisava* de cortinas novas!

— Grace, tu é que precisas de mudar — disse Edda, num tom severo. — Acabaram-se os gastos… e não vás contar a Bear a nossa conversa. Tens de viver de acordo com as tuas possibilidades, estou sempre a dizer-te isto. — Ocorreu-lhe um pensamento. — Tens recebido Maude em casa ultimamente?

— Por vezes — sussurrou Grace.

— Então, não o faças mais. Diz-lhe para me ir visitar, eu deixo-a com a pulga atrás da orelha!

Tenho de pôr termo a esta relação entre a minha influenciável irmã e a nossa terrível madrasta, pensou Edda enquanto se afastava no carro de Jack com Tufts e Kitty. Ela está a tentar afastar Grace e Bear, persuadindo Grace a gastar de forma exorbitante.

Era evidente que Jack reparara em algo errado. Curioso o facto de ele, sem qualquer relação de sangue, ser o único a ver tudo de forma clara… Depois de Tufts e Kitty saírem do banco de trás do carro, Jack não fez qualquer tentativa para expulsar Edda.

— Vão andando, meninas — disse-lhes ele —, enquanto eu levo a vossa irmã até ao rio para namorar um pouco.

— Namorar! — disse ela indignada, enquanto Jack conduzia em direção ao rio e estacionava. — Ainda assim, resultou. Como é que eu sabia que as coisas iam mudar se te apresentasse Grace?

— Agora não, Edda. Contempla a noite, sua filisteia!

Jack queria partilhar com ela, queria que *ela* partilhasse com ele. Edda, *és* uma tola! O cheiro e os sons, bem como a paisagem de verão, inundaram Edda quando se sentou no tronco da árvore com Jack e olhou. A noite estava deslumbrante, a luz das estrelas emanava do céu junto a uma imensa Lua redonda de prata, que jorrava um esplendor invisível sobre as colinas e tingia o mundo inteiro de um tom índigo cintilante.

— Sentes-te melhor agora, depois de veres isto? — perguntou ele, enquanto enrolava um cigarro.

— Sim e agradeço-te. És um tipo engraçado, Jack, nunca sei qual vai ser a tua reação. No entanto, sempre achei que as coisas iam mudar quando conhecesses Grace, e tinha razão — disse ela, pensando por que razão os cigarros agora a entediavam. — Grace é de tal forma indefesa, embora eu só me tenha apercebido disso quando ela se casou com Bear, que eu costumava manipulá-la como um fantoche quando ainda vivíamos no presbitério. Mas pelo menos naquela altura ela não estava metida em sarilhos, agora parece que está sempre. Tu também és uma peça fundamental para manter Grace no caminho certo. Ela costumava passar o tempo livre nas gares de comboios. Foi lá que conheceu Bear, apaixonaram-se no meio de locomotivas a vapor. É ridículo, não é? De qualquer modo, Grace funciona como um comboio, sobre carris. Não se consegue virar sem ajuda. E, por razões que nem sou capaz de imaginar, a nossa madrasta está a intrometer-se na vida dela, o que está a ter um efeito desastroso.

— Que efeito desastroso? — perguntou ele, enquadrando a Lua num anel diáfano de fumo.

— Oh, para com isso! — disse Edda bruscamente. — A última coisa que um mundo perfeito precisa é de um anel de fumo feito pelo homem! Não consegues apreciar a verdadeira beleza?

O anel de fumo fora a sua deixa para segurar Edda nos braços e beijá-la até

ela esquecer a sua obsessão com Grace, mas a sua reação fê-lo parar, um intenso desejo desfeito. Medusa, górgona, senhora das serpentes, era o que lhe chamavam e com todo o fundamento. Jack prestava atenção aos rumores e já ouvira histórias de pacientes que se apaixonavam por Kitty ou Tufts, mas nunca por Edda. Não havia enfermeira que cuidasse melhor dos pacientes, que fizesse um homem sentir-se mais à vontade e especial, no entanto Edda não conseguia cativar o tipo de amor que existe entre um homem e uma mulher. Os próprios sentimentos de Jack por ela eram intensamente físicos, e bastante racionais, mas não conseguia convencer-se de que ela sentisse qualquer tipo de amor por ele. Edda era como uma gloriosa estátua no cimo de um pedestal, e Jack desconfiava que ela preferia viver assim.

— Que efeito desastroso? — repetiu ele.

— Ela não tem qualquer noção do valor do dinheiro, endivida-se constantemente.

— Ah, percebo. E a tua madrasta?

— Encoraja a sua tendência para gastar. Tenho de pôr fim a isso!

Caminharam para junto do carro.

— Não tenho dúvidas de que o farás, Edda.

Edda permaneceu em silêncio até avistar o portão lateral do hospital, depois falou precipitadamente.

— Não te armes em cavalheiro, Jack, eu consigo sair sozinha. Vais a casa de Grace amanhã?

— Tinha intenção de voltar, visto que Bear ainda está na cidade. Vamos tratar daquela árvore.

Edda deslizou para fora do carro.

— Boa sorte. Eu não vou, estou farta de Grace, e *Fatima* está a engordar muito por falta de exercício nos estábulos do meu pai. Vou voltar a andar a cavalo, faz-me bem à saúde. Boa noite.

Dito isto, Edda desapareceu.

Durante uns longos cinco minutos, Jack permaneceu estacionado na esquina, certo de que Edda mudaria de ideias e voltaria para lhe dizer que se veriam

amanhã em casa de Grace. No entanto, foi Liam Finucan quem apareceu junto ao carro.

— Podes levar-me a casa, Jack?

— Entra. Agora que pediste o divórcio, o que acontece à casa? É demasiado grande.

— Vou vendê-la. Há uma casinha pequena dentro da propriedade do hospital que serve perfeitamente para mim. Vou fazer um contrato de arrendamento de longa duração e arranjá-la.

— Sensato. Além disso, eu sei que queres algum dinheiro para dar uma mesada a Eris — disse Jack, sorrindo.

A expressão do rosto alongado parecia divertida pelo comentário.

— Ai, pobre alma! Faz parte da natureza dela, Jack, e eu tenho o suficiente para me governar.

— Ela fez avanços sobre mim uma vez, Liam, eu recusei.

— Ela fez avanços sobre todas as pessoas com um pénis, Jack.

— E tu estás bem melhor sem ela.

A pessoa que mais sofreu com o divórcio do doutor Finucan foi Tufts, que não fazia ideia do que se tinha passado entre a enfermeira-chefe e Liam depois de ter sido mandada embora naquela noite memorável. Quando voltou a estar de serviço no laboratório de patologia, Tufts apareceu desejosa de aprender uma nova técnica de análise que Liam prometera ensinar-lhe e encontrou-o sentado atrás da secretária, tendo de ficar de pé à sua frente. Uma *repreensão*?

Não, nada disso. Liam não parecia bem, o que a preocupou. O seu cabelo desgrenhado não via uma escova há bastante tempo e caía sobre o rosto, cegando-o parcialmente, os seus olhos cinzento-escuros pareciam sem vida e o rosto flácido evidenciava fadiga. Que raio se passava? Onde estava a ruga que aparecia sempre no canto da sua boca e que o fazia parecer tão bem-humorado. Não havia sinal dela naquele dia. Nem da ligeira suavidade que Tufts se habituara a encontrar no seu sorriso. Hoje, não havia sorriso.

— Sente-se, enfermeira Scobie — disse ele, de forma bastante austera.

Intrigada, Tufts sentou-se com as mãos sobre o colo e os olhos postos nele.

— Isto é bastante constrangedor — disse ele, após uma pausa —, e deve estar bem longe do que a enfermeira-chefe quer que eu faça, mas não sou capaz de parar de dar aulas privadas a uma enfermeira tão interessada e brilhante como a Scobie sem dar, pelo menos, uma explicação adequada. Por favor, lembre-se de que a enfermeira-chefe está apenas a zelar pelo seu interesse.

A voz profunda e com a modulação típica do Ulster enfraqueceu, mas os seus olhos nunca deixaram os dela. Engoliu em seco, recompôs-se e continuou.

— Já lhe disse que iniciei o processo de divórcio devido à infidelidade constante da minha mulher. Isto significa que sou a parte lesada e que vou receber tratamento favorável em tribunal. No entanto, o advogado da minha mulher vai fazer os possíveis por me arrastar para o nível dela. Se ela conseguir provar que eu cometi adultério, então terá a mesma vantagem que eu em tribunal. Visto que nunca cometi adultério, é do meu interesse manter-me, hum, imaculado, enfermeira.

A sua voz enfraqueceu novamente, olhando para Tufts com um enorme sofrimento.

Tenho de o ajudar, pensou Tufts. De outra forma, vai desmaiar aqui e agora.

— O que quer dizer, doutor Finucan, é que não devemos ficar sozinhos em nenhuma circunstância que possa fazer com que a senhora Finucan alegue uma conduta inapropriada da sua parte? — perguntou Tufts, a sua voz firme e distante.

— É essa a convicção da enfermeira-chefe.

— Concordo com a enfermeira-chefe. — Tufts começou a levantar-se da cadeira. — A partir de agora, não devemos estar os dois sozinhos ou tratar-nos pelo nome próprio. — A sua expressão ficou séria. — Sugiro que o jovem Bill esteja sempre presente e participe nas nossas aulas. Eu sei que o doutor sempre foi contra isso, porque ele não é tão rápido a assimilar os conteúdos como eu, mas talvez isso seja injusto para com Bill, dada a função que ele desempenha no laboratório. Quaisquer instruções que me dê, devem ser dadas também a todos os

outros participantes na mesma sessão.

Os olhos dele brilharam, tornando-se cruéis de repente.

— Lamento, minha querida, lamento muito.

— Ora essa, que disparate! — disse ela, docemente. — Por quanto tempo será?

— Dois anos, ao que parece. Os tribunais estão sobrecarregados. Tenho de esperar a minha vez.

— Oh, mas que pena! Tinha esperança de podermos voltar à normalidade antes de terminar o curso, mas tal não será possível — disse Tufts, com tristeza.

— Temo que não será possível, não.

— Posso ir-me embora agora, senhor doutor?

— Sim, claro. Vou fazer um novo horário para si e para Bill e outro para as enfermeiras.

Aquela maldita mulher!, pensou Tufts, enquanto descia a rampa com um ar bastante inacessível. A importunar um homem tão digno e depois a privá-lo do pouco prazer que ainda tinha. Ele *gostava* das nossas sessões a dois, eu sei que sim!

Uma eternidade de correção formal aproxima-se, e fico louca de raiva só de pensar nisso. Acabou-se o chá a meio da noite, os olhares que se faziam entender sem palavras. Estou a ser condenada a um exílio espiritual. Oh, eu sei por que razão a enfermeira-chefe interveio e fico contente por ela o ter feito. De outra maneira, Liam seria arruinado, eu seria arruinada e ambos teríamos de ir embora. Liam e eu nunca prejudicámos ninguém, mas agora fomos separados para sempre, como um pedaço de carne cortado ao meio por um talhante. No entanto, vou fazer uma coisa, à vista de todos, fora do gabinete dele e do laboratório: vou escovar-lhe o cabelo. Aquela escova da Mason Pearson custou-me dinheiro e comprei-a para dar um jeito àquele cabelo desgrenhado. E é o que vai acontecer, se o escovar duas vezes ao dia e com vigor junto ao escalpe. Tenho de obrigar os folículos a crescerem para trás, não para a frente. Com divórcio ou sem divórcio, vou fazê-lo!

Edda não falara com Maude sobre o facto de esta encorajar Grace a gastar o dinheiro que não tinha; foi antes discutir o assunto com o seu pai, uma decisão bastante mais perspicaz.

Depois de as suas filhas terem ido estudar enfermagem, o reverendo Thomas Latimer tornara-se um homem cada vez mais emancipado. Sozinho no enorme presbitério com Maude, depois de esta ter regressado da sua estadia nas Montanhas Azuis, Thomas começou a cortar aqueles laços que o uniam a ela e de que nunca gostara, desde a sua atitude dominante para com as suas filhas à escolha dos seus sermões e cânticos. E, apesar de não ser um homem rico, herdara o suficiente da sua mãe Treadby para viver de forma muito confortável. Era, por natureza, um homem bastante cuidadoso com o dinheiro. Maude, por exemplo, tinha apenas acesso limitado ao seu dinheiro. Embora amasse a sua segunda mulher, não era cego aos seus defeitos. A interferência de Maude nas finanças de Grace, interpretava ele de forma bastante acertada, era uma maneira indireta de conseguir o que sempre quisera, mas que lhe fora negado. Sempre que ia a casa de Grace, Maude olhava em redor e congratulava-se pelo seu poder de interferir na vida daqueles de quem não gostava, mesmo que os prejudicasse seriamente com isso.

No entanto, quando um pastor incrivelmente furioso batia o pé, Maude não tinha outro remédio senão obedecer. Quando lidasse com Grace de futuro, foi-lhe dito de forma fria, deveria desencorajar os gastos excessivos de dinheiro. De outra forma, a sua própria mesada seria afetada.

Edda teve mais dificuldades em convencer o pai a não repor as 900 libras de Bear e as 500 de Grace.

— Por favor, papá, não o faça — implorou ela. — Bear é demasiado bom para Grace para lhe esconder o dinheiro que o pai lhe der e, assim que ela souber que o dinheiro lá está, vai gastá-lo de novo. Ser gastadora faz parte da natureza de Grace, por isso deixe o marido lidar com ela. Se quer ajudar a família Olsen, pague uma boa escola para que os filhos deles tenham acesso a uma boa educação. Veja o que isso nos valeu.

A conversa ficou por ali. Uma parte dela sentia-se desgostosa por Grace ter

arruinado a sua relação com Jack Thurlow. Edda começou a visitar Grace cada vez menos à medida que a sua gravidez chegava ao termo. Contudo, com toda a honestidade, a culpa era de Jack, não de Grace. Ao sucumbir aos encantos de Grace, Jack revelara uma faceta secreta que Edda considerou branda e fraca. Ele não era o homem que Edda sempre pensara que fosse. Grr!

Quando Grace entrou em trabalho de parto no início de abril de 1928, estava enorme e, de acordo com os cálculos do obstetra, já passava da data prevista para o parto. Bear já se encontrava em Corunda, tendo planeado a sua chegada para a mesma altura do nascimento. O bebé simplesmente ignorou os horários de toda a gente.

A maternidade não estava movimentada, nem se esperava que ficasse nos tempos mais próximos, e o doutor Ned Mason internou Grace antes de as dores do parto começarem. A sua admissão na maternidade foi como um aguilhão para gado: Grace tinha acabado de desfazer a sua pequena mala de viagem e de se sentar à beira da cama para testar o seu conforto quando as águas rebentaram. Sabendo de quem se tratava e consciente de que as suas irmãs se encontravam de serviço noutras alas do hospital, a irmã responsável pela maternidade acalmou Grace de forma meiga e competente. O chão foi limpo, arranjaram-lhe uma bonita camisa de dormir e foi-lhe designada uma simpática enfermeira do West End para a ajudar a movimentar-se.

— Mas eu não quero andar, quero deitar-me na cama! — protestou Grace a Edda, quando esta apareceu com o uniforme da sala de operações e duas máscaras cirúrgicas em volta do pescoço. — Porque não me deixam deitar?

— O doutor Mason acha que o parto vai ser demorado, Grace, o que significa horas e horas na cama. Agora, enquanto ainda podes, *anda*!

Kitty e Tufts entraram no quarto para a abraçar, beijar e explicar novamente a importância de andar, pois Grace teimava em não acreditar que ajudava. Edda suspirou baixinho.

— Grace, tu eras enfermeira — relembrou Kitty.

— Sim, mas nunca estive de serviço na maternidade! Ai, ai, ai, dói tanto!

— É claro que dói — disse Tufts, puxando inflexivelmente por Grace. — Estudaste anatomia e fisiologia, Grace, por isso deves lembrar-te que o doutor Finucan explicou que a pélvis tem de abrir para uma coisa enorme como um bebé sair… é incrível o quanto ela abre, por isso, sim, dói imenso! Tens de te esforçar muito, minha querida, sob circunstâncias horríveis, antes de conseguires expelir o bebé. Lembra-te apenas que é o melhor esforço da tua vida porque o resultado final é tão maravilhoso: um bebé saudável de termo.

— Tem de ser rapaz! — arfou Grace para Kitty horas depois.

— Que disparate! — exclamou Kitty, limpando o rosto de Grace. — O que há de tão especial em ter um rapaz?

— Todos os homens querem um rapaz. As raparigas são uma desilusão.

— E os desejos da mulher não contam? No final de contas, são elas que fazem o trabalho mais difícil.

Grace emitiu um sopro de desprezo.

— Quem no seu perfeito juízo quereria uma rapariga? Reprimida, confinada, submissa? Se Edda tivesse nascido rapaz, o pai teria feito de tudo para o mandar para a universidade, para que ele tirasse o curso de medicina. Mas Edda nasceu rapariga, por isso…

— Sim, bem, infelizmente não temos escolha no que diz respeito ao sexo do bebé, minha querida. O que quer que seja, menino ou menina, é teu. Toma, bebe um pouco de água. Precisas de fluidos.

Bear levara Grace para o hospital e conseguira estar por breves momentos com a sua esposa chorosa e a sofrer depois de esta se ter instalado. Em seguida, foi encaminhado para a sala de espera dos pais, onde um futuro pai andava ansiosamente de um lado para o outro, fumava um cigarro atrás do outro e tentava pensar noutra coisa para além da sua mulher e filho. Seria bastante mais fácil se tivesse companhia, mas o bebé de Grace resolveu nascer depois do *boom* de bebés de setembro, concebidos no final/início do ano, altura em que se consumia muito álcool e se tomavam poucas precauções. Bear teve de esperar sozinho, salvo algumas visitas breves do pai e das irmãs de Grace.

Vinte e sete horas depois de o trabalho de parto começar, Bear ficou a saber que era o orgulhoso pai de um menino muito saudável com quatro quilos.

Grace estava exausta, mas com poucas mazelas à exceção de alguns pontos no períneo rasgado. Um menino! Um menino com o cabelo, as sobrancelhas e as pestanas de um tom negro como a Branca de Neve e um corpo comprido e forte.

— Bem, Grace, este foi o trabalho mais árduo que alguma vez terás de fazer — disse a tia Tufts, segurando o bebé com destreza. — E é um belo rapaz! Que nome lhe vais dar, Bear?

— Brian — disse Bear tão rapidamente que a opinião de Grace se perdeu.

— Brian? Gosto, Bear, mas nunca o mencionaste.

— Era o nome do meu irmão preferido. Morreu numa rixa num bar.

Se a tia Tufts, a única familiar presente, achou macabro dar ao bebé o nome de alguém que morreu numa rixa de bar, não mostrou qualquer indício disso. Entregou o bebé a Bear, com um sorriso.

— É um nome bonito, masculino, e livre de ser alvo de graçolas no recreio da escola.

— Exatamente — disse Bear, olhando intensamente para o seu primogénito num misto de encanto e humildade. — Os nomes que Grace escolheu eram um pouco delicados, mas não vou condenar o meu menino a ter um nome efeminado. Brian Olsen soa-me bem.

— Oh, Bear! — exclamou Grace num tom acusador. — Eu queria algo que soasse bem com o título de cavaleiro. Sir Maximilian Olsen!

— Maximilian é um nome efeminado — disse Edda, entrando no quarto. — Brian? Ideal! Graças a Deus que um dos membros da família Olsen tem bom senso.

Ser avô de um rapaz encantou o pastor, que descobrira como ajudar Grace sem lhe meter dinheiro na carteira. Contratou uma empregada doméstica para limpar a casa de Trelawney Way uma vez por semana, e para fazer o pior trabalho de todos três vezes por semana: lavar dezenas e dezenas de fraldas de

pano. Tudo o que Grace tinha de fazer era retirar os sólidos das fraldas sujas e pô-las para lavar. A empregada fervia-as, passava-as por água e pendurava-as para secar nas cordas da roupa que se entrecruzavam no quintal e o faziam parecer uma autêntica selva. A lavandaria era agora um barracão junto à porta das traseiras. O que fora em tempos a lavandaria, não passava de uma área onde as fraldas ficavam de molho.

Bear, reparara agora Edda, estava menos ansioso de voltar à estrada do que antes. Parte disso devia-se ao facto de estar embevecido com o seu filho, mas era sobretudo por estar preocupado com Grace, que, apesar de ter bastante ajuda em casa e com a roupa, não parecia conseguir lidar com a chegada do filho. Tinha tanto leite que chegava a pingar, mas, passada apenas uma semana do nascimento, ficou de tal maneira revoltada que deixou de lhe dar de mamar e começou a alimentá-lo a biberão, aguentando a supressão de leite como um mal menor. O doutor Mason ficou indignado, tal como a enfermeira distrital, mas Grace ignorou-os. Mudar a fralda ao bebé era algo que também a revoltava, por isso fazia-o menos vezes do que devia. O resultado era eritema das fraldas tão grave que as suas três irmãs se viram obrigadas a pressioná-la para cuidar do bebé de forma apropriada. No final, Grace conseguiu o que tanto queria do pastor: ajuda com o bebé a tempo inteiro.

— De qualquer maneira — disse Edda num tom furioso a Kitty e Tufts, um dia, quando o bebé Brian tinha três meses —, a nossa astuta irmã sempre se conseguiu safar a todas as tarefas que considera desagradáveis. Mas isto é a última gota! É ridículo, digo-te já! Uma empregada a tempo inteiro para garantir que Brian se encontra limpo e seco para não sofrer erupções, nem feridas! Estou furiosa!

— Só serve para mostrar o quanto Grace deve ter odiado cuidar dos doentes — disse Kitty, os olhos a brilhar com lágrimas. — Maude gosta de uma casa requintada e passou-nos esse gosto. Não é uma pessoa agradável, mas nunca tratou nenhuma de nós como uma Cinderela. A tortura de eleição de Maude era psicológica. E conseguiu afetar Grace.

— O que a conduta maternal de Grace prova — disse Tufts, com firmeza —

é que ela odeia confusão, algo que também estava presente durante os seus tempos de enfermagem. O facto de ela nunca ter negligenciado os seus pacientes da mesma maneira que negligencia Brian prende-se com o medo que ela sentia das irmãs do hospital… tinha mais medo delas do que de limpar porcaria. Agora, tem um bebé que não faz mais nada, sem ser porcaria, e não tem ninguém que a obrigue a limpar.

— Não te esqueças da confusão — disse Kitty. — Sempre soubemos que Grace não é capaz de se organizar e, com a mamã e nós as três como irmãs, ela nunca teve de organizar nada. Agora está encarregada de governar uma casa e de cuidar de um bebé, está confusa e não sabe como fazê-lo. O pai interveio, não poderia ter feito pior… e quando ela não tiver o pai ou as irmãs para a ajudar?

— Desastre! — disse Edda.

— Vocês são demasiado pessimistas — disse Tufts. — Há de haver sempre alguém para salvar Grace.

— Por que razão o fariam? — perguntou Edda, sem conseguir perceber.

— Ela é o sonho de qualquer homem: incapaz de existir sem um homem em quem se apoiar. — Tufts suspirou. — Vá lá, Edda, tu sabes o que eu quero dizer! Grace transforma-se em propriedade que tem de ser governada por um ser superior: um homem. Tudo o que ela faz passa a mensagem aos homens de que não é capaz de cuidar de si mesma. E eles adoram isso! Pelo menos, um determinado tipo de homem adora. Os Bears todos que andam por aí.

— Bem, antes Bear que eu! — disse Edda, furiosa. — Porque será que ela não consegue perceber que a sua vida seria muito mais confortável se ela se organizasse um pouco? Ninguém gosta de limpar merda de bebé, mas, já que tem de ser feito, *toca a fazê-lo*! Toda aquela mobília cara, no entanto, a casa dela cheira mal como uma fossa!

— Porque estás a ser tão agressiva, Edda? — perguntou Kitty.

— Grace está novamente grávida. Quando o bebé nascer, Brian terá apenas catorze meses.

Olhos azul-lavanda cruzaram-se com olhos dourados como âmbar: Kitty e Tufts trocaram um olhar de compaixão silenciosa. É claro que era mais doloroso

para Edda! Ela era gémea de Grace. E, infelizmente, tão controlada quanto Grace era desorganizada. Os defeitos de Grace estavam muito longe do coração de Edda.

Se Kitty e Tufts tivessem conhecimento da importância de um homem chamado Jack Thurlow, o sofrimento de Edda teria feito muito mais sentido.

PARTE TRÊS

O NOVO DIRETOR

Em abril de 1929, os três anos do curso de enfermagem terminaram. Edda Latimer, Heather Scobie-Latimer e Katherine Treadby-Latimer tornaram-se enfermeiras certificadas. Edda ganhara vários prémios e as três terminaram o curso com distinção.

Naquela altura, já não havia nada que desconhecessem no Hospital de Corunda, nem ala em que não tivessem trabalhado. A ala psiquiátrica era um pesadelo para esquecer, pois não havia muito a fazer por aquelas pobres criaturas senão fechá-las em celas acolchoadas ou em dormitórios… o hospício era um lugar de gritos, delírios, fantasmas deambulantes e homicidas maníacos.

Não apareceram estagiárias novas em 1927 ou 1928, mas naquele ano, 1929, matricularam-se oito, todas do West End. Com Edda no comando, as três falaram, discutiram, debateram e fizeram de tudo para tentar convencer as estagiárias do West End de que tinham, *tinham* de aproveitar o novo sistema, pois o antigo estava acabado. O futuro da enfermagem residia na obtenção de treino e registo; as enfermeiras não registadas seriam reduzidas a criaditas mal pagas sem qualquer tarefa interessante: apenas lá para lavar, limpar porcaria, levantar e virar pacientes, servir refeições… tudo sob a supervisão de uma enfermeira formada. Lena Corrigan, sempre líder das enfermeiras do West End e, no início, uma inimiga obstinada, também acabou por se aperceber deste facto e juntou a sua voz à das três irmãs. Com as oito estagiárias de 1929, veio uma concessão do Departamento da Saúde para a construção de um edifício com apartamentos para acomodar as enfermeiras. Para Edda, Tufts e Kitty, esta era a

batalha mais importante a ganhar, pois daria às raparigas mais desfavorecidas uma oportunidade de abraçar uma carreira adequada sem as complicações masculinas associadas ao ensino numa escola ou a subserviência do trabalho de secretariado. As enfermeiras tinham um certo poder; qualquer paciente que passasse pela experiência de vida ou morte num hospital saía de lá respeitando-as, quer rugissem como dragões ou pairassem como anjos encantadores por cima da cama do hospital. Reais ou imaginárias, as enfermeiras eram *inesquecíveis*.

É óbvio que três novas enfermeiras traziam dificuldades. Como poderia um hospital distrital empregar as três? Esta tarefa era mais fácil agora do que fora em 1926 apenas devido à erosão do tempo: sete das enfermeiras mais experientes do sistema antigo do West End tinham-se reformado. Infelizmente, os seus salários não eram semelhantes aos das enfermeiras registadas. Além disso, o hospital sofrera uma reviravolta caótica em junho: um cataclismo inesperado e imprevisível.

O diretor do hospital, o doutor Francis Campbell, ocupava o cargo há vinte e cinco anos quando o ano de 1929 chegou, e esperava continuar a exercer as suas funções por mais uma década. Então, precisamente no momento em que as três enfermeiras receberam os seus certificados pelo correio, Frank Campbell morreu de ataque cardíaco quando se encontrava sentado à sua secretária, uma peça de mobiliário a que toda a gente pensava que ele estava colado, visto nunca ser visto em qualquer outra parte do hospital. Para Frank Campbell, o Hospital de Corunda *era* a sua secretária. Os horrores que o seu tipo de supervisão originavam ocorriam noutro lugar, por isso Frank não os via. Ninguém sabia se Frank sentira o ataque cardíaco, pois estava sozinho quando aconteceu, e não existia qualquer sistema de comunicação interna que pudesse ter usado para pedir ajuda. Recusara-se a instalar tal sistema por ser demasiado caro. A ele, saiu-lhe muito caro.

Os hospitais estavam sob a tutela do Departamento de Saúde do respetivo Estado, mas na maior parte das questões os hospitais governavam-se a si

mesmos, sobretudo os não universitários situados nas áreas rurais. O conselho de administração do hospital tinha o poder de tomar decisões, incluindo preencher vagas de pessoal, estabelecer políticas e administrar fundos. O Hospital de Corunda tinha um financiamento avultado, seguro no banco sob a supervisão do conselho de administração: dinheiros que advinham de três quartos de século de doações e poupanças espantosas.

A decisão relativamente ao que fazer com as três novas enfermeiras foi adiada até ser designado outro diretor, deixando as Latimer em suspenso, com direito a usar o véu engomado de organdi, mas sem poder tirar o avental de enfermeira. Edda manteve-se o mais perto possível do bloco operatório, trabalhando no serviço de urgências dos homens. Kitty permaneceu na ala das crianças. Tufts oscilava entre a maternidade e as funções de enfermeira responsável do turno da noite, sendo que este último envolvia que percorresse as rampas e as alas com uma lamparina de querosene. Frank Campbell era demasiado sovina para comprar pilhas!

Então, de forma bastante inesperada, a enfermeira-chefe mandou chamar Tufts, que apareceu com o seu véu de irmã e avental de enfermeira.

— Penso que pode tirar o avental, enfermeira Scobie.

— Ainda não, enfermeira-chefe. Pode vir a ser útil. Os nossos deveres não são assim tão bem definidos para termos a certeza de que não vamos encontrar porcaria para limpar.

— Como queira. — O rosto suave e bastante inexpressivo da enfermeira-chefe refletia a sua habitual falta de interesse emocional. — Embora a sua futura carreira ainda não possa ser decidida, irmã Scobie, sinto-me suficientemente confiante para falar consigo sobre a direção que a sua deve seguir, mesmo numa altura tão conturbada como esta.

— Sim, enfermeira-chefe.

— Com pelo menos oito estagiárias a começar dentro de dez semanas, compete-me, como chefe do pessoal de enfermagem, tomar medidas imediatas relativamente à educação destas. Não concordei com os planos que o doutor Campbell formulara para elas e, não tenho problemas em dizer-lhe, irmã, que,

depois da sua morte, os pus completamente de lado e comecei de novo. Depois de três anos neste estabelecimento, imagino que não tenha de lhe explicar as minhas razões para pôr de parte os seus planos?

— Não, enfermeira-chefe, não tem. Eu compreendo e estou radiante.

— Ainda bem! — A enfermeira-chefe recostou-se um pouco na sua cadeira. Estaria interessada no cargo de irmã tutora?

Tufts engoliu em seco.

— Isso dependeria, enfermeira-chefe.

— De quê? — A sua voz tornou-se fria.

— Do tipo de autoridade que o cargo acarretar. Se eu conseguir conceber um sistema de treino que satisfaça o conselho de enfermagem e que, ao mesmo tempo, incorpore vários aspetos relacionados com os nossos próprios valores, então estou interessada. Também criaria uma disciplina completamente nova, que iria para lá das ideias do que o conselho de enfermagem acha que uma enfermeira deve saber. É claro que lhe apresentaria todo o meu trabalho, bem como ao novo diretor do hospital, antes de o submeter a Sydney, mas nunca me tornaria um autómato que se limita a obedecer aos planos de outras pessoas. — Os enormes olhos dourados refletiam obstinação. — Compreenda, irmã, eu tenho os meus próprios planos.

Por alguns momentos, a enfermeira-chefe Newdigate não respondeu, a goma do seu uniforme rangeu mais do que o habitual… um indício de que estava a respirar fundo. Por fim, as palavras saíram, cuidadosamente pensadas e distantes.

— Pois bem, se a irmã Scobie não tivesse as suas próprias ideias, eu não a convidaria para ocupar este cargo. Dada a sua importância, podia perfeitamente justificar a importação de uma irmã tutora de Sydney ou Melbourne. No entanto, é preferível recrutar alguém de Corunda se houver um candidato apropriado, e eu acredito que a irmã Scobie seja a pessoa adequada para o cargo. Concordo com os seus termos.

— Então, eu aceito o cargo. — Tufts levantou-se calmamente. — Obrigada, enfermeira-chefe. Hum… há mais uma coisa.

— Por favor, diga, irmã.

— Vou precisar de passar bastante tempo a conferenciar em privado com o doutor Liam Finucan. A não ser que, é claro, pretenda usar outro médico para dar aulas e ensinar?

— Continuará a ser o doutor Finucan e não tenho qualquer objeção quanto a estarem os dois sozinhos numa sala. Ele agora é um respeitável homem solteiro… e seu colega — disse a enfermeira-chefe, secretamente adorando esta jovem esperta e bastante perigosa.

— Ainda bem — disse Tufts, e saiu.

Tufts encontrou as suas duas irmãs enfermeiras em casa a tomar chá com Lena Corrigan. Apesar de a irmã Marjorie Bainbridge ter sido designada irmã responsável pela acomodação e de se ter mudado para um apartamento no edifício novo das enfermeiras, ninguém se tinha dado ao trabalho de mudar as Latimer da sua primeira residência. Tinham agora a casa toda para si e um grau de conforto que as habitantes dos novos apartamentos das enfermeiras nem sonhavam. As recompensas de serem pioneiras.

— Tenho um novo emprego — disse Tufts, aceitando uma chávena de chá.

Todas olharam para ela, interessadas, mas Kitty falou primeiro.

— O quê?

— Irmã tutora, com estatuto de enfermeira-adjunta.

— Macacos me mordam! — disse Lena, ofegante. — Isso é que é sorte, Tufts! Que maravilha!

Entre abraços e gritos de felicitações, Tufts contou a história da sua entrevista. Edda mantinha-se sorridente e muito sossegada… Oh, não por estar zangada ou desiludida, todas sabiam, mas por pura alegria. A posição e a importância de uma mulher significavam muito para Edda.

— Lena, eu sei que as bolachas de aveia e coco do presbitério são muito mais saborosas que as bolachas de araruta, mas não vieste tomar chá connosco só para mergulhar as tuas bolachas em chá ou para ver de que cor era o batom da Edda… Também tens notícias — disse Tufts, já na sua segunda chávena de chá e

terceira bolacha de aveia e coco.

— Certa como sempre, senhora Myrna Loy. Ela é a estrela de cinema com quem toda a gente na ala dos homens acha que tu és parecida, Edda. Kitty é sempre Marion Davies, mas geralmente andas de uma forma um pouco desajeitada…

— Conta-nos a tua novidade, Lena — disse Tufts perentória.

Lena ergueu as mãos, rendendo-se.

— Está bem, está bem! Eu também estive com a enfermeira-chefe e também recebi uma promoção. Depois de quase vinte anos como auxiliar…

— Espero que Frank Campbell esteja a arder nas chamas do Inferno! — rosnou Kitty.

— … a enfermeira-chefe arranjou maneira de me trazer para o seio da família como enfermeira oficialmente registada. Sou a irmã Corrigan e vou para onde o meu coração deseja… o hospício, como enfermeira-adjunta responsável.

Tal anúncio criou uma nova onda de alegria triunfante. Mais uma vitória para as mulheres e tão merecida! Contudo, desta vez, a descida das alturas foi atenuada por algum desânimo, embora todas as Latimer soubessem que a sua preocupação era um desperdício.

— Lena, após três anos, eu *sei* que adoras trabalhar no hospício, mas agora és uma enfermeira oficialmente registada e, com os teus vastos conhecimentos, podes escolher com que tipo de paciente queres trabalhar — disse Edda, com os seus olhos a ficarem de um cinzento-escuro por causa da ansiedade. — Tens a certeza de que não vais ficar maluca por passares lá tanto tempo? Não há nada a fazer com os pacientes com perturbações mentais e os psiquiatras não ajudam. Limitam-se a observar e a catalogar as diferentes formas de loucura. A enfermagem psiquiátrica é fisicamente perigosa, mas é-o ainda mais para o espírito. Pensa em toda a frustração!

Lena Corrigan, uma mulher esguia de trinta e poucos anos, tinha o cabelo encaracolado, ruivo-escuro, e os olhos praticamente da mesma cor. Era viúva de um homem que sempre gostara mais da bebida do que da esposa e não tinha filhos. Mais do que isso, as Latimer não sabiam. A orgulhosa e amarga Lena

Corrigan.

— Que Deus te abençoe, Edda, eu conheço os perigos — disse Lena, a sua paciência inabalada, pois sabia que Edda tinha a melhor das intenções. — Os maluquinhos fascinam-me, é essa a questão, e agora que Frank Campbell morreu, existe a esperança de o hospício ter um psiquiatra e alguns tratamentos mais adequados. A enfermagem psiquiátrica nem sempre vai ser uma causa perdida. Eu sei que atrai algumas pessoas que são definitivamente mais maluquinhas que os pacientes, mas não é um dado adquirido. Se não puder fazer mais nada, vou manter registos pormenorizados de todos os casos… Um dia, observações como as minhas terão uma enorme importância. — Os seus olhos fogosos brilharam com um tom avermelhado. — Vou começar por baixo, tal como fiz enquanto auxiliar, altura em que dei tudo por tudo para tentar obter a minha formação. E agradeço-vos pela vossa ajuda, sobretudo a Edda e a Tufts. Vocês sabem *ensinar*!

— Enfermeira-adjunta responsável — disse Kitty. — Muitos parabéns, Lena, e pelo menos vais ter finalmente um bom salário. — De repente, Kitty saltou. — Oh! Ouçam meninas! A mamã contou-me um boato ontem.

— Sobre o quê? — perguntou Edda, parecendo aborrecida.

— Sobre o nosso novo diretor.

— É claro! O papá faz parte do conselho de administração do hospital — gritou Tufts.

— Quem? O quê? Onde? Quando? Porquê? E como? — perguntou Lena.

— Eu sabia que ia cativar a vossa atenção! — disse Kitty, soltando uma gargalhada. — Não, não é Jack Thurlow, Edda.

— Isso é óbvio, Kits. *Quem é?*

— Maude diz que ele tem um apelido famoso em Corunda e não é Treadby. Chama-se Charles Burdum, tem trinta e três anos e, até este cargo surgir, era diretor de grande parte da Manchester Royal Infirmary — continuou Kitty.

— Macacos me mordam! — exclamou Edda, franzindo o sobrolho, em seguida. — Isso é um disparate, Kitty. «Diretor de grande parte» mesmo! Queres dizer que ele era um dos seis diretores-adjuntos que se pavoneavam num dos

hospitais mais prestigiados da Europa. — Kitty gorgolejou. — Diretor de arrastadeiras e urinóis!

— A mamã disse que ele estava «bem na vida»… o que quer que isso queira dizer.

Lena ergueu as mãos no ar.

— Oh, Edda, cala-te! O que eu quero saber é: que Burdum é ele? Um Burdum de Corunda ou um que trouxeram de nenhures com o mesmo nome? Tudo o que sei é que o velho Tom Burdum não tem herdeiros, exceto o bom samaritano de Grace e amigo das cavalgadas de Edda, Jack Thurlow. — Lena colocou a ênfase na palavra «cavalgadas».

Kitty tremeu de antecipação e continuou a contar o resto da história, certa de que cativara a atenção do seu público.

— Ele é filho do filho do velho Tom, acreditam? Quer dizer, toda a cidade de Corunda sabe que Tom e o filho tiveram um desentendimento bastante grave há sessenta anos e que Henry não só saiu de Corunda, mas também da Nova Gales do Sul, como era na altura… não havia Comunidade da Austrália há sessenta anos! Henry mudou-se para Inglaterra e nunca mais voltou a falar com o velho Tom. Há cerca de vinte anos, o velho Tom foi notificado de que o seu filho Henry morrera numa colisão entre dois comboios na Escócia… ao que parece, morreram dezenas de pessoas. A carta que o velho Tom recebeu dizia que Henry era solteiro e não tinha filhos.

— Sim, e toda a gente sabe que isso sempre amargurou o velho Tom, sobretudo depois de Jack Thurlow o dececionar — disse Lena.

— Bem — disse Kitty, triunfante —, a carta vinda da Escócia estava errada! Pouco depois de chegar a Inglaterra, Henry casou com uma viúva abastada e não precisava do dinheiro do velho Tom. Fundou uma companhia mediadora de seguros bem-sucedida, enquanto a família da mulher ganhava muito dinheiro a fabricar têxteis de algodão. Um filho, Charles, nasceu há trinta e três anos. A esposa morreu durante o parto e Henry ficou um pouco doido, de uma forma bastante inofensiva. Coube à família da mãe tomar conta do rapaz, Charles.

— Mas de certeza que o velho Tom não foi enganado no que diz respeito à

morte de Henry? Isso é ridículo — disse Edda.

— Presumo que o acidente de comboio tenha sido uma confusão e que, quando as autoridades descobriram a identificação no corpo de Henry, não encontraram qualquer indício de este ter uma mulher ou um filho. Com a esposa falecida e a família dela desligada de Henry, ninguém desconfiou que ele estivesse no comboio. O apelido Burdum do rapaz passou despercebido enquanto era menor, pelo menos ninguém reparou. Simplesmente, depois do tempo legal sem respostas sobre Henry, as autoridades assumiram que o velho Tom de Corunda era o seu parente mais próximo e notificaram-no. Entretanto, o filho de Henry, Charles, vivia e prosperava no Lancashire. Frequentou os colégios de Eton e Balliol em Oxford, depois tirou o curso de medicina no Hospital Universitário de Guy. — Kitty fez um ar bastante malicioso. — Parece que a mamã já sabia a maior parte da história… pesquisou bastante sobre o doutor Charles Burdum quando ouviu falar dele há dois anos.

— Que disparate! — disse Tufts. — Maude já teria espalhado a história por aí.

— Não, ela decidiu guardar a informação para si… adivinhem porquê?

— Isso é demasiado fácil — respondeu Edda com um sorriso sarcástico. — Maude marcou o médico rico para teu futuro marido, Kits.

— Se houvesse um prémio para o melhor instinto, eras tu que o ganhavas, Edda — disse Kitty, com um suspiro. — Estás certíssima. — Kitty sentiu-se mais animada. — De qualquer maneira, temos imenso tempo. Os telegramas podem voar pelo éter numa hora, mas são precisas seis semanas para fazer a travessia de barco de Southampton até à costa este da Austrália. Além disso e em primeiro lugar, o conselho de administração do hospital tem de oferecer o emprego ao *pommy*, o que não seria uma decisão muito popular se o seu apelido não fosse Burdum.

A reação de Grace foi semelhante quando Edda lhe telefonou no dia seguinte. Edda encontrava-se de serviço no bloco operatório, que não estava

movimentado, e Grace do outro lado da linha telefónica em Trelawney. Como se tornara mãe há pouco tempo, Grace desejava companhia… Porque seria sua obrigação criar o bebé, se Bear também tinha participado ao tirar as calças?

O lado de Edda que amava a sua gémea mais que tudo sentia-se muito feliz por saber que o casamento precipitado de Grace resultara tão bem; estavam os dois satisfeitos, dedicados um ao outro, ficavam inquietos quando passavam algum tempo separados e viviam para os dois filhos, Brian e John. Brian nascera a 2 de abril de 1928, e John catorze meses mais tarde, no dia 31 de maio de 1929. Embora Grace não tivesse gerado gémeos, os seus filhos tinham uma idade tão próxima que tudo indicava que iriam desfrutar de uma ligação afetiva rara ao longo da vida. Era evidente que Brian, um menino pálido que já falava e andava, adorava o irmão mais novo, agora com dois meses e de pele igualmente clara. É claro que havia muita gente que acreditava que esta proximidade de idades levaria ao ódio entre irmãos mais tarde na vida, mas as pessoas são mesmo assim.

O Hospital de Corunda substituíra a enfermeira distrital Pauline Duncan por um dragão feroz, a irmã Monica Herd, que acumulava as visitas domiciliárias aos doentes do distrito com as visitas às novas mães. Uma importação de Sydney, que adorava conduzir vários quilómetros para visitar pacientes, a irmã Herd era precisamente o que Grace precisava, tal como as enfermeiras da ala o tinham sido durante os seus tempos de enfermagem. Por outras palavras, a irmã Herd aterrorizava Grace de tal modo que ela limpava logo a porcaria feita pelo bebé e não deixava a situação da muda da fralda chegar ao ponto a que chegara na altura de Brian. O feito que a irmã Herd proclamava aos sete ventos era ter treinado uma criança a deixar as fraldas aos nove meses de idade: Grace trabalhava com afinco para conseguir esta independência, apavorada pelas visitas da irmã Herd… oh, aquela língua! Uma chicotada embebida em ácido.

— Bear vai receber outro aumento de ordenado — disse Grace enquanto tomavam chá e comiam bolos servidos com compota e *chantilly*. — Sinceramente, tenho tanta sorte! Os meus meninos estão mais avançados que os de qualquer outra pessoa com a mesma idade. Vivo numa boa casa e tenho um

marido abstémio… oh, a maioria dos maridos bebe tanto que o dinheiro da casa é gasto em cerveja.

Edda acenou com a cabeça de forma desinteressada, habituada a esta gabarolice. No entanto, rezava para que pelo menos um dos seus sobrinhos tivesse em si um pouco de Edda, a fim de contrabalançar toda esta doçura e pureza! Bear e Grace estão bem desde que não haja problemas, mas como seriam capazes de lidar com uma situação adversa? Em seguida, Edda caiu em si e admitiu que a outra parte do seu amor por Grace se deliciava com a probabilidade de algo lhes correr mal. Esta era a parte de Edda que não amava Grace incondicionalmente; amava-a, sim, mas com limitações e restrições que se alteravam à medida que se apercebia de quanto Grace era incompetente, de quanto era *estúpida*. E de quanto Bear era fraco ao lado dela, o idiota!

Mesmo em relação a terem filhos, por amor de Deus! Bear dissera-lhe, de forma muito frontal (e o que é que isso diz sobre ti, Edda?), que desconfiava que ele e Grace eram o tipo de pessoas que conceberiam um bebé de quase todas as vezes que… bem, tivessem relações.

— Por essa razão, não vamos ter relações até termos condições para ter outro filho e, sobretudo, até Grace ter recuperado bastante. Isto significa — disse Bear com seriedade — abster-me até o pequeno John ser um pouco mais velho. Quando ele tiver dois anos, voltamos a fazê-lo.

— Discutiste isso com Grace? — perguntou Edda, irritada.

— Ela vai gostar da ideia. Oh, ela ama-me e, hum, adora fazê-lo. No entanto, uns quantos minutos de prazer podem ser seguidos por dois anos de confusão e tumulto e, como é bastante óbvio, Grace não vive muito bem no meio do caos.

— A maior parte do caos — disse Edda, de forma mordaz — é ela que o causa! Mas faz o que achares mais acertado, Bear.

Edda não mencionara mais o assunto depois disso, mas se Bear e Grace estavam mesmo a viver sem *aquilo*, não era por isso que o caos era menor. Grace simplesmente não se conseguia organizar.

— O que vais ser quando cresceres, Brian? — perguntou Edda à criança empoleirada no seu joelho.

— Condutor de comboios — respondeu ele solenemente, enquanto comia um bolo com compota e *chantilly*. — Mas de locomotivas grandes.

Edda desatou a rir.

— Porque será que isso não me surpreende?

— Eu e Bear levamos os dois à gare quando ele não está fora em trabalho — disse Grace. O seu olhar deslizou para ambos os lados, cinzentos e astutos. — E tu e Jack? — perguntou ela.

— O que tem? — retorquiu Edda, dando mais trabalho a Grace para apurar alguma coisa.

— Bem, vocês estão juntos, já o estão há vários anos. Mas nunca avançam muito, pois não?

— Eu não quero… avançar muito, como tu dizes, Grace. Eu não quero um marido nem filhos.

— Mas devias! — respondeu Grace, zangada. — Não percebes o quanto estás a tornar a minha vida difícil?

Os olhos de Edda eram sempre um pouco estranhos, mas por vezes tornavam-se desconfortavelmente ameaçadores, como neste preciso momento, ao fitar a sua gémea.

— De que forma é que eu tornei a tua vida difícil, minha querida? — perguntou ela num tom suave.

Grace sentiu um calafrio, mas uma vida inteira a lidar com Edda tornou possível manter-se fiel às suas ideias tempo suficiente para disparar a rajada que há muito queria disparar.

— As pessoas espalham boatos sobre mim e Jack Thurlow — disse ela, sem hesitar — e eu não gosto disso. Não se passa nada entre nós, porque ele é teu amigo, não meu. Agora, toda a gente diz que eu inventei que existe um romance entre ti e ele para esconder o meu envolvimento com ele. As pessoas dizem que a tua relação com Jack é uma mentira *minha*!

Edda beijou a testa de Brian ao pô-lo no chão e levantou-se.

— Azar, Grace! — disparou ela. — Se pensas que me vou casar com Jack Thurlow só para tornar a *tua* vida mais fácil de suportar, então podes esperar

sentada! Tenta cuidar de ti mesma e talvez depois não precises tanto de Jack.

Na esquina de Trelawney Way com a Wallace Street, uma Edda muito irritada atravessou sem olhar a estrada e ouviu o som estridente dos travões de um carro.

— Jesus, Edda, quase te atropelei! — disse Jack Thurlow, pálido como a cal da parede. — Entra no carro, mulher!

— Vais visitar Grace? — perguntou ela, estranhamente pouco abalada.

— Ia, mas prefiro estar contigo. Estás ocupada?

— Tenho de estar perto de um telefone. Que tal irmos para a minha casa no hospital? — Edda riu. — Quando penso na conversa da enfermeira-chefe em relação a visitas masculinas na nossa casa quando começámos o curso há mais de três anos! Agora que já somos enfermeiras, ela não pode dizer nada.

Edda e Jack estavam juntos há um ano e esta relação fazia muito bem a Edda, que pesquisara bastante antes de enveredar pelo caminho com destino ao Pecado. A partir das suas fontes polinésias, indianas, chinesas e muitas outras, Edda descobrira o seu período «seguro» para ter relações sexuais e seguia-o de forma inflexível. Por sorte, o seu ciclo menstrual era muito regular, por isso deveria ser suficiente orientar-se segundo o período «seguro». Até agora resultara, o que lhe dava mais confiança no seu método, mas Edda jurara que não haveria desejo físico no mundo que a fizesse desviar-se do seu plano. Também se munira com uma dose de ergotamina, cuja função consistia em expulsar um feto nos primeiros dias, e mais do que isso não podia fazer.

— Estou muito contente — disse ela, pondo a chaleira ao lume.

Jack sorriu-lhe daquela maneira maravilhosa.

— Porquê, ao certo?

— Porque achas que bebemos um chá tão forte?

— Hábito. É uma droga legal.

— Isso é verdade!

— Porque estás tão contente, Edda?

— Conseguimos dissimular tão bem a nossa relação aos olhos de Corunda que toda a gente pensa que tu andas a dormir com Grace.

— Merda! — Jack endireitou-se na cadeira, de repente enraivecido. — Já devia saber! *Grace?* Grace é um dever, não é prazer!

Quando acabou de fazer o chá, Edda sentou-se.

— O que eu nunca percebi — disse ela, enquanto servia o chá — é por que razão Grace se tornou um dever teu. Ela não é tua parente.

— É difícil explicar isso a alguém tão eficiente e organizada como tu, Edda — disse ele. — Grace é uma daquelas pessoas que não é capaz de…

— Oh, eu sei bem! — interrompeu Edda, ressentida. — Mas antes de irmos estudar enfermagem, quando vivíamos no presbitério, Grace *era* organizada. Sabia sempre o que queria e o que fazer para o alcançar… até o meu pai reparou nisso, e era algo que irritava Maude várias vezes. Por baixo daquela máscara de irreflexão, existe uma Grace capaz de se organizar e de ser metódica. A questão é que ela consegue o que quer ao mostrar-se indefesa, por isso enterrou a velha eficiência que tinha no presbitério. A que profundidade? Não sei. Só sei que está lá, Jack. Acredita em mim, está lá. — Edda encolheu os ombros. — Grace enganou-te e fez-te pensar que tinhas um dever para com ela, mas a verdade é que não lhe deves nada. Tu trabalhas arduamente para Grace, e ela nunca te paga. Por outras palavras, fazes caridade. Em qualquer dos casos, continua a fazê-lo, meu amigo.

— Sim, um dever de caridade — disse ele, acenando com a cabeça. — Faz sentido. No entanto, não posso deixar que toda a gente em Corunda pense mal dela.

— Tenho uma resposta parcial para isso — disse ela.

— Não serias a Edda se não tivesses. Conta-me!

— Temos de nos tornar menos furtivos em relação ao nosso envolvimento, essa é a prioridade. Se toda a gente souber que andas a dormir comigo, os habitantes de Corunda terão de reformular a sua teoria relativamente a ti e a Grace. Sim, eu sei que é escandaloso termos relações, apenas pelo ato em si. Somos ambos solteiros e livres para amar.

— É o que eu chamo um «escândalo prístino»… suficientemente virtuoso em si mesmo — disse Jack, prestes a desatar a rir —, mas é tudo facilmente

corrompido pela exposição à atenção humana.

— Por vezes desconfio que tiveste notas altas na escola, Jack. Vou ter de deixar o teu nome e número de telefone na central telefónica do hospital.

Jack finalmente desatou a rir.

— Isso vai fazer com que os rumores comecem, sem margem de dúvida!

Jack seria o amante ideal, dissera a Edda de dezassete anos, embora tenha sido apenas no final de 1928 que ela se apercebera disso e, por essa altura, guiava-se apenas pelo seu gosto. Não importava que não tivesse tido mais ninguém com quem o comparar: Jack sabia como lhe agradar.

Acontecera tudo de repente, de forma inesperada, sob a luz intensa do sol junto ao rio… qualquer pessoa os poderia ter apanhado! No entanto, ninguém apareceu e isto marcou o início da sua sorte, enquanto esta nova fase do seu velho relacionamento desabrochava na mais pura perfeição.

Estavam sentados lado a lado na relva, os cavalos amarrados a uma árvore, quando ele lhe tocou e a beijou com uma leveza exploratória que ela retribuiu de forma ardente assim que recuperou o fôlego. O beijo intensificou-se. Um desejo desconhecido espalhou-se pelo seu corpo, o que a levou a despir-lhe a camisa tão rapidamente quanto ele retirava a dela. Sem protestos, nem pretextos, sem fingimentos ou hesitação. Edda sentiu que o contacto do corpo nu de Jack sobre a sua pele era a melhor sensação do mundo, algo que ultrapassava os apalpões cegos de um cérebro ignorante. Lembrava-lhe a altura em que fora atacada pela cobra. Edda era suficientemente sofisticada para saber que a metáfora cobra/homem era muito popular no meio psiquiátrico. No entanto, isso não diminuiu em nada a enorme onda de prazer que a invadiu nem o que sentiu ao tocar aqueles músculos.

A sua sorte manteve-se: nada de gravidezes, pois o impulso dele ocorrera durante o período «seguro» de Edda. Após aquelas primeiras relações ardentes que ocorreram quase sem intervalo, Jack deitou-se de tal forma exausto que Edda, mais revigorada do que cansada, teve a oportunidade de lhe falar sobre o

seu sistema contracetivo, todo organizado, mas sem qualquer razão de ser até aquele dia. A sua energia e lógica apanharam-no desprevenido, mas limitou-se a ouvir e, também não querendo bebés, concordou prontamente em limitar a atividade sexual aos períodos «seguros» dela. Na verdade, ficou chocado ao descobrir que Edda era virgem; dava a impressão de ser uma mulher experiente e vivida e tinha vinte e três anos. A pequena fraude! Contudo, já se preparara para aquele dia, o que a tornava uma virgem bastante rara.

Neste momento, Jack conhecia Edda o suficiente para lhe obedecer; se Grace precisava que o relacionamento deles se tornasse público, então assim seria. As repercussões mais graves recairiam sobre Edda, que certamente sabia o que a esperava. A própria reputação dele iria melhorar. Deste modo, Jack cooperou de bom grado em deixar todos em Corunda saber qual das irmãs Latimer andava a conhecer do ponto de vista bíblico.

Edda contou a novidade a Grace pessoalmente na sua visita seguinte e, magoando porque se sentia ferida, falou com toda a franqueza.

Edda não sabia bem que reação esperar, se bem que contasse que Grace ficasse muito satisfeita e que a amasse o suficiente para se sentir feliz por ela ter a oportunidade de desfrutar de companhia masculina.

O que Edda viu foi Grace retesar o corpo todo e uma expressão de raiva no seu pequeno rosto franzido… porquê franzido? Será que a pessoa por detrás dele encolhera? E por que razão estavam os olhos de Grace em chamas?

— Sua… sua cobra rastejante!

Uma Edda confusa recuou.

— Desculpa?

— Sua cabra! Traidora! Sua vaca egoísta! — gritou Grace, fora de si. — Porque tinhas de me tirar o Jack, de todos os homens que existem por aí? Não há suficientes para ti em Corunda?

Edda tentou conter-se, refreando desesperadamente o seu temperamento.

— A última vez que te vi, queixaste-te que todos em Corunda acusavam Jack Thurlow de ser teu amante e pediste-me ajuda para resolver isso. Fiz o que pediste. Corunda sabe com que mulher Jack Thurlow anda envolvido, e não és

tu.

— Cabra! Roubaste-o de mim!

— Não roubei nada, sua menina estúpida! — disse Edda, com o seu temperamento prestes a revelar-se. — Jack era meu, não teu, sempre foi! Eu apresentei-to, lembras-te? Como poderia eu roubar algo que nunca te pertenceu? Tu tens marido e é um dos bons, deixa-me que te diga… por que razão precisarias de parte do *meu* namorado?

— Cabra! Ladra! Jack é meu amigo! Meu *amigo*! O meu marido aprova a nossa amizade e, se ele aprova, o que é que as outras pessoas têm que ver com isso? Deixa Jack Thurlow em paz, sua… sua cobra!

O pequeno Brian encontrava-se de pé, com os braços à volta do irmão mais novo, olhando para a sua mãe e para a sua adorada tia completamente desnorteado, os seus olhos azul-claros repletos de lágrimas por derramar. Nem Grace nem Edda repararam nele.

— Já percebi tudo — disse Edda, calçando um par de luvas vermelhas. Estava particularmente atraente nesse dia, vestida com um modelo dos novos, cintado e mais comprido, do mesmo vermelho belíssimo. Não tinha chapéu, preferindo deixar o mundo ver o seu cabelo negro com ondas imaculadas, penteado de acordo com as últimas tendências da moda, encaracolado nas pontas. O conjunto impressionara Grace, fazendo-a sentir-se desengraçada, paroquial, uma dona de casa mãe de dois filhos, presa numa rotina enfadonha.

A mala de Edda era de pele preta brilhante com um enorme laço vermelho à frente. Encaixou-a debaixo do braço e virou-se com os seus sapatos de salto alto pretos.

— Esta discussão é ridícula, Grace, e é por isso que a dou por terminada. O teu problema, irmã, é que és mimada e apaparicada por dois homens, um dos quais não tem qualquer elo legal contigo. Estarias muito melhor se eles não passassem a vida atrás de ti.

Grace abriu a boca, desatou a chorar e gritou; tal como Brian, igualmente ruidoso. Edda dirigiu-se para a porta.

— Outra coisa — disse ela, abrindo a porta —, escolhe melhor o teu público.

A única coisa que as tuas lágrimas me fazem é querer dar-te umas valentes palmadas… com força! — E, com isto, saiu pela porta fora e desapareceu.

Quando chegou ao portão da frente, começou a tremer, mas havia demasiadas cortinas parcialmente afastadas para competir com as de Grace. Com a cabeça erguida, Edda desceu a rua com um ar decidido, lembrando-se entretanto de que não contara a Grace acerca do doutor Charles Burdum, que, segundo os rumores de Corunda, ia assumir a direção do hospital.

Apenas Tufts suportou bem aquelas semanas confusas e incertas entre a morte do doutor Francis Campbell e a nomeação do novo diretor do hospital, pois pairava sobre uma neblina opalescente de felicidade para a qual ninguém a preparara. À superfície, o seu novo cargo de irmã tutora não era muito exigente, pois teria apenas oito estagiárias para supervisionar, mas também via a oportunidade de treinar as enfermeiras do West End que restavam até acabarem por desaparecer. Pelo menos algumas compensariam o esforço. Era maravilhoso o facto de a enfermeira-chefe lhe ter dado margem de manobra suficiente para implementar as suas ideias, pois havia outras áreas em que a ação da irmã tutora podia fazer uma enorme diferença. Ninguém podia trabalhar no Hospital de Corunda durante três anos e não se aperceber do quanto o pessoal das limpezas e da cozinha eram indiferentes aos propósitos de um hospital. Tufts também queria mudar isso, fazer com que as empregadas de limpeza das alas percebessem o que era um germe e onde se escondia, fazer com que os cozinheiros e o pessoal da cozinha se orgulhassem de servir refeições saborosas que lhes valessem elogios. Os departamentos de limpeza e cozinha estavam sob a alçada de uma enfermeira-adjunta em idade de reforma, Anne Harding, uma daquelas relíquias de tempos passados que todas as instituições parecem guardar nos seus cantos escuros e poeirentos. Bem, tudo isto tinha de mudar. Já chegava de alimentar toda aquela gente por meia dúzia de tostões. Como é que ela iria arrastar todo o pessoal das limpezas e da cozinha para o século vinte?

Se um secreto brilho de calor habitava no seu coração, era porque a sua

relação com o doutor Finucan fora reatada. Este sofrera durante dezasseis penosos meses com o seu processo de divórcio da forma mais discreta possível e emergira dele legalmente separado da sua mulher infiel e sem qualquer obrigação de lhe pagar pensão de alimentos. Apesar da decisão legal, Finucan dava a Eris uma mensalidade, não por fraqueza, mas por compaixão: não conseguia viver com a ideia de a sua parceira de quinze anos sair da relação com a perspetiva de viver consoante as decisões do seu amigo do momento.

— Fico feliz por lhe dares uma mesada — disse Tufts, andando de um lado para o outro no gabinete do patologista. — Oh, Liam, a que confusão deixaste este sítio chegar! Não costumavas ser tão desarrumado.

— Senti falta da minha assistente, mesmo nunca tendo sido oficial. Era capaz de matar a Gertie Newdigate — disse ele, observando-a.

Tufts soltou uma gargalhada.

— Gertie! O nome não tem nada que ver com ela.

— Não, mas foi provavelmente o que a motivou a ser tão mazinha.

— Como estão as coisas no laboratório?

— Vão bem. Depois de ires embora, dediquei-me a ensinar Billy a ser um técnico mais competente. Agora tenho um segundo técnico, Allen, que recebeu um treino melhor e é mais qualificado.

— Então, tudo o que eu tenho de fazer é organizar o teu gabinete.

— Sim. — Os olhos cinzento-escuros brilharam. — Guardei-o para ti.

— Que simpático da tua parte. Bem, vamos lá, homem, despacha-te! Organiza todos estes ficheiros por ordem alfabética e eu depois dou uma vista de olhos, decido se as etiquetas são as corretas e, *depois*, arquivo-os.

— Estás muito mais mandona, Heather.

— Tufts, não Heather. E, visto que eu agora sou uma enfermeira a sério, é claro que sou mais mandona. Tu e eu temos de organizar planos de treino de todos os tipos, mas não podemos fazê-lo até o escritório estar em ordem.

Finucan não mudara nada, concluiu ela à medida que a confusão desaparecia e dava lugar a uma nova organização formidável, bastante mais profunda do que qualquer outra que alguma vez levara a cabo. Era bastante necessária, se algum

deles quisesse pegar num ficheiro, num livro ou num documento sem qualquer tipo de hesitação. O carpinteiro do hospital, que tinha muito tempo livre, deu por si mais ocupado do que alguma vez estivera em anos. Tufts encarregou-o de fazer móveis de arquivo para todos os registos de Liam. Visto que o trabalho lhe agradava e que gostava do doutor Finucan, o carpinteiro deu asas ao seu talento como criador de móveis e dotou o gabinete de Liam de lindos arquivos de madeira, todos de mogno claro.

— O que significa que — disse Tufts com um enorme entusiasmo —, quando acabar de organizar o gabinete, vai ficar muito mais elegante do que o do diretor. Gosto da ideia, por isso vais desembolsar algum dinheiro para eu comprar um tapete persa para o chão e algumas obras de arte reputadas para as paredes. Vou mandar os teus livros para um bom encadernador, vão ficar com um aspeto muito sofisticado com as lombadas e capas de couro e letras douradas.

À medida que cada diretiva era lançada, Liam acenava com a cabeça em silêncio, obedecendo de imediato. Ela tinha este efeito, a irmã tutora.

Tufts dedicava-se publicamente a Liam Finucan, com consequências bastante curiosas. Apesar do seu afastamento de dezasseis meses por causa do processo de divórcio, que limitara bastante a sua relação a nível pessoal, Liam e Tufts já eram amigos próximos e colegas durante tanto tempo que todo o pessoal do Hospital de Corunda *sabia* que não se passava nada de suspeito entre eles. «A Experiência» era um bom exemplo. Tufts encontrara outros dois homens do pessoal, cujo cabelo caía sobre os olhos e os cegava parcialmente, e comprou a cada um deles uma escova de cabelo *Mason Pearson*. Todas as manhãs atacava o bando de desgrenhados, combatendo o escalpe e os folículos de forma tão impiedosa que, à medida que os dias se tornavam semanas e as semanas se tornavam meses, o cabelo começara a crescer na direção oposta. Cada madeixa de cabelo dos homens era medida com um compasso no primeiro dia do mês e o comprimento registado num diário, juntamente com fotografias. Quando o inverno de 1929 chegou, a Experiência revelou-se bem-sucedida: as madeixas de cabelo já não os cegavam. Os seus dois outros ratinhos de laboratório foram dispensados pela irmã tutora, mas Liam nunca o foi. Tufts gostava imenso do

projeto e refletia nos seus problemas e questões mais sérias durante a hora da escovagem. Toda a gente via isto como uma parte intrínseca de uma amizade muito especial e completamente platónica.

De forma bastante interessante, o único nome que não era mencionado na confusão de boatos era o de Tufts Scobie. Visto que ela era incrivelmente bonita, o seu ar de deusa Diana intrigava as pessoas quando a conheciam, embora quem a conhecesse há mais tempo soubesse que fazia parte da sua mística.

O homem que melhor compreendia a natureza de Tufts era Liam Finucan, que a amava com cada partícula do seu ser e nunca pensava nela simplesmente como «a Tufts». Talvez os seus quarenta anos o tivessem dotado de sabedoria suficiente para nunca declarar o seu amor ou talvez tivesse mais que ver com a sensibilidade única da sua alma. Qualquer que fosse a causa, ele amava-a num absoluto silêncio, que não o denunciava, mesmo apesar dos olhares fugazes ou dos pequenos, ainda que reveladores, gestos. Liam e Heather eram grandes amigos.

Os meses de inverno de 1929 trouxeram o pior período de mudanças alguma vez visto no Hospital de Corunda, com o conselho de administração a travar uma árdua luta com Manchester e o doutor Charles Burdum. Ainda não havia um novo diretor no hospital.

As irmãs mais novas (mesmo Tufts, com uma oferta sólida de trabalho) estavam no Limbo, o nome que Edda dera ao estado em que se encontravam por ser bom e abençoado, embora sem Deus; o diretor era o deus do hospital.

A incerteza quanto aos seus futuros pairava incessantemente… seria o novo diretor outro Frank ou o seu oposto? Edda começou a pensar que se devia ir embora, sobretudo devido à terrível discussão que tivera com Grace, que se estava a comportar como alguém que Edda nunca conhecera… na verdade, que Grace se *recusava* a conhecer! Oh, só de pensar que a minha irmã *gémea* me acusa de ser uma rameira! Inaceitável! Ela tornou-se uma peixeira que me lançaria para a fogueira como se eu fosse uma bruxa!

O diretor Frank Campbell fora um bota de elástico conservador, cuja única incursão no treino de enfermeiras, as Latimer, lhe fora imposta. As repercussões, como o facto de as enfermeiras do West End começarem a ser treinadas e registadas nestes novos moldes, sempre lhe desagradaram imenso. Campbell só via o aumento dos orçamentos para os salários das enfermeiras nos próximos anos. Sim, enquanto estagiárias ganhavam uma miséria, mas tinham de ser acomodadas, alimentadas, ensinadas e supervisionadas. Quando completavam o curso, tinham um custo muito superior ao das enfermeiras treinadas à moda antiga do West End. A última coisa em que pensou antes de morrer foi no facto de as oito estagiárias que iam iniciar o treino serem todas do West End: era o fim das suas enfermeiras a preço da chuva. Como se *atreviam* as enfermeiras do West End a fazer-lhe isto? Rameiras inúteis! Era bem provável que tivesse enveredado por este tipo de pensamento se não tivesse morrido entretanto.

O doutor Campbell já era diretor do hospital bastante antes da Grande Guerra e fora ultrapassado pela maior parte das novas técnicas e tratamentos. Aqueles que não lhe tinham sido impostos pelos seus dois cirurgiões mais antigos, pelos seus dois médicos de clínica geral mais experientes, pelo seu anestesista e por aquele eterno maçador, Ned Mason, o obstetra, não eram adotados; tal como a nomeação de um radiologista, cujo trabalho consistiria em gerir um departamento de raios X equipado com material de ponta, e de um psiquiatra para o hospício. Para o doutor Frank Campbell, a principal função de um hospital era manter os custos baixos e não incorrer em despesas novas em nome do progresso da medicina. Bah! Os hospitais eram locais para se morrer. Quem não morresse, tinha sorte. Os tratamentos apenas abrandavam o processo da morte.

Para juntar às preocupações das enfermeiras mais novas, a enfermeira-chefe e as suas duas adjuntas passaram o resto daquele inverno de 1929, até setembro, a pôr em ordem os registos e vários documentos a fim de impressionar o novo diretor. Ele veria o departamento de enfermagem como um grupo de indivíduos disciplinados, capazes de o fazer poupar bastante tempo e energia no que dizia respeito a todos os aspetos da enfermagem. O secretário do hospital, Walter

Paulet, estava igualmente enclausurado com o pessoal do departamento de contabilidade. Corriam rumores de que Walter andava a arrancar pela raiz o pouco cabelo que tinha devido à falta de um sistema organizado na papelada de Frank Campbell. Quando tudo se reduzia aos números pretos sobre as folhas brancas, as maquinações do doutor Campbell para alimentar toda a gente no hospital por seis dinheiros por dia pareciam, bem, bastante chocantes.

No entanto, com alguma sorte, o Hospital de Corunda continuou a funcionar com médicos, enfermeiras, pessoal de limpeza e de cozinha e auxiliares da mesma velha maneira, e os pacientes continuaram a viver (e a morrer) na mesma ignorância relativamente ao drama que se passava a nível executivo. Na verdade, era até raro que um paciente soubesse que o hospital tinha pessoal executivo.

Informada de que estava de folga durante três dias, Kitty Latimer fez uma mala, despediu-se das irmãs e foi para Sydney. Quando chegou à cidade, ficou hospedada num quarto no Country Women's Club e lançou-se num frenesim de compras, idas ao cinema e a todas as peças de teatro e exposições em Sydney. Os filmes com som tinham acabado de surgir, e Kitty não sabia bem se gostava ou não… agora que as bocas proferiam as palavras em vez de mimarem frases dramáticas ecoadas num requintado quadro negro, os atores pareciam demasiado encenados, demasiado artificiais, até mesmo demasiado engraçados… e será que os homens precisavam mesmo de usar tanta maquilhagem que lhes dava um aspeto tão feminino? Se os filmes com som iam perdurar, pensou Kitty, toda a técnica de produção teria de mudar.

Contudo, no final dos seus três dias de folga, Kitty instalou-se num compartimento de primeira classe no comboio do dia para Melbourne, uma vez que todos os expressos tinham de parar em Corunda para deixar a sua segunda locomotiva. Num comboio expresso era uma viagem de três horas que ela adorava, sobretudo pelo facto de conseguir ter o compartimento de seis passageiros só para si.

Mas hoje não. Depois de se acomodar no assento junto à janela e de fechar sugestivamente as cortinas que davam para o corredor, de forma a sinalizar que o compartimento se encontrava cheio, Kitty tirou os sapatos cor-de-rosa (que lhe magoavam os calcanhares) e abriu o romance que estava a ler distraidamente, deixando assim o resto do seu pensamento vaguear por reinos mais

inconscientes. A última coisa de que uma enfermeira precisava era da dura realidade num livro. Kitty era mais sensata do que a maioria ao perceber que a autora do romance compreendia, na sua vida real e sem qualquer dúvida, a dura realidade.

A porta deslizante do corredor abriu, uma cabeça espreitou e, em seguida, a porta abriu-se completamente e um homem entrou.

— Oh, que bom! — disse ele, dirigindo-se para o outro lugar junto à janela.

Kitty levantou a cabeça.

— Este compartimento é para não fumadores — disparou ela num tom frio.

— Eu sei ler — respondeu ele, apontando, depois olhou fixamente para ela de forma bastante descarada. — Marion Davies! — exclamou.

— Vai-te lixar, seu imbecil presumido! — disse Kitty. — Se insistir em entrar, não se atreva a sentar-se à minha frente! Sente-se do lado do corredor, guarde os seus comentários para si mesmo e dê-me alguma privacidade. De outro modo, vou chamar o condutor.

O homem encolheu os ombros. Atirou a sua mala para o compartimento da bagagem e sentou-se no lugar junto ao corredor, mas de frente para Kitty. Privado de uma janela, olhou para as coberturas da NSWGR que protegiam os assentos de veludo.

Kitty regressou ao seu livro. Sob a sua atitude distante e fria, estava a ferver. Como se atrevia? Um tipo novo e elegante, com pouco mais de um metro e sessenta de altura, vestido com um fato às riscas azul-escuro com colete, relógio de ouro e corrente. Um magnífico anel de rubi adornava a sua mão esquerda, tinha outro rubi preso ao que parecia ser uma gravata antiquada e mais dois incrustados nos botões de punho. Os seus pés, reparou ela deliciada, estavam calçados com sapatos feitos à mão com saltos bastante óbvios… era sinal de que ele se sentia extremamente consciente do seu tamanho diminuto. Aposto que caminha como um garnisé, pensou ela, assimilando tudo isto com a sua invulgarmente precisa visão periférica, o resultado de três anos como enfermeira, treinada para ver tudo e mais alguma coisa. Ele tem um complexo napoleónico, ou pelo menos é assim que os alienistas o chamam, e não é que adora mostrar-se,

o pequeno exibicionista?

O seu cabelo era grosso, áspero e encaracolado, de uma cor dourada verdadeira, também presente nas sobrancelhas e nas pestanas, mas Kitty ainda não sabia de que cor eram os seus olhos, para além de parecerem ter um tom âmbar. Pele escura, que já se encontrava bronzeada, perfeitamente barbeado e um rosto que Kitty teve de admitir considerar fascinante, não necessariamente por a repelir ou atrair. Simplesmente, não conseguia perceber se era feio ou bonito e mudava de cada vez que olhava para ele. Por vezes, o rosto tinha características de um ator de cinema, tão belo quanto o dos figurantes que adornavam os cenários dos filmes, no meio da multidão, e que ofuscavam o protagonista. Se fosse mais alto e tivesse apenas esta faceta, poderia ter sido rei, presidente ou líder de uma seita religiosa. Como era, a outra faceta do seu rosto negava qualquer esperança de ter sido dotado por Deus. Este rosto pertencia a uma gárgula ou talvez a um sátiro castrado. Feio e disforme, tinha o poder de transformar a estrela de cinema num mapa sinistro tão duro quanto insensível.

Quem quer que este homem seja, assusta-me, pensou Kitty, o seu livro incapaz de competir com uma personagem acabada de sair de um livro de histórias. Sim, ele ia ser importante, nem que fosse por se esforçar tanto. Olhando para os rubis, o ouro e o fato feito à mão, um homem rico… ia de certeza sair em Corunda, pois os rubis vermelho-sangue eram típicos de Corunda, sendo os mais cobiçados e caros do mundo. E com aquele ar de menino nascido em berço de ouro, ele é um Burdum.

Finalmente percebeu. Com um enorme esforço, Kitty manteve os olhos no livro e a respiração calma. A não ser que estivesse errada, este era o doutor Charles Henry Burdum, vindo da Manchester Royal Infirmary, a caminho do Hospital de Corunda para se tornar o seu novo diretor. Que mundo pequeno! Podia ir para outros hospitais, como o Bart ou o Middlesex ou o Guy, o que o levaria a ir para um sítio de que nunca ouvira falar antes? Ele é um *pommy*, não é australiano, e nunca vi um homem vestido de forma tão incongruente com a vida na Austrália. Um diminuto garnisé…

Após aquela troca de palavras inicial, as três horas de viagem passaram-se

em silêncio. Como era seu hábito, Sid, o condutor, chegou com cinco minutos para dar à língua, tirou a mala de Kitty da bagageira e levou-a pelo corredor até à porta da carruagem, onde ficou parado a conversar com Kitty, que conhecia de inúmeras viagens de comboio. O desconhecido elegante foi obrigado a carregar a sua própria bagagem e a ficar atrás deles, enquanto as duas locomotivas se aproximavam da estação a gemer e a chiar. Edda estava lá para a receber, na conversa com o velho Tom Burdum.

— Onde arranjaste esse vestido? — quis saber Edda, sem sequer olhar para o homem, enquanto Tom Burdum se afastava.

— É de Mark Foy. Encontrei um lindo para ti, mulher-cobra. — Kitty deu o braço à irmã e levou-a dali. — Olha para trás e vê o homem que o velho Tom está a cumprimentar.

— Jeeeeesus! O pequeno Lord Fauntleroy!

— Isso mesmo, Edda. Não tenho a certeza absoluta, mas estou disposta a apostar que aquele é o doutor Charles Burdum, ou seja, o novo diretor.

— O hospital ainda não nomeou ninguém para o cargo.

— Talvez ele tenha vindo conhecer o sítio, com a intenção de recusar a oferta — retorquiu Kitty. — Viemos no mesmo compartimento e tive de o pôr no seu lugar.

— Oh! Ele meteu-se contigo, Kits?

— Não. Chamou-me Marion Davies.

— Isso é ainda pior. A tua resposta foi amarga… ou pior.

— Apenas mais amarga que o café. Com picles! Disse-lhe para se ir lixar. Viemos o resto do caminho em silêncio.

Edda virara-se e olhava descaradamente para o recém-chegado.

— Bem, ele é um Burdum e é mais pretensioso que Lúcifer. Que rosto! Como o de Jano.

— Sim, pobre coitado.

— Tens pena dele? — perguntou Edda, incrédula.

— Muita. Olha para os sapatos feitos à mão, minha querida. Saltos de cinco centímetros. Ele é um complexo de Napoleão ambulante. Dotado de tudo, menos

da altura de que qualquer homem precisa.

— Sim, percebo o que queres dizer — disse Edda, divertida. — Mesmo assim, se ele decidir aceitar o cargo, provavelmente só vai estabelecer-se quando o pior tiver passado. Então ele não sabe que és enfermeira?

— Não faz a menor ideia.

— Vai ser divertido quando ele descobrir!

Se Charles Burdum foi um choque para Kitty, em nada se comparava ao efeito que teve sobre o velho Tom Burdum, que esperava há noventa e cinco anos pela chegada de um herdeiro definitivo. Dirigira-se à estação à espera de encontrar alguém parecido com Jack Thurlow e, em vez disso, encontrou um anão com ares de lorde, cujo fato fora feito por um alfaiate da Savile Row e a camisa pela Turnbull & Asser. E com uma gravata semelhante às que usam no Balliol College, ainda por cima! Tom só descobriu quem ele era porque lhe perguntou, embora esperasse uma resposta irónica. Mas não deste tipo, que transbordava autoconfiança e caminhava como se tivesse um cabo de vassoura enfiado no rabo (tal como Tom disse a Jack mais tarde), e que se mostrou bastante aborrecido com o condutor do comboio por este não lhe ter carregado a mala de viagem.

— Na Austrália, os condutores não o fazem — disse Tom, não conhecendo outra forma de o convencer. — Na Austrália, ninguém te serve.

— Ele foi bastante diligente ao carregar a mala da madame! — disse Charles Burdum com um sotaque acentuado.

— De quem? Kitty Latimer? — disse o velho Tom com uma gargalhada. — Era preciso estar morto para não querer carregar a mala de Kitty.

— Ela mandou-me lixar… não é propriamente a linguagem apropriada de uma senhora.

— Tch! Tenho a certeza de que mereceste, Charlie.

— Não me chame Charlie, o meu nome é Charles.

— Se ficares em Corunda, vai passar a ser Charlie… ou Chikker.

— *O quê?*

— Não há snobismos nem mordomias nesta parte do mundo, meu querido neto. Aviso-te já porque alguém tem de o fazer e prefiro que seja eu do que o teu primo Jack Thurlow, por exemplo. Ele é o meu outro herdeiro, embora não queira ser reconhecido como tal. Vais tornar-te um homem influente em Corunda se souberes fazer as coisas — disse o velho Tom, colocando as três malas na bagageira do seu *Daimler* preto. — Tens mais bagagem no porão? Sim? Então, entrega os bilhetes a Merv que ele vai buscá-la e entrega-ta em casa.

O velho Tom esperou que Charles encontrasse os bilhetes da bagagem e os entregasse a Merv, juntamente com uma nota de cinco libras, que deixou o homem de boca aberta.

— Tch! — disse o velho Tom — Que disparate, Charlie! Nunca dês gorjeta a um homem que recebe ordenado. Eu pago o suficiente a Merv para ele não precisar de gorjetas. Agora, deixaste-o descontente com o ordenado justo que recebe, só porque, de onde tu vens, tal não aconteceria e ele teria de depender de gorjetas para sobreviver. Lição número um.

Acomodaram-se no *Daimler Tonneau* com a capota dobrada para trás.

— Como Hannah, a minha mulher, também tem noventa e tal anos, não te acomodámos na nossa propriedade, Burdumbo. Vais ficar hospedado no Grand Hotel na Fergunson Street… Fica a um pulinho do hospital e da George Street, que não é um lugar muito mau para ir às compras… até tem um grande armazém. No entanto, ficas já avisado! Se queres comida decente, tens de ir ao Olympus ou ao Parthenon. São os dois geridos por gregos e a comida é de qualidade… bifes soberbos!

Tom Burdum continuou a divagar enquanto o velho carro, açoitado pelo vento rigoroso que se fazia sentir, percorria uma paisagem que muito se assemelhava a uma Inglaterra rural, embora bastante desmazelada… nada de eiras impecáveis, apenas imensos barracões em ruínas; nada de muros de pedra, apenas arame farpado enrolado em volta de postes feios, colinas arredondadas e coroadas não por pequenos bosques, mas por pedregulhos de granito. Não era o deserto escaldante que imaginara, mas também não parecia a Europa, nem

mesmo a Grécia ou Maiorca.

As pessoas olhavam fixamente para ele, apesar de não serem olhares de admiração. Algumas sorriam de forma desdenhosa, a maioria parecia interessada, da mesma forma que olhariam para uma zebra ou uma girafa. O seu elevado grau de inteligência dizia-lhe que isto se devia em grande parte ao seu vestuário. Alguns habitantes locais usavam fatos de três peças, embora gastos e fora de moda. A maioria, incluindo o velho Tom, preferia calças aveludadas e confortáveis, camisa e casaco de *tweed*, botas de montar com elástico de lado e chapéu de feltro com abas largas. As mulheres usavam roupa horrível e fora de moda, enquanto algumas, reparou ele com um fascínio assustador, desfilavam pela cidade vestidas com roupa de montar masculina, até mesmo as botas de cavaleiro com elástico de lado e chapéu de feltro com abas largas… e *ninguém parecia achá-las estranhas!* Então, onde estavam as mulheres como aquela rapariga deslumbrante do comboio e a que a fora esperar à estação? Ambas vestiam o último grito da moda! Contudo, não vira nenhuma assim nesta longa excursão. Bem, elas não eram fruto da sua imaginação, elas existiam algures nesta cidade sombria.

O velho Tom levou-o a conhecer a cidade e chegaram aos edifícios da Victoria Street, que ficava paralela à George Street. Câmara municipal, serviços municipais, o hospital, a igreja anglicana de St. Mark e o presbitério… oh, será que a excursão nunca mais acabava?

Por fim, o hotel onde ia ficar hospedado surgiu no horizonte, um daqueles estabelecimentos medonhos ao estilo de Bournemouth ou Bognor, construídos para albergar a classe média mais baixa que poupara o ano inteiro para gozar uma semana de férias junto ao mar. No interior do Grand Hotel, encontravam-se colunas inabilmente pintadas de vermelho, luxuoso papel de parede vermelho, chão de madeira que fazia eco nos tetos imensamente altos, uma sala de jantar onde ele apostava que se servia uma sopa que sabia a batata e a carne rançosa. Meu Deus! Dezoito mil quilómetros de viagem para *isto*?

Bem, ele sabia porquê, embora Tom Burdum não soubesse… nem viesse a saber. É óbvio que ele não fazia ideia de que Corunda possuísse pessoas como

Maude entre os seus habitantes, e por isso pensava que os olhares mesquinhos que todos lhe lançavam se deviam à sua roupa requintada e feita por medida. Se ele se tivesse apercebido de que toda a gente em Corunda sabia da história de Sybil, a filha do duque, antes de ele chegar, teria fugido aos gritos, e os habitantes de Corunda nunca o teriam conhecido.

No final de agosto de 1929, quando chegou a Corunda, Charles Burdum ainda sofria de tal maneira que pensava que nunca sentiria outra dor tão forte na sua vida. Apesar de os seus sorrisos serem rasgados e a sua disposição alegre, estes escondiam uma alma danificada. As suas velhas ambições estavam mortas; Charles apenas salvara bens materiais.

O seu amor por Sybil fora genuíno, tal como o amor dela por ele. Nunca lhes passou pela cabeça que o duque pudesse pensar que um Charles Burdum não fosse suficientemente bom para casar com a sua filha, mas, quando Charles pediu a mão dela em casamento, isso tornou-se evidente. Sybil casaria com alguém cujos antepassados fossem dignos da oitava linhagem do duque. Dinheiro e inteligência eram insuficientes, sobretudo num homem com uma estatura tão pequena. Quando a conversa com o duque terminou, Charles ficou horrivelmente consciente de que, entre todas as mágoas que a recusa provocara, a referente à sua altura fora a pior. É óbvio que Charles conhecia o tipo de marido aprovado pelo duque para Sybil (um metro e noventa) e culpava a sua estatura baixa pelo seu fracasso. Se fizessem uma pesquisa genealógica, descobririam que Charles descendia de Guilherme, o *Conquistador, e* de Harold Godwineson.

Com a sua autoimagem despedaçada, o seu ego de tal forma ferido que já nem era capaz de olhar para todos aqueles rostos desdenhosos, Charles mergulhou no seu trabalho em Manchester. Quando isso não resultou, ganhou coragem e passou algum tempo na City de Londres a gerir a sua fortuna, tendo acabado por sair de Inglaterra. Não sou suficientemente bom, hem? Bem, existia outro lugar onde podia fazer um brilharete… emanaria um brilho bastante mais ténue, mas ao mesmo tempo seria um astro maior, o que fascinava imenso um homem tão pequeno. Primeiro-ministro… ora aí está um cargo que valeria a

pena perseguir, embora fosse apenas um pequeno ministério colonial. O Canadá não o seduzia; o seu francês era inexistente e o Canadá era tão *frio*. Na Nova Gales do Sul, ele tinha terras, riquezas minerais, família… não demoraria muito a tornar-se primeiro-ministro da Austrália!

No seu quarto de hotel, uma caverna lúgubre em tons castanhos, beges e um horrível amarelo-mostarda, Charles tomou um banho e vestiu um roupão. É claro que não havia serviço de quartos, mas uma conversa com o gerente assegurou-lhe um bule de café execrável e um prato com sanduíches de presunto. A comida era surpreendentemente boa. O pão era caseiro, e o presunto curado com açúcar e saboroso. Comeu avidamente, enquanto pensava sobre tudo o que observara em Corunda e sobre os comentários do velho Tom.

Daí em diante, não vestiria mais fatos da Savile Row nem usaria acessórios de rubi; em vez disso, apenas camisas confortáveis com colarinho e punhos. Um sotaque britânico menos acentuado, algo bastante fácil para um imitador nato como Charles. Finalmente encontrara uma voz que não irritava os ouvidos demasiado sensíveis dos australianos! Iria às lojas nessa tarde comprar roupa adequada, e amanhã daria uma volta pela cidade, incógnito, para fazer alguma pesquisa. Se os seus planos corressem bem, ficaria a saber muito sobre Corunda e a sua importância para a Austrália e para si mesmo, e sobre o que os seus habitantes esperavam dos homens que os governavam na vida pública e política.

Charles assumira automaticamente que esta enorme ex-colónia da Austrália seria pouco diferente da Inglaterra, contudo, a descoberta constante de diferenças significativas foi como uma onda de choque. Este era um lugar bastante diferente que evoluíra por caminhos muito estranhos. As pessoas apelidavam Corunda de «muito inglesa», mas, para um verdadeiro inglês como Charles, não passava de uma cidade feia, decrépita, sem gosto e vulgar. Como iria sobreviver ali se aceitasse o cargo de diretor do hospital?

Quando Tom e Hannah o foram buscar ao hotel para jantar no Parthenon — *um café grego!* —, Charles já tomara algumas decisões, sendo a primeira não usar *smoking*. Por esta altura, já se questionava se alguma vez existira um jantar formal em Corunda? Começava a duvidar disso. No entanto, o café grego

compensava bastante as suas limitações em termos de comida ao servir um magnífico vinho branco seco e um tinto ainda melhor… vinhos *australianos*! Mas estavam à altura dos melhores vinhos do mundo!

— Pede o bife e as batatas fritas, é o que toda a gente pede — aconselhou Hannah.

— Eu não costumo comer bife — disse Charles de modo encantador. — Em Inglaterra é considerado demasiado grosseiro. No entanto, avó, quando estás em Roma, sê romano, e vou tentar habituar-me ao seu gosto. Desconfio que não é muito popular em Inglaterra devido ao seu preço astronómico.

— Come as costeletas de cordeiro, são produto local — disse Tom.

Então, Charles optou pelas costeletas, que seriam deliciosas se não estivessem tão bem passadas. O bife que Tom e Hannah comiam com gosto, como ele reparou, também estava bem passado. Malpassado não era algo disponível na ementa.

Carne soberba demasiado cozinhada e batatas fritas com tudo e mais alguma coisa. Não havia molhos que demorassem três dias a fazer… até mesmo, aposto, nos melhores restaurantes de Sydney. Qualquer coisa frita ou grelhada, mas nada de *haute cuisine*…

— Fale-me da rapariga arrebatadoramente bonita do comboio — disse ele, tendo recusado a sobremesa, que consistia num gelado de fruta com creme ou num *banana split*. O café, como veio a perceber, era bebível se pedisse ao estilo grego, preparado por infusão num pequeno bule de cobre. Como obter um café decente? Porém, a sua refeição com os Burdum indicou-lhe que ninguém bebia café em Corunda. Bebiam o chá tão forte que era preto e, ao que parecia, o Parthenon fazia-o exatamente da maneira que os habitantes gostavam. Estou agora abandonado num mar de chá cor de carvão, uma substância que odeio!

— Kitty Latimer — disse o velho Tom de forma ponderada. — Há quatro raparigas Latimer, filhas do pastor da nossa igreja anglicana, Tom Latimer. Por acaso, Corunda está cheia de homens chamados Tom. Ao final da rua, em Bardoo, a maioria dos homens chama-se Dave, enquanto para o lado de Doobar há imensos Bills. Corbi está cheia de Bobs. Não faço ideia porquê.

— Kitty? — insistiu Charles suavemente.

— Oh, sim, Kitty. O pastor teve duas mulheres. A primeira faleceu a dar a luz as meninas gémeas, Edda e Grace. A rapariga que foi esperar Kitty à estação era Edda, alta e elegante. Maude Scobie foi a segunda esposa, era a empregada doméstica do presbitério. — Tom soltou uma gargalhada seca. — Quando Adelaide morreu, Maude casou-se com Tom Latimer num abrir e fechar de olhos. *Ela* deu à luz um segundo par de gémeas, Heather e Kitty. Estranho, não é? Das duas vezes que teve filhos, saíram quatro lindas meninas com menos de dois anos de diferença.

— A família é abastada?

— Nem por isso, embora Kitty tenha mais dinheiro do que as outras três graças às intrigas de Maude relativamente a um testamento.

— Parece-me um pouco injusto — arriscou dizer Charles, num tom muito descontraído.

— Oh, e foi! Maude mima demasiado Kitty, mas não se preocupa com as outras como uma mãe devia. Não estou a ser maldoso, é algo que toda a gente sabe, do West End a Catholic Hill.

— As outras três devem detestar Kitty — disse Charles.

— Oh, não — respondeu Hannah, soltando uma gargalhada em seguida. — Nunca conhecerás irmãs mais dedicadas umas às outras como as Latimer. Porquê, não sei, mas Kitty parece ser aquela que as outras amam e protegem mais. Elas adoram a Kitty.

Estava na altura de se fazer simpático.

— Avô, o senhor não vai receber nenhuma conta do Grand Hotel, apesar de os ter instruído para lhe enviarem as minhas despesas. Sou suficientemente rico para custear a minha estadia, e informei o Grand de que vou ser eu a pagar. — Charles fez uma pausa e lançou um olhar penetrante ao velho Tom com uns olhos que eram um misto de cinzento, verde e castanho-dourado. — O que o senhor podia fazer por mim era recomendar-me um banco. Tenho uma nota de crédito do meu banco de Londres, mas, se aceitar o cargo de diretor, vou ter de transferir mais fundos e estabelecer uma reputação financeira sólida por aqui. A

propósito, espero que os bancos cá sejam suficientemente modernos para transferirem dinheiro, mesmo quantias elevadas.

— Vamos falar com Les Kimball no Rural Bank amanhã à tarde — disse Tom suavemente. — Mais vale usares o Rural, todos os Burdum o fazem… ou fizeram. É um estabelecimento moderno, o banco do governo da Nova Gales do Sul. É isso que queres?

— Sim, obrigado.

— Tinha ficado com a impressão de que o meu filho Henry continuava a ser um caso perdido depois de deixar a Nova Gales do Sul — disse o velho Tom enquanto se servia da sua terceira chávena de chá.

Charles encolheu os ombros.

— Parece que não, avô. Fundou uma companhia de seguros, tornou-se um dos mediadores do Lloyd's e casou-se na plutocracia do Lancashire. Como seu filho único, herdei uma fortuna quando ele morreu, mas, como provavelmente já sabe, nessa altura já ele se tornara o que os ingleses chamam um excêntrico, tendo renegado a fortuna e a família e escolhendo viver como um nómada.

— E a tua mãe também já faleceu, estou certo?

— Quando eu nasci — disse Charles num tom de voz que indicava que não queria falar sobre ela. Para aliviar a tensão do momento, Charles dirigiu-lhe um sorriso irresistível e disse: — Quem me pode fazer uma avaliação fidedigna do Hospital de Corunda? Alguém que conheça o hospital como a palma da mão, que seja veterano, mas que não esteja interessado no cargo de diretor e não tenha medo de pisar os calcanhares de alguns médicos ao dar as suas opiniões.

— Liam Finucan — disse a velha Hannah sem hesitar.

O velho Tom acenou com a cabeça.

— Sim, Charlie, essa é a pessoa com quem queres falar. Posso estar quase com noventa e seis anos e há muito que já não estou no conselho de administração do hospital de Corunda, mas juro-te que Liam é o único membro mais antigo do pessoal médico que te pode ajudar… e que o fará sem hesitar. Faz parte do pessoal, um autêntico patologista, sem consultório privado. E, acrescento ainda, um protestante do Ulster que se formou em Londres…

demasiado bom para Corunda, que só o agarrou porque ele se casou com uma rapariga de Corunda. Ela era uma rameira e agora estão divorciados, mas ele sempre foi um solteirão por natureza. Posso arranjar maneira de falares com ele amanhã. — O velho Tom franziu o sobrolho. — Tens dinheiro para comprar um carro?

— Tenho um *Packard* que vem de Sydney. Deve chegar amanhã de manhã bem cedo.

— Um carro americano em vez de inglês?

— Devo apontar o facto de o senhor conduzir um carro alemão? — O seu rosto, um misto intrigante de beleza e fealdade, tomou uma expressão irreverente. — Comprei-o por causa da cor… cor de vinho, não o inevitável preto.

— Eu pensei que todos os carros tinham de ser pretos! — exclamou a velha Hannah, chocada.

— E, por isso, deve culpar Henry Ford. — Charles terminou o seu clarete *Hunter Valley* e, educadamente, reprimiu um bocejo. Estava na hora de ir para a cama.

Quando Charles conheceu o doutor Finucan na tarde seguinte, teria sido difícil para Kitty Latimer identificá-lo como o mesmo homem do comboio se não fosse pela sua altura. Vestia calças aveludadas, que poderiam ser usadas para montar a cavalo, camisa branca com colarinho mole e uma gravata semelhante às do Balliol College, casaco de *tweed*, botas de montar com elástico de lado (com salto alto embutido… que astuto!) e um chapéu de abas largas de feltro. Apenas a sua maneira pomposa de andar não mudara, embora estivesse a tentar atenuá-la. Estes colonos mal-educados não tentavam esconder o seu divertimento com qualquer tipo de presunção, sobretudo num homem, e eram tão indelicados quanto impiedosos. O conceito de masculinidade, como estava a aprender, fora forjado com aço temperado.

O doutor Liam Finucan, que se encontrava em Corunda há dezoito anos,

apreciava o facto de o doutor Charles Burdum se parecer com um Burdum sem a erosão provocada pelo arame farpado e pelo sabonete *Solvol*… um tipo brando, tal como os ingleses eram quando pertenciam às classes mais altas. E usava um anel de rubi no dedo mindinho da mão esquerda, uma vaidade bastante efeminada e estranha nesta parte do mundo. Os seus olhos eram da mesma cor do uniforme de um soldado britânico da Grande Guerra, um caqui acobreado, mais cor de ferrugem que verde, e tinha tanto de feio como de atraente. No entanto, Liam achava-o curiosamente simpático e não tinha qualquer interesse no cargo de diretor, por isso não alimentava ressentimentos preconcebidos.

— Se vou aceitar o cargo — disse Charles na sala de convívio do Grand Hotel enquanto tomava uma bebida com Liam —, preciso do relatório imparcial de alguém que conheça o hospital como a palma da mão. Os meus avós disseram-me que o senhor era a minha melhor aposta, por isso estou aqui. Quais considera serem os aspetos atrativos do cargo que me está a ser oferecido?

— A degradação daquele lugar — respondeu Liam sem hesitação. — Frank Campbell era um escocês forreta que economizava e poupava em tudo. O que aguentou o Hospital de Corunda ao longo dos vinte e cinco anos da sua administração foi a qualidade da sua medicina e enfermagem, conseguida contra todas as adversidades. Na raiz de todos os problemas encontrava-se o amor do conselho de administração pela parcimónia do velho Frank… *uma coisa perversa!* Deliciavam-se com o facto de ele conseguir alimentar os pacientes e o pessoal com seis dinheiros por dia e obrigar as enfermeiras a remendar a roupa de cama quando estavam de serviço. Para mim, o patologista, a sua direção significava uma escassez crónica de reagentes, químicos, recipientes de vidro e de aço inoxidável, equipamento… muitas coisas! Era muito mais fácil conseguir aparelhos grandes, pois qualquer homem empreendedor conseguia convencer um dador disponível a comprar um afiador automático de lâminas de corte para o micrótomo ou um microscópio imponente. Não, o hospital foi mais prejudicado ao nível das provisões básicas, desde papel higiénico a esfregões e lâmpadas de alta potência. Sabe que os bebés são alimentados sobre folhas de jornal? O antimónio é *tóxico*! Tudo para poupar roupa, já para não falar da despesa de a

lavar! Tudo isto se passava enquanto os membros do conselho de administração aplaudiam! Fuinhas? Eu chamar-lhes-ia antes baratas!

— Eles têm conhecimento dos pormenores horríveis ou só dos números?

— Apenas dos números, é claro. O reverendo Latimer teria ficado horrorizado se soubesse os pormenores. No entanto, poderia ter descoberto.

— Quando algo implica demasiado esforço, ninguém vai além do estritamente necessário.

— A comida é terrível, verdadeiramente terrível. Contudo, em Bardoo, existe uma quinta e uma casa de convalescença do hospital que deviam produzir leite, natas, ovos, carne de porco e alguns vegetais da estação. Frank transformou o lado da casa de convalescença numa hospedaria e vendia a lojas locais e fornecedores os produtos que deviam ir para as cozinhas do hospital. Nojento! *Perverso!* — A sua voz com um sotaque muito ligeiro, modificado por estar há tanto tempo na Austrália, não subiu de tom, mas tornou-se mais ríspida. — Digo-lhe, Charlie, aquele homem devia apodrecer no pior Inferno que Lúcifer conseguisse conceber. Lucrou com a doença e com a morte.

— Por Deus! — exclamou Charles, sem fazer ideia de que frase um australiano usaria. — Também havia dinheiro do governo envolvido?

— Sim, claro, mas quase que aposto que se poupou mais do que se gastou. Frank era exímio em manipular os livros de despesas, embora nunca ficasse com dinheiro para si. Foram feitas inúmeras doações ao hospital… é uma das instituições de caridade preferidas. Contudo, nunca nada foi gasto sem ser num artigo especificamente identificado.

— Isso é maravilhoso! — exclamou Charles. — Já me imaginava a passar anos a lutar contra lesmas sem rosto para obter fundos, a fim de tornar o Hospital de Corunda tão moderno como a Mayo Clinic, mas o senhor diz-me que há dinheiro em caixa? Quanto? Seis dígitos?

— Sete dígitos — disse Liam, com um tom irritado. — Existem quatro milhões de libras espalhadas pelas sucursais de vários bancos australianos de renome em Corunda. É por esta razão que Frank Campbell era tão odiado… tinha uma fortuna à disposição e recusava-se a gastá-la.

Charles estava boquiaberto.

— Quatro milhões? Isso é impossível!

— Não é, se pensar bem no assunto — disse Liam de forma inexpressiva. — Dou-lhe o exemplo dos rubis de Treadby. Apesar de terem acabado em 1923, o legado dos rubis foi feito em 1898… as primeiras cem mil libras de cada ano deveriam ser entregues ao Hospital de Corunda e assim aconteceu. Nem um único cêntimo desse dinheiro foi gasto, incluindo o juro miserável que o banco paga. Tudo isto resultou de um desentendimento grave entre Walter Treadby e os filhos. Walter alterou o seu testamento e morreu dois dias depois, uma consequência das suas tendências apopléticas que colocou os rubis de Treadby no colo pouco merecedor de Frank Campbell durante vinte e cinco anos. Se Walter tivesse vivido mais dois dias, teria retirado o novo codicilo do seu testamento.

Os dois desataram a rir; Charles de forma bastante ruidosa.

— Nunca subestimem a tendência para a apoplexia! Fale-me do conselho de administração do hospital.

— O conselho é tão mau como Frank era. Bem, eles são criaturas de Frank, e este escolheu-os a dedo para obedecerem a cada regra, e foi exatamente isso que fizeram. Por exemplo, as enfermeiras, sempre recrutadas de famílias carenciadas… raparigas sem qualquer tipo de instrução ou esperança de se tornarem, mais tarde, enfermeiras registadas, embora fossem boas profissionais, às quais Frank pagava uma miséria. O terreno é todo livre de impostos e taxas, o abastecimento de energia foi negociado a ponto de ser quase gratuito e o gás também é barato.

— Não admira que o conselho de administração nunca se tenha oposto a Frank — disse Charles, num tom de voz admirado. — O homem era genial. — Charles parecia, subitamente, pensativo. — Não gostaria de ser subdiretor do hospital? — perguntou ele.

— Não, obrigado! — respondeu Liam, sem hesitar. — Ajudo-o de boa vontade em tudo o que precisar, Charles, mas as minhas ambições limitam-se a conseguir o melhor departamento de patologia do Estado, desde o seu

equipamento de análise à amplitude das suas funções e instalações. Também quero um radiologista num departamento separado de radiologia, um membro permanente e não alguém que tenha também um consultório privado. Já tenho sido usado como radiologista, quando não tenho nem o tempo nem o talento necessários… sou capaz de ver uma fratura simples, mas fraturas por fadiga? Até tremo. Erich Herzen é melhor que eu, mas também não tem a instrução necessária. Precisamos de um verdadeiro radiologista, capaz de usar técnicas mais complexas, e necessitamos de um técnico de raios X.

— Já percebi que o assunto do raio X é delicado para si, Liam, mas dou-lhe a minha palavra de que, quando a poeira assentar, a radiologia será um departamento à parte, completamente separado da patologia — disse Charles a sorrir. — Também não me vou esquecer de que este hospital tem um excelente patologista. Agora fale-me das enfermeiras baratas.

Esta entrevista e várias outras dotaram Charles Burdum de um conhecimento do Hospital de Corunda que a maior parte dos homens envolvidos na seleção do novo diretor não esperava. Charles adquiriu a reputação de ser um homem estranhamente perspicaz e aceitou o cargo no hospital. Começou a trabalhar no dia a seguir a ser oficialmente informado de que fora nomeado. O novo diretor não brincava em serviço!

Três semanas depois de chegar no expresso de Melbourne, foi anunciada a sua nomeação no *Corunda Post*. Durantes estas semanas, o velho Tom Burdum oferecera ao seu neto a Casa Burdum, a mansão que Henry Burdum, o fundador da família, construíra no cimo de Catholic Hill, o melhor bairro residencial de Corunda. Charles contratou empregadas domésticas e encarregados de manutenção, tirou os protetores de pó da mobília e, em seguida, traçou os planos para transformar o jardim de oito mil metros quadrados em algo ao estilo de Inigo Jones. O seu *Packard* cor de vinho chegara juntamente com dois carros baratos para circular pela cidade quando o carrão fosse demasiado pomposo. Uma empresa transportadora de Sydney entregara dez malas enormes cheias de

pertences de Inglaterra sem os quais Charles não podia viver. Os seus dez mil livros, disse Charles aos avós, tinham sido embalados e armazenados em Londres, mas não fariam a viagem de seis semanas de barco para Corunda até ele conseguir converter um dos quartos maiores da Casa Burdum numa biblioteca.

— Confesso — disse o velho Tom Burdum ao reverendo Tom Latimer — que o meu neto Charlie é mais do que eu aguento. Vivi até esta idade na esperança de ver o meu neto *pommy*, que não estava com pressa nenhuma de aparecer. O que eu esperava é que ele fosse um pouco melhor que Jack Thurlow. Bem, até é… mas tinha de ser tão *pommy*?

— Tom, ele *é* um *pommy* — disse o reverendo — e não faz a mínima ideia do que é que isso significa. Eles têm de chegar aqui antes de perceberem o que é ser um *pommy*. No entanto, não me preocupo muito com ele. Ele não é completamente alheado do fenómeno *pommy*, como a maioria dos *pommies* é. Na verdade, acho que, quando dizem a Charlie para não tratar os colonos como se fosse superior, ele até se controla.

— O reverendo é muito perspicaz. — O velho Tom recostou-se na cadeira, com uma chávena de chá a escaldar junto ao seu cotovelo e um dos *cupcakes* de Maude num prato… que delícia! — Ao princípio, não pensei que fosse gostar dele, mas acabou por ser fácil. Ele não é nenhum molenga, o meu neto Charlie! Jack age e tem o aspeto certo para Corunda, embora agora comece a ter a impressão de que Charlie é capaz de ser a escolha mais acertada a longo prazo. — O rosto enrugado e extremamente envelhecido de Tom esboçou um sorriso rasgado. — A sua maneira de ser *pommy* significa que tem algumas ideias controversas, que devem ser eliminadas, mas ele não tem qualquer convicção inabalável de que é melhor que os colonos só pelo simples facto de ser um *pommy*. Na verdade, o seu passado e a sua educação mostram que ele se comporta com os outros *pommies* da mesma maneira que se comporta connosco, os colonos.

— Estás a ficar confuso, Tom, mas eu sei o que queres dizer — disse o reverendo. — Eton, Balliol e Guy’s Hospital colocam-no bem à frente da

sociedade, até mesmo da sociedade *pommy*. Afinal, ele tem dinheiro suficiente para ser um príncipe de Gales *playboy*… festas de luxo em Mayfair, corridas de cavalos em Ascot, banhos de sol na Côte d'Azur, viagens para esquiar em Kitzbühl, etc. Contudo, formou-se em medicina e não parou de trabalhar desde Balliol. Acho que o seu neto Charles tem uma natureza bastante altruísta. Tal como o seu outro neto, Jack, embora de uma forma diferente. — O reverendo Tom franziu o sobrolho. — Algo que ambos têm em comum é a relutância em ir à igreja.

O velho Tom desatou a rir.

— Jack é um caso perdido, reverendo, como já sabe. No entanto, tenho a certeza de que, assim que a novidade do seu aparecimento em Corunda esmorecer, Charles representará os Burdum em St. Mark. Se ele frequentasse a igreja agora, provocaria um motim… a cidade inteira está ansiosa por inspecioná-lo da cabeça aos pés, e que outro local, que não o banco da igreja, seria melhor para encurralar o pobre coitado? Pergunte a três das suas quatro filhas.

Tal comentário deixou o reverendo Latimer sem palavras.

É claro que todos os membros do Hospital de Corunda estavam ansiosos por conhecer o novo diretor, que não amarrotou o uniforme engomado branco nem aqueceu o assento de pele da cadeira do seu gabinete antes de entrar em ação, subindo e descendo as rampas, entrando e saindo das alas, acenando levemente com a mão como que a dizer para ignorarem a sua presença, invadindo as áreas e os privilégios sagrados da enfermeira-chefe, exigindo os registos financeiros, extratos bancários e portefólios de propriedades ao secretário Walter Paulet, chegando até a provar as terríveis refeições dos pacientes.

— Ele é um homem ocupado — disse Tufts a Kitty e Edda, enquanto comiam sanduíches de *bacon* na sua pequena casa de campo.

— Está sempre a conversar com o teu médico preferido, Liam Finucan — disse Edda, mastigando despreocupadamente. — Oh, não há nada como fatias

fininhas de *bacon* num pão branco fresco!

— Admito de boa vontade que Liam é o meu médico preferido — disse Tufts sem se sentir ofendida —, mas, desde que o garnisé ocupou o poleiro, raramente vejo Liam. Como disseste, Edda, ele está constantemente em conversas privadas com o novo diretor.

— Pergunto-me o que é que o novo e aprumado mandachuva vai fazer em relação às suas quatro enfermeiras recentemente registadas? — perguntou Kitty, satisfeita por ter mandado o homem do momento passear. Também lhe chamara imbecil presunçoso! Visto que já relatara o episódio a várias amigas enfermeiras e às irmãs, a história tornou-se motivo de conversa por todo o hospital, embora até agora Kitty não tivesse tido a oportunidade de o conhecer com o uniforme vestido. Na verdade, o facto de Charles ter começado a trabalhar sem se ter apresentado uma única vez aos seus subordinados era considerado pouco ortodoxo e rude… contudo, ele era um *pommy* e eles eram meros colonos!

Tufts falava; Kitty emergiu dos seus pensamentos.

— Imagino que nós as quatro estejamos nos últimos lugares da sua lista de prioridades — disse Tufts, lambendo os dedos. — Liam disse-me que ele é um planeador nato e que está a trabalhar arduamente para dar uma nova cara ao Hospital de Corunda, é por isso que já foi visto a intrometer-se em assuntos há muito esquecidos. Na verdade, segundo Liam, o homem é um autêntico furacão, com enorme capacidade analítica e de construção lógica.

— Eu sabia que uma sanduíche de *bacon* te faria falar mais que uma seringa cheia de soro da verdade — disse Kitty trocista. — Então, o garnisé anda a contar cada pena no galinheiro?

Edda sorriu.

— A enfermeira-chefe deve estar furiosa.

— Oh, ele conquistou a enfermeira-chefe na primeira conversa de cinco minutos que tiveram — informou Tufts, mais satisfeita com a sua posição de oráculo do que com o almoço. — Ao que consta, ambos têm as mesmas ideias relativamente à enfermagem, às enfermeiras *e* a outros assuntos domésticos e culinários.

— Ouvi um rumor de que andam a voar penas por todo o lado na casa de convalescença — disse Kitty.

— Minhas queridas irmãs — disse Tufts —, há tantas penas a voar em tantas direções diferentes que o ar está repleto delas. Temos reunião com o doutor Burdum amanhã às oito. E a Lena também.

— Até que enfim, saímos do Limbo — gritou Edda.

— Sim, mas a caminho do Céu ou do Inferno? — perguntou Kitty, fazendo uma careta. — Tenho um estranho pressentimento relativamente ao doutor Burdum.

— Bem, vai ser difícil para ti… como é que vais voltar a cair nas boas graças dele depois de o mandares lixar?

Os olhos de Kitty relampejaram com um súbito tom violeta.

— Huh! Ele estava a pedi-las, aquele verme miserável! Se me ofender novamente, vou fazer pior do que lhe dizer para se ir lixar.

As quatro irmãs, ainda de avental, apresentaram-se na receção do gabinete do doutor Charles Burdum um minuto antes das oito da manhã seguinte. Sentiam-se apreensivas, mas não assustadas. Lena Corrigan era a que menos sofria, mas ninguém a invejava. Voluntariar-se, sobretudo depois de registada, para prestar serviços de enfermagem na ala psiquiátrica era de tal forma extraordinário que não havia grande probabilidade de um diretor de hospital não a empregar. Os dias de Frank Campbell já pertenciam ao passado. O doutor Charles Burdum, apesar de estar em funções há tão pouco tempo, já se revelava um chefe sensato e sensível.

Cynthia Norman, que há muito era secretária assistente e fora agora pessoalmente escolhida como secretária privada do doutor Charles Burdum, mandou as quatro irmãs entrarem juntas. O novo diretor não se levantou para as cumprimentar nem lhes disse para se sentarem. Três permaneceram de pé em frente da secretária (cujas pernas tinham sido encurtadas, como reparou Edda), enquanto a quarta irmã se virou de costas para ele a fim de examinar os títulos

dos seus muitos tomos de medicina. O facto de não parecer um ato insolente deveu-se à quantidade de gente presente na sala.

Sentado parecia relativamente alto, um traço bastante comum aos homens baixos, cujos troncos aparentavam ter um comprimento normal; perdiam altura nas pernas. Desproporcionado, pensou Edda, a mais alta de todas. Sinto-me tão feliz por estar a usar sapatos com um salto de cinco centímetros! Saltos grossos em sapatos de trabalho, mas pelo menos eram saltos, ha, ha. Porque será que ele desperta este tipo de atitude em mim? Não é por ele ser um *pommy*, não. É mais porque é um homem tão seguro de si mesmo.

— Obrigado por serem tão pontuais, irmãs — disse ele, sem se levantar da cadeira —, e perdoem-me não vos ter dito para se sentarem. Não vão ficar aqui muito tempo. — Um sorriso encantador transformou o seu rosto de gárgula em estrela de cinema. — Três das quatro enfermeiras que começaram o treino completaram o curso e registaram-se, e uma enfermeira extremamente competente de longa data também conseguiu obter o registo, o que já não era sem tempo que acontecesse. — Surgiu outro sorriso encantador. — Não me digam os vossos nomes, vou seguir a minha lista. Irmã Lena Corrigan?

— Sou eu — disse Lena. — Fui eu que obtive o registo.

— É muito jovem. Diz aqui que quer exercer no hospício… é verdade?

— Sim, senhor.

— Excelente, excelente! — exclamou ele, como se fosse realmente o caso. — Já traz consigo vinte anos de experiência de enfermagem, irmã, uma mais-valia incomparável para quem vai assumir o controlo do hospício, mesmo a tempo de o preparar para o novo psiquiatra que pretendo contratar. Não há muito que se possa fazer em relação aos pacientes com epilepsia crónica, demências congénitas e outros problemas do mesmo tipo, mas acredito que vamos aprender a tratar com sucesso doenças como a mania ou a depressão nos próximos anos. A irmã Corrigan será a enfermeira-adjunta, mas o seu título no hospício será de enfermeira-chefe. Os trabalhos necessários ao hospício vão começar imediatamente e o psiquiatra chegará no ano novo. Parece-lhe bem, enfermeira-chefe Corrigan?

— Estou nas nuvens, senhor. Obrigada, obrigada!

— Então, encontramo-nos esta tarde às duas para conversarmos mais um pouco.

Com a expressão do rosto alterada, Lena saiu da sala.

— Irmã Edda Latimer?

— Sim, senhor.

Nada de estrela de cinema para ela. A gárgula olhava-a de esguelha, com a língua bifurcada de fora.

— Vejo que prefere o bloco operatório, mas é claro que sabe que não há vagas de momento — disse o doutor Burdum, parecendo sentir pena dela.

— Sim, senhor.

— Ainda não estou no distrito há tempo suficiente para perceber de forma realista se o hospital é adequado às necessidades da cidade ou não, por isso não lhe sei dizer se acho que o hospital deva ter um segundo bloco operatório, mas parece-me que, de momento, um é suficiente. Com Sydney a apenas três horas de distância, é melhor referenciarmos para lá as cirurgias mais complexas e atendermos por aqui apenas as verdadeiras emergências. — Os olhos, reparou Edda, mudaram de dourado brilhante para caqui escuro; a gárgula retraiu a língua e ficou com um ar trocista. — Posso oferecer-lhe um emprego, irmã Latimer, mas não um bloco operatório. O turno das seis às duas na ala Dois dos homens precisa de uma segunda enfermeira, tal como o mesmo turno na maternidade. Alguma preferência?

— Obrigada, senhor, prefiro a ala Dois dos homens — disse Edda, virando-se de forma elegante e saindo da sala.

— Irmã Heather Scobie?

— Sim, senhor.

— Basicamente — disse ele alegremente —, já tem o cargo de irmã tutora e tem feito um trabalho exemplar no departamento doméstico e de culinária. O que planeio fazer é colocar, de forma permanente, o departamento doméstico sob a supervisão de uma enfermeira-adjunta, que também ficará encarregada das auxiliares de enfermagem e dos porteiros. No entanto, a partir de agora, as

empregadas das alas, os porteiros e as auxiliares terão de frequentar um curso sobre higiene e limpeza básica, e ser-lhes-á mostrado como levar a cabo os seus deveres e, uma vez por ano, terão de frequentar outro curso. A irmã tutora ficará responsável por toda a instrução.

— Essa ideia é fantástica — disse Tufts, radiante.

— O departamento de culinária é um problema diferente — continuou o doutor Burdum —, com algumas semelhanças. Também eles vão precisar de instrução na área da higiene, por exemplo. Como todos já devem saber, alimentar toda a gente vai custar mais do que seis dinheiros por dia, mas, mais importante que isso, é o problema de providenciar comida decente. Eu e a enfermeira-chefe tencionamos ter uma enfermeira unicamente responsável por esse departamento, mas por onde começar?

— Sendo impiedoso, senhor — disse Tufts. — A enfermeira-chefe Newdigate é uma pessoa da cidade, que não seria capaz de reconhecer um cozinheiro de meia-tigela, mesmo que tropeçasse nele, mas o doutor Frank Campbell sempre geriu o Hospital de Corunda com este tipo de cozinheiro. Os cozinheiros de meia-tigela, senhor, trabalham arduamente durante longas horas e comem *qualquer coisa*. As pessoas doentes, por outro lado, têm dificuldade em comer, mesmo a comida mais saborosa. — Tufts encolheu os ombros. — Deixo à sua imaginação, senhor. Despeça-os e contrate cozinheiros decentes.

— É o que vou fazer. Escusado será dizer que a irmã Scobie é a enfermeira tutora e fica responsável por *toda* a instrução no hospital.

— Obrigada, senhor — disse Tufts, sorrindo e saindo da sala.

Três já estavam despachadas, só faltava uma, a que ainda estudava os seus livros.

— Irmã Katherine Treadby?

Kitty virou-se numa pirueta, retirando ao rosto de Charles toda a capacidade de se assemelhar a uma gárgula ou a uma estrela de cinema; parecia que tinha sido passado a ferro e não possuía qualquer expressão, exceto espanto profundo.

— És tu! — disse ele.

— Isso depende a quem se refere quando diz «tu», senhor. No entanto, sou o

«tu» que corresponde à irmã Katherine Treadby.

— Mas o seu nome é Kitty Latimer, é a filha do reverendo!

— Sim, também sou isso — disse ela, claramente divertida. — O meu apelido legal é Latimer, mas visto que as quatro enfermeiras que começaram o curso aqui, em abril de 1926, eram irmãs com o mesmo apelido (Latimer), foi dado a três de nós um novo apelido. Edda manteve o Latimer; Grace, que desistiu do curso para se casar, ficou com Faulding; Tufts… ups, quero dizer Heather, ficou com Scobie, enquanto eu, a mais nova por apenas alguns minutos, me tornei Treadby.

Charles levantou-se e deu a volta à secretária, sorrindo para ela de uma forma que a deixou sem fôlego, pois o sorriso invadia-lhe os olhos, de um extraordinário tom de caqui acobreado que, desconfiava ela, seria capaz de se dissipar e mudar da mesma forma que um camaleão muda a cor da sua pele. O choque de um encontro tão inesperado com esta mulher que o assombrava, acordado ou em sonhos, desde que embarcara naquele comboio há várias semanas, era profundo. Qualquer vestígio de bom senso em Charles Burdum cessou de existir. Tudo o que conseguia fazer era estender a mão e sorrir estupidamente, apaixonado.

— Irmã Treadby, então, se é esse o seu nome — disse ele, e aproximou-se demasiado dela. — Existe apenas um cargo que eu lhe poderia oferecer… o de minha esposa. Desde aquele momento em que me desprezou no comboio, não pensei em mais nada nem em mais ninguém! Quero dizer, olhe para nós! — exclamou ele, gesticulando com a mão esquerda. — A Katherine tem o tamanho certo para mim, sua criatura divina, e nunca mais passará pelos meus lábios o nome de Marion Davies, juro-o sobre o túmulo de Guinevere! Eu adoro-a! Venero o chão sobre o qual flutua! Sou seu escravo, seu prisioneiro do amor!

Fascinada, Kitty permaneceu de pé a ouvir, incrédula, até Charles terminar. Ele levantou-se, também fascinado, embora por razões completamente diferentes das de Kitty. Os lábios dela contraíram-se, tremeram; esforçou-se por se controlar, mas sem sucesso… era a expressão do rosto dele, que lhe fazia lembrar Francis X. Bushman a tentar transmitir uma paixão eterna em silêncio, à

espera que o quadro negro aparecesse no filme silencioso e revelasse ao público as palavras que o doutor Charles Burdum dizia.

Kitty desatou a rir à gargalhada.

— Vá lá, brincalhão, tente passar a perna a outra! Nunca ouvi tanto disparate junto em toda a minha vida… não me diga que as *pommies* caem nisso? É tão meloso que até dá vómitos!

A humilhação tingiu o seu rosto de um tom carmesim arroxeado. Durante alguns segundos em que o seu coração bateu com mais força, Charles sentiu-se impotente, sem saber o que fazer. Era capaz de fazer uma lista com os nomes de uma dúzia de mulheres que se tinham derretido completamente ao ouvir tamanhos elogios… as suas palavras eram sentidas! E até a pedira em *casamento*! No entanto, esta jovem mulher ridicularizara-o por ser… ser o quê? Ela era uma mulher, e as mulheres adoravam elogios rasgados!

Charles bateu em retirada, mas de forma inteligente; encontrou uma gargalhada algures dentro de si e soltou-a, recuou descontraidamente e apoiou-se na cadeira.

— Sente-se, irmã — disse ele. — Depois de me esmagar de forma tão selvática, é o mínimo que pode fazer por mim.

— Está bem — respondeu ela, e sentou-se.

— A que parte da minha declaração objeta? — perguntou ele, com o traseiro empoleirado na beira da secretária, que fora encurtada, reparara ela. Oh, pobre coitado! As colónias não lhe estão a fazer muito bem!

— A sua pergunta é um ótimo exemplo… tão cerimoniosa e afetada! Ao ouvido australiano soa a ensaiado, a falso. Tal como a sua poética declaração de amor. Foi extremamente hilariante para mim.

— Bárbaro! — murmurou ele.

— Essa é, provavelmente, a descrição adequada. A Austrália deve ser um choque para si.

— Então, como se fala de amor em Corunda?

— Noé é capaz de ter falado dessa maneira quando fez a arca, mas em Corunda não é assim. Pode tentar essa abordagem com uma rapariga de Toorak,

talvez ela vá na sua conversa romântica, mas poucas mulheres australianas seriam recetivas a isso. Pelo menos não de imediato, senhor! Numa entrevista de trabalho? Fá-lo parecer um autêntico pervertido! Não existe uma única mulher no mundo que não saiba que todos os homens se consideram superiores a todos os níveis, por isso, quando um homem debita estas palavras melosas e enjoativas, a sua sinceridade é posta em causa. Se a mulher der ao homem o que ele quer, este volta ao seu estado de superioridade de imediato — disse Kitty descontraidamente. — É capaz de se safar com flores e chocolates, mas Tennyson e palavras melosas? Nem pensar! Um homem de Corunda é capaz de dizer que sou uma rapariga atraente e deixar o resto para… hum… uma ocasião mais reservada. O senhor, doutor Burdum, se não gosta de ser ridicularizado, é melhor pôr de lado a poesia imagística e o discurso fastidioso. As suas ideias para o hospital são fantásticas, senhor, por isso tem a maioria dos habitantes da cidade do seu lado. No entanto, se começarem a vê-lo como um Lotário reles, vai perder o seu apoio!

A terrível humilhação começava a dissipar-se. Charles Burdum era suficientemente nobre para perdoar Kitty. Contudo, numa pequena parte do seu cérebro guardou aquele episódio juntamente com muitos outros insultos, injúrias e ofensas, alguns dos quais cometidos na mais plena inocência, embora ele não os interpretasse desta maneira visto ser ele o insultado, o injuriado, o ofendido. Charles tinha uma falha que desconhecia: a tendência para guardar rancor para toda a vida, e o número dos seus rancores aumentava sem parar, pois Charles Burdum era um homem extremamente sensível e até a mais pequena ferida infetava.

Naquele momento, em que a sua vergonha diminuía de intensidade por saber que não havia qualquer intenção maldosa por trás das gargalhadas de Kitty, Charles conseguiu ver para lá do seu orgulho ferido e percebeu que não era indiferente a Kitty e que ela se protegera do seu magnetismo com um escudo de escárnio. E ela tinha tanta razão! Como podia ter trazido assuntos tão pessoais para uma entrevista de trabalho? Não, não era só ele que sentia algo, e o que tinha de fazer agora era construir uma relação profissional com ela… sem

intimidades! Teria de adiar a sua vontade de a deslumbrar. Kitty teria de gostar dele, mas não do Charlie errado: ele era Charles Burdum, não Charlie Chaplin.

Sentado atrás da secretária, Charles observava Kitty com o maior desprendimento possível, visto que era completamente louco por ela e sempre seria. Sybil? Um Chardonnay muito jovem. Kitty era um champanhe *vintage*, acima de qualquer rival. Mesmo com aquele cabelo louro quase branco escondido, o contraste das sobrancelhas e das pestanas glaciais com a pele morena era arrebatador. No comboio não tivera tempo suficiente para observar os seus olhos e reparar que o seu azul profundo estava raiado de lavanda, um ligeiro traço de gato oriental. Na verdade, o nome «Kitty» era bastante apropriado, desde as sobrancelhas arqueadas e olhos rasgados ao permanente esboço de sorriso nos seus lábios requintados. Nunca vira em toda a sua vida uma mulher tão bonita com a pele tão escura. Nem nunca vira, apercebeu-se de repente, uns olhos tão *zangados*. Mas era ridículo! O que poderia uma mulher tão bonita ter sofrido para ficar zangada com um elogio? Não era, decerto, a emoção que esperava encontrar. Quando muito, imaginara nas suas fantasias mil maneiras de satisfazer o que deveria ser uma mulher extremamente convencida, rainha de todas as coisas. Bem, já vira humor, raiva, uma picada de escorpião, mas não qualquer indício de presunção. Quem *és* tu, Kitty?

— Tem preferência por algum tipo de enfermagem em particular, irmã?

— Sim, senhor. Crianças.

Charles bateu com o dedo na pasta de Kitty.

— Sim, reparei que grande parte dos seus três anos de treino foi passada na pediatria. A irmã Moulton fala muito bem de si.

— Também a tenho em grande consideração.

— Gostaria de continuar a trabalhar com crianças?

— Sim, senhor, gostaria.

— A enfermeira-chefe recomendou-a para ficar encarregada do turno das duas às dez na ala das crianças. Seria apropriado para si?

— Sim, senhor.

O sorriso de estrela de cinema emergiu; Kitty não retribuiu o sorriso.

— Então, o cargo é seu, irmã Treadby.

— Obrigada — disse ela, levantando-se e saindo.

Depois de passar o gabinete de Cynthia Norman, Kitty encostou-se à parede e abateu-se sobre ela um misto de alegria e tristeza. Alegria por ter um cargo de responsabilidade na ala das crianças. Tristeza por ter um começo tão atribulado com o novo diretor.

Durante a entrevista, Kitty observara Charles como um falcão. A sua reação inicial à exibição patética de Charles foi guardada dentro de uma caixa, tendo fechado bem a tampa até encontrar algum tempo para a voltar a abrir e examinar, livre de outras considerações. De algum modo, ela achava que Charles era um misto de sinceridade e chicanice, embora não soubesse a proporção que ocupavam na sua personalidade. Tão atraente! E não era demasiado baixo para ela; se usasse sapatos de salto alto, ele ainda ficava uns centímetros mais alto que ela. No entanto, teriam filhos muito baixos se casassem! Praticamente anões!

Kitty sentia-se muito confusa, e cada palavra que ele dizia só contribuía para agravar o seu estado. Como seria ele por baixo das palavras? Inteligente, sofisticado, experiente. Kitty apercebera-se de uma raiva furiosa ao longo da breve entrevista. Por causa do seu maldito rosto, Charles assumira imediatamente que ela era arrogante e orgulhosa! Oh, como é que ele se atrevia a fazer-lhe isto? Outro colecionador de arte, ao que parecia, ansioso por exibir a sua beleza como sua propriedade através do casamento. Não, não vás por aí!

Mas como posso evitar pensar nisso? Ele ofereceu-me as tradicionais tentações de riqueza, poder, conforto para o resto da vida… *sem qualquer outra prova de mérito sem ser o meu rosto*! Odeio o meu rosto! Ele falou de amor, mas o que pode um homem que julga uma mulher pela beleza do seu rosto saber sobre o amor? Indica que ele é superficial, um homem frio. Frio, não gelado; ele não é indiferente ao sofrimento dos outros, apenas frio, pois nunca sofre de forma sentida. Um analista frio.

Kitty desencostou-se da parede e descobriu que era capaz de andar. No entanto, guardaria para si o conteúdo da entrevista daquela manhã. Se Edda e

Tufts soubessem…

Entretanto, Charles Burdum apercebeu-se de que Kitty e Heather (ou Tufts) eram idênticas, com a exceção da cor da pele. Tufts diminuíra, quase por completo, as parecenças no que respeitava à constituição e às características do rosto. Uma diferença óbvia era a falta de, pelo menos, uma covinha, mas o tom de pele era mais que uma mera diferença: refletia algo mais sobre a própria alma. Ao olhar para Tufts, qualquer pessoa minimamente perspicaz conseguia perceber o quanto um temperamento prático, organizado e doce afetava a dinâmica da atração. Em Kitty, o dínamo rugia; em Tufts, o dínamo zunia. Nunca tendo lidado com gémeos, Charles sentia-se fascinado. E havia mais um par, Edda e Grace, que, segundo diziam, eram mais parecidas que Tufts e Kitty.

Qual era a natureza de Kitty? Existiam alguns mistérios, alguns de enorme importância, mas com quem podia contar para o ajudar a descobrir?

A imagem de Edda surgiu na mente de Charles. Sim, Edda sabia tudo, ela era a líder do quarteto, de acordo com os rumores. Devia falar com Edda, mas já aprendera a lição com Kitty. Como abordo a Medusa? Nunca a olhar nos olhos ou ela transforma-te em pedra! Ela também não gostaria dele, embora isso não fosse tão importante como o que ela acharia que ele significava para a sua irmãzinha Kitty. Edda não era egoísta, ela poria as necessidades e desejos de Kitty à frente dos seus. Sim, teria de ir falar com Edda.

Sou uma vítima da minha época e da minha nacionalidade, pensou ele. Sou um homem inglês, um membro genuíno de uma nação que governa o maior império que alguma vez existiu. Virem o globo terrestre para qualquer direção e as terras estarão coloridas de um rosa-avermelhado, o código geográfico para as possessões do Império Britânico. Apenas a Antártida não tem áreas a rosa, muitas delas enormes, e o continente australiano é integralmente rosa. No entanto, estas pessoas ressentem o rosa, gostariam antes de ser verdes, a cor da autonomia absoluta, como os Estados Unidos da América. Tenho de me esquecer de ser inglês da mesma forma que ser inglês tende a fazer-nos esquecer a

Escócia, o País de Gales e a Irlanda, todos de nome parte da reinante Grã-Bretanha. Todos têm de admitir, ainda que secretamente, que os verdadeiros donos e dirigentes são os ingleses.

Charles chamou a secretária pelo intercomunicador.

— Senhora Norman, as três irmãs Latimer. Elas vivem na propriedade do hospital?

— Sim, senhor.

— Como é que eu faço para contactar uma delas?

— Normalmente, por carta. O senhor entrega-me a carta e eu coloco-a no compartimento respetivo no gabinete das irmãs. Se for urgente, pode contactar por telefone, mas a enfermeira-chefe também pode enviar um porteiro para ir buscar a pessoa em questão.

— Vou escrever uma carta, obrigado.

Pegou em papel de carta, com o sobrolho franzido. Material de má qualidade, do mais barato. Já encomendara material de escritório da W. C. Penfold em Sydney, mas até chegar estava limitado a este… a este papel higiénico. Na próxima semana ia reunir o conselho de administração pela primeira vez desde que tomara posse… ia ser um autêntico circo!

Edda encontrou a carta quando chegou a casa do seu habitual passeio a cavalo com Jack Thurlow, fisicamente satisfeita, mas mais inquieta do que estivera em muito tempo. Oh, o que sentia por Jack ainda tinha o poder de a manter amarrada a Corunda, mas era inegável que a sua devoção estúpida a Grace e Bear a irritava, mesmo antes da discussão… ele *fora* o seu amigo exclusivo, independentemente do que Grace alegara naquele dia memorável. Edda não discutira o assunto com Tufts ou Kitty, dando graças a Deus pelo facto de os seus turnos não lhe darem a oportunidade de lhes contar o que se passava com Grace no seu isolamento em Trelawney… que gostava de imaginar que as outras donas de casa pensavam que Jack era seu amante! Para Edda, era tão ridículo que se tornava engraçado. Grace não vivia num vácuo; havia sempre

vizinhas bisbilhoteiras a visitá-la quando Edda e Jack trabalhavam no seu jardim, e não podia existir qualquer dúvida sobre qual das gémeas era o objeto do amor de Jack, visto que eles chegavam e iam embora no mesmo carro e olhavam um para o outro de uma forma muito especial. O que Edda não conseguia compreender era o efeito que dois bebés e um marido muito ausente tinham sobre a sua irmã, que via o *glamour*, as roupas e o estilo de vida livre de Edda, bem como a sua forma descontraída de se relacionar com os homens, como prova de que todas aquelas qualidades lhe haviam sido roubadas a ela, Grace. Um ciúme tão violento ferira-a de tal maneira que parte dela começou a odiar a descontraída, despreocupada e *disponível* Edda.

A fantasia de um caso amoroso entre Jack e Grace fora para Edda apenas isso, uma fantasia, mas descobrir que Grace acreditava, com convicção, que este caso existia em mentes bisbilhoteiras espantou Edda inicialmente, mas mais tarde, depois de pensar sobre isso, um ataque de pena e cólera impeliu-a a fazer o mais fácil: anunciar aos quatro ventos o seu caso com Jack. Jack não se importara. Grace podia ficar descansada, a sua reputação em Trelawney mantivera-se intacta. *É* assim que eu vejo a situação, era este o pensamento que passava pela cabeça de Edda quando tinha algum momento para refletir sobre Grace.

A discussão em si nunca poderia ter sido prevista por qualquer pessoa com bom senso e lógica… não, isso não está certo! A discussão não poderia ter sido prevista por qualquer pessoa com o mínimo de inteligência, já para não falar de bom senso. Brandindo ferozmente o machado, Grace deixara-o cair às cegas sobre a cabeça de Edda, destrutivamente; a fúria dos seus olhos revelava um desejo de matar, tal como uma multidão, sem qualquer razão. Depois de a sua própria raiva passar, a imagem que tinha da irmã ficou de tal forma destruída que Edda nunca mais queria ver Grace. A sua lógica dizia-lhe que o que quer que estivesse errado com a sua irmã tinha pouco que ver com ela enquanto irmã, ou mesmo enquanto ser humano, mas a sua raiva era tão forte, tão implacável, que não era capaz de esquecer ou de perdoar. A injustiça das acusações de Grace corroía e desgastava o seu amor até ao ponto em que deixou de existir.

Tudo isto tornara o final deste inverno o mais difícil da vida de Edda, mesmo incluindo as tentativas de suicídio de Kitty. É claro que Tufts e Kitty desconfiavam que houvera uma discussão, mas várias tentativas para descobrir o que se passara, por parte de uma e de outra, ou das duas em conjunto, direcionadas quer a Edda quer a Grace, não tinham produzido qualquer resultado. Nem Edda nem Grace queriam falar do assunto, e muito menos resolvê-lo. E, para Edda, que fora injustamente acusada e julgada, a simples magnitude dos insultos de Grace eclipsava a relação entre elas.

Kitty pediu ajuda ao reverendo, que tentou falar com Edda, a gémea com a inabalável capacidade de ser racional… sem qualquer sucesso. Quando falou com Grace, a sua única recompensa foi um ataque histérico de lamúrias, choro copioso e total falta de racionalidade. Quando Maude se intrometeu e ficou do lado de Grace, Edda cortou relações com ela e recusou-se a voltar ao presbitério até Maude deixar de se meter na sua vida.

Até a enfermeira-chefe Newdigate acabou por se envolver na discussão com o seu fiel machado de guerra afiado, segundo os agentes infiltrados diziam, pelo equipamento de Liam Finucan, que fazia o mesmo com as lâminas do micrótomo. Liam foi arrastado para o meio da querela por Tufts, que vislumbrara uma ténue luz ao fundo do túnel Edda-Grace.

— Esta situação precisa da mão de Deus — disse ela a Liam —, de uma mão feminina de Deus. Tem de ser a enfermeira-chefe a intervir.

— Mas Grace já não tem nada que ver com a enfermagem há anos — protestou ele.

— A voz da razão está gravada no cérebro de Grace — contra-argumentou ela —, e a enfermeira-chefe é a voz da razão suprema.

Desta forma, Grace foi chamada à presença da enfermeira-chefe, como se ainda estivesse no seu treino de enfermagem, e, assim que se sentou, Edda entrou.

Nenhuma das gémeas desconfiava do estratagema, nem nenhuma das gémeas tinha a coragem necessária para sair impetuosamente do gabinete da *enfermeira-chefe*.

— Sente-se, irmã Latimer — disse a enfermeira-chefe com enorme afabilidade —, e dê os bons-dias à sua gémea.

Um enorme peso caiu dos ombros de Edda.

— Bom dia, Grace — disse ela, esboçando um sorriso forçado com os seus lábios paralisados.

O sorriso de Grace foi muito mais rasgado. Ela sabia de quem era a culpa da discussão e há três meses que não dormia bem, tentando encontrar uma forma de sair desta situação com algum orgulho. O problema é que não havia maneira de preservar o orgulho… Oh, se ao menos Edda não estivesse tão bonita naquele dia, tão… tão *soignée*! Mas a verdade é que estava, e as palavras cruéis tinham jorrado da sua boca numa torrente maldosa e mesquinha. Arrependo-me tanto delas! Mas orgulho era orgulho, insaciável.

Edda apresentou-se no gabinete da enfermeira-chefe com o véu, mas sem avental, uma efígie fria às riscas verdes e brancas, enquanto Grace, a mulher casada, se encontrava vestida com a sua melhor roupa de domingo: um vestido fúcsia cintado de crepe, que lhe assentava muito bem, um chapéu de palha sofisticado a condizer e acessórios em azul-marinho.

— Estás *trés chic*, Grace — disse Edda.

— E tu pareces uma freira… muito intimidante.

— Então, vão finalmente pôr um fim a esta discussão ridícula? — perguntou a enfermeira-chefe com um sorriso.

— Sim… se eu pedir desculpa — disse Grace —, e peço, Edda, do fundo do coração. Reconheço que estava completamente errada.

— Excelente — disse a enfermeira-chefe, radiante. — As razões para esta discussão já são águas passadas… a propósito, Faulding, nunca me chegou a entregar aquele relatório de cinco páginas sobre o registo de equilíbrio de fluidos.

A porta abriu-se e uma funcionária entrou com um carrinho de chá.

— Ah, chá! Agora podemos pôr de parte as formalidades e usar os nossos nomes próprios.

Grace respirou com dificuldade.

— Enfermeira-chefe, não posso fazer isso!

— Que disparate! Aliás, preciso de si, Grace. O hospital sob a nova direção precisa de uma voz em Trelawney e, pelo que já ouvi, a sua é muito respeitada por lá.

Grace, lisonjeada, corou e os seus olhos brilharam.

— Estou à inteira disposição do hospital, enfermeira-chefe.

— Gertie — disse Edda com um sorriso. — O nome próprio da enfermeira-chefe é Gertie.

A carta pouco volumosa dentro do envelope selado encontrava-se no compartimento de Edda, com *Irmã Edda Latimer* escrito a tinta preta. Enviada pelo novo diretor, presumiu Edda… caligrafia interessante, muito chamativa e executada com uma caneta de bico grosso. Edda abriu-a.

Franca, direta ao assunto: um convite para tomar uma bebida no bar do Grand Hotel às seis, depois da qual, se assim desejasse, podiam ir ao Parthenon jantar. Não precisava de responder ao convite; se estivesse interessada, bastaria comparecer no local indicado à hora combinada, hoje, amanhã ou em qualquer outra noite.

Ele não tinha qualquer interesse romântico nela, Edda estava certa disso. O olhar que tinham trocado naquela manhã era semelhante ao trocado por dois guerreiros de tribos rivais. Não, ele queria Kitty, aquele dia na estação de comboios dissera-lhe isso, e agora descobrira que Kitty Latimer era Katherine Treadby, uma enfermeira. Um problema, tal como o facto de ela não simpatizar com ele. Ele era o invasor desconhecido, demasiado inteligente para não se aperceber disso, e precisava de saber mais sobre Kitty antes de dar seguimento ao seu interesse por ela. E escolhera cuidadosamente Edda Latimer para ser sua informadora.

Teria de ser esta noite; amanhã estaria de serviço no bloco operatório e trabalharia nos sete dias seguintes até à sua próxima folga. Ele também sabia disto, mas não a pressionara.

Com apenas 500 libras no banco, Edda fazia toda a sua roupa e vivia de forma tão frugal que fizera todo o seu guarda-roupa com o miserável salário de enfermeira. Tecidos, sapatos, luvas e malas tinham de ser comprados. Fazia os vestidos e os chapéus de forma tão extraordinária que todos em Corunda pensavam que ela os comprava nas melhores lojas de Sydney. Terminara há pouco de coser a última conta num vestido cinzento arroxeado, com bainha abaixo do joelho e ligeiramente cintado, e tornara-o ainda mais interessante ao coser na bainha e nos punhos vários milhares de contas de vidro roxas. Usava sapatos pretos e uma mala, e, na cabeça, um acessório de tule cinzento-escuro salpicado com as mesmas contas roxas. Sim, isso seria suficiente! Chique.

Charles esperava-a numa mesa baixa isolada no bar do hotel, sem qualquer bebida à sua frente, e levantou-se assim que a viu do outro lado da sala.

— *Cocktail?* — perguntou ele, puxando uma cadeira baixa e grande para ela.

— Não, obrigada. Um copo de *pilsener* — respondeu ela, retirando as luvas pretas, dedo a dedo, uma tarefa difícil.

— A maioria das mulheres australianas bebe cerveja? — perguntou ele, sentando-se e fazendo sinal ao empregado de mesa.

— Sim, é verdade. É do clima. Bebemos cerveja leve do tipo alemão, com um teor alcoólico relativamente alto, e gostamos dela bem gelada. Não vai encontrar a pesada cerveja inglesa servida quente por aqui — disse ela, acabando de tirar as luvas. — Como bónus, posso dizer-lhe que Kitty também gosta de beber cerveja gelada.

— A Edda é muito perspicaz — disse ele, depois de fazer o seu pedido. — Não lhe passou pela cabeça que eu pudesse estar interessado em si?

— Nem por um segundo. Sou demasiado alta.

— *Touché*. A Edda é muito exótica para Corunda, não é?

— Alguém tem de ser. À medida que for conhecendo melhor as irmãs Latimer, vai descobrir que, para dois pares de gémeas idênticas, as semelhanças estão perfeitamente delineadas num dos pares e bastante dissimuladas no outro, como na sala de espelhos de uma feira.

— Fale-me mais sobre isso — disse ele.

— Eu e Grace, por exemplo. Eu sou muito exótica para Corunda, enquanto a minha irmã é bastante típica: dona de casa e mãe, sempre a esforçar-se por aguentar até ao final do mês, mas completamente encantada com o seu papel. Com Kitty e Tufts acontece o seguinte: Kitty é a epítome da beleza moderna, desde a boca em forma de botão de rosa aos enormes olhos, quase transparentes, enquanto Tufts é a solteirona nata, terra a terra e genuína. — Edda pegou no seu copo alto de cerveja, os seus lados molhados com a condensação, e inclinou-o na direção de Charles. — Aqui fica algo para pensar, Charlie.

— Será que toda a gente tem de me chamar Charlie? — perguntou ele, irritado.

— Sim, porque Chikker não lhe assentava bem. Charles é considerado ligeiramente efeminado pelos *verdadeiros* homens neste ano de 1929… pelo menos, nesta parte do mundo — disse ela, suavemente.

— Jesus Cristo! A Edda é uma cabra!

— Em Inglaterra era capaz de pensar isso, mas nunca o iria dizer.

— Não preciso que tenha uma atitude paternalista comigo, Edda, mas talvez me possa explicar por que razão o facto de ser inglês é tão objetável para quase todos os australianos, e o que significa a palavra *pommy*?

— Ninguém sabe por que razão os ingleses são chamados *pommies*, é simplesmente assim, mas não são muito queridos por aqui porque este continente era um conjunto de colónias britânicas até há vinte e oito anos, e nós, os nativos, éramos desprezados. Na verdade, mesmo agora existe uma Comunidade da Austrália e muitos australianos sentem que o país ainda pertence ao Banco de Inglaterra e às companhias inglesas. Os melhores empregos vão para os *pommies* e, quanto maior entoação britânica o discurso australiano tiver, maiores são as probabilidades de se ser bem-sucedido nos aspetos social e financeiro. Os australianos educados em escolas públicas são castigados por terem uma pronúncia associada às classes mais baixas… sim, vocês trouxeram o sistema de classes e ficou enraizado por aqui! Quer queiram usar a vossa nacionalidade ou a vossa individualidade para se definirem, a resposta é sempre *pommy* — disse Edda, com os olhos quase brancos a fitá-lo. Em seguida, como que arrependida

por ter partilhado tantas emoções, encolheu os ombros. — Se quer que gostem de si em Corunda, Charlie, deixe a faceta *pommy* de lado o mais depressa possível.

— Cigarro? — perguntou ele, oferecendo-lhe um.

— Não fumo. Nós as quatro deixámos de fumar poucas semanas depois de estarmos na ala dos homens.

— Por causa das doenças? — perguntou ele, sem expressão.

Um sorriso amargurado curvou os seus lábios pintados de vermelho-vivo.

— Não! Se há coisa que os médicos nunca fazem é limpar as canecas de expetoração. Se o fizessem, entenderia o porquê.

A imagem de uma caneca de expetoração invadiu a mente de Charles. Pousou, de imediato, o seu uísque com água gaseificada (sem gelo).

— O que quer fazer da vida? — perguntou ele.

— Viajar. Viver aventuras loucas em todo o lado, exceto na Antártida. Esse é o continente que a maior parte das pessoas do lado de cima do globo terrestre se esquece sempre. Espero tornar-me enfermeira responsável… mais dinheiro. Os meus recursos são quase inexistentes… pobre como um rato de sacristia.

— Bem, a Edda é de facto pobre, mas vou ver o que consigo fazer em relação ao cargo de enfermeira responsável.

— Em troca das informações sobre Kitty?

— Exatamente — disse Charles Burdum de forma descontraída. — Fico eternamente agradecido por toda e qualquer informação.

A segunda metade da cerveja de Edda não continha qualquer magia. Ignorando o seu copo, Edda recostou-se na cadeira, cruzou as pernas e fixou os seus olhos lupinos no novo diretor. A atitude trocista entre eles desaparecera e, por alguma razão que desconhecia, Edda parecia ter reconsiderado a sua opinião inicial e bastante desdenhosa sobre ele. Charles ouviu atentamente uma maravilhosa contadora de histórias narrar uma história apaixonante, apenas interrompendo a narrativa para andar com ela dois quarteirões até ao café grego para jantar.

Assim, Charles descobriu que Kitty tinha muitas cicatrizes internas, não era

uma menina bonita e convencida com uma série de relacionamentos e casos amorosos no seu passado. Muito apaixonado por ela, Charles Burdum estava ansioso por conhecer esta mãe tão terrível que Edda odiava tanto. Maude Scobie Latimer… tão enredada nos encantos da sua filha que não era capaz de ver o efeito da sua adulação em Kitty, demasiado superficial para compreender que algumas mulheres bonitas querem ser amadas por algo mais duradouro que o seu rosto ou figura esbelta. Um ralador de queijo, e Kitty só tinha dez anos! Era tão difícil pensar nisso! A tentativa de suicídio de que só ela e o reverendo tinham conhecimento…

Oh, minha pobre coitada, minha querida Kitty! Deve significar tanto para ti seres uma enfermeira qualificada, e a minha declaração de amor deve ter sido tão insignificante! É uma expressão do que passaste a tua vida a fugir… deve ter-te repugnado. Anunciei o meu amor por ti sem qualquer outra razão que não o teu aspeto. Se eu soubesse disso antes! Como vou alguma vez conquistar o teu amor, depois de um começo tão mau?

— Se o Charles a ama, terá de a convencer de que o seu amor não se deve unicamente ao seu aspeto — disse Edda a Charles, enquanto se despediam. — Isto implica conquistar a sua confiança aos poucos, e não se esqueça de Tufts. Terá de conquistar a confiança de Tufts também.

Contudo, Tufts já estava rendida, graças a Liam Finucan. O patologista não poupava elogios ao novo diretor.

— Ele vai fazer maravilhas, Heather, e este hospital vai, finalmente, atingir todo o seu potencial — dizia Liam a Tufts, palavras que repetia inúmeras vezes.

Desta forma, quando Kitty se dirigiu a Tufts em busca de algum apoio moral, esta não foi capaz de o dar.

— Se ele está a tentar seduzir-te e tu não estás interessada, Kits, usa a tua língua insolente e manda-o passear. Pessoalmente, acho-o um homem muito bom.

— Sim, mas aí está… não sei o que sinto ou o que quero! — disse Kitty a

chorar. — Nunca na minha vida conheci um homem tão desagradável e convencido, contudo ele tem um lado admirável, e acredito piamente que queira dar ao Hospital de Corunda a oportunidade que nunca teve. Mas será que quero ser sua *esposa*? Tomar as suas dores e ambições como minhas?

— Estás a ser precipitada, Kits, e a pôr a carroça à frente dos bois. Podes gostar e admirar o que ele está a fazer pelo Hospital de Corunda sem te envolveres com ele. Pela forma como estás a falar, parece-me que desejas secretamente o doutor Burdum — disse Tufts, a voz da razão.

— Devo fazer como Edda e sair com ele?

— Seria completamente diferente, Kitty. O doutor Burdum saiu com Edda para obter informações sobre ti. Pergunta-lhe! Como Edda diz, ele não está interessado nela, ela é demasiado alta.

— Sim, e essa é uma das razões por que não estou interessada no doutor Burdum… Ele é demasiado baixo. A única coisa que faz as pessoas rir mais do que uma mulher pequenina com um marido demasiado alto é um polegarzinho com a sua esposa… ridículo!

— O orgulho mata — disse Tufts, com uma gargalhada. — Olha que bom, Edda chegou! Edda, conta a Kitty tudo sobre a tua noite com o diretor.

— O teu pedido é uma ordem — disse Edda, sentando-se com um suspiro. — Há uma parte de mim que não confia nele… é um homem manhoso, capaz de vender gelo a um esquimó, e essa característica não vai desaparecer, pois faz parte do que ele é enquanto indivíduo. Tem tendência a sobrevalorizar-se, a vangloriar-se. Por outro lado, gostei de outros aspetos nele… sobretudo o seu afeto e preocupação por ti, bem como as ideias que tem para o hospital. Se eu tivesse tanto dinheiro no banco como tu, Kitty, apostava que Charlie Burdum, *o Pommy*, vai fazer maravilhas por Corunda. — Edda mordeu os lábios generosos e franziu o sobrolho. — Quanto a ele ser bom para ti, querida irmãzinha, não sei. As suas intenções são nobres, mas há uma ligeira probabilidade de o amor mais duradouro da vida de Charles Burdum ser o próprio Charles Burdum.

— Não me estás a ajudar, Edda.

— Ninguém te pode ajudar, idiota! *Sai com ele!* Até o fazeres, estás

dependente dos juízos de outras pessoas — disse Edda.

— Ela tem razão — acrescentou Tufts. — *Sai com ele!*

Visto que Corunda já estava ao rubro com o facto de o doutor Burdum ter convidado Edda para tomar uma bebida e jantar, a atmosfera ficou ainda mais elétrica quando este convidou Kitty Latimer para o mesmo. Será que tencionava promover uma competição entre as irmãs pela sua mão ou teria motivos ainda mais perversos? «Charles» já fora esquecido por todos no distrito, o seu nome era agora o diminutivo «Charlie», e a sua imagem fora, também ela, diminuída.

Kitty, reparou Charles, vestia-se de forma diferente de Edda, embora ambas tivessem chamado a atenção de toda a gente ao atravessarem a entrada do Grand Hotel ao seu encontro. O estilo de Kitty era mais descontraído… nada de cetins lustrosos ou tecidos metálicos para Kitty, concluiu ele. O seu vestido de *chiffon* tinha um tom verde gelado, astutamente realçado por pormenores verde-esmeralda, e os seus acessórios eram azul-marinho. Não usava chapéu, os seus caracóis muito louros e brilhantes num corte curto emolduravam o seu rosto sedutor como uma espécie de auréola. Ao final da noite, Charles achava que Kitty ditava a sua própria moda e perguntava-se onde as raparigas Latimer iam buscar o seu gosto para se vestirem, pois era evidente que Corunda não o tinha.

— Porque és tu a mais insolente? — perguntou ele, enquanto bebiam cerveja.

— O rosto — respondeu ela, sem hesitar. — A minha aparência faz toda a gente presumir que sou um anjo, por isso a minha insolência surpreende as pessoas. Aprendi isso cedo e não tenho qualquer intenção de deixar de ser assim.

— Espero que não me vás obrigar a cortejar-te muito tempo.

— E eu espero que não tenciones cortejar-me, Charlie.

— É claro que tenciono! — A gárgula transformou-se em estrela de cinema. — Já te disse como isto tem de acabar… tu como minha esposa.

— O que te faz pensar dessa maneira? E não respondas que é o amor, porque este tipo instantâneo de amor não é mais do que desejo — disse Kitty, saboreando a sua *pilsener*. — Se for usar a palavra com o seu verdadeiro

significado, existem apenas quatro pessoas que eu amo.

— E quem são?

— As minhas três irmãs e o meu pai.

— E a tua mãe?

O seu nariz perfeito enrugou-se.

— Eu *amo* a minha mãe, mas não me metia à sua frente se alguém disparasse contra ela.

— Porquê, Kitty?

Os grandes olhos de Kitty abriram ainda mais, conferindo-lhe um ar receoso e espantado. Em seguida, soltou uma gargalhada, um som de divertimento tão contagioso que todos os que a ouviram não puderam evitar sorrir.

— Idiota! Porque ela nunca se meteria à minha frente se a bala fosse para mim. É uma faca de dois gumes, Charlie.

Charles estremeceu.

— Também tu tens de me chamar Charlie?

— Claro. Em vez de te fazer parecer um mariquinhas, faz-te parecer um homem.

Charles engoliu em seco.

— Presumo que um Charles nunca se meteria entre ti e a bala?

— Estou certa de que ele estaria demasiado ocupado a fugir do tiro.

— Enquanto um Charlie não pensaria duas vezes e enfrentaria o atirador?

— Provavelmente.

Chegara a altura de mudar de assunto.

— Quem me dera — começou ele, com os olhos bastante dourados — que esta bendita cidade tivesse um restaurante decente! E por que razão escolher o Parthenon e não o Olympus, se ambos são gémeos idênticos desde o facto de serem gregos até à decoração e às ementas?

— Hábito. Não pela tradição, mas pelos clientes. O Olympus fica mais perto da estrada que liga Sydney a Melbourne, e serve viajantes, bem como turistas. Nunca reparaste nos turistas que visitam Corunda? Em setembro, no auge da primavera. A cidade é conhecida pelos seus jardins. As pessoas viajam até cá

para ver sobretudo as azáleas e os rododendros.

— Mas eles florescem consecutivamente, não ao mesmo tempo.

— Aqui, por causa do clima local e de algumas particularidades do solo, florescem ao mesmo tempo e a flor dura duas vezes mais que o habitual. Esta é a semana em que a floração sincronizada atinge o seu auge. Afinal de contas, o mundo *está* de pernas para baixo.

— Já me tinha perguntado por que razão o hotel estava tão cheio — disse ele, com um ar animado. — Talvez consiga persuadir o Grand Hotel a instalar um restaurante de primeira classe.

— Concentra-te no hospital — foi o conselho de Kitty. — Agora mudaste-te para a casa Burdum, contrata um *chef* que te agrade. Assim podes ter coisinhos escalfados e não-sei-o-quê estufados.

O horror apoderou-se do seu rosto.

— Não posso receber convidados sem uma anfitriã! — disse ele de forma categórica.

— É claro que podes! Desde que tenhas alguns empregados para garantir que tudo corre bem, ninguém vai achar estranho que não tenhas uma anfitriã. A meticulosidade *pommy* não é praticada por aqui, por isso as mulheres não têm de abandonar a sala enquanto os homens saboreiam os seus charutos e vinho do Porto. É mais habitual que todos saiam da mesa ao mesmo tempo… e é *se* saírem de todo. As pessoas por aqui gostam de terminar a noite ainda à volta da mesa de jantar. — Kitty soltou mais uma daquelas gargalhadas contagiosas. — Lugares diferentes, hábitos diferentes.

— Um homem a receber convidados sem uma anfitriã — disse ele, lentamente.

— Perfeitamente permitido em Corunda, embora me atreva a dizer que é provável que o governador-geral se oponha.

Charles insistiu em levar Kitty até à porta de sua casa ao final da noite, independentemente de quem os visse nas rampas, e, embora lhe tenha pegado e segurado a mão, não tentou beijá-la.

— Serás minha esposa até ao final do inverno de 1930 — disse ele baixinho,

as sombras enchiam as cavidades dos seus olhos de tal maneira que Kitty não conseguia ver o que estes escondiam —, mas vou moderar a minha paixão por enquanto, porque sinto que ainda não confias em mim. As vicissitudes de ser um *pommy*! Boa noite.

O conselho de administração do Hospital de Corunda não se saiu tão bem nas mãos do doutor Burdum como as enfermeiras ou as quatro novas irmãs, contudo, quando os reuniu na primeira semana de setembro, os seus membros sabiam que iam ter uma sessão bastante exigente e que poderiam até sentir-se um pouco, digamos, *desconfortáveis*. Era um facto que esta reunião se iria tornar (metaforicamente falando) mais sangrenta e exaustiva do que o ataque do Anzac a Galípoli durante a Grande Guerra.

O reverendo Thomas Latimer disse à sua esposa, ainda a recuperar o fôlego:

— O homem arrancou-nos qualquer resquício de orgulho, honra, aprovação pública e dignidade que ainda tínhamos! Maude, fomos expostos de forma nua e crua, para toda a gente em Corunda ver… o homem insistiu que a reunião fosse aberta ao público, para que qualquer pessoa interessada pudesse assistir, e por isso todos os consultores médicos que Frank manteve afastados do conselho de administração estavam presentes, o velho Tom estava lá… *Monsenhor O'Flaherty estava presente!*

Esta última testemunha era a mais amarga de todas, visto que Monsenhor O'Flaherty da Igreja Católica de St. Anthony, de setenta anos, chamava ao conselho de administração do hospital «os doze fuinhas de Frank Campbell». Os católicos podiam ser os mais pobres, mas em Corunda ganhavam em número.

O conselho de administração fora criação exclusiva de Frank Campbell, isso era indiscutível, embora as regras ditassem que o presidente da Câmara, o secretário do Município e o pastor da Igreja Anglicana tivessem de ser membros.

Se se atrevessem a entrar num espírito de reforma e a lutar como leões destemidos, Frank persuadia-os violentamente a voltarem ao seu lugar de fuinhas obedientes. Se as suas filhas soubessem o que se passava numa reunião do conselho de administração, talvez percebessem porque o seu pai era um fuinha como os restantes: ninguém desafiava Frank Campbell!

O único membro médico do conselho era o próprio Frank Campbell. A seguir vinha o presidente da Câmara, o secretário do Município e o reitor da Igreja de Inglaterra, como exigido pelas regras, seguidos por outros oito homens, tão fuinhas por natureza como por condicionamento. Eram todos proprietários de negócios locais: talhante, padeiro, merceeiro, negociante de tecidos, ferrageiro, serralheiro/garagista, comerciante de produtos agrícolas e o «homem dos ovos», que cuidava de um barracão cheio de galinhas da variedade White Orpington e de um galo cansado. A contrapartida pelos seus serviços de fuinhas era serem os únicos a fornecer artigos de baixo preço e má qualidade ao Hospital de Corunda, desde os lençóis do negociante de tecidos aos produtos mais reles das aves criadas pelo homem dos ovos. Ninguém fazia uma fortuna a abastecer o hospital, mas todos os vendedores tinham assim uma boa fonte de rendimento e sabiam, até à última toalha ou ovo, a quantidade que Frank compraria.

A análise dos livros de contas convencera Charles Burdum de que era capaz de fazer melhor com os fundos do hospital do que se deixasse o banco geri-los, mas não era essa a razão que o fazia sentir uma necessidade urgente e poderosa de arrancar o controlo do dinheiro aos membros do conselho de administração. Após a morte do doutor Campbell, existiam quatro milhões de libras à mercê de um bando de fuinhas sem governo. Neste momento, ainda se encontravam chocados com uma morte que consideravam impossível… nem Deus queria Frank Campbell! No entanto, o choque dissipar-se-ia rapidamente a partir de agora e alguns fuinhas mais atrevidos iam sentir-se tentados a roubar os fundos. Não era difícil!

Por conseguinte, Charles teria de retirar o dinheiro do conselho de administração agora, de imediato, antes que os fuinhas se lembrassem de se juntar e agir de forma concertada. Os fundos precisavam de ser geridos

adequadamente, e essa não era a função de um conselho de administração, mas sim de gestores financeiros. Ninguém na antiga administração, incluindo Frank Campbell, soubera o que fazer com os quatro milhões de libras que se encontravam espalhados em várias contas-poupança a render juros pateticamente baixos.

O que Charles tencionava fazer era o que há muito precisava de ser feito: investir o dinheiro em empresas e instituições chamadas «blue chip»… uma forma de dizer que se tais empresas e instituições alguma vez falissem, a raça humana seria de tal forma obliterada que até a roda teria de ser inventada de novo. O dinheiro do Hospital de Corunda *tem* de estar em segurança e a *render*!

A sua primeira tarefa era óbvia: reconstruir o hospital por inteiro e dotá-lo do equipamento mais moderno de diagnóstico e tratamento, depois contratar os melhores profissionais. Apesar de o traçado atual do hospital, com os seus longos caminhos, significar muitas rampas e barracões, também significava a inexistência de escadas e elevadores. Charles já vira muitos hospitais aprenderem uma dura lição: independentemente do traçado, é sempre preciso andar imenso.

Com tudo isto e muito mais a ocupar-lhe os pensamentos, Charles deu início à batalha contra o conselho de administração, tornando a reunião pública, incluindo ao *Corunda Post*, um jornal semanário que não devia ser menosprezado, aos médicos e cirurgiões consultores da cidade, já para não falar ao doutor Finucan e à enfermeira-chefe Newdigate. Entre outras viagens misteriosas a Sydney, estivera uma em que Charles jantou com o ministro da Saúde após uma discussão prolongada na câmara parlamentar do ministro. Deste modo, Charles tinha agora o poder de despedir o atual conselho e rever os estatutos do hospital. O ministro cedera depois de ficar a saber da fortuna do Hospital de Corunda, e Charles deixou claro que os seus fundos não poderiam ser utilizados no departamento do ministro, sempre a precisar de dinheiro. Contudo, isto significava que o Hospital de Corunda se poderia tornar um hospital modelo, cujo custo para o Estado seria mínimo. Que pechincha!

Outra razão motivou Charles a ser rápido a controlar os fundos, mas não era

capaz de perceber bem qual. Era apenas uma sensação (partilhada por vários dos seus colegas em Londres) de que algo mau estava para acontecer no mundo financeiro. O que era ao certo não sabia dizer, mas algures, nas selvas densas e confusas dos mercados financeiros e com demasiados investidores, um predador terrível perseguia ferozmente as suas presas… uma sombra, um fantasma… embora não fosse fruto da sua imaginação, disso Charles tinha a certeza. Estava lá, era real, afirmavam também alguns dos seus colegas, o que significava que Charles tinha de manter o dinheiro do Hospital de Corunda bem seguro sob o seu cuidado.

Uma Galípoli metafórica e muito bem-sucedida. Confrontados com um conhecimento do mundo financeiro com o qual nunca poderiam rivalizar e sabendo que, se necessário, Charles Burdum os faria passar por todos os tribunais até ao Conselho Privado da Austrália, o conselho de administração colapsou. Onze fuinhas foram despedidos e nenhum, nem mesmo o reverendo, foi readmitido. Esta estratégia, por mais estranho que pareça, acabou por beneficiar os negócios de Corunda mais do que era de esperar, visto que Charles Burdum informou os locais de que iria escolher fornecedores dos mais variados artigos para abastecer o hospital e que, de futuro, todos os produtos seriam de boa qualidade e não restos apanhados do chão. As empresas locais foram incentivadas a concorrer.

Não existiria representante religioso de qualquer tipo no conselho de administração e ninguém seria discriminado ou excluído com base na sua raça, religião ou outro motivo semelhante. Assim, para seu grande espanto, Bashir Maboud, que geria uma pequena loja em Trelawney, foi nomeado o único comerciante no novo conselho de administração, sendo ele um libanês católico. Segundo Charles, que escolheu os membros da administração (de forma pouco democrática, tal como Frank Campbell), Bashir era australiano por direito, nascido e educado na Austrália e, como gerente de uma pequena loja local, conhecia bem as pessoas de Corunda.

Os doutores Erich Herzen, Ian Gordon, Dennis Faraday e Ned Mason, todos médicos da cidade, faziam agora parte do conselho de administração, tal como o

doutor Finucan e a enfermeira-chefe Gertrude Newdigate. O gerente do estabelecimento local da cadeia de lojas Great Western, o presidente da Sociedade Pastoralista de Corunda, os agentes mais antigos de empresas que apoiavam e financiavam as atividades agrícolas da cidade e o responsável pela Sociedade Histórica de Corunda constituíam a minoria dos não médicos, sendo que se podia deduzir que nenhum membro do conselho diria ao presidente da administração, o doutor Charles Burdum, como gerir os fundos do hospital. Com um total de doze membros, só dizia respeito ao presidente do conselho rever o estatuto de associado dos membros se e quando necessário.

As formalidades necessárias para transferir os fundos do Hospital de Corunda para este novo conselho de administração foram concluídas no início de outubro de 1929. Charles Burdum pôde, finalmente, respirar de alívio. Os quatro milhões estavam agora investidos de forma astuta, mas com extremo conservadorismo, sob as ordens exclusivas do presidente do conselho de administração, que detinha plenos poderes financeiros. Não disse uma palavra sobre as suas razões ou as suas preocupações, nem a sua sabedoria foi questionada. Charles não passava por cima das opiniões dos outros, essa não era a sua maneira de ser. Em vez disso, explicava de forma pormenorizada todas as decisões que tomava e incentivava um debate saudável, embora tal nunca acontecesse. A confiança e o conhecimento indicavam que Charles estava certo. O novo conselho de administração, cujos membros não pagavam quotas, recebeu o seu estatuto na segunda quinzena de outubro.

A meio de outubro, Charles organizou um jantar para os médicos, a enfermeira-chefe Newdigate e Bashir Maboud, embora não tenha convidado os respetivos cônjuges. Arrendou um salão de tamanho considerável no Grand Hotel, mas o *catering* ficou a cargo de uma empresa de Sydney. Apenas o valor do aluguer compensou o Grand Hotel por tamanho insulto, mas o gerente, pragmático que era, teve de admitir que os seus cozinheiros nunca poderiam competir com aquela ementa: caviar de beluga, sorvete, linguado escalfado e um Chateaubriand rosado com o molho do mesmo nome que demora três dias a fazer. Visto que se encontravam no auge da primavera, a sobremesa foram

morangos perfeitamente maduros, com ou sem natas batidas.

Charles mencionou o assunto enquanto tomavam os aperitivos, sabendo que a discussão se estenderia ao longo de todos os pratos e para além das bebidas e do café após o jantar. Como sempre, Gertie Newdigate adorava ser a única presença feminina, demasiado sensata para não se atirar a todos os homens, mas contente pela oportunidade de usar batom e um vestido que não rangesse devido à goma. Liam sabia o que estava para vir, mais ninguém. Sentaram-se em cadeiras confortáveis, com o olhar fixo em Charles.

— Vamos reconstruir o hospital — disse ele —, e este jantar é a minha forma de vos apresentar as enormes mudanças que vão ocorrer sob este novo conselho de administração. No entanto, quero que compreendam que será um processo gradual, que não terá início para a semana ou talvez nem para o ano. Trouxe-vos todos a bordo com tanta antecedência porque não quero a visão de um arquiteto para o hospital, quero a de um médico. Bashir, você está aqui porque representa a ideia que um paciente tem do hospital. Estão todos a acompanhar o meu raciocínio?

As trocas de olhares e os murmúrios exprimiam contentamento, todos os olhos no grande salão brilhavam.

— À superfície, não vai ser muito diferente… edifícios compridos de um só andar e com alpendres, para que as camas dos pacientes possam ser empurradas para o exterior a fim de apanharem algum sol ou ar fresco ou verem o jardim, unidas por rampas que serão totalmente cobertas. Tudo estará ao mesmo nível e faremos o possível para continuar sem escadas. Quando o desnível existir, a rampa terá uma inclinação suave e gradual. Sim, significa ter de fazer aquelas caminhadas difíceis, mas é saudável e vou também providenciar aqueles pequenos carros abertos a baterias para aqueles que necessitem de ser transportados, incluindo as visitas.

Charles cruzou o olhar com Liam.

— Liam?

— Madeira sobre pilares de pedra, Charlie?

— Não, tijolo sobre qualquer que seja a base disponível… não vamos

desperdiçar os blocos de calcário. Quero que a construção seja feita com tijolo furado, para ser mais fácil aquecer as divisões no inverno e arrefecê-las no verão. Os telhados serão feitos com telhas de terracota e isolados com camadas de alcatrão, e teremos sótãos bem ventilados. Infelizmente, a casa das enfermeiras já está quase terminada, mas pelo menos Frank Campbell mandou construí-la nas traseiras do hospital e faremos o que pudermos mais tarde.

Charles reparou no chefe de sala de pé junto à porta, um sinal de que o jantar estava a ser servido, e ajudou a enfermeira-chefe a levantar-se da cadeira.

— Podemos continuar a conversa na nossa pequena sala de jantar — disse ele, indicando o caminho, com os restantes convidados atrás dele.

— O mais importante — disse ele muito tempo depois, enquanto bebiam conhaque ou licores, café ou chá — é perceber que o hospital continuará a funcionar à medida que as obras forem sendo realizadas. Isto significa que estas vão decorrer ao longo do tempo, o que deve manter o funcionamento ótimo do hospital. Quando possível, devemos suportar os custos utilizando os juros que vamos recebendo e não o nosso capital. Também não nos devemos esquecer que recebemos dinheiros do Estado por sermos um hospital público. Ao analisar os livros de contas, deu para perceber que Frank Campbell era um ávido colecionador de dívida. A assistente social travou uma luta difícil para livrar um paciente pobre das suas dívidas. Isto é, pura e simplesmente, uma vergonha! Se não fosse pelo esforço das igrejas de Corunda e caridades privadas, teria sido negado às pessoas o que eu considero ser um direito básico: cuidados hospitalares. Oh, não pensem que isto não acontece em Inglaterra! Acontece, sim.

Liam Finucan encontrava-se sentado a ouvir, com um sorriso de orelha a orelha. Bom trabalho, Charlie! Todos o apoiavam, sobretudo Bashir Maboud.

À meia-noite, quando regressava à vivenda na propriedade do hospital a que chamava casa, Liam encontrou Tufts à sua espera, ansiosa por ouvir o que acontecera na reunião e determinada a não o deixar escapar à sessão diária de escovagem de cabelo.

— Como adivinhaste que precisava de um chá para acalmar o estômago

depois de ter comido tanta comida de rico? — perguntou ele, soprando o chá, que tomava sem leite ou açúcar e muito forte.

— O que estava na ementa?

— Caviar russo, peixe tenro, um bife de vaca incrivelmente delicioso com molho de estragão e morangos.

— Tenho tanta pena de ti — disse ela, atacando o seu cabelo negro. — Eu comi uma tarte de carne e batata com couve aguada.

— Não comeces, Heather, tu sabes que Charlie está a fazer maravilhas por este lugar. Foi genial da parte dele ter dado a notícia da renovação do hospital aos médicos do novo conselho de administração durante um jantar que lhe deve ter custado uma fortuna. Meu Deus, como eles adoraram! Pensei que Gertie se fosse babar para cima do bife.

— Charlie é esperto — disse Tufts, escovando o cabelo com força.

Liam agarrou na escova.

— Mais não, Heather, por favor! O meu couro cabeludo deve estar lacerado.

— Desmancha-prazeres! O teu couro cabeludo está perfeito. O que animou Gertie?

— Os morangos. Acredito piamente que ela morreria por Charlie. Na verdade, ele tem o que se chama um clube de fãs.

— Sim, ele tem um clube de fãs — suspirou ela. — Eu só gostava que a pateta da minha irmã se juntasse ao clube de vez ou esquecesse Charlie por completo. A indecisão dela está a enlouquecer-nos.

— Ainda bem que ela é problema teu e não meu. — Liam passou os dedos pelo cabelo. — Agora que a pele deixou de doer, confesso que sabe bem não ter o cabelo à frente dos olhos a cegar-me.

— Fico feliz por ti, seu velho e teimoso homem do Ulster.

A porta abriu-se após uma pancada e o doutor Ned Mason entrou.

— Eu sabia que cheirava a chá! Tufts, amor do meu coração, será que Liam tem uma chávena a mais que não se importe de dispensar a um velho e ligeiramente enjoado obstetra?

A chávena de chá apareceu à sua frente assim que se sentou.

— Eu tinha a sensação de que Tufts te estaria a fazer um chá. Porque é que lhe chamas sempre Heather?

Liam pareceu surpreendido.

— Chamo? Deve ser o nome que associo quando penso nela. *Foi*, de facto, uma refeição abundante.

Ned Mason acenou com a cabeça.

— Perturbou as tuas rotinas, Liam? Tu e Tufts são unha com carne.

— Porque estás aqui, Ned?

— A Winnie Joe escorregou nas suas águas quando a bolsa rebentou, na mesma altura em que estavam a servir os morangos, e é claro que a Winnie Bert não reparou. Contudo, a Winnie Jack apercebeu-se do sucedido e ficou logo com dores da angina de peito — disse Ned Mason.

— Porque será que todas as mulheres Johnston se chamam Winnie? — perguntou Liam.

Tufts sorriu.

— O papá diz que só um nome passa pela cabeça de Silas Johnston cada vez que nasce uma menina. O nome é Winifred. Quando as raparigas se casaram, adotaram o nome dos maridos para se distinguirem, visto que os nomes de infância já não serviam para fazer tal distinção. Conseguiste resolver a questão das Winnies, Ned?

— Espero que sim, visto que não está nenhuma parteira de serviço na sala de partos esta noite… caiu sobre ela uma tragédia pessoal qualquer. Deixei a Winnie Joe nas mãos de uma estagiária aterrorizada, mandei a Winnie Jack para a sala de operações e a Winnie Bert procurar o Joe de bar em bar.

— Eu sou parteira, Ned — disse Tufts, levantando-se. — É a minha noite de pedicure, mas os meus pés podem esperar. Os bebés, não. Se precisares de mim, estou à tua inteira disposição assim que terminares o chá.

— Que Deus te abençoe, Tufts, preciso mesmo de ti! — Ned esvaziou a chávena. — Já me sinto melhor. Depois do antiácido da Perkins, nada acalma mais o estômago do que um chá preto bem quente. Alcatrão de hulha, como Charlie lhe chama.

Os dois desapareceram na noite tranquila, e Liam ficou a lavar as chávenas, guardando, em seguida, o seu conjunto de pedicure. Heather tinha razão: os pés esperavam, os bebés, não. Porque é que Charlie servia refeições tão substanciais?

A fim de corrigir os erros financeiros cometidos pelo antigo conselho de administração do hospital, Charles acabou por ser forçado a adiar alguns planos, que muito estimava. Até conseguir pôr tudo em ordem, Charles negligenciou Kitty de forma vergonhosa. Quando, por fim, folheou o seu calendário, ficou chocado ao reparar que não a *via* há duas semanas. Qualquer atenção que lhe tivesse prestado fora sempre apressada e superficial… um sorriso de passagem, algumas palavras trocadas à pressa, duas boas oportunidades perdidas.

— Vem jantar a minha casa, só nós os dois — disse ele a Kitty.

O convite foi inesperado, parecendo-lhe bastante presunçoso, arrogante, vitorioso.

— Certamente — respondeu ela, com uma criança ao colo apoiada sobre a sua anca esquerda, à entrada da ala das crianças. — Quando?

— Hoje à noite?

— Obrigada, esta noite dá-me jeito.

— Então, vou buscar-te a casa às seis.

— Obrigada. — Kitty virou-se a sorrir… para a criança, não para Charlie.

Desta vez, Kitty usou um vestido de organdi com um padrão de vários tons de cor-de-rosa, com acessórios cor-de-rosa, o que não lhe agradou minimamente.

— Pareces algodão-doce da feira popular — disse ele com uma expressão vaga no olhar.

Kitty fez uma careta.

— Acabaste de dizer o mesmo que Edda relativamente à minha aparência, embora ela tenha sido menos educada. Ela diz que a minha mãe me influencia demasiado.

— Podias vestir-te mais como a Edda — disse ele friamente.

— Queres dizer de forma mais sensual? — perguntou ela sem se sentir ofendida.

— Não, apenas de forma mais elegante. Uma estatura mais baixa não liga bem com folhos e feminilidade excessiva.

Não era de surpreender que Kitty se tivesse mantido em silêncio enquanto subiam Catholic Hill. Por fim, talvez por pensar que a noite começara mal, Charles disse:

— Por que raio é esta colina chamada Catholic Hill, se St. Anthony fica em Trelawney?

— Porque os nossos suseranos colonizadores ingleses eram extremamente anticatólicos e distribuíram as primeiras concessões urbanas ou de terras municipais — disse Kitty, contente por poder exibir algum do seu conhecimento. — A Igreja Anglicana ficava sempre com as melhores terras e a Igreja Católica com as piores. No entanto, as cidades têm tendência a crescer, e as concessões da Igreja Anglicana foram-se tornando demasiado pequenas e com demasiados bairros pobres, enquanto a parte dos católicos, geralmente situada no cimo de colinas, se tornou cada vez mais valiosa. A ideia era obrigar os católicos a subir as colinas para irem à missa, mas o que os suseranos se esqueceram é que associadas às colinas estavam vistas incomparáveis. O melhor exemplo disto — continuou ela, entusiasmando-se com os seus argumentos — está em Sydney. A Catedral de St. Andrew, casa-mãe da Igreja Anglicana, encontra-se num terreno tão pequenino, ao lado da bastante mais impressionante Câmara Municipal, junto às torres de escritórios e no meio do trânsito, enquanto a catedral católica de St. Mary se situa numa majestosa área natural, rodeada de parques e jardins, e tem uma vista fantástica num local relativamente calmo. Quando a terra foi concedida, era um terreno de pastagens e cabanas na periferia da cidade.

— Uma história admonitória — disse ele a rir. — É interessante como o preconceito humano se pode virar contra o seu autor. — Charles olhou para os portões da Casa Burdum. — Chama-se Catholic Hill, mas presumo que esta colina já não seja propriedade da Igreja Católica.

— Não, foi o dinheiro obtido da sua venda que custeou a construção da

Igreja de St. Anthony, um edifício espaçoso e bonito, bem como de duas escolas católicas. O velho Tom Burdum arrendou o cimo da colina de forma a garantir que, se a igreja alguma vez a vendesse, ele teria o direito de preempção.

— Então, acabas por saber mais sobre a minha casa que eu!

Junto ao portão imponente, embora tipicamente dórico, Kitty vislumbrava agora pela primeira vez a perspicácia do velho Tom Burdum ao escolher o local para construir uma casa que desejava, um dia, encher da vida mágica que só as crianças trazem a um lar. Oh, pobre velhote, por só ter tido um filho e uma filha, e nenhum deles, aos seus olhos, uma criança satisfatória. A filha, uma cabeça no ar tresloucada, fugira com um atraente caso perdido antes dos dezanove anos e agarrara-se a ele como um carrapato. O filho, bastantes anos mais velho que a irmã, desaparecera para paradeiro desconhecido, quando a rapariga, a mãe de Jack Thurlow, era ainda uma criança pequena. O rapaz, Henry, era filho da primeira mulher de Tom; a rapariga, Mary, era filha de Hannah.

A casa, uma monstruosidade de estilo vitoriano gótico, com torres circulares, enormes janelas e telhados altos e inclinados, nunca fora um lar. A mansão assentava em quatro hectares do enorme cume plano de Catholic Hill, e encontrava-se virada de costas para o distrito de Corunda, situado num vale amplo e fértil. Fora construída virada para norte, para os impressionantes desfiladeiros de pedra vermelha e florestas sem fim do planalto recortado que contornava Sydney. Oh, que lindo!, pensou Kitty: grandes extensões de terra cobertas por uma neblina azul, as folhas de milhares e milhares de árvores sopradas pelo vento como um enorme suspiro de uma só garganta, um ligeiro toque de alegria irrequieta nos riachos de água límpida e o peso murmurante carmesim de tanta rocha vermelha que parecia sangrar, tudo desenhado pela mão de um mestre.

— Quem me dera ser poeta — disse ela, assimilando toda aquela paisagem. — Agora percebo porque me querias aqui tão cedo. A luz está perfeita para o meu primeiro vislumbre desta paisagem incrível.

— É preciso muito para igualar esta paisagem — comentou ele, satisfeito —, e eu já viajei bastante.

No interior, a mansão exibia fulgurantemente as suas raízes vitorianas, uma perspetiva pouco apelativa para uma dona de casa, pensou ela ironicamente.

— A casa tem de ser remodelada por completo — disse ele, conduzindo-a a uma divisão que transformara numa espécie de sala de estar, embora a mobília fosse velha e desconfortável e, desconfiava ela, a casa de banho mais próxima ficasse no quintal das traseiras. Neste último aspeto, Charles podia assegurar a Kitty que a casa de banho não era no exterior da casa.

— Não havia qualquer sistema de esgotos, por isso, antes de me mudar para cá, mandei instalar uma daquelas fossas sépticas e construir bons lavabos e casas de banho. Está para chegar de barco, de São Francisco, uma fornalha a óleo, e mais uma para o caso de aquela não ser suficiente… reparei que os australianos, tal como os ingleses, não usam aquecimento central e suponho que Corunda seja um lugar muito frio no inverno, pelo pouco que já senti.

Charles optou por se sentar longe dela para a poder apreciar, com o seu uísque de eleição na mão (com um pouco de água gaseificada e sem gelo), e tentou tornar os seus olhos da mesma cor que a sua bebida.

— Não te vou massacrar com os planos do que pretendo fazer com a casa depois de casarmos, vou apenas dizer-te que tenho esperança de que transformes esta casa num lar, algo que a velha Hannah nunca fez. Ela não é minha avó, eu sei, mas, se me pudesses falar um pouco da minha família de Corunda, agradecia.

A expressão do rosto de Kitty revelou as suas covinhas.

— Fugiste bem ao assunto, mas falaste bem! — Kitty recostou-se na cadeira. — Precisas de mobília de qualidade. Em relação a Hannah e ao velho Tom, bem, diz-se por aí que os Burdum nunca conseguiram sentir-se em casa em lugar nenhum, mas isso é apenas uma das lendas de Corunda, uma parte do mito. A verdade é que a culpa foi dos rubis. Treadby encontrou os primeiros há cerca de setenta e cinco anos e pensou que tinha herdado o mundo. O nome da cidade vem de *corundum*, o mineral dos rubis e das safiras. Por aqui só havia rubis e dos melhores… cor de sangue de pombo, alguns deles estrelados, todos imaculados, sem impurezas no seu interior. — A expressão do seu rosto alterou-

se. — Mas isto já tu sabes, posso parar de falar deste assunto.

— Por favor, não pares — disse ele, enchendo novamente o copo de Kitty com xerez. — Gosto do som da tua voz, e és uma daquelas raridades, uma mulher inteligente. Temos a noite toda pela frente, e de certeza que não pensas que eu sou tão insensível a ponto de não perceber que isto é estranho?

— As mulheres são tão inteligentes como os homens, mas são educadas para pensar que é um defeito, por isso escondem a sua inteligência. O papá nunca nos fez isso. — Kitty suspirou. — A mamã sim, sem grande sucesso.

— Os rubis, Kitty — disse Charles, suavemente.

— Oh! Oh, sim, os rubis… O erro de Treadby foi tipicamente resultado da sua ignorância… Tendo ganhado uma fortuna com os rubis, não se esforçou por aprender, para diminuir a sua ignorância. Os seus rubis eram aqueles que, levados pelas correntes de água, ficavam visíveis no meio do cascalho em grutas, leitos de rios, fendas. Duraram muito tempo. No entanto, o velho Tom Burdum fez o trabalho de casa e propôs-se encontrar os maiores depósitos. Quando o fez, adquiriu as terras. E, com o decorrer do tempo, os terrenos de Treadby minguaram, secaram. Os rubis dos Burdum continuam a ser encontrados em boas quantidades. Correm boatos de que rendem cem mil libras por ano, mas tu sabes se isso é verdade ou não.

— Queres saber se é verdade ou não? — perguntou ele a sorrir.

— Não — respondeu ela, surpreendida com o facto de ele perguntar. — O dinheiro só vale o que pode comprar. Nem consigo conceber gastar metade disso.

Charles e Kitty passaram para a sala de jantar, onde o mordomo andava de um lado para o outro e a empregada, cujo rosto Kitty não conhecia, servia a comida. Os *quenelles* de lagosta foram seguidos de um sorvete e vitela assada. A presença dos empregados inibiu Kitty, que se entusiasmou com a lagosta, mas que olhou horrorizada para a vitela.

— Lamento — disse ela, olhando fixamente para o prato —, mas não consigo comer isto.

— Como?

— Não consigo comer isto. Está em *sangue*.

— É vitela — respondeu ele, friamente.

— Está em sangue — insistiu ela, empurrando o prato para longe.

— A vitela tem de ser comida malpassada.

— Não por mim. — Kitty sorriu encantadoramente. — Pede que a levem de volta para a cozinha, a ponham numa frigideira e a *cozinhem*… por favor, Charlie. De outra forma, vou acabar por vomitar.

— Minha querida, não posso fazer isso! O meu *chef* despedia-se logo!

— Então, posso comer antes uma sanduíche de *bacon* estaladiço?

Só pode ser uma brincadeira de mau gosto! Estupefacto, Charles começou a pensar como poderia não ter visto todos os sinais à sua frente desde que chegara, incluindo, agora que pensava nisso, o Chateaubriand vergonhosamente bem passado. Charles percebeu naquele momento que, enquanto se desculpava de forma copiosa pela tonalidade rosada do Chateaubriand como indício de que estava demasiado cozinhado, os seus convidados supuseram que ele estava a pedir desculpa por este estar malpassado! Ele sabia, devido às inúmeras refeições que fizera em Sydney, que a questão da carne cozinhada era bem mais civilizada em Sydney. No entanto, estas pessoas eram da província e sabiam demasiado sobre tudo, desde parasitas do fígado a ténias.

Charles fez sinal ao mordomo, uma importação de Sydney.

— Darkes, peça ao *chef* para fazer um prato de *bacon* e ovos para a irmã Treadby.

— Certifique-se de que as gemas ficam sólidas! — disse ela.

— Diz-me qual é o teu prato ou alimento preferido, Kitty.

— *Bacon* crocante num pão branco estaladiço. Salsichas e batatas fritas. *Fish and chips.* Costeletas de cordeiro tostadas e estaladiças por fora. Porco assado com a pele torrada e batatas assadas. E os *cupcakes* da mamã — disse Kitty sem hesitação. Os seus olhos dispararam faíscas cor de alfazema e sorriu. — Oh, pobre Charlie! Tantas ideias magníficas para um casamento, mas como poderás tu manter um *chef e* uma esposa? Os dois nunca se deverão cruzar!

— Com essa dieta, serás um balão antes de chegares aos trinta.

— Que disparate! Eu farto-me de trabalhar, Charles Burdum. Não é a comida que interessa, é o quanto queimas daquilo que comes.

— Porque é que eu te amo? — perguntou ele ao candelabro horroroso.

— Porque, doutor Burdum, eu não me derreto com os seus encantos como todas as outras mulheres. Tens-te em muito alta conta!

— Algumas opiniões que tenho de mim mesmo foram genuinamente merecidas, e uma boa opinião, baseada em boas ações e feitos alcançados, não deve ser menosprezada. Tu tens uma fraca ideia de ti mesma, o resultado de poucos anos neste mundo e horizontes demasiado limitados. Na América, chamar-te-iam campónia.

— Na América chamar-te-iam reizinho.

Os ovos e o *bacon* chegaram à mesa, mas as gemas dos dois ovos estavam moles. Kitty mandou o prato para trás, com instruções para passar melhor as gemas e tostar as extremidades da parte branca. Desanimado e perdido, Charles viu a sua noite transformar-se num desastre.

No entanto, Kitty aprovou o café, tomado na sala de estar e sem os empregados presentes.

— Cometeste todos os erros possíveis esta noite — disse Kitty num tom amigável — e penso que é por isso que ninguém simpatiza com os *pommies*, pelo menos em grande parte. Nunca me perguntaste, nem procuraste saber, quais eram as minhas preferências em termos de comida, porque me julgaste uma provinciana ignorante que precisava desesperadamente de instruções sobre o que comer num ambiente sofisticado. Eu devia ter vindo e ficado encantada, maravilhada e pateticamente agradecida pelas lições desta noite. O teu juízo gastronómico foi puramente financeiro: se for raro e/ou caro, deve ser melhor a todos os níveis. Um pão com *bacon* é tão prosaico: Q.E.D., não pode ser comparado a um *quenelle* de lagosta. Eu concordo, não pode mesmo. É muito mais saboroso. Quanto às tuas carnes malpassadas, eu já vejo sangue suficiente ao longo de um dia de trabalho, não preciso de ver a minha comida sangrar também. Quanto mais mal cozinhada a carne, mais gordura contém. Uma das razões por que o homem começou a cozinhar a carne foi para derreter a gordura

e fazer com que a cartilagem fosse mais facilmente detetada. — Kitty encolheu os ombros. — Pelo menos, foi o que aprendi no curso de enfermagem. Será que os médicos aprendem algo diferente?

O rosto de Charles contorceu-se até se parecer novamente com uma gárgula, mas os pensamentos que alimentavam as suas expressões não eram de orgulho ferido ou arrogância desafiada. Charles Burdum pensava se haveria alguma coisa neste mundo que ele pudesse fazer para que aquela mulher magnífica e sem igual o visse como ele realmente era: um homem digno de ser seu marido.

— Se eu te desse pão ázimo para comer e água do rio para beber, Kitty, não poderia ser pior do que estas, hum, comidas raras e caras que te ofereço, não para te menosprezar ou acusar de falta de sofisticação, mas para te mostrar quão rara e valiosa és para mim. — Charles manteve a voz firme e o corpo descontraído, os seus olhos diziam-lhe que ela ainda se sentia apreensiva e desconfiada. — Porque tens de me dissecar desta maneira?

Kitty ficou com um ar muito cansado, de repente.

— Charlie, acho que é a minha maneira de te fazer perceber que não quero as tuas atenções. Tu… tu irritas-me. Não consigo pensar noutra maneira de o dizer. Não me repugnas, nem deprimes, nem me fazes sentir nenhuma de mil emoções fortes. Irritas-me, simplesmente, como uma pestana presa debaixo da pálpebra a arranhar o olho — disse ela.

— Se isso é verdade, porque vieste hoje?

— Foi mais uma tentativa de te fazer perceber.

— Queres ir para casa?

— Vais deixar-me em paz?

Charles esbracejou, num gesto de súplica para que ela o entendesse.

— Não consigo! — lamentou ele. — Kitty, não consigo deixar-te em paz quando me rejeitas de forma tão leviana! O que tenho de fazer para provar o quanto te amo, para te provar que fomos feitos um para o outro? Não me interessa se isto te parece disparatado, amo-te loucamente, quero-te para minha esposa, a minha alma gémea, e tenho de arranjar maneira de tirar essa pestana do teu olho para fazer com que os teus olhos vejam que sou o homem certo para

ti…

Kitty bateu com a mão na mesa, furiosa, e o violeta naqueles olhos flamejou.

— Não digas disparates! Leva-me a casa, por favor. Obrigada por uma refeição muito educativa.

A noite ficou por aqui. Abandonaram a casa em silêncio e caminharam até ao *Packard* cor de vinho. Charles abriu-lhe a porta e Kitty sentou-se no banco do passageiro.

Desceram a colina, um vazio frio e silencioso entre eles. Kitty olhou para o que as luzes dos faróis da frente iluminavam por breves instantes… um enorme tronco de árvore, um maciço de arbustos, caixas de correio ao fundo e depois os candeeiros da George Street, da Victoria Street e, finalmente mais à frente, o hospital.

Desta vez, ele não foi suficientemente rápido. Kitty saiu do carro e percorreu a rampa, distanciando-se dele com o passo perfeito de uma enfermeira: nem a correr nem a andar. Não havia nenhum fogo nem hemorragia para tratar, queria apenas fugir de Charles Burdum.

Charles regressou à Casa Burdum e sentou-se no meio das ruínas do que planeara ser uma noite de sedução, certo de que nenhuma mulher poderia resistir às provas que ele lhe dava de tempo, cuidado, atenção e amor. A comida mais deliciosa, os melhores vinhos, os empregados bem treinados que lhe asseguravam que, quando casassem, todas as tarefas sujas e irritantes seriam realizadas por outra pessoa… nem mesmo o estado deplorável da Casa Burdum, a precisar tanto da atenção decorativa de Kitty, resultara.

Um empecilho! Alguém que não era suficientemente importante para ela. *Uma pestana!* E, porquê usar tantas metáforas? Uma pestana que te deixa doido, até que finalmente a consegues tirar com água ou com a ponta de um pedaço de gaze. Oh, graças a Deus que aquela malvada se foi embora! Ser rejeitado de forma tão leviana, tão banal, tão estúpida…

Ferido no seu âmago, Charles sangrava do que pensava ser a sua alma,

porque não tinha aquela pessoa na sua vida que o poderia ter desenganado logo de início: um melhor amigo. As peculiaridades da sua infância, posto à parte por um pai instável e privado pela morte de uma mãe, transformaram o seu coração em pedra mesmo antes de ter idade suficiente para frequentar a escola. Em Eton, Balliol e Guy sempre fora um solitário. A sua estatura, sempre o rapaz ou o homem mais baixo da sua turma, não permitiu qualquer relação íntima. Tudo isto moldou uma carapaça de arrogância, autoconfiança inabalável e determinação de ferro para superar todos os seus pares, maiores e mais altos. Juntamente com uma crescente maturidade, veio uma tomada de consciência da sua capacidade de encantar e deslumbrar. Em vez de se tornar um solitário mal-humorado, o doutor Charles Burdum era um homem carismático e gentil, com uma inteligência invejável assente numa fundação sólida. Era uma pena ser tão baixo! Sabendo que todos os que o conheciam o pensavam, Charles escondia a sua frustração e a sua raiva.

Charles sabia que parte da intensidade do amor que sentia por Kitty se devia ao seu tamanho. Ninguém ia gozar com eles quando os visse juntos, pois eram ambos baixos, sim, mas não anões, e Kitty era linda como Helena de Troia, um objeto de amor universal que poderia casar com quem quisesse. E Corunda não era propriamente Paris, disso tinha a certeza. Se Kitty o escolhesse, sentir-se-ia vingado.

Este processo de pensamento ilógico ajudava-o a sarar, descobriu ele, e foi o que fez ao longo da noite, sentado com um uísque na mão, a beber devagar. Ele não era um bêbedo, de maneira nenhuma, apenas se sentia amargamente desiludido pelo facto de as suas investidas amorosas terem sido rejeitadas de forma tão desdenhosa, o que o levou de um estado depressivo pela perda de Kitty para outro que o atormentava ainda mais, visto que a sua solução não se encontrava nas suas mãos.

Algo de muito grave está para acontecer, sei disto há mais de um ano e já o partilhei com algumas outras pessoas. O Banco de Inglaterra está agitado, a City de Londres inquieta. No entanto, tudo são rumores. As dívidas do Estado são demasiado altas e o desemprego continua a aumentar… sobretudo na Austrália.

O país está economicamente perturbado e eu responsabilizo a inexperiência do governo por isso. A Comunidade da Austrália tem menos de trinta anos e os seus governantes são muito inexperientes.

Existem indícios graves. Aquela greve dos mineiros nas minas de carvão do Norte… um rapaz de quinze anos morreu baleado! E o governo federal dá demasiada responsabilidade aos Estados, que não têm a capacidade de coletar impostos e recebem dinheiros federais por razões mais políticas do que justas.

Serão estes os sinais do domínio completo de Melbourne sobre a restante nação? Vinte e cinco anos de governo federal em Melbourne, com o maior e mais coletável Estado do país, a Nova Gales do Sul, a servir de anfitrião de uma Camberra que ainda agora começou a funcionar? Este lugar é do mesmo tamanho dos Estados Unidos da América e encontra-se igualmente dividido, mas não igualmente povoado… os seus habitantes estão comprimidos em meia dúzia de cidades amplas, e as áreas rurais tão densamente povoadas como Corunda são raras. Não compreendo! Mas será que os australianos compreendem? As suas escolas ensinam mais história inglesa que australiana, e eu não sei para onde ir. Corunda é tão isolada do governo central como a Escócia é de Londres!

Uma rajada de vento soprou pela chaminé adentro com um rugido: Charles deu um pulo e arrepiou-se.

Há quanto tempo estava ali? Três meses? No entanto, os habitantes de Corunda já olhavam para ele como para um líder local. Estou ligado a Corunda pelos meus laços de sangue e pelos meus investimentos locais, e esta é a razão por que escolhi vir para aqui quando decidi aventurar-me num mundo novo. Queria preservar a minha inglesice, o que excluía qualquer lugar na América do Norte. Os americanos abandonaram o Império em 1776, e no Canadá há uma forte influência francesa. Na África do Sul, a influência é holandesa. Aqui, na Austrália, posso fazer carreira política e chegar a primeiro-ministro.

Afinal, são apenas duas horas de viagem de carro de Corunda até Camberra. No entanto, como é que faço para lidar com a distância dentro da minha cabeça?

Mas primeiro vou casar com Kitty.

A segunda tarefa será mais difícil e mais dolorosa: abandonar a minha

inglesice. Mantê-la só me vai prejudicar.

PARTE QUATRO

A CATÁSTROFE

No dia 30 de outubro, com dezasseis horas de diferença a separar os dois continentes, os jornais de Sydney noticiaram a queda da Bolsa de Valores de Nova Iorque no dia 29, tendo esta atingindo um mínimo histórico. Esta queda foi acompanhada de uma série de suicídios em cadeia, com homens a atirarem-se dos arranha-céus de Wall Street. Uma notícia excitante! No entanto, Nova Iorque estava tão distante que a estrutura financeira americana não tinha o poder para influenciar os acontecimentos na Austrália, da mesma maneira que as estruturas financeiras inglesas ou europeias tinham. A América era um país verdadeiramente estrangeiro, os seus problemas eram seus para solucionar, a sua política demasiado isolacionista em relação ao resto do globo.

Charles Burdum observou o desenrolar dos acontecimentos de 29 de outubro com alguma frieza, suspirando de alívio. Sim, acontecera, mas os seus fundos, bem como os do hospital, estavam a salvo. E era melhor enfrentar a realidade de uma só vez do que passar meses à espera de que algo acontecesse. Era possível agir face a uma realidade e nem tudo aconteceria do dia para a noite. Charles não poderia adivinhar, para além de conjeturas teóricas, que cada vez mais homens ficariam sem emprego e que aqueles que os mantivessem seriam obrigados a aceitar trabalhar por salários reduzidos. Existiria um maior número de propriedades à venda, mas menos americanos para as comprar. Ainda ninguém adivinhara que o que acontecera no mercado financeiro americano tinha o poder de estilhaçar todo e qualquer mercado do mundo.

O jantar no presbitério, com a presença de Grace Olsen, completou o *puzzle* dos Latimer para Charles; Grace era a única gémea que Charles ainda não conhecia. Em privado, ele decidiu que tudo o que ela fez foi tornar o *puzzle* ainda mais confuso. Da mesma altura e estatura que Edda, Grace era completamente diferente dela, desde o rosto ao carácter. Lindos mas tristes olhos cinzentos, uma boca que tinha tendência para tremer e cujos cantos reviravam para baixo, um vestido elegante de riscas em diagonal cinzentas e uma propensão para uma conversa fervorosa que revelava a sua falta de interesse por qualquer outra coisa que não o marido, os filhos, as irmãs, o pai… e Jack Thurlow. Quando Grace falava de Jack, o seu rosto bastante triste iluminava-se, mas Charles reparou que, desde a primeira vez que Grace o mencionou, o reverendo e Maude não se sentiram minimamente incomodados pela presença de Jack na vida de Grace.

— Bear adoraria estar cá — disse Grace a Charles quando foram apresentados —, mas encontra-se em Wagga e só regressa daqui a um mês. Ele é um homem da Perkins — acrescentou ela, como se isso explicasse tudo.

— Bear vende pomadas, loções e produtos desse tipo de porta a porta — disse Maude com um sorriso afetado.

Grace corou.

— Ele é o melhor vendedor da Perkins — disse ela, bruscamente — e ganha muito bem.

— Não tenho dúvidas disso — afirmou Charles, dirigindo-lhe o seu sorriso mais encantador. Pobre coitada! Tão apaixonada pelo seu caixeiro-viajante e sempre a precisar dele. Jack Thurlow não aquece a cama do lado de Bear, ele simplesmente corta a lenha e garante que ela não se mata ou aos filhos num acidente doméstico estapafúrdio. Grace é uma mulher do tipo desamparado.

Não existia nenhum entusiasmo dentro dela, mas não se podia dizer o mesmo em relação a Maude: uma cabra de primeira categoria, sem tempo a perder com nenhuma das gémeas mais velhas do pastor e muito pouco com a sua Tufts. Um arrepio de apreensão percorreu-lhe a espinha quando contemplou a sua pequena estatura. Muito bonita, mesmo para a idade, Maude era uma mulher que se vestia

de forma espalhafatosa e que gastava muito tempo e dinheiro em aparências. E que atencioso da parte do reverendo limitar este primeiro jantar apenas aos quatro… desta forma, tinha muito tempo e poucas distrações para focar toda a sua atenção e ficar a conhecer bem Grace e Maude.

Conseguia ver um pouco de Kitty naquela figura materna, tão patética e falsa, mas apenas no exterior. As suas naturezas, concluiu ele, eram completamente diferentes. O mais interessante para Charles foi descobrir que o pastor controlava Maude e não o contrário. Como teria ele conseguido isso?

O jantar foi fantástico, algo entre as especialidades parisienses do seu *chef* e a ementa do Parthenon: salmão fumado com fatias finas de pão tostado com manteiga, seguido de um delicioso e tenro peru assado, terminando numa tábua de queijos e uvas brancas sem grainhas.

— Maude é tão esperta! — disse Grace, enquanto tomavam café na sala de estar. — Ela compra perus pequenos e assa dois. Adoro o recheio que Maude faz… ela põe fruta e faz um molho também.

Maude corou um pouco com o elogio. Não havia dúvidas de que Grace fora instruída para o fazer. Quem terá dito que eu gosto das minhas carnes vermelhas malpassadas? Maude resolveu o problema ao servir peru.

Charles ouviu tudo o que havia para ouvir sobre a maravilhosa casa de Grace, bem como demasiado sobre os seus filhos, um com dezoito meses, o outro com cinco meses.

— Quem está a tomar conta das crianças esta noite? — perguntou Charles educadamente.

O que quer que Grace fosse responder nunca chegou a ser dito. Maude fungou e apressou-se a falar:

— A irmã de Grace, Edda. Não te posso dizer vezes suficientes, Grace, que não devias deixar a tua irmã chegar-se perto dos teus filhos! Ela não é boa influência.

Grace, bem como Thomas Latimer, ficaram tensos com tamanho ultraje, e Charles nem conseguia imaginar o que levara Maude a revelar uma divergência privada a um desconhecido.

— Edda é uma Medusa! — cuspiu Maude rapidamente, sibilando.

O reverendo riu descontraidamente, os seus olhos, cinzentos como os de Grace, brilhavam.

— Medusa, a Górgona! É um nome que damos a Edda há muitos anos, Charlie. Ela ganhou essa alcunha no dia em que Maude e eu organizámos um lanche para as quatro raparigas a fim de celebrar o início do curso de enfermagem. Extremamente calma, sem alarmar ninguém, Edda trespassou a cabeça de uma cobra preta de barriga vermelha de dois metros com a perna da cadeira, e manteve-a assim até Kitty lhe cortar a cabeça com uma machadinha da lareira. Edda ficou coberta de nódoas negras, como se tivesse sido esmurrada por um homem, por causa dos sacões da cobra enquanto morria. Maude — acrescentou o pastor no mesmo tom — ficou histérica e monopolizou toda a minha atenção.

— Era uma cobra letal? — perguntou Charles, curioso.

— Muito, sobretudo pelo tamanho.

— Então, Edda foi corajosa. — Charles sorriu para Grace. — Um ótimo exemplo para os seus filhos.

— Também acho — disse Grace.

— E Maude também. Contudo, ao longo dos anos, Maude foi confundindo as suas próprias filhas com as empregadas — disse Thomas Latimer, franzindo o sobrolho, preocupado.

— Kitty também esteve envolvida no episódio da cobra?

— Sim. Os utensílios da lareira estavam do lado errado, por isso é que Edda recorreu à perna da cadeira. Kitty estava mais perto deles e foi muito rápida a ajudar.

— Enquanto eu — interrompeu Grace, com um ar triste — resolvi imitar a Maude e chorei.

— E não há nenhuma vergonha nisso — disse Charles de forma calorosa. — As lágrimas são uma reação normal. Não para Edda e Kitty, ao que parece. As suas meninas são corajosas, reverendo.

— Sem dúvida — afirmou o pastor, orgulhoso.

— Eu tenciono casar com Kitty — disse Charles num tom de conversa —, mas estou com alguma dificuldade em convencê-la de que sou um bom marido. — Cabisbaixo por um momento, o seu rosto transformou-se no de uma estrela de cinema no seguinte. — Mas hei de conquistá-la, nada temam!

O seu anúncio foi um choque, algo que ele esperava, mas Charles considerou bastante revelador o que se seguiu ao choque. Em Grace, uma alegria genuína que lhe dizia que estava contente. Em Maude, um enorme triunfo, a derradeira confirmação da sua política desde que a beleza de Kitty emergira, e a qual ele conhecia pela boca de Edda durante aquele jantar franco há algum tempo. No pastor, uma alegria cautelosa, que indicava a Charles que era uma boa notícia se este casamento fosse algo que Kitty queria… e precisava. Não estava totalmente convencido, tinha algumas dúvidas.

— Grace, vai com a tua mamã até ali para conversarem um pouco — pediu o reverendo Latimer. — Eu e Charlie precisamos de alguma privacidade. — O pastor ofereceu a garrafa. — Outro cálice de porto?

— Obrigado, senhor.

— Porque é que Kitty não o quer? O Charlie é um bom partido.

— Pelo que consigo depreender, ela não confia em mim… ou nela mesma, penso eu. A propósito, estou a par das dificuldades dela quando era criança. Edda contou-me, em pormenor e com a máxima honestidade.

— É um elogio raro. Que idade tem?

— Trinta e três, para os vinte e dois de Kitty.

— Um homem deve ser mais velho do que a sua esposa, de outro modo a maturidade natural das mulheres dá-lhes uma vantagem injusta no casamento — disse o guia espiritual de um enorme rebanho com uma calma convicção. — Quanto mais se ridicularizarem os costumes e as tradições, mais difícil será manter a estabilidade em casa. Se o Charlie tivesse a mesma idade de Kitty, eu seria contra o casamento por considerar este demasiado exigente para um jovem mimado… mais tarde ou mais cedo, ficaria tentado a abandonar as suas responsabilidades enquanto marido e pai, principalmente em detrimento das crianças. Neste caso, os seus onze anos a mais conferem-lhe uma autoridade que

a sua esposa pode respeitar. — O reverendo deu um gole no seu vinho do Porto, pensativo. — Terei de aprovar as suas intenções a muitos níveis, mas preocupa-me que Kitty não *confie* em si. Em que medida é que ela não confia em si?

— Se eu soubesse, podia resolver o problema — disse Charles.

— Não será pelo medo de vir a ter outras mulheres?

— Duvido, Tom, pois nunca dei a ninguém o mínimo indício de ser mulherengo. Kitty trabalha para mim, conhece-me no dia a dia. — Charles encolheu os ombros e proferiu as palavras. — Ela acha que sou arrogante e convencido e eu atrevo-me a dizer que sou, mas não é sem razão. Parece-me que ela preferia que eu fosse falsamente modesto do que sincero em relação aos meus talentos e capacidades. O que quer que eu seja, sempre fui honesto em relação a isso.

— O Charlie crê em Deus?

— Acredito num Deus como postulado pela Igreja Anglicana, embora não seja beato — declarou Charles. — Penso que é importante que qualquer homem debaixo do escrutínio público seja visto a frequentar a igreja regularmente, e por isso estarei no banco de igreja dos Burdum todos os domingos. — Charles fez uma pausa, depois perguntou num tom de voz diferente: — A Igreja Anglicana de Corunda é próspera, reverendo?

Thomas Latimer pestanejou.

— Na verdade, sim. Corunda é mais próspera que a maior parte dos distritos, pois é uma região pouco propensa a períodos de seca e os seus habitantes mais ricos apoiam as suas igrejas. Mas porque me pergunta, Charlie?

— Porque os próximos tempos vão ser duros, Tom. Presumo que a nação dependa muito das exportações para assegurar a sua prosperidade… sobretudo do trigo e da lã. Nenhum deles é um produto de Corunda. A enorme necessidade de uniformes e mantas durante a Grande Guerra deu aos governos da Austrália, federal e estadual, uma falsa sensação de otimismo em relação às exportações. Bem, a Grande Guerra terminou há mais de uma década e agora ninguém quer ou precisa de tanta lã. A juntar a esse fator, a seca reduziu muito a quantidade de trigo exportável — disse Charles, descontente. — Os governos contraíram

grandes empréstimos, fiando-se no carácter contínuo das exportações. No entanto, qualquer homem que entenda de finanças consegue ver o que está para vir, dada a queda do mercado de ações americano. Os empréstimos têm de ser pagos, e de onde virá o dinheiro?

— Dos fundos do hospital? Dos seus próprios fundos?

— Oh, esses estão em segurança, embora o dinheiro do hospital vá sofrer se a libra australiana desvalorizar, é claro. Mas essa perda pode ser suportada. O meu dinheiro está em Inglaterra. — De repente, Charles soltou uma gargalhada e fez um ar trocista. — Posso estar a alarmá-lo sem razão, Tom, ainda é demasiado cedo para saber se as fendas na estrutura financeira se vão espalhar. — Charles suspirou. — No entanto, tenho a sensação de que vai ser mau.

— Respeito os seus instintos, Charlie, mas vamos voltar ao assunto da minha filha. Quer que eu fale com ela?

— Agradeço, mas não. Só gostaria de ter a sua bênção.

— Meu querido amigo, já a tem, já a tem!

— Agora, tudo o que tenho de fazer — disse Charles — é convencer Kitty.

Maude, farta do seu exílio, chegou ao pé deles a tempo de ouvir isto.

— Não é que Kitty não goste de si, Charles — disse ela, a única a conceder-lhe o seu nome verdadeiro. — Se não gostasse, ela dizia-o onde ir… da forma mais indelicada! Em vez disso, aceitou o seu convite para jantar. As suas defesas irão baixar, sem dúvida. E quando isso acontecer… ataque!

Charles não disse nada, mas o plano parecia-lhe digno de uma cobra manhosa.

Enquanto o eterno governo conservador federal de Stanley Bruce esteve no poder, os seus assuntos eram, na sua grande maioria, tratados a partir de Melbourne. Um quarto de século depois do nascimento da Comunidade da Austrália, a capital nacional Camberra ainda era um lugar ermo em termos espirituais. Então, uns dias antes da queda de Wall Street, o recentemente eleito governo federal trabalhista, liderado pelo primeiro-ministro James Scullin,

decidiu no meio de um enorme aparato publicitário estabelecer-se de forma *permanente* em Camberra. Um governo de principiantes desajeitados herdou o rescaldo de Wall Street.

Após os horrores da Grande Guerra e de dois surtos consecutivos de gripe, que mataram ainda mais do que a guerra, foi praticamente inevitável que a jovem Comunidade da Austrália embarcasse numa série de obras públicas. A maior parte dessas obras públicas foi realizada pelos governos estaduais pelas razões mais óbvias: cada Estado existira como uma colónia inglesa separada, e como é que um pequeno governo central absolutamente ignorante administra milhões de quilómetros quadrados de terra, sobretudo desértica? A sua constituição nada dizia sobre as pessoas que a compunham, nem lhes atribuía uma carta de direitos. Era um documento sobre o poder judiciário, os parlamentos, os Estados, a Comunidade da Austrália, impostos, tarifas e comércio. Assim, entre 1901 e finais de 1920, enquanto o novo governo federal andava aos tropeções em Melbourne, cada Estado, mantendo um governo, fez o que os seus habitantes queriam e/ou precisavam: escolas, estradas, hospitais, caminhos de ferro, pontes, barragens, elevadores de grãos. Existia também um enorme movimento que visava pôr os soldados regressados a trabalhar nas terras como produtores primários, sendo estes vistos como a fonte de riqueza da nação.

Cada Estado pediu os seus próprios empréstimos, maioritariamente junto dos mercados de capital da City de Londres, com elevadas taxas de juro associadas, e as quantias pedidas foram muito avultadas. Os preços praticados internacionalmente para a lã e para os cereais australianos caíram, o que obrigou a enormes cortes na indústria e na agricultura. O desemprego aumentou e, bem pior para os vários governos estaduais, as receitas dos impostos decresceram de forma severa. De repente, na mesma altura em que ocorreu a queda de Wall Street, os governos estaduais da Austrália aperceberam-se de que não conseguiam pagar os juros dos seus empréstimos na City de Londres.

A opinião generalizada entre economistas, trabalhadores da função pública e políticos era que a cura para este desastre teria de passar pelo controlo rigoroso dos dinheiros públicos, conseguindo isto não o gastando. Todos os trocos

deveriam ser poupados e usados para pagar as dívidas ao estrangeiro. O primeiro-ministro Scullin anunciou que o governo federal iria deixar de gastar dinheiro em obras públicas e reduzir o seu pessoal. A única voz que se opôs foi a de Jack Lang, um líder trabalhista da Nova Gales do Sul, que queria mais dinheiro gasto, e não menos, e mais homens empregados, não menos.

À exceção de Charles Burdum, ninguém em Corunda estava preocupado com as consequências imediatas da queda de Wall Street. Os habitantes da cidade liam sobre o que se passava nas grandes cidades da nação e na minúscula e crua cidade de Camberra, com a sua torre de marfim. O distrito estava a ultrapassar as primeiras convulsões da Grande Depressão *quase* sem sequelas. Os trabalhos que se perdiam pertenciam a homens empregados longe de Sydney ou Melbourne. Contudo, passadas algumas semanas, um habitante local colocou um letreiro, no cruzamento da estrada de Corunda com a autoestrada para Sydney e Melbourne, que dizia em letras gordas e feitas por um profissional: NÃO HÁ TRABALHO EM CORUNDA.

Muito mais interessante era a relação entre Charles Burdum e Kitty Latimer. Se Kitty conhecesse a sua própria mente, poderia ter-se decidido logo no início. O problema é que Kitty não a conhecia e culpava um conjunto de elementos da sua desorientação, incluindo o facto de nenhum homem alguma vez a ter perseguido de forma tão persistente. E ele atraía-a e repelia-a em simultâneo, mexia com ela de uma forma curiosamente falaciosa, em vez de frontal e direta. Assim, o que ela percecionava que ele tinha de tão abominável era meramente sentido, pois nunca fora observado, e o que ela conseguia ver sem distorções era admirável, digno de amor, incrivelmente estável, sólido como uma rocha. E como poderia ela explicar que o que procurava era a dor dele? Se a conseguisse encontrar, nem que fosse uma vez, ficaria a *saber*. A sua própria infância fora um longo sofrimento, preso a algo que não conseguia mudar: a sua aparência. O seu instinto dizia-lhe que a infância dele deveria ter sido semelhante à sua, pois todos os rapazes da sua idade cresciam em altura e ele não. Preso à aparência! A

dor *deve* lá estar! Então, por que razão não a mostrava ele, porque não a partilhava? Apenas partilhando a sua dor é que Charles deixaria Kitty entrar no seu coração. Desejando desesperadamente curar a dor dele, Kitty sentiu-se para sempre relegada para um plano distante.

Desta forma, quando se encontravam, o que era bastante habitual, Kitty ficava irritada e agressiva, pronta para uma batalha, e nunca descontraía. Discutiam como cão e gato, à distância de um braço ou por entre os espaços de uma vedação, pois, quando ele dizia algo que ela levava a peito, Kitty atacava-o ferozmente.

Mais exposta a eles que Grace, Edda e Tufts observavam as suas discussões desanimadas e sem saber o que fazer.

— Eles vão lutar um com o outro até à morte — disse Tufts a Edda.

— Mas porquê, se são feitos um para o outro? — perguntou Edda.

— É a Kitty. Eu pensei que talvez Maude a tivesse pressionado e irritado, mas o papá garantiu-me que ela se tem portado bem. Charlie tem qualidades que Kitty não consegue compreender e odeia sentir isso.

— És muito perspicaz, Tufty. — Edda encolheu os ombros. — Bem, eu recuso-me a interferir. Só tenho pena de Charlie.

Embora a cidade de Corunda não tivesse forma de saber, a Grande Depressão avançou mais rapidamente que o cerco de Charles Burdum a Kitty Latimer. Ainda não ganhara coragem para a beijar quando algumas lojas sediadas em Sydney fecharam e atiraram mais uns quantos habitantes de Corunda para o desemprego, sem direito a indemnização ou qualquer outro tipo de subsídio. Os desempregados locais também não conseguiam arranjar um novo emprego; ninguém estava a contratar, nem mesmo o hospital. O governo federal anunciou que entregaria um milhão de libras aos Estados para subsidiar os desempregados, deixando que cada um tirasse a quota-parte que achasse necessária e distribuísse o dinheiro. Isto levou ao desvio de fundos municipais, bem como a protestos furiosos que não beneficiaram ninguém. A Austrália do Sul, terrivelmente acossada, recebeu uma quantia desproporcionada por essa razão, o que não provocou qualquer indignação. No entanto, a Austrália Ocidental também

recebeu de forma desproporcionada, mas por uma razão menos legítima: o Estado queria separar-se da Comunidade da Austrália, e, por isso, Camberra decidiu bajular o seu governo de forma deliberada, concedendo-lhe uma porção injustamente grande. Camberra estava decidida a manter todo o continente dentro da Comunidade da Austrália.

— Duzentas e setenta e seis mil libras é muito dinheiro — disse Kitty a Charles enquanto bebiam um chá — e presumo que Sydney tenha ficado com a maior parte. Será que Corunda vai receber algum dinheiro?

— Provavelmente não. O desemprego aqui é baixo comparado com outros distritos do país, mesmo tendo em conta os encerramentos recentes. Desemprego… que belo presente de Natal!

— O meu pai está concentrado no orfanato. Ele acha que vai receber mais crianças, vítimas desta crise terrível. Mas de certeza que ninguém vai tirar uma criança à sua mãe, pois não?

— Suicídio, Kitty. Aumentou de forma chocante entre os homens e agora algumas mulheres também estão a matar-se. Além disso, algumas mães acham que, se abandonarem os filhos, estes serão pelo menos alimentados, vestidos e abrigados num orfanato.

Kitty estremeceu.

— O mundo pode ser um lugar tão cruel! — Os seus olhos procuraram os dele numa ansiedade tremenda. — Não consigo falar de mães que decidem abandonar os filhos, mas o assunto deu-me um pouco de coragem. Charlie, não carregas contigo nenhum sofrimento?

Charles olhou fixamente para ela, genuinamente espantado.

— *Sofrimento?* Porquê?

— Da tua infância? De não teres tido uma mãe e um pai? — A sua voz tornou-se um sussurro. — Por seres… diferente de toda a gente?

As suas gargalhadas foram demasiado espontâneas para serem simuladas.

— Oh, Kitty, que sentimentalista que tu és! Como poderia eu sentir falta de duas pessoas que nunca conheci? A minha infância foi magnífica, sinceramente. A minha tia e o meu tio (ela era irmã da minha mãe) criaram-me sem nunca me

faltar nada. Nada, Kitty, absolutamente nada! Fui amado e bem tratado.

— Mas de certeza que seres diferente te causou algum sofrimento? — insistiu ela, ainda não convencida.

— O meu desejo de ser mais alto, é isso que estás a insinuar?

— Sim, e qualquer outra coisa que te possa ter feito sofrer.

Charles deslocou a cadeira e segurou as mãos de Kitty nas suas, tão quentes, secas e fortes.

— O meu tio era mais baixo que eu e educou-me para encarar a falta de altura como um desafio, não uma cruz. Já legitimei a fé e a confiança que ele depositou em mim… que mais posso dizer? Em relação ao sofrimento… disparates sentimentalistas! As tragédias gregas não são baseadas no físico, mas sim na natureza humana. Eu sou Charles Henry Burdum e, um dia, serei Sir Charles. As mulheres gostam de um bom drama, isso é-lhes permitido. Mas não aos homens. Não existiu qualquer sofrimento nos termos em que o defines. Eu fui simplesmente educado para enfrentar desafios.

— Não percebo — disse ela. — Não sofrer é desumano.

— Que disparate! — replicou ele, farto daquela conversa. — Desumano seria não sentir dor, pesar, medo. Já encharquei uma almofada de lágrimas quando o meu cão morreu, ainda hoje sofro com a morte do meu tio e da minha tia, e posso garantir-te que, quando um bandido me apontou uma arma ao peito, senti medo. — Os seus olhos tomaram uma tonalidade de bronze e contemplou-a, perplexo. — Já és enfermeira há três anos e meio, minha querida, e tenho todas as razões para acreditar que és muito boa no que fazes. As crianças são o teu grande amor… no entanto, porque não tens os teus próprios filhos, em vez de olhares para os filhos dos outros através de uma janela embaciada?

Kitty susteve a respiração, ficou tensa. Charles era tão bom a fazer isto, arrancava-lhe a vantagem das mãos e usava-a contra ela! A demanda de Kitty pela dor de Charles tornou-se ridícula e insignificante. Ela contemplou-o, espantada.

— Sim, tens razão — afirmou ela, devagar. — É um disparate.

O encanto dele veio à superfície, juntamente com um sorriso maravilhoso.

— Lamento imenso — disse ele com suavidade. — Não tinha intenção de te fazer sentir assim. Oh, mas estavas a pedi-las! Se tudo fosse como eu queria, optava por te cortejar de forma suave, carinhosa e gentil, mas tu tens um instinto de matança infalível que te faz transformar subitamente da mulher mais sedutora do mundo para um gato-bravo arisco e raivoso. Sempre que o fazes, tenho de voltar a domar o gato-bravo, e eu não sou um caçador por natureza. — O rosto mudou, ficou feio. — Agora percebo que tenho de pensar se te amo o suficiente para aturar mais disto. Sinceramente, não sei.

— Talvez seja porque eu sinto que Corunda é um lugar demasiado pequeno para ti e que não vais ficar aqui muito tempo, e eu não quero morar em nenhum outro lugar do mundo sem ser Corunda.

— Eu tenho grandes ambições — concordou ele —, mas não é preciso abandonar Corunda para as realizar. Quero entrar na vida política, de preferência ao nível federal, e Corunda é a cidade perfeita para o fazer. Fica apenas a duas horas de carro de Camberra.

O rosto de Kitty iluminou-se.

— Sim! Faz sentido.

— Assim, se casasses comigo, minha querida Kitty, não haveria necessidade de abandonar Corunda.

O olhar de Kitty recaiu sobre o relógio, levantando-se de um pulo.

— Estou atrasada!

— Eu acompanho-te até à ala das crianças, assim ninguém pode reclamar.

Mesmo assim, Charles deixou até ao último momento para a convidar para jantar. Como sempre, Kitty aceitou.

Kitty não queria perguntar se o *chef* ainda trabalhava na cozinha da Casa Burdum, visto que o jantar era rolo de carne com molho e puré, mas desconfiava que sim, pois o rolo era feito com carne picada de cordeiro com um toque de cominhos, não se desfazia, o molho de carne sabia a tempero e o puré estava demasiado fino. Mandou o puré de volta para a cozinha por estar demasiado

líquido, pouco amanteigado e sem pimenta. Charles sentia-se contente por ter acertado em duas das três tentativas que fizera para lhe agradar, e pedira ao *chef* para ter batatas fritas prontas caso fosse necessário. Visto que o *chef* era australiano, apesar do seu treino Cordon Bleu, Charles estava a considerar pedir a Con Decopoulos, do Parthenon, se o cozinheiro podia observar e aprender o estilo culinário de Corunda.

— Gostei do rolo de carne — disse ela, com franqueza, enquanto tomavam café na sala de estar. — A textura era um pouco elástica e não se desfazia aos bocados. O que quer que o *chef* tenha usado para o temperar tinha um sabor delicioso, mas para quê transformar boas batatas num puré leitoso?

— Se casares comigo, vou provavelmente ter de despedir o meu *chef* — disse ele.

— Sem dúvida! Há centenas de mulheres nesta cidade que cozinham de forma brilhante, segundo as opiniões dos habitantes locais. Charlie, se eu casar contigo, vamos comer pratos de Corunda e não carne em sangue e puré leitoso. E, neste aspeto, não há negociação.

— Foste tu que disseste «se»!

— Pois disse. «Se» e não «sim».

— É um passo enorme na direção certa. Deves amar-me um pouco.

— O amor não é a questão. Será que *gosto* de ti?

— Deixa-me beijar-te — pediu ele, ajoelhando-se à sua frente. — Só se pode gostar de alguém quando existe algum grau de à-vontade e companheirismo, o que tu não permites que exista, e isso é culpa minha por ter dito que te amava ainda antes de saber o teu nome. Na verdade, não tenho a certeza se gosto de ti. O que eu sei é que estamos destinados a casar e a passar o resto das nossas vidas juntos. Aqui, em Corunda, a comer pratos de Corunda. Baixa as tuas defesas, por favor! Não te transformes no gato-bravo. Até baixares as tuas defesas, vamos continuar a gravitar à volta um do outro numa órbita fixa.

Kitty sorriu.

— Estás a par do debate em volta do nono planeta.

— Acredito nas leis da natureza e também acredito que os seres humanos

fazem parte dessa mesma natureza — disse ele com um ar sério.

Kitty inclinou-se para a frente.

— Beija-me, Charlie.

A primeira coisa que a fez sentir-se consciente dele foi o seu cheiro, descobrindo-o inebriante, inesperado: um sabonete muito caro, um odor suave e juvenil, nem um indício de suor. O seu abraço era envolvente, mas não assustador, já que Charles lhe juntou os joelhos e os afastou para a esquerda, o que significava que não conseguia roçar a sua virilha nela, nem o fez quando se levantou trazendo-a com ele. Kitty nunca se apercebera de como era confortável estar de pé à mesma altura que ele, sem se esticar ou esforçar. Charles era esperto ou o seu respeito genuíno, visto que manteve sempre as mãos nas costas de Kitty, acima da cintura. Oh, Charlie, porque será que tens sempre duas caras? Lúcifer num momento, Satanás no seguinte. Mas ambas faces do Senhor do Inferno.

Charles não passou desajeitadamente da face de Kitty para a sua boca, ele pairou perto o suficiente para a fazer fechar os olhos por reflexo e, em seguida, pousou os seus lábios sobre os dela com um ligeiro ângulo, a sua pressão leve como uma pena, a sua pele sedosa. Oh, sim, *era* agradável! O corpo de Kitty relaxou, nada a repelira até agora, sobretudo um domínio agressivo que ele poderia ter tentado e que a teria feito afastar-se dele num segundo. Era como se ele ficasse satisfeito por deixar Kitty responder a seu tempo, uma estratégia altamente sedutora para ela. Quando Kitty afastou os seus lábios, ele fez o mesmo. Os braços de Kitty rodearam o seu pescoço.

O beijo continuou, como se ela flutuasse à deriva num espaço de ar e luz, até que a mão esquerda de Charles se moveu das suas costas para o lado e mergulhou na sua carne de forma tão repentina que, contra toda a razão, o seu corpo se arqueou num gemido e se encaixou no dele. Nesse mesmo momento, o beijo mudou, aprofundou-se, transformou-se num turbilhão de emoções sombrias e ternas que a tornou tão presa dele como ele era dela.

No momento seguinte, Kitty estava livre. Charles encontrava-se do lado oposto da sala, virado de costas para ela, a olhar pela janela.

— Está na hora de ires para casa — disse ele depois do que pareceu uma eternidade.

Kitty pegou nas luvas e na mala e saiu à frente dele.

Grace não parecia minimamente surpreendida quando na manhã seguinte Kitty lhe confidenciou o que acontecera.

— Bem, tu ama-lo, de que estás à espera? — perguntou Grace, dando uma tigela com gelatina verde a Brian e enfiando, em seguida, a tetina do biberão na boca de John.

— Porque será que as crianças gostam tanto de gelatina? — perguntou Kitty. — Custa um décimo do que o creme inglês e não tem quaisquer nutrientes, apenas açúcar para lhes estragar os dentes, mas os miúdos adoram gelatina e torcem o nariz ao creme inglês. É de loucos!

A mãe olhou para a enfermeira de crianças com desprezo.

— Sinceramente, Kits, às vezes és mesmo burra! A gelatina é apelativa, é fresca e não enjoativa… os miúdos preferem algo fresco a algo enjoativo… e adoram chupá-la por entre os dentes e senti-la derreter na língua. Além disso, o sol brilha através da gelatina e é muito colorida. E *não* tentes mudar de assunto, que é se tencionas ou não casar com Charles Burdum. Aconselho-te a parar de agir como uma donzela modesta e a aceitares.

Kitty sentiu que aprendera mais sobre gelatina do que sobre casamento… o que até tinha piada, mas não ajudava muito. A única coisa de que não tinha dúvidas era de que Charles a amava. Do que não tinha a certeza era se o amava ou não, e nada, até agora, a fizera ter a certeza de que não era capaz de viver sem ele. Grace sentia amor por Bear, e era isso que amparava a palerma da Grace, apesar de todos os seus erros.

O beijo despertara Kitty para prazeres que nunca experimentara com outros homens que a beijaram e parecia prometer o tipo de amante que qualquer mulher desejava.

No entanto, era preciso mais do que isso num casamento, e a situação do seu

pai preocupava-a. Nunca o seu pai falou sobre ela, mas era algo evidente para as suas filhas. Um quarto de século irremediavelmente preso a uma mulher que não conseguia amar, cujos atos o humilhavam e envergonhavam amiúde, sem uma única vez ter dito em voz alta e admitido que não era a mais feliz das uniões. Para o papá, os votos eram sagrados, e Kitty não podia embarcar num casamento com menos seriedade que essa. Não era uma simples questão de fraqueza, era o medo de fazer aqueles votos e acordar na manhã seguinte comprometida com um homem cujo encanto e qualidades exteriores a tinham iludido.

Se não fosse rico, se não fosse um homem de sucesso, se não fosse tão autoconfiante, tão seguro de que a sua maneira de fazer as coisas era a mais acertada… O que é que ele tinha que a deixava tão irritada?

Kitty estava a ficar cansada, farta. Não sabia por que razão sentia que estava a lutar pelo seu direito à vida, só sabia que Charlie era como uma mó que a tentava esmagar levando-a à submissão, como um caçador cuja missão era aprisionar o seu gato-bravo — ela, que não era selvagem, nem um gato, nem dominadora!

Foi então que Grace convidou Kitty, juntamente com Edda e Tufts, para tomar o chá da manhã no seu novo alpendre.

— Não é maravilhoso? — perguntou ela conduzindo as suas irmãs para o alpendre com um enorme orgulho. — Bear e Jack fizeram-no para o meu aniversário.

O que antes não passava de um alpendre vazio, era agora um lugar envidraçado com cadeiras de verga pintadas de branco e inúmeros vasos com plantas, desde fetos luxuriantes a begónias em flor, e selhas com palmeiras *kentia*.

— Está virado a sul, por isso nunca apanha a luz direta do Sol — continuou Grace entre sons de aprovação e estupefação —, e Bear encontrou numa gare um pedaço de um telhado de vidro que pertencia a uma oficina de comboios. Jack ajudou-o a encaixá-lo no telhado do alpendre, para as plantas terem luz suficientemente forte para florirem. Adoro!

Grace sentou-se num enorme cadeirão, parecendo uma rainha.

— Tens bom gosto, Grace — disse Edda, carinhosamente. — Por dentro, a tua casa não tem nada que ver com as outras.

— Sentem-se todas — disse Grace com uma voz autoritária. — Antes de começarmos a tagarelar enquanto tomamos chá, quero falar sobre o dilema de Kitty.

— O que te está a fazer hesitar, Kits? — perguntou Tufs, sentando-se.

— O medo de perder a minha própria identidade, penso eu — respondeu Kitty. — Como posso explicar uma sensação, um pressentimento?

— Duvidas que Charlie te ame? — perguntou Grace.

— Não, nem por um segundo. — Kitty inclinou-se para a frente na sua cadeira pintada de branco, os seus olhos suplicando a paciência e a tolerância das irmãs. — Presumo que os meus medos se baseiem no que eu desconheço em relação à forma como a mente de Charlie funciona… não, não é isso! É o medo de que aquilo a que eu chamo amor seja diferente para Charlie. Serei eu um ser humano ou uma propriedade para ele?

— Um ser humano — respondeu Tufs de imediato.

As outras acenaram com a cabeça de forma enfática.

— Kitty, Charlie nunca escolheria uma noiva da mesma maneira que um colecionador de ícones russos escolheria outro para adicionar à sua coleção — disse Edda. — Ele reparou em ti e amou-te sem saber nada sobre ti… eu chamo a isso escolher com a alma. Se eu alguma vez conhecer um homem que sinta isso por mim, sou capaz de mudar de ideias e casar. — Edda sorriu. — Antes a química que a biologia.

— Não me ajudas nada — disse Kitty.

— Como a única perita no assunto — disse Grace, num tom de superioridade —, posso pelo menos oferecer-te esta pérola de conhecimento, Kitty. O casamento nunca é o que se imagina. É uma união, e não me refiro à parte física. Ambas as partes acordam casadas com um desconhecido… como poderia ser de outra maneira? Juntam as suas ideias, sonhos, dinheiro, mente, bem como os seus corações. Eu cometi erros terríveis muito cedo, principalmente devido à minha ignorância e por ter dado ouvidos a maus conselhos. Porque há bem mais

dentro de uma relação que apenas o nosso ser. Se não és capaz de pôr o bem-estar de Charlie à frente do teu, então não deves casar com ele.

Edda olhava fixamente para a sua gémea, surpreendida.

— Meu Deus, Grace, *aprendeste* a lição! — Edda virou-se para Kitty. — Minha querida irmãzinha, nenhuma de nós pode decidir por ti. Isso, tens de ser tu a fazê-lo. No entanto, independentemente do que decidires, mesmo que corra tudo mal, nós estaremos sempre ao teu lado.

As lágrimas deslizaram pela face de Kitty.

— Obrigada, isso é tudo de que preciso — murmurou ela.

Grace deu-lhe um lenço de renda.

— Queres que as tuas damas de honor se vistam de que cor? — perguntou ela bruscamente.

Brian escolheu aquele momento para invadir a festa da mãe, com os dois braços à volta do irmão, que estava a tornar-se demasiado pesado para ele o levar ao colo, embora se recusasse a admiti-lo.

Eles eram, na opinião de Edda, os dois rapazinhos mais bonitos que ela alguma vez vira, ambos dotados de um temperamento meigo que nunca mudaria. Eram muito louros como o pai, com rostos lindos e olhos muito arregalados de um tom azul-pálido. Não tinham quase semelhanças com Grace.

A olhar para eles, Edda disse:

— Kitty, a vida nunca quis que te tornasses enfermeira de crianças. O teu destino é ter filhos! Minha querida, devias ter uma tribo inteira deles! Vejo em ti uma mãe perfeita, das mais perfeitas que existem: sensata, firme quando é preciso ser firme e terna quando é preciso ser terna, uma fonte de amor, carinho e segurança. Pensa nisso também.

— Concordo — disse Tufts, retirando o bebé John das mãos de Brian e aconchegando-o no seu colo. — Também tens de ter os meus filhos.

— Então — disse Grace, levantando-se em direção à cozinha — voltamos ao assunto da cor dos vestidos das damas de honor.

Independentemente da opinião das irmãs, aquele primeiro Natal da Grande Depressão chegou e encontrou Kitty ainda longe de aceitar a proposta de casamento de Charles Burdum. Continuavam a encontrar-se regularmente, mas algo mudara na sua relação: Kitty estava mais calma, menos irritadiça, parecia cada vez mais distante. Sensível à mais pequena alteração no seu comportamento, Charles começou a desesperar, sem, contudo, o deixar transparecer. Ele equacionava o sucesso em tudo, incluindo no amor, com uma força implacável; se mostrasse alguma fraqueza, Kitty desprezá-lo-ia, sobretudo dada a sua baixa estatura. *Nunca* deveria fazer nada que o fizesse parecer pequeno aos olhos dela… ele não era menos que qualquer homem de um metro e oitenta!

As ações de Charles desde que a crise económica começara, no final de outubro, tinham sido admiráveis, o que fez com que ganhasse uma boa reputação em Corunda. Não escondera de ninguém a sua intenção de usar a «arca de tesouro» do hospital para ajudar a combater o desemprego através da construção de um novo hospital, embora ainda fosse demorar algum tempo até as obras serem iniciadas. Como diretor do hospital, Charles fizera questão de estar presente em todo o tipo de reuniões públicas em Corunda e não tinha qualquer receio de dizer o que pensava das bancadas, mesmo quando a sua opinião causava furor.

Kitty aplaudia tudo isto. Charles não era apenas fogo de vista, estava a tornar-se um homem notável e influente nos assuntos de Corunda, para além dos do hospital. Sem dúvida que isto indicava que, por baixo da superfície polida, se encontrava um carácter genuíno, destemido, correto, inteligente, forte.

O reverendo e a esposa organizaram um jantar de Natal para a família, e as três irmãs enfermeiras estavam de folga até ao dia depois do Natal. Grace e Bear, Edda e Jack Thurlow, Tufts e Liam Finucan, e Kitty e Charles foram convidados.

Charles foi buscar Kitty e encontrou-a sozinha. Tufts e Edda já tinham saído.

Charles beijou Kitty de forma carinhosa, pegou-lhe na mão direita e fechou-a em volta de uma caixinha de pele.

— Feliz Natal, minha querida — disse ele —, e usa-o por mim. A guerra

terminou, eu declaro uma trégua eterna. Não pode haver vitória nem derrota.

Mesmo sabendo o que se encontrava dentro da caixa, Kitty abriu-a, seguindo a tradição de Pandora. Parecia que o sol tinha entrado pela sala, o diamante disparava prismas flamejantes de todas as cores quando captava os raios de luz.

— Oh! — suspirou Kitty, perplexa.

— Tem apenas dois quilates — continuou ele —, mas é absolutamente perfeito, de primeira qualidade. Não consegui encontrar outra pedra tão perfeita, nem em Amesterdão.

A indecisão dissipou-se. Kitty estendeu a mão esquerda.

— Põe-me o anel no dedo, Charlie — disse ela.

— *Aceitas* casar comigo?

— Sim.

— Perdoas-me o atrevimento de ter escolhido o anel sem ti?

— Sim, claro que sim. É o teu anel que me dás.

O casamento teve lugar, com pompa adequada, na Igreja de St. Mark no final de janeiro de 1930. Charles tomou uma decisão que agradou a todos os convidados masculinos; Maude queria que todos vestissem fraque ou casaca e laço branco; qualquer uma das duas opções teria de ser alugada em Sydney, mas Charles decidiu que um fato de três peças seria mais prático. Que alívio!

Kitty usava um vestido de cetim até aos pés que terminava numa cauda em forma de leque, com um corte tão engenhoso que ninguém precisava de a segurar. Era debruado a pérolas minúsculas e muito mais simples do que Maude desejara. Kitty entregara-se completamente nas mãos de Edda.

As três damas de honor usavam vestidos cor de ameixa e *bouquets* de orquídeas cor-de-rosa. Maude teve de vestir algo extravagante com folhos, claro, mas mais ninguém o fez, o que estragou um pouco o seu dia.

Os habitantes de Corunda encheram a igreja e transbordaram para o exterior, por entre remoinhos e turbilhões de confetes coloridos que ali permaneceriam até os ventos fortes de inverno levarem os últimos discos de papel.

Visto que o reverendo não podia pagar uma grande receção e se recusava a deixar Charles contribuir, a cerimónia religiosa foi tudo o que os habitantes de Corunda puderam ver. Mais uma desilusão para Maude, cujos folhos de organdi cor-de-rosa, segundo ela, deveriam ter recebido mais atenção.

Devido aos tempos difíceis, os recém-casados não tiveram lua de mel; foram diretamente da pequena receção no presbitério de St. Mark para a Casa Burdum, a fim de começarem ali a sua vida de casados.

No início, as pessoas que não estavam envolvidas no mundo das ações e bolsas de valores pensaram que a crise económica era temporária, que se resolveria numa questão de meses. Esta atitude era especialmente predominante em Corunda, onde os efeitos da crise atingiram gradualmente os seus habitantes. Em Corunda, no início, os empregos não caíram como folhas de outono sopradas por um vento forte, embora os jornais documentassem que era esse o caso em cidades como Sydney e Melbourne. Protegidos da devastação inicial da Grande Depressão graças ao uso liberal que Charles Burdum fez do dinheiro do hospital, os habitantes de Corunda conseguiram manter os seus empregos ou arranjar novos.

Charles decidiu começar logo a reconstrução do hospital a um ritmo acelerado. Nunca lhe ocorreu que alguém visse a solução para o problema sob outra luz que não com a criação de novos empregos e pondo os homens de volta ao trabalho tão rapidamente quanto possível, embora devesse ter pensado melhor: ele fora criado na City de Londres. Só mais tarde parou para pensar que as teorias formais de economia apontavam noutro sentido.

Corunda tinha muitos carpinteiros, canalizadores, marceneiros, pedreiros, eletricistas, estucadores, artífices e jardineiros numa cidade famosa pelos seus jardins. Quando Jack Thurlow revelou a Charles a existência de um depósito de argila em Corbi, este agarrou a informação com voracidade: isto significava que a cidade se podia abastecer do material do edifício principal, tijolo, sem ter de recorrer à importação. Mais empregos!

Muitos, sobretudo funcionários do hospital, opuseram-se intransigentemente a Charles manter a antiga configuração do hospital com poucas modificações: o que os deixava descontentes era, claro está, o facto de terem de continuar a subir as velhas rampas. Visto que despendera muito dinheiro para encomendar uma maquete do hospital de primeira qualidade a uma empresa em Sydney, Charles podia apontar para um exemplo tridimensional e mostrar aos grupos de queixosos como seriam maravilhosas as novas rampas; contudo, nada conseguia converter aqueles que odiavam as rampas e a configuração antiga e com ar abarracado do hospital. Foi nesta altura que os habitantes de Corunda descobriram que Charles Burdum era um Burdum tão duro como qualquer outro na história da família e que tinha um lado feroz.

— Vocês podem queixar-se e lamuriar-se e lamentar-se à vontade — disse ele a duzentos manifestantes antirrampas bastante indignados na Câmara Municipal —, mas não me vai fazer qualquer diferença, nem a mim nem ao hospital. O Hospital de Corunda vai ser construído como mostra a maquete. Não vou pôr a segurança dos meus pacientes em risco para vocês terem elevadores ou monta-cargas ou lá o que lhe quiserem chamar… não estamos em Sydney! E se não começam a fazer exercício de forma voluntária, eu obrigo-vos! A construção do novo hospital neste formato garante empregos ao nível local, em vez de importarmos a maior parte dos materiais, até mesmo do estrangeiro! Corunda vai usar os empregos e a prosperidade que tem para se ajustar às circunstâncias e necessidades! Quer gostem quer não, senhoras e senhores, eu, Charles Burdum, sou o farol e a força motriz desta obra! Tenho uma série de esquemas na minha cabeça para tornar a configuração do hospital mais satisfatória do que parece para todos aqueles que odeiam dar mais um passo do que o necessário, mas não tenho qualquer intenção de desenvolver esse assunto convosco hoje… ou amanhã! Vocês não o merecem! Sintam-se gratos por terem emprego! Agora, vão-se embora!

— Isso — disse Kitty, dando-lhe o braço — não foi muito diplomático, Charlie. — Kitty sorriu abertamente e beijou-lhe a face. — Oh, mas adorei! Algumas pessoas nunca estão satisfeitas.

— O teu pai vai ficar quando souber que vou usar parte do dinheiro do hospital para construir uma ala e uma clínica no orfanato.

— Oh, Charlie, isso é maravilhoso! E cada vez mais necessário.

Embora tivesse sido em tempos um dos fuinhas do conselho administrativo, o reverendo Thomas Latimer transformara-se num leão feroz em defesa do orfanato. Uma mansão de estilo vitoriano, não muito diferente da Casa Burdum, fora impingida à cidade de Corunda como parte de um movimento que surgira por volta de 1890 e inícios de 1900; as crianças órfãs deveriam ser alojadas em locais rurais para aprenderem a trabalhar numa quinta, a produzir parte do que comiam e a respirar ar puro e livre de fumo. Consequentemente, estas zonas rurais recebiam crianças de todo o Estado, sendo o destino de cada órfão decidido por funcionários administrativos em Sydney. A maior parte destas instituições era dirigida por comunidades religiosas, mas a de Corunda não. Agora, com o machado da recessão a reduzir tudo o que era governamental a cinzas, o orfanato estava em risco. Quase todos os dias se via outra criança ser posta num comboio em Sydney rumo ao orfanato de Corunda, a rebentar pelas costuras.

Thomas Latimer tornou o orfanato a sua principal preocupação, demonstrando um talento raro para *políticas* (se é que se pode chamar assim) interconfessionais. Independentemente do que os habitantes de Corunda lhe quisessem chamar, em março de 1930 o reverendo conseguira afirmar a supremacia do Exército da Salvação na distribuição da sopa dos pobres e noutras áreas relacionadas, pôr todos os sacerdotes, pastores e padres a trabalhar na mesma equipa para o bem do orfanato, mães abandonadas, idosos indigentes e outras pessoas carenciadas. Monsenhor O’Flaherty tinha um coadjutor, o padre Bogan, que tinha um talento natural para a organização; graças ao reverendo Thomas, o padre Bogan assumiu o cargo de supervisor-mor de todas as ações de caridade, poupando assim repetições desnecessárias e jogos de poder religiosos que só desperdiçariam tempo.

Maude Latimer ficou assim com um rendimento muito mais pequeno e rigorosamente controlado, e percebeu que as suas queixas caíam em orelhas

moucas.

— Deixa-te de lamúrias, Maude — disse o reverendo firmemente. — Não te falta nada, enquanto a estas crianças falta tudo, sem terem qualquer culpa disso. E, sim, Billy Marsyk vai praticar no piano do presbitério. O rapaz tem imenso talento.

— Imenso talento, o tanas! — lamuriou-se Maude a Tufts, que a visitou por obrigação no dia seguinte. — O porquinho fez chichi na minha jarra de vidro trabalhado!

— Bem, mamã, pelo menos não fez chichi no tapete — disse Tufts, com os lábios a tremer. — Eu acho que mostra que Billy até é bem-intencionado.

— Oh, és tão má como o teu pai!

— Vá lá, mamã, depois destes anos todos, já devias conhecer o papá melhor do que isso. O papá poupa todo o dinheiro que consegue para poder comprar sapatos de inverno para os seus órfãos. Eles não podem andar descalços durante o inverno de Corunda. Não reclames, mamã.

Maude levantou-se, indignada.

— Eu *nunca* reclamo! — Maude soltou uma gargalhada repentina e bastante sinistra. — Tens visto a minha bebé, a Kitty, ultimamente? Não é a menina mais bonita do mundo?

Apanhada desprevenida, Tufts ficou boquiaberta, tentando de imediato parecer normal, com receio que a mãe visse a sua reação. Aliviada, Tufts viu que Maude não reparara. O que a teria feito dizer *tal* coisa?

De saída, encontrou o pai na garagem.

— Papá — disse ela, depois de se cumprimentarem —, a mamã não está um pouco maluca? Já tinha reparado noutras coisas, mas ainda agora…

O rosto longo e atraente, que tanto lembrava Edda, fechou-se em copas, os olhos cinzentos… cautelosos?

— A tua mãe está bem, minha querida.

— Tem a certeza?

— Absoluta. Presumo que ela tenha dito alguma coisa sobre Kitty. Sim, bem me parecia. O casamento de Kitty afetou-a bastante.

— Mas ela sempre quis um homem rico para a Kitty!

— Os desejos são passageiros, Tufts. A realidade é algo diferente.

— Papá, a Kitty já não está no presbitério desde abril de 1926. — Tufts pousou a mão sobre o braço do pai. — A cabeça da mamã está a falhar um pouco e eu acho que tu o sabes.

Os jornalistas australianos tinham apenas uma forma de calcular a taxa de desemprego, pois ninguém no governo fazia estatísticas de coisas que lhes pareciam insignificantes. Contudo, um grupo de homens com emprego registava tudo; estes eram os sindicatos, para quem era importante conhecer as taxas de emprego. No início, cada sindicato não estava interessado em saber quantos membros de um sindicato diferente estavam empregados, mas rapidamente perceberam como era importante ter uma ideia global dos sindicalizados. A organização central mantinha um registo dos números, apresentados em percentagens, e nesta base os desempregados começaram a ser calculados.

Alguém decidiu que os trabalhadores sindicalizados constituíam metade da força de trabalho, visto que muitas pessoas com emprego não sentiam a necessidade de se associarem a sindicatos ou não gostavam de pagar as contribuições sindicais ou não tinham sindicato para a sua atividade profissional. Assim, os jornais e as revistas, sem outra alternativa, aplicaram uma regra de ouro: o total de desempregados era o dobro dos desempregados sindicalizados.

No final de 1929, talvez cerca de quinze em cada cem homens empregados já não tinha trabalho.

Com o desemprego vieram dificuldades horríveis, à medida que as pessoas iam sendo despejadas das suas casas por todo o país. Surgiram cidades inteiras de barracas na periferia das grandes vilas e de todas as cidades para albergar as mulheres e os filhos dos homens desempregados. Estes homens embrulhavam uma pequena seleção de pertences essenciais numa manta, chamavam a esta trouxa cilíndrica uma «trouxa de vagabundo» e faziam-se à estrada a pé, percorrendo por vezes milhares de quilómetros à procura daquilo que a Austrália

não lhes podia dar: emprego.

Segundo os homens do governo e das finanças, a chave para ultrapassar toda esta miséria era algo conhecido como redução de despesas. Isto significava que nenhum órgão público (e a maior parte dos órgãos privados seguiram o exemplo) podia gastar dinheiro em nada, desde ordenados a obras: nada de novas infraestruturas, nada de novos empregos, mais cortes nos empregos existentes e grandes reduções nos ordenados. Uma ou duas vozes contestaram, defendendo que para sanar a Grande Depressão os órgãos públicos *deviam* gastar dinheiro em novas infraestruturas, mas em 1930 ninguém estava preparado para ouvir.

O emprego, e não a redução da despesa, era a solução, disse o renegado líder trabalhista da Nova Gales do Sul, Jack Lang, que também defendia que o governo australiano não devia pagar a sua dívida ao estrangeiro enquanto os australianos não tivessem melhores condições de vida. Ninguém, de nenhum estrato social, queria compreender que os governos, desejosos de modernizar e expandir, o tinham feito às custas do dinheiro estrangeiro e que no processo tinham incorrido em dívidas avultadas, que a crise tornara, de repente, impossíveis de pagar; na verdade, tinham hipotecado a sua gente, em vez dos bens imobiliários.

Simples donas de casa, como Grace Olsen, não tinham bem a certeza do que se passava para julgar a agitação financeira, e de entre as irmãs Latimer ela era a que se encontrava mais longe de uma opinião informada. Na sua casa elegantemente mobilada em Trelawney Way, Grace começava a adquirir um certo estatuto social, graças a uma combinação de qualidades não muito usuais entre os habitantes de Trelawney: tinha conhecimentos de saúde feminina e infantil, sabia escrever cartas e preencher formulários de todo o tipo, tinha algumas noções sobre assembleias e serviços públicos, e não era snobe.

No final de dezembro de 1929, Bear começou a limitar rigorosamente os gastos de Grace, de formas a que ela não podia escapar. Com o risco de parecer miserável, Bear disse a Grace que tinham de poupar para o futuro e que, para

isso, iria cortar a mensalidade que lhe dava para governar a casa. Nada de roupa nova, nada de cortinas novas, nada de cortes caros de carne, e deveria comprar roupa alguns tamanhos acima para Brian… John podia usá-la quando já não lhe servisse. Apanhada de surpresa, Grace respondeu com resignação.

O que Bear não teve coragem para lhe contar foi o corte drástico que sofrera no seu ordenado. As pessoas já não compravam os produtos da Perkins, à exceção daqueles sem os quais não podiam viver, tais como linimentos, pomadas e preparados para preservar a carne.

Metade do pessoal de vendas fora dispensado, o que significava para Bear um circuito tão amplo que demorava várias semanas a percorrê-lo. A mensalidade que recebia da Perkins para fazer face às despesas fora reduzida para um mero nível de sobrevivência, por isso dormia no seu carro durante seis noites, e uma em sete noites num hotel para tomar banho e lavar a sua roupa.

Algo nos seus olhos silenciava os protestos de Grace. Pareciam atormentados, até um pouco exaustos, e a alegria que sempre espreitava neles desaparecera. Era evidente que eram tempos difíceis para ele, Grace apenas não sabia quanto e menosprezava o seu sofrimento.

Assim, Grace voltou-se para Jack Thurlow, tão constante como o sol.

— Sabes o que aconteceu a Bear? — perguntou-lhe ela.

A vasta experiência com Grace aconselhava-o a manter a preocupação para si mesmo e não a deixar ver qualquer indício dela. Jack parecia ligeiramente curioso.

— Não sei bem o que queres dizer, Grace.

Grace encolheu os ombros.

— Ele mudou. Ou será que quero dizer que ele perdeu o sentido de humor? Bear passava a vida a rir, agora nunca o faz. Ele diz que a situação está difícil… bem, deve mesmo estar porque ele cortou a minha mensalidade para governar a casa… mas não *fala* comigo sobre as coisas.

— Devias ver isso como um elogio — respondeu ele com um sorriso descontraído. — A empresa de Bear está a passar por um aperto, é tão simples quanto isso.

— Mas ele disse-me para comprar a roupa de Brian alguns tamanhos acima… será que ele quer que o *nosso filho* pareça do West End, com as calças reviradas na cintura e as mangas dos casacos arregaçadas até às axilas? Que eu remende os buracos das meias?

— Eu fui criado assim e os meus pais tinham dinheiro. A aparência não é tudo, Grace — disse Jack de forma muito direta. — Brian é um menino tão bonito. O que quer que vista não pode mudar isso, e sabes bem que Brian não se vai importar de andar com roupa arregaçada.

Frustrada, Grace não fez mais perguntas, mas disse a Edda quando esta a visitou:

— Não faz sentido nenhum poupar desta maneira. Brian parece um miúdo do West End… é escandaloso! O pequeno John está sempre vestido com roupa em segunda mão! O que é que as pessoas vão dizer?

— Em Trelawney, as pessoas vão dizer que os teus filhos são iguais aos filhos das outras pessoas, penso eu. Pareces a Maude a falar — disse Edda, sem qualquer compaixão. — Podia ser bem pior, não consegues ver isso? Bear tem trabalho até a Perkins deixar de existir, mas ele recebe comissões além do ordenado base, e os seus rendimentos baixaram. — Edda respirou fundo. — Faz chá, Grace. Trouxe alguns biscoitos de aveia e coco do presbitério.

— E isso não é um sinal dos tempos que vivemos? — Grace suspirou. — Nada de bolinhos com compota e natas, só biscoitos de aveia. — Grace ficou mais animada. — São bons para mergulhar no chá, não se desfazem facilmente.

— Porque achas que os escolhi? Brian e John também podem mergulhar os biscoitos connosco.

Depois de terminarem o chá e os biscoitos e de terem lavado dois rostos branquinhos como a neve, Grace voltou ao seu queixume: a falta de dinheiro.

— Quanto tempo achas que vai demorar até Bear voltar a receber bem? — perguntou ela, enquanto polia a mesa da cozinha.

— Digo-te isto, Grace, és capaz de ser a mulher mais choramingas do mundo, mas consegues manter a casa imaculada sem qualquer ajuda, o que é mais do que Maude é capaz de fazer.

— Ter a minha empregada de volta era o paraíso, mas até eu sou capaz de perceber que esses dias acabaram! — respondeu Grace, mordaz. Ela nunca gostara que lhe chamassem choramingas. — Por quanto tempo vai ser assim tão difícil?

— Charlie Burdum diz que vão ser anos.

— Huh! Ele ainda nada em dinheiro!

— É verdade, mas também emprega muita gente, e Kitty também. Tu sabes o número de mulheres abandonadas no West End, Grace. Todos se esquecem das mulheres… como se não existíssemos ou se não tivéssemos dado à luz os homens. Em todo este país mergulhado nas trevas, existe apenas uma pensão para mulheres abaixo dos sessenta anos: a pensão de viuvez do governo da Nova Gales do Sul, e é uma autêntica miséria. Todos os outros governos *ridicularizam* a Nova Gales do Sul por conceder a pensão. É o Estado que mais dinheiro deve a Londres, mas, se tivesse recebido uma parte justa do fundo monetário federal, não teria precisado de pedir tanto emprestado. Vitória e a Austrália Ocidental recebem sempre mais do que deviam. — Edda inclinou-se para a frente e abanou a irmã furiosamente. — Tira esse ar apático do teu rosto! Isto é importante! Pode ser que se torne pessoalmente importante para ti, um dia, por isso *ouve*! Não te desligues!

A frustração de Edda face à apatia e burrice de Grace não tinha evaporado completamente quando se encontrou com Jack Thurlow para passear a cavalo junto ao rio, embora tenha acabado por pôr o assunto de lado quando entrou no seu quarto em Corundoobar, desfrutando da relação sexual com ele. Após uma longa relação amorosa, o corpo dele era-lhe tão familiar como o seu, mas ainda continuava a deliciá-la. Da mesma forma, o dela parecia deliciá-lo.

— Porque continuas a voltar para mim? — perguntou ela.

— Oh, isso é fácil — disse ele, saboreando o seu cigarro — Tu és uma mulher difícil de agradar, extremamente desejável, que permite a existência de relações sexuais sem exigir que estas sejam legitimadas pelo casamento. É

perfeito ter uma amante requintada e respeitável. A maior parte dos homens tem de se contentar com uma prostituta, e nem que tivesses cem amantes, Edda, alguma vez serias uma prostituta.

— Porquê? — perguntou ela, espreguiçando o corpo nu.

— A prostituição é um estado de espírito, em que a mulher espera ser paga pelos seus serviços. O dinheiro nem sempre é a moeda de troca, pode ser tudo, desde poder a atos, mas há sempre um contrato que se tem de assinar. Não é o *ato* que faz de uma mulher uma prostituta, é simplesmente a sua atitude mental. Os homens também se prostituem, mas o sexo não costuma ser a sua arma.

— Isso é algo muito estranho e perspicaz de se dizer, vindo de um mero criador de gado. Mas são as tuas qualidades que me atraem, admito isso com todo o gosto. A tua mente não é aborrecida. És exímio a plantar batatas, mas as batatas não têm lugar nos teus pensamentos. — Edda juntou as mãos por cima da cabeça sobre a almofada. — Então, quer dizer que eu sou desejável?

— Como um *buffet* para um comilão.

— Um pouco em falta no que diz respeito ao peito — respondeu ela com um sorriso endiabrado.

— Mais do que cabe na boca é um desperdício.

— Vem massajar-me as costas, seu preguiçoso.

Adoravam partilhar banhos de chuveiro, após os quais a comichosa Edda mudava de roupa para se livrar do cheiro a cavalo e sentava-se com ele na velha cozinha de estilo colonial a beber uma garrafa de cerveja fresca da sua caixa de gelo. Como criador de carneiros, Jack fazia o seu próprio gelo.

— Charles Burdum é o herói da cidade — disse ele.

— O meu estimado cunhado. Ele é um herói por direito próprio, acho eu. Roma e Pavia não foram feitas num dia e o hospital também não o será, mas ele começou-o e não vai parar até estar pronto. O dinheiro está lá. — Edda olhou para Jack com afeto… porque não com amor? — Graças a ti, até os tijolos serão locais. Ninguém sabia que existia um depósito de argila em Corbi até tu o mencionares.

— O velho Tom Burdum sabia. Solo infértil, razão pela qual nunca se

expandiu na direção de Corbi. Ninguém queria essa terra.

— Para onde achas que Charlie vai, Jack?

— Hum?

— Corunda nunca o vai satisfazer. Existe um lado político em todas as suas boas ações, não reparaste? Quando descobriu que a maior parte dos habitantes do West End não tinha transporte para chegar a Corbi e fazer tijolos, foi a Sydney e comprou um autocarro velho de dois andares. Os mecânicos locais não se importam de fazer a manutenção do autocarro de graça, tirando o custo das peças… ele é astuto, o Charlie. Tinha dinheiro mais que suficiente para comprar um autocarro novo e contratar um mecânico. No entanto, se estivesse no parlamento, todo e qualquer habitante do West End votaria nele, independentemente do seu partido — disse Edda, sonhadora. — Ele deu-lhes uma nova indústria *e* um meio de transporte até ela. O custo, no total? Cem libras.

— Não achas que isso é um juízo de valor demasiado duro?

Edda fez um som bastante rude.

— Olha para a situação e para ele, Jack, olha! Sydney está a rebentar com motins entre a polícia e os desempregados, os idiotas federais passam a batata quente aos Estados e tudo o que fazem pelo seu povo é anunciar que um nobre qualquer do Banco de Inglaterra vem aconselhar a nação sobre as suas estratégias económicas… Tretas! A Austrália Ocidental está a tentar separar-se outra vez… Quem me dera que o fizessem, não podem fazer uma confusão maior do que Camberra já fez. A nossa libra australiana está a desvalorizar, e agora Jimmy Scullin teve de despedir o seu tesoureiro porque dizem que o homem é um autêntico larápio! Pergunto-te, isto é governo? Para mim, é patético.

— Adoro observar-te quando estás indignada.

Dando uma gargalhada, Jack pegou na mão dela e beijou-a.

— Tens razão em relação à política, mas onde *exatamente* é que Charles Burdum se encaixa no meio disto tudo?

— Não sejas burro, Jack. Já te disse. Ele tem grandes aspirações políticas,

penso que direcionadas para o parlamento federal em Camberra. O Muito Honorável Charles Burdum, Primeiro-Ministro da Austrália. O que não consigo antecipar é a que partido se vai associar. Pela sua história e fortuna, é conservador, mas tem uma afinidade espiritual com o homem trabalhador, o que sugere a ala direita do Partido Trabalhista.

— Ele não pode ser primeiro-ministro! — exclamou Jack, aterrado. — Ele é um *pommy*, não um verdadeiro *aussie*.

Os olhos de Edda troçavam dele.

— Isso não está escrito na Constituição, embora devesse estar, como no caso da América. O facto de ser *pommy* não vai travar um político ambicioso.

— Tens razão. Não vão fazer caso disso, se calhar até escondem esse facto.

Quando Bear Olsen regressou a casa no final de julho de 1930, chegou no comboio de Sydney num compartimento de segunda classe, depois andou cinco quilómetros da estação até à sua casa bege e verde em Trelawney Way, carregando a sua mala de viagem como se pesasse uma tonelada. Tinha o chapéu puxado para baixo até às sobrancelhas, porque os olhos que a aba escondia estavam vermelhos e inchados de tanto chorar. A viagem de cinco horas neste comboio que parava em todas as estações tinha sido uma bênção, pois pudera deixar correr livremente as lágrimas sem que ninguém reparasse. O que interessava se alguém o visse? Não que muitos o tivessem visto; até um bilhete de segunda classe num comboio era demasiado caro para a maioria dos homens e mulheres nos dias que corriam. Também era demasiado dispendioso para ele, mas sabia que tinha de chegar a casa o mais depressa possível assim que começasse o caminho nessa direção; vaguear pelas estradas secundárias como um vagabundo à procura de emprego era o seu futuro.

Os seus filhos encontravam-se no quintal das traseiras, conseguia ouvir os seus gritos e conversa animada enquanto subia os degraus do alpendre e receava o inevitável encontro. Grace encontrava-se no alpendre envidraçado onde estavam as plantas, conseguia ouvi-la a cantarolar… como ela adorava aquele paraíso verdejante!

— Grace? — chamou ele da sala de estar, pousando a mala de viagem.

— Bear! Oh, Bear! — gritou ela, correndo para ele para o abraçar e beijar-lhe o queixo com a barba por fazer. — Não ouvi o carro… estacionaste na rua?

— Nada de carro — conseguiu ele dizer.

Tirou o chapéu. Grace olhou para o rosto do marido e começou a tremer.

— Oh, Bear, o que aconteceu?

— A Perkins faliu — disse ele, apaticamente. — Sem emprego, sem carro, sem indemnização, apenas uma carta de recomendação brilhante que diz que sou o melhor vendedor da Austrália. No entanto, nesta altura tão terrível, não tive coragem de vender às pessoas produtos sem os quais podem viver. Não que o senhor Perkins me tenha pedido para o fazer. No final, tudo se desmoronou.

Com um braço em volta da cintura dele, Grace conduziu-o até ao paraíso verdejante e sentou-o na cadeira de verga, puxou outra cadeira para perto dele e segurou-lhe as mãos nas suas.

— Vais arranjar outro trabalho — disse ela, tentando sossegar o olhar trágico, medir a quantidade de lágrimas que já devia ter derramado.

— Não, Grace, não vou — disse ele. — Passei dez dias a percorrer a cidade de Sydney com a minha brilhante carta de recomendação na mão, mas não há empregos na área das vendas. Nada de nada. As pessoas deixaram de comprar. Oh, que choque, Grace! Há homens desempregados por todo o lado, filas com *milhares* de pessoas a candidatarem-se a um único trabalho, os polícias andam armados com revólveres nos locais onde os motins são constantes, as lojas estão todas abandonadas e entaipadas, casa vazia após casa vazia, emparedadas para manter ocupantes ilegais longe… Se não fosse o Exército da Salvação e outras organizações religiosas a distribuir comida, desconfio que Sydney seria uma cidade de gente morta. Pelo menos, os sítios que eu vi. Algumas partes da cidade estão melhor, mas os desempregados não vão para lá porque não existem fábricas ou oficinas. — Bear começou novamente a chorar. — Raios, não queria chorar! Pensei que já não tivesse mais lágrimas para chorar.

Grace aproximou-se da cadeira dele e encostou a cabeça de Bear ao seu peito, espantada por não verter uma lágrima e por ser capaz de manter a compostura.

— Tens de te animar, Bear. Estás em *casa*! — disse ela, colocando toda a sua emoção naquela maravilhosa palavrinha. — Tens a tua família aqui, contactos

úteis… Charlie vai arranjar-te algo para fazer, ele tem dado muitos empregos por aqui.

— Não a vendedores — respondeu Bear.

Grace retirou o lenço do bolso e deu-o a Bear.

— Não tem de ser um trabalho em vendas, meu querido. Não imediatamente, mas quando der. Até a situação melhorar, poderá até ser… oh, nem consigo adivinhar!

— Grace, sabes bem que os únicos empregos que existem são trabalhos duros. Eu sou vendedor desde miúdo, ainda nem tinha barba, por isso tudo o que sei fazer é falar, andar e conduzir. Não sou capaz de levantar sacos pesados de trigo ou trabalhar com uma picareta e uma pá, nem que a minha vida dependesse disso. — Bear levantou-se, novamente sem lágrimas. — Além disso, não posso usar a minha relação com um homem importante para obter um emprego que milhares de pessoas andam a lutar para conseguir. Por isso, não, não vou pedir emprego a Charles Burdum… ou a Jack Thurlow ou ao teu pai.

Chocada, Grace afastou-se para olhar fixamente para ele e viu que a sua boca, geralmente tão sorridente, tinha os cantos revirados para baixo de forma implacável, as faces emaciadas, um pescoço fininho por baixo do queixo… quando teria comido pela última vez?

— Vamos para a cozinha, vou fazer-te o almoço — disse ela, levantando-o. — Os rapazes já comeram, por isso não lhes vou dizer que chegaste até teres conseguido comer descansado, tomar um banho quente e mudar de roupa. Acredita — continuou ela, enquanto andavam —, vais sentir-te como novo.

Na cozinha, Grace sentou-o em frente da bancada e começou a cortar o pão.

— Vês? Nada de presunto ou salmão de lata, querido! — Grace riu-se, um som tão alegre. — Nestes últimos tempos, tenho sido eu a fazer a minha própria compota, pasta de peixe e *Marmite*, e guardei a caixa de gelo na garagem. A Edda deu-me a pequena que tinha no quarto… mantém tudo de que preciso gelado com um bloco de gelo mais pequeno.

Mas porque será que isso o fez chorar novamente? Determinada a ignorá-lo, acabou de fazer as sanduíches de pasta de peixe para Bear e, enquanto este as

comia, acompanhadas por um bule inteiro de chá, Grace preparou-lhe um banho de água quente. Por fim, alimentado, de banho tomado, barbeado e vestido, estava em condições de ver os filhos. Oh, Bear, não chores à frente deles também, rezou Grace.

Bear não o fez. Visto que tinha percorrido mais de seiscentos mil quilómetros quadrados a vender, esta fora uma ausência bastante prolongada, por isso ficou chocado quando viu os filhos. Brian tinha agora dois anos e quatro meses, com pernas compridas e altas, elegante como ambos os pais; o seu cabelo era muito louro, mas menos que o de John. E John era como Brian, com quase catorze meses… a andar e a falar, muito vivaço, curioso e adorável. De algum lado, Bear conseguiu reunir forças para se comportar ao pé deles como sempre fizera, atirou-os de um lado para o outro, riu e brincou com eles a fingir que lhes batia… chegou mesmo a tirar da sua mala de viagem um *puzzle* para Brian e um pião para John. Podia estar falido, mas como podia um pai regressar a casa sem um presente para os filhos?

— Onde é que eu me registo como desempregado em Corunda? — perguntou a Grace, depois de os rapazes acalmarem um pouco a brincar com os seus presentes.

— É tudo para trabalhos duros — disse ela. — Vão dar-te um subsídio para trabalhares para o governo, e este só tem trabalhos duros. Os empregos para trabalhadores qualificados simplesmente não existem. Poucos conseguem fazer o trabalho, mas recebem o subsídio à mesma. Se forem obrigados a apresentar-se para trabalhar, limitam-se a ficar encostados sem fazer nada.

— Não vou pedir um subsídio! Estão a dar-me algo em troca de nada.

— Charlie vai arranjar-te algo decente para fazeres.

— Não vou puxar cordelinhos indo falar com Charlie, está decidido.

Felizmente, a sua árdua lubuta nas duas últimas semanas tinha-o deixado exausto; às cinco da tarde, encontrava-se deitado a dormir, e Grace ficou livre para tratar dos miúdos e prepará-los para dormir.

Às seis da tarde, na mais absoluta escuridão, Grace acendeu uma lamparina de querosene e caminhou até ao cruzamento de Trelawney Way com a Wallace

Street, onde se encontrava uma cabina telefónica vermelha com painéis de vidro de estilo georgiano. O telefone de sua casa fora desligado quando Bear decidira reduzir as despesas da casa em dezembro.

Quando a moeda caiu, uma voz feminina atendeu.

— Kitty? Graças a Deus!

— Grace? És tu, Grace? Não pareces tu!

— Podes vir ter comigo já? Estou na cabina telefónica, mas não me atrevo a ficar fora de casa muito mais tempo.

— Assim que encontrar um táxi, vou para aí.

A vida com Charlie, como Kitty descobria aos poucos, trazia-lhe compensações por ter desistido da enfermagem. Embora amasse muito Charlie, tinha sido um enorme sofrimento abandonar as suas crianças doentes, mas as regras eram inflexíveis: *não eram permitidas enfermeiras casadas*! No entanto, tinha a Casa Burdum para renovar, um empreendimento que envolvia várias viagens a Sydney para escolher azulejos, papéis de parede, tecidos, chão, lustres e candeeiros de parede, mobílias e elementos decorativos para o interior. Como encontrou em Edda uma preciosa ajuda para a orientar em termos de gosto, Kitty coordenou as suas expedições com os dias de folga de Edda, e as duas divertiram-se imenso em Sydney, ficaram no Hotel Australia e jantarem em restaurantes onde o cozinheiro estava disposto a cozinhar bem a carne que comiam.

As suas tentativas na cozinha não foram muito bem-sucedidas; não ficava minimamente entusiasmada a ver os conteúdos de uma panela ferver ou frigideiras a fumegar, por isso, quando Charlie lhe propôs uma solução, Kitty estava mais que disposta a ouvir. Iriam contratar um *chef* suficientemente talentoso para cozinhar de forma a agradar a ambos os polos, o norte de Charlie e o sul de Kitty.

Um encantamento que Kitty não tinha esperado sentir envolveu toda a sua vida. Charlie era um amante maravilhoso, embora não percebesse por que razão

presumira de início que não o seria, até se aperceber de que transferira para ele o seu próprio complexo de inferioridade por ser tão pequena. Ser pequeno era desadequado, ser pequeno não podia ser a resposta às preces de uma donzela. Agora, apaixonada por Charlie, Kitty desfrutava do prazer de estar com alguém que era perfeito para ela. Os seus poucos relacionamentos com homens ao longo dos anos tinham-na intimidado, percebia agora. Os homens de estatura média eram ainda demasiado altos para ela, que tinha de se pôr em bicos de pés para dar um beijo, enquanto os homens de um metro de oitenta a levantavam do chão. Por alguma razão desconhecida, havia ainda homens que a queriam pegar ao colo e carregá-la como a um cão doente… a metáfora de Kitty, que provocava sempre ataques de riso a Charlie.

Tendo tudo isto em consideração, Charlie era… Charlie era *perfeito*! Como que por instinto, sabia exatamente como a excitar e tinha mil e uma maneiras de a beijar, todas elas deliciosas. Charlie tocava-lhe com tanta veneração como paixão e dava a entender a Kitty que ela lhe dava imenso prazer.

Assim, a Kitty que tinha de esperar por um táxi estava a transbordar de alegria, uma alegria tão genuína que ela nunca pensara poder ser maior até àquela mesma manhã, quando o doutor Ned Mason lhe disse que não havia qualquer dúvida de que ia ter um bebé. Um bebé! O seu próprio bebé!

Grace e Kitty encontraram-se e ficaram estupefactas.

Grace viu uma Kitty mudada, linda e triunfante, uma mulher livre de preocupações, aflições e angústias.

Kitty viu uma Grace exausta, sem qualquer alegria, com os olhos salientes e o corpo trémulo, a sua beleza murchara.

— Grace, querida, o que é? O que se passa?

Como resposta, Grace passou por ela juntando as mãos e depois virou-se, como se estivesse a ganhar uma coragem desaparecida, e disse:

— Bear perdeu o emprego.

— Grace! Mas… mas que coisa *terrível*! Vamos sentar-nos na cozinha, está mais quente lá dentro por causa do fogão… graças a Deus que Jack Thurlow te mantém bem abastecida de lenha — balbuciava Kitty, puxando a chaleira para

cima da parte mais quente da chapa do fogão. — Não, eu faço o chá.

— És demasiado baixa — disse Grace, empurrando Kitty para a cadeira e deitando um pouco de água quente para dentro do bule para o aquecer. — O que nós as duas precisamos é de um bom chá forte. — O seu olhar cor de cinza, ao acalmar-se, acabou por ver de forma clara. — Que maravilha! — gritou ela — Estás grávida!

— Só descobri esta manhã, mas não digas a ninguém até eu ter oportunidade de contar a Charlie.

— A minha boca é um túmulo, prometo. — O processo de fazer o chá continuou a decorrer com uma eficácia tranquila. — Na verdade, eu estou bem, apenas assustada com a mudança de Bear — disse ela, distribuindo chávenas e pires. — Eu tive de ser a pessoa forte quando ele chegou a casa hoje, o que *é* uma raridade, não achas? E sabes que mais, Kits? Consegui! Fui forte pelo Bear e pelos rapazes. Eu… eu, euzinha… não era importante naquela altura. Ele chorou tanto! Tinha tanto orgulho em ser o melhor vendedor da Perkins! Mas a empresa faliu, fechou as portas. — Kitty serviu o chá. — O problema é que ele não é um homem forte em termos físicos, não seria capaz de aguentar um trabalho duro. Além disso, é um homem orgulhoso. *Muito* orgulhoso! Preciso que fales com Charlie e lhe expliques tudo isto.

— Não te preocupes, é o que vou fazer. Concordo com a questão do trabalho duro, mas Bear tem um cérebro, o que é muito melhor. Charlie saberá o que fazer.

— Não é assim tão fácil — disse Grace, dando um gole no chá muito quente. — Bear meteu na cabeça que seria errado puxar os cordelinhos e pedir ajuda a Charlie. Na verdade, ele nem me quis ouvir a respeito disso. Honestamente, Kits, não estou a exagerar.

— Percebo.

— Oh, Kitty, espero mesmo que percebas!

Charles Burdum entrou nesse momento com a boca tensa.

— Pelo menos deixaste-me uma mensagem, devia ficar grato por isso, não é? — disse ele, sentando-se à mesa, mas com uma mão esticada imperiosamente

para Grace. — Não, não quero chá, *por favor*! Como é que vocês conseguem beber alcatrão de hulha e chamar-lhe chá é que eu não entendo.

— Querido, querido — disse Grace, suavemente —, estamos de mau humor?

— Um táxi, Kitty? — perguntou ele. — Era tão urgente visitar a tua irmã a esta hora?

— Na verdade, sim — respondeu Kitty, um pouco incomodada com o seu descontentamento. — Bear acabou de regressar a casa sem emprego. A Perkins deixou de existir. O pobre desgraçado está desnorteado.

A estalada metafórica no rosto dele teve o efeito esperado; Charles ficou horrorizado, arrependido e envergonhado.

— Oh, Grace, lamento imenso! — E à sua esposa disse: — Minha querida, peço desculpa. Foi um daqueles dias maus, mas não tinha o direito de descarregar em ti.

— O que importa é irmos diretos ao assunto, Charlie — disse Kitty, pondo as desculpas de parte. — Bear está a ser muito teimoso e recusa-se a pedir-te emprego ou a puxar cordelinhos de qualquer espécie.

— Eu compreendo — retorquiu Charles com sinceridade. — Tudo o que Bear é, conquistou-o com o seu próprio esforço e trabalho árduo. O orgulho de um homem trabalhador é muito forte nele, sempre admirei o seu sucesso.

— Entretanto, Charlie, Grace teve de ir com uma lamparina de querosene até à cabina telefónica para me chamar, e eu recuso-me a ter de me preocupar com isso também. Grace tem de ter um telefone — disse Kitty —, mas não uma linha partilhada.

— Grace terá um telefone, e não uma linha partilhada.

Kitty inclinou-se na direção de Grace, os olhos suplicantes.

— Tens de explicar a Bear, Grace, que é para o papá ficar descansado. Sem um telefone, tu e os meninos ficam isolados da família.

— Sim, Kitty, eu compreendo isso e aceito de bom grado. Se o papá não fosse pastor, Bear ouvia-o, mas ele odeia a religião. Bear diz que todas as guerras são travadas por causa de ideias divergentes de Deus — disse Grace, que começava a ver que os seus problemas atuais nunca interessariam a mais

ninguém da mesma forma que a ela. E a culpa era sua. Se ela não fosse uma incurável gastadora, Bear teria enfrentado aquela catástrofe com 1000 libras no banco, se não mais. Tu, Grace Olsen, disse para si mesma, tens muitas culpas no cartório, até mesmo no atual sofrimento do teu marido. — Bem, — continuou ela, animada —, depois de contar as minhas novidades, não me parece que haja muito para fazer até amanhã, quando Bear acordar. Vais falar com ele, Charlie?

— É claro que sim — respondeu ele de forma calorosa. — Estarei aqui às nove. — Charlie levantou-se. — Espero por ti no carro, Kitty.

— Ele vai ficar mais animado quando lhe contares acerca do bebé — disse Grace, sorrindo. — Quanto a mim, não penses que não admito que é por minha culpa que não temos dinheiro no banco.

Espantada, Kitty olhou fixamente para ela. As lamúrias e a constante autocomiseração pareciam ter desaparecido face a esta terrível catástrofe. O caminho para o martírio que visualizara como o futuro de Grace não era a rota que ela agora tomava.

— Quem me dera que tivesses ficado no curso de enfermagem mais tempo — disse Kitty. — Terias mais probabilidade de arranjar um trabalho a tempo parcial.

Grace sorriu, abanou a cabeça.

— Não, isso nunca foi opção para mim. Assim que conheci Bear, soube o que a minha vida ia ser. Teria ido de joelhos até à China para estar com Bear. Vi-te hesitar com o Charlie durante meses, mas eu nunca tive uma ponta de dúvida em relação a Bear. Algo em mim reconheceu o meu destino.

Um raio de inveja profunda atingiu o coração de Kitty com a força da lança de um guerreiro… como poderia a pateta e cabeça-oca da Grace saber sem sombra de dúvida quem era o seu parceiro, enquanto ela, bem mais inteligente e pragmática, fora tão cega em relação a Charlie? Significaria que o amor de Grace e Bear era muito maior que o dela por Charlie? Charlie soubera logo desde o início. Qual era o problema dela para os seus sentimentos precisarem de ser tão remexidos para virem à superfície?

Kitty foi ao encontro de Charlie no carro não muito depois de este ter saído da casa dos Olsen. À luz ténue do interior do *Packard*, o rosto dela parecia estranhamente preocupado. Bem, fora um choque. Não se podia negar que Grace conseguia ser um fardo pesado de se carregar.

— Vais ter dificuldade em persuadir Bear a aceitar um emprego — disse ela.

— O orgulho de um homem pobre é sempre difícil de subjugar.

— Será que é errado não querer puxar cordelinhos?

Charles deu uma gargalhada.

— O mundo gira à volta de redes mais intrincadas de influências e interesses do que tu imaginas, Kitty, a começar pelos políticos. O coitado do Bear é demasiado orgulhoso para puxar cordelinhos, por isso nunca acumulará poder suficiente para arranjar bons empregos para os filhos, e eu estarei demasiado ocupado a cuidar dos meus para o ajudar. A oportunidade dele é agora.

Algo em Kitty se contorceu; deixou escapar um gemido de aflição.

— Oh, Charlie, não desafies o destino! — suplicou ela.

— O que se passa, minha querida?

— Quando chegarmos a casa — respondeu ela.

No entanto, tinham de jantar primeiro e a língua de Kitty parecia ancorada por mil pesos de chumbo. Tentou, em vão, esperar pelo ambiente mais propício da manhã, esmagada pelas notícias de Grace. Sem saber o que fazer, Kitty conversou sobre a mudança de comportamento de Grace, sem reparar na crescente irritação de Charlie… todo este sofrimento por causa de uma *meia*-irmã?

— Ela anda a pensar cultivar os próprios vegetais, diz que está tão contente por ter plantado uma macieira e uma pereira há dois anos. Huh! Foi Jack Thurlow que as plantou, queria ela dizer… pobre Grace! Também diz que vai criar galinhas… criar galinhas, a Grace?

— Criar o quê? — perguntou ele, sem expressão, tentando dizer algo.

— Galinhas… galinhas, Charlie! Galinhas, quando são demasiado velhas para se chamarem pintos.

— Galinha. Para rimar com palhinha e cozinha.

— Isso mesmo.

— Estou sempre a aprender.

Um silêncio abateu-se sobre eles, pesado como chumbo.

— Charles?

— Acabaste de me chamar pelo meu verdadeiro nome?

— Sim.

Com os olhos a cintilar, Charles endireitou-se na cadeira.

— Eu respondo quando me chamam Charles.

— Vou ter um bebé.

As suas palavras apagaram-lhe literalmente todos os pensamentos do cérebro. Olhou fixamente para ela, boquiaberto, com os lábios a mexer, uma emoção atrás de outra a percorrer-lhe o rosto, os seus olhos agora puro fogo. De repente, convulsivamente, Charles levantou-se de um pulo, agarrou-a e abraçou-a com força.

— Kitty, minha Kitty! Um bebé? O nosso bebé? Para quando, meu amor?

— Ned Mason acha que será em dezembro. Fui vê-lo esta manhã para obter confirmação, e ele disse que estou grávida de quatro meses. — Kitty soltou uma gargalhada. Para Charles, era uma vitória. — Um tempo respeitável e decente após o nosso casamento, embora sejamos, como o meu papá diz, um casal fértil.

Ainda a tremer, Charles sentou-se com a mulher sobre os joelhos e colocou uma mão reverente sobre a sua barriga.

— Ele está aí dentro, a crescer… já tem quatro meses! Estás bem? Ned ficou satisfeito com o vosso estado de saúde?

— Encantado. A minha pélvis é ampla, está tudo como devia estar, o meu metabolismo basal é ideal… resumindo, meu querido Charlie, tenho os olhos brilhantes, o pelo lustroso e o nariz húmido, como os cães saudáveis.

— É um rapaz — disse ele, com certeza.

— As estatísticas Latimer apontam para uma rapariga.

— Grace tem rapazes.

— É o que eu estou a dizer. O papá tem quatro raparigas, por isso talvez Grace já tenha usado os créditos que havia na nossa família para rapazes.

— Vou amar uma rapariga da mesma maneira. Casei com uma.

— É verdade. — Um arrepio percorreu-lhe o corpo. — Ainda assim, hoje não foi um dia auspicioso. Bear perder o emprego… vamos rezar para que não seja um mau presságio!

Grace decidiu ser sincera sobre o que fizera, por isso, quando Bear acordou na manhã seguinte, fez-lhe torradas para o pequeno-almoço e confessou que falara com Kitty.

— Antigamente, teria sido com Edda, mas as circunstâncias mudaram, Bear. Kitty é a mais influente nos dias que correm, por isso pedi-lhe que viesse ontem à noite, e ela veio. Não, não, não implorei um trabalho, isso não me diz respeito, não mais do que diz respeito a Kitty implorar um a Charlie. Eu só queria contar à minha irmã o que acontecera e pedir-lhe que mandasse Charlie cá esta manhã. Ele deve chegar daqui a pouco. Não me interessa sobre o que vocês falem ou o que tu decidas. Já fiz a minha parte ao marcar o encontro.

Bear olhava fixamente para ela, intrigado, sem perceber o quanto Grace mudara ao longo dos últimos oito meses, uma mudança que ele iniciara ao reduzir a mensalidade para as despesas da casa. Não havia rasto da velha e lamurienta Grace; em vez disso, Bear encontrou uma mulher firme e determinada, que compreendia perfeitamente a situação em que se encontrava.

— O que te aconteceu? — perguntou ele, confuso.

Nesta situação, a antiga Grace tentaria fazer-se de parva, mas a nova não.

— Tive de crescer rapidamente — disse ela, servindo-lhe mais chá. — Chega de brincar aos comboios, Bear. Pode-se desculpar esse tipo de comportamento aos nossos filhos, mas nós somos adultos. Nós somos pais e sustentamos a família.

— Não precisas de me atirar isso à cara — murmurou ele, encolhendo-se.

Grace acariciou as suas costas curvadas.

— Bear, não te estou a atirar nada à cara. O que nos aconteceu não foi culpa tua, embora sejamos nós a sofrer. Até mais, aposto, do que as pessoas que

criaram esta confusão toda alguma vez vão sofrer. Estou a tentar fazer-te ver que costumávamos ter um nível de prosperidade que era propícia a ilusões, mas que agora as ilusões são proibidas. Incluindo o orgulho, que o papá considera um pecado. Aceita o emprego que Charles Burdum te oferecer, pelos teus filhos.

Gravemente ferido no espírito, bem como na mente, à deriva num mar de incertezas, Bear quase não ouviu esta Grace que desconhecia nem ligou ao que ela disse sobre o orgulho. Bem, Grace estivera protegida este tempo todo, como podia ela sequer imaginar o que se passara em Sydney, onde Bear teve de ver os subservientes e os lambe-botas a juntarem-se como formigas e a receberem os empregos que outros homens mereciam mais, exceto que estes não estavam dispostos a implorar e a rastejar para os obter. Queria que os seus filhos se tornassem *homens*, não lambe-botas subservientes.

Entretanto, Grace continuou a falar sem parar sobre Charles Burdum e sobre como Bear Olsen devia ser polido com ele…

No que pareceu ser o segundo seguinte, Bear sentiu-se assoberbado por este homenzinho encantador, elegante e gentil, vestido com a roupa apropriada para Corunda, com os seus gestos amplos e a sua maneira de ser despreocupada… não te preocupes, Bear, tudo vai passar num abrir e fechar de olhos!

— Entretanto, Bear — continuou Charles, cheio de entusiasmo —, tenho um emprego ideal para ti! Juro-te, ideal! Está a surgir uma nova área de trabalho precisamente para homens com as tuas aptidões… o dom da palavra, por assim dizer. A área chama-se relações públicas e é *fascinante*! À medida que a população cresce e os governos e outros tipos de instituições públicas se tornam cada vez mais anónimos, é necessário dar a conhecer à população o que se está a passar. Se a população não for educada relativamente aos homens sem rosto que ocupam os cargos de autoridade e poder, vão surgir problemas devido à ignorância e a equívocos. — Os olhos cor de caqui estavam fixos no rosto de Bear. — Estás a acompanhar? — perguntou Charles.

— Sim — respondeu Bear.

A aquecer para o tema principal, Charles continuou de forma apressada:

— O que eu te estou a oferecer, em termos práticos — disse ele —, é um

trabalho de vendas. No entanto, em vez de venderes produtos, vais vender ideias e serviços que as pessoas não veem nem conseguem tocar, como uma lata de pomada ou garrafa de linimento. Lidera a nova empresa de relações públicas de Corunda e começa a vender Corunda!

— Oh! — suspirou Grace, encantada.

— Desculpa, mas não posso aceitar esse emprego — disse Bear.

Charles pareceu aturdido.

— O quê?

— Não é para mim.

— Que disparate! És um vendedor excecional, é ideal.

— Sou praticamente analfabeto — respondeu Bear.

— És alfabetizado o suficiente para escrever bons relatórios… já os vi — disse Charles, revelando que já pensara em Bear Olsen para o cargo de relações públicas.

— Lamento, mas não. Relações públicas? É mais enganar as pessoas para obter a sua confiança — disse Bear. — Não quero o emprego, é uma fraude. É melhor esclarecermos as coisas agora, Charlie. Eu não quero *nenhum* emprego vindo de ti, porque isso significaria que um pobre desgraçado, que esperou a sua vez para obter este emprego, o ia perder a meu favor, pelo simples facto de eu ser teu cunhado. Eu sou o último na lista de empregos em Corunda, por isso vou registar-me como desempregado na Câmara Municipal e esperar a minha vez. Contudo, *não vou* humilhar as minhas origens ao aceitar receber um subsídio por não fazer trabalho nenhum!

Com o som de uma almofada de borracha a perder o ar, Grace deixou-se cair na cadeira e olhou para Bear com lágrimas nos olhos.

Charles virou-se para ela.

— Grace, faz com que o teu marido veja a razão.

Foi então que Grace surpreendeu Charles e Bear, embora não tanto como a si mesma.

— Não, Charlie, não vou fazer tal coisa — disse ela. — Se Bear prefere não ser ajudado a subir uns lanços da escada, então eu apoio a sua decisão. Ele é o

homem da casa.

— Vocês estão a ser demasiado orgulhosos!

— Pelo menos, não seremos hipócritas — disse Grace de forma corajosa.

Charles Burdum levantou as mãos no ar e saiu de rompante.

Assim, de cabeça erguida e chapéu na mão, Bear registou-se na Câmara Municipal para empregos disponíveis, recusando, em simultâneo, o dinheiro do subsídio. A notícia de que Bear Olsen tinha princípios e que recusara aceitar a ajuda do seu poderoso cunhado espalhou-se como um relâmpago azul de corrente elétrica por todo o distrito. Uns condenavam-no pela sua imensa estupidez, mas muitos mais elogiavam-no pela sua integridade de homem trabalhador.

O humor de Bear esmoreceu e tornou-se um visível desespero, vagueando pela sua casa em Trelawney Way como um fantasma, saindo do caminho da mulher e dos filhos sempre que se cruzava com eles, como se não fosse capaz de estar na sua companhia. Uma espécie de ódio por si mesmo obrigava-o a manter-se agarrado a um orgulho esfarrapado, como que a um mastro flutuante num mar tão rarefeito que chegava a ser mais vaporoso que líquido.

— Podes construir um galinheiro como deve ser para Grace — disse Jack Thurlow numa rara visita; Grace pedira-lhe para limitar as suas visitas depois de a primeira delas ter feito o humor de Bear afundar ainda mais.

Também para Jack, a tragédia dos Olsen fora acompanhada por uma série de choques desagradáveis, sendo um deles esta nova força de Grace. Muito confuso, Jack estava contente por lhe ter sido pedido para se afastar e obedeceu, mas, quando Grace lhe pediu para a ir ver, foi logo a correr, pondo tudo o resto de lado. Jack compreendia a reação de Bear às ofertas de ajuda de Charlie, que surgiam tão rapidamente como as recusas de Bear. O facto de Charlie não compreender devia-se à sua ignorância sobre o homem trabalhador, que preferia morrer à fome do que aceitar caridade.

— Bear é que sabe se não quer aceitar o emprego que Charlie lhe ofereceu

— disse Grace a Jack um dia —, mas o facto é que está a precisar de levar um pontapé no traseiro para começar a fazer algum trabalho *nesta* casa. Quero criar algumas galinhas poedeiras, mas isso significa fazer uma capoeira bem melhor, e quero cultivar os vegetais da época… chuchus, se não conseguir plantar mais nada.

Chuchus! Jack engasgou-se. Oh, eles crescem como ervas daninhas e podem ser assados, cozidos, fritos, podem ser usados para fazer compota ou molho, mas…! Eram horríveis, horríveis, horríveis! Tinham tanto sabor como urina diluída e nenhum valor nutricional.

Grace continuou a falar, sem qualquer cuidado, lançando dinamite como se fossem chuchus.

— Mas eu não posso fazer tudo sozinha, Jack, e os meninos são muito pequenos para ajudar. Bear devia tratar do jardim e das galinhas.

Providenciando os materiais e uma supervisão apertada, Jack assegurou-se de que era construída uma capoeira em condições e resistente, e que algumas das galinhas vermelhas de Rhode Island de Maude eram instaladas, juntamente com um balde diário de uma seleção de produtos agrícolas da sua propriedade. Como Bear não sabia como cultivar batata, cenoura ou nabo, muito menos couve, feijão-verde ou alface, Jack tentou ensiná-lo, mas acabou por descobrir que os seus filhos eram alunos mais aptos. A única coisa que se podia esperar de Bear era que não se esquecesse de fechar a porta da capoeira ou que não pisasse uma fileira de vegetais recém-plantados. Não era capaz de terminar nenhuma tarefa que começasse. O trabalho acabava sempre por sobrar para os outros, enquanto ele continuava indiferente e distante, recusando o subsídio de desemprego, pois considerava injusto recebê-lo sem trabalhar.

Os dois meninos tinham uma natureza mais resiliente. Depois de Grace lhes explicar que o pai estava doente na alma, Brian e John foram muito bons para ele. Grace estava a ser capaz de lidar com todo o tipo de situações naquela altura, mas explicar a crianças tão pequenas o que significava «estar doente na alma» exigiu toda a sua capacidade descritiva. No entanto, o que disse foi suficiente; o comportamento dos meninos em relação ao pai demonstrou isso

mesmo. Eram meigos e inabalavelmente pacientes com Bear. Era como se, pensou Jack, eles fossem o pai e Bear, a criança.

E, em 1930, aquele ano assustador, ninguém compreendia as inúmeras formas como a mente pode falhar, bloquear ou fragmentar-se, embora Bear tivesse mais sorte com a sua mulher e filhos do que a maioria dos homens, pois nunca se viraram contra ele e raramente o criticaram. Sentindo que era o seu dever, visto que mais ninguém o sentia, Charles Burdum insistiu com ele várias vezes, mas a única resposta de Bear era ficar imóvel, com ar confuso, e repetir que não ia puxar cordelinhos.

— Mas não se trata de puxar cordelinhos! — gritou Charles. — Trata-se de cuidares da tua família. Não ajudas nada, Bear, nada!

Uma afirmação que não pareceu chocá-lo.

A reação de Kitty era mais prática. Ofereceu uma máquina de costura *Singer* com pedal, que Grace aceitou alegremente. Com Edda como professora, decidiu tornar-se costureira, fazendo casacos e calças para os meninos com fatos velhos de Liam e Charlie, e com a sua roupa antiga. Também aceitava vestidos que Kitty e Edda já não queriam. E, apesar de a sua vida ser incrivelmente ocupada, pelo menos, quando chegava à noite, dormia como uma pedra. As relações conjugais com Bear já eram raras desde o nascimento de John e, agora, pareciam tão longínquas como os sonhos que o cansaço a impedia de recordar.

À medida que o ano de 1930 chegava ao fim, Charles Burdum recebia a maior parte dos louros pela relativa prosperidade económica de Corunda. O presidente da Câmara, Nicholas Middlemore, e o secretário do Município, Winfield Treadby, ambos bastante discretos em termos partidários, não usavam coroa de louros na cabeça, apesar da sua dedicação genuína e dos seus esforços, por vezes bem-sucedidos, para ajudar. Como sabiam que, se dissessem alguma coisa contra Charles Burdum, seriam considerados invejosos, sorriam em silêncio quando as pessoas elogiavam Charles à sua frente e votavam a seu favor na assembleia municipal.

Corunda tinha dois membros no parlamento, um pelo estado da Nova Gales do Sul e outro pelo governo federal da Austrália na nova cidade de Camberra. Toda a gente sabia que apenas as grandes cidades interessavam em termos políticos; lá, o capitalismo e o socialismo defrontavam-se e impunham-se aos desgraçados dos eleitores que, provavelmente graças ao historial de governação autocrática do continente por governadores quase ditatoriais, pareciam condicionados desde o início do governo democrático a esperar promessas quebradas, mau desempenho e corrupção.

Após vários meses de casamento, Kitty sabia que Charlie estava determinado a representar Corunda no parlamento federal, contudo hesitava em dar o primeiro passo. De certa forma, os tempos difíceis pediam um novo estilo de

liderança, talvez até um novo partido político, um partido mais orientado para uma maior variedade de eleitores. Os políticos de ambos os partidos, trabalhista e conservador, eram tradicionalistas, inflexíveis e intransigentes e, consequentemente, pouco apelativos para os eleitores cujo pensamento era mais flexível e cujos interesses não eram satisfeitos por este tipo de político.

Charles também não compreendera que a sua inglesice seria uma enorme desvantagem quando decidisse perseguir a sua carreira política. Muitos políticos trabalhistas eram também provenientes de meios intelectuais tipicamente ingleses, mas desvalorizavam a sua nacionalidade agarrando-se à natureza global do socialismo. Porque será um estigma tão grande ser um cavalheiro inglês? E como poderia ele compreender que os governadores autocráticos originais deste continente tinham sido cavalheiros ingleses, detestados e desprezados até aos dias de hoje?

Desanimado e desiludido, Charles era suficientemente inteligente para perceber que as suas aspirações políticas teriam de ser adiadas até estar na Austrália muito mais tempo e que teria de se esforçar por ser considerado um australiano e não um inglês. Mudar-se para o campo em meados de 1929 e nas vésperas do maior desastre económico do mundo não abonara muito a seu favor, independentemente do quanto se esforçasse por manter a cidade de Corunda de pé, livre de se tornar uma cidade de barracas e mantendo alguns empregos. É claro que tinha os seus inimigos, habitantes locais a quem o encanto e a liberalidade Burdum não agradara; nem todas estas pessoas eram de baixo nível e algumas até eram influentes. Assistia a todas as reuniões políticas a que podia assistir; todas as reuniões da cidade contavam com a sua presença, bem como as de várias associações de assistência social.

Sempre que possível, levava consigo a sua mulher, cujo aumento de barriga deliciava toda a gente, tanto como o seu ar natural de esposa apaixonada. Agora dedicada a ele, Kitty estava determinada a ser a parceira certa para este homem dinâmico e sempre ocupado. Quando ele viajava para Sydney ou Melbourne ou Camberra a fim de assistir aos debates mais importantes no parlamento ou defender os interesses de Corunda, Kitty estava ao seu lado.

Por esta razão, não foi uma surpresa para ela encontrar Charles a fazer as malas a meio de agosto, quando o tempo estava extremamente frio e a cidade de Corunda parecia polvilhada com um cristalino manto branco que se recusava a derreter.

— Vou à Conferência do Conselho dos Governos da Austrália — disse ele, examinando o seu *smoking*. — Será que vou precisar de laço branco e casaca?

— Em Melbourne? Provavelmente. São uma cambada de snobes lá — disse ela, com o olhar inquieto. — Até é bom que vás a estes eventos pomposos das grandes cidades de vez em quando, Charlie… mantém as traças longe da tua roupa formal. Presumo que não queiras que vá contigo?

— Desta vez, não. É aborrecidamente masculino. A Depressão limitou bastante as festividades, como reparei pela agenda que me foi enviada. O que eu gostaria de saber é por que razão estas confraternizações acontecem sempre em Melbourne? — perguntou ele, colocando na mala o laço branco e a casaca por cima do *smoking*.

— De certeza que sabes por que razão estes eventos pomposos acontecem sempre em Melbourne, Charlie — disse ela, encarregando-se de lhe arrumar a mala. — *Pensa!* Há sempre imensas pessoas influentes de Inglaterra presentes e elas têm de viajar de barco de Inglaterra até à Austrália… dezasseis mil quilómetros por mar. Perth está fora de questão enquanto ponto de encontro, e o porto a seguir é Melbourne. Permanecer a bordo em direção a Sydney significa mais outros mil e seiscentos quilómetros por mar, quando toda a gente já está desejosa de desembarcar. Porém, se os aviadores pilotassem aviões que transportassem centenas de pessoas, então Sydney ficaria mais perto de Londres que Melbourne. Melbourne entraria em declínio. Enquanto as pessoas tiverem de viajar por mar para a Austrália, Melbourne fica a ganhar.

— Tens toda a razão — disse Charles lugubremente. — Melbourne é o primeiro porto importante, é por essa razão que Sir Otto Niemeyer desceu a cambalear a prancha de embarque para beijar o solo de Melbourne, em vez de fazer outras mil milhas em direção a Sydney. Que esperta que és, Kitty!

Kitty abanou uma pilha de lenços de bolso debaixo do nariz de Charles.

— Posso estar um pouco inchada na cintura, mas ainda te consigo ajudar a fazer a mala. Contudo, não me atrevo a mexer nos teus fatos. Devias usar um daqueles baús de camarote que se abrem e têm pequenas gavetas, bem como espaço para pendurar fatos.

— Pareceria um palerma se chegasse com um baú de camarote.

— Disparate! Sir Otto não-sei-quê deve ter vários, presumo eu. — Kitty respirou fundo. — Na verdade, Charlie, precisas de um criado de quarto.

— Sim, preciso, mas a sociedade sem classes de Corunda iria condenar-me.

— É outro emprego, embora não para um natural de Corunda, ai, nem que fosse para o desgraçado do Bear. Contrata um empregado em Melbourne, Charlie, e que se lixe Corunda!

— Eu até podia colocar um baú de camarote no vagão de serviço.

— Podias, sim. Onde vais ficar hospedado?

— No Menzies, como é habitual.

— Ainda bem, tem empregados para te ajudar a desfazer as malas. Porquê tu, Charlie? Não tens assento em nenhum parlamento.

— Os homens na minha posição têm sempre amigos políticos suficientemente importantes para se manterem por perto das conferências, apesar de não ser por isso que eu vou. Fui pessoalmente convidado por Sir Otto.

Kitty sentou-se na borda da cadeira do seu quarto de vestir.

— Mas quem é esse Sir Otto exatamente? Parece o nome de um fabricante de salsichas alemão.

— Sir Otto Niemeyer é um dos governadores do Banco de Inglaterra e um velho amigo dos meus tempos na City de Londres. Mais do que isso não sei, minha magnífica Kitty, mas estou ansioso por saber por que razão fez ele esta viagem horrenda.

— Sim, percebo porque estás curioso. Ele é um homem extremamente importante, por isso, seja lá qual for a razão que o trouxe aqui, deve ser crucial para a Inglaterra… quer dizer, quatro ou cinco semanas enfiado num camarote quente e abafado, enjoos *e* aborrecimento? Tenho a certeza de que ele deve viajar no convés mais elevado, onde o vento sopra e arrefece o seu camarote,

mas ainda assim não é como estar em casa. É claro que o camarote ficará a bombordo quando sair de Inglaterra em direção à Austrália e a estibordo quando voltar para casa, mas o sol é implacável.

Charles olhou para Kitty de cima a baixo, divertido.

— O camarote ficará a bombordo quando sair de Inglaterra em direção à Austrália e a estibordo quando voltar para casa?

— Por causa do sol, tonto! — disse ela, revelando as covinhas do rosto. — O sol brilhará a bombordo do navio quando este rumar à Austrália e a estibordo quando regressar a Inglaterra, sendo assim, os que sabem isso reservam um camarote do lado onde faz mais sombra. Isso é que é ser fino.

— Minha querida, és uma fonte inesgotável de conhecimentos!

— Isso não sei, mas Sir Otto é um homem preocupado.

Todos os bons hotéis de Melbourne estavam lotados com políticos e o pequeno exército de parasitas que pareciam arrastar consigo, como a cauda de um cometa, pensava Charles Burdum enquanto se acomodava na sua suíte habitual de dois quartos no Hotel Menzies. Gostava do seu ambiente reservado, do uniforme axadrezado do pessoal em tons vermelhos e brancos, da existência de empregados e empregadas, e da excelente cozinha. A sua estimada Cynthia Norman antecipara-se a tudo e a todos e reservara-lhe um *Rolls-Royce* e um motorista para a sua estadia, e Kitty tivera razão, pois o baú de camarote resultara. Também ajudava o facto de Charles dar gorjetas generosas. Os australianos, descobrira ele desde cedo, eram conhecidos por serem péssimos a dar gorjetas.

Ao dizer a toda a gente que Otto era seu patrono, Charles deu por si a ser convidado para todo o tipo de reuniões, mas tudo isso parecia pouco quando comparado com o facto de ter jantado sozinho na companhia de Sir Otto na primeira noite dele em terra. Parecia que Sir Otto tinha alguns assuntos para resolver e escolhera Charles para ser o seu principal confidente… não de forma ilógica, visto que Sir Otto tinha duas coisas em comum com Charles e com mais

ninguém em Melbourne: os seus laços duradouros com a City de Londres e a sua inglesice.

— Meu caro Charles, a cidade nunca mais foi a mesma desde que arrumaste os teus trapinhos numa mala e emigraste — disse o homem do Banco de Inglaterra, enquanto tomavam uma bebida antes da refeição. Ambos vestiam *smoking* e laço preto.

— Estás a exagerar — disse Charles, sorrindo. — Eu passava mais tempo em Manchester do que em Londres.

— Talvez, mas estavas sempre suficientemente perto para vires em nosso auxílio quando precisávamos de ti, em situações complicadas ou estranhas. Decerto que não emigraste por causa de Sybil, meu caro amigo?

— Céus, não! — exclamou Charles, admirado. — Para dizer a verdade, estava aborrecido e pareceu-me uma boa oportunidade de reclamar a minha herança antípoda. Que maravilha! Parece que já foi há uma eternidade, quando na verdade não passaram sequer dois anos. — O seu rosto alterou-se para o da gárgula. — Na parte inferior do globo terrestre, Otto, estou convencido de que o mundo, e o tempo, gira mais depressa. Estou casado com uma mulher que eclipsa Sybil, tal como o diamante Hope eclipsa um pedaço de vidro.

— Não a trouxeste a Melbourne?

— Não. Ela está grávida.

— Que maravilha! — Sir Otto recostou-se na sua cadeira. — Sabes porque estou aqui, Charles?

— Decerto que é por causa da Depressão, mas em nome de quem é que não sei. Não pensei que estes trapalhões idiotas fossem suficientemente inteligentes para pedir a opinião de um perito.

— Quanto a serem um trapalhões idiotas, parece que todos os governos os têm face a esta catástrofe, mas sim, tens razão. *Eles* não me mandaram chamar. Eu vim por ordem do banco.

— Quais são as intenções do Banco de Inglaterra?

— Convencer os vários governos deste continente de que não podem faltar com o pagamento dos empréstimos, sobretudo o pagamento dos juros.

O ar de gárgula acentuou-se; Charles assobiou suavemente.

— Já ouvi os lunáticos extremistas a sussurrar por aí sobre negar-se a pagar a dívida externa e alguns homens bastante responsáveis a murmurar sobre adiar os pagamentos de juros dos empréstimos até o sofrimento local atenuar, mas não dei muito crédito a qualquer uma das opiniões. O que o senhor está a insinuar, penso eu, é que uma grande parte dos envolvidos na política está preocupada com o pagamento dos empréstimos.

— Oh, sim.

O primeiro prato chegou à mesa; ambos pararam de conversar sobre assuntos importantes enquanto os empregados se encontravam presentes; em seguida, comeram num agradável silêncio que perdurou, com a exceção da conversa fiada, até o vinho do Porto cor de rubi e o queijo *Stilton* chegar, quando o batalhão de empregados saiu, dando-lhes privacidade para voltar aos seus assuntos.

— É bastante evidente — disse Sir Otto — que a federação e o autogoverno subiram à cabeça dos australianos. Sem os sólidos poderes de veto dos governantes ingleses e incentivados pela procura da lã, bem como da produção contínua de ouro, o governo federal e os governos dos vários Estados decidiram gastar mais do que podiam. Fazes ideia da quantidade de lã australiana que foi usada no período da Grande Guerra? A Austrália prosperou graças às ovelhas! Atrevo-me a dizer que ninguém antecipou o fim da prosperidade em 1925, embora todos o devessem ter adivinhado.

— Estou a perceber — disse Charles, devagar. — Por favor, continue, Otto.

— Os vários governos estaduais gastaram a maior parte do dinheiro na última década, penso eu, porque o governo federal queria os louros sem ter o trabalho administrativo. Tendo em conta o ouro e outros depósitos de minérios, foi decidido em Camberra que a Austrália Ocidental não seria autorizada a separar-se, apesar dos seus protestos. Isto levou a que a Austrália Ocidental recebesse sempre uma quantia desproporcionada de dinheiro quando o governo federal distribuía fundos.

Sir Otto juntou as pontas dos dedos e olhou solenemente para o seu ávido

ouvinte; estava a desfrutar o momento.

— De longe, o maior gastador foi o Estado mais populoso, a Nova Gales do Sul, o qual, devido a enormes pressões de Perth e Melbourne, recebia de Camberra sempre menos do que lhe era devido. Por isso, a Nova Gales do Sul contraiu empréstimos avultados nos mercados da City de Londres para financiar um programa ambicioso de obras públicas. O Estado está agora perigosamente em risco de não cumprir os pagamentos. Outros Estados, apesar de se encontrarem numa situação menos crítica, também estão sobre gelo fino, e os meus colegas no Banco de Inglaterra temem que o governo federal falhe as suas obrigações.

— O Otto sabe, por isso, diga-me: quanto foi pedido emprestado? — perguntou Charles, receoso.

— Para cima de trinta milhões de libras por ano.

— Meu Deus! Com juros exorbitantes.

— Mas que foram acordados quando do empréstimo.

— Sim, é claro. Continue, por favor.

Sir Otto encolheu os ombros.

— É por isso que estou aqui… que viagem medonha de se fazer! Vão ser vários meses desperdiçados, embora espere conseguir intimidar os políticos para que se comportem como deve ser. Se conseguir isso, então o meu tempo terá sido bem empregado.

— O que acha do país, se é que pode fazer qualquer juízo passado tão pouco tempo? Sei que algumas pessoas do governo federal embarcaram em Fremantle para pôr as coisas a mexer.

Os cantos da boca de Sir Otto reviraram para baixo.

— Eu acho que a Austrália tem uma ideia sobrevalorizada da sua própria importância, antes de mais. Depois, tem um nível de vida da população em geral vergonhosamente alto. O homem trabalhador vive demasiado bem! Os ordenados são muito altos e as expectativas de vida, irrealistas. Resumindo, o homem trabalhador desconhece o seu lugar.

— Percebo. Que medidas recomenda?

— Imperativamente, não pode haver falhas no pagamento da dívida externa, sobretudo dos juros. Contenção de despesas *absoluta*. Todo o governo até ao nível municipal tem de parar imediatamente de gastar em obras públicas… cortar os seus serviços civis ao máximo… reduzir os honorários e salários que pagam… e diminuir todos os subsídios sociais, desde subsídios de desemprego a pensões. A libra australiana está à beira de desvalorizar e chegará, por fim, achamos nós, a valer menos trinta por cento que a libra esterlina. Se um Estado não conseguir cumprir o pagamento de juros, então que seja nas suas próprias obrigações, que, ao que sei, paga aos titulares da dívida nove por cento. A dívida local não é o problema, apenas a externa.

Charles manteve-se em silêncio durante muito tempo, limitando-se a ficar sentado a franzir o sobrolho para as pontas dos dedos de Sir Otto; de repente estremeceu, como um cão a sacudir a água de um banho gelado.

— Oh, Otto! Desconfio que não vai receber muitos sorrisos por aqui, a não ser quando regressar a casa. O senhor é o mensageiro do sofrimento apocalíptico, visto que já é mais que evidente que a Grande Depressão atingiu mais a Austrália.

— Não, a Austrália foi o segundo país a ser mais afetado — disse Sir Otto. — Os alemães estão bem pior. A reconstrução depois da guerra levou-os à bancarrota. Os franceses querem a sua parte.

— Bem, os alemães e os franceses já rosnam uns para os outros de cada margem do Reno há mais de dois mil anos, mas o que é que a desgraçada da Austrália alguma vez fez, senão tentar dar uma melhor qualidade de vida ao homem trabalhador? O que não é uma ambição louvável aos olhos da City de Londres.

Desiludido e deprimido, Charles não ficou muito tempo em Melbourne. Na madrugada seguinte, na escuridão, apanhou o comboio para Sydney, a sua mente a fervilhar com tantos aspetos desagradáveis que quase não se lembrou de mudar de comboio em Albury-Wodonga, na fronteira do Estado. As bitolas dos carris

de Vitória e da Nova Gales do Sul eram diferentes. Federação ou não, as colónias australianas agiam como nações autónomas. Na verdade, pensou Charles, desembarcando em Corunda, a única maneira pela qual a nação australiana se poderia ter distinguido era tendo uma população tão vasta como a sua área territorial, como os Estados Unidos da América. No entanto, a sua pouca população estava enfiada em seis grandes cidades numa costa quase ilimitada, deixando quase oito milhões de quilómetros quadrados vazios. Corunda era uma cidade grande, mas tinha apenas 50 000 habitantes. Depois das seis principais cidades, Corunda era uma das maiores cidades da Austrália.

Contudo, ainda estou a aprender, pensou ele, encontrando Corunda ainda coberta por uma camada de neve, adivinhando-se um outono frio.

— Não percebo nada — disse ele a Kitty, muito surpreendida e contento por tê-lo de volta tão cedo. O seu baú de camarote quase não fora mexido, mas com ele veio um indivíduo sofisticado e impassível chamado Coates. Charles contratara um empregado, tendo-o convenientemente recrutado entre os funcionários do Hotel Menzies. — Coates pode ficar na acomodação dos empregados em Burdum Row e pode usar um dos carros velhos — continuou Charles, mudando de assunto. — Ele pareceu encantado com a oportunidade de trabalhar para mim.

— Com certeza que sim, meu querido. É um cargo privado, vai viver como um lorde — disse Kitty. — Fala-me sobre o Sir Otto Fabricante de Salsichas.

— Segundo Sir Otto, não devemos permitir que Coates viva como um lorde — disse Charles, mergulhando com prazer os lábios no seu uísque. — Sir Otto vai insistir que seja feita uma contenção absoluta de despesas a todos os níveis do governo, embora ninguém me possa impedir de construir, visto que o Hospital de Corunda tem o seu próprio dinheiro. Também não me podem cortar os fundos estaduais de forma discriminada. Eu vou receber o que os outros hospitais receberem, pois a saúde *tem* de ser financiada.

— Mas o dinheiro do governo vem dos impostos e, se ninguém tiver emprego, ninguém pagará impostos — objetou Kitty.

— Oh, algumas pessoas vão pagar impostos. A contenção absoluta é apenas

uma forma de usar todos os tostões que entram nos cofres do Estado para enviar para fora do país e pagar os empréstimos. Se pedirem emprestado demasiado dinheiro, acabam por cair na bancarrota. A contenção total de despesas é um eufemismo para a falência, Kitty. O povo da Austrália não vai beneficiar, só os países estrangeiros que nos emprestaram dinheiro.

— Por vezes, Charlie, és difícil de perceber.

— Oh, estou a ficar mais esperto, só isso. Vim de Melbourne com esta imagem na cabeça, de mim e Otto no salão de jantar do Menzies, a beber os melhores vinhos e a comer as iguarias mais requintadas, vestidos a rigor e a ser servidos por um batalhão de empregados bajuladores… e eu sei que Otto acredita de coração, alma e intelecto que tem o direito de viver melhor que um alfaiatezinho judeu que passa o dia sentado de perna cruzada a receber um dinheiro por par de calças. Não interessa que ambos partilhem o sangue de Abraão… classe é classe. Otto defende que se deve manter a classe trabalhadora num nível inferior, ele acredita piamente que é criminoso oferecer-lhes uma vida decente. Para Otto, as classes sociais são imutáveis. Bem, eu não acredito na regra do proletariado, porque é desprovida de individualismo e incentiva os trabalhadores a pensar que podem gerir tudo, quando a verdade é que eles não têm capacidade para gerir nada… mas, raios, também não me agrada o mundo de Sir Otto Niemeyer!

— Tem de existir um meio-termo mais feliz algures — disse Kitty, pouco à vontade. — Jack Lang não vai aprovar as medidas de Sir Otto, pois não?

— Jack Lang está na oposição, não tem qualquer influência em termos executivos. Não tem poder nenhum, minha querida, nenhum. Tudo o que eu vejo é um enorme aumento de sofrimento — disse Charles. — Só espero que o governo de Scullin não seja completamente intimidado por Sir Otto.

— Jimmy Scullin — disse Kitty, com desdém — até por uma traça se sente intimidado. Não passa de um oportunista superficial.

Sim, era um bálsamo para a alma ter uma esposa tão ferverosamente compreensiva, contudo não resolvia o dilema político de Charles Burdum. Dividido entre a sua situação de vida, que se enquadrava mais nos ideais

conservadores, e a sua convicção inata de que o homem trabalhador era uma criatura merecedora de respeito, que era mais concordante com a visão socialista, Charles continuava a oscilar de um lado para o outro, não sendo nem uma coisa nem outra.

Basicamente, o que estava mal em todos os partidos políticos, concluiu ele, era o facto de todos terem sido formulados para o Velho Mundo… para uma Europa cansada, devastada pela guerra e de recursos esgotados.

Assim, Charles pensou que o que tinha a fazer era criar um partido político adequado às necessidades dos australianos, um credo que não estivesse agrilhoado às ideias e sistemas políticos do Velho Mundo. O seu credo teria de olhar para o Capital e para o Trabalho com novos olhos e, acima de tudo, trabalhar para diminuir as barreiras artificiais entre homens. Por exemplo, queria perceber porquê, porquê, *porquê* Bear Olsen recusara de forma tão veemente o emprego de relações públicas que lhe oferecera? O que estava errado com a atitude social do homem, que o fizera recusar o cargo de relações públicas por o considerar um logro? O que se encontrava na base destas contradições inexplicáveis? Até descobrir, não se poderia candidatar ao parlamento, pois considerava-se a ele mesmo um ignorante e Bear Olsen uma espécie de oráculo enigmático. Bem, chegava de reuniões e conferências! Em vez disso, ia-se dedicar à pesquisa.

Charles pensou e escreveu. Descobriu que os livros de exercícios escolares das crianças eram o repositório ideal para as suas observações, deduções e teorias, sobretudo porque os podia fechar como um arquivo, usar vários em simultâneo e guardá-los na vertical, numa prateleira, em filas devidamente etiquetadas.

No entanto, tudo isso ainda estava para vir. Ele começou, só isso.

— Estás comigo, Kitty? — perguntou ele, ao regressar de Melbourne. — Vais estar ao meu lado, a apoiar-me?

Os olhos de Kitty brilharam num tom violeta com amor e orgulho.

— Sempre e para sempre, Charlie.

No início, Kitty disse a verdade mais absoluta. Se Charles se tivesse mantido

na mesma direção, a perseguir os interesses do hospital, do orfanato e dos seus projetos locais em Corunda, o «sempre» de Kitty poderia ter aguentado. Contudo, à medida que o inverno se dissipava, e a primavera chegava e passava numa glória florida e perfumada, a conversa à mesa do jantar ou em qualquer outro lugar tornou-se cada vez mais inexoravelmente focada num só assunto: política. E Kitty descobriu em si um ódio crescente pela política, os políticos e as ambições políticas de Charles.

No final de outubro, com sete meses de gravidez completos, Kitty Burdum sofreu um aborto espontâneo; o bebé estava perfeitamente formado e era um rapaz, mas nasceu morto, já o estando antes de as contrações começarem.

— Não compreendo — murmurou ela da cama de hospital, o rosto e a almofada encharcados em lágrimas. — Estava tudo perfeito, sentia-me tão bem! E depois… acontece isto!

Apesar de estar profundamente afetado, Charles Burdum escondeu a sua devastação melhor, sobretudo da esposa; as suas lágrimas, igualmente amarguradas, eram choradas em casa, sozinho, à noite. Se se tivesse apercebido mais cedo, teria sido sensato e chorado com Kitty, um casal a sofrer unido pela perda, cada um a testemunha da dor do outro. Como não foi esse o caso, Kitty considerava o seu desgosto muito mais profundo que o dele e, continuando a amá-lo, interpretava o que achava tratar-se de um autocontrolo distante como um indício da sua masculinidade. Aliás, um pai não tinha qualquer contacto com o filho *in utero*, por isso como seria de esperar que ele se sentisse como ela, a anfitriã, se sentia?

— Não é incomum — disse o doutor Ned Mason — perder-se um primeiro bebé, Kitty, embora seja invulgar acontecer tão tarde. É possível que estejas um pouquinho anémica, por isso come muitos espinafres, mesmo se detestares.

— É provável que volte a abortar? — perguntou Kitty. — Ainda me sinto tão chocada com a subitaneidade… aconteceu de repente!

— Vais ter muitos bebés, posso garantir-te.

Um veredito ecoado por Tufts, muito preocupada. Existia uma nova expressão de desorientação no limiar da confusão naqueles lindos olhos. Independentemente do que acontecera, *não podiam* deixar Kitty afundar-se numa depressão profunda!

— Ned Mason tem razão, por vezes acontece as mulheres perderem o primeiro filho — disse Tufts, com firmeza. — Descansa muito, come espinafres e tenta outra vez. Garanto-te que vai correr tudo bem.

— Ned diz que sou capaz de ter um pequeno mioma.

— Oh, todas nós temos pelo menos um *desses* — resmungou Tufts, troçando. — Tu és uma enfermeira registada, Kitty, sabes que isso é verdade. Os miomas só se tornam problemáticos bem mais tarde.

— Charlie aceitou tudo de forma muito descontraída — disse Kitty, parecendo um pouco crítica, até ressentida.

— Charlie está completamente devastado, sua pateta! Só não o quis demonstrar para não te perturbar mais. Não minimizes a dor dele só porque não és capaz de ver além da tua própria dor, Kits. Ele chorou à minha frente.

— Bem, à *minha* frente não.

— Então, admiro o seu autocontrolo. É claro que não chorou à tua frente! Ele tem demasiada consideração por ti para o fazer.

— O papá disse que ele e Charlie deram um nome à criatura… Henry… e o enterraram. Eu nem estive presente.

«Criatura», pensou Tufts… oh, Kitty! Será que eu e Edda te poupámos demasiado em criança? Não, é claro que não. No entanto, por qualquer razão, a relação entre ti e Charlie nunca parece ir a favor dele, e a culpa não é dele, é tua.

Tufts saiu de junto da cama de Kitty na maternidade e caminhou apressadamente para o escritório de Charles Burdum, com o pensamento ainda em Kitty. Não se costumavam ver, e acontecia o mesmo com Edda, mas o elo que as unia não era menos forte por isso, e ela sabia que Kitty se viraria para ela e para Edda em busca de conforto nas semanas e meses que estavam para vir. Aquele tom de reprovação em relação a Charlie na sua voz! Esta era uma daquelas alturas em que ser um *pommy* alienado e de nariz empinado era uma

terrível desvantagem.

Por trás da sua preocupação com o casamento de Kitty, havia algo mais que a preocupava: por que raio quereria Charles falar com *ela*? Não tinha que ver com Kitty; ele era demasiado escrupuloso para falar sobre a sua esposa com a irmã num local público, como o seu escritório. Então, o que se passava?

Ele parece, pensou Tufts quando Charles lhe indicou uma cadeira para ela se sentar, um homem cujo mundo acabou. De certa maneira, foi precisamente isso que aconteceu; ainda ontem vira o pequeno caixão com o seu filho morto ser enterrado numa sepultura, apenas com as tias, o avô e o pai de Henry Burdum a lamentar a sua morte. E Kitty agarrava-se à ausência de lágrimas de Charlie? Que situação!

— Quero falar contigo sobre a tua futura carreira — disse Charles.

Surpreendida, Tufts pestanejou.

— O que há para falar? Tenho oito estagiárias a cargo, em abril vêm mais cinco, por isso vou ficar com treze, e no próximo ano, se as estatísticas se mantiverem, terei mais dez novas estagiárias. Isto significa que até 1934, por aí, a Escola de Enfermagem de Corunda será muito relevante, eliminando por completo as profissionais não qualificadas. Deve-se à Depressão, com certeza — continuou ela —, juntamente com a falta de homens jovens… ainda estamos a sentir os efeitos da Grande Guerra, e os jovens desempregados não se podem casar. Como irmã tutora, vou ficar cada vez mais ocupada.

— É verdade, mas como é óbvio terá a ajuda de irmãs tutoras adjuntas eficientes e escolhidas por si — disse Charles, suavemente.

— Não devo precisar de ajuda alguma até o número de estagiárias ultrapassar as cinquenta — disse Tufts, de forma brusca.

— E a verdade por trás dessa afirmação é precisamente a razão pela qual tenciono defletir a sua carreira em certa medida.

Tufts ficou tensa, agarrando-se firmemente a uma palavra. «*Defletir*»?

— A tua ligação emocional ao Hospital de Corunda faz com que sejas ideal para o que eu quero fazer, mas também a tua personalidade, quem és e o que és, e o que te podes vir a tornar.

Os olhos de Tufts não o largaram um segundo.

— Isso parece-me mau.

— Não é. Não tenho qualquer intenção de prejudicar a tua carreira. Na verdade, quero melhorá-la. — O seu sofrimento privado desaparecera dos seus olhos e rosto, e a faceta sedutora de estrela de cinema surgiu de repente; Tufts conseguia sentir o encanto dele envolvê-la. — Apesar da Depressão, o futuro do Hospital de Corunda parece promissor — disse Charles, preparando o ataque. — Eu sei que os hospitais eram locais para onde as pessoas doentes iam enquanto Deus decidia se lhes queria tirar a vida ou deixá-las continuar a viver. Em termos de tratamento, não existia muito. Mas tudo isso está a mudar rapidamente. Nos dias que correm, conseguimos intervir e salvar muitos pacientes que há dez anos teriam morrido. Podemos radiografar ossos partidos, remover determinados órgãos doentes do abdómen… até mesmo as transfusões de sangue rotineiras de uma pessoa para outra estão a tornar-se cada vez mais viáveis! Eu antevejo um hospital moderno como um lugar onde as pessoas vão não só para lhes salvarem a vida, mas também para preservarem a sua saúde. E, Tufts, sei que pensas da mesma maneira.

— E não é o que toda a gente pensa? — perguntou ela. — Vá lá, Charlie, desembucha! Não precisas de me conquistar com discursos patrióticos, estás a pregar para alguém que já está convertido.

O seu rosto ficou ainda mais luminoso, os olhos intensos.

— Tufts, preciso de um diretor-adjunto e quero que sejas tu. *Tu!*

A cadeira caiu para trás quando Tufts se levantou de um pulo, chocada; Charles dirigiu-se a ela, endireitando-lhe a cadeira e ajudando-a a sentar-se.

— Charlie Burdum, és louco! Nem sequer sou suficientemente qualificada para ser enfermeira-chefe, quanto mais diretora-adjunta de outra coisa senão estagiárias e empregadas da limpeza — disse ela, com a boca seca e eloquente, porque a eloquência era a única forma de travar este homem que levava tudo à sua frente. — Estás completamente maluco!

— Não estou, não — disse ele, sentando-se novamente atrás da secretária. — Pensa nisso, por favor. Tu sabes tão bem como qualquer outro membro da nossa

família que eu tenho ambições políticas. Tenciono candidatar-me ao parlamento federal como representante de Corunda, mas não até 1933 ou 1934, o que me dá tempo. A entrada no parlamento vai implicar que eu tenha de abdicar do hospital. Como qualquer outro homem engenhoso, conseguirei preservar a minha fortuna e os interesses comerciais se fizer tudo como deve ser, mas não posso ficar com os dois cargos.

— Há homens qualificados em todo o lado — disse ela, de forma severa. — Encontra um agora e dá-lhe formação.

— Eu estou a escolher um: tu. Neste momento, e penso que nos próximos anos, não estão estipuladas quaisquer qualificações académicas para o cargo de diretor de um hospital geral… ou de qualquer outro. A maior parte de nós tem o curso de medicina porque nos apercebemos desde cedo que as nossas capacidades não eram direcionadas para tratar de pessoas, mas sim para gerir os fundos, funcionamento e pessoal. Tens todas as capacidades, Tufts, além de que és, ao que dizem, uma excelente enfermeira que põe as mãos na massa. Vais tornar-te diretora-adjunta de imediato e garanto que te vou ensinar tudo o que sei. Acrescento que poderás continuar a desempenhar as tuas funções de irmã tutora, desde que contrates, pelo menos, uma assistente.

Tufts esbracejou, assumindo a derrota… como era possível argumentar com um cabeça-dura?

— Charlie, imploro-te, ouve-me! Antes de mais, eu sou uma mulher. À parte a enfermeira-chefe, que é, por tradição, uma mulher, as mulheres não administram qualquer tipo de organização, dos negócios à saúde. A oposição será imensa! O meu sexo será usado contra mim nos corredores do poder em Sydney e em Camberra, sendo os funcionários não eleitos os meus maiores e mais ferozes inimigos. Não tenho qualquer tipo de curso universitário… *nada*! O governo estadual vai arranjar forma de me dispensar.

Charles ouvira o que ela dissera, mas claramente não assimilara nada.

— Tufts, confia em mim, estou bastante à frente de todos os envolvidos. Concordo que precises de qualificações terciárias, por isso falei com o meu bom amigo, o professor Sawley Hartford-Smythe da Faculdade de Ciências, para

garantir que obténs essas qualificações. Vais frequentar um curso intensivo e condensado de matérias médico-científicas e obter a qualificação dois anos depois de começares a universidade em fevereiro. Começas em 1931 e terminas em novembro de 1933. Também vais ter um treino intensivo de contabilidade, o que te preparará melhor para este trabalho do que um curso de medicina, como bem sabes. Vou *encher-te* de trabalho, mas não será tão mau quanto parece, porque muito do que vais ter de aprender já estudaste antes. A parte da ciência vai correr sobre rodas! A parte da contabilidade será mais desconhecida e, consequentemente, mais difícil. Tu, Heather Scobie-Latimer, és o meu investimento no futuro.

Tufts parara de respirar; olhava fixamente para o seu cunhado, maravilhada. Será que ia resultar? E por que razão este homem muito bem qualificado e prático pensava que isto *ia* resultar? Apesar de o seu âmago estar ferido e a sangrar pela perda do filho, Charlie continuava em frente, sempre a defender Corunda e os seus interesses. Um curso universitário! Ela, uma mulher, poderia obter um bacharelato em ciências e um certificado de contabilidade! Assistir a conferências como executiva do hospital. As alegrias de ensinar enfermeiras eram muitas, mas Tufts tinha de admitir que o enorme desafio que Charlie lhe lançava agora era bastante mais apelativo.

— Charlie, pensaste mesmo muito bem sobre isto?

— Considerei todos os prós e todos os contras, Tufts, tens a minha palavra — disse ele. — Vá, aceita! — Charles riu à gargalhada com a imagem que lhe surgiu na cabeça. — Imagina seres a chefe de Liam!

— O velho desmancha-prazeres que ele é. Ele seria mais adequado para o cargo.

— Se fosse, tinha-lhe oferecido o emprego. Não, minha querida, Liam é demasiado velho vinte anos. Preciso de alguém jovem.

— Percebo. Liam não gosta de pacientes vivos, daí ter escolhido patologia. — Tufts engoliu em seco e estendeu a mão a Charles. — Muito bem, Charlie. Se estás tão decidido em ter uma mulher como diretora-adjunta, eu aceito. Não me vais abandonar tão cedo, pois não?

— Nunca te vou abandonar, Tufts.

Tufts percorreu apressadamente a rampa para o departamento de patologia e entrou de rompante no gabinete de Liam Finucan, encontrando-o submerso em enormes plantas que delineavam o novo departamento, um edifício com dois andares. O esquema que Charles concebera para o hospital dava mais importância aos serviços médicos auxiliares do que, por exemplo, à reconstrução das alas ou à construção de um novo bloco operatório, simplesmente porque a sua atual posição em Corunda era secundária, ainda que a sua relevância no diagnóstico e tratamento se estivesse a afirmar.

Assim, o novo departamento de radiologia foi construído primeiro; o seu chefe, cuidadosamente escolhido, o doutor Edison Malvie, fora recrutado antes de o primeiro tijolo ser colocado e o mais moderno equipamento de diagnóstico de radiologia ter sido comprado, juntamente com as últimas proteções contra o chumbo. As películas distorcidas e as leituras duvidosas eram coisas do passado; quando tudo estivesse montado e a funcionar, o doutor Malvie garantia que nem os neurocirurgiões mais augustos de Queens Square fariam exames radiológicos que o Hospital de Corunda não fizesse.

Tudo isto levou à maravilha de ter um edifício inteiro dedicado à patologia, dividido em várias especialidades. Se o doutor Malvie estava contente, a sua felicidade em nada se comparava à de Liam Finucan. A transfusão de sangue entre pacientes, tão perto de acontecer, abriria caminho para a hematologia como um segmento bastante significativo do serviço de patologia… na verdade, todos os segmentos deste serviço estavam a desenvolver-se e a tornar-se cada vez mais importantes. Daí o facto de Liam estudar de forma tão cuidadosa as plantas para o novo departamento de patologia e de não ter percebido o que era bastante óbvio: Tufts tinha novidades importantes. No entanto, ela esforçou-se por ouvir as brilhantes ideias do dia até ele terminar, intrigado pela reação bastante indiferente de Tufts.

Assim que ela lhe contou as novidades, Liam recostou-se na sua cadeira, as

plantas esquecidas, e olhou intensamente para ela.

— O problema de Charlie — disse ele, em seguida — é que é incapaz de ficar quieto. O *status quo* é um conceito que ele desconhece.

— Isso significa que achas que devo recusar? — perguntou ela.

— Não! Não podes recusar de maneira nenhuma, a oportunidade é verdadeiramente revolucionária… aceitaste, espero?

— Sim, mas posso sempre mudar de ideias. Eu *sou* uma mulher!

— Ainda estás apaixonada pela ideia de uma carreira para a vida no hospital, Heather? Não tencionas casar? — perguntou ele.

— De certeza que não — disse Tufts, assertivamente. — Sempre que vejo Grace ou Kitty, volto a aperceber-me de que o casamento não é para mim. E sempre que vejo Edda, percebo que também não sou dada a ligações amorosas. Demasiado arriscadas, sobretudo para alguém que desempenhe o cargo de diretor.

— Então tens duas escolhas, Heather. Continuas como irmã tutora, o que te é familiar, ou atiras-te de cabeça para o mundo desconhecido da administração hospitalar. A tua mente é brilhante… demasiado brilhante para o cargo de irmã tutora, penso eu, mas eu sou eu e tu és tu, e não pretendo dar-te conselhos — disse Liam Finucan, de forma estranhamente formal.

Os pensamentos de Liam eram bastante diferentes. O que poderia ter acontecido, pensava ele, olhando para o seu doce rosto, se Gertie Newdigate não se tivesse intrometido e eu não tivesse uma mulher para deixar? Dezasseis meses de separação, mesmo na altura em que a semente estava a germinar. Oh, Heather, perdemos a nossa oportunidade!

Não eram estes os pensamentos que passavam pela cabeça de Tufts enquanto o fitava intensamente, embora parte dela compreendesse a inoportunidade da enfermeira-chefe Newdigate. No entanto, nunca tendo experimentado qualquer tipo de intimidade com Liam antes do longo afastamento devido ao divórcio, Tufts não sabia o que poderia ter acontecido se Eris Finucan nunca tivesse existido. Eles eram grandes amigos e também colegas de trabalho. Ao obter qualificações mais elevadas, Tufts aproximava-se cada vez mais do mundo de

Liam. E isso era um pensamento maravilhoso, nada mais.

Bear Olsen encontrara uma rotina que o mantinha desencontrado da mulher e dos filhos o mais possível; depois de tentar comer duas torradas ao pequeno-almoço, punha o chapéu na cabeça, enfiava-se dentro do casaco e saía pela porta da frente, percorria o caminho da entrada, passava pelo portão que dava para a rua. Descia a ladeira de Trelawney Way até Wallace Road, atravessava-a e continuava a andar até chegar a George Street, a estrada principal que dividia a cidade de Corunda ao meio.

Embora a loja de Maboud se encontrasse ao virar da esquina, Bear passava por ela e percorria o longo caminho pela George Street até ao centro comercial, onde algumas montras tinham papel castanho colado, indicando que se encontravam permanentemente encerradas. Não interessava; Bear parava para espreitar para dentro de cada loja, aberta ao público ou fechada, percorrendo o lado norte até à última loja, voltando depois para cima para o lado sul. Por fim, chegava novamente à loja de Maboud, com os seus jornais, tiras de banda desenhada, revistas, pacotes de chá e latas de fermento, açúcar e manteiga e farinha, roupa de mulher, homem e criança, bules de chá e chaleiras e taças. Bashir Maboud, que gostava dele, tentava sempre puxar conversa, obtendo pouca ou nenhuma resposta de Bear; depois, acabava por regressar, subia a ladeira de Trelawney Way e entrava no quintal da frente de sua casa, tendo percorrido dezasseis quilómetros e desperdiçado grande parte do seu dia a fazê-lo.

Bear perdera bastante peso, embora não estivesse ainda emaciado; a comida

não lhe interessava mais do que a sua mulher ou os seus filhos. Desde que chegava do seu passeio regular e demorado, sentava-se no jardim num velho banco de madeira que Jack Thurlow trouxera em dias mais felizes, o chapéu pousado nas ripas ao seu lado, o queixo caído sobre o peito. Sem perceber o que este comportamento significava, Grace perguntava-se, desde que ele se começara a sentar lá, por que razão Bear virara o banco ao contrário, de modo a ficar sentado de costas para a casa e para a família.

Depois de muitas tentativas vãs de cativar o interesse de Bear por alguma coisa (*qualquer coisa!*), Jack deixou de aparecer quando Bear estava em casa; era demasiado doloroso ver os acontecimentos externos a destruir um homem tão bom, decente e bondoso. Jack visitava a família quando Bear ia fazer as suas caminhadas.

A família vivia de quê? Com os dentes cerrados, Grace aceitava de Charles o mínimo essencial para a subsistência. Por mais que implorasse, Charles não a conseguia convencer a aceitar mais, e ela fazia questão de dizer que a ajuda que aceitava era meramente pelos seus filhos. Em troca, Grace insistia em fazer coisas para a despensa de Kitty, que um *chef* francês desprezaria, como biscoitos de aveia, manteiga de creme de limão e gelatina vermelha, verde e cor de laranja.

A mente de Bear não era um abismo profundo de autocomiseração; se fosse, pessoas como Grace, Edda, Jack e Charles teriam tentado curá-lo. No entanto, o que se passava dentro da mente de Bear não tinha lógica, nem propósito, nem sofrimento de qualquer tipo; era uma confusão de pensamentos indolentes, pequenos trechos aleatórios de músicas ou cançonetas, de tal maneira desgastados que nem mesmo Bear, o dono dos pensamentos, sabia o que significavam ou se eram relevantes para a sua existência. A sua autoimagem (até mesmo do seu corpo) estava prestes a desintegrar-se, por isso, quando Grace, tão assustada quanto irritada, lhe gritava coisas como «Tens de reagir!», ele não fazia a mínima ideia do que ela queria dizer ou por que razão estava tão perturbada. As montras das lojas com as tiras de papel castanho cruzadas umas sobre as outras eram para se olhar, da mesma maneira que Bashir Maboud era alguém que proferia palavras; esta última vaga e vestigial parte de si mesmo

assemelhava-se a uma máquina que tem de ser usada e desgastada com o andar e olhar, andar e olhar… Quando se sentava de costas para a casa no seu banco de jardim, estava tão exausto que dos pensamentos não havia sequer rasto.

Charles Burdum e o médico de clínica geral dos Latimer, o doutor Dave Harper, vieram ver Bear várias vezes; cada visita resultava numa Grace desesperada por ouvir as suas opiniões.

— Receio que não haja nada que possamos fazer — confessou Charles a Grace. — No entanto, o seu estado não parece estar a piorar. Já passaram três semanas desde a nossa última visita e o estado de Bear permanece inalterado.

— Ele renegou as suas responsabilidades enquanto homem, marido e pai — disse Grace, amargurada.

— Renegar é apenas uma forma de dizer, Grace. Culpá-lo não vai melhorar a situação, sabes disso. Minha querida, és tão corajosa, tão leal! Ninguém te pode criticar, mesmo que às vezes te queixes de Bear. — Charles deu-lhe uma pancadinha no braço. — Força, Grace!

— Nós comemos pasta de peixe e geleia caseira, mas isso é bastante mais do que muitas famílias comem, e por isso te agradeço, Charlie — disse Grace, detestando como soava ligeiramente condescendente, mas compreendendo que não tinha o direito de o dizer. — Também sei que, se dependesse de ti, estaríamos a comer presunto e bife. Bem, não os posso aceitar. Sinto-me grata por pagares as nossas despesas no senhor Bashir Maboud, mas, se Bear estivesse bem, rejeitaria *qualquer* tipo de caridade. Eu não sou uma sanguessuga.

— Admiro a tua independência — disse Charles com toda a honestidade.

— Cretino arrogante — murmurou Grace para si mesma. — O mundo inteiro sofre, mas Charles Burdum não, és melhor que toda a gente!

Grace reproduziu este sentimento a Edda, que a repreendeu severamente, relembrando-a de que o filho *dele* nascera morto.

— Os teus não podem comer sanduíches com presunto, mas são saudáveis como cavalos alimentados com a melhor mistura de cereais, por isso, cala-te, Grace.

Edda estava soberba, pensou a profundamente infeliz e frustrada Grace.

Tinham agora vinte e cinco anos, outrora uma idade considerada muito para lá do auge da beleza feminina… mas isso era um pensamento retrógrado. A roupa mais comprida e com formas mais definidas do final dos anos de 1930 assentava muito bem a Edda, cuja altura e graciosidade a favoreciam: ela era tão *elegante*! O vermelho sempre fora a sua cor, mesmo o difícil vermelho-ferrugem que ela usava hoje num vestido de crepe fino e justo. Não usava combinação, no entanto conseguia não parecer uma rameira. Estava a deixar crescer o cabelo preto e grosso… porque seria?

— Por baixo daquela atitude, Charlie é boa pessoa — disse ela a Grace, alisando uma das pernas envolta em seda para se certificar de que a costura da meia estava direita. — Ele tem boas intenções, o facto é que não consegue superar a sua maneira de ser *pommy*. Aos nossos olhos, ele é condescendente, mas não tem a noção de que o faz. Olha o que ele está a fazer pela Tufts… tens de estar feliz com isso, e é tudo obra dele.

— Sim, sim, estou muito feliz pela Tufts!

O saco de rede de Edda bateu ruidosamente na mesa.

— Sabes perfeitamente que não estou a ser condescendente contigo, irmã, por isso usa o que está aí dentro sem ficares ofendida. Algumas fatias de presunto e de carnes frias, costeletas de borrego e carne enlatada. Tens de comer uma carne melhor que salsichas de vez em quando.

Grace corou, mas controlou o seu temperamento.

— Obrigada, minha querida, que simpático da tua parte. — Enfiou a mão dentro do saco e colocou a carne na caixa de gelo. — Vejam só, uma mulher como diretora-adjunta!

— Poderias ser tu se tivesses continuado a tua carreira de enfermagem — disse Edda, um pouco cruel. — Do sexo errado ou não, a nossa Tufts vai sair-se muito bem. Charlie vai ajudá-la a obter o curso de ciências e as qualificações de contabilidade para que os Senhores do Universo não a possam criticar ao nível académico. — Edda aclarou a garganta. — E boa sorte ao homem que tentar rebaixá-la! Acabará a cantar em soprano.

Grace riu-se.

— Tens razão. Mas não gostavas de ter ficado com o cargo de direção, Edda?

— Não, a não ser que fosse em St. Bart ou Guy. Eu quero viajar.

— Isso continuas tu a dizer, mas quando?

— Quando estiver preparada para o fazer.

A 25 de outubro de 1930, o estado da Nova Gales do Sul foi às urnas para eleger o novo governo. Os seus habitantes votaram em Jack Lang; a Nova Gales do Sul tinha agora um governo trabalhista, cujo líder acreditava implicitamente que o programa drástico de contenção absoluta de despesas de Sir Otto Niemeyer estava errado, errado, errado. O que Jack Lang queria era aumentar a despesa pública e devolver ao trabalho o maior número de homens possível. A ponte da baía de Sydney e o sistema de caminhos de ferro subterrâneo estavam novamente operacionais, e Lang era categoricamente contra pagar os juros dos empréstimos da City de Londres enquanto tantos australianos sofriam por causa dessas taxas de juro.

Até a rabugenta Grace se conseguia abstrair dos seus eternos problemas quando se agarrava aos jornais que Bashir Maboud lhe guardava todos os dias, e falava, como se tornara seu hábito, com um Bear sem reação, sentado no banco depois do seu passeio.

— Jack Lang tem de estar certo — disse ela, agitando no ar um jornal de grande formato, por altura do Natal de 1930. — Olha para o estado de Corunda! — exclamou ela. — Quase toda a gente tem trabalho, o que quer dizer que a Depressão não fez os estragos aqui que fez em todo o lado. Graças à construção do novo hospital! Meu querido Bear, o teu azar foi teres uma carreira numa das áreas que foi afetada primeiro e com mais violência. E, depois disso, foste demasiado orgulhoso para aceitar a ajuda financeira do Estado, porque não conseguias fazer o trabalho que havia disponível. Bem, há quem o aceite.

Bear não deu qualquer tipo de resposta, mas já era habitual que não desse; ou ouvisse ou se apercebesse de que ela se sentava ao seu lado com os jornais a falar sem parar, a falar e a falar e a falar…

Quando terminou as duas primeiras páginas do *Corunda Post*, um jornal com enormes pretensões, virou para a página três, muito mais interessante.

— Olha para isto! A taxa de suicídio em Corunda está a aumentar — disse ela, a sua voz ainda descontraída e animada. — Porque é que as pessoas se enforcam? Deve ser uma morte terrível, pendurado no final de uma corda a asfixiar lentamente, que é o que acontece quando as pessoas se enforcam a *si mesmas*. Quando as autoridades legais enforcam um criminoso, diz aqui o jornalista do *Post*, ele ou ela caem num alçapão e o puxão repentino, que ocorre quando ele ou ela param de cair, parte literalmente o pescoço. Não, não escolheria enforcar-me e espero nunca cometer um crime que faça com que as autoridades me enforquem…

A sua voz tornou-se um murmúrio, depois aumentou de volume espontaneamente.

— As mulheres preferem colocar a cabeça dentro do fogão, mas os homens não. Porque será? O gás tem um cheiro horrível e a morte também é por asfixia, não é? Ingerir veneno não é uma escolha muito popular, presumo que seja porque a pessoa faz uma porcaria tão grande ao morrer que não é justo para quem cá fica ter de limpar tudo. Não, acaba sempre por voltar ao mesmo: os homens enforcam-se e as mulheres enfiam a cabeça dentro do forno. — Grace levantou-se, rindo alto. — Interessante, senão macabro! Também está na hora de começar a fazer o jantar. Salsichas outra vez, lamento, mas vou fazer um caril para variar. Edda trouxe-me um pacote de passas.

Ocupada na cozinha a cortar algumas das preciosas passas em pedacinhos finos para dar um travo doce ao caril (ainda que muito subtil, visto que as crianças não gostavam de comida demasiado picante), Grace ferveu as salsichas para lhes tirar o sal antes de as cortar às rodelas grossas e as colocar numa panela. Misturou banha de porco derretida, farinha e pó de caril e fez uma pasta, adicionou-lhe água até se tornar um molho pouco espesso, verteu-o sobre as salsichas e juntou as passas aos bocados. Deixou ferver em lume brando… Já está! Brian e John iam adorar, e talvez até Bear comesse um pouco, sobretudo se fritasse fatias de pão para servir de base para colocar o caril em cima. O arroz era

algo que sabia muito mal se ficasse salgado, mas o pão velho, cortado aos bocados e frito de ambos os lados, caía sempre bem. A única maneira de o arroz ficar comestível era como sobremesa.

— Jantar, meninos! — gritou ela pela porta das traseiras para os rapazes.

Brian e John vieram logo, com Brian a arrastar o irmão mais novo, os rostos radiantes porque estavam sempre famintos e adoravam tudo o que a mãe cozinhava. Até adoravam sanduíches de pasta de peixe ou de *Marmite*, abençoados! Oh, que saudades dos dias em que podia usar manteiga em vez de banha de porco e caldo em vez de água!

— Bear! Jantar! — gritou ela por uma janela para o alpendre das plantas.

Bear encontrava-se sentado, com as costas muito direitas, no seu banco de jardim, o casaco caído no chão… Bear não costumava ser desarrumado, mesmo quando estava mais deprimido. Tinha as mangas da camisa arregaçadas e as mãos, aparentemente, pousadas no colo, pois Grace só lhe conseguia ver os cotovelos… pirâmides aguçadas e ossudas cobertas de pele cheia de calosidades.

— Bear! Jantar! — gritou ela novamente.

Quando ele não se mexeu, a boca de Grace ficou tensa; então, ele estava prestes a embarcar numa nova fase de depressão, não era? Será que não percebia o efeito que isso tinha nos rapazes? Saiu de casa pela porta das traseiras e ao aproximar-se dele viu-o de lado, as mãos caídas sobre o colo, onde uma enorme mancha vermelho-escuro surgira, passara através da lã das calças e do algodão da camisa e, em seguida, impregnado, pingara por entre as suas pernas para o chão castanho-avermelhado. Tinha a navalha colada aos dedos com o sangue gelatinoso e o seu rosto estava tranquilo, os olhos fechados a três quartos e a boca a esboçar um ligeiro sorriso.

Grace não gritou. Primeiro, aproximou-se suficientemente perto para ver os golpes profundos nos seus antebraços, do lado de dentro, que começavam nos pulsos e subiam pelo braço acima muitos centímetros. Contudo, apesar da sua minúcia, falhara as artérias, pelo menos enquanto havia sangue suficiente nelas para esguichar; o seu sangramento foi lento, constante e venoso, e deve ter demorado o tempo todo que Grace esteve a fazer o caril para morrer.

Sem precisar de saber mais relativamente ao que se passara, Grace virou-se para voltar para casa. No interior, cumpriu a rotina de dar de jantar aos filhos as salsichas em caril. Só quando eles estavam a comer é que ela se dirigiu ao telefone e ligou para o hospital.

— Preciso de falar com o doutor Charles Burdum, e não se atreva a dizer-me que ele não está.

— Sim? — perguntou a voz dele impaciente.

— É a Grace, Charlie. Envia uma ambulância para minha casa. Bear cortou os pulsos.

— Ele está vivo?

— Não. Mas manda alguém por causa de Brian e de John.

— Consegues aguentar-te enquanto a ajuda vai a caminho?

— Que pergunta estúpida! Se eu não fosse capaz de aguentar, estaria outra pessoa a falar contigo agora. Não fiques nervoso, Charlie. Se Liam estiver aí, manda-o cá… ele é médico-legista e foi suicídio.

Grace desligou o telefone, deixando Charles preocupado.

Pela primeira vez, as cortinas não estavam furtivamente puxadas para trás nas casas de Trelawney Way; as pessoas encontravam-se fora das suas casas a ver a ambulância chegar sem grande alarido e entrar no quintal dos Olsen. Charles seguia-a no seu *Packard* com Edda e Tufts. Liam vinha na ambulância.

Tufts tomou conta das crianças, preparando-as para a cama. Nos velhos tempos, quem poderia imaginar que Grace conseguia ser tão sensível, tão previdente? Os meninos não estavam perturbados, ela comportara-se de forma tão normal que eles não se aperceberam de nada, nem da ambulância, nem dos vizinhos curiosos, enquanto tomavam banho e mergulhavam na cama dupla que partilhavam.

Liam Finucan e os dois homens da ambulância cuidaram de Bear Olsen com uma imensa reverência, de tal forma que um deles chegou mesmo ao ponto de limpar o sangue do relvado e do banco com uma mangueira para que não

coubesse a Grace remover o sangue do próprio marido; a ambulância foi embora tão silenciosamente como chegara. Apenas cordas vocais atarefadas na linha telefónica partilhada contavam várias versões confusas do que acontecera ao infeliz e inofensivo Bear Olsen.

Charles e Edda ficaram a cuidar de Grace, cujo extraordinário surto de prático bom senso começou a fraquejar pouco depois de a ambulância ter partido e de conseguir ouvir os seus meninos na cama a conversar com Tufts. O pior já passara.

— O pior já passou — disse ela.

— Portaste-te maravilhosamente bem — disse Edda, segurando as mãos de Grace. — Estou tão orgulhosa de ti que era capaz de rebentar.

— Fiquei fora de mim — disse Grace, o rosto tenso, pálido, assustado. — Como podia deixar os meus filhos verem o pai naquele estado? Agora não têm pai, mas, pelo menos, também não vão ter pesadelos. Ter filhos muda tudo, Edda. — Os seus olhos encheram-se de lágrimas. — Oh, e íamos comer um jantar tão saboroso, para variar! Salsichas em caril, com as tuas passas a dar sabor. Os rapazes limparam os pratos, por isso dei-lhes a parte de Bear e eles comeram tudo. Isto significa que não estou a acompanhar o crescimento e o apetite deles. Vou ter de continuar a cozinhar a parte de Bear. — Uma gargalhada sinistra soou. — Ele não vai precisar de comida para onde foi!

— Houve algum tipo de aviso? — perguntou Charles.

— Nenhum, embora eu lhe tenha lido algumas partes do artigo sobre os suicídios do *Post* de hoje. Mas ele nem ouve o que eu digo, honestamente! — chorou ela, cada lenço oferecido era um lenço usado. — Fui eu que lhe dei a ideia, Edda? Estava apenas a tentar que ele se interessasse por alguma coisa, qualquer coisa! Eu leio-lhe os jornais *todos* os dias, é verdade!

— Não te deves culpar, Grace — disse Charles, perentório.

Grace virou os olhos muito abertos para ele, profundamente espantados.

— Eu não me culpo, Charlie. Porque o faria? Dar-lhe a ideia não é assumir que tenho culpa. Isso é como dizer que a única forma de não ser picado por uma abelha é não usar perfume. Sinceramente, vocês, *pommies*, são gente estranha!

Tu analisas demasiado as coisas. Não, o único culpado aqui é o Bear. Como eu o amo! Mesmo quando o seu orgulho estúpido me deu vontade de lhe cortar a garganta, continuei a amá-lo. Oh, as crianças! Preciso que o papá me ajude com elas.

— Amanhã, Grace, hoje não — disse Charles. — Graças à forma magnífica como lidaste com a situação, as crianças não vão sofrer repercussões do tipo que poderiam ter sofrido e ainda estão muito longe da idade escolar para serem atormentadas por outras crianças.

— As coisas em que tu pensas! — exclamou Edda. — O mais importante, Grace, é que eles vão sofrer de uma forma natural por um pai que já não está com eles. Foste *tu* que fizeste isso pelos teus meninos, mais ninguém.

— Mas como é que eu vou viver? — perguntou Grace. — Vou ter de depender da caridade alheia.

Isto quebrou-a mais do que qualquer outra coisa até àquele momento; Grace inclinou-se para a frente e desatou a chorar desoladamente.

Mal conheço a minha gémea, pensou Edda: a mais bizarra combinação de pragmatismo inflexível e falta de previdência! Enquanto eu existi isolada da realidade, a minha irmã lidou com uma realidade cada vez mais dura. Quando a vida era fácil, Grace era uma rapariga egoísta, desmiolada e mimada. Desde que os tempos se tornaram difíceis, ela tornou-se uma autêntica heroína, ao mesmo nível de outras mulheres. As suas Graces alternam entre si, como dois inimigos fechados na mesma cela. Mas esta nova e forte Grace ganhou.

Charles abriu a sua mala preta, retirou uma ampola e o equipamento hipodérmico e enfiou a agulha no braço de Grace antes que ela pudesse objetar.

— O que mais precisas agora, Grace, é de um sono descansado, sem sonhos, e já me certifiquei de que é o que vais ter. Edda leva-a para a cama.

— Isso foi muito sensato, Charlie — disse Edda, quando regressou. — Tufts está a ler uma história aos miúdos, disse-me para começarmos sem ela.

— Bem, a única coisa que temos de discutir é a Grace — disse Charles com um suspiro que se transformou em tensão. — Tenho de contar a Kitty… ela vai ficar doente! E tenho de dizer ao teu pai.

— Não posso impedir que contes a Kitty, mas *eu* falo com o meu pai — disse Edda, levantando o lábio como que a rosnar. — Nem devias contar a Kitty sozinho. Ela vai precisar de Tufts.

Mesmo nesta altura, ele conseguia sentir raiva; Charles respondeu-lhe de forma furiosa.

— Raios partam as irmãs! A Kitty não precisa de uma irmã presente! Ela é minha esposa, uma mulher madura, não precisa das irmãs!

A porta das traseiras bateu e Jack Thurlow entrou.

— O que eu ouvi é verdade? — perguntou. — As linhas telefónicas partilhadas não falam de outra coisa.

Poupada por alguém de fora a uma enorme discussão com aquele ditadorzinho egoísta do Charles Burdum!, pensou Edda, fazendo um bule de chá, enquanto Charles explicava o que acontecera, realçando a sua própria importância na história, é claro.

No entanto, a paciência de Jack era menor que a de Edda, e também não estava disposto a assumir um papel secundário com pouca importância ou relevância. O seu punho bateu ruidosamente na mesa.

— Não precisas de te preocupar com a Grace, Charlie. Eu tenciono tomar conta dela e dos rapazes. Assim que possam fazer as malas, vão morar comigo para Corundoobar. Oh, e vou casar com ela, não para agradar às galinhas velhas defensoras dos valores morais de Corunda… ela precisa de um marido agora ou nunca mais terá mão naqueles meninos. A tonta da minha mãe arruinou as nossas vidas quando o meu pai morreu, e ela era uma Burdum e tudo! O pastor era um daqueles típicos fanáticos da religião, nem um pouco parecido com Tom Latimer. E ele intimidou-a e convenceu-a a viver de acordo com o que as outras pessoas diziam. Desde quando é que um bando de linguarudos deve ditar a forma como uma mãe sozinha e os seus filhos vivem? Por isso, a Grace está ao meu cuidado *agora*, ouviste? Não vou deixar que ela passe mais dificuldades! E vou criar os filhos de Bear, têm a palavra de um Thurlow. O meu pai pode não ter sido o marido que o velho Tom Burdum queria para a sua filha, mas era um bom marido e um bom pai. Vou fechar esta casa com tábuas até os tempos

melhorarem e depois Grace pode vendê-la para ficar com algum dinheiro…

Jack deu um soluço e parou, aterrado com a sua própria torrente de palavras, como se o homem que as tivesse proferido lhe fosse completamente desconhecido. O seu olhar virou-se de repente para Charles, depois para Edda; os seus ombros elevaram-se, como se tivesse tirado um enorme peso de cima deles.

Charles estava de tal forma aturdido que se limitou a ficar de pé a olhar fixamente.

Algo se movia dentro dos maxilares e das faces de Edda, um exército rastejante em movimento: é este o verdadeiro Jack Thurlow, o homem pelo qual tenho adiado a minha partida desta cidade há vários anos? Se fosse eu no lugar de Grace, será que ele teria vindo em meu auxílio, como Sir Galahad com o Santo Graal em vista? Jack não me ama a mim ou a Grace, ele está apaixonado pelo dever e, neste momento, vê o seu dever de forma tão clara como se Deus o tivesse escrito no céu em letras flamejantes. Durante meses estivera ansioso por assumir os fardos e tratar das responsabilidades de Bear, como se lhe pertencessem. Está a agarrar-se a Grace como um louco depois do reflexo da lua numa poça.

— Meu caro amigo — dizia Charles, desafiado a retomar a sua atitude *pommy* —, será tudo isso necessário agora? Asseguro-te que não me importo de sustentar Grace e os filhos. É meu *dever* fazê-lo, Jack, não teu.

— Bear e eu éramos amigos, bons amigos — respondeu Jack num tom severo. — Pareces querer responsabilizar-te por Corunda inteira… já não chega? Eu tenho tempo e espaço para Grace.

Tufts encontrou um Charles Burdum irritado e perplexo quando entrou na cozinha; Edda estava absorta a fazer o chá, como se a parte da cozinha onde se encontrava ficasse noutro continente.

— Senta-te, Edda. Eu termino isso — disse Tufts.

— Jack diz que vai levar Grace e os meninos para Corundoobar.

— Que interessante. Senta-te, Edda, senta-te! Eu vou contigo dar a novidade a Kitty, Charlie — disse Tufts. — Edda, presumo que vás contar ao papá? Ainda

bem! E fecha a boca, Charlie, senão vão entrar muitas moscas. Sabes, elas transportam germes.

Houve outros casos de suicídio em Corunda; a situação não estava a melhorar e continuava a piorar gradualmente por toda a Austrália, o que era verdade também para Corunda como parte da nação. À medida que o ano de 1930 se aproximava do fim, o desemprego crescia cada vez mais e os salários eram cada vez mais baixos para aqueles que tinham trabalho. Se os diretores de bancos e os presidentes dos conselhos de administração conseguiam de alguma forma não sofrer com a redução das despesas, isso devia-se simplesmente ao modo como funcionava o mundo, cujos governos em todo o lado protegiam os mais ricos, até mesmo na URSS de Estaline. Embora se tivesse aguentado bem no início, a prosperidade de Corunda estava a desintegrar-se rapidamente, apesar do novo hospital. O espetro da contenção de despesas tornou-se mais visível à medida que todos os fatores responsáveis pela criação de uma boa saúde económica ocupavam cada vez mais espaço nos jornais e revistas; termos que um homem trabalhador nunca ouvira antes de 29 de outubro de 1929 eram agora discutidos em bares e nas filas para a sopa dos pobres, enquanto a Grande Depressão avançava e avançava…

Tendo relações com os Burdum e com os Treadby, a morte de Bear Olsen proporcionou um fórum ainda mais público no qual se discutia um problema crescente, até mesmo em Corunda: o enterro de suicidas em locais consagrados.

Uma minoria de habitantes de Corunda queria dar continuidade tangível à maldição do suicídio até à campa, recusando aos suicidas uma cerimónia fúnebre ou solo sagrado. Era de esperar que o velho monsenhor O’Flaherty se opusesse e argumentasse, apesar de os seus conselheiros pedirem uma interpretação mais benevolente das leis de Deus, mas ele não era, nem por sombras, o único pastor cristão para aí inclinado. Alguns pastores protestantes eram igualmente intransigentes nesse assunto. As discussões eram acesas e muito desagradáveis, e provocaram uma nova série de frações nas instituições cristãs: dois suicídios na

família Corrigan no West End provocaram um enorme êxodo da Igreja Católica de St. Anthony, quando o reverendo Thomas Latimer ofereceu aos Corrigan a certeza de que o Deus de Henrique VIII não era tão inflexível como o do Vaticano relativamente ao estado de graça dos mortos, apesar de um dos próprios conselheiros do pastor Latimer achar tão fortemente como monsenhor O'Flaherty que o suicídio era o único crime que Deus não perdoaria. Sendo uma força formidável em Corunda, Thomas Latimer era geralmente visto como estando do lado certo quando pregou de forma impetuosa do seu púlpito, num sermão memorável, que nenhum homem, mulher ou criança que tirasse a própria vida sob as circunstâncias dos tempos que decorriam pudesse estar bem da cabeça: a loucura também era um presente de Deus e trazia consigo o suicídio como parte do pacote. A sua opinião abalizada, embora intensamente emocional, parecia razoável, lógica e, com o aproximar do final de 1930, parecia ser uma opinião com a qual as pessoas conseguiam viver, senão mesmo aceitar com todo o coração.

A caminhar atrás de Grace e dos filhos, Edda, vestida de preto dos pés à cabeça, virou a cabeça para avaliar o tamanho da multidão que seguia o caixão da Igreja de St. Mark até ao pequeno cemitério ao lado, onde as famílias dos pastores eram enterradas ao lado de Burdums e Treadbys. Negro, negro, negro, uma corrente ondulante de negro. Nestes tempos difíceis, não faltava roupa preta a ninguém para usar nos funerais.

Há muito mais pessoas a morrer do que a nascer, pois a força da vida está a fraquejar neste momento, e se as pessoas desconhecem outra forma de evitar conceber uma criança do que evitar por completo ter relações sexuais, então é precisamente isso que fazem. Quem desejaria este mundo para uma criança? A situação só vai de mal a pior.

O que está a acontecer às irmãs Latimer? O que ainda tem de acontecer mais?

Aquele *idiota* do Jack Thurlow! Graças às suas promessas indiscretas e

repetidas inúmeras vezes de acolher Grace, as pessoas já comentam que a minha irmã gémea já tem o próximo marido escolhido ainda antes de ter enterrado este. Que arma cruel, a língua! Olhem para ela, seus estúpidos! Ela está devastada com a sua perda! *Ninguém a pode ajudar*, nem mesmo Jack Thurlow! Um homem sem propósito que pensa que encontrou um. Mas, a não ser que nós as três a consigamos tornar mais forte, ela vai submeter-se a Jack Thurlow e fazer o que ele quer. Ela é uma mulher submissa que não conhece outra forma de vida senão apoiada em alguém. Morte na vida, medo no amor, consolação no ato de pertencer a alguém.

Somos uma legião de corvos negros. Kitty veio. Eu sabia que ela viria. Eu cravo a estaca, Kitty corta a cabeça. Cada uma de nós é necessária, com Tufts a trazer as qualidades da terra e Grace as da água.

É difícil apanhar Kitty sozinha desde que se casou com Charlie Burdum… um homem muito possessivo. No entanto, todos os homens o são, faz parte da natureza da criatura. O seu isolamento ao cimo da Catholic Hill é propositado. Sem carro, um local de difícil acesso, e eu, por exemplo, não tenho dinheiro para ter um carro. Nem ele ensinou Kitty a conduzir. O quanto um casamento pode mudar as coisas! Um homem desconhecido entra na equação e a união entre as quatro irmãs é fragmentada… tenho *saudades* de Kitty!

Coitado do Brian! Dois anos de idade. Esta marcha lenta era o máximo que as suas pequenas pernas conseguiam acompanhar… as calças com as bainhas feitas à altura do joelho, pois estavam dobradas e redobradas na cintura, o casaco abotoado para não cair, de tão grande que era, a gravata com o nó feito. Braçadeira preta, Edda, braçadeira preta! A sua meia esquerda descaíra, tinha ranho na narina direita, que estava em pulgas para tirar, e o cabelo cor de prata estava levantado no topo da cabeça. Oh, *adorável*! Um pouco do meu sangue neles, eu faço parte de Brian e John, apesar de não ter filhos meus. O cheiro a goivo e a cravo! Agridoce. Vou para sempre associar o cheiro de goivo e cravo a este terrível funeral.

Embora os velórios fossem considerados papistas, o reverendo Thomas Latimer fora movido por um instinto que não conseguia compreender de dar uma receção depois de terminada a cerimónia do enterro; cerca de cem pessoas reuniram-se no interior da casa paroquial de St. Mark para partilhar uma bebida à sua escolha e bastantes salgados e doces. Charles Burdum fez questão de pagar as despesas.

Tufts encarregou-se de conversar com Charles no intuito de o distrair, enquanto Edda atacava Kitty e a levava para uma salinha que só quem conhecia o presbitério sabia que existia. A morte de Bear afetara Kitty, mas não tivera um impacto esmagador sobre ela, apesar da recenticidade da sua própria perda; ela não ficaria mais deprimida por causa disso, constatou Edda com alívio. Parecia muito bem fisicamente.

— O teu gosto a vestir melhorou bastante, Kits — disse Edda, escolhendo uma cadeira em frente da irmã. — O teu chapéu é um encanto… onde o encontraste?

— Não fui eu — respondeu Kitty, com a voz melosa. — Charlie gosta de percorrer as melhores lojas e comprar coisas que gostava de me ver usar. — A sua voz ficou ainda mais baixa. — Ele é o tipo de comprador que agrada a qualquer mulher, Edda, e o gosto dele é muito melhor que o meu. Eu tenho demasiado do gosto espalhafatoso de Maude em mim. — Ela suspirou e soltou uma gargalhada tipicamente sua… que maravilhoso era ouvi-la! — Ele é possessivo, de tal maneira que lhe custa aceitar o amor que sinto pelas minhas irmãs. — Kity encolheu os ombros. — Bem, como poderia ele entender tal coisa? É filho único e, embora tenha crescido no seio de uma família, nunca teve mãe nem pai. O resultado é que ele pensa que o amor que sinto pelas minhas irmãs diminui o amor que sinto por ele, e não consigo fazê-lo compreender que são dois tipos de amor diferentes, em dois compartimentos separados. Como eu odeio estar no cume daquela maldita colina! Com a Depressão a piorar, já não existem táxis em Corunda, tenho de oferecer dinheiro a alguém que tenha carro, o que é ilegal.

— Lamento — disse Edda, sendo cuidadosa para não dizer entredentes o que

estava a pensar. O filho da mãe, *filho da mãe*! — Tens tantos automóveis.

— Mas não sei conduzir.

— Eu sei, mas podes aprender e vais aprender… Porquê? Porque todas as quartas-feiras vais almoçar comigo e com Tufts ao hospital. — Os olhos preocupados dela trespassaram Kitty. — De certeza que não tens *medo* de Charlie, pois não?

— Não, não! — exclamou Kitty, corada. — É mais porque ele tem uma série de ideias fixas sobre mim, sendo uma delas o lugar que a esposa deve ter na sua vida. Ele controla-me! Isto é demasiado difícil para mim, aquilo não vale o meu esforço, e as irmãs devem pertencer ao passado, juntamente com as recordações de infância. É como se eu tivesse ganhado tanto ao casar com ele que nada do que fiz antes importasse! Uma coisa aprendi, sem sombra de dúvida, Edda: Charlie não me vai deixar ter uma relação próxima com as minhas irmãs.

Edda não fazia ideia do que Kitty ia dizer ou de como iria reagir quando ficasse a saber as novidades em relação à possível mudança de destino de Grace, mas nem por um momento lhe passou pela cabeça que Kitty guardasse tantos ressentimentos, de forma tão *consciente*, pelo marido, e ainda nem sequer tinham falado sobre Grace. Assim, quando Tufts apareceu à porta, Edda disse-lhe logo para entrar.

Kitty limitou-se a continuar a falar do mesmo assunto depois de terem terminado os abraços e os beijos.

— Oh, se vocês soubessem o quanto eu odeio aquela casa no cimo da colina!

— Eu lembro-me — disse Edda, friamente — de que te divertiste bastante a subi-la, porque eu estava contigo nas tuas excursões.

— Sim, tinha alguma coisa para fazer na altura! Agora… como é que posso esperar que alguma de vocês compreenda? Vocês estão sempre ocupadas, fazem um trabalho notável e desempenham-no tão bem, recebem elogios e toda a gente vos conhece.

— Oh, Kits! — exclamou Tufts, sentindo mais lágrimas a subirem aos olhos, mas por um motivo diferente do de Grace e dos rapazes. — Não me digas que não estás apaixonada por Charlie, por favor!

— Devo estar, porque aturo muita coisa. Quero dizer, não me passa pela cabeça deixá-lo, e não tenho medo de o deixar… — Kitty parou e estremeceu. — Não, não tenho o medo que vi muitas outras mulheres terem… o medo de serem mortas ou de serem espancadas de tal maneira que nunca mais são capazes de recuperar… não é nada disso, honestamente. De qualquer modo, Charlie espera que eu esteja ao seu lado num abrir e fechar de olhos, com o levantar de um dedo, e, se eu estiver com uma das minhas irmãs, ele… ele *amua* de tal maneira! É como se eu não tivesse o direito de ter prazer na companhia de outras pessoas se ele reparar que eu gosto dessas pessoas. Ele nunca encostaria um dedo em mim num momento de raiva, mas faz-me sofrer na mesma. O papá não sabe de nada disto, porque com o papá vem Maude, e Charlie não é nenhum parvo… ele sabe como Maude me afeta. As minhas irmãs… oh, é algo completamente diferente!

Tufts beijou a sua gémea verdadeira com ternura.

— Minha querida Kitty, Charlie sente ciúmes. Algumas pessoas são assim e não se pode fazer nada em relação a isso, é um traço de personalidade inato. Tens de o suportar, mas não tens de te sujeitar. Começa a fazer o que queres, e isso significa que tens de ver Edda, Grace e a mim quantas vezes quiseres ou precisares. Quando Charlie se queixar, diz-lhe que a vida é mesmo assim e que vais continuar a ver-nos independentemente do que ele sinta em relação a isso. Vá lá, tu consegues!

E quanto disto, pensava Tufts, resultava da tragédia de o seu filho ter nascido morto? Ninguém sabe por que razão aconteceu, mas a ignorância é o pior de todos os dilemas pessoais. Assim, eu desconfio que ele a queira culpar e é bastante óbvio que ela o quer culpar. Charlie, Charlie, porque não mostraste a Kitty que estavas a sofrer? Se o tivesse feito, ela não estaria tão ocupada a acumular ressentimentos. E ele, claro, pensa que ela está a ser consolada única e exclusivamente pelas irmãs. Que confusão!

De repente, o humor de Kitty mudou. Os olhos azul-lilás adquiriram um brilho furtivo, o seu rosto uma expressão conspiratória.

— Meninas, contem-me o que se está a passar por baixo da aparente

tranquilidade de hoje. Algo se passa! Jack Thurlow está envolvido, e o comportamento de Charles parece o de um puritano com um segredo inconfessável. Eu não estou bem, blá, não devo ser perturbada, blá-blá, os boatos vulgares são coisa que não me deve interessar, blá-blá-blá. Digam-me, eu quero saber!

A resposta de Edda foi levantar-se da cadeira de um pulo como um gato, aproximar-se de Kitty e abraçá-la, beijá-la.

— Jack Thurlow é o problema, e não sei outra maneira de o descrever sem ser que penso que ele está doido. O homem é o sonho tornado realidade de qualquer alienista, repleto de complexos e impulsos primitivos, blá-blá…

As irmãs disseram em uníssono: «… blá-blá!»

— … Para de rir, Kitty! Oh, mas é tão bom ouvir-te dar umas boas gargalhadas! Tão bom! — exclamou Edda, limpando as lágrimas de alegria e tristeza dos olhos. — Os homens são possessivos, já percebemos isso quando falávamos de Charlie, e essa é a principal razão por que nunca me vou casar. Recuso-me a ser propriedade de alguém. O nosso Jack é um lobo com pele de cordeiro, e um caracol num carro de corrida, e um elefante escondido atrás de um grão de areia. Tudo o que se vê são contradições. Eu sei isso mais que ninguém, somos namorados há anos. Jack vive envolto num nevoeiro de mistério que ele mesmo cria.

No momento em que Edda proferiu esta última frase, o rosto de Kitty iluminou-se.

— Sim, é isso! Um nevoeiro! Charlie também vive envolto num nevoeiro de mistério que ele mesmo cria. No entanto, Jack não representa qualquer perigo porque não te vais casar com ele.

— Que metáforas maravilhosas, meninas — disse Tufts, rindo.

— O que vai Jack fazer para que Charlie pense que isso me vai arrastar para um inferno de infelicidade e desespero? — perguntou Kitty, sentindo uma emoção muito forte por aquelas adoradas mulheres, que eram capazes de aligeirar o sofrimento que os mortos inspiravam.

— Ele vai levar Grace e os rapazes com ele para Corundoobar amanhã e

casar com Grace o mais brevemente possível — disse Tufts, dando a Kitty um copo de vinho espumante. — Bebe, Kits.

— Nada mau — disse Kitty, a bebericar —, embora eu desconfie que hoje até urina eu consideraria bebível.

— Oh, Kitty, adoro-te! — disse Edda.

— É claro que adoras — replicou Kitty, ronronante. — Edda, Jack Thurlow tem sido uma desculpa para ficares por Corunda desde que éramos adolescentes. Achas que Grace, Tufts e eu não sabemos que ele não passa de uma desculpa? O que realmente te mantém aqui é o mistério das quatro gémeas Latimer e não um intruso, como um *homem*. Até ires embora (e hás de ir!), enriqueces as nossas vidas, que é o que Charlie, sendo um homem, não é capaz de ver. Quer Charlie goste ou não, eu vou aprender a conduzir e visitar as minhas irmãs quantas vezes quiser.

— Então, está tudo bem — disse Tufts, pragmática —, embora nada disto dê resposta ao enigma de Jack Thurlow. O que acham?

— O que é que tu achas? — ripostou Kitty.

— Acho que é uma loucura. Pobre Grace!

— Concordo — disse Edda.

Um silêncio abateu-se sobre elas; todas bebericavam o vinho espumante.

— Maude desapareceu um pouco das nossas vidas, Kitty. Pelo menos da minha — disse Edda subitamente.

— Oh, se ela usasse o carro do papá, não saía da Casa Burdum — disse Kitty, de forma descontraída, pousando o seu copo ruidosamente. — O problema é que a mamã perdeu a alegria de viver quando casei com Charlie, que roubou o papel dela. São ambos napoleões, mas ele tem o pénis para acompanhar o complexo.

— Manténs a língua afiada, Kits! Um pénis! Não é um palavrão, mas as pessoas reagem como se fosse — disse Edda, com riso na voz. — Como te sentes agora em relação a Maude, minha pequena?

Kitty fez uma careta.

— Oh, Maude! A nossa Clitemnestra, ou será que quero dizer a nossa

Hécuba? Eu perdi o medo dela assim que fui tirar o curso de enfermagem, mas isso vocês já sabem. Depois do meu casamento, ela desapareceu no ar diáfano, uma parte do espetáculo insubstancial desvaneceu-se. Por vezes, Shakespeare diz as coisas de forma tão perfeita que deixa de existir outra forma de as dizer. O papá manteve-a sempre do seu lado… ela esteve sempre… *lá*. Fazia parte da mobília do presbitério.

Uma cabeça dourada espreitou pela porta entreaberta, o seu rosto inquieto.

— Aqui estás tu! — Charles abriu a porta. — O que é isto, uma confabulação secreta? Segredos que *eu* não posso saber? Isso não pode ser, meninas!

— Segredos de mulheres — disse Edda, levantando-se — e, por isso mesmo, não são do teu interesse, Charlie. No entanto, atenção! Kitty vai almoçar connosco ao hospital todas as quartas-feiras e tu não estás convidado, mesmo que seja só para espreitares pela porta. — Edda caminhou até ele para o olhar de cima e pontuou o seu discurso com ocasionais espetadelas do seu dedo indicador direito no peito de Charles. — Desde que a levaste para o cume da Catholic Hill, quase nunca vejo a minha irmã mais nova e isso… — pancada com o dedo — … vai mudar. Tu… — pancada com o dedo — … ainda nem lhe arranjaste aulas de condução e isso… — pancada com o dedo — … também vai mudar.

Charles corou, os seus lábios ficaram tensos.

— Foi um mero lapso — disse ele com rigidez. — Vou começar a ensiná-la amanhã.

— Oh, não, o marido nunca deve ser o instrutor! — exclamou Edda rapidamente. — Bert, o condutor da ambulância, é o melhor instrutor de condução de Corunda.

— Então, será Bert — disse Charles, claramente derrotado. — Está na altura de voltarmos para junto das outras pessoas, minhas *senhoras*.

A receção ia no seu auge, os participantes estavam suficientemente encharcados nas bebidas alcoólicas que circulavam mais depressa do que a comida e os levava numa espiral descendente para um estado de ligeira confusão

mental, que lhes permitiria dizer adeus a Bear Olsen para sempre. Maude levara Brian e John para o presbitério, onde Grace ia ficar, e a viúva, livre deles, parecia tornar-se cada vez mais visível enquanto pessoa do que quando se encontrava amarrada aos filhos.

Quando aconteceu, Grace estava de pé com o reverendo, o doutor Liam Finucan, o doutor Charles Burdum, o velho Tom Burdum, Jack Thurlow e o presidente da Câmara, Nicholas Middlewore; as suas três irmãs encontravam-se a alguns metros de distância num grupo que incluía a enfermeira-chefe Newdigate, a irmã Meg Moulton, a irmã Marjorie Bainbridge e a enfermeira Lena Corrigan. Todas enfermeiras.

Grace parece uma autêntica viúva em todos os aspetos, pensou Liam Finucan, desde o leve ar doente que exibia agora, até aos olhos enormes e exaustos, que estavam quase tão claros como os de Edda.

As suas mãos sem luvas seguravam um copo de vinho branco, uma imagem de tranquilidade absoluta; a linha do seu maxilar, à medida que virava o rosto para acompanhar a conversa, definida, pura. E, reparou Liam, intrigado, cada uma daquelas cem pessoas resolveu observá-la de repente, como se fosse uma atriz em palco. Grace, achava ele, estava prestes a assumir o seu papel de estrela.

— *Jack!* — A palavra soou como o estalido de um chicote.

Ele tinha estado a olhá-la fixamente, de qualquer maneira, mas o tom de voz dela surpreendeu-o; Jack pestanejou, sorriu-lhe com ternura e disse:

— Sim, Grace?

Quando ela falou, foi num tom alto e decidido, com as vogais muito bem pronunciadas, as sibilantes cortadas e as consoantes enunciadas de forma muito clara, uma voz que dizia ao seu público atento que pensara sobre o que dizer antes de o fazer.

— Correm rumores disparatados por toda a cidade de Corunda, Jack, e eu tenho pensado muito sobre uma maneira de os parar. Foi dito que hoje, com a terra ainda fresca sobre a campa do meu amado marido, eu já tinha um sucessor escolhido à espera. Mas eu nada fiz para que esses rumores começassem, por isso, agora e em público, no dia do funeral do meu adorado marido, tenciono

enterrar também os rumores.

— Grace, por favor — disse Jack, desorientado. — Não sei o que te está a perturbar, mas aqui e agora não me parece a melhor altura para falar.

— Receio discordar — disse ela, e afastou-se do grupo, ficando sozinha, com os pés firmemente assentes no chão; entregou o seu copo de vinho a Nick Middlemore, como se este fosse um útil empregado de mesa. — Este é precisamente o fórum mais indicado para dizer a todos o que sinto, e assim que ficarem a saber, não podem existir mal-entendidos sobre o meu futuro ou o dos meus dois filhos.

A adivinhar o que aí vinha, as suas irmãs levantaram-se tensas, embora não fazendo qualquer movimento para ir ter com ela; isto era algo que Grace tinha de fazer sozinha, sem ajuda.

— Embora os planos para o meu futuro tenham sido feitos com a melhor das intenções, não foram elaborados com o meu conhecimento ou aprovação. — Grace prendeu um muito confuso Jack num olhar intenso e, em seguida, sorriu para ele. — És muito bondoso, Jack, e respeito-te por isso, mas não estou sozinha na minha infelicidade. Tenho uma família, tenho muitos amigos, tenho vizinhos muito leais e prestáveis. Amo o meu marido com todo o meu ser, e vai levar muito tempo, se é que alguma vez acontecerá, até conseguir sequer pensar noutro homem. Eu sou uma mulher decente. O meu pai é o pastor da Igreja de St. Mark. Como poderia eu desrespeitar todos os valores morais em prol do conforto material que não conheço há muitos anos? Seria considerada uma rameira vulgar… e com toda a razão! — Uma mão longa e flutuante ergueu-se. — Vá, Jack, vamos ser amigos. Pura e simplesmente amigos. Agradeço-te do fundo do coração, mas vamos acabar com os rumores de que eu me vou mudar para Corundoobar. A minha casa é em Trelawney Way.

— Bravo, Grace — disse Edda, baixinho, o seu olhar cruzando-se com o de Tufts e Kitty. Algures, bem no fundo, todas elas já o sabiam.

Jack Thurlow encontrava-se de pé, aturdido. Ele tomara a mão de Grace de forma quase automática, uma expressão nos seus belos olhos que lembrava a Liam Finucan a tomada de consciência que acontece no segundo antes do golpe

da alabarda. A sua boca mexeu-se, tremeu; em seguida, abanou a cabeça.

— Eu… — disse ele, não conseguindo dizer mais nada.

Oh, coitado do homem!, pensou Kitty, ao ver Jack Thurlow pela primeira vez como alguém que não o tigre domesticado de Edda. Não se trata do sofrimento de um amor não correspondido, porque tu não amas Grace; é a amarga humilhação da rejeição pública quando não fizeste nada para merecer esse tratamento. Como explicar que foste tu o único culpado por isto ter acontecido?

Charles intrometeu-se na conversa de forma descontraída.

— Sim, Jack, é muito generoso, sobretudo quando os rumores transformaram uma coisa noutra completamente diferente do que tencionavas, hem?

Charles colocou a mão no braço de Jack e levou-o dali.

— Será que todos sabíamos que ela ia recusar? — perguntou a enfermeira-chefe Newdigate.

— Não seria próprio dela se aceitasse — disse Meg Moulton. — Grace gosta de uma vida um pouco difícil porque lhe dá razões legítimas para se queixar.

— Viver como uma aristocrata em Corundoobar e mandar os filhos para o colégio interno de King's não faz o tipo de Grace — disse Tufts. — Ela gosta de Trelawney.

— Porque não havia de gostar? — perguntou Lena Corrigan, a rir. — Grace é a rainha de Trelawney… do caminho de Trelawney, da estrada de Trelawney, da rua de Trelawney, da ruela de Trelawney, da rotunda de Trelawney e de tudo o resto… e ela não tem a mínima intenção de abdicar disso. Demorou todos os anos em que esteve casada para ser coroada, mas tal como Vitória foi confrontada com a viuvez.

O sobrolho de Edda levantou.

— Não estás a exagerar um pouco, Lena?

— Nem um pouco! Tu não o vês porque és irmã gémea de Grace, mas ela tem um dom para lidar com as pessoas comuns. O que estou a tentar dizer é que tu tens tendência a considerá-la uma ignorante, porque ela não durou muito no curso de enfermagem, mas as mulheres de Trelawney Way veem-na como uma mulher com uma educação superior e conhecimentos… ela inscreveu-se na

Comunidade de Vida Cristã, por isso é capaz de falar sem parar sobre história, geografia, literatura, alusões clássicas, álgebra, o que quiseres. Contudo, ela nunca, *nunca* menospreza ninguém por não ter o seu nível de educação. Tem orgulho no seu gosto, é uma dona de casa exemplar e nunca se mete na vida dos vizinhos. Isso é um autêntico milagre! As mulheres de Trelawney Way não são um bando de duronas como nós no West End, mas também não pertencem a Catholic Hill. E Grace é a rainha delas.

— Eu percebo — disse Tufts. — Eu sou a irmã que mais a visita em casa, e ela está sempre ocupada com algum assunto relacionado com Trelawney. Viva a Grace!

— Os seus dezasseis meses de enfermagem também não foram desperdiçados — disse Kitty, pensativamente. — Uma mulher de Trelawney que tenha um filho doente vai primeiro ter com Grace e só depois disso é que vai ao médico. Os tempos estão difíceis e uma ida ao médico custa muito dinheiro. Geralmente, só precisam de Grace.

— Como sabes isso, Kits? — perguntou Edda, surpreendida.

— Mesmo no cume da Catholic Hill correm boatos.

A mente de Edda divagou. «Coitado do Jack!» Ditas as palavras, Edda levantou-se e dirigiu-se para o local onde Charles abandonara o jovem rejeitado.

— Anima-te — disse ela em voz alta. — Pode não parecer agora, mas a decisão de Grace poupou-te a uma vida de sofrimento considerável. Tu e ela não têm nada que ver um com o outro, Jack. Não quero parecer irónica, mas tenho a certeza de que aquele teu gato gordo e mimado sairia pela porta fora assim que Grace entrasse em casa, e não demoraria muito tempo até tu desejares poder fazer o mesmo. Grace não é fraca e indefesa. Ela é feita do aço mais duro. Os habitantes de Corunda vão acabar por perceber que o teu impulso de acolher Grace e os rapazes foi louvável. Era Grace que acabaria por sentir rancor e desdém. Nunca ninguém admirou uma pessoa pobre por casar com uma pessoa rica. Assim, os instintos de sobrevivência de Grace são magníficos, por isso ela fez o que tinha de fazer: recusar o teu gesto em público.

— E ridicularizar-me em frente de toda a gente.

— Que disparate! Tu ficas a parecer um cavaleiro de armadura brilhante. Ninguém pensa menos de ti por fazeres a proposta, e agora também ninguém pensa menos de Grace. Vocês os dois saíram imaculados da situação.

O corpo dele contorceu-se, um movimento que parecia bastante doloroso.

— O problema, Edda, é que eu estava ansioso por assentar com Grace. Eu tenho Corundoobar, vou sobreviver bem à Grande Depressão e gostaria de ter alguns herdeiros. Brian e John iam adorar aquela vida.

— Então, tenta o mesmo caminho, mas mais devagar — disse Edda, tendo isto um custo para ela sobre o qual não queria pensar. — Corteja-a como se deve cortejar uma viúva. As tentativas dela de te manter longe não vão durar muito mais do que o tempo que a porta da capoeira das galinhas leva a cair, ou as bichas-cadelas a invadir o terreno onde estão plantadas as batatas. Grace já está habituada a contar contigo, Jack. Assegura-te de que pode sempre fazê-lo.

A sua boca ficou mais fina, os olhos incendiaram-se.

— Nem pensar! — explodiu ele. — Não quero saber se a porta da capoeira de Grace se desfaz em bocados, e ela pode dar puré de bichas-cadelas aos filhos! Ela humilhou-me!

— Estou desiludida contigo, Jack — disse Edda.

— Oh, as irmãs a unirem-se contra tudo e contra todos, hem?

— Sim, sempre. — Os olhos de loba troçavam dele. — Sempre foste um mistério para mim ao longo de todos estes anos, Jack Thurlow, mas agora já não. Por baixo dessa atitude de homem duro da terra, está um homem de palha. Sem cérebro, sem estômago para aguentar a vida e, sem dúvida alguma, sem escrúpulos.

Edda virou-se e juntou-se ao grupo de mulheres, o peito a palpitar como se tivesse corrido vinte quilómetros a fugir de um assassino.

— Adeus, Jack? — perguntou Kitty.

— Preferia antes dormir com um espantalho! Tem muito mais dentro dele.

O ano de 1931 trouxe consigo uma terrível lição: as dificuldades económicas desta magnitude arrastariam toda a gente para baixo durante muitos e longos anos. As divergências ideológicas no seio do governo federal trabalhista foram agravadas pelas viagens de James Scullin ao estrangeiro à custa do Estado; quando por fim regressou à Austrália, em janeiro de 1931, a população ficara a conhecer suficientemente bem o seu número dois, Joe Lyons, para começar a gostar mais dele do que de Scullin.

Por Charles, Kitty tentou manter o fascínio relativamente aos nomes e às personalidades por detrás dos nomes, mas a política, como o tempo lhe vinha a ensinar, era coisa que se encontrava longe do seu coração. Considerava os políticos que conhecia pessoalmente pouco inspiradores, em nada diferentes da maioria dos homens. De uma forma geral, pensava ela, não cuidavam muito da aparência nem exibiam maneiras exemplares; entre a caspa, a pança flácida, os dentes estragados, a calvície coberta por uns quantos cabelos penteados de forma a disfarçar, os narizes tingidos de vermelho-escuro devido ao consumo excessivo de bebidas alcoólicas e as nódoas de sopa nas suas gravatas, era um grupo horroroso.

— Se, ao menos, os microfones tivessem uma imagem associada! — disse ela a Charles. — Os políticos teriam de cuidar da sua imagem, porque as pessoas que votam neles conseguiriam vê-los em ação, como são e como se comportam. Depois de os ver, eu só votaria nuns poucos… será que as suas mulheres não veem?

— *Eu* não te dececiono — disse Charles, com alguma satisfação.

— É verdade, mas, fora de Corunda, quantos eleitores sabem disso?

Ai, incontestável!

Charles estava bastante consciente de que, desde a perda do seu filho, Kitty mudara a sua atitude em relação a ele; a questão de aprender a conduzir (um verdadeiro lapso da sua parte) era um dos indicadores disso. Sabendo que estava a ser irracional, ainda culpava as irmãs de Kitty, por muito que gostasse de cada uma delas, até de Grace. Apenas não enquanto cunhadas.

O mais difícil para ele entender era a reação de Kitty relativamente ao seu instinto protetor… porque será que a aborrecia tanto e cada vez mais à medida que o tempo passava? No final de 1930, Kitty implorara a Charles para engravidar novamente, mas quando este recusou, argumentando que Kitty ainda não descansara tempo suficiente desde a última vez, ela não aceitou as suas razões como válidas. Em vez disso, começou a enfiar-se na cama temporária em que Charles dormia, onde, é claro, o corpo traiçoeiro dele a recebia com prazer e a desejava intensamente. Ela ficava feliz, ele preocupado.

— Charlie, eu quero filhos! — disse ela, furiosamente. — Quero constituir a minha própria família, quero uma razão para viver! E não digas que és tu a minha razão de viver, porque não és! Tu vives para a política, para o hospital e para mim, por essa ordem. Mas onde está a minha política, onde está o meu hospital? Estou fechada num mausóleo vazio no cimo de uma colina, e quero uma casa cheia de filhos! Não quero esta casa que mais parece um salão de exposições, quero um lar… ouviste-me? *Um lar!*

— Vai acontecer, Kitty, vai acontecer! Mas espera, por favor, imploro-te que esperes!

Perto da Páscoa, Kitty foi falar com o pai e confessou-lhe os seus problemas.

— Não posso ir visitar as minhas irmãs — disse ela, caminhando com ele no jardim do presbitério, glorioso no verão —, porque preciso de falar com alguém mais velho e mais sensato, mas que seja sangue do meu sangue. Papá, já viu tudo o que havia para ver no seu tempo, tem de ser o senhor.

Caminharam a passos largos por entre mantos de flores, rosas e margaridas

que mais pareciam pequenas fadas, ásteres e begónias, enquanto o velhote tentava compreender a sua filha mais amargurada… Oh, o que poderia ter acontecido se Maude tivesse sido uma mãe diferente! Ou a sua filha menos bonita?

— Estou aqui para te apoiar, Kitty — disse ele. — Conta-me.

— Tenho uma ideia na minha cabeça que não consigo afastar, papá, e *sei* que é uma ideia errada, mas isso não me impede de pensar nela. — Os seus olhos ficaram marejados de lágrimas que não caíram. — Eu não devia ter casado com Charlie. Oh, eu amo-o, não é esse o problema. No entanto, tenho a ideia de que Charlie é a razão da minha infertilidade, que Charlie e eu não conseguimos fazer bebés.

Thomas Latimer conduziu-a para um banco e sentaram-se os dois nele, depois virou-se para a sua filha, as mãos dela nas suas.

— Foi Maude quem te pôs essa ideia na cabeça, Kitty? — perguntou ele.

— Não! Honestamente, papá, não. Desde que casei que não falo muito com ela, mesmo quando ela me vai visitar. O pensamento dela é confuso, ainda não reparou?

— Sim, querida filha, já reparei.

— Não, a ideia é minha — disse Kitty. — Charlie e eu não conseguimos fazer bebés.

— A ideia é traiçoeira, mas falsa — respondeu o reverendo, com firmeza — e deves livrar-te dela. O teu marido é um homem perfeitamente capaz, muito adequado para ti enquanto pai dos teus filhos. O que quer que tenha acontecido ao pequeno Henry Burdum é um mistério, que não pode ser resolvido por uma conclusão inválida como a tua… que injustiça! Vá lá, Kitty, sabes que estás a ser injusta. Não tens qualquer indicação ou fundamento. Isso foi sugerido por algum médico?

— Não — disse ela, desalentada.

— Porque não tem qualquer fundamento, minha filha, nenhum. O ato de conceber uma criança não é carpintaria, onde duas tábuas podem não encaixar, ou um *puzzle* com uma peça em falta. É uma dádiva de Deus. E o que Deus dá,

só Deus pode tirar. O Todo-Poderoso pode usar os humanos como peões para realizar as Suas obras, mas continuam a ser d'Ele e só d'Ele. Estás à procura de uma vítima, Kitty, mas culpares o teu marido é absolutamente errado.

Kitty ouviu, as lágrimas livres para correrem pelas suas faces.

— Sim, papá, estou a ouvir — sussurrou ela —, mas e se eu continuar a perdê-los?

— Então, será essa a vontade de Deus, mas acho que não existe razão alguma para isso acontecer. — O reverendo retirou o lenço do bolso e passou-o pelo rosto de Kitty, entregando-lho, em seguida. — Toma, assoa-te, criança tola.

Repreendida, ainda que estranhamente reconfortada, Kitty assoou-se, secou as últimas lágrimas e olhou para o pai com amor. Ele está a ficar velho, pensou ela, e algo o está a preocupar. E não sou eu.

— O que se passa consigo, papá? — perguntou ela.

— É a tua mãe. Ela não está apenas um pouco confusa, ela não está boa da cabeça — disse ele.

Kitty deu um pulo.

— Oh, papá!

Os lábios dele conseguiram encontrar a fala; o reverendo recuperou o seu lenço e usou-o.

— Ela sofre de lapsos de memória que se estão a tornar cada vez mais frequentes e mais notórios. Esquece-se de onde põe as coisas, sobretudo o dinheiro, que eu desconfio que ela tenta esconder para depois me dizer que eu não lhe dou nenhum. — A sua voz vacilou e ele esforçou-se por a controlar. — O pior de tudo é óbvio: não posso confiar nela no que diz respeito a dinheiro e não me atrevo a dar-lhe mais do que alguns tostões quando ela sai de casa.

O que dizer, o que fazer?

— Então, vamos até ao presbitério tomar um chá com ela — disse Kitty, decidida. — Quero vê-la com os meus próprios olhos.

Como ela tinha disfarçado bem a sua demência durante o funeral de Bear Olsen! Embora a experiência de enfermagem de Kitty fosse maioritariamente com crianças, ela já vira a sua dose de pacientes com Alzheimer para saber o

quanto conseguiam ser astutos a esconder a sua condição de toda a gente, e neste aspeto Maude não era diferente. Ela estava obviamente a comer demasiado; o seu rosto inchara como um balão e o volume espartilhado do seu corpo precisava de um tamanho acima daquele que tinha vestido, as costuras debaixo do braço a rebentar, os bolsos muito distanciados uns dos outros, os folhos esticados. Já tinham passado três meses desde a morte de Bear? Maude engordara imenso.

— Minha querida Kitty! — exclamou ela, virando-se como se fosse falar para uma sala cheia de gente. — A minha filha não é a criança mais maravilhosa que alguma vez viram? — continuou ela com a voz esganiçada. — Esse rosto! Olhos cor de malva! Helena de Troia! Minha linda, linda Kitty!

— Já estou um bocadinho crescida para essa descrição, mamã — disse Kitty pelo aperto que tinha na garganta.

— Não, nunca! A minha Kitty, não!

Maude continuou e continuou até Kitty se conseguir afastar e deixar o reverendo a lidar com a sua esposa, que continuava a falar incessantemente sobre a sua linda, linda filha.

Foi Tufts que Kitty encontrou primeiro, muito atarefada num gabinete repleto de livros e por detrás de uma secretária com pilhas de papéis em cima. Vestia um uniforme desenhado por si mesma, um vestido simples com linhas austeras e de um tom castanho-tabaco, e apanhara o cabelo louro-escuro num coque. O resultado era uma mulher tão bonita quanto profissional, uma proeza difícil de alcançar.

— Sabias que a mente da mãe se estava degradar? — perguntou Kitty.

— Sim.

— Há quanto tempo?

— Quatro meses.

— Porque é que ninguém me contou?

— Charlie proibiu. O bebé, *et cetera*.

Kitty emitiu um gemido baixinho.

— Bem, Tufts, chega disso, ouviste? Eu não sou uma criança! Não sou deficiente mental! O meu corpo, a minha alma e a minha mente não são propriedade de Charles Burdum! Só de pensar que nos últimos três meses almocei todas as quartas-feiras contigo e com Edda e nunca soube de nada! Estou tão furiosa! Como é que Charlie se atreveu a fazer-me isto? Maude é minha *mãe*!

— Acalma-te, Kits, eu estou do teu lado — disse Tufts, calmamente. — Tu conheces bem o Charlie… um autocrata. Nós mantivemos o silêncio, mas contra a nossa vontade.

— O problema é que, de uma maneira ou de outra, Charlie tem poder sobre todos nós — disse Kitty, deixando-se cair na cadeira. — Tu e Edda têm de se submeter a ele porque é vosso chefe, a Grace porque ele a sustenta. E eu, ai, porque sou sua esposa. Bem, vai contra a ordem natural das coisas que nós, as Latimer de Corunda, estejamos à mercê de um *pommy* Burdum.

— Não faças nada precipitado, Kitty, por favor.

— Precipitado? É claro que não. Apenas pretendo ganhar coragem para confrontar o leão na sua caverna hoje à noite de uma forma bastante civilizada.

— Isso não me deixa muito descansada. Por favor, faz as coisas como deve ser — disse Tufts.

— Assim farei. O papá fez-me ver que o que Deus dá, só Deus pode tirar. — Kitty acenou com a mão na direção das estantes de livros. — Estás a aprender muito?

— Comecei a frequentar a universidade… é interessante, embora repetitivo. O que eu mais gosto é de mandar.

— Só de pensar que houve um tempo em que tive esperança de que tu e Liam ficassem juntos — disse Kitty, revelando as covinhas do rosto.

— Liam e eu? Nem por sombras! — disse Tufts, rindo. — Nós somos amigos, não namorados.

— Não podem ser as duas coisas?

— Algumas pessoas, talvez, mas nós não.

— E para quê adicionar um novo sabor à mistura se ela já sabe

magnificamente bem? Tens toda a razão, Tufty.

Charles Burdum estava cansado. A sua carreira política não ia a lado nenhum, embora os seus livros de exercícios estivessem a ficar todos preenchidos. Apesar das suas convicções relativamente à forma de sanar a Grande Depressão, não tinha mais nada em comum com Jack Lang, pois lamentava a recusa de Lang em pagar os juros devidos da dívida externa… táticas de rapazinho endiabrado, imaturo e irresponsável.

Quando casou com Kitty, estava confiante de que a poderia transformar na parceira política de confiança e ajudante de que tanto precisava; a política era um meio *vocal*, os seus executantes particamente invisíveis. Tudo dependia do nível de sedução com que um homem conseguia *falar* com o público. E, os livros de exercícios tinham-no informado com o seu pensamento bem encadeado e disciplinado, um homem com aspirações políticas tinha de começar por formar o seu próprio santuário. Só depois disso poderia pensar em parceiros e em público. Ainda assim, bem a meio de 1931, Charles Burdum não tinha o seu próprio santuário. Nem sequer tinha uma esposa informada e com inclinação para a política. O que tinha era uma mulher ansiosa por ter filhos. Oh, as crianças eram maravilhosas, um homem tinha de as ter por várias razões, mas quantos corações masculinos assumiam ter filhos como uma prioridade nas suas vidas? Uns quantos raros, calculava Charles, incluindo-se nesse grupo. Oh, para ter alguém em casa com quem pudesse discutir política!

Estava tão, mas tão terrivelmente cansado… O que lhe apetecia mesmo fazer, pensou Charles ao sair do *Packard* e enquanto subia os degraus que davam para o pórtico, era beber dois uísques fortes e ir direto para a cama, sem mulher, sem jantar, uma hibernação. Não era uma noite de Kitty, por mais que a amasse.

Bastou um olhar para o rosto carrancudo de Kitty para perceber que tal ambição era vã. Charles respirou fundo e preparou-se mentalmente para a guerra. Que raio teria ele feito desta vez?

— Hoje — disse Kitty seguindo-o até ao armário onde se encontravam as

garrafas e os copos —, descobri que a minha mãe está mentalmente perturbada há meses e que tu proibiste toda a gente de me contar. O que te deu esse direito, Charlie?

Charles serviu um uísque muito forte e adicionou um pouco de água gaseificada do sifão. Até o primeiro gole ter descido pela garganta, Charles não respondeu, depois, ao sentir um pouco de energia a percorrer o seu corpo dorido, franziu o sobrolho.

— O direito de um marido poupar a sua esposa — respondeu ele, dando outro gole.

— Não tens o direito de decidir o que me contam e o que não me contam, se devo ser poupada ou não — disse ela entredentes. — É um insulto inimaginável! Eu sou uma mulher adulta e capaz de tomar as minhas próprias decisões, sobretudo quando diz respeito ao raio da minha família!

Charles sentia-se melhor e voltou a encher o copo.

— Na verdade, minha querida, a partir do momento em que te casas, o que dizes deixa de ter tanta importância. — Charles sentou-se, a imagem perfeita da compostura. — Até certo ponto, por lei, és como um bem que me pertence. O teu dinheiro torna-se automaticamente meu e precisas do meu consentimento escrito para pedires empréstimos ou fazeres qualquer tipo de negociação. Como minha esposa, posso obrigar-te a viver comigo e a coabitar comigo.

A pele de Kitty perdera a cor e os olhos brilhavam num tom de roxo, como se fossem de pedra; ergueu uma mão, a tremer, e cobriu a boca.

— Já percebi. És o Soames Forsyte — disse ela.

— Decerto que não — respondeu ele, bebericando. — Um homem que viola a esposa é um canalha que merece ser abatido a tiro. — Charles inclinou-se para a frente. — Por amor de Deus, Kitty, cresce! Como se eu, de entre todas as pessoas do mundo, alguma vez te tratasse como um tirano. Eu amo-te com todo o meu ser. Se isso, por vezes, significa que tendo a agir como um déspota contigo, é no mínimo desculpável. Foi apenas para te poupar uma preocupação desnecessária que eu pedi a todos para não te falarem do estado de Maude. O que poderias ter feito, senão atormentares-te por causa de algo tão inevitável

como a demência? Uma vez que se torna um facto clínico, não a podes controlar ou alterar o seu curso. Acredita em mim, nenhum membro da tua família fez qualquer objeção ao meu pedido de silêncio.

— Isso continua a não te dar o direito de decidires por mim! — gritou ela. — Eu sou uma pessoa, sou dona de mim. Podes dizer o que quiseres sobre as mulheres serem propriedade dos maridos, Charlie, mas nunca vais ser dono de mim!

A sensação de bem-estar invadia cada centímetro do corpo dele; Charles recostou a cabeça na poltrona e sorriu para Kitty com um sentimento vago de adoração. — Vejo sempre o uísque como uma manta de tartã quentinha posta por cima dos joelhos nus e ossudos da mente de um homem — disse ele, demasiado cansado para se zangar.

— Não vou conseguir chamar-te à razão.

— Receio que não.

— Vou ter outro bebé — disse ela.

Os olhos dele arregalaram-se.

— Oh, Kitty! Isso é imprudente.

— O segundo filho de Grace foi mais próximo do primeiro que este é da minha primeira tentativa.

Os olhos de Charles fecharam-se novamente com lágrimas que Kitty não conseguia ver.

— Imprudente!

— Vai para o inferno, Charlie!

A meio daquela mesma noite, Kitty sofreu um aborto espontâneo.

Foi o tormento mais amargo, mais devastador da sua vida, agravado pelo que se passara anteriormente; ela fora contra os conselhos médicos para o conseguir, incluindo do seu marido médico que não fizera qualquer esforço para esconder a sua oposição.

«Imprudente», dissera ele.

Quando as cãibras a acordaram, o seu primeiro pensamento foi agradecer a Deus pelo facto de Charles ter desfrutado o seu uísque de tal maneira que adormecera no sofá. Só nessa altura se apercebeu de que estava a sangrar e porquê. A sua boca abriu para soltar um grito silencioso… não, não, não!

— Oh, por favor, meu Deus, tudo menos isso! — balbuciou ela vezes e vezes sem conta. As lágrimas inundaram-na, torrentes delas, tornando o seu rosto um lençol de puro desespero… o meu bebé, o meu pobre bebé!

Mais tarde, quando recuperou a sanidade, não conseguia pensar numa razão, nem mesmo uma muito fraca, para justificar o que acontecera nos segundos depois de perceber que tinha abortado; entrara em pânico, o pânico carregado de culpa de uma criança que cometera um pecado demasiado horrível. Ninguém pode ficar a saber! O que lhe fariam por ter desobedecido, por ter engravidado quando lhe era proibido?

Oh, vou estar metida num sarilho tão grande se Charlie descobrir!

Levantando-se da cama à pressa, correu a buscar toalhas, trapos, um balde, água fria, sabão de éter, todas as coisas de que precisava para limpar a porcaria antes de alguém descobrir a coisa horrível que fizera… um pecado, um crime, uma terrível desobediência!

Os baldes, feitos de metal galvanizado, estavam enfiados uns nos outros; caíram no chão fazendo um barulho capaz de acordar os mortos. E acordaram Charles também.

Charles encontrou-a, ensanguentada e a balbuciar, encolhendo-se dele como se achasse que ele a ia matar, quando tudo o que ele queria fazer era segurá-la nos braços e curar o seu sofrimento. Mas até Ned Mason e Edda chegarem lá, o máximo que conseguiu fazer pela sua mulher frenética e balbuciante foi dar-lhe uma injeção que a pôs inconsciente.

— Se calhar, devia ter chamado Tufts — disse Charles a Edda depois de Kitty estar deitada numa cama diferente, ainda inconsciente, mas fora de perigo.

Ned Mason fora para casa, abanando a cabeça pela teimosia das mulheres, mas preocupado com o que acontecera; na sua opinião, Kitty estava fisicamente saudável e deveria conseguir ter filhos no futuro.

— Não, eu sou a irmã certa para este tipo de situações — disse Edda. — Sou perita em raladores de queijo e cordas de enforcar, tudo o que atormenta Kitty. Tufts é demasiado nova para se lembrar, por isso, fizeste bem.

Charles estivera a chorar, livre de o fazer agora que a crise chegara ao fim.

— Porque será que ela olhou para mim como se achasse com toda a certeza que eu estava zangado com ela? — perguntou ele. — Eu juro-te pela minha mãe, Edda, que nunca, através de palavras ou olhares, muito menos atos, dei à minha mulher razões para ter medo de mim!

E, olhando-o nos olhos, Edda acreditou nele.

Quando Kitty acordou de manhã, sentia-se muito mal, mas estava consciente do que acontecera e, aparentemente, compreendia o porquê.

— Fui gananciosa — disse Kitty a Edda. — Não esperei tempo suficiente para as coisas assentarem e sararem como deviam. Não vai voltar a acontecer.

Muito aliviado, Charles viu por si mesmo Kitty regressar ao normal no final da semana a seguir ao aborto. A raiva e a agressividade tinham desaparecido, bem como a sua tendência para o culpar por todos os seus problemas.

— Tem paciência, minha querida — aconselhou ele. — Espera seis meses, depois tentamos outra vez.

PARTE CINCO

CRAVAR A ESTACA

Quando surgiu uma oportunidade inesperada para conhecer Sir Rawson Schiller K.C., Charles apressou-se a agarrá-la. Para um homem com apenas quarenta anos, Schiller já fora muito longe e muito rapidamente, incluindo ter conseguido um título de nobreza na idade espantosamente jovem de trinta e sete anos, depois de uma série de vitórias legais no Supremo Tribunal da Austrália e no Conselho Privado do Reino Unido ao serviço do comércio e das finanças. Possuía todas as vantagens da vida: nascimento, riqueza, educação e uma história familiar nas colónias impressionante; pelo lado do pai, era um *junker* prussiano, pelo lado da mãe, um cavalheiro inglês; o «von» tinha sido abandonado há muito por ser inapropriado numa sociedade como a australiana, onde a família possuía uma boa parcela de Queensland, do Território do Norte e o norte da Austrália Ocidental. Como pastagem, muito desse terreno era tão pobre que só apascentava um touro por cada quarenta hectares, mas alguma dessa terra era extremamente arável e bucólica, e em alguns locais a sua riqueza mineral era incrível, incluindo locais que só os Schiller conheciam. Nunca um arrastar de grilhetas de um condenado maculara o nome dos Schiller ou dos Rawson: colonos livres desde sempre.

Sir Rawson vivia e trabalhava em Melbourne, onde o dinheiro dos Schiller estava concentrado; pouco surpreendente, pois, que as suas ações beneficentes estivessem na generalidade confinadas a Melbourne, incluindo o jantar do presidente da Câmara a £50 por pessoa em benefício das crianças espásticas. Mal soube do jantar, Charles comprou dois lugares para a mesa dos oradores

(custavam £100 cada), uma vez que Sir Rawson era o orador convidado e a principal atração da noite, que também alardeava uma orquestra de música de dança para aqueles com energia para ficarem acordados até de madrugada.

Seria um acontecimento deslumbrante: fraque e laço branco para os homens, vestidos compridos para as mulheres, e, uma vez que Kitty abominava Melbourne, Charles levou Edda no seu lugar. Por acaso, Edda ia assistir naquela semana a um seminário sobre enfermagem no bloco operatório em Melbourne, por isso, quando Charles lhe propôs pagar a estadia num quarto com banho no hotel se ela o acompanhasse ao jantar, Edda apressou-se a aceitar. O seu cálice transbordou quando ele lhe deu cem libras para comprar um vestido de baile para ir ao jantar de beneficência do presidente da Câmara. Como era ela que fazia toda a sua roupa, Edda usou o dinheiro para comprar onze cortes de tecidos diferentes para fazer onze conjuntos diferentes. Nem mesmo os jornalistas de moda que rondavam na periferia destas funções suspeitaram que o enganadoramente simples vestido de seda cor de vinho era feito por ela; estavam demasiado ocupados a comentar com entusiasmo a sua origem obviamente parisiense. O seu único toque de ostentação era um par de brincos de diamantes que Kitty lhe emprestara.

Ela foi com Charles num *Rolls* alugado, como sempre deslumbrada pelo seu ar impassível: ele enfrentava a disparidade de altura entre eles como se esta fosse a ordem natural das coisas. Ele tolerava bem a cintilação azul das explosões das lâmpadas dos *flashes*; o ouvido apurado de Edda notou que o secretário dele para a imprensa lhe chamava «*Irmã* Edda Latimer» sempre que a apresentava. Gosto!, pensou Edda, interiormente feliz, exteriormente indiferente. Charlie está a dizer ao mundo que eu sou uma mulher que trabalha, não um lírio dourado da sociedade ou uma prostituta da classe alta, e agradeço-lhe pela sua consideração. Oh, se pelo menos o meu título fosse «Doutora»! Porém, apesar de toda a sua liberalidade, Charlie nunca me aceitaria em medicina, pela mesma razão por que o meu pai não o fez anos antes: não é uma carreira apropriada para uma mulher. Como eu gostava de ser médica!

— Kitty devia estar aqui esta noite — disse Charles ao subirem as escadas.

— É terrivelmente estranho ter de explicar que tu és a minha cunhada e não a minha mulher.

Então é por isso que ele está de mau humor! Está rabugento e irritável desde que saímos. Oh, Kitty! Não te matava se tivesses feito esse pequeno sacrifício pelo teu marido… porque não o fizeste? Todos os teus sonhos e energias se voltaram numa direção, e uma direção apenas: uma casa cheia de crianças. Sendo esse o caso, tens o parceiro de vida errado. Charlie não se importa de ter crianças, mas nunca viverá para elas. Ele vive para a vida pública.

Por um capricho do destino, nem Charles nem Edda viram o orador convidado durante os quarenta minutos que passaram a bebericar xerez e a conversar na antessala; por outro capricho do destino, estavam entre os primeiros a entrar no salão de dança onde ia decorrer o jantar. A recordação de Edda era ter percorrido uma sala ampla, com grandes mesas redondas, em direção à mesa principal na orla de uma grande pista de dança, sob o pódio do orador.

— Para de resmungar, Charlie! — murmurou ela *sotto voce*, com o olhar fixo em… Sir Rawson Schiller King's Counsel[1]?

Sim, tinha de ser Sir Rawson Schiller K.C. Inesquecível. Um Charlie com mais de um metro e oitenta de altura? Não, isso era comparar um diamante com uma esmeralda ou um Da Vinci com um Velasquez. Não havia comparação possível. Não que Edda se tivesse apaixonado: não tinha. Era mais como se reconhecesse a única pessoa que sempre tinha faltado na sua vida, e, no fugaz segundo em que os olhos dele encontraram os dela, ela teve a certeza de que ele estava a pensar o mesmo pensamento. Depois, ele olhou para outro lado, e o momento e a certeza passaram.

Um homem magro e flexível, com um metro e noventa de altura, de constituição delgada, mas com uma cabeça grande e alongada cujo crânio albergava um cérebro grande. Atraente, porém não bonito: cabelo grisalho ondulado penteado para trás de uma testa maciça, maçãs do rosto altas, lábios finos, pestanas e sobrancelhas negras, e olhos azuis cintilantes. O seu nariz era largo e adunco, a maxila inferior e o queixo também largos.

Ela e Charles estavam a meia mesa de distância e não foram trocados apertos

de mão; apenas sorrisos e acenos. Só uma parelha de cavalos selvagens teriam arrastado Charlie suficientemente perto para ter de olhar tão para cima, Edda sabia-o ao sentar-se juntando-se à população da mesa, onze em número: Sir Rawson viera desacompanhado.

— Mas ele fá-lo sempre — disse a vizinha mais próxima numa voz sofredora.

— Porquê? — perguntou Edda.

— Está a trabalhar esta noite, querida.

Nunca tendo sido tratada por querida, Edda remeteu-se ao silêncio. Oh, pensou exasperada, porque é que os australianos importantes insistiam em casar com donas de casa incultas? Naquela mesa, os homens faziam as honras da conversa, as mulheres confinavam a sua tagarelice umas às outras. E Charlie ficava cada vez mais descontente a cada minuto que passava, provavelmente porque não conhecia ninguém e a gárgula obliterou a estrela de cinema da existência. Habitualmente, ninguém era mais encantador que ele, mas, quando a gárgula reinava sozinha, Charles era horrível. O efeito de Sir Rawson Schiller, certamente. Por uma vez na sua carreira, Charlie sentiu-se completamente eclipsado.

Um humor que o discurso de uma hora de Sir Rawson não mais fez que exacerbar. O assunto (podia ser outro?) era a Depressão, e tirou o fôlego a Edda muitas vezes, pois Sir Rawson tinha o incomparável dom de uma eloquência tão perfeitamente complementada pela voz e a fraseologia que, num momento, as lágrimas rolavam sobre cada rosto para, no momento seguinte, cada rosto estar franzido de riso. Secretamente, Edda pensou que muitas das pessoas que o ouviram iriam lembrar-se para sempre do que ele dissera e de como ele o dissera.

Sir Rawson falou depois de um generoso primeiro prato; após o prato principal, o orador respondeu a perguntas do pódio durante meia hora. Uma dura noite de trabalho; ele deu tudo por tudo para fazer a sua audiência sentir que £50 era uma pechincha.

Pelo menos um membro da audiência sentiu que aquilo não tinha valido o dinheiro gasto: Charles Burdum. O qual, murmurando alguma coisa ao ouvido

de Edda, deixou a sua cadeira quando a sobremesa chegou. Toda a gente na mesa assumiu que ele se tinha ido aliviar, mas Edda sabia que ele não voltaria e começou a explicar aos outros convivas que assuntos urgentes o tinham obrigado a ausentar-se.

Mais de dois terços dos seus companheiros de jantar estavam a dançar quando Sir Rawson se levantou e usurpou a cadeira de Charles, virando-a para Edda.

— E a senhora é? — perguntou ele, sorrindo.

— Irmã Edda Latimer. Vim com Charles Burdum.

— *Irmã* Latimer, mas não freira.

— Por profissão, sou enfermeira no bloco operatório.

— Podem prescindir de si, Edda? Posso chamar-lhe assim?

— Certamente, Sir Rawson.

— Olho por olho. Chame-me Rawson. Podem prescindir de si?

— Facilmente. De facto, sou tão excedente para as necessidades que estou a brincar com a ideia de procurar trabalho em Melbourne. Fui extremamente bem treinada e tenho muita experiência, por isso, mesmo com a Depressão, devo ser capaz de arranjar trabalho. Fiz alguns contactos aqui no seminário.

— Tinha esperança de conversar com Charles Burdum. Ele foi-se embora?

— Foi chamado para alguma coisa que não podia esperar.

— Deixando-a por sua conta?

— Oh, ele é da família, casado com a minha irmã. Não pensou. — Os olhos fundos, velados, cintilaram. — É casado? — perguntou ela.

A franqueza da pergunta levou-o a responder.

— Há dezassete anos, uma coisa da juventude. Divorciámo-nos.

— O senhor estava branco como a neve ou era a parte culpada?

— A menina faz perguntas pessoais de uma forma tão crua que parece americana. Eu estava tão imaculado quanto a neve soprada pelo vento.

— A cor perfeita para um político.

— A *única* cor — disse ele significativamente.

— Uma pena, isso. Não sente que é exigir muito de um homem?

— Políticos, aspirantes ou outros quaisquer, nunca devem agir movidos pelos sentimentos. Unicamente pela realidade. E a realidade pode ser gelada.

— É do Partido Nacionalista, um conservador?

— Um conservador obstinado, embora por quanto mais tempo existirá um Partido Nacionalista esteja no colo dos deuses. O Partido Trabalhista está cada vez mais inclinado para a direita, mas não tão à direita quanto eu.

— Quando está a planear entrar… Federal? Parlamento?

— Definitivamente, federal. O partido tem um assento elegível para mim em Melbourne, o que quer dizer que não tenho de mudar o meu local de residência. — Ele fez uma careta. — Um assunto abominável, mudar de casa.

— Especialmente por algo tão efémero como votos — disse ela.

Interessado, ele inclinou-se para a frente.

— É uma mulher invulgar, irmã Latimer. Leu muito e é culta, presumo. Pode fazer malabarismos com aço afiado numa sala de tormento anestesiado, mas não é isso que quer fazer, nem a sua vida começou aí. De facto, pensa que acabou aí.

— Eu sou tudo o que um ultraconservador deplora numa mulher, conselheiro — retorquiu ela calmamente, os olhos a brilharem face à sua estranha perspicácia. — Tenho-me como igual a qualquer homem (devia-me ter sido permitido estudar medicina e escolher especializar-me no que quer que eu quisesse) e nunca me casarei. Casar-me é subordinar-me por lei ao meu marido como meu superior.

— Oh, bravo! — exclamou ele, sorrindo e inclinando-se para trás. — Eu sabia que ia gostar imenso de si! Então, queria ser médica.

De repente, os problemas de Edda desapareceram; todo o tipo de ideias perpassavam pelo seu cérebro — uma confusão de sobrancelhas móveis, expressões faciais, alguma coisa a espreitar para lá da visão, dedos finos e leves, um certo sulco irónico na boca fina. Visões intrincadas que deslizavam e se encaixavam no seu lugar para formar uma certa entidade masculina… Ela capturou o seu olhar azul e reteve-o firmemente, prendendo-o como só os seus estranhos olhos o podiam fazer. E ele, embaraçado, estranhamente amedrontado, esperou.

— És homossexual — disse Edda suavemente.

— Isso é um disparate sem fundamento que te pode levar a tribunal — retorquiu ele, conseguindo controlar cada parcela de si mesmo, exceto a respiração.

— Não faço tenção de espalhar o facto. Por que diabo o faria? Para que o meu cunhado pudesse cantar vitória? Já tem que baste de que se vangloriar.

— Quem te disse? Quem *sabe*? — perguntou ele, muito calmamente.

— Ninguém me disse. De facto, escondes o teu segredo extremamente bem. Mas, quando te vi pela primeira vez, surpreendeste-me… era um pouco como… oh, chegar a casa. E tive uma impressão estranha sobre ti. Deve ter sido por isso — rematou ela, sorrindo-lhe com ternura.

Sem ser capaz de negar, ele olhou-a fixamente como um pugilista exausto a quem tinham dito que tinha de lutar mais um *round*, sem fazer qualquer ideia de como o conseguiria.

— Quanto queres? — perguntou-lhe com lassidão.

— *Chantagem?* — Edda riu-se. — Não, chantagem está totalmente fora de questão. Só muito remotamente posso imaginar o que terás passado ao longo dos anos… é um segredo terrível, o pior segredo que um homem com ambições políticas pode ter. Quero ser tua amiga, é tudo. Quando os nossos olhos se encontraram, *isso* era o que eu sabia… que eu era, e sou, a tua melhor amiga. — Ela engoliu em seco. — Não espero que compreendas, embora gostasse que o fizesses, porque pensei que essa impressão tivesse sido recíproca.

A orquestra retumbava, os metais abafavam os sons mais suaves das cordas e dos instrumentos de sopro, e a mesa recebia todo o embate do barulho ao mesmo tempo que pares determinados dançavam apenas a alguns centímetros de distância.

Um saxofone gritou e gemeu; ele estremeceu.

— Queres ir a minha casa para uma bebida sossegada e conversar? — perguntou ele.

Ela levantou-se de imediato.

— Quanto mais cedo, melhor.

— Burdum?

— Ele desertou primeiro.

Casa para Sir Rawson Schiller K.C. era todo o andar de cima de um dos prédios mais altos de Melbourne, com quinze andares, e incluía um espaçoso jardim no telhado, abrigado do barulho do trânsito e de mirones por uma sebe alta e densa. O interior dos doze quartos, todos com um tamanho generoso, tinha sido mobilado e decorado por uma empresa proeminente de *design* e sem dúvida refletia o gosto do proprietário: conservador, confortável, em tons outonais, sóbrio.

— O que queres beber? — perguntou Rawson levando-a para a biblioteca, claramente o quarto que ele usava mais.

— Dado que reparei na presença discreta de empregados, preferia uma chávena de bom café, mas, à falta deste, uma chávena do que Charles Burdum chama «chá de alcatrão de hulha» serve perfeitamente — disse ela acomodando-se numa cadeira acolchoada com veludo de seda cor de âmbar.

— Ainda bem que não escolheste couro para as cadeiras. Com a pele nua, faz transpirar.

— O couro também pode ser horrível para os homens na sua própria casa — disse ele. — Café será.

Os seus olhos observaram-na, um prazer demorado. Que criatura elegante, sofisticada! Estrutura óssea perfeita, pele imaculada, feições lindas e mãos de morrer por elas, graciosas e expressivas apesar das unhas curtas. Apenas os seus olhos revelavam uma mente brilhante limitada pelo seu sexo, uma sede de se envolver, uma fome por coisas maiores para fazer que era sempre negada. E que olhos! Um lobo branco, desconcertantes e sinistros, emoldurados por longas e cerradas pestanas.

Conversaram de modo casual até que as chávenas de café foram levadas.

— Foi o melhor café que alguma vez bebi — disse ela então.

— Não era exatamente um pedido difícil de satisfazer — retorquiu ele

sorrindo. — Acontece eu gostar de um bom café.

Caiu então um silêncio, tão fácil e familiar que Edda deu por si a pensar que o conhecia desde sempre; por que razão, não fazia a mais remota ideia. Cada parcela de si compreendeu por que motivo Charlie tinha fugido da companhia deste homem no minuto em que a boa educação o permitiu; para Charlie, este relativamente novo nobre era um preconceituoso sem tempo para o homem trabalhador. Edda traduziu isto como inveja da altura de Sir Rawson e da aristocracia tipicamente australiana. O arquiconservadorismo sugeria *de facto* um homem preconceituoso, mas Edda não acreditava que Rawson o fosse. Respostas simples não podiam resolver o enigma de um homem tão complexo, disso tinha ela a certeza.

O silêncio foi seguido por uma troca de ideias sobre muitas coisas, nenhuma delas política, algumas delas do domínio da filosofia, algumas do sexo. Certamente, ele estava faminto de uma amizade sincera com uma mulher em quem pudesse confiar cegamente, e nitidamente até agora que isso lhe tinha sido negado. Nela, Edda, ele começava a sentir um pouco dessa confiança cega; ela resolveu dizer sempre o que sentia.

— O que te impeliu a casar? — perguntou ela.

— Pânico, combinado com as expectativas da família — respondeu ele, e por momentos o pânico cintilou nos seus olhos. A sua boca fechou-se, travada.

— Não, diz-me — disse ela com firmeza.

Um sorriso apologético e ele continuou.

— Eu estava extremamente confuso e conhecia Anne desde muito pequeno, éramos vizinhos. Fizesse o que fizesse, fosse onde fosse, Anne estava por perto. As nossas escolas eram parceiras em todos os eventos sociais e fomos para a universidade juntos. Eu fiz direito, ela fez artes, depois um curso de secretariado. Fomos para a mesma firma de advogados, eu como advogado, ela como secretária de um dos sócios seniores. Então ela propôs-me casarmos, penso que por estar farta de esperar que eu o fizesse. As nossas famílias ficaram encantadas. De facto, *eu* era a única mosca na sopa. Também, percebi que, se queria manter o meu segredo, teria de casar. Sendo assim, casámos. Tínhamos os

dois vinte e três anos.

— E é claro que foi um desastre — disse Edda.

— Pavoroso! Não consegui fazer amor com ela, e a única razão lógica que arranjei foi dizer que me sentia de tal forma seu irmão que não podia ser seu marido. Aquilo arrastou-se por dois anos. Depois, ela conheceu alguém e eu concordei com o divórcio sem o contestar.

— Tenho muita pena!

— Não tenhas. Eu guardei o meu segredo, mesmo de Anne.

— Tens um amante?

Desta vez, o seu sorriso era pesaroso.

— Não me atrevo, Edda.

— Recuso-me a acreditar que usas rapazes pagos.

— Rapaz pago… Porque não pôr os pontos nos is e chamar-lhe prostituto? Alguma vez olhaste para os olhos de um rapaz pago? Mortos… tão *mortos*! Caímos num abismo e perguntamo-nos como é que aquilo começou… Não, não para mim. Vou para o estrangeiro por um mês, geralmente no inverno e verão.

— Gostaria que tivesses lugar na tua vida para uma boa amiga — disse ela.

Os olhos intensamente azuis brilharam.

— Trabalharias aqui em Melbourne para seres minha amiga?

— Imediatamente, mas não sei nada de leis, o que significa que não posso ser uma amiga adequada.

Aquilo fê-lo rir.

— Minha querida, a última coisa que se quer de um amigo é uma mente estreitada pelas leis. — Ele inclinou-se para tomar as mãos dela nas suas, mantendo o seu olhar com o que ela supôs ser uma espécie de amor. — Há trinta anos que levo uma vida muito solitária, irmã Edda Latimer, mas agora penso que finalmente encontrei uma amiga com quem posso partilhar *todos* os meus segredos. Um ligeiro traço de paranoia protegeu-me de amizades muito próximas, mas agora… que estranho! Não sinto isso.

— Vou começar amanhã a fazer diligências nos maiores hospitais — disse Edda desejando chorar, sabendo que não se atrevia.

— Não, ainda não — retorquiu ele vivamente. — Acreditas que tenho influência para adiar a atribuição de qualquer cargo num hospital por, digamos, duas ou três semanas?

Atónita, ela franziu as sobrancelhas.

— Acredito, estamos em Melbourne. Tens influência — retorquiu ela.

— Então dá-me duas semanas do teu tempo, a começar na segunda-feira de manhã. Dá-mas sem saberes para que te quero, acredita que no fim dessas semanas o emprego no hospital estará à tua espera — continuou Rawson.

— Podes ter o teu tempo — disse Edda com gravidade.

Ele respirou fundo, bateu com os punhos nos joelhos e apertou as mãos dela antes de as largar.

— Oh, muito bem! O mistério deve manter-se, mas vou explicar-te o suficiente para te poderes organizar. No andar debaixo deste, tenho um apartamento para hóspedes. É muito mais pequeno que este, mas suficientemente espaçoso para alguém de passagem. Vais mudar-te para lá amanhã à tarde e na segunda-feira começarás as duas semanas em que farás o que eu te pedir. A tua pena acabará no domingo à noite, duas semanas a contar de amanhã.

— Bem, apedrejem os corvos — exclamou ela, sentindo que era apropriado algum tipo de protesto. — Duas semanas de trabalho misterioso para Sir Rawson Schiller a sair. Pergunto-me o que poderá ser.

— O tempo o dirá — retorquiu ele rindo baixinho. — Só vou dizer que tive uma inspiração. Esta noite, falámos de sapatos, navios, lacre, medicina, hospitais, tribunais, música, livros e Deus sabe que mais, e no meio de toda esta confusão tive uma ideia maravilhosa. Eu *não* acredito que todos os homens tenham sido criados iguais, se assim fosse porque é que há tantos idiotas por aí? Mas acredito firmemente que o mundo contém tantas mulheres inteligentes quanto homens inteligentes.

— O que digo a Charles Burdum? — perguntou ela.

Ele encolheu os ombros.

— O que te aprouver. Presumo que ele saiba que andas à procura de um emprego em Melbourne?

— De facto, sabe. Vim para participar num seminário e o que ouvi nas conversas de circunstância nos intervalos inspirou-me a ideia de ficar em Melbourne. Dir-lhe-ei alguma coisa para lhe dar esperança.

— Esperança? Esperança de quê?

— De que a sua menos amada e incómoda cunhada se decida a viver a seiscentos quilómetros de distância, em Melbourne. Isso significaria que ele teria mais hipóteses de desencorajar a esposa de procurar a companhia das irmãs.

— Oh, estou a ver. Um marido possessivo.

— Muito. E eu sou quem levanta ondas.

— Às vezes pode ser mais eficaz levantar ondas à distância — disse ele maliciosamente.

Ela riu.

— Ocasionalmente, tenho um vislumbre da razão por que ganhaste tantos casos em tribunal. Diz-me para que precisas de mim durante duas semanas!

— Não, e tentares sondar-me também não vai resultar. — Ele mudou de assunto. — Interessante que Burdum e eu nos detestemos. Como deixar cair água sobre fósforo. Contudo, os nossos sentimentos não nos impedirão de colaborar no parlamento federal. Ele está destinado a ser um homem do Partido Nacionalista.

As sobrancelhas de Edda levantaram-se.

— Charlie, um conservador? Nem num ataque de loucura. Não digo que se torne membro do Partido Trabalhista, mas estará do lado deles em muitas questões. Para um socialista, ele poderá ser de direita, mas para um conservador ele será definitavamente de esquerda.

Schiller pareceu atónito, depois bufou de exasperação.

— O meu instinto estava certo, então. Ele é um desses tipos lamentáveis que anseiam corromper o *status quo*. Provavelmente, pensa que a política fiscal de Jack Lang é a resposta.

— Muita gente de todos os quadrantes admira Jack Lang — ripostou ela.

— Então mais enganam! Quando se pede dinheiro emprestado, assume-se um compromisso de honra de pagar o empréstimo com o juro acordado,

qualquer que ele seja.

— Não sei o suficiente para discutir contigo, Rawson — disse ela —, por isso vamos acordar em diferir. Apesar das minhas querelas com Charles, devo-lhe lealdade e apoio por razões que não têm nada que ver contigo, ou Melbourne, ou política. Tem tudo que ver com o amor que as irmãs têm umas pelas outras… Tens irmãs?

— Não. Tenho um irmão mais velho e um mais novo.

Ela teve de suprimir um bocejo.

— Oh, estou com sono! Posso voltar para o meu hotel, por favor?

— Se me disseres do que gostas em Charle Burdum.

— É fácil! Gosto da sua paixão pelas pessoas como seres humanos pensantes, em vez de meros números sobre folhas de papel — respondeu ela de imediato. — Ele transformou o nosso hospital distrital de patético para o melhor no Estado, não por meio de reduções maciças e grandes convulsões, mas pondo estacas redondas em buracos redondos e estacas quadradas em buracos quadrados. A discriminação por razões raciais, sexuais ou religiosas é um anátema para ele, por isso chineses e católicos, mulheres e homossexuais, podem encontrar emprego no hospital como iguais. Ele é arrogante e autocrático, no entanto, a sua cegueira está confinada ao campo pessoal, como com a sua mulher, em relação à qual é ultrapossessivo. Ele sofre de uma dicotomia curiosa: a mente de um corretor da Bolsa *e* a de um médico.

— Darias uma boa advogada.

— Obrigada, mas é nos hospitais que o meu coração está. — Ela levantou-se e começou a vaguear pela sala, vendo os títulos dos livros dele, enquanto Schiller a observava. O seu corpo era magnífico: nada em excesso, tudo combinado num todo por uma graciosidade de movimentos que não continha nada de artificial e que advinha do seu treino de enfermeira, certamente. E onde tinha ela comprado o seu vestido? Nenhum costureiro cortaria aquela seda sumptuosa daquela maneira, mas era brilhante e favorecia-a.

— A tua biblioteca inclina-se fortemente para o lado das leis — disse ela, pegando no seu agasalho e entregando-o a Rawson — e não vejo nenhum

romance. É uma pena. Quase todos os grandes livros do mundo são romances, desde *Crime e Castigo* até *A Feira das Vaidades.* Certamente que leste alguns dos novos escritores como William Faulkner e o não tão novo Henry James?

— As mentes dos homens da lei são estreitas, admito-o de boa vontade — retorquiu ele pegando no agasalho e examinando-o. — Nenhum homem te ofereceu um casaco de peles?

— Não aceito presentes de homens.

— A tua estola está muito bem feita. Quem a fez?

— Eu. Sou demasiado pobre para comprar a roupa de que gosto, por isso faço-a. — Ela permitiu que ele a envolvesse com a estola.

— E não me permitirias que eu to comprasse?

— Não, embora te agradeça, se isso foi uma oferta. Não gosto da ideia de ser sustentada por um homem, mesmo dentro do casamento.

Ele suspirou.

— Então, escolto-te a casa, irmã Latimer.

Quando Edda se mudou para o apartamento de hóspedes de Sir Rawson Schiller, descobriu a sua sorte, diferente de tudo o que poderia ter imaginado. Entre as possibilidades que lhe tinham passado pela cabeça, estavam vários tipos de trabalho relacionados com a saúde, hospitais, enfermagem, processos legais na área da saúde; ocorrera-lhe que talvez ele estivesse na administração de alguma obra de beneficência empenhada numa nova abordagem à cirurgia e quisesse o ponto de vista de uma enfermeira da sala de operações; cursos e programas de estudo afluíram à sua mente, projetos para os quais ele precisava de ajuda: a sua mente andava às voltas, sem chegar a lado nenhum.

No domingo à noite, ela mudou-se e jantou no apartamento de cima com ele; no fim da refeição, ele esclareceu-a.

— Não te verei de todo até teres acabado — disse ele como introdução ao assunto —, porque de amanhã às nove horas em diante vais ficar de cabeça baixa a estudar sem parar durante duas semanas.

— *A estudar?*

— A estudar. Especificamente, a estudar anatomia humana, fisiologia e a nova ciência de química orgânica e bioquímica. Essas três matérias, nada mais. A campainha da porta tocará às nove horas e deixarás entrar o teu tutor nas três disciplinas, um indivíduo a quem chamarás John Smith. Não é o seu verdadeiro nome, mas não interessa. Ele é o melhor professor nessas áreas, asseguraram-me. No domingo, de hoje a duas semanas, farás um exame de cada disciplina, depois disso, veremos — rematou o seu algoz recostando-se com o seu balão de conhaque e sorrindo.

— Nunca teria adivinhado — disse ela lentamente. — Pensaste nisto a noite passada?

— Sim.

— E em menos de vinte e quatro horas arquitetaste tudo, incluindo um tutor, John Smith?

— Sim.

— Estou a ver porque te deram um título de nobreza. *Qualquer coisa* para se livrarem de ti. O título tornou-te tão caro que te deram um pontapé para uma carreira no parlamento, rematada com um lugar garantido e a bancada da frente. Edda pousou o seu copo e riu-se a bandeiras despregadas.

— E a senhora é extremamente esperta — disse ele. — Oh, espero realmente que passes os exames para que o Plano Schiller possa prosseguir.

— Eu sou o Plano Schiller?

— Sim.

Um som ronronante saiu da sua garganta.

— Chique ter um programa com o seu nome. Estou ansiosa por começar a estudar.

O que era uma sorte; a quantidade de conhecimentos que Edda tinha de absorver era imensa, mas surpreendeu-a descobrir que muito desse conhecimento já ela o tinha dos seus estudos de enfermagem e graças à sua curiosidade imperiosa de saber mais do que era realmente preciso. John Smith era a epítome do seu nome, anónimo e sem qualquer exigência de atenção

pessoal; desde que ela trabalhasse no que ele lhe dava, não pedia nada. Chegava às nove horas e ia para casa às cinco, embora ela nunca tenha descoberto para onde ou para quem ele voltava. As refeições de Edda eram enviadas para baixo do apartamento de Schiller, incluindo o almoço para John Smith.

Cada livro e gráfico de que ela precisava eram fornecidos, quadros negros e pódios, modelos de moléculas, cérebros, corações, um esqueleto. E Edda adorou cada momento daquelas estranhas duas semanas, aparentemente sem objetivo, em especial os últimos dias, quando se sentiu capaz de contrapor os seus conhecimentos aos de John Smith.

Ao fim das duas semanas, ela fez três exames escritos. A manhã foi destinada à bioquímica, a tarde à fisiologia e o fim da tarde à anatomia. Algumas das perguntas eram difíceis, mas, quando ela acabou anatomia às oito dessa noite, sentiu que se tinha saído tão bem como um estudante do segundo ano de medicina o teria feito no mesmo tipo de exame.

Um cartão chegou com a ceia.

«Deixo-te em paz até amanhã à noite, segunda-feira, altura em que ficarei encantado por te ver ao jantar. R.S.»

Edda precisou de todas as horas seguintes para descer das alturas a que aquela quinzena de estudo frenética e apaixonada a levara, embora a razão por que decidiu usar vermelho-vivo para o jantar lhe escapasse. Era uma cor triunfante, talvez, e ela sentia-se como se tivesse sobrevivido a algum tipo de teste acima e para lá de meros exames.

— Vermelho-vivo — exclamou Rawson, recebendo a bolsa dela e as luvas.

— Como uma caixa do correio ou uma cabina telefónica, deduzo — disse ela serenamente, aceitando um cálice de xerez e afundando-se numa cadeira.

— Fica-te bem, mas isso já o sabes. Provavelmente, tens muito vermelho no teu guarda-roupa, mas isso é um sintoma de não teres dinheiro suficiente para te dares ao luxo de comprares coisas que não uses tão frequentemente porque não são da tua cor preferida. — Rawson sentou-se onde podia olhar para ela de

frente. — Gostaria de te ver com azul-elétrico, jade ou verde-esmeralda, âmbar, roxo e alguns estampados interessantes.

— Quando eu for enfermeira-adjunta e puder gastar para ostentar.

— Gastar para ostentar pode ser arranjado — murmurou ele —, mas acho que vou guardar o que tenho para dizer até depois do jantar. Desse modo, se me deixares, pelo menos irás de barriga cheia.

— É um bom negócio. O que é que vamos comer?

— Lagostim e caranguejo num molho oriental para começar, depois franguinho assado.

Uma ementa a que Edda fez justiça, apesar de consumida pela curiosidade. Depois, instalados na biblioteca, ele mostrou-lhe um molho de papéis e acenou-lhe com eles.

— Parabéns, minha querida — disse Rawson Schiller. — Passaste nas três matérias com distinção.

Atordoada, tudo o que ela conseguiu dizer foi: «O quê?»

— Organizei os teus exames e mandei-os para uns amigos que corrigem e classificam os exames de Medicina II na Universidade de Melbourne — disse ele, parecendo contente consigo mesmo.

— Medicina II?

— Sim. Não vi razão para prosseguir com a minha ideia até descobrir com exatidão que nível de conhecimentos já tinhas da tua carreira como enfermeira, por isso entrei numa espécie de conspiração com alguns amigos meus da Faculdade de Medicina. Melbourne tem um recorde admirável no que se refere à admissão de mulheres em medicina, ao passo que Sydney, estrangulada por uma universidade escocesa, sempre se opôs vergonhosamente à entrada de mulheres. É fascinante pensar que intolerâncias nacionais sem sentido que pertencem ao outro extremo do mundo possam ter influenciado de tal modo uma faculdade tão importante como a de Medicina, porém isso aconteceu, para eterna vergonha de Sydney. Mas divago.

Edda parecia ter ultrapassado o ponto de ouvir seriamente, os seus olhos estavam fixos no rosto de Rawson com uma expressão que ele nunca tinha visto:

a de uma dor insuportável ressuscitada inesperadamente, uma dor contra a qual ela não tinha defesas.

Por isso ele apressou-se, ansioso por destruir a raiz dessa dor, sabendo que conseguiria — se ela deixasse.

— Em fevereiro do próximo ano, Edda, quando a universidade abrir, tens um lugar como estudante de Medicina III, tendo por base estes exames. Aqui, em Melbourne. Começando como estudante do terceiro ano, faltar-te-ão apenas quatro anos de medicina para te licenciares, o que farás em novembro de 1935. Depois de um ano de internato, terás licença para exerceres no final de 1936. Pensa nisso! Serás uma médica qualificada aos trinta e um, com anos e anos de trabalho produtivo à tua frente.

O corpo de Edda contorceu-se convulsivamente, ela começou a levantar-se, o seu rosto uma máscara de pânico.

— Não, para! — gritou ele. — Ouve-me, Edda, por favor!

— Não aceito caridade, especialmente de um amigo querido.

— Isto não é caridade. Tem um preço considerável.

Aquilo imobilizou-a, suavizou o rito de angústia

— Tem um preço considerável? Que preço?

— Eu preciso de uma mulher — disse ele sem rodeios. — É esse o meu preço. Casa-te comigo e podes fazer medicina, comprar um vestido azul-elétrico ou verde-jade, usar casacos de peles, não há limites, eu sou um homem muito rico. Mas preciso de uma mulher. Se eu tivesse uma mulher, já estaria no parlamento. Os homens da minha idade solteiros são suspeitos, mesmo que a sua reputação seja imaculada. Mas não consegui encontrá-la, Edda, simplesmente não consegui, até que te conheci. Sofisticada, inteligente, culta, compreensiva… até humana! Pelo que isso possa valer, serás Lady Schiller. Muitas mulheres matariam por o ser, mas isso não te impressiona, pois não?

Pequenos trinados de riso tomaram-na, uma corrente de pequenas bolhas ganhando velocidade e volume até que finalmente Edda gritou — ou chorou? Mesmo ela não tinha a certeza.

— Também descobri que te acho muito atraente — continuou Rawson,

determinado a dar voz a todas as suas ideias enquanto ainda tinha coragem. — Talvez em algum momento no futuro possamos tentar ter um filho. Não sei se consigo, mas mais tarde, quando estivermos em paz um com o outro, e sempre desde que o queiras também, gostaria de tentar. A ajuda de amas e enfermeiras tornariam tudo mais fácil… — Ele bateu com o punho na sobrancelha. — Estou a ir demasiado depressa, isto são coisas para o futuro, não para agora! Edda, casa comigo, por favor!

O que é que havia para pensar, até e incluindo aquele filho?

— Sim, Rawson, caso contigo — disse ela com a voz rouca.

Ele levantou-se, pegou-lhe na mão e beijou-a com reverência.

— Um casamento de conveniência — exclamou ela, estalando os dedos e sorrindo-lhe. — Não posso negar, Rawson, que aceito a tua proposta por uma única razão: dá-me o que eu desejo com todo o meu coração, uma licenciatura em medicina.

— Estou perfeitamente consciente disso; mas não aceitarias se eu fosse o tipo de homem que te repugnasse. A amizade que nasceu entre nós é muito importante, não tentes negá-lo — disse ele rigidamente artificial.

— Que estranho! Ficaste tão pouco à vontade — disse Edda.

— Bem, não é exatamente uma proposta de casamento tradicional. É muito fria e vazia!

— Então vamos falar da logística — disse ela — e volta a sentar-te. Vamos fazer um grande casamento, ou um casamento íntimo, ou um casamento em segredo?

— Estou mais inclinado para um casamento em segredo por várias razões. — Rawson acabou por se sentar. — Queres ouvi-las?

— Sim, por favor.

— Em primeiro lugar, porque duvido que um casamento íntimo seja possível. Ainda tenho os meus pais vivos, dois irmãos, duas cunhadas, três sobrinhas e três sobrinhos, e ainda uma quantidade exagerada de tias, tios e primos. Eles teriam de estar presentes no casamento *íntimo*.

— A minha situação é quase tão má… três irmãs, um cunhado, um pai são e

uma mãe com Alzheimer, dois homens que não são cunhados, mas que *teriam* de ser convidados, e, pelo menos, uma dúzia de mulheres que não poderia ignorar. Isto, para mim, seria *íntimo*, agravado pelo facto de o meu pai insistir em casar-nos na sua igreja — queixou-se ela.

Dois pares de olhos alarmados fixaram-se um no outro.

— Minha querida Edda, isto é terrível! O teu pai é pastor de uma religião?

— Da Igreja Anglicana, numa paróquia importante de uma zona rural enorme da Nova Gales do Sul, e até a Depressão chegar um homem muito influente na Igreja de Inglaterra. — Edda soltou uma gargalhada. — Arcebispos? Bispos? Conheço-os todos muito bem e posso dizer-te que, em criança, me sentei nos joelhos cobertos de púrpura de todos eles.

— Meu Deus, Edda, eu sabia que eras adequada, mas não *tanto*!

— A única coisa a que a tua família pode objetar em mim, Rawson, é a falta de dinheiro. Os meus antecedentes e o meu passado são tudo o que devem ser. — Edda pareceu desconfortável. — Quanto ao grande casamento, meu querido Rawson, o meu pai *não pode* pagar.

— Um grande casamento não seria nem nunca será considerado — disse Rawson, varrendo o grande casamento para para baixo do tapete mais velho e coçado que a sua imaginação conseguia conjeturar. — Não, minha querida Edda, dada a nossa idade, acho melhor escolhermos um casamento secreto. É provável que as nossas famílias se sintam desconsideradas, mas o bisturi vai cortar com a mesma precisão para os dois lados do altar. Deixa que todas as apresentações e opiniões e quezílias aconteçam depois do casamento, que eu sugiro que aconteça daqui a um mês no registo em Melbourne.

— Mordialloc?

Rawson olhou-a desconcertado.

— Mordialloc? Porquê aí?

— Gosto do nome.

— Podes gostar dos nomes todos que quiseres, minha amiga excêntrica, mas ainda assim vamos casar num registo incógnito no coração da cidade de Melbourne — disse Rawson com firmeza. — Depois apanhamos um pequeno

transatlântico de Sydney para a Califórnia, um lugar lendário, onde passaremos a lua de mel até ao novo ano de 1932. Enquanto estivermos fora, deixamos a tempestade cair… a nível privado e público. Parentes, amigos, colegas e inimigos ficarão a saber no mesmo dia. Choque, horror e consternação vão reinar. Mas vamo-nos preocupar com isso enquanto somos mimados pelas mesmas mãos que apaparicam as estrelas de cinema? Não! A realidade será adiada até ao nosso regresso. — De repente, Rawson parecia um miúdo travesso. — Depois, será altura de enfrentar a situação! Apenas os nossos trabalhos se vão manter inalterados… tu na universidade, eu na política.

— Quantas expectativas pões tu nessa palavra, política! Espero ser uma esposa à altura — disse Edda, tomada por remorsos.

— Minha querida Edda, em ti, pretendo mostrar a este país o que a esposa de um político *deveria* ser e não é. Não és tímida, sabes manter uma conversa interessante, a tua aparência é deslumbrante e, quando se descobrir que tens a tua própria carreira profissional, irás assustar os meus colegas. Quando um jornalista te pedir uma opinião, é precisamente isso que vai ter… e ficará impressionado. — Rawson recuperou o fôlego. — Ambos os meus irmãos casaram bem, no que diz respeito às origens e fortunas das suas esposas, mas, dito isto, as esposas tendem a ser aborrecidas, incultas e, dependendo do contexto, uma autêntica desvantagem para os maridos. Tu nunca serás *isso*! Mesmo estando na sua periferia, vais apreciar a vida na política. Não vou prejudicar a tua carreira em medicina, mas vou pedir a tua ajuda.

— E eu vou dar-ta com todo o gosto — disse ela, carinhosamente, a sorrir. — Oh, só de pensar que, dentro de cinco anos, vou estar registada e poderei praticar medicina! Com o meu próprio nome. Teria pena dos pacientes cuja consulta fosse com Lady Schiller! Esse nome, deixo para o teu mundo. — Edda olhou para cima. — Quanto tempo demora a planear um casamento em segredo?

— Um mês. Continuarás a dormir lá em baixo até o meu anel estar no teu dedo… um rubi para o teu anel de noivado?

— Sabes que preferia uma esmeralda? Toda a gente em Corunda acha que os rubis são antiquados.

— Uma esmeralda será. Amanhã de manhã, apresento-te George Winyates e Karl Einmann, os meus secretários, em cuja discrição podes confiar plenamente. Eles terão conhecimento dos nossos planos, mas mais ninguém. Vão abrir contas para ti nos locais onde costumas fazer compras, incluindo livrarias. As contas ficarão temporariamente em teu nome, mas depois de darmos o nó passarão para Lady Schiller.

— Lady Edda — disse ela, de forma sonhadora, e riu. — Soa-me, não sei, a algo surreal.

— E é. Não és Lady Edda, és Lady Schiller. As mulheres que juntam o seu nome de batismo ao título são filhas de duques ou marqueses. As esposas dos nobres cujo título não é hereditário não têm esse privilégio.

— Que extraordinário! Já estou a aprender.

— Deverás ter peles de raposa e zibelina, mas nunca de visom — disse ele, fazendo uma careta. — A pele de visom é áspera ao toque e demasiado Hollywood.

— Medicina! — exclamou ela, dizendo-lhe onde a sua paixão residia e como daria pouco valor às peles de animais no exercício da sua profissão. — Rawson, não te consigo agradecer o suficiente por esta oportunidade, e digo-te isto do âmago da minha alma. Vou escolher cirurgia, abdominal e geral. Gosto de neurocirurgia, mas já tenho demasiada idade para isso e é uma área muito exigente. — Um pensamento diferente entrou-lhe na cabeça. — Vamos viver neste apartamento?

— Tens alguma objeção?

— Nenhuma. Só queria saber.

— Existe uma suíte com quatro quartos para lá do meu quarto, e pensei em ficares tu com ela. — O grande nariz e o enorme queixo que o salvavam de ser atraente tentavam encontrar-se sobre a sua boca; comprimiu os lábios, um contra o outro, depois riu-se. — Eu ressono muito, por isso não vou pedir que partilhes a cama comigo. Terás um quarto de dormir, um quarto de vestir, uma casa de banho e uma sala, e podes falar com os decoradores de interiores que fizeram alguns trabalhos para mim e dizer-lhes o que queres. Eles obedecerão a cada um

dos teus pedidos. Pensei que pudesses usar o apartamento de hóspedes lá em baixo como teu refúgio de medicina, mantendo, assim, os teus estudos separados da nossa vida em conjunto.

— E os outros inquilinos não se vão importar?

— É melhor que não se importem — disse ele, secamente. — Eu sou dono do edifício.

A cabeça de Edda andava à roda, uma combinação de cansaço (passara a maior parte do dia a andar) e choque.

— Vai dormir lá para baixo — ordenou ele, puxando-a da cadeira. — Sobe para tomares o pequeno-almoço às oito, e depois começamos a resolver as coisas. E, Edda?

— Sim? — perguntou ela, sorrindo para ele, confusa.

— Adoro-te. Talvez não da mesma maneira que um homem adora a esposa escolhida, mas é sincero e ardente. Adoro-te mesmo.

E se ao menos, pensou Edda, subindo para a cama, ele a amasse da mesma maneira que um homem ama a sua esposa! Bem, isso não pode ser. Mas tantas compensações! Um curso de medicina e Lady Schiller, a anfitriã que percebe de política. Que estranho e maravilhoso!

Parecia um conto de fadas e era assim que todos o iriam ver, da sua família à dele, passando pelo mundo inteiro. Tal como Kitty, outro romance digno de um conto de fadas que levava a um casamento com um homem rico, atraente, ativo e bem-sucedido. E olhem só para Kitty, com uma enorme casa vazia e dois abortos para mostrar como prova de quase dois anos de vida de casada. Oh, Kitty!

O que trará o meu casamento?, perguntou-se Edda, certa de que os seus sofrimentos seriam superiores aos seus prazeres. Exceto a medicina. *Isso* valia qualquer preço que os deuses decidissem cobrar. Pelo menos conhecia o segredo de Rawson, tinha algum poder de negociação. Kitty acabara por ficar sem qualquer poder, e Edda era demasiado moderna na sua forma de pensar para considerar isso uma coisa boa, mesmo que fosse essa a tradição. Edda sabia que nunca usaria o segredo de Rawson contra ele para satisfazer um desejo seu. Ele não voltaria atrás com a sua oferta de lhe permitir frequentar o curso de

medicina, o único fator que a poderia tentar a fazê-lo.

A sempre pensativa Edda não conseguia parar de pensar nisso; a sua cabeça fervilhava com o desejo manifesto de Rawson de conceber um filho… porém, quando seria a melhor altura para estar grávida? Nunca, concluiu ela, suspirando… o que também significava qualquer altura que fosse. Se ele a apressasse, ela ficaria grávida, continuaria a trabalhar até as águas rebentarem e regressaria ao trabalho uns dias depois. Porque não? Antigamente, esperava-se que as mulheres fizessem precisamente isso… o que mudara, com a exceção das atitudes sociais? Sim, pensou Edda, penso no assunto quando chegar a altura e lido com a situação de forma tranquila. Tem de ser! Sou uma mulher do século vinte, tenho as oportunidades que as minhas antepassadas nem sonhavam ter. E vou fazê-lo de forma confortável, porque vou estar casada com um homem maravilhoso que carrega um fardo terrível.

Seria fantástico se pudesse contar às irmãs! Ou se, pelo menos, pudesse contar a Grace. Que estranho! Grace, que vivia momentos difíceis, rodeada por todas as preocupações de uma viúva, desde filhos sem pai a falta de rendimentos, no entanto, era a esta mesma Grace que ansiava tanto contar? A irmã verdadeira, sim, mas também sua gémea. Kitty seria contra o casamento, sabendo o sofrimento que iria trazer; Tufts aceitaria, mas nunca perdoaria, vendo neste casamento apenas os elementos de uma venda; e Grace deploraria a união devido à sua inveja e mesquinhice. No entanto, ela, Edda, desejava confrontá-las *antes* de acontecer. Por qualquer razão, contar-lhes depois parecia-lhe uma traição.

Mesmo tendo em conta as suas reações, Edda queria que Grace, Kitty e Tufts estivessem presentes no seu casamento. Tal não podia ser, ela compreendia. Grace falaria disso a toda a gente, Kitty contaria a Charlie e Tufts… bem, Tufts era Tufts, pura e simplesmente.

Sir Rawson Schiller decidiu emitir um elegante comunicado de imprensa sobre o seu casamento, que só chegaria aos seus recetores quando ele e Edda

estivessem em alto-mar, a caminho da Califórnia, e que deixaria umas centenas de pessoas perplexas sem ninguém com quem falar. O comunicado incluía uma fotografia a preto-e-branco da noiva e do noivo, a primeira vez que a maioria via a irmã Edda Latimer. Estranho, no mínimo. O casal lado a lado, ele com um fato de três peças, ela com roupa informal, a olharem, não um para o outro, mas diretamente para a câmara. O melhor colorista de fotografias em Melbourne fora instruído para pintar versões em sépia mate, revelando que a noiva optara por vestir um conjunto vermelho-escuro de uma incomparável elegância. Chique até às luvas vermelho-escuras com sete botões. Uma beleza austera, ligeiramente arrogante, era a opinião consensual; Lady Schiller parecia, aos membros do Partido Nacionalista, a esposa ideal para o homem que esperavam vir a ser seu líder no futuro.

Já existia uma Lady Schiller, claro. O pai de Rawson era Knight Commander da Ordem de São Miguel e de São Jorge graças ao seu negócio e à sua carreira pastoral. Sir Martin e a sua Lady Schiller olharam fixamente para a sua cópia do comunicado de imprensa, suavizada pela inclusão de uma carta pessoal do seu filho do meio.

— Ela não é fantástica em termos de estatuto social, mas é aceitável — disse Lady Schiller. — Um conjunto sofisticado, embora a cor seja demasiado arriscada para uma noiva. Vinte e seis anos… não é uma rapariga de dezoito anos de cabelo oxigenado, de maneira nenhuma, pelo que devemos estar gratos. O pai, pastor da Igreja Anglicana… a mãe era Adelaide Faulding, que também é de uma boa família, se é a que eu estou a pensar. Duvido que Rawson se casasse com alguém abaixo do seu nível.

— Ela tem uns olhos lindos — disse Sir Martin. — Muito invulgares.

— Segundo a carta de Rawson, é estudante de medicina… não gosto muito disso — disse a mãe de Rawson.

— Então, quer dizer que é inteligente — respondeu o pai de Rawson, cuja esposa não o era.

— A inteligência não devia ser o que um homem procura numa esposa. A medicina não é apropriada para uma senhora, toda aquela nudez vulgar e

exposição a doenças.

Martin Junior, o filho mais velho, afável e obediente, e que fora designado para tomar conta dos negócios da família Schiller, disse estar encantado.

— Já era altura de Rawson esquecer Anne — disse ele. — Vamos ser sinceros, mãe, ele é o Schiller que mais vai brilhar, e a sua esposa parece o par ideal. Inteligência *e* inteligência.

— Concordo — disse Rolf, o filho mais novo, escolhido para gerir o império pastoral da família. — Demasiado invulgar para ser uma beleza extraordinária, mas ainda assim assusta-me.

— Ela é uma harpia interesseira! — disse Gillian, irritada.

A esposa de Martin Junior acabara de fazer quarenta anos e sabia que não envelhecera da forma mais graciosa. Quatro filhos e uma enorme gulodice tinham arruinado a sua figura, e Martin Junior, a sua disposição.

— Concordo com Gilly — disse Constance, a mulher de Rolf. — Ela montou uma armadilha para o coitado do pateta do Rawson, eu sei que sim.

Os três homens soltaram gargalhadas ruidosas. Lady Schiller sénior sorriu. As linhas foram estabelecidas onde ela achou que seriam. Nem Gilly nem Connie tinham a mínima noção de como se vestir e algo em tons de vermelho-escuro tê-las-ia feito parecer doentes terminais. Tal como Rawson, o filho do meio de quem ninguém esperava muito, eclipsara os seus irmãos, a nova e bastante jovem Lady Schiller iria atirar de vez as suas duas cunhadas para a sombra. Quando à primeira Lady Schiller, o tempo dar-lhe-ia a resposta certa.

Em Corunda, onde o comunicado de imprensa foi suavizado pelas quatro cartas de Edda ao pai e às três irmãs, a novidade causou sensação. No entanto, não de forma tão intensa como a Charles Burdum. Quando Kitty, a acenar com a sua carta e o comunicado de imprensa, lhe contou a novidade no seu regresso à Casa Burdum, naquele movimentado final de dia no início de dezembro de 1931, Charles pareceu prestes a desmaiar. Apoiando-se numa cadeira, afundou-se nela pesadamente e segurou a cópia do comunicado de imprensa, afastando a carta de

Edda.

— *Edda?* Edda casou com Rawson Schiller?

De olhos arregalados, Kitty apercebeu-se do seu choque e preparou-lhe uma bebida.

— Charlie, parece que aconteceu algo desastroso! Porquê, por amor de Deus? É uma notícia maravilhosa! Lê a carta dela, por favor, lê! Em fevereiro, ela vai começar Medicina III em Melbourne… o seu maior sonho, o desejo do seu coração, e agora conseguiu.

— A que preço? — perguntou ele amargurado, irritado.

— Isso é problema dela, Charlie, não teu. Como é que podemos saber o que se passa entre eles? Só que Edda não pode ser comprada, e fico até ofendida com a tua sugestão de que pode.

— Se eu soubesse que ela desejava assim tanto um curso de medicina, *eu* teria pago para que isso acontecesse! — disse ele de forma brusca.

— Tretas! — explodiu Kitty, perdendo a paciência e a tolerância. — Sempre soubeste, e Deus sabe que tens dinheiro, mas Edda não é uma das tuas pessoas preferidas, eu sei disso. Ela diz-te o que pensa, desde as coisas mais banais, como eu não ter meio de transporte para sair desta colina, até ao modo como estás a construir o hospital. Sempre gostaste do facto de Edda não poder ter o que mais desejava, e não te incomodes a tentar negá-lo. Contigo, Charlie, tudo se passa ao nível do inconsciente, para depois poderes dizer a ti mesmo que és um tipo sensacional! Charles Burdum, a rocha sobre a qual Corunda assenta. Foste alimentando falsas esperanças a Edda, prometendo-lhe uma nova sala de operações, quando sabias perfeitamente que uma era suficiente e que esta pertencia a Dot Marshall. Bem, ela estava a candidatar-se para um hospital em Melbourne para dirigir uma sala de operações quando conheceu Rawson Schiller.

O álcool já estava a fazer efeito; Charles endireitou-se ainda mais na cadeira.

— Oh, sim! Ela conheceu Rawson Schiller através de mim, não de qualquer outra pessoa! Visto que tu, minha senhora, não vens comigo a Melbourne, tive de levar a tua irmã ao jantar de caridade do presidente da Câmara. O lugar dela

na mesa custou-me cem dólares, e este é o agradecimento que recebo… ela decide e casa-se com um fanático ultraconservador, que defende o pagamento de ordenados miseráveis aos trabalhadores, aos deportados chineses e aos melanésios nos campos de açúcar, e a exclusão das mulheres do mercado de trabalho. Se a tua irmã casou com um homem como Rawson Schiller, então não é melhor que uma prostituta vulgar!

Pah! Pah! As pancadas de Kitty em cada face de Charles aconteceram mais rapidamente que um relâmpago. Num momento estava sentada na cadeira a discutir com ele… oh, furiosamente, talvez, mas de uma forma civilizada… e, no momento seguinte, os ouvidos dele zuniam, a cabeça doía. Com os olhos num tom magenta-fogo, Kitty inclinou-se sobre ele e continuou a bater-lhe nas orelhas, nos olhos, nas faces, no maxilar.

— Não te atrevas a chamar prostituta à minha irmã, sua versão administrativa de médico com sífilis, arrogante, porco, pomposo! És um eunuco sem tomates e sem coragem!

Protegendo-se dos golpes, Charles conseguiu esgueirar-se da cadeira e chegar à porta.

— Prostituta! Rameira! Meretriz! E tu, minha senhora, vai lavar a boca com sabão! Que vulgaridade nojenta!

— Vai para o inferno! — gritou ela num tom agudo. — Tu não queres saber do homem trabalhador, tu só queres saber de ti próprio. Foste tu que abandonaste Edda naquele jantar, deixaste-a sozinha numa mesa cheia de desconhecidos… Ela contou-me! Rawson Schiller *salvou-a*! E sabes que mais? Ele é alto! Ninguém lhe pode chamar Napoleão, não é, Napoleãozinho?

Em seguida, Kitty empurrou-o para o afastar, correu para a porta das traseiras e saiu de casa. Ouviu-se o som de um carro velho a pegar: a seguir, silêncio.

Charles dirigiu-se primeiro para o armário das bebidas e depois voltou para a cadeira, onde se sentou e tremeu de tal maneira que demorou cinco minutos a conseguir levar o copo à boca sem derramar a bebida. Fora tão repentino, tão convulsivo, tão espontâneo. Sem tempo para pensar e sem tempo para evitar dizer em voz alta o que deveria ter mantido para si mesmo. Edda *era* uma

prostituta, mas nenhuma irmã seria capaz de aceitar um insulto tão franco. Ainda estava possuído pela cólera, incitado agora pela imensa raiva desenfreada que sentia pela sua esposa, cujo amor por ele sempre fora esmagado e reduzido pelo que ela sentia por aquelas malditas irmãs. Kitty era sua mulher… legalmente, emocionalmente, *totalmente* dele! No entanto, Kitty guardava sempre parte dela para dar às irmãs. Não estava certo!

Edda era uma prostituta… uma mulher fácil e leviana, que mantinha relações sexuais fora do casamento com homens como Jack Thurlow. E Kitty *sabia* disso! Como podia ela perdoar a irmã, sem admitir primeiro que ela era uma prostituta? Quereria isto dizer que Kitty era virgem por mero acaso quando se casou? Será que já tinha praticado todos os tipos de sexo sem chegar ao derradeiro ato?

Vinte minutos depois, o reverendo ligou: Kitty estava com ele e regressaria a casa mais tarde, não havia necessidade de se preocupar.

— Eu não vou voltar — chorou ela para o pai. — Papá, ele chamou a Edda prostituta por se ter casado com Rawson Schiller! Como se ela tivesse elaborado um plano!

— Sim, sim, minha querida, é bastante infundado, eu sei. No entanto, pelo que Charlie me contou quando regressou de Melbourne, eu presumi que, ao conhecer Schiller, ele se comportou como um cão pequeno e agressivo de olhos fixos num gato grande e particularmente complacente. Pensa nisso, querida Kitty. Por baixo da pele, são tão parecidos, apesar das diferenças políticas… e essas podem ser assumidas e descartadas num abrir e fechar de olhos… vemos exemplos disso todos os dias. A política tem de ser disputada como um jogo, e aqueles que se dedicam a ela de corpo e alma estão condenados a ser cruelmente desiludidos, pois não é um jogo justo ou limpo. É um manto de mentiras… deceções… ambições pessoais… falsas esperanças. É desprovida de ética ou moralidade e concebida para dar a vitória àqueles que têm falta de princípios. Um homem com aspirações genuínas de servir a Humanidade estaria envolvido em trabalho social ou medicina ou algo com ganhos positivos visíveis. — O

reverendo engoliu em seco e pareceu confuso. — Oh, céus! Oh, céus! Eu devia estar a apontar as semelhanças entre eles, não é? Acredita no velhote, eles são autênticos irmãos em polos completamente opostos.

Uma Kitty bastante espantada olhava fixamente para o pai.

— O papá é um cínico! Não fazia ideia.

O reverendo sentiu-se ofendido.

— Eu não sou cínico, sou realista!

— Sim, é claro. Desculpe.

— Kitty, o nosso cérebro é o instrumento mais fantástico que Deus alguma vez ofereceu às criaturas vivas. Desenvolve-se numa imensa glória nos seres humanos, e devemos *usá-lo*, não sufocá-lo com futilidades e porcaria. Por isso, pensa! Charlie e o meu novo genro têm poucas diferenças comparado com o que têm em comum. O meu instinto diz-me que Charlie não é tão de esquerda como Rawson acredita, nem Rawson é tão de direita como Charlie acredita. No entanto, existe *uma* diferença.

— E eu sei outra diferença, a mais importante — disse Kitty, acalmando-se. — Rawson é quase trinta centímetros mais alto que Charlie. — Kitty suspirou. — A inferioridade que sente em relação à sua altura vai acabar por ser a sua ruína.

— Faz com que ele vá para o parlamento. É o lugar ideal para homens baixos.

— Nada pode desculpar a atitude dele para com Edda — murmurou Kitty.

— Oh, Kitty, foi dito para te magoar a *ti*, não a Edda. Ele não acha que ela seja uma rameira, mesmo quando o disse em voz alta. — Thomas Latimer pôs a chaleira ao lume para fazer um bule de chá. — Bebe um chá.

Kitty reprimiu uma gargalhada.

— Receio que lhe tenha posto os dois olhos negros.

— Meu Deus! Alguém *estava* irritado! Fico contente que as minhas meninas tenham tanto amor e lealdade umas pelas outras, mas não deves esquecer que o teu primeiro amor e a tua maior lealdade é para com o teu marido.

A porta de tela das traseiras bateu e Grace entrou pela velha cozinha adentro,

segurando na mão a sua carta e o comunicado de imprensa.

— Oh, Kitty, chegaste antes de mim! — A rainha de Trelawney sentou-se. — Adoraria uma chávena de chá, papá. Que choque, hem? A minha irmã gémea é agora Lady Schiller.

— Estás aborrecida, Grace? — perguntou Kitty, com o lábio a tremer.

— *Aborrecida?* Porque havia de estar aborrecida? — perguntou Grace, espantada. — Contudo, consigo perceber porque o fizeram em segredo… imaginem tentar planear um casamento daquele tamanho! Metade da fina-flor de Melbourne teria de ser convidada e o papá nunca conseguiria pagar a despesa. É sempre de mau tom ser o noivo a pagar, acho eu. Lady Schiller! Que bom para Edda! *E* vai finalmente tirar o curso de medicina!

— Sim, é maravilhoso — disse Kitty, calorosamente. — Estou muito feliz.

— Aposto que Charlie não está — disse Grace, bastante perspicaz. — Foi atirado para a sombra.

— Se não tens nada de agradável para dizer, Grace, faz a gentileza de não dizer nada — disse o reverendo, com firmeza.

— Oh, tretas, papá! Ele *está* aborrecido, Kits, não está?

— Não necessariamente aborrecido, Grace, apenas um pouco triste por Edda sair de Corunda.

Os dois rostos que observavam Kitty ficaram perplexos.

— Oh, não tinha parado para pensar nisso — disse Grace.

— Nem eu — concordou o reverendo.

No entanto, Tufts pensara nisso, como confidenciara a Liam Finucan enquanto tomavam o chá da manhã no seu gabinete no dia seguinte.

— Não se pode substituir Edda, isso é o mais triste. Tão estável e lógica, tão… oh, não sei, *reta*. Eu percebo porque é que ela se casou com ele, significa um curso de medicina, e ela também deve gostar muito dele.

— Estás a insinuar que o amor não existe nesta equação? — perguntou Liam.

— Oh, claro. Não acho que Edda seja *capaz* de amar. Pelo menos, não da mesma maneira que Kitty e Grace amam. Ela é uma cientista, não uma romântica.

— Isso é bastante claro. E quanto a ele, Heather?

Tufts franziu o sobrolho.

— Boa pergunta, seu velho desmancha-prazeres. Atrevo-me a dizer que ele deve amá-la imenso para casar com ela. Afinal, ele tem cerca de quarenta anos, é bem mais rico que Charlie, muito mais alto que Edda e famoso dentro do Império Britânico. Oh, como eu espero que resulte! Rezo por isso! Porque ela não casou com ele para se tornar Lady Schiller ou uma borboleta social. A Edda é a Edda, ela faz as suas próprias leis. Tenho de o conhecer, Liam! Não vou descansar até o conhecer.

Os sentimentos do reverendo eram os mesmo de Tufts, embora não discutissem o assunto entre eles. Ao longo da infância de Kitty, fora sempre Edda que detetara os sinais de alerta, Edda que salvara a pobre rapariga da estupidez da mãe, Edda que lhe dera força; e tudo isso indicava que Edda era extremamente perspicaz, sensível, afetuosa e protetora. Mas como iria lidar com um Rawson Schiller? Por que razão se teria ligado a ele de uma forma tão irrevogável? É óbvio que o senhor Latimer sabia da relação de Edda com Jack Thurlow; não era cego e, certamente, não era surdo para não ouvir os boatos. Apesar de ser contrário aos desígnios de Deus, o senhor Latimer preferia muito mais a relação que um casamento infeliz. Agora, aqui estava ela, com o título de Lady e uma futura médica. E, apesar de tentar, Thomas não conseguia abafar os seus receios.

Para Maude Latimer, as notícias chegaram demasiado tarde. Já fervera a água da chaleira até evaporar por completo e acabara por pegar fogo à cozinha do presbitério três vezes, sendo a última bastante grave. Depois de uma luta árdua consigo mesmo, o reverendo foi obrigado a interná-la no hospício, um lugar onde ela deambulava de um lado para o outro, aparentemente feliz, gabando a toda a gente a sua lindíssima filha bebé, Kitty. Quando lhe contaram do casamento de Edda, não ficou chocada. Era Kitty que iria fazer um belo casamento no futuro. *Edda?* Edda não era ninguém, não era nada.

Parecia que Charles Burdum nunca iria desmontar do seu cavalo alto. Fiel à sua palavra, o reverendo mandou Kitty para casa duas horas depois de ter saído, mas Kitty ia de nariz empinado e não sabia se seria capaz de perdoar Charles, embora estivesse disposta a tentar, pelo seu pai. Mas o que ela encontrou foi um marido frio e distante, que recusou o jantar e depois dormiu no seu quarto de vestir, onde pediu a Coates para montar uma cama. Com o rosto impassível, o homem fez o que lhe mandaram, mas Kitty sabia que a história se iria espalhar por toda a cidade de Corunda no dia seguinte… o empregado de Charles era fenomenal a desempenhar as suas funções *e* um bisbilhoteiro nato. Os bares podiam estar fechados e as pessoas a dormir, mas Coates arranjaria uma maneira. Havia vezes que Kitty dormira sozinha por «razões de saúde», mas tinha sido ela a abandonar a cama do amo. Desta vez era bem diferente… o amo abandonara a cama do casal. Notícias sensacionais!

Kitty interpretou a atitude de Charles como prova de que a prostituição era contagiosa e que ela a apanhara de Edda. Fora transmitida pelo ar, bem como pelo sangue. Sem dúvida, pensou Kitty fulminante, Tufts e Grace também tinham uma marca escarlate na testa. Como se atrevia ele a agir como um evangelista burguês! A pensar nisto, Kitty adormeceu.

Na manhã seguinte, acordou e apercebeu-se de que há muitas luas que não tinha uma noite tão tranquila; saltou da cama com uma energia vibrante. Apressou-se a ir tomar o pequeno-almoço. Não encontrou Charlie. Já se encontrava no hospital, disse a sua empregada doméstica de confiança, a senhora Simmons.

— Esplêndido! — disse Kitty, alegre. — Eu e ele tivemos uma discussão acesa, senhora Simmons, e eu vou deixar de dormir no nosso quarto. Gostaria que a senhora e Beatrix, oh, e Coates, pusessem as minhas coisas na suíte lilás. Charlie odeia a suíte lilás!

A senhora Simmons fechou a boca com ostentação, colocando a mão sobre o maxilar inferior descaído e puxando-o para cima.

— Credo, Kitty, isso é um pouco drástico, não? — perguntou ela com a típica atitude da gente de Corunda para com os patrões… não havia cá «senhoras» ou

«donas» para a senhora Simmons!

Aceitando a reação da senhora Simmons como parte do seu comportamento habitual, Kitty permaneceu impassível.

— Sim, é drástico, mas ao menos não é monótono — respondeu ela. — Sabe o que fez aquele idiota? Chamou prostituta à minha irmã Edda por ter casado com um homem rico com um título de nobreza!

— Cruz, credo, não posso acreditar! Refere-se aos quartos cor de malva, Kitty?

— Sim, os quartos cor de malva.

Deixando as suas mudanças nas mãos capazes da senhora Simmons, Kitty foi para o orfanato e voluntariou-se para fazer por lá algum trabalho de enfermagem.

— Kitty, és uma dádiva do céu — disse a enfermeira-chefe Ida Dervish, a diretora da instituição que crescera vertiginosamente em apenas dois anos. — Uma enfermeira de saúde infantil qualificada! Minha querida, temos trabalho para te ocupar de manhã à noite, mas tens tempo para despender por aqui? O doutor Burdum deve manter-te ocupada.

— Tempo — disse Kitty — é algo que tenho imenso e nenhum governo me deixa fazer uso do meu treino e me dá emprego só porque sou casada. Bem, esta última condição é discutível. Tive uma discussão tão grande com o doutor Charles Burdum, que ele me considera um excedente para as suas necessidades. Um olhar em volta quando entrei no orfanato, Ida, disse-me que aqui, pelo menos, sou precisa. Charlie pode ir-se lixar!

— *Kitty!* — exclamou a enfermeira-chefe Dervish. — Se disseres essas coisas por aí, não tarda nada a cidade inteira sabe.

— Já está. O Coates, Ida, não te esqueças do Coates — disse a esposa indignada com um sorriso. — Oh, ele magoou-me e eu vou fazer jarreteiras com as entranhas dele!

— Quem, o *Coates*?

— Não, tonta! O Charlie. Tens alguma coisa para eu vestir até conseguir mandar vir uniformes simples de Sydney? É uma pena que as nossas lojas locais

tenham fechado as portas em tão grande número. — Kitty suspirou, pensativa, o seu humor começava a cair. — Estou mesmo muito magoada, mas preferia morrer do que deixar Charlie ver isso. Chamar a Edda, entre todas as pessoas, uma prostituta!

— Foi *isso* que ele fez?

— Sim.

— O homem não é bom da cabeça. Já para não falar que é ciumento.

Um julgamento que muitos faziam em Corunda à medida que a notícia se espalhava, mas não era de todo universal. Charles Burdum possuía seguidores dedicados e fiéis em muitas áreas que não tinham qualquer dificuldade em ver a justeza por trás do comentário de Charles sobre Edda Latimer, que podia ser uma cabra arrogante e tinha uma moral muito duvidosa. Embora a razão da discussão dos Burdum fosse irrelevante; a sua importância residia nas suas participantes, até agora consideradas unidas de forma tão próxima como… bem, irmãs gémeas.

Durante uma semana, Charles ignorou Kitty, a natureza pública do seu dilema e o facto de a sua mulher estar agora a viver numa suíte de quartos horríveis nos fundos da *sua própria* casa. A luva que Charles atirara para o chão de forma tão irrefletida fora apanhada por Kitty com uma avidez indecente, e esta estava demasiado ocupada a bater-lhe com ela. Não ajudava que tivesse os dois olhos negros e que ninguém acreditasse que tinham sido o resultado de embater contra uma porta.

No final da semana, Charles estava disposto a ceder um pouco e aproveitou a oportunidade quando ouviu a porta da entrada bater às seis da tarde: a sua esposa regressava do seu trabalho ridículo no orfanato.

— Posso falar contigo, Kitty? — perguntou ele, educadamente, aparecendo na entrada da pequena sala de estar adjacente ao seu escritório.

Deveria parecer cansada, e com todo o direito, visto que o seu trabalho não era nenhuma sinecura… duro, pesado, brutal. A sua rede de espiões informara-o de que Kitty andava a ver todas as cabeças à procura de piolhos e lêndeas, a esfregar cada orifício sem misericórdia, todas as tarefas que os funcionários do orfanato, com falta de pessoal e excesso de crianças, não tinham tempo de fazer

adequadamente.

No entanto, Kitty estava radiante, mais bonita do que nunca; os olhos azul-lilás cintilavam cheios de vida, a boca atraente exibia satisfação e a sua pele brilhava com imensa saúde. Esta mulher tinha tido nados-mortos? Nunca!

— Claro que sim — respondeu ela.

— Queres uma bebida?

— Uma cerveja fresca seria ótimo, obrigada.

Depois de a servir e de ela se acomodar na cadeira, Charles sentou-se.

— Isto tem de parar — disse ele.

— O que é que tem de parar? — perguntou ela, bebericando de forma voluptuosa.

— Estes joguinhos. Dizeres por aí que tu e eu temos discutido, que estás aborrecida, que não gostas da minha atitude em relação à tua família.

— Meu Deus, que litania de pecadilhos! — respondeu ela.

— Têm de parar.

— Porque tu dizes, são as tuas ordens?

— Sim, claro. Eu sou teu marido.

— E se eu me recusar a parar com os meus joguinhos?

— Então, serei obrigado a tomar medidas.

— Medidas… Explica-me, por favor.

— Posso cortar a tua pensão, recusar honrar as tuas dívidas, usar a minha influência para tornar impossível que faças qualquer tipo de trabalho não remunerado. Tu és minha *esposa*, Kitty — disse Charles com firmeza e uma autoridade inabalável.

Se ele estava à espera de que Kitty perdesse a calma, ficou desiludido. Kitty olhou fixamente para Charles como se ele fosse uma nova e bastante repulsiva espécie de inseto. Em seguida, os cantos dos lábios de Kitty subiram.

— Oh, Charlie, a sério? — disse ela, irritada, mas sem um pingo de raiva. — Não sejas um idiota maior do que Deus te fez! Corunda é a *minha* cidade-natal, não a tua. Tenta prejudicar-me em Corunda e vais colher um vendaval. Eu posso arruinar-te num segundo. Kitty Latimer, irmã daquela prostituta, a Edda, ambas

muito queridas pelos habitantes locais? Não é possível. O mais importante é que tu sabes que não é possível. Isso é tudo *bluff*, o teu último ato desesperado para adquirires uma esposa obediente e subordinada. Bem podes comer merda!

— Tens o vocabulário de uma prostituta! — disse ele, precisando de responder alguma coisa, mas sem se lembrar de nada mais para dizer. Amava-a tanto! Porque estava tudo a correr tão mal para ele? Aquelas irmãs horríveis, sempre as suas irmãs… era difícil admitir os seus ciúmes, o seu sentimento de posse, pois nunca se sentira assim até Kitty entrar no seu mundo, e agora apercebia-se de que amá-la implicava nunca se ver livre das irmãs Latimer.

— Sim, eu sempre fui a gémea respondona — disse ela, com um sorriso, gostando da ideia. — Quando se cresce a ser-se louvada como a criança mais bonita à face da terra, torna-se importante desenvolver uma característica que seja capaz de chocar e desiludir as pessoas. Não peço desculpa por isso, e não tenho a mínima intenção de te pedir desculpa, Charlie, por ter sofrido um insulto intolerável. A minha irmã Edda é uma mulher com uma integridade absoluta e um temperamento forte, sempre inteligente e sempre constante no que diz respeito à sua lealdade. Tu não gostas de Edda porque sentes uma qualidade nela que recusa ser propriedade de alguém. É uma qualidade que eu não tenho, infelizmente para mim. Mas disto eu tenho a certeza: Edda nunca se venderia, mesmo pela oportunidade de se tornar médica. O que significa que Rawson Schiller deve ter querido algo de Edda que anulou qualquer elemento de uma venda. É uma união entre iguais, Charlie, enquanto o nosso miserável esforço não me dá nada.

Durante bastante tempo, Charles não respondeu, limitou-se a ficar sentado e a olhar fixamente para a sua esposa, a qual amava, mas não conseguia agradar. Por fim, suspirou.

— Vais voltar para a minha cama? — perguntou ele.

— Não, acho que não.

Um enorme e profundo fosso engoliu o seu estômago.

— Acabou tudo?

— Eu não disse isso. Tal como a czarina Alexandra, eu adoro o meu *boudoir*

cor de malva. Descobri que adoro ter o meu pequeno reino dentro do teu palácio. Não me importo de te receber na minha cama para termos relações sexuais, Charlie, se pedires e se vieres ter comigo, mas não durmo mais ao teu lado. Nem quero que toques no meu reino. É *meu*. Tenho vinte e quatro anos e já está na altura de ter a minha privacidade. Desejo muito ter filhos. Mas insisto em ter uma vida própria e isso significa que, pelo menos por agora, vou continuar a trabalhar no orfanato.

— És difícil, tão difícil — murmurou ele.

— Todas as mulheres o são, no fundo — disse Kitty, a sua compostura inalterada. — Os homens obrigam-nos a ser. Temos um pacto?

Sem saber bem se a amava mais do que a odiava, Charles acenou com a cabeça.

— Quando eu quiser ter relações contigo, peço-te, mas isso não inclui dormirmos juntos. Quanto tempo de convivência é que isso permite?

— Tanta quanto quiseres. Vou continuar a gerir a casa, a agir como anfitriã, a fazer as refeições contigo, a sentar-me e a falar contigo sobre os acontecimentos do dia ou da família, serei uma boa mãe para os teus filhos quando Deus permitir que eles vivam. Escapou-me alguma coisa, Charlie? Se sim, por favor diz-me — concluiu a nova Kitty.

— Existe alguma possibilidade de a magia entre nós voltar?

Kitty riu, um som tão frágil e límpido como o cristal.

— Para mim, Charlie, acho que nunca existiu. No entanto, tu querias essa magia, e a mim, e puxaste por mim até ao ponto de rutura. Quanto a agir de forma tresloucada, não! Nunca fui uma prostituta. — Um ar alegre invadiu-lhe o rosto, e sorriu. — É melhor continuares a rezar, meu querido marido, que eu não me torne uma prostituta. Na tua opinião, é algo que corre na minha família.

Já chegava de observações indiscretas, pensou Charles Burdum, retirando-se para a sua cama solitária. Até se ter casado com um membro do clã Latimer, nunca experimentara as emoções que existem entre irmãos, pois nunca os tivera. Como podia um filho único conhecer a força e a profundidade dos laços entre irmãs, sobretudo gémeas?

Kitty insinuara que Charles a pressionara demasiado… e o que dissera ela: até ao ponto de *rutura*? Desgastada, corroída, menosprezada. Mas isso era ridículo! Pensar dessa forma era rebaixar-se, era ter uma fraca opinião de si mesma. Depois, do nada, as memórias da sua conversa com Edda, quando chegara pela primeira vez a Corunda, vieram-lhe à cabeça. Edda dissera que Kitty tinha uma fraca opinião de si mesma, que a mãe a arruinara. Porque será que confidências deste tipo pareciam ter tão pouca importância na altura em que eram feitas? Ele não as assimilara como deveria ter feito… talvez estivesse sobrecarregado pela quantidade de informação que Edda lhe dera de uma vez.

Não, sê justo, Charles, disse para si mesmo; ouviste atentamente apenas aquilo que te interessava, apenas o que te ajudasse a conquistar Kitty. Nada mais. Kitty, a parceira perfeita, e Edda estava a tentar que a visses (e com toda a razão) como imperfeita. *Ninguém* é perfeito! Muito menos tu, Charles Henry Burdum. Agora criaste uma situação complicada. A tua mulher está magoada, sem culpa nenhuma disso, e tu não és a pessoa certa para a curar. Na verdade, ela fechou a porta ao casamento sem fugir aos seus deveres, e deveres é tudo o que são para ela. Será por isso que ela sofre abortos?

Tufts e Liam Finucan foram os primeiros habitantes de Corunda a conhecer Sir Rawson e Lady Schiller, que desembarcaram no porto de Sydney depois de navegarem de São Francisco no início de 1932. Liam ia assistir a uma conferência em Sydney e Tufts pediu uns dias de licença para ir com ele; tinham quartos adjacentes no Hotel Metropole, perto de Circular Quay, passavam os dias afastados, os finais de tarde juntos e as noites castamente separados pela parede do hotel. O que os satisfazia aos dois. No último dia, Tufts recebeu um telefonema de Edda.

— Rawson e eu estamos no Hotel Australia — disse ela —, e gostávamos muito que tu e Liam jantassem connosco esta noite.

— Não perderíamos a oportunidade por nada deste mundo.

Com os dias despenteados de Liam agora no passado, ele vestiu um fato

elegante com uma gravata do Hospital Guy, e a pequena Tufts estava deslumbrante com um vestido de *chiffon* cor de âmbar. No entanto, o casal que se encontrava à sua espera no átrio do hotel roubava todos os olhares. Tufts e Liam esqueceram as maneiras e olharam fixamente. O homem era impressionante, nem que fosse pela sua fealdade, mas Edda estava magnífica com um vestido de seda verde-esmeralda, exatamente da mesma cor que o anel que tinha no terceiro dedo da mão esquerda, uma grande esmeralda quadrada rodeada de pequenos diamantes. À volta do pescoço usava uma simples gargantilha de diamantes, e em cada lóbulo da orelha um grande diamante de primeira-água.

— Meu Deus! — disse Tufts, em bicos dos pé para beijar a face de Edda. — Pareces um milhão de dólares!

— É quase isso que eu custo — disse Edda, rindo.

Em seguida, Tufts conheceu os olhos azuis do seu novo cunhado e gostou dele, o que foi um alívio tão grande que quase lhe faltou a força nos joelhos.

Ninguém esperava, pensou Edda ao ouvir Rawson e Liam falarem, que um advogado e um patologista tivessem tanto em comum, e talvez até nem tivessem, mas não lhes faltavam palavras, que eram trocadas numa conversa tão amigável que indicava a Edda que aquele irlandês reservado e meticuloso aprovava o seu novo marido.

— Estás feliz, Edda — disse Tufts na casa de banho.

— Estou, muito, exceto com os presentes. — Edda fez uma careta. — Não consegui evitar receber o anel de noivado, mas lutei arduamente contra os diamantes. Não adiantou de nada.

— São lindos, Eds, e de muito bom gosto. Simples.

— Sim, graças a Deus que não tenho de me preocupar com o gosto de Rawson. Combinamos surpreendentemente bem.

— E começas o curso de Medicina III em fevereiro?

— Sim, sim, sim! As joias vão ser guardadas no banco nessa altura, recuso-me a tê-las em casa. — Edda parou de falar, sorriu. — Casa! Um andar inteiro de um edifício alto na cidade de Melbourne, não é estranho? Tenho um apartamento

inteiro no andar de baixo para estudar.

— Meu Deus! Deve ser um sonho.

— Sim, é mesmo, e tenho imenso medo de acordar.

— O homem ama-te.

— Achas?

Os olhos cor de âmbar pestanejaram.

— É só olhar para ele.

— Ele já moveu montanhas por mim.

— Desconfio — disse Tufts, enfiando o braço pelo da irmã — que ele seja o tipo de homem habituado a mover montanhas.

No entanto, ao caminhar de volta para o Hotel Metropole com Liam à meia-noite, Tufts expressou algumas preocupações.

— Oh, Liam, reza por ela! — exclamou Tufts.

— Será que ela precisa das nossas orações, Heather? — perguntou ele, surpreendido.

— Desconfio que sim. Rawson Schiller é bastante amável e eu gosto dele… mas ele tem várias facetas, e não sei se Edda as conhece todas.

— Bem, eles vão estar connosco no comboio amanhã, por isso mantém os olhos bem abertos e os ouvidos atentos. Eu partilho a tua opinião em relação a ele.

— Pelo menos não é forreta. Que joias!

Liam riu de forma ruidosa.

— Não me enganas, minha senhora! As joias não constam da tua lista de prioridades.

— Nem na de Edda, ai! É aí que está a questão.

— Só se ele achar que ela lhes dá valor. Tenho a sensação de que ele *não* acha que Edda lhes dê valor. Por outro lado, como sua esposa, ela tem de as usar quando a ocasião obriga.

Grace decidiu que a sua própria posição enquanto rainha de Trelawney se

assemelhava ao título de cavaleiro de um reino e foi muito graciosa quando se conheceram; o encontro ocorreu na sua própria casa bege e verde em Trelawney Way, por altura do chá da manhã, um repasto que uma viúva com crianças pequenas conseguia preparar mais facilmente que um almoço, um lanche ou um jantar.

Como era o auge do verão, as crianças estavam de tronco nu e descalças, vestidas com calções de algodão.

— Brian vai frequentar a escola para o ano na East Corunda Public, e John começará no ano seguinte… eles têm pouca diferença de idade — disse ela às suas visitas, aparentemente pouco impressionada com a roupa de Edda ou o seu anel de esmeraldas.

— Deve ser muito difícil, Grace — disse Rawson num tom afetuoso —, mas não é difícil ver que és uma esplêndida dona de casa.

— Vou fazendo o que posso. Não vale a pena queixar-me e lamuriar-me, pois não? Temos de aceitar as coisas más, da mesma forma que aceitamos as coisas boas, como eu sempre digo.

— Preferias que os teus filhos fossem educados numa escola privada em vez de pública?

À superfície nada abalava Grace, e o choque da união de Edda já tinha agora tempo suficiente para ser incorporado no seu esquema mental das coisas, considerado como uma possibilidade, mas depois descartado… a não ser que, mais tarde, a situação mudasse, claro.

— Brian e John conhecem apenas um mundo, Trelawney — disse Grace a Rawson, exibindo encanto e nobreza. — Tenho a certeza de que a East Corunda Public pode proporcionar uma educação adequada. Quero que os meus filhos acabem a escola com distinção.

— E que grandes esperanças tens para o futuro deles? — insistiu Rawson.

— Como vítima da Grande Depressão, Rawson, a minha maior esperança é que, façam o que fizerem, a sua área de trabalho seja mais segura que a área das vendas. O pai deles era um vendedor brilhante, mas quando a Depressão se abateu sobre o país as pessoas deixaram de comprar. Não se poderão dedicar à

terra, porque não temos qualquer pedaço de terra, mas o ensino ou uma carreira como oficial do exército ou da marinha seriam profissões seguras — disse Grace, com firmeza.

Rawson olhou para ela, impotente, sabendo que estava completamente confuso. *Esta* era a irmã gémea de Edda? Muito parecidas ao olhar, mas não tinham nada em comum ao nível mental e espiritual… absolutamente nada!

— Se eu alguma vez te puder ajudar, Grace, promete que vens ter comigo — disse ele, decidido. — Não te vou ofender ao repisar o assunto, mas lembra-te do que te disse.

— Eu compreendo, mas estamos bem — respondeu Grace. — Talvez a maior lição da vida seja termos expectativas baixas. Assim, não nos desiludimos.

— Disparate! — disse Edda bruscamente, encontrando a língua. — Se tiveres expectativas baixas, vais sempre ficar em baixo! Tens dois meninos fantásticos e espero que faças de tudo para que eles acabem a universidade e não apenas que se matriculem.

Grace virou-se para Rawson com um sorriso tolerante.

— Minha querida Edda! — exclamou ela. — Uma reação típica de Edda, sabes? Mas como poderias saber? *Eu* sou gémea dela. Eu conheço-a. Ambiciosa! Oh, meu Deus, ela tem ambição suficiente para ganhar um concurso. Embora eu esteja muito contente por ela ir fazer, finalmente, o curso de medicina. Não que lhe vá trazer alguma alegria. Não é um mundo fácil para as mulheres médicas.

— Edda vai ser bem-sucedida — disse ele suavemente.

— Come outro pedaço de torrada, Rawson. A geleia de maçã que ela tem por cima é caseira, feita com maçãs Granny Smith da minha própria macieira. Faz muito melhor do que aquelas coisas compradas. Quem vive com um orçamento apertado resultante da Depressão pode até ter uma alimentação mais monótona, mas é muito mais saudável. Caseira!

— A geleia de maçã é deliciosa — disse ele com sinceridade.

— E — disse Edda, entredentes, enquanto se afastavam no carro do reverendo — Grace é absolutamente insuportável! Eu pensava que não havia pior do que a velha Grace lamurienta, mas a Grace conquistadora, rainha de

Trelawney, é muito pior. *Insuportável!*

— Mas tu ama-la tanto — disse ele, sorrindo.

Edda emitiu um som, metade queixume, metade riso.

— Sim, é verdade.

— A água nivela-se por si, Edda, e Grace é a água que se encontra no fundo de uma cascata. *Não* é superficial… tem várias profundidades ocultas. Enquanto tu és a cascata, sempre em movimento, cheia de energia, gloriosa de se ver.

Edda corou, adorando o elogio inesperado.

— Kitty é a cascata… brilhante, dançante, uma sinfonia de som e arco-íris.

— E Tufts?

— O oceano Pacífico, nada menos que isso.

— Ela e Kitty também mantiveram uma forte semelhança física, embora todas vocês sejam mais diferentes umas das outras do que iguais — disse ele.

— Eu sei o que queres dizer. Cada uma de nós foi modificada pela vida. — Edda suspirou. — Estava errada quando pressionei Kitty para casar com Charlie… mas ela estava tão hesitante, Rawson! Tufts e eu pensámos que a única coisa que a estava a impedir de ficar com ele era o facto de as pessoas a considerarem uma oportunista. E acredito genuinamente que ela precisava de um homem que a idolatrasse. Charlie fazia-o. Ela atingiu-o como um cabo de alta tensão, ele ficou um pouco louco de amor por ela. O que nós desconhecíamos tornou-se a sua ruína… Charles é ciumento e possessivo.

— Sim, ele parece o tipo de homem que fecha a mulher a sete chaves.

Edda enfrentou a família de Rawson na noite a seguir ao seu regresso de Melbourne. O único que teve uma noite agradável foi o próprio Rawson, livre para se recostar na cadeira e observar o efeito da sua nova esposa em três gerações típicas de uma família colonial abastada. Os Schiller, pensou ele, esqueceram-se de tudo exceto de como manter a sua posição social e de como continuar a aumentar a sua fortuna. Os seus irmãos casaram com mulheres abaixo do seu *pedigree*, mulheres que tinham sérias dificuldades em escrever um

racado… a minha mãe é uma snobe, com uma árvore genealógica impecável… o meu pai é um homem severo e tacanho de espírito que acha que o lugar das mulheres é em casa… só existe um Schiller com curso universitário, eu… as minhas três sobrinhas vão ser autorizadas a deixar a escola, e os meus três sobrinhos vão continuar a estudar, mas não irão para a universidade. No entanto, os Schiller são pessoas importantes.

E, aqui, como um raio vermelho, atirei o relâmpago da minha esposa para estilhaçar a sua complacência, para dividir em pedaços a sua ignorância. Olhem para ela! *Sofisticada* é a palavra que me ocorre primeiro, porque a sua beleza é permeada por todas as qualidades que a experiência aliada à inteligência podem dar; o sofrimento expandiu a sua maneira de ser, uma necessidade nata de assumir total responsabilidade dotou-a de uma força incomparável, e uma paixão pelo conhecimento vai sempre motivá-la a ir mais além do que as paredes de uma casa, de uma cozinha ou quarto de bebé. Tem tanto *estilo*! Isso é um dom, não pode ser adquirido.

Coitada da tola da Constance, a tentar humilhar Edda com comentários sobre o facto de as suas unhas não estarem arranjadas, de não serem dignas de um anel de esmeralda… De que forma tão encantadora Edda lhe explicou que as luvas de borracha de uma enfermeira do bloco operatório a impediam de ter unhas compridas, bem como o regulamento do hospital a proibia de usar verniz vermelho nas mesmas. E Constance, Gillian e até a minha mãe permaneceram sentadas a lembrar aquelas mulheres incríveis que as persuadiam gentilmente a usar uma arrastadeira ou lhes mostravam formas de lidar com as indignidades daquela niveladora drástica, a dor…

O meu pai está perplexo, faz conversa de circunstância porque é suficientemente esperto para perceber que a minha esposa é mais inteligente que ele, que poderia até fazer mais dinheiro que ele se fosse esse o seu desejo. Graças a Deus que não é. O meu irmão mais novo, Rolf, é o que está mais perto de gostar dela… é um homem do campo, bastante pragmático e mais em sintonia com os grandes ciclos da natureza. Porque, para ele, Edda é uma Deusa Grandiosa que viu o seu poder sobre os homens ser-lhe arrancado.

— O que achou o nosso observador? — perguntou ela depois de regressarem ao seu apartamento.

— O nosso observador viu que tu os aterrorizaste — disse ele, sorrindo.

— Se o nosso observador não se importar, gostava de manter o terror.

— *Importar?* O observador adora a ideia.

Habitar um andar inteiro no último piso de um edifício, que até incluía um jardim no topo, significava que Sir Rawson Schiller tinha quartos vagos. Nem atribuir o seu antigo apartamento para hóspedes a Edda provocara qualquer inconveniente para ele, visto que os três andares de cima estavam subdivididos em apartamentos, que mantinha para hospedar familiares em visita ou empregados em horários ou funções que tornavam difícil viver longe de Rawson.

Um casal nos seus quarenta, Ivan e Sonia Petrov, tinham cuidado de Rawson durante doze anos; juntamente com a cozinheira, Daphne, a ajudante de cozinha, Betty, e a empregada doméstica chamada Wanda, constituíam a sua equipa de empregados. Os Petrov e Daphne viviam no edifício, enquanto Betty e Wanda viajavam de elétrico de algures em Melbourne. Os horários de trabalho, sobretudo para os Petrov, pareciam ser flexíveis, mas Edda desconfiava que Rawson não era o tipo de empregador que se preocupasse com tostões no que dizia respeito a ordenados e regalias; era óbvio que os seus empregados o adoravam, incluindo os seus secretários, vivendo ambos no prédio. É uma espécie de pequena colónia aqui, pensou ela, divertida e comovida. Quanto ao segredo dele… ninguém sabia.

Daphne geria a cozinha, os Petrov tudo o resto. Ao corrente das lutas de Kitty com Charlie em relação ao *chef*, Edda viu de imediato a diferença de atitude. Charles tinha apenas em conta um homem com formação numa escola Cordon Bleu; Rawson contratara uma mulher sem formação e tinha, de longe, uma cozinheira melhor e mais versátil.

Ivan e Sonia tinham fugido da Revolução Vermelha na Rússia, mas não por serem aristocratas ricos; odiavam Lenine e todos os seus ideais, os seus motivos

eram demasiado russos para Edda compreender. O que percebeu foi que Sir Rawson lhes ofereceu a ideia que *eles* tinham do que era o paraíso para um trabalhador. Uma semana depois de Edda se mudar para lá como esposa de Rawson, Nina começou a trabalhar como sua criada de quarto. Nina era a filha de dezanove anos dos Petrov, que vivia com eles e que fora treinada para servir uma senhora, função que desempenhava desde os quinze anos.

— Servi-la é perfeito! — disse Nina com um sotaque acentuado de Melbourne.

— Não é uma carreira um pouco ultrapassada, Nina? — perguntou Edda. — Podias ser professora, enfermeira, secretária… isto é uma posição *servil*.

— Sim, mas — disse Nina, com os cantos da boca a revirar para cima — as melhores criadas ganham ordenados fantásticos. A minha mãe *treinou-me*. Deixei Lady Maskell-Turvey para a servir a si, e ela teria oferecido o dobro do dinheiro para ficar comigo. Mas servi-la é maravilhoso, mesmo que prefira que eu a trate por Edda.

Ao lembrar-se do ordenado miserável que uma estagiária de enfermagem recebia, Edda calou-se. Se esta criatura inteligente, de cabelos claros e olhos azuis, filha de refugiados, não se importava de lavar roupa interior e passar vestidos a ferro por o que parecia ser um ordenado chorudo, porque havia Edda de se opor?

No entanto, era um enorme alívio descobrir que todos os empregados de Rawson gostavam genuinamente dela. Era bastante óbvio que estavam muitos *contentes* por vê-lo casado com a Lady Certa, pois era assim que a consideravam.

A suíte de quartos de Edda ficava ao fundo do apartamento, e era ideal. No entanto, Edda nunca conseguia desfrutar deles, a não ser para dormir, tomar banho e vestir-se. O seu lazer viria a acontecer no andar de baixo, enquanto preparava o apartamento para o estudo de medicina, incluindo deixar a cama feita e toalhas na casa de banho. Não havia dúvida de que os empregados comentavam, mas pelo menos metade deles fazia-o em russo. Não havia grande perigo aí; os Petrov sabiam quem lhes punha o pão na mesa.

Livros, livros e mais livros enchiam as prateleiras, e havia sempre mais a serem adicionados. Edda comprou um microscópio, um estetoscópio, lâminas de vidro e lamelas, tubos de ensaio, instrumentos cirúrgicos básicos de aço inoxidável sueco, pilhas de vestidos simples de algodão que podiam ser lavados e passados a ferro com facilidade, casacos curtos brancos e sapatos resistentes de enfermeira. Quando a Medicina III começasse, Edda queria ter tudo pronto para não ter de perder tempo a comprar à pressa coisas de que se esquecera. A sua mente precisa e organizada tinha tudo sob controlo.

Edda também gostava do tempo que passava com Rawson, que era fiel à sua palavra e usava os serviços sociais dela. Parecia impressionante, mas a verdade é que ele adorava ouvi-la falar com entusiasmo sobre o seu «apartamento de medicina», como ela lhe chamava, e sentia-se revigorado ao final de uma noite na sua companhia. A sua juventude, beleza e poder fascinavam-no, chegando até a ressentir o facto de a sua própria orientação sexual manter Edda numa órbita distante da sua vida; pois ela não era sua esposa na verdadeira aceção da palavra, e Rawson não sentia qualquer inclinação para mudar isso. Talvez o que sentisse por ela fosse mais de natureza paternal?

Os seus colegas da área do direito e da política, céticos em relação à sua recente união, sucumbiram gradualmente aos encantos de Edda, embora as suas esposas não o tenham feito de forma tão rápida e, algumas delas, nunca tenham sequer chegado a fazê-lo. Lady Schiller sénior era famosa por a detestar, principalmente porque não tinha dinheiro próprio e era exímia a gastar o de Rawson. Que ele pudesse sustentar uma esposa dispendiosa, todos sabiam; o que ninguém compreendia é que os vestidos, as joias, as peles e o seu custo de vida crescente procediam dos impulsos e desejos dele, não dela. Apenas o tempo ensinaria ao mundo de Sir Rawson Schiller que a sua esposa se contentava com pouco mais do que um curso de medicina.

Quanto ao próprio Rawson, o casamento trouxe-lhe todas as coisas que há muito lhe eram negadas por ser solteiro. Em todos os aspetos, casara com a mulher certa, ninguém questionou por que razão um homem há tanto tempo solteiro se apaixonara por esta mulher, e não outra. Edda era incrivelmente

elegante, bem como bonita, e era óbvio que vinha de uma boa família, sabia conversar sobre uma série de assuntos, era capaz de seduzir aqueles que Rawson necessitava de seduzir, conseguia insultar com inteligência e autodomínio e ainda manter a compostura… sim, Edda era ideal, e ninguém o censurava por casar com uma mulher tão fascinante e invulgar. Uma estudante de medicina, por amor de Deus!

No entanto, Edda não fez amizades entre as mulheres do mundo de Rawson apenas porque os seus estudos não lhe davam tempo. Ocasionalmente, encontrava-se com pessoas de quem gostava muito, mas como poderia ela despender duas horas de manhã para tomar um café ou três horas para almoçar? Impossível! Os livros chamavam por ela como a canção de uma sereia, e ela ficava enfeitiçada.

---

1 Conselheiro do Rei. *(N. da T.)*

PARTE SEIS

CORTAR A CABEÇA

À medida que a Depressão piorava, também o governo ia de mal a pior, sobretudo o governo federal em Camberra. Agora primeiro-ministro da Nova Gales do Sul, Jack Lang recusou-se a pagar os juros do Estado sobre os empréstimos, obrigando Camberra a pagar no seu lugar. Depois, quando Camberra exigiu a restituição do dinheiro, Lang recusou. O Partido Trabalhista federal estava em risco, dividido em fações irreconciliáveis; o primeiro-ministro da Austrália, James Scullin, voltou a nomear o seu alegadamente desonesto tesoureiro, o que levou Joe Lyons a demitir-se, primeiro do seu ministério e, em março de 1931, do Partido Trabalhista. Já bastante debilitado, o Partido Nacionalista conservador acabou por sucumbir e nasceu um novo partido político, o Partido Unido da Austrália, liderado por Joe Lyons, que defendia a continuação da contenção de despesas. Uma nova eleição garantiu a vitória do Partido Unido da Austrália e Joe Lyons tornou-se primeiro-ministro.

Não era a altura ideal para lançar uma nova carreira! Por isso, Charles Burdum continuou a escrever nos seus livros de exercícios e a esboçar uma constituição para um partido político verdadeiramente novo. O casamento da sua cunhada com Sir Rawson Schiller em novembro-dezembro de 1931 parecia uma espécie de mau presságio espiritual para Charles, embora ele ainda não tivesse decidido se por causa do seu próprio casamento ou pelo facto de Schiller ser maior que ele em todos os aspetos. Quem poderia alguma vez imaginar que Edda apanharia um *Schiller*?

Parecendo um guaxinim (graças a Deus que este não era nativo da Austrália),

Charles viu-se obrigado a ausentar-se do hospital durante todo o mês de dezembro; refugiou-se na sua biblioteca a encher livros de exercícios com a sua filosofia política. A meio do seu curso, Tufts era praticamente capaz de gerir o hospital sozinha. O que ele se recusava a admitir era que o insulto em si inclinava a balança a favor do autoexílio: se ouvisse Liam Finucan cantar «Dois Lindos Olhos Negros» mais uma vez, ia gritar!

Com o casamento em farrapos devido às perversas irmãs da mulher, a sua mente movia-se em círculos cada vez mais pequenos, estando no seu centro a questão ridícula sobre para quem a lealdade da esposa deveria ir e a da sua não ia. Os boatos por todo o distrito irritavam-no tanto que era preferível esconder-se em casa do que sair para o meio de uma floresta de línguas mexeriqueiras e tagarelas. É óbvio que culpava Grace e as funcionárias do orfanato pelos mexericos; nunca lhe ocorreu por um instante que a verdadeira origem destes fosse o seu empregado importado, Coates, cuja língua era mais afiada e ativa do que a de qualquer outra pessoa. Oh, que dor! Esperava-se que ele, Charles Burdum, se ajoelhasse perante Kitty e implorasse uma noite na sua cama, como se ela, legalmente, não tivesse feito votos de passar todas as noites na sua cama. E visto que ele não era, nem de longe nem de perto, um Soames Forsyte, só lhe restava ficar em lume brando, com cuidado para não ferver, e acrescentar novos registos à sua lista de rancores. A sua esposa era *sua*, as prioridades dela já não eram as da sua infância.

O reverendo tentou.

— Charles, meu caro amigo, és o príncipe dos maridos — disse o senhor Latimer durante uma visita à Casa Burdum —, mas receio que o teu conhecimento sobre mulheres em geral, e esposas em particular, não esteja ao nível desta questão. Nós existimos no reinado de Jorge V, não da rainha Vitória, e os homens têm de mudar a forma como pensam a questão das esposas. As velhas leis foram, ou vão ser, revogadas para dar às mulheres um estatuto igual no casamento. Um indicador da mudança é a facilidade cada vez maior em conceder o divórcio às mulheres queixosas e a ocasional atribuição de um rendimento pós-conjugal. Embora os juízes tenham tendência para o evitar.

Quaisquer que sejam as tuas opiniões pessoais, não podes expressá-las por aí para todos ouvirem. Eu percebo que as tuas palavras sobre Edda tenham resultado de um estado de nervos, uma explosão de temperamento… Edda foi um instrumento que usaste para magoar Kitty. No entanto, o elo que existe entre as minhas filhas já vem do berço. O que disseste é uma mentira e Kitty reagiu a uma mentira.

Agora cor de caqui, os olhos de Charles fixaram-se em Thomas Latimer num misto de afeto e exasperação.

— O Tom constrói uma frase como se estudasse ao pormenor e analisasse a questão dentro da sua cabeça antes de proferir uma única palavra, e eu ouvi o que disse. Mas não me convence. Kitty tem de aprender a quem deve ser leal! As suas irmãs deviam ocupar… bem, senão um lugar pouco relevante na sua vida, pelo menos um lugar secundário.

O reverendo desistiu.

— Se ainda estás cego em relação a isso, Charlie, não vais ganhar esta batalha, porque simplesmente não és capaz. Deixa Kitty conviver com as irmãs e não esperes que elas ou Kitty ajam para *te* agradar. — Thomas colocou o chapéu na cabeça e pegou na bengala. — Lembra-te de que és tu o intruso! Não o digo de uma maneira depreciativa, mas tu és um segmento de tempo na vida dela. Há muitas coisas que não compreendes porque não estavas aqui.

Ele não conseguiu evitá-lo; Charles sorriu com ar de gozo.

— A famosa cobra na festa de chá? Talvez o verdadeiro significado desse incidente seja o facto de Edda ter uma verdadeira afinidade com cobras.

O reverendo Latimer dirigiu-se para a porta.

— A política — disse ele, abrindo-a — pode dividir as pessoas tão facilmente como a religião. A tua intransigência, genro, tem por base algo tão meretrício quanto repelente. Bom dia.

Sentindo-se como se tivesse perdido este encontro, mas tendo a certeza de que, por direito, o devia ter ganhado, Charles regressou ao trabalho com um péssimo humor.

Kitty ia receber Tufts e Grace para tomar chá na suíte lilás, sem saber que o seu pai invadira a parte de Charles da casa.

Quando Tufts entrou, Kitty ficou sem fôlego. Vestida com a sua roupa habitual, Tufts parecia extremamente bem na vida, mas não arrogante, porém não podia existir qualquer dúvida em relação à importância desta figura pequena e impressionante, com o seu vestido de *tweed* matizado feito por medida, o cabelo apanhado num coque solto que ondeava, cada movimento pensado, subtilmente intencional. A sua boca tomara a forma de uma flor, que ainda lembrava o botão, e os olhos cor de âmbar permaneciam inabaláveis, tão austeros e francos. Kitty sentiu vontade de chorar… porquê, não sabia, exceto pelo facto de a sua irmã gémea ter chegado tão longe.

A viúva Olsen entrou despreocupada, rainha de Trelawney, desde o seu elegante chapéu preto de abas largas, feito por si, até ao seu único par de meias de seda cerzidas com primor. Encontrara na viuvez a sua vocação, pois o que lhe parecera em tempos ridículo era agora nobre, e a sua beleza aumentara imenso. O cabelo negro tinha várias riscas fininhas brancas e caíam sobre os ombros com uma obediência natural; começara a escurecer as pestanas grossas com rímel para realçar o cinzento dos olhos, e a sua linda boca estava tingida de um vermelho sumptuoso, que atraía todos os olhares. Edda dera-lhe a maquilhagem, e ela não fora demasiado orgulhosa para a aceitar. A sua magreza atenuara-se nos locais que mais a favoreciam, e tornara-se uma costureira suficientemente boa para fazer roupa que lhe assentava muito bem. Não admirava que Jack Thurlow ainda se mantivesse por perto a arranjar a porta da capoeira ou a plantar batatas!

— A decoração cor de malva fica bem com os teus olhos, Kits — disse Tufts, sentando-se.

— Pergunto-me por que razão — refletiu Grace, sempre em contacto com as pessoas vulgares — os snobes insistem em chamar lilás à cor de malva? Essa cor é, sem dúvida alguma, a cor da classe trabalhadora, enquanto o lilás é preferido pelas pessoas mais finas.

— Que se lixe isso! — disse Tufts, provando assim que o cargo de diretora encorajava uma língua mais afiada. — Charlie já cedeu, Kits?

— Não sei… e, mais importante ainda, não me interessa.

— Ele está roído de inveja — disse Grace, metendo na boca um pedaço de bolo recheado com compota de morango e natas. — Oh, isto é bom!

— Come à vontade, rapariga. Sim, receio que Charlie seja muito ciumento.

— Ama-lo? — perguntou Tufts.

— Sim… e não — respondeu Kitty.

— Eu sei qual é o problema — disse Grace, já noutro pedaço de bolo.

— Qual é? — perguntaram as irmãs em coro.

— Meteste na cabeça que Charlie não é capaz de gerar bebés saudáveis.

Nem Kitty nem Tufts responderam; em seguida, Tufts serviu-se de mais chá, admirando a porcelana de Rockingham enquanto o fazia.

Por fim, Kitty suspirou.

— Sim, é isso que eu acho — respondeu ela.

— O que disse o doutor Ned Mason? — perguntou Tufts.

— A mesma coisa de sempre. Não existe razão *física*.

— Estás a pensar deixar o Charlie? — perguntou Grace. — Ele está com um aspeto terrível, mesmo sem contar com os dois olhos negros.

— Ele sabe que eu gosto mais de estar com os órfãos do que com ele, imagino — disse Kitty.

— Não tens qualquer lágrima nos olhos, Kitty.

— Não sei o que aconteceu, ao certo, exceto que é muito difícil viver com um homem tão possessivo. Como pode ele ter ciúmes das minhas irmãs? Mas a verdade é que tem, e eu começo a não gostar dele por causa disso — disse Kitty, sem lágrimas, mas perturbada. — Os poucos amigos casados que tenho dizem-me que isto é apenas uma fase pior, que o casamento tem altos e baixos… e eu até acreditaria nisso, não fosse o facto de perder sempre os meus bebés. Não sei mesmo como explicar, meninas.

— Atrevo-me a dizer que ela não sabe explicar — disse Grace a Tufts, enquanto desciam a Catholic Hill. — No entanto, eu sei.

Tufts estava a conduzir o *Modelo T* do hospital e lançou um rápido olhar de lado à irmã.

— Eu sou uma solteirona habituada a viver assim, minha querida Grace, por isso é melhor explicares como se eu fosse idiota.

— É simples — respondeu Grace, recorrendo ao seu fundo de conhecimentos sobre o estatuto de casados. — A Kitty deixou de gostar de Charlie.

— Deixou de gostar?

— Exatamente. Acontece. Oh, não frequentemente, mas acontece. A intimidade é uma coisa engraçada — continuou Grace como se fosse a própria voz da experiência —, e nem o homem nem a mulher sabem o que lhes vai acontecer quando começam a viver juntos, de forma íntima, como um casal. Quero dizer, coisas como os hábitos pessoais ou a invasão de certas privacidades… será que ele te vai deixar vê-lo fazer chichi, ou será que tu vais deixá-lo chupar o teu mamilo? Como será que se vão sentir quando se despirem à frente um do outro? Se ele tiver uma hemorroida, vai deixar-te dar uma vista de olhos? Oh, e por aí em diante! E isso é só em relação ao corpo. Será que te esqueceste e deixaste a tua toalha manchada de sangue à vista? E em relação à política, hã? E à religião? Um gostinho especial pela garrafa? Os homens odeiam esposas que os confrontam em frente dos amigalhaços. A intimidade é uma coisa muito complicada, Tufts. E, por vezes, uma das partes do casal deixa de gostar da outra. As pessoas de fora nunca saberão porquê. É óbvio que eu não sei por que razão Kitty deixou de gostar de Charlie. Tudo o que sei é que deixou mesmo. — O seu tom de voz baixou para um murmúrio conspiratório. — Uma coisa te posso dizer: provavelmente nem Kitty sabe porquê. Não caias no queixume de o-Charlie-não-consegue-fazer-bebés, é uma treta absoluta. Não foi por essa razão que ela deixou de gostar dele.

— Valha-me Deus! — disse Tufts, sem forças. — Tu surpreendes-me, Grace. Não há nada que possamos fazer?

— Apenas ficar por perto para apanhar os pedacinhos que caírem, Tufts, só isso.

A eleição federal agendada para 19 de dezembro de 1931 não incomodava

Charles, pois não planeava candidatar-se. Naquela altura, Charles ter-se-ia declarado um independente, com liberdade para votar como quisesse em todos os assuntos. No entanto, Kitty não era propriamente a mulher política no verdadeiro sentido da palavra, apenas uma ajudante leal: oh, mas uma ajudante bem informada e politicamente *empenhada*!

Assim, sozinho e achando-se um asno, Charles foi à escola pública de East Corunda no dia 19 de dezembro para votar.

— Doutor Burdum?

Hesitante em frente dos degraus da entrada da escola, deu por si a olhar para um rosto longo e vagamente parecido com o de um cavalo. Os seus olhos pálidos eram de tal forma penetrantes que mais pareciam que iam rebentar, a estrutura óssea do seu rosto era normal à exceção de um maxilar superior saliente, que obrigava os seus dentes a saírem o suficiente para dar azo ao surgimento de imagens equinas quando a descreviam. Vestida com roupa horrível, sem qualquer gosto, o seu corpo magro estava numa posição de muda interrogação, reforçada por um bloco de notas e um lápis.

— Eu sou Charles Burdum — disse ele com um sorriso de estrela de cinema.

— O meu nome é Dorcas Chandler e trabalho para o *Corunda Post*. Importa-se que lhe faça algumas perguntas? — perguntou ela com um tom de voz suave e melodioso que lhe assentava de forma tão estranha como o seu nome ou aqueles olhos contraditórios.

— Trabalha recentemente para o *Post*, senhora Chandler?

— Sim, este é o meu primeiro trabalho para o *Post*. Antes estava ao serviço do *Telegraph*.

— Posso votar primeiro? — perguntou ele, ainda a sorrir. — Depois de fazer isso, posso dar-lhe toda a atenção.

— Com certeza. Podemos encontrar-nos lá fora, por baixo do eucalipto.

— Com certeza!

O eucalipto era uma árvore nobre, que abrigara do sol cinquenta anos de crianças daquele modo ténue e mosqueado típico das árvores australianas, incapazes de produzir uma sombra densa; a roupa dela em tons de verde e preto

sobressaía contra a casca da árvore ligeiramente acetinada e creme, como uma cicatriz deixada por um relâmpago. Será um presságio?, pensou ele à medida que se aproximava da senhora Dorcas Chandler. Será ela um mau agouro para o meu futuro? Porque ela vai ser importante, vai lançar um raio de destruição em alguma parte da minha vida… ideais, esperanças, medos, planos… não sei mesmo.

— Esperava-se que o senhor se candidatasse a este cargo — disse ela.

— Eu tinha ambições, é verdade, senhora Chandler, mas este ano foi pautado por tanta confusão política dentro dos grandes partidos políticos que acabei por decidir que a altura não era a mais acertada — disse ele com jovialidade.

— Oh, não creio que o seu motivo tenha sido assim *tão* linear — continuou ela, encostando-se contra o enorme tronco da árvore.

Charles pestanejou.

— Desculpe?

— O doutor Burdum anda à procura de uma nova filosofia política que sirva os interesses da Austrália, e está a ser uma tarefa mais difícil do que esperava.

— Então, vamos arranjar um lugar para nos sentarmos, Dorcas, mas não aqui, entre as formigas voadoras. Posso tratá-la por Dorcas? Vai ser minha amiga, não vai? — perguntou ele com a mão por baixo do cotovelo dela e consciente de que, para o fazer, tinha de levantar bastante o braço. A senhora Dorcas Chandler tinha um metro e oitenta, descalça. — Café no Parthenon?

Ela riu.

— Com todo o gosto, doutor Burdum.

— Charles! O meu nome é Charles! Não Charlie, mas Charles.

— Doutor Burdum — disse ela, baixinho —, o senhor não é nem nunca será um Charlie.

O café tornou-se um almoço; Charles não se importava, tão absorto estava no que esta mulher tão extraordinária tinha para dizer. Até que enfim! Encontrara, por fim, a sua conselheira política, a sua ajudante.

Quando expressou os seus receios relativamente a Rawson Schiller, Dorcas resfolegou.

— Ele tem mais vocação para a administração pública ou a diplomacia, Charles, não é um político. É demasiado rico e demasiado bem-nascido para liderar qualquer ministério, até mesmo o dos Negócios Estrangeiros, por isso tem de enfrentar o seu dilema por caminhos tortuosos, por assim dizer. Quero dizer, tornar-se ministro do governo. Nessa altura será o chefe dos funcionários públicos e poderá começar a fazer as suas mudanças. No entanto, acaba por ser prejudicado pela fragilidade dessa abordagem… quer dizer, nos períodos em que o partido está na oposição e não tem poder.

— Não é isso que eu estou a insinuar? Que ele tenciona ser primeiro-ministro? — perguntou Charles, sem expressão.

— Oh, céus, não — disse a senhora Chandler. — Schiller é um homem muito inteligente e antecipa todas as dificuldades. O que, na verdade, é bastante invulgar num advogado. Quem o Charles devia manter debaixo de olho é um jovem, também de Melbourne, chamado Robert Gordon Menzies. Um advogado com as características certas para liderar um partido político. Menzies tem tendências conservadoras, mas não as manifesta de forma ultrajante e tem um grande interesse pela legislação social. Aos vinte e cinco anos ganhou no Supremo Tribunal da Austrália um caso para a Amalgamated Society of Engineers… um caso histórico! Desde essa altura, nunca mais olhou para trás, e isso foi em 1920. Também é um homem extremamente atraente, com a exceção de que passa demasiado tempo à mesa… nota-se quando se olha para a sua barriga.

— Menzies — disse Charles, pensativo. — Sim, é claro que já ouvi falar dele, mas toda a gente se foca em Schiller.

— Schiller tem um calcanhar de Aquiles. Não sei o que é, mas ele tem um — disse a senhora Chandler, sensatamente.

Um plano formava-se agora na cabeça de Charles, mas primeiro tinha de descobrir mais sobre a senhora Dorcas Chandler. Por esta altura, o movimento da hora do almoço passara e Con Decopoulos tinha tempo livre suficiente para cismar sobre este par bastante peculiar… Charles Burdum com uma mulher de trinta anos, que bem poderia ser a imagem de um póster para uma instituição de

caridade em prol de crianças desfavorecidas? Como arranjavam tanto assunto para conversarem de forma tão animada durante tanto tempo? Ela tinha um bloco de notas, mas não escrevera nada nele, e os seus pálidos olhos azuis estavam fixos em Charlie como se ele fosse o príncipe encantado em pessoa. Bem, isso era de esperar! Um bom número de mulheres menos bem-parecidas em Corunda olhava para Charlie da mesma maneira. A diferença era que, normalmente, Charles fugia a sete pés, não ficava a conversar durante várias horas.

Também não demorou muito até Charles saber o que queria, pois Dorcas Chandler estava demasiado ansiosa por lhe contar a sua pequena história. Com origens no que Charles gostava de chamar «classe trabalhadora com pretensões sociais mais elevadas», Dorcas tinha exatamente trinta e cinco anos e obtivera boas notas a nível académico; até tivera a melhor classificação do Estado a inglês, segundo ela. Graças ao apetite voraz da Grande Guerra por homens, ela fora aprendiz de jornalismo no próspero império de notícias de Ezra Norton, mas no final de 1920 a sua sorte entrou em declínio. Os homens, agora completamente desmobilizados, tinham-na empurrado das notícias mais interessantes para o inevitável mundo jornalístico das mulheres: sociedade, estrelas de teatro e cinema, moda e a ocasional história comovente. Em seguida, pouco tempo depois de ter começado a trabalhar para o *Sydney Daily Telegraph*, a Grande Depressão deixou a família Chandler sem nada; Dorcas foi a única que manteve o emprego. O *Telegraph* mandava-a para exposições de flores, bailes, desfiles de moda, exibições de gatos e eventos de caridade. Visto que era muito boa a cobrir este tipo de eventos, tornou-se motivo de chacota: os seus colegas chamavam-na «o terror que acertou em cheio». Dorcas estava de tal forma vulnerável aos encantos de Charles que até lhe falou desta terrível alcunha!

Porque as mulheres recebiam bem menos que os homens, quando Tom Jenner morreu, o *Corunda Post* anunciou que procurava uma mulher para o substituir; pouco importava o aspeto da senhora Dorcas Chandler, visto que as suas reportagens eram excelentes e a sua experiência vasta. Ao reparar na sua paixão por jornalismo relacionado com política, economia e negócios, o chefe de

redação do *Corunda Post* decidiu que ela era ideal para Corunda e contratou-a por um pouco mais de metade do que pagava a Tom Jenner. Na verdade, Dorcas era uma pessoa muito versátil, capaz de trabalhar em qualquer matéria… até sabia quem jogava críquete na equipa da Nova Gales do Sul e compreendia a diferença entre *rugby* e futebol americano.

Assim, Charles ouviu Dorcas falar durante várias horas sem se arrepender de um único minuto, sentindo-se com sorte.

— A Dorcas está irrevogavelmente dedicada à carreira de jornalismo? — perguntou ele, quando ela finalmente ficou em silêncio depois de expor as suas teorias políticas e de fazer um apanhado das suas origens.

— Céus, não! — exclamou ela, resfolegando no final da gargalhada, um hábito seu. — A minha verdadeira obsessão é a política, mas, como sou mulher, tenho o acesso barrado.

— Aceitaria trabalhar para mim a tempo inteiro como minha consultora política?

A oferta foi, obviamente, um choque para ela; Dorcas recostou-se na cadeira tão apreensiva como um gato confrontado com um cãozinho.

— Desculpe?

— A senhora ouviu-me. Corunda e eu também precisamos de um lobista.

Um brilho feroz invadiu o olhar de Dorcas.

— Teríamos algum tipo de contrato? Um tempo limite? Existem outros incentivos para além de um salário, pois é óbvio que não quer um mero assalariado. Como solteirona independente, tenho de considerar o que significa uma mudança tão radical de emprego, doutor Burdum. Como o doutor não é proprietário de uma grande empresa comercial ou industrial, como poderia compensar-me, tirando o salário? Preciso de saber todos os pormenores antes de considerar a sua oferta — disse ela com voz firme.

Que criatura ponderada e lógica!, pensou ele… também não é dada a impulsos. Pensando rapidamente, Charles estava preparado para lhe responder.

— O seu salário seriam quinhentas e vinte libras por ano… uma quantia fabulosa, eu sei. O seu escritório privado seria dentro da minha propriedade, a

Casa Burdum, e iria viver numa casa de hóspedes, com total privacidade. Terá um bom carro ao seu inteiro dispor e eu pagaria todas as suas despesas de deslocação… desde que estivesse ao meu serviço. O uso do carro é mais flexível, estaria disposto a ser mais maleável. Se ao fim de cinco anos ainda estiver ao meu serviço, tratarei de instituir uma anuidade a pagar quando se reformar, cujo montante dependerá dos anos de serviço — disse Charles, num tom enérgico, o rosto cordialmente interessado.

De olhos opacos, Dorcas estava sentada com o ouvido esquerdo virado para ele (seria um pouco surda?) e ambas as mãos à volta da chávena de chá. O que estaria a pensar? A sua generosidade era incrível e ele sabia-o, mas, ao olhar para ela, não conseguia perceber, mesmo se a sua vida dependesse disso, se ela estava esmagada com a sua generosidade ou secretamente convencida de que valia cada tostão? Gratidão ou prerrogativa? Ela não estava disposta a conceder-lhe a vitória deixando-o perceber o que sentia.

Então, Charles voltou ao ataque, graças a Kitty.

— Vai ter de se vestir muito melhor.

— Se aceitar a sua oferta, vou ter dinheiro para o fazer.

— E vai aceitá-la?

— Se o seu advogado elaborar um contrato de trabalho.

— Esplêndido! — exclamou ele, a faceta de estrela de cinema ao de cima. — Agora tenho de ir, senhora Chandler. Encontramo-nos no meu gabinete no hospital no segundo dia de janeiro às dez. Podemos assinar os papéis lá, depois levo-a até à Casa Burdum e mostro-lhe o seu gabinete, bem como a sua casa. A casa está completamente mobilada, mas o interior é muito desengraçado, no entanto, tenho a certeza de que vai conseguir dar-lhe o seu cunho pessoal. É a única pessoa que pode mobilar o seu escritório, incluindo os livros.

Dorcas abriu a sua mala gasta, colocou o bloco de notas e o lápis no interior e deslizou as mãos para umas luvas de tecido puídas.

— Vou aproveitar o meu tempo livre para fazer uma lista de livros, mas não vou encomendar nenhum até saber que obras o doutor Burdum já tem.

— Não, não, encomende os seus próprios livros — disse ele, estendendo a

sua mão para apertar a dela de forma calorosa. — Obrigado, Dorcas. Até ao dia dois.

O seu estado de espírito continuou elevado durante o resto do dia, nem sequer afundou com a perspetiva de uma noite em casa, sozinho com uma esposa que não fora capaz de manter encantada. Onde *teria* errado? Porque será que ela o culpava pela perda dos filhos? Ainda assim, estava habituado àquilo, e Dorcas Chandler era alguém novo e diferente. Alguém com quem podia *conversar*, sobretudo de política.

A murmurar uma canção que o rádio passava frequentemente, Charles entrou na sala de estar e encontrou Tufts com Kitty. Típico!

— Minha querida, que agradável — sussurrou ele, beijando a face de Tufts.

— Também é bom ver-te, Charlie — disse Tufts, muito direta.

— Liam não podia vir hoje para equilibrar as coisas?

— Se passasses mais tempo atrás da tua secretária de diretor, saberias que Liam está em Brisbane.

Kitty trouxe-lhe um uísque.

— É um jantar a três, Tufts à tua direita e eu à tua esquerda — disse ela, sorrindo. — Estás com um ar de gato que apanhou o canário… muito satisfeito.

— Estou muito satisfeito. Hoje encontrei uma pessoa essencial para o meu bem-estar: um consultor político. — A bebida estava suave. — Tu sabes fazer uma bebida, Kitty. Está perfeita.

— Eu sei fazer a tua bebida, mas não sei nada sobre o teu consultor — disse Kitty, feliz por ter a companhia da irmã.

Era uma situação muito difícil a que viviam nestes últimos tempos, mas não parecia que ele alguma vez fosse retirar os comentários que fizera sobre Edda e isso significava que a guerra continuava.

— Não é segredo nenhum que tenho ambições políticas — disse ele, bebericando com prazer — e cheguei a ter esperanças de me candidatar nestas eleições. Abandonei essa ideia devido à falta de aconselhamento experiente… ou

de entusiasmo daqueles mais próximos de mim.

Kitty ficou tensa.

— Bem, isso não é verdade — disse Kitty numa voz controlada. — Eu fui entusiasta e tentei.

— Sem dúvida — respondeu ele, querendo continuar. — Qualquer que fosse a causa, faltou-me apoio entusiasta. Também não tinha percebido o quanto os políticos australianos são diferentes dos políticos ingleses. Precisava de um consultor político perspicaz e capaz, e desesperei à procura… É uma criatura rara, sabem? Aqueles que têm conhecimentos suficientes na área geralmente têm as suas próprias ambições políticas. — Charles tentou parecer indiferente, mas estava demasiado feliz para isso. Um sorriso encantador surgiu. — Hoje encontrei a pessoa ideal… uma mulher, o que é ainda melhor, pois mata quaisquer ambições pessoais. Chama-se Dorcas Chandler, tem trinta e cinco anos, solteira e jornalista de profissão. Vocês não a conhecem, ela acabou de chegar a Corunda. Mas se virem um esqueleto de um metro e oitenta com um rosto que mais parece um cavalo, aposto que é Dorcas. É uma criatura triste e pouco atraente, admito, mas com uma rara inteligência política, e contratei-a para meu uso exclusivo.

— Estás a colecionar um harém, Charlie? — perguntou Tufts.

Charles olhou fixamente para ela.

— Um harém? *Eu?*

— Mulheres para satisfazerem as tuas necessidades. Tufts (eu) que faz o teu trabalho sujo como subdiretora do hospital. Kitty, a esposa arrebatadoramente linda, para que todos os homens sintam inveja de ti. Edda para substituir Kitty nas viagens longas, até ela fazer o inimaginável e casar acima da sua classe social. Cynthia Norman, a tua secretária pessoal, devota a ti como uma criada, que não é capaz de separar as suas funções dentro e fora do hospital. E agora Dorcas Chandler, para te aconselhar nos assuntos relacionados com a política federal da Austrália — disse Tufts com ironia. — Sinceramente, Charlie, já tens mais que suficiente. Estou tentada a chamar-te paxá Burdum.

Dois pares de olhos fixaram-se nele sem qualquer compaixão, no entanto ele

tinha de obter o consentimento de Kitty e Tufts para isto resultar… precisava da cooperação das duas! Tinha proposto importar esta nova contratação para o interior da sua casa pessoal, até mesmo acomodá-la na sua propriedade, e, apesar de a suíte lilás ficar bastante longe do quarto principal, era ainda assim uma situação doméstica. Fala, Charles Burdum, fala!

— Oh, vá lá, Tufts, em que aspeto sou eu diferente de qualquer outro homem com demasiado trabalho em mãos e tempo insuficiente para o fazer? Para o observador mais cínico, talvez pareça um pouco um harém, mas isso é um conjunto de corpos cujo propósito é a satisfação sexual do amo e a produção de muitos filhos rapazes incontestavelmente seus. É certo que preferi mulheres a homens, mas apenas porque as considero mais leais, mais trabalhadoras e de grande importância. Não se esqueçam de que a maioria dos trabalhos que dei a mulheres são tradicionalmente desempenhados por homens, até o secretariado. — Charles fez uma pausa para respirar fundo e para se certificar de que ainda o ouviam… *raios partam* Tufts! — Voltando à senhora Dorcas Chandler, confesso que o seu sexo foi um mero acidente. A maioria dos consultores políticos são homens. O facto de o seu valor na área não ter sido apreciado é apenas mais um indicador de que eu, Charles Burdum, sou um pensador progressivo, cuja atitude relativamente às mulheres está à frente do seu tempo. Um harém? Disparate! Trata-se apenas de o núcleo do meu pessoal ser constituído por mulheres. Deviam agradecer-me, não ridicularizar-me.

Tufts inclinou a cabeça.

— E agradeço-te, Charlie, e tens todo o mérito nisso. — Um sorriso endiabrado arruinou as suas palavras, mas ao menos foram ditas. — Um núcleo de pessoal feminino, não um harém. Na verdade, nasceste para a política. Consegues fazer um monte de merda parecer um ramo de rosas. Estou ansiosa por conhecer a senhora Dorcas Chandler.

— Um esqueleto de um metro e oitenta com um rosto que mais parece um cavalo — disse Kitty. — *Isso* não vai durar muito.

— O que queres dizer, não vai durar?

Charles pegou no uísque que ela lhe estendia.

— Eu conheço-te, é o que quer dizer — disse Kitty, a sorrir. — Para começar, um bom salário vai engordá-la e fazer com que se vista melhor. Tu não permitirias ter num cargo público uma pessoa que possa ser motivo de chacota, e o trabalho dela implica ter um perfil bastante público em locais como Camberra, Sydney e Melbourne. — O seu pescoço fino arqueou, os olhos contemplaram o teto. — Repara como o teu gosto me mudou, de uma mulher demasiado espampanante cheia de folhos para uma extremamente bem vestida. E vais fazer o mesmo com ela… dar-lhe um chapéu ou um vestido ou um cinto que pensas que lhe fica bem… e não, a senhora Dorcas Chandler não vai levar a mal, porque os esqueletos desengonçados com cara de cavalo conhecem as suas limitações. Tens olho para roupa de mulher, Charlie, e ela vai reparar em breve. Se isso não acontecer, é uma Dorcas morta, por mais que perceba de política.

— Está bem, está bem! — Charles levantou as mãos, rendendo-se. — No caso da senhora Chandler, receio que vá demorar algum tempo a fazer a minha magia relativamente à roupa. Nunca vi uma mulher tão mal vestida… como se fizesse as suas compras no Exército da Salvação.

— Talvez faça — disse Kitty, pensativa. — Ela sustenta quantas pessoas da sua família?

— Não faço ideia.

— Deves ter uma ideia — disse Tufts.

— Segundo ela, a família perdeu tudo em 1929, mas não me parece que tenha irmãos. Ela sustenta os pais, ambos vivos. Vivem em… Lawson, acho eu.

— Uma parte pobre das Montanhas Azuis — disse Tufts, acenando com a cabeça. — Desconfio que sejam maluquinhos, ou alguém não divulgado é maluquinho. Nunca esteve sem emprego, dizes tu, e, embora as mulheres recebam menos que os homens, ela tem uma profissão e há alguma coisa mais do que pais velhos a sugar-lhe o dinheiro. As rendas em Lawson são baixas, os jardins suficientemente grandes para ter galinhas e vegetais… é uma colónia de artistas.

— Raios partam! — explodiu Charles. — Eu sabia que era bom demais para ser verdade!

— Isto é tudo especulação — disse Tufts, pragmática. — Se precisas dela, Charlie, precisas, e tens de usar. Porém, deves estar alerta. Se ela estiver a sustentar parentes que não querem trabalhar ou um namorado indolente (lá porque tu não a achas atraente, isso não quer dizer que nenhum outro homem ache), pelo menos, não te apanhará de surpresa.

— Ela exigiu um contrato — disse ele.

— Então, certifica-te de que é bem redigido. Se ela for tão esperta como tu dizes, vai reparar nas cláusulas relevantes, mas não poderá objetar, pois não? — disse Kitty, divertida. — A tua ignorância e os conhecimentos dela deram-lhe a capacidade de jogar com as tuas fraquezas. É uma pena que tenhas demorado tanto a sentir o efeito das mulheres no centro da tua vida, mas, agora que elas estão lá, prepara-te para os seus truques. — Kitty riu-se. — Aí está! É do fundo do coração, Charlie. *Aprende!*

O mais estranho em relação àquele conselho, pensou Charles, é que revela que Kitty já não quer saber de mim. O que *fiz* eu? É muito mais do que o que eu disse sobre Edda.

Charles virou-se para Tufts.

— Vou tirar Cynthia Norman do hospital, Tufts. A partir de agora, ela vai trabalhar apenas como secretária pessoal de Charles Burdum e não para o doutor Burdum. Vou mandar construir mais escritórios nesta casa. E tens razão em relação a fazeres o meu trabalho sujo. Eu não conseguiria gerir o Hospital de Corunda se não fosses tu. Por isso, vais ser tu a escolher a secretária que vai ocupar o lugar de Cynthia. Vai ser bem mais tua que minha. Quando o ano de 1934 chegar, já não estarei ligado ao hospital. Tu terminas o curso no final deste ano e a tua qualificação de contabilidade virá pouco tempo depois.

— Obrigada — disse Tufts, ofegante.

Charles chegara com tudo já decidido ou estaria a improvisar? Liam vai ter pena de o perder, mas eu não sinto remorsos.

— O jantar está pronto — disse Kitty, levantando-se. — Que extraordinário! A Casa Burdum costumava ser um mausoléu ecoante, mas posso dizer-te, Charlie, que arranjaste maneira de o encher.

A Casa Burdum estava a tornar-se uma aldeia; em frente da casa e, por assim dizer, num nível abaixo, apareceu uma fila de casinhas. Cada uma ocupava bastante terreno, tinha dois andares, três quartos, uma casa de banho em cima e outra em baixo, e a sua própria garagem. Para Kitty, parecia um projeto a longo prazo, visto que existiam apenas quatro casas antes de o primeiro inquilino, Coates, ser pouco mais do que uma sombra de empregado pessoal. Cynthia Norman mudara-se para lá a seguir… dois já estão, faltam outros dois, pensou Kitty.

Em seguida, pouquíssimo tempo depois de Cynthia, veio Dorcas Chandler. Teria dado jeito à senhora Simmons, a empregada doméstica de Kitty, morar numa daquelas desejáveis residências, mas, quando Kitty lhe pediu essa benesse bem antes de Coates, Charles respondera com um não firme. As casas eram para os seus empregados. A senhora Simmons tinha à disposição um carro que a ia buscar a casa (que era alugada) e a levava de volta para lá; isso já era suficientemente generoso da parte dele. Se tivesse aproveitado algum do seu tempo para refletir, Charles teria percebido que este tipo de decisões contribuía em grande escala para a sua mulher deixar de gostar dele, pois Kitty interpretava-as como ações que tinham por objetivo demonstrar o seu estatuto inferior. Ele era tão rico! Como inglês que era, sabia perfeitamente bem que as empregadas domésticas viviam na casa dos patrões. Desta forma, o seu empregado pessoal, bem como a sua secretária, viviam em sua casa, mas a sua empregada doméstica, que trabalhava às ordens da sua esposa, vivia fora da

propriedade Burdum. A sua secretária tinha um carro, que fora oferecido por Charles; pelos visto, também a senhora Dorcas Chandler viria a ter um.

— Tens de parar com isso, Kitty — disse o reverendo Latimer durante uma visita, depois de ouvir a versão dela de todas estas questões domésticas. — Eu aprovo que trabalhes no orfanato, porque te abstrais das tuas próprias preocupações, mas não sou a favor de se inventarem problemas onde eles não existem. A senhora Simmons queixou-se a ti?

— Não — disse Kitty, confusa —, mas isso não torna a discriminação de Charlie menos condenável.

— Disparate! És tu que te sentes discriminada, não a senhora Simmons. Minha filha, não há necessidade disso! Quer gostes quer não, Charles tem o direito de gastar o seu dinheiro como quer. Até acho as suas ações sensatas… ele providencia acomodação àqueles de quem pode precisar de um momento para o outro. Pensa, Kitty, pensa! Gostarias de estar tão perto de alguém que tem poder sobre ti? Quando eras enfermeira, vivias na propriedade do hospital para melhor servir os interesses do hospital, que te podia mandar chamar para trabalhar sem ter de procurar por ti pelo distrito inteiro. Desconfio que a senhora Simmons está muito satisfeita com a sua situação atual… não vive debaixo do nariz do patrão, mas é conduzida para o trabalho e de volta para casa sem ter de utilizar os transportes públicos.

Kitty era uma mulher justa e sensata em relação a toda a gente, exceto Charles, e por isso admitiu a justeza das palavras do pai e acalmou-se. Estava também ansiosa por conhecer o esqueleto desengonçado com cara de cavalo.

A senhora Chandler recebera a melhor das quatro casas, como já reparara; situada na ponta da fileira, tinha uma entrada privativa que dava diretamente para a rua e ficava escondida da casa ao lado, ainda vaga, junto a uma sebe de uma árvore de crescimento rápido chamada tucaneiro. A sua decoração era enfadonha e em tons de bege, mas a mobília era de muito boa qualidade e o tanque que captava a água do telhado tinha capacidade para quarenta mil litros, muito generoso para um só ocupante. Tinha também a sua própria fossa séptica, enquanto as outras casas tinham um sistema partilhado. Hum… a senhora

Chandler era mesmo muito importante para Charlie, não havia qualquer dúvida disso, pensou Kitty.

O mais acertado a fazer, decidiu ela, era convidar a nova inquilina de Burdum Row para tomar o chá da manhã numa data que lhe fosse conveniente, como estava escrito na amável carta de Kitty que a senhora Chandler encontrou à sua espera no chão do corredor. Uma carta igualmente amável marcou o encontro para o dia a seguir às mudanças, visto que o doutor Burdum não precisava dos seus serviços até ao meio-dia.

Naturalmente, Dorcas Chandler sabia que a mulher do seu patrão era considerada por todos como uma das mulheres mais bonitas do mundo, mas nada a preparara para o deslumbrante tom de pele de Kitty, o cabelo louríssimo, demasiado transparente para lhe chamar dourado, as sobrancelhas e pestanas da cor do gelo, os ossos cinzelados, as covinhas do rosto, os olhos espantosos, o corpo elegante, ainda que voluptuoso. *É claro* que tivera de a fazer sua! Ela contribuía para o seu mito, e Charles Burdum era um homem muito ocupado a construir uma história de si mesmo que os futuros cronistas da Austrália transformariam num mito. Também lindamente vestida, de algodão fino adequado à altura do dia, o seu cabelo mais curto do que a nova moda postulava, porque lhe apetecera experimentar um visual mais arrapazado, sem joias, à exceção de uma esplêndida aliança de casamento de diamantes… tudo isto dava muito que pensar à senhora Chandler, depois de tantos anos a frequentar eventos sociais. A única coisa que a senhora Burdum tinha de errado era a sua natureza, mais inclinada a ficar em casa, como era o caso de tantas esposas de homens envolvidos na política. Não, a senhora Burdum não era a esposa perfeita de um político.

Quanto a Kitty, deu por si a gostar da senhora Chandler, que estava longe de ser alguém por quem se sentisse pena. Ela era, supôs Kitty, uma mulher brilhante com ambição, suficientemente sensata para não lutar contra as restrições que o seu sexo tornava inevitáveis; sabendo que nunca poderia ocupar o cargo de primeiro-ministro, Dorcas trabalharia com cabeça, coração e alma para ser o poder por trás do primeiro-ministro. E encontrara o homem ideal em Charlie.

Tinham muito que conversar.

— Para aconselhar adequadamente o Charles — disse Dorcas, depois de abandonarem os apelidos e as pretensões —, tenho de saber tudo sobre a sua família e as suas relações pessoais dentro de Corunda. Não se trata de curiosidade mórbida, apenas de necessidade de sondar.

— Sonde à vontade — disse Kitty, alegremente, oferecendo bolo, compota e natas. — Coma, precisa de engordar um pouco… não muito, mais ou menos o mesmo que a minha irmã Edda, que é muito alta, elegante e graciosa. Charlie detesta mulheres desengraçadas, mas provavelmente ele já lhe disse isso.

A pele ligeiramente morena corou ao de leve.

— Na verdade, sim, já me disse. Vai ser muito mais fácil com um bom salário.

— Não é a Dorcas que faz a sua própria roupa?

Dorcas olhou para Kitty sem expressão.

— Não.

— A Edda fazia, e de forma magnífica, por isso estava sempre maravilhosa. — Lembrando-se da última conversa que tivera com Tufts sobre a eventualidade de esta mulher estar a ser sugada por uma sanguessuga humana, e ansiosa por a ajudar, Kitty tirou um bloco de uma mesa de apoio e escreveu nele. — Esta é a minha costureira, Pauline O'Brien. Tem a mesma categoria que Edda, mas cobra muito pouco… a Depressão fez com que perdesse muitos clientes e fica sempre grata por ter clientela nova. Ela tem estilo e compra os materiais com toda a honestidade. Eu costumava comprar a minha roupa toda em Sydney, mas, desde que casei, Pauline é tudo de que preciso.

As intenções da esposa, pensou Dorcas, são genuínas; ela *quer* que eu seja bem-sucedida neste trabalho! Não tem uma pontinha de ciúme ou egoísmo… ou será porque se sente invalidada por qualquer exposição pública? Não lhe posso perguntar acerca dos abortos, mas ela tem cicatrizes e *era* enfermeira de crianças. Agora faz trabalho voluntário no orfanato. Posso usar isso em nosso proveito, mas ela não vai gostar. Uma pessoa reservada, Kitty Burdum.

— Adorava conhecer Lady Schiller — disse Dorcas.

Kitty riu-se.

— Isso é impossível! Ela está a estudar medicina em Melbourne, e mais feliz do que qualquer ser humano consegue ser. O facto de ser mulher negou-lhe o acesso à medicina, mas agora pode fazer o curso graças a Rawson.

— Gostas dele?

— Muito. Fez a minha irmã feliz. É tudo o que as filhas do reverendo podem querer, que as suas irmãs sejam felizes.

— Será que Grace se importava de falar comigo? E Heather?

— Grace falaria pelos cotovelos. Tufts é mais difícil de conquistar, mas ela falaria contigo por Charlie.

— Tufts? Isso é uma alcunha?

— Sim, que já existe há tanto tempo como nós.

— Como é que ela surgiu? — perguntou Dorcas.

— Por causa de uma ama que era fascinada pela nossa precocidade quando tínhamos um ano. Acho que parte da nossa precocidade se devia a Grace e Edda, apenas vinte meses mais velhas que nós. Nós idolatrávamo-las! Mas era tão difícil dizer Heather! As nossas línguas de bebé tropeçavam no nome constantemente. De qualquer forma, a ama teve a brilhante ideia de trazer um gatinho bebé (*kitten*), Kitty para Katherine, e um raminho de urze (*heather*). Ao tentar explicar, disse que a urze (*heather*) crescia em tufos (*tufts*), e continuou a descrever o que era um tufo. Eu achava muito mais fácil dizer «tufts» do que «heather» e comecei a chamá-la Tufts. De um momento para o outro, toda a gente lhe chamava Tufts, até o papá.

— Que invulgar — disse Dorcas.

— Que extraordinário! — exclamou Kitty com um suspiro. — Já quase me tinha esquecido de como a Tufts se tornou Tufts.

— As alcunhas, geralmente, refletem algum traço de personalidade dos seus sujeitos — disse Dorcas, desviando a conversa para a política. — Bismark era o Chanceler de Ferro, o duque de Wellington era a Velha Águia, Luís XIV era o Rei Sol, a rainha Isabel era a Rainha Virgem, e os nobres romanos juntavam a sua alcunha ao nome de família como marca de distinção, ainda que ela

significasse idiota ou torto.

Os enormes olhos violeta olhavam fixamente para ela, ligeiramente vidrados.

— És ideal para Charlie — disse Kitty. — Ele adoraria ouvir isso. — Kitty ficou com uma expressão impaciente, intensa. — Dorcas, tu fazias reportagens sobre moda para os jornais, por isso deves saber muito sobre o assunto. Promete-me que te vais arranjar para o Charlie, por favor!

— Um bom salário vai fazer toda a diferença — repetiu Dorcas.

— Tens muitos encargos?

— Os meus pais.

— Mais ninguém?

A voz tornou-se aguda.

— Como assim?

— Um irmão sem emprego? Um namorado?

As faces de Dorcas enrubesceram.

— Isso é problema meu.

— E não meu? Mas não compreendes, minha querida, que ao fazeres parte do pessoal privado de Charlie, os teus problemas passam a dizer-lhe respeito também? Eu conheço-o e posso dizer-te que ele é muito possessivo. O montante do teu salário e as regalias deviam fazer-te ver que foste comprada. Charlie é milionário. Homens assim costumam considerar os outros seres humanos como propriedade comprada e paga. Não estou a depreciar a excelência da sua natureza ou a nobreza do seu carácter… mesmo em 1932, com centenas de milhares de homens desempregados, ele conseguiu manter Corunda mais próspera que a maior parte das cidades, e entrega-se por inteiro, incluindo o enorme coração, a tudo o que faz. No entanto, há um pouco de Soames Forsyte nele… é um homem de propriedades — disse Kitty.

A isto, Dorcas Chandler não respondeu.

E isto, pensou Kitty, é o máximo que posso fazer por esta pobre mulher, que esconde, *de facto*, um segredo, um segredo que lhe custa dinheiro. Se não pode

contá-lo a Charlie é porque ele traz consigo a semente da sua destruição, e ela sabe disso. As cláusulas do contrato mostraram-lhe que ele se está a proteger contra revelações embaraçosas, dívidas contraídas sem o seu consentimento ou conhecimento, um sem-número de implicações que, se não fossem esclarecidas contratualmente, poderiam levar a situações como chantagem. Mas ela assinou o contrato sem um murmúrio. Pobre mulher!

A própria vida de Kitty estagnara numa rotina que consistia na sua ida ao orfanato a maior parte dos dias, embora chegasse sempre a casa a tempo de passar as noites com Charles, que ainda não pedira para passar a noite na cama dela. Talvez, pensou ela à medida que Dorcas Chandler entrava na vida de Charles, ele também tivesse desistido do fantasma do seu casamento? Não que ela achasse que Charles estava interessado em Dorcas, comprada e paga; ele apenas se sentia mais confortável a conversar com ela. Tudo isto levou a que, ao longo do ano de 1932, Charles perguntasse a Kitty se ela se importava de receber Dorcas algumas noites para jantar.

— Uma excelente ideia! — disse Kitty, sem hesitar. — Quem sabe? Talvez aprenda qualquer coisa também. As crianças são um deleite, mas o nível de conversação é bastante básico.

A aparência de Dorcas estava a melhorar; os conjuntos pretos, tão coçados que já mais pareciam verdes, tinham desaparecido, e ou aumentara de peso ou a roupa de melhor qualidade mostrava melhor a sua figura. Já usava pó de arroz no rosto, batom e um toque de *rouge*, fora ao cabeleireiro cortar e ondular o cabelo à moda francesa. Nenhum estúdio cinematográfico em Hollywood lhe ofereceria um contrato, mas agora parecia bastante mais profissional e elegante.

O que espantava Kitty era o grau de paixão de Dorcas e Charlie pela política. Embora Charlie tivesse muitas funções que o levavam para o hospital ou para outros destinos em Corunda, ainda conseguia passar muitos dos seus dias com Dorcas, porém, assim que ela chegava para tomar uma bebida antes do jantar, ele voltava a falar de política e não queria discutir mais nada até Dorcas voltar para Burdum Row; por vezes, estava tão mergulhado numa teoria que caminhava com ela até sua casa só para poder continuar a falar.

Os tempos provocavam, manifestamente, a paixão política, com teorias rivais para a recuperação económica a estimular não só os partidos, mas também fações dentro de cada partido. Depois da vitória esmagadora de Joe Lyons e do Partido Unido australiano no Natal de 1931, seria de esperar que os conflitos chegassem ao fim, mas nem todos os parlamentares do Partido Unido concordavam com a insistência de Londres em manter a contenção de despesas. Lyons e o seu painel de governantes eram a favor, e por isso a miséria continuou. Quando Jack Lang se recusou pela segunda vez a pagar os juros do Estado sobre os empréstimos até a situação melhorar, Lyons e o governo federal pagaram. Mas desta vez Camberra insistiu em ser reembolsada. Jack Lang recusou pagar ou permitir que os seus fundos fossem usados para o fazer. Os ânimos ficaram de tal maneira ao rubro que esta situação culminou na tentativa de Jack Lang barricar o Tesouro da Nova Gales do Sul… era uma batalha acesa entre os direitos do Estado contra o poder central.

A 13 de maio de 1932, o mundo de Lang desmoronou quando o governador da Nova Gales do Sul, Sir Philip Game, destituiu J. T. Lang e o seu partido do governo, com base na sua incapacidade de governar de forma responsável. Fartos de tanta agitação, os homens e mulheres da Nova Gales do Sul elegeram um governo conservador, e a resistência à contenção sucumbiu, embora os seus oponentes ainda odiassem cada medida tomada a seu favor.

Kitty era obrigada a ouvir isto e muito mais sempre que Dorcas ia a sua casa jantar, o que se tornava cada vez mais frequente à medida que Charles contava mais e mais com as suas opiniões. Não é que Kitty fosse indiferente, desinteressada ou superficial; simplesmente ouvia a conversa da mesma forma que uma pessoa sóbria ouve dois bêbedos a falar, visto que o assunto não estimulava as suas paixões… dava voltas e mais voltas na mesma eterna rotina. Se algo novo acontecia, ela ficava elétrica, mas algo novo não acontecia sequer uma vez por semana; era mais provável que fosse uma vez por mês, o que significava vinte e nove ou trinta dias de repetição, repetição, repetição. Quando acabaram de falar de Jack Lang, Kitty pensou quanta mais conversa aguentaria antes de se levantar de um pulo e gritar: Calem-se! Calem-se! calem-se!

O inverno estava de volta, com nuvens de neve sobre a grande cordilheira divisória, ventos gelados do Antártico a despirem as árvores de folha caduca e uma tristeza avassaladora no coração de Kitty, que não era capaz de soprar um átomo de calor para dentro dele. O seu marido estava feliz, apesar da falta de prazeres conjugais, porque ele era um homem que não vivia para eles. Vivia para a política, e não restava qualquer dúvida de que, quando o país voltasse a ter eleições federais, ele estaria presente como candidato independente. Tudo o que sempre lhe fizera falta era uma Dorcas.

Junho chegou, oficialmente inverno. No seu primeiro dia de sol, sem nuvens, Kitty pegou num carro (por que razão Dorcas tinha carro próprio e Kitty tinha de esperar que houvesse um disponível?) e conduziu em direção ao rio pelo caminho de Doobar, onde a terra era luxuriante e os cordeiros ainda esperavam ser vendidos. Nem toda a gente passava fome… apenas as classes mais baixas, que eram o ideal de Sir Otto Niemeyer.

Kitty saiu do carro para caminhar ao longo das margens do rio, de repente livre de tudo o que era Burdum, da mansão, das casas dos empregados e do próprio Charlie. Um vento tão cortante, contudo um ar tão doce! Fascinantes, as contradições. Este era o lugar onde Edda costumava passear a cavalo e encontrar-se com Jack Thurlow.

Desde que Grace o rejeitara publicamente, Jack deixara de ser visto por Corunda; corriam boatos de que não saía da sua propriedade. Continuava a ser bem-sucedido com os seus cavalos árabes, apesar dos tempos difíceis; na verdade, era mais visto em Dubbo e Toowoomba a exibir os seus magníficos cavalos.

No entanto, ali se encontrava ele, a passear a cavalo pelo trilho em direção a ela, num enorme corcel cinzento, cujo focinho romano indicava que não tinha sangue árabe. Kitty saiu apressadamente do trilho e manteve-se bem afastada, na esperança de que ele passasse por ela a galope sem abrandar, muito menos parar.

Bem que ela queria! Ele parou e desmontou logo do animal.

— Bem, quem diria, Kitty Latimer! — disse ele a sorrir.

Imensamente alto; Kitty esquecera-se disso, embora Edda o classificasse como «moderadamente alto» devido à sua própria altura. Ele tinha exatamente um metro e oitenta. Que idade teria agora? Quarenta e qualquer coisa parecia um pouco excessivo. Era difícil adivinhar a idade de um homem do campo; eles tinham um ar mais velho quando eram novos, e mais novos quando eram velhos. O seu cabelo era ainda ondulado e da cor de milho, tal como os telhados de colmo dos Burdum, a sua pele bastante bronzeada, os olhos muito azuis. Não tinha absolutamente nada do Jano de duas caras! Atraente de uma forma masculina e um lindo sorriso.

Encaminhou-a para um tronco, verificando primeiro se não existia nenhum ninho de formigas-buldogue por perto, depois fê-la sentar-se e inclinou-se sobre ela.

— Assim, toda embrulhada em lã, pareces ter dez anos. Sensato, mas… — disse ele. — Como está Lady Schiller?

— Muito bem, pelo que sei. Está a estudar medicina em Melbourne. Gosto do marido dela.

— Ia agora para casa. Queres vir tomar um chá e comer um *scone*?

— Sim, por favor! Posso contar-te imensas coisas sobre Edda. Eu conduzo, mas para onde vou?

— A primeira cancela na estrada de Doobar. A propriedade no cimo da colina, não há como enganar… tem demasiados cavalos.

Jack voltou a montar o cavalo cinzento e afastou-se a trote. Alguém diferente na minha vida! Não é uma cara nova, mas bem poderia ser, pois nunca foi um rosto que me enchesse a vista antes.

Corundoobar era uma propriedade magnífica, com a sua casa de pedra num estilo georgiano simples e varandas sustentadas por pilares dóricos a toda a volta. O seu jardim deve ser uma verdadeira caixa de bombons na primavera e no verão, pensou ela. A vista era soberba do seu ponto de observação no cimo da colina e sobre o rio. Havia neve no cume das cordilheiras distantes.

Cheirava maravilhosamente bem no interior, como uma casa deve cheirar,

pensou Kitty: óleo de polir de cera de abelha, ervas e flores secas, roupa de cama lavada, água-de-colónia, ar puro. As suas janelas estendiam-se do chão ao teto e podiam ser utilizadas como portas; uma encontrava-se um pouco aberta para deixar entrar o ar, enquanto os fogões de ferro e as lareiras aqueciam os quartos.

O interior estava extremamente bem cuidado, embora não tivesse nenhum toque feminino. Falhas subtis, não muito evidentes.

— Quem cuida da casa? — perguntou ela, sentando-se à mesa da cozinha e observando-o enquanto ele misturava manteiga fria com farinha, fermento e sal… ele estava a fazer os *scones* de raiz! Um homem espantoso.

— Sou eu que cuido da casa — disse ele, adicionando leite frio. — Só um idiota não consegue manter uma casa limpa e organizada.

— Ou fazer *scones*.

— As minhas mãos estão sempre frias, por isso não consigo derreter a manteiga… o requisito essencial para misturar a manteiga com a farinha. Depois de adicionar o leite, misturo com as lâminas de duas facas… vês?

— Eu não sei pôr água a ferver — disse ela, descontraidamente.

— Aprendias logo se precisasses.

Jack pressionou suavemente a massa numa tábua enfarinhada, pegou num pedaço de queijo *cheddar* e ralou algum por cima, depois cortou o bloco em quadrados de cinco centímetros. Estes foram transferidos para um tabuleiro que foi colocado dentro de um forno a lenha. Vinte minutos depois de ter começado, os *scones* estavam prontos: bem subidos, o queijo derretido e a parte de cima tostada.

Kitty já salivava, enquanto ele empilhava os *scones* quentes num prato, distribuía tacinhas de vidro trabalhado com manteiga e compota e lhe passava uma faca. Algures no meio disto, Jack preparara um bule de chá e pusera na mesa duas chávenas, pires e pratos do serviço de louça Aynsley.

— Tens coisas boas — disse Kitty, abrindo um *scone* ao meio e barrando ambos os lados com manteiga. — Leves como uma pena! — comentou ela de boca cheia. — Comida boa em louça boa… és um tesouro.

Jack considerou o seu comentário de olhos semicerrados.

— Desconfio que também tu sejas um tesouro — disse ele —, mas o problema é que ninguém quer o teu tipo de ouro. Toda a gente pensa que é apenas um banho fino de ouro.

Kitty susteve a respiração; teve de tossir para não se engasgar.

— Que perspicaz que tu és! As pessoas geralmente julgam que eu sou uma exploradora, embora pense que Edda se certificou de que isso não aconteceria.

Um sorriso lento iluminou os olhos de Jack.

— Oh, Edda! Sim, graças a ela, sei muito sobre as irmãs Latimer. Especialmente sobre ti e o teu rosto. Porque será que tanta gente não consegue ver além da aparência das outras pessoas? Charles Burdum queria uma mulher troféu para exibir e provar que os homens muito pequenos podem ter as melhores mulheres, e depois, para tornar tudo ainda melhor, acaba por se apaixonar perdidamente por ti. Oh, ele foi honesto, nunca penses o contrário. Ele *tinha* de te ter.

— Edda falava contigo, não era? Quem me dera que ela tivesse sido assim tão franca comigo. Talvez tivesse decidido de outra forma.

— Ela disse o máximo que qualquer irmã se atreveria a dizer. Eu estava de fora, não importava o que eu achava ou como reagia.

— De qualquer maneira, estiveste presente durante muito tempo — disse Kitty, sorrindo. — No entanto, fico contente pelos teus planos em relação a Grace terem caído por terra. Escapaste-te de boa!

A cabeça dele inclinou-se para trás e riu francamente.

— Não penses que não sei disso! Contudo, Corundoobar precisa tanto de uma esposa e de família como o seu dono. Estou quase a fazer quarenta anos — disse ele com seriedade.

— Alguém há de aparecer, Jack — reconfortou-o ela.

— Eu sei, cada coisa na sua altura certa.

Kitty olhou em volta.

— Adoro esta casa. É um *lar*

— Isso é porque bem lá no fundo és uma mulher da quinta — disse ele, a sua voz bastante impessoal —, embora não saibas o que isso é. Bem, ela tem meia

dúzia de filhos agarrados à saia, as suas pernas estão descobertas no verão e calça botas de borracha no inverno, não possui um único vestido decente, o seu cesto de roupa para remendar está cheio até cima de meias… eu podia continuar, mas acho que já percebeste a ideia.

As lágrimas ameaçavam cair, mas Kitty sabia que devia contê-las; Jack não estava a dizer aquelas coisas para *ela*, mas para o tipo de pessoa que ela era.

— Sim, percebo o que queres dizer — disse ela animada, com um sorriso. — Não é estranho que o nosso amor não recaia sobre quem a nossa natureza acha que devia recair?

— Quanto mais velho fico, mais estranho me parece — respondeu ele com um sorriso que respondia por si só.

— Estás a sobreviver bem à Depressão? — perguntou Kitty quando ele começou a arrumar as coisas do chá, pensando se este seria o seu sinal para ela se ir embora.

Mas não. Com a mesa limpa, Jack puxou a sua cadeira Windsor para se sentar, virou-se para Kitty e recostou-se de forma descontraída.

— Eu tive sorte — disse ele, a sorrir. — Os meus cordeiros quase não dão lucro, enquanto os meus cavalos árabes se vendem à mesma velocidade com que eu os consigo criar. O dinheiro que existe cresceu até formar uma crosta no topo, os ricos são os únicos que compram.

Enquanto Jack falava, um animal cinzento atravessou a cozinha, vindo, supunha ela, da porta das traseiras, saltou sem qualquer esforço e aterrou no colo de Jack, não apenas preenchendo-o, mas saindo para fora dele. Um gato enorme! Jack acabou de falar sem lhe prestar a mínima atenção, além de o mudar de posição para que o gato pudesse deitar-se com a cabeça encostada ao seu coração.

— Este é o *Bert* — disse Jack, em seguida. — Assim que acabo de comer, ele vem para o meu colo.

— Não sabia que havia gatos tão grandes — disse ela, observando a mão dele a envolver o focinho do gato e a acariciá-lo daí às orelhas; o som do ronronar encheu a cozinha.

— Pesa nove quilos — disse Jack, orgulhoso — e é quem manda cá em casa… não é, *Bert*?

Kitty estendeu uma mão hesitante.

— Olá, *Bert*.

Um par de olhos verdes brilhantes examinou-a cuidadosamente; este animal não era burro!

— Foste aceite — disse Jack a sorrir.

— Como é que sabes?

— Ele ainda está aqui, não se mexeu. Se fosses Edda… puf! Tinha desaparecido.

— Voltando aos cavalos árabes, presumo que estejas a insinuar que as princesas que frequentam escolas privadas ainda têm papás que as presenteiam com tudo o que elas querem, incluindo montadas para as fanáticas por cavalos.

— Bem, tu eras uma dessas princesas que frequentava a escola privada.

— Mas Edda é que era a fanática dos cavalos. Eles assustam-me.

— Já tinha percebido, mas anima-te. Hoje em dia, os carros dão mais jeito.

Foi um chá da manhã demorado; parece que falaram de tudo o que havia para falar, desde Edda e a demência de Maude até aos progressos do novo hospital; Kitty sentiu que eram dois velhos amigos num reencontro depois de uma década sem se verem. Jack mostrou-lhe a casa e apresentou-a aos seus dois novos cães pastores, *Alf* e *Daisy*, que não podiam entrar em casa. Jack recusou-se a deixar Kitty lavar a louça.

— Vens tomar chá e comer *scones* comigo outra vez? — perguntou ele, acompanhando-a ao carro. — Não vou tresandar a cavalo se souber que vens, prometo.

— No mesmo dia e à mesma hora na próxima semana é demasiado cedo?

— Não, é ótimo. É melhor aproveitarmos enquanto podemos… por vezes, vou para fora vender cavalos.

— Então, está combinado para a próxima semana, Jack. E… obrigada.

Kitty reparou que, assim que arrancou, Jack voltou para dentro de casa, e sentiu alguma tristeza por isso. Até podia estar a ser mimada, mas teria ficado feliz se Jack tivesse ficado a observá-la até ela desaparecer de vista. Bem, ele não o fizera, e porque havia de o fazer?

Kitty tivera muitas ideias novas enquanto conversava com Jack, que sempre estivera na periferia da vida no presbitério desde o tempo de *Thumbelina*, com um enorme letreiro colado às costas: RESERVADO PARA A EDDA. No entanto, Edda nunca o quisera, simplesmente precisara dele. Ao princípio, porque ele lhe dera *Fatima*; depois, porque a satisfazia fisicamente. Que enorme confusão se instalou quando Grace se envolveu na situação! Grace também não o quisera. Tal como Edda, ela precisara dele. Não para prazeres carnais, mas para reparar a porta da capoeira e plantar batatas. Oh, pobre Jack! Ferido e mutilado pelas gémeas Latimer mais velhas, não tendo nenhuma delas a mínima noção do que lhe estavam a fazer.

Não fomos educadas para supor que os homens se apaixonariam por nós, e isso era verdade sobretudo para Edda, que se achava uma mulher fria e não acreditaria se lhe dissessem que um homem poderia vir a amá-la! No entanto, Jack Thurlow amara-a… é claro que a amara! Um Burdum, mas completamente diferente do meu Charlie. Um homem do campo, satisfeito com a vida, enquanto Charlie nunca estará satisfeito.

Enquanto se lembrava, ouvia a voz distante de Edda a lamentar a falta de ambição de Jack… uma pessoa que não era avarenta, que raridade! Sem saber que Jack a amava, Edda seguira o seu caminho, impulsionada pelo curso de medicina. O que Kitty viu, depois de duas horas na companhia de Jack Thurlow, foi um homem em comunhão com os espíritos do vento, da água, da terra e até do fogo. Sem medo de nada, mas também não exigindo nada.

Que estranho! Toda a minha vida, pensou Kitty, estive rodeada por pessoas que queriam o que não podiam ter e lutavam arduamente para o conseguir. Quando caíam, levantavam-se e voltavam à luta. No entanto, Jack Thurlow nunca se rebaixaria a esse ponto.

Edda diria que ele era denso, e com isso queria dizer pouco inteligente. Tufts

diria que ele tinha um bom carácter, o que significava que tinha sentido de honra e dever. Grace diria que ele era a essência da bondade, o que queria dizer que ele se oferecera para a levar ao altar. O papá diria que ele era um bom homem que não ia à missa, o que significava que era um candidato a um céu pior do que aqueles que frequentavam a igreja. E o que diria Charlie do seu primo? Primeiro, iria ficar com um olhar vago, pois teria mesmo de pensar numa resposta antes que lhe surgisse a imagem do rosto de Jack. Depois diria que Jack tinha um bom carácter, o que significava que não tinha visto a luz político-comercial porque estava satisfeito com a sua vida aborrecida e irrelevante.

Sinto dor por ele, pensou Kitty, o tipo de angústia aflitiva e severa que apenas se sente quando se falha redondamente; pois, tal como Edda e Grace, já passei pelo sofrimento de Jack como se nem sequer existisse. Como ele deve ter desejado, enquanto esperava aqueles anos todos que Edda tivesse dezassete anos, casar com ela. E, quando percebeu que nunca ficaria com Edda, tentou conquistar a sua gémea. No entanto, não se queixou e a sua reação à rejeição pública de Grace parecera orgulho ferido aos olhos de toda a gente. Existem diferentes tipos de piedade; Jack escolheu o tipo que Corunda achava mais aceitável.

Hoje, Jack abriu-me os olhos, parece que me presentearam com uma repentina capacidade de compreensão completamente inesperada. Será que os meus problemas se revelaram algo bastante menos grave do que eu pensava? Ele já está curado de Edda, no entanto, não saiu desses nove anos diminuído ou amargo ou emasculado. Ele é o que sempre foi e sempre será… um homem agarrado à terra e às suas criaturas.

Sempre que ele estiver em Corunda, vou tomar chá e comer *scones* na sua cozinha às quartas-feiras de manhã, dizer olá a *Alf* e a *Daisy* no alpendre das traseiras, e observar Bert no colo do seu dono. Ele é uma ilha de granito num mar de areia movediça.

Kitty parou para olhar para as montanhas taciturnas e arredondadas, pintadas de branco pela neve contra um céu escuro, que descia sobre elas como um lençol de chumbo. Flocos de neve, espessos e húmidos, pousavam nela de forma

indolente numa dança casual e despreocupada nos braços de um esquecimento invisível. Lindo!

Quando Charlie chegou com Dorcas naquela noite, agiu como sempre agia: deu-lhe um beijo na face e perguntou-lhe o que fizera durante o dia. Esta noite, sem ter consciência de o fazer, Kitty mexeu-se para que o beijo quase não se fizesse sentir e não lhe respondeu.

Enquanto ele se dirigia para o armário para preparar as bebidas, e depois de Dorcas se ter recostado na «sua» cadeira, Kitty falou… só para Dorcas. Aqueles olhos penetrantes, embora suaves, tinham percebido tudo, mas o seu corpo não o revelou; Dorcas tinha pavor de ofender Charlie, que não gostava que ela tirasse ilações acerca do comportamento de Kitty.

— Estás muito bonita esta noite, Dorcas — disse Kitty, com pena dela.

— Obrigada, Kitty.

O agradecimento de Dorcas soou bastante artificial, pois o comentário apanhara-a de surpresa… *porque estaria Kitty a ignorar o marido?*

— Captaste na perfeição cada pormenor — continuou Kitty, sorrindo de forma calorosa para Dorcas. — Uma elegância discreta que fará sucesso em Melbourne, um lugar que eu sempre receei. Eu sou demasiado espampanante e melindrosa para os gostos femininos de Melbourne, mas tu és perfeita, Dorcas. Dou doze meses para que todos os políticos estejam a clamar por uma assistente com metade da tua elegância e inteligência e que, no entanto, seja tão discreta como a inigualável Dorcas Chandler de Charles Burdum.

Uma enorme variedade de emoções invadira com a rapidez de um relâmpago aqueles olhos contraditórios, enquanto Kitty falava, a mente por baixo deles imparável como um meteoro a cair do céu, e durante todo esse tempo a mulher sabia que não se atrevia a procurar orientação no seu patrão, parado de costas voltadas… como reagir, como adivinhar o que Kitty estava a tramar? E Charles não era grande ajuda, recusando-se a virar-se na direção das mulheres.

— Não achas que este azul é muito escuro? — perguntou Dorcas, ansiosa.

— Não, é adorável… ultramarino, em vez do austero azul-prussiano ou do bélico azul-marinho — respondeu Kitty. — Podes acreditar que estou certa… o meu mau gosto é só para mim. Para os outros, não falho.

Por fim, Charles virou-se.

— Isso é a mais pura das verdades — disse ele, dando um copo de xerez a Dorcas. — Sim, Dorcas, ultramarino é perfeito.

Kitty pegou no seu copo de xerez com um sorriso descontraído.

Sua cabra!, pensou ele. O que terá acontecido hoje para que a tua aversão por mim seja finalmente manifesta perante um público? Acho que hoje à noite vou reclamar os meus direitos conjugais.

No entanto, Kitty estava um passo à frente dele. A meio do prato principal, Kitty queixou-se do início de uma dor de cabeça e foi para a cama. Charles ficou sozinho com Dorcas.

— O que será que se passa com ela? — disse ele depois de Kitty sair. — Algumas dores de cabeça são o pródromo antes de a aura surgir.

— Por vezes esqueço-me que o teu curso é de medicina — disse Dorcas com calma, juntando o garfo e a faca sobre o prato. — Não, sinceramente, já comi o suficiente. Por vezes sinto-me como um ganso de Estrasburgo.

— Mas um muito encantador — disse ele, levantando o copo na sua direção. — A sua agressividade é temida, a dos gansos, mas por baixo dela são primos direitos dos cisnes.

Estava na altura de dizer o que não poderia mais tarde ser retirado; se não o fizesse, a situação de Kitty ia explodir.

— Podes repreender-me e eu mereço que o faças, Charles, mas sinto que tenho de te dizer que a tua esposa é uma mulher infeliz — disse ela, sem qualquer indício de remorso na voz. — Na verdade, *muito* infeliz.

O momento que escolhera para o dizer fora oportuno; os ombros dele descaíram.

— Sim, estou bem ciente disso. Ela é uma mulher que vive para as crianças e que deseja muito ter filhos, mas acaba sempre por sofrer abortos.

— Ah! O orfanato.

— E ela é enfermeira de crianças, não te esqueças.

— Ainda é uma mulher jovem.

— Os obstetras não conseguem encontrar nada de mal em termos físicos. Nem eu. O pior é que ela me culpa por isso.

Aí estava! Tinha desabafado, dissera-o.

Dorcas manteve o rosto calmo e impassível, embora os seus olhos tivessem um brilho suspeito.

— Não vou fingir que sou sábia, Charles, mesmo porque nunca fui casada, mas diz o senso comum que o tempo cura todas as feridas, mesmo as mentais. No fundo, ela é uma mulher sensata.

— Sim, espero vê-la ficar melhor, mas existem curas e curas. Kitty é uma pessoa caseira, enquanto eu sou mais dado à vida pública… faz-me vibrar! Essa é uma situação que só vai piorar com o tempo, não melhorar.

— Então, não te preocupes com isso — disse Dorcas, reconfortando-o. — Ainda não reparaste que na Austrália as mulheres dos políticos têm pouco ou nada a dizer? Muitas vezes, nem sequer são vistas. Tu podes ter a política, e ela a Casa Burdum. A importância dela no meio político é perfeitamente negligenciável. Quando duas ou três vezes por ano fores obrigado a exibir a esposa, vais deixar todos boquiabertos, à exceção de Rawson Schiller que se casou com a meia-irmã dela. Estamos a construir uma lenda, Charles, *nunca* te deves esquecer disso! Os dois pares de gémeas Latimer terão o seu papel no mito australiano, desde Lady Schiller e a futura Lady Burdum (obterás o título de Sir, Charles, com toda a certeza) até à diretora do hospital Latimer e à viúva Olsen da Depressão. Eu própria escreverei o mito quando elas forem mais velhas. Entretanto, não te preocupes com Kitty. Ela tem o orfanato, as irmãs, o pai e Corunda. Os teus próprios horizontes são mais vastos, sabes *disso* sem precisares que eu to diga.

Charles estava sentado, eletrizado, os seus olhos tornaram-se da cor dos de um leão; ela nunca se poderia esquecer de assegurar que o barbeiro não reduzia o volume da juba de leão que era o seu cabelo ou o besuntava com brilhantina… ele deve ter sempre esta imagem. Sorrindo secretamente, Dorcas pensou no

primeiro-ministro Joe Lyons, outra bela cabeça cheia de cabelo, que não deixava que o penteassem de forma a parecer um pedaço de couro brilhante, como ditava a moda na altura. O mesmo se passava com Jimmy Scullin. As mulheres *adoravam* uma cabeça cheia de cabelo! O que as repelia eram os dentes estragados, as barrigas proeminentes e a calvície.

— Dorcas — quase cantou Charles —, o que faria eu sem ti?

Afundando-se como uma pedra, ela respondeu silenciosamente para dentro do abismo.

Dorcas reparou primeiro, mas sentiu que não podia dizer nada, por isso foi Grace quem falou com Charles pouco depois de o ano de 1933 ter começado. Mesmo assim, não era a sua intenção quando marcou uma audiência formal com ele: Grace estava lá pelos seus meninos.

Eles vieram com ela. Charles reparou de imediato que os rapazes pareciam demasiado velhos para as suas idades, sobretudo Brian, sobre o qual recaíra o papel de homem da casa. É claro que Grace lhe *fizera* isso! Oh, não através de um desamparo choroso ou de constantes chamadas de atenção verbais de que ele era agora o homem da casa… Grace era demasiado inteligente para usar táticas agressivas. Simplesmente, também não lhe escondera a sua condição de viúva. Alguns teriam achado Grace sensata; outros, como Charles, considerava-o desnecessário tendo em conta as suas idades. Brian teria em breve cinco anos, e John faria quatro no último dia de maio. Eram muito parecidos. Eles iriam manter-se louros, das pestanas aos cabelos, a casta escandinava nos ossos do rosto. Os meninos fizeram Charles pensar que haveria mais de teutão e viquingue nos Latimer do que de bretão ou celta, pois era óbvio que a herança da mãe era semelhante à do pai. A diferença residia nos olhos. Ambos os pares eram azuis como o céu, sem qualquer toque dos tons cinzentos do mar ou dos verdes da floresta. Ah, mas as mentes que fervilhavam por detrás de cada par eram muito diferentes! O olhar de Brian era firme e difícil de encarar: o guerreiro pensante. O olhar de Jonh era do outro mundo, um pouco triste: o

buscador da verdade. Pobre John, ia sofrer muitas desilusões.

Eu já devia ter dois filhos desta idade, pensou Charles, embora, se fossem meus, seriam como o mármore de Carrara ao lado do mármore de Paros, o que mais se assemelha a este par de meninos. Aqui tudo é imaculadamente branco, nada de veias e remoinhos fascinantes de inúmeras cores. Mas de que é que adianta lamentar-me? O meu legado foram dois abortos, um tão tarde que tive de enterrar um *filho*.

— Como posso ajudar-te, Grace? — perguntou ele, escondendo a sua apreensão nervosa; Grace nunca trazia alegrias.

— Aqui vai a verdade, Charlie, nua e crua. Quero mudar-me para Sydney — anunciou Grace.

Naquela altura, Charles olhou para *ela* pela primeira vez, consciente de que a sua mente e os seus olhos tinham devorado apenas os seus filhos. A imagem da *Virgem dos Rochedos* surgiu na sua mente, vinda dos arquivos do seu cérebro… linda, distante, acima de todos os prazeres carnais, o granito e o adamantino que a envolviam eram agora parte integrante do seu ser, cada átomo de vida concentrado nos seus filhos. É verdade que eram extraordinárias, as quatro irmãs Latimer!

— Uma enorme mudança — disse ele cautelosamente, e esperou.

— É o momento certo. Brian vai começar a escola no mês que vem, mas aqui não. — A sua voz alterou-se, tornou-se mais doce, um estratagema que Charles perceberia num segundo, mas que queria usar para reforçar a sua posição como sua servil suplicante. — Pensei em falar com Rawson Schiller, outro cunhado, mas ele é um homem de Melbourne e, pelo que sei, Edda receber-me-ia com prazer em Melbourne. É demasiado quente no verão e demasiado frio no inverno. Não, para mim é Sydney. — A sua voz passou de mel quente para água fria. — És tão rico, Charlie, que não me sinto mal por te pedir algum dinheiro para ir para a frente com o meu plano. Os filhos de Bear não podem ser criados num lugar onde toda a gente sabe a sua história, ou frequentar a escola com filhos de pessoas que testemunharam a loucura e o suicídio do seu pai.

Os olhos de Charles viraram-se, por instinto, para os rapazes, um em cada

joelho da mãe, como leões a guardar uma estátua da *Magna Mater*… como podia ela falar destes assuntos à frente deles? Brian olhava em frente, John parecia sonhar acordado.

E a voz dela continuava a fluir, inexorável.

— Tu tens dinheiro suficiente para me acomodares numa casa decente em Bellevue Hill, com um carro e uma mesada adequada a uma viúva respeitável, sem qualquer intenção de fazer uma vida social intensa. Quero os meus filhos educados em escolas privadas, apesar de querer que não frequentem a mesma. A Scots será adequada para Brian, enquanto John ficará melhor na Sydney Grammar. Como podes ver, pensei muito bem em tudo e já me informei.

— Foi tudo pensado de uma forma admirável — disse ele, sem se mostrar reticente em lhe dar um tostão da quantia considerável que ela lhe ia custar. No que dizia respeito a Grace, pelo menos, Charles suplantara Rawson Schiller. — Não te vais sentir sozinha ao mudar para um sítio onde não tens amigos nem quaisquer conhecimentos?

— Não irá demorar muito até fazer amigos e estabelecer alguns contactos — disse ela, sorrindo. — É para isso que servem as associações de pais das escolas. Um dia, a Depressão vai terminar e eu quero os meus filhos preparados para colher os seus frutos. As melhores escolas, universidade, alguma influência quando chegar a altura de se candidatarem a empregos. Eles não vão ter quaisquer poupanças disponíveis se quiserem enveredar pelo mundo dos negócios, mas terão estatuto social e educação para obterem o que precisarem.

— Está na hora de irem lá para fora brincar, rapazes — disse Charles, descontraidamente. Um olhar para a mãe, um aceno de cabeça dela, e eles saíram. — Educaste-os muito bem, Grace.

— O melhor que pude, em Corunda. Serão alunos externos durante os anos preparatórios, mas aos doze quero que comecem a escola em regime de internato… é uma opção mais cara, mas eles não têm um homem em casa e precisarão de uma maior exposição ao mundo dos homens. Uma mulher não serve para orientar um rapaz na puberdade e na adolescência, eu estaria à deriva num mar desconhecido. O papá só teve meninas.

— Estás sempre a surpreender-me — disse Charles com alguma falsidade.

— Porque vejo o que os meus filhos precisam antes de ver o que eu própria preciso? — Grace riu-se. — Oh, vá lá, Charlie! Qualquer mãe é capaz de fazer isso. As coisas acontecem e nunca sabemos porquê. Eu certamente não sei. Como mãe dos filhos de Bear, quero que eles o superem, que é o que ele quereria também. Ele nunca foi uma pessoa invejosa ou amarga. Dá-me apenas dinheiro suficiente para viver o tipo de vida que os amigos e os pais dos amigos dos meus filhos esperam ver… comida boa se tiver de os receber em casa, muita roupa boa para eles… eu consigo costurar a minha própria roupa, é algo que fazer com o meu tempo livre, visto que também não vou poder trabalhar em Sydney. Tenho a minha própria mobília, mas quero poder comprar livros para montar uma pequena biblioteca… será útil para os rapazes.

Com o bloco debaixo da mão, Charles começou a escrever diligentemente.

— Uma casa em Bellevue Hill com vista para Rose Bay… sim, acho que deves ter uma vista, só uma casa pobre nessa zona da cidade é que não tem uma vista… a casa ficará em teu nome, embora eu me responsabilize pelo pagamento de impostos e taxas. Um bom carro, fácil de reparar… em… teu… nome. Boa! Vou pedir aos meus advogados que acrescentem as cláusulas necessárias ao meu testamento para te proteger na eventualidade da minha morte… não quereria que Rawson se envolvesse! Um rendimento de vinte libras por semana, livre de encargos, bastante acima do custo de vida… propinas escolares, uniformes, livros, material educativo, e por aí em diante, numa conta separada, acho eu. E uma poupança de capital, adequadamente investida (vinte mil parece-me bem), na qual não se poderá mexer a não ser em caso de emergência extrema. — A caneta caiu-lhe da mão, Charles enroscou a tampa e olhou para ela.

— E é tudo, Grace? Esqueci-me de alguma coisa?

— Não. Obrigada, Charles, do fundo do coração. — Um sorriso encantador surgiu. — Nunca mais te vou chamar Charlie.

— Isso já é recompensa suficiente.

— Suponho que Kitty esteja no orfanato?

O seu rosto passou imediatamente a gárgula.

— Onde mais haveria de estar? Não consegue tê-los, por isso enterra o seu desgosto nos filhos das outras pessoas, que os têm sem pensar duas vezes.

— Oh, não sejas desagradável, Charles, por favor! Ela sofre tanto com isso! Na verdade, ela está a ir-se abaixo novamente.

Charles ficou tenso.

— Ela está o quê?

— A ir-se abaixo. Deves ter reparado.

— Eu… eu não a tenho visto muito nos últimos tempos.

Sim, estás muito ocupado a conversar com a Dorcas Cara de Cavalo, disse Grace tristemente para si mesma. Em voz alta disse:

— Ela não muda de vestido todos os dias, nem mesmo de dois em dois dias ou mesmo três. O cabelo dela está uma lástima e deixou de usar batom. Tentei falar com ela, mas não valeu de nada. Segundo Kitty, as crianças não se importam com o que ela tem vestido e detestam batom porque a impede de lhes dar beijinhos. Charles, a Kitty está-se a ir-se abaixo e, como médico, devias saber o que quero dizer com isso.

— Que ela está em sintonia com os tempos que correm, deprimida.

— Exatamente.

Mas nunca às quartas-feiras. Essa era a peça fundamental do *puzzle*, a única peça que Grace não tinha oportunidade de ver.

É claro que Grace interpretava mal grande parte do que via, devido ao facto de a sua própria personalidade ser muito diferente; o que ela fez foi ressuscitar a depressão de infância de Kitty, associá-la à sua situação atual e chegar à conclusão de que não tardaria muito até Kitty se juntar a Maude no hospício. Contudo, a verdade estava longe do seu surto depressivo aos vinte anos. O seu trabalho no orfanato, como viria a descobrir rapidamente, era dificultado pelo uso de qualquer tipo de uniforme, e a roupa informal devia assemelhar-se, pelo menos um pouco, aos vestidos que as mães destas crianças usariam. Assim, Kitty «testou» o seu antigo uniforme de enfermeira num dia em que não ia

trabalhar para o orfanato. Se sobrevivesse bem a um dia no orfanato, usaria o uniforme novamente no dia seguinte. No final de contas, ninguém podia dizer que a sua falta de elegância a fazia parecer uma mulher da quinta! Era, simplesmente, mais prático, bem como mais barato de manter. Para quê usar meias de seda a dez xelins o par para ficarem cheias de malhas poucos minutos depois de ter chegado ao orfanato?

Tufts compreendia; Grace não, nem tão-pouco Dorcas Chandler.

A sua aparência era a última coisa que a preocupava, e Kitty deu por si a sentir-se estranhamente livre para caminhar, não nos velhos círculos de sempre, mas em linhas retas que levavam a caminhos fáceis de seguir e de volta para o ponto de partida, luminoso como uma árvore de Natal. A sua vida, iluminada e enriquecida, finalmente fazia sentido. Que coisa terrível olhar para trás e para todos aqueles anos e vê-los moldados e sustentados por uma única qualidade dominante: a aparência. As suas irmãs tinham sempre percebido, mas também elas eram limitadas pelo que cada uma delas era no seu íntimo. E, oh, como o tempo as separara!

Jack Thurlow flutuava, um pensamento incorpóreo, na mente de Kitty ao longo de todo aquele inverno e primavera, reforçado às quartas-feiras de manhã, quando ele estava em casa para tomarem chá, comerem *scones* e conversarem. Nunca vista como uma intrusa, sempre bem-vinda. Podia contar-lhe tudo, que as suas emoções e intelecto masculinos aceitavam, e ele era tão bom a estabelecer limites que não tinha qualquer problema em pará-la antes que falasse demais. Jack não queria ouvi-la falar dos pedaços do seu coração partidos pelos abortos e pela possessividade do marido, e Kitty, com base na sua recentemente encontrada sabedoria, compreendia porquê. Havia assuntos de homens e assuntos de mulheres, que iam das diferenças anatómicas visíveis aos domínios da alma intangível.

Sem nunca dizer uma palavra, Jack ensinou-lhe o que Charlie era incapaz de saber: que estava certa em agarrar-se ao amor das irmãs e do pai, que tinha o direito de lutar para ter filhos. Eram tão delicados, tão frágeis, os parâmetros da relação que Jack construía entre eles, e Kitty só conseguia pensar na burrice da

irmã em não ver o que ele lhe tinha oferecido: força, segurança, paz, um amor másculo saturado de paixão. Pobre Edda! Sempre a desejar outras coisas.

Desta forma, Kitty não podia dizer a si mesma que Jack entrara na sua vida e lhe ensinara como a consertar; a recusa de Jack em fazê-lo estava implícita sempre que se encontravam. Não, esta luta era dela; Kitty tinha de resolver as coisas sozinha. À sua própria maneira. No seu próprio tempo. Um enorme conflito para uma guerreira muito pequena.

No entanto, não estava sozinha. De qualquer maneira, sem uma palavra, nem um único olhar ou gesto, Jack deu-lhe a entender que estava ao seu lado. Que a amava, amava mais do que alguma vez amara a sua irmã. Se fechasse os olhos, Kitty conseguia sentir esse amor a envolvê-la como um manto quente, leve como uma pena e reconfortante, que não a sufocava nem a privava de sensibilidade.

— Ouve-me, Kits — disse Grace rispidamente no dia anterior a ela e os rapazes deixarem Corunda e partirem para a sua nova vida em Sydney.

— Estou a ouvir — respondeu Kitty, complacente.

— Sem mim e sem Edda por perto, estás mais sozinha do que eu queria que estivesses. Se Charlie tivesse o bom senso com que nasceu (mas não tem), cuidaria melhor de ti, mas é completamente obcecado pela Dorcas Cara de Cavalo e pela política. Vai haver uma eleição parlamentar no final deste ano e Charles já se está a preparar para ela… deves saber que ele arrendou uma loja e que a usa como sede política. Oh, Kitty! *Não* reparaste? O que se passa contigo? George Ingersoll está a morrer com um cancro e, assim que ele bater a bota, o lugar dele ficará vago. Ouviste?

— Sim, ouvi — disse Kitty, fatigada.

— Com Charles em Camberra, as coisas vão mudar. Felizmente, não vai precisar de comprar casa lá, são só duas horas de viagem, mas é certo que irá passar a maior parte do seu tempo em Camberra. Se queres tentar engravidar, fá-lo agora. Assim que ele for primeiro-ministro, vai estar sempre muito cansado. — Entre o farfalhar das saias e as voltas do seu cachecol, Grace aproximou-se de

Kitty, abraçou-a e beijou-a. — Oh, Kits, temo por ti! E Edda também se sentiria assim se soubesse o que está a acontecer. Tenho um quarto vago na minha casa em Bellevue Hill, e tens de me prometer que vais ter comigo se não tiveres ninguém com quem contar em Corunda!

O lilás dos olhos de Kitty acendeu-se.

— Ninguém em Corunda?

— Ou vai ter com Edda. Pelo menos, Rawson é um cavalheiro.

Kitty soltou uma gargalhada.

— Sinceramente, Grace, és tão tonta! Eu estou ótima, não corro qualquer perigo.

— Lembra-te apenas de que eu tenho um quarto vago.

O cancro de George Ingersoll fora diagnosticado em janeiro de 1933, quando ele já estava com um aspeto tão debilitado que lhe fora dado, no máximo, um mês de vida. No entanto, George era um homem incrivelmente teimoso e não vencera todos os seus rivais políticos durante quarenta anos para simplesmente se enrolar numa bola e morrer só porque um bando de médicos o mandava, dizia ele; isto era apenas um contratempo temporário… e não, também não tencionava retirar-se do parlamento federal. O que o matou no final de outubro foi um violento ataque cardíaco, que aparentemente não estava relacionado com o seu cancro em progressão. Quando morreu, ainda era membro do parlamento federal por Corunda, o que significava que os eleitores de Corunda tiveram eleições parlamentares no final de novembro.

Charles Burdum apercebera-se muito rapidamente de um aspeto fundamental no mundo da política: a subtileza era um desperdício. Assim, quando a notícia do cancro de George se tornou pública, Charles arrendou uma loja abandonada em George Street e abriu a sua sede de campanha política. Lá, instalou Dorcas Chandler, vários jovens apoiantes fervorosos de Burdum, todo o equipamento necessário para ter chá e biscoitos, e cópias de excertos dos seus livros de exercícios que delineavam as suas políticas. Tudo na operação indicava

claramente que, quando entrasse no parlamento, seria como candidato independente e que não teria nada que ver com as plataformas políticas dos velhos partidos.

A natureza prolongada da morte de George tivera repercussões. A mais importante de todas foi que toda a gente tomou como garantido o facto de que, quando o Triste Evento ocorresse, o substituto de George seria o doutor Charles Burdum. Assim, o Partido Nacionalista, que ocupava o lugar desde o início, decidiu não desperdiçar os seus fundos a eleger um candidato para concorrer. Se não fosse o candidato do Partido Trabalhista, vindo diretamente das oficinas dos comboios, Charles não teria tido qualquer oposição; desta forma, a maior parte dos votos dos trabalhistas acabariam por ir para este impertinente, embora importante Burdum.

Kitty não estava a receber mais atenção de Charles à medida que os meses passavam; na verdade, ela até se perguntava se ele se lembrava da sua existência, entre a sua excitação crescente ao ver Camberra cada vez mais perto e a sua campanha que corria sobre rodas com o apoio de Dorcas, sua fiel ajudante. Abandonada no limbo da negligência de Charles, Kitty ficou à deriva, o seu pensamento em Jack Thurlow e na impossibilidade da sua própria situação, a propriedade legal do homem errado. Como se poderia desprender? Qual era a resposta? No entanto, não se sentia miseravelmente infeliz. Algures, por baixo da camada de impotência, encontrava-se uma faixa dúctil de confiança que reforçava a sua força, uma confiança de que tudo tinha uma solução.

É óbvio que Charles se apercebera de que a sua esposa perdera o interesse nas suas atividades, mas, enquanto George Ingersoll fosse vivo, não valia a pena desperdiçar a sua preciosa energia com Kitty. Tal como ela, Charles flutuava num limbo. Embora o seu fosse a construção de um partido australiano.

A morte de George eletrizou-o. De um dia para o outro, viu Camberra a apenas duas horas de distância e pôs a sua inércia pessoal de lado. Estava na altura de lidar com Kitty, que, pelo aspeto, parecia pertencer a Trelawney: não tão campónia, mas sem dúvida desmazelada. Nada que não pudesse ser mudado, mas onde é que ele arranjaria tempo para o fazer? Que chatice de mulher! O

problema dela é que estava tão ocupada no orfanato que não tinha tempo para chás matinais e para deslumbrar outras esposas. Como arranjar tempo para a batalha? Depois, teve uma ideia brilhante: seria Dorcas a dizer a Kitty! Sim, que seja Dorcas a fazê-lo!

— Diz a Kitty para se começar a arranjar melhor — ordenou ele. — Comparada com Kitty, Enid Lyons parece tão simples como um pau de virar tripas, mas quero que isso seja ofuscantemente óbvio assim que Camberra lhe puser os olhos em cima. A minha esposa tem de ser incomparável. Vá, Dorcas, vai fazer o que te mandei.

— Não posso fazer isso, Charles! — exclamou Dorcas, mergulhada num banho gelado de terror. — A Kitty é tua *esposa*! O que quer que tenha de ser dito, só podes ser tu a dizê-lo. Eu sou praticamente uma desconhecida, nem sequer sou uma amiga! Por favor, Charles, não! Eu sou uma funcionária!

Por mais que protestasse com bons argumentos, ele bem que podia ser feito de granito. Frio e indiferente, olhou fixamente para ela com, o que lhe parecia, raios a emanarem como uma aura, e ela sabia sem ser preciso dizer nada que, se não obedecesse às suas ordens, Charles arranjaria outro consultor político.

De algum modo, Kitty sabia o que estava para vir. Quando Dorcas a convidou para tomar um chá e conversar um pouco naquela quarta-feira de manhã, Kitty acenou com a cabeça.

— Não, hoje não — disse ela. — Amanhã. Às quartas-feiras de manhã tomo chá com Jack Thurlow e não vou desmarcar esse compromisso por ti nem por ninguém.

Os pálidos olhos azuis de Dorcas trespassaram Kitty e não encontraram qualquer indício de culpa ou desobediência: era a simples constatação de um facto.

Jack Thurlow? Quem era ele? Não era amigo de Charles nem um homem importante em termos políticos ou cívicos. As memórias fervilharam na cabeça de Dorcas, que desencantou uma velha história sobre o tipo que era herdeiro do velho Tom Burdum antes de Charles chegar. Um namorado da meia-irmã de Kitty, Edda… sim, é claro! Por conseguinte, um homem que a esposa de Charles

conhecia muito antes de conhecer Charles. Um velho e estimado amigo, pensou Dorcas, de maneira nenhuma um amante. Assim, preparando-se para tomar um chá com Kitty na quinta-feira de manhã, Dorcas mantinha a sua tarefa inalterada pelos encontros de quarta-feira.

No entanto, Dorcas ficou tempo suficiente para ver uma Kitty imaculadamente arranjada sair para o seu encontro com Jack Thurlow. Um vestido azul-lavanda, cuja elegância sedosa era realçada por toques cor de alperce nos sapatos, na mala e num chapéu de abas largas, o rosto suavemente maquilhado, o cabelo solto e ao natural. Oh, que mulher *linda*!

A dor mastigou Dorcas como um cão velho com dentes partidos mastiga um osso supurante: eu podia ser rainha do mundo se tivesse aquela aparência. E ela… ela não quer saber. Se as histórias que Charles me contou são verdadeiras, o seu rosto levou-a a um ralador de queijo e a uma corda para se enforcar porque abominava a sua beleza, contudo, às quartas-feiras, ela levanta o véu de nevoeiro e deixa o seu sol brilhar para tomar chá com um homem que pertence ao passado e que foi namorado da *irmã* durante muitos anos.

Não levara mais de uma semana ao serviço de Charles Burdum para elevar Dorcas Chandler do deserto emocional em que se encontrava e pousar no meio, não de um oásis, mas *do* oásis onde Alexandre, *o Grande*, entrara como homem e saíra como um deus.

Por dentro e por baixo das incongruências da altura magra e desengonçada e do rosto cavalar, existia uma mulher como todas as outras: que ansiava ser amada, que precisava da força de um homem e que desejava ser envolvida num calor que durasse para sempre. Para Dorcas Chandler, Charles Burdum representava tudo o que ela sempre desejara, mas sabia que nunca poderia ter. Sem nada mais para lhe oferecer senão os conselhos e o conhecimento de uma atividade que compreendia até à raiz, Dorcas dava-lhos com toda a sua sinceridade, pois punha o coração em tudo o que fazia por ele. Dorcas amava Charles Burdum, embora ele nunca viesse a saber. O cão velho, o osso supurante… mas era melhor isso do que não ter osso nenhum.

Dorcas tinha o seu orgulho, nunca esquecendo que criaturas tão pouco

abençoadas como ela não deviam ter orgulho. Assim, foi tomar chá com Kitty esmagada por sentimentos contraditórios. A empregada feia fora obrigada a dizer à esposa linda que ela não estava no seu melhor, a mulher orgulhosa determinada a manter o seu amor secreto de modo a preservar a sua autoestima.

Kitty foi direta ao assunto logo no início.

— Dorcas, não fiques aí sentada com um machado metafórico pousado sobre a nuca — disse ela, servindo o chá. — Come um biscoito de aveia, ficam deliciosos mergulhados no chá quente, nunca se desfazem… não há nada pior do que pescar pedacinhos de biscoito empapado numa chávena de chá, não é possível fazê-lo com elegância.

— Eu… hã… nunca mergulhei um biscoito no chá — disse Dorcas, tensa.

— Oh, minha pobre coitada! Não sabes como é divertido! Trouxe a receita dos biscoitos de aveia do presbitério… são feitos com *Golden Syrup* e não açúcar, ou então não é um biscoito de aveia como deve ser. Não tens irmãs, senão já tinhas experimentado.

— Eu não tenho irmãs e não mergulho o biscoito, mas isso é um silogismo.

— Como todos os gatos são cinzentos no escuro? Mas não são.

— Sabes o que é um silogismo — disse Dorcas. — Pouca gente sabe.

— E não estou com disposição para ser distraída, Dorcas. Charlie mandou-te falar comigo para me dizeres que eu deixasse de me vestir e agir como uma mulher da quinta agora que ele tornou públicas as suas ambições políticas. Os homens são tão tolos! Até Grace o mencionar, acho que ele não tinha reparado na minha metamorfose. — Kitty riu à gargalhada e suspirou. — Bem, Grace é assim e já foi embora há dez meses. Podes dizer a Charlie que acataste as suas ordens, mas que eu não fiz qualquer comentário. Falarei com ele a meu tempo e, quando o fizer, ele vai compreender. Não, melhor dizendo, ele vai ouvir-me e perceber. Ele nunca vai *compreender*, não faz parte da sua natureza. Hoje, quero falar de ti.

Dorcas arregalou os olhos.

— De mim?

— Sim, de ti. Quero saber qual é o teu segredo terrível, aquele que põe em

risco este trabalho de sonho. Tens tanto medo de o perder.

Nenhuma resposta veio dela. Dorcas deu um gole no chá e trincou um biscoito.

Kitty observou, completamente em controlo da situação. Dorcas tinha vestido um fato de duas peças de *tweed* cor de ferrugem com toques de preto e usava um chapéu sofisticado de feltro preto inclinado para o lado esquerdo da sua cabeça; o seu cabelo castanho-bronze estava bem cortado e fora ondulado, e melhorara a forma como maquilhava o rosto, sobretudo à volta dos olhos. Olhos sensatos, mas vulneráveis.

— Vá lá, Dorcas, é óbvio que tens um segredo terrível — disse Kitty, sorrindo-lhe com amabilidade e compreensão genuínas. — Eu quero ajudar-te, mas não posso fazê-lo até confiares em mim o suficiente para veres que quero ser tua amiga *e* aliada. Então, deixa-me dizer-te o que eu acho que escondes.

— Senhora Burdum, tudo o que disser será pura imaginação.

— Oh, não, fazeres de conta que não se passa nada não me vai convencer! A formalidade é apenas outra cerca atrás da qual nos podemos esconder. — A voz de Kitty juntou um toque de ternura à sua amabilidade. — Quando eras uma rapariga muito imatura e ignorante, por volta dos quinze anos, algum homem aproveitou-se de ti de uma forma bastante cruel e cínica. Desconfiei que não tivesses irmãs, porque elas teriam cuidado de ti como uma mãe nunca seria capaz de fazer. Quaisquer que sejam os seus motivos, as mães conseguem ser horrivelmente destrutivas e *tão* cegas em relação às suas filhas!

— Não disseste nada que me impressionasse até agora, Kitty.

— Tiveste um bebé… um filho, acho eu, a quem amas muito. Mas quem te drena a carteira é o pai dele, que te chantageia.

A revolta saiu de Dorcas com uma força quase explosiva, deixando-a indefesa. Horrível de ver, mas quanto mais difícil de suportar?

— Hoje, a sanguessuga nojenta desaparece — disse Kitty com firmeza. — Não, ele vai desaparecer! A razão da sua chantagem vai deixar de existir, porque vais contar a Charlie tudo sobre ele. Dorcas, não ajas como Grace, não comeces a chorar! Faz como a nova Grace, que ganhou escrúpulos de um dia para o outro,

quando o lobo mau começou a tentar deitar-lhe a porta abaixo. Os teus pais deserdaram-te? De certeza que não!

— Não, eles ficaram com o Andrew para que eu pudesse continuar com o jornalismo. Tinha vinte anos quando aconteceu, não quinze, mas era tão burra! O pai de Andrew fez muitos estragos nas aldeias da parte mais baixa das Montanhas Azuis… atraente, encantador, um pregador deslumbrante, repleto de espírito evangélico! Entregamos-lhe todo o nosso dinheiro… os crentes religiosos são alvos tão fáceis! Até lhe entreguei o meu corpo… sentia-me tão grata por ele me achar atraente, mas tudo o que o filho significa para ele é dinheiro e mais dinheiro.

— Quantos filhos teve ele?

— Essa é a parte mais estranha da história — disse Dorcas, pensativa. — Apenas o Andrew.

— Que idade tem o Andrew agora?

— Catorze. Frequenta a escola pública em Katoomba.

— Então, quase todo o teu salário chorudo vai para os teus pais, o teu filho e o poio chantagista. A minha costureira deve ter-te poupado dinheiro precioso.

Dorcas humedeceu os lábios com a língua.

— Como é que sabias?

O riso foi vitorioso, alegre.

— Minha querida, tu andas como uma mulher que já teve um filho e sabes demasiado sobre o mundo para seres virgem. Que o teu segredo era um filho ilegítimo, era óbvio. O que mais poderia pôr em risco um emprego de sonho? — O tom violeta esmoreceu nos olhos de Kitty. — Não é tarde demais para resgatar o Andrew. Trá-lo para viver contigo em Corunda o mais rapidamente possível… ainda não chegámos a dezembro e, quando a escola começar em fevereiro, ele pode frequentar a Corunda Grammar, uma escola privada. Quando se matricular já fará parte de Corunda e Charles já o terá acolhido debaixo da sua asa.

Uma Dorcas trémula olhava fixamente para ela, aterrada.

— Não posso contar a Charles! — chorou ela. — Ele despedir-me-ia logo… que *escândalo!*

Kitty fez um barulho grosseiro com a boca.

— Disparate! Que mulher tonta, como é possível trabalhares com Charlie há tanto tempo e com tanta proximidade e, no entanto, não o conheceres minimamente? Isto é o pão-nosso de cada dia para ele! Charlie, o defensor das causas perdidas, indiferente à tua situação? O pai do teu filho, um parasita pútrido que se alimenta da mãe do rapazinho, explorando-a durante catorze anos? O meu marido tem consideração por ti e gosta de ti… é a resposta dele! O Andrew é um menino bonito?

— É lindo, mas tem algo ainda melhor… *carácter*.

— Conta a Charlie! — pediu Kitty. — Conta-lhe já, hoje, neste instante. Ele está do outro lado desta imensa catedral ecoante, a alguns metros daqui. Levanta-te, levanta-te! *Levanta-te, mulher!* Vai e conta-lhe tudo exatamente como me contaste a mim e pede-lhe que se veja livre do pai de Andrew. Oh, ele vai adorar isso! Já passou tanto tempo desde a última vez que vestiu a armadura que ela até já perdera o brilho e o seu cavalo de batalha já chia por todos os lados. Isto vai animá-lo. Vai, vai!

Intimidada pela pressão de Kitty, Dorcas saiu para expor os seus pecados.

Kitty fez uma chamada de longa distância para Lady Schiller II, que se encontrava em Melbourne. O Natal de 1933, decidiu ela, seria a reunião em Corunda das quatro irmãs Latimer. Dez dias, do Natal ao Ano Novo… As últimas combinações em falta eram as suas.

Com esse pensamento incandescente como pedaços de carvão acabados de soprar, Kitty conduziu até Corundoobar quando o Sol se pôs e encontrou Jack acabado de chegar do cercado dos cavalos. Ela sabia-o porque a sua caixa de correio em forma de contentor de petróleo junto à cancela estava vazia. Deixando o carro no sopé da colina, Kitty caminhou pelos jardins em flor, parando para admirar uma única rosa esplendorosa, um arbusto de flores-de-cera-de-geraldton, ervilhas-de-cheiro a lutar por um lugar na treliça. *Como é que ele arranja tempo?* Sim, ele estava em casa. *Alf* e *Daisy* vieram recebê-la, um

momento de sorrisos e abanares de cauda… os cães de Jack eram demasiado bem-comportados para saltar e lamber. Em seguida, Jack saiu para o alpendre da entrada, o cabelo ainda molhado do duche, e esperou por ela.

Quando chegou ao último degrau, que parecia baixo devido à altura de Jack, Kitty inclinou o queixo para olhar para cima.

— Venho viver contigo — disse ela —, neste preciso momento.

— Não é sem tempo — respondeu ele, solenemente. — Não vou dizer que estava farto de esperar, mas cresceram-me uns quantos cabelos brancos em noites sem luar. — A mão dele desenhou no ar um círculo amplo. — Aqui estamos nós, Kitty. Todo teu de corpo e alma.

— Serei tua amante, mas não poderei ser tua esposa. Charlie nunca me daria o divórcio.

— Vivemos como queremos em Corundoobar. Aceitamos-te de qualquer maneira sem sombra de arrependimento.

Nem um único resquício de dúvida a tomou de assalto, mesmo agora que o momento era uma realidade. Os abraços, os beijos, as relações sexuais aconteceriam, mas por agora Kitty não sentia necessidade disso, demasiado entusiasmada com a vaga de paz e conforto que invadiam o seu espírito.

E, compreendendo o que ela sentia, Jack ficou ao seu lado a ver o sol carmesim ser engolido pelos mensageiros da noite.

Em seguida, colocou o braço à sua volta e virou-a para a porta.

— Vem para dentro, está frio.

— Tenho uma mala no carro, mas tenho de devolver o carro a Charlie — disse ela, um pormenor aborrecido. — Não quero nada dele, nada!

— Eu sei. Não te preocupes e não fales dele.

Bert, o gato, encontrava-se na cadeira de Jack e foi enxotado tão rapidamente que caiu, ainda meio a dormir e imensamente indignado, no chão. Jack sentou-se com Kitty ao colo.

Quando se encostou a ele, Kitty sentiu o ritmo constante do coração de Jack, e nada mais importava. Nem nunca haveria de importar. Oh, meu querido Deus, concede-lhe uma longa vida! O único medo que me atormentará agora é pensar

em existir sem ele. A cabeça de Kitty pousou sobre o ombro dele, os olhos fechados com as pestanas húmidas. Finalmente, estou em casa.

Como diretora-adjunta de um hospital, cujo diretor estava prestes a passar-lhe as suas responsabilidades, Tufts ofereceu a Edda e Rawson uma das casas dos funcionários na propriedade do hospital quando vieram a Corunda passar o Natal de 1933, e depois fez o mesmo com Grace e os rapazes. Como membro do parlamento, Charles Burdum não conseguia gerir o hospital; Tufts estava firme e segura no seu cargo. Ela e Liam tinham comprado casas adjacentes em Fergunson Street e mandado abaixo a cerca que as dividia; partilhavam refeições, o jardim, os tempos livres, dois cães e três gatos, os animais esterilizados. O reverendo achava que eles eram o único casal que ele alguma vez conhecera que, em termos de atitude mental, tinham passado logo da juventude para a velhice; entusiasmados com algumas coisas, movidos por tudo, sensibilizados por tudo, derrotados por nada.

Todos em Corunda ainda recuperavam do choque que abalara por completo o distrito quando Kitty Burdum, sem qualquer aviso ou sinal, deixou Charles Burdum e os seus muitos milhões para se mudar para Corundoobar e lá viver em pecado como amante de Jack Thurlow. Sem se esconder, sem fugir, sem evitar todo e qualquer habitante da cidade Não levara nada da Casa Burdum consigo… nenhuma das suas joias, peles, roupa… nenhuma mobília ou ornamentos… nem mesmo (dissera ela, de forma bastante estranha) um ralador de queijo. Com ela foram os seus livros, papéis, cartas e álbuns de fotografias.

O que mais chocava toda a gente era o facto de ela parecer tão *desavergonhadamente* feliz! Quanto a Jack… bem, ele não era do tipo de

complicar as coisas, incluindo a sua união adúltera. No entanto, as pessoas repararam que tinha muito menos rugas no rosto do que antes e que, por vezes, quando não sabia que estava a ser observado, tinha um ar ligeiramente complacente, como um gato. Tal como o seu enorme gato, *Bert*.

Charles Burdum fora o primeiro a saber. Uma nota de Kitty para Dorcas pedira que esta se certificasse de que ele era deixado em paz até dar algum indício de que queria companhia. O instinto disse a Dorcas para obedecer sem reservas.

Desta forma, Charles desceu sozinho para tomar o pequeno-almoço e encontrou uma carta manuscrita em cima do seu prato, com a aliança e o anel de noivado de Kitty em cima, como uma guarnição cintilante num pacote de papel. Quando viu os anéis, percebeu tudo; com o peito e o estômago pesados, como se tivessem pesos de chumbo, rasgou o envelope num frenesi.

Charles, marido,

Os anéis já te disseram, mas vais precisar de palavras para lhes dar voz, e descobri que sou demasiado cobarde para to dizer pessoalmente. Irias levar-me para a velha confusão com intimidações e discursos, e a situação iria arrastar-se. Não seria evitada, Charlie. O machado está nas minhas mãos e estou determinada a deixá-lo cair de forma clara e simples.

Eu não te amo. Acho que nunca amei, mas fizeste-me acreditar que sim. Depois, assim que me tiveste, nunca mais pensaste em mim sem ser como uma posse tua. Não, isso não está certo. Pensaste na pessoa que precisavas que eu fosse, mas nunca paraste para ponderar se eu era mesmo essa pessoa ou alguém diferente. És capaz de gerir empreendimentos gigantescos e ganhar muito dinheiro, mas não consegues ler o carácter das pessoas e és cego no que toca às suas almas. A mulher com que casaste nunca fui eu, Kitty. Dou graças a Deus pelos nossos filhos não terem vindo ao mundo. Qualquer que fosse a sua natureza, tu ias obrigá-los a ser quem tu querias que fossem e terias acabado por os destruir. Podes até ser benevolente, mas és também um autocrata.

Escrevo estas coisas cruéis pois é a única maneira de tu acreditares que tudo acabou. Acabou. A mulher que tu queres deve ter a minha aparência, mas o cérebro da Dorcas. Foste enganado pela minha capa, não fazias a mínima ideia do conteúdo. Não sou uma mulher adequada para um político. A política aborrece-me ao ponto de querer gritar. Casa com a metade que tem o cérebro, a Dorcas. Mas não o vais fazer. És demasiado fraco para aguentar a troça que um casal tão incongruente provocaria.

Vou viver em adultério com Jack Thurlow, que diz que eu sou uma mulher da quinta. Com Jack, posso desaparecer na floresta e correr feliz pelo campo. Por favor, *não* me perdoes!

Kitty.

À medida que a pura incredulidade dava gradualmente lugar à certeza, os primeiros pensamentos de Charles recaíram sobre Sybil, a filha do duque, e a sua humilhação na altura, embora desta vez a situação fosse muito mais recente e importasse muito, muito mais. Uma raiva tremenda submergiu-o, uma fúria que quase o fez vomitar, o garfo de prata de lei numa mão uma zombaria perversa, o uivo que saiu da sua boca aberta demasiado alto e estridente para qualquer ouvido. Ele, Charles Burdum, fora abandonado como uma carcaça guardada durante demasiado tempo.

Ele queria e desejava magoá-la… magoá-la de tal maneira que a única coisa pior fosse matá-la, poupando-a por pouco para que existisse num autêntico inferno mais quente que o fogo, ainda que mais frio que o gelo, esmagada e mutilada por dentes, farpas, garras, presas, gadanhas, a sua beleza obliterada. Odiando-a, amaldiçoou-a, perguntando nos abismos da sua mente porque não havia uma emoção ainda mais forte que o ódio para alimentar a sua raiva.

A imagem de ódio em movimento continuava sem parar, a sibilar e a deslizar pelo seu cérebro até ele não conseguir imaginar mais horrores para lhe infligir. Foi nessa altura que ele chegou ao fundo do poço, onde se estatelou sem vida, sem sensações, apenas o vácuo de uma perda terrível que nunca iria sarar por mais talas e ligaduras que lhe aplicasse.

Rastejar para fora do poço foi ainda pior, feito com muito sofrimento e desespero, espasmos de dor, uma tristeza monstruosa que levou lágrimas a cair sem parar até parecer que as sangrava, a força da vida a abandoná-lo, a ele que ela considerava indigno, incapaz. O amor da minha vida, a minha Kitty, a minha Kitty!

Num lugar ermo e monótono, pouco acima do poço, esperou por qualquer tipo de ânimo, sem saber que forma poderia este assumir, e pensou se isto era a morte e se transfigurara ou se isto era a vida e carbonizara nas fornalhas da sua alma. Contudo, depois lembrou-se de ter embatido violentamente e morrido, embora não tivesse morrido, apenas se tivesse erguido das chamas como uma fénix, recém-nascido e vivo entre as cinzas.

Ele era Charles Burdum, embora não fosse mais o homem que existira até

este dia. Diz, Charles! *Diz!* Até Kitty te deixar. Sim, um novo Charles Burdum. Um Charles Burdum diferente, que traria sempre consigo a marca do poço, para sempre marcado; mas ninguém… *ninguém!*… alguma vez suspeitaria. O seu caminho era claro, encontrado no meio das tempestades que o tinham consumido. Oh, Kitty, como eu te amo! E tu deixaste-me. Tu deixaste-me a *mim*, Charles Burdum!

Força moral, compreensão, perdão, amabilidade, generosidade… vou irradiar todas essas virtudes e muitas mais, porque um Charles Burdum benévolo, alegre e desinibido vai dizer ao mundo que a sua esposa adúltera e vadia não tem o poder de ferir um homem assim de qualquer maneira. O quê, *isso*? Puf! Um nada, é verdade… iria *eu* mentir?

Um divórcio imediato de Kitty, o mais discreto e menos comentado que a sua influência permitia, libertando-a para estar com o seu príncipe encantado, alto, robusto, labrego e bucólico, e legitimar os seus (muitos, com certeza) filhos. Não era demasiado orgulhosa para ficar com as sobras da irmã… será que comparavam notas sobre o desempenho dele na cama? Aliás, com quantas das quatro irmãs teria ele dormido?

Quanto a ele mesmo, isso era fácil. O novo Charles Burdum era um homem divorciado, mas respeitável, um primeiro-ministro independente que mantinha as suas relações com mulheres simples e usava a sua consultora política com cara de cavalo nas poucas ocasiões em que precisava de uma anfitriã… nem uma ponta de escândalo sairia dali! Irónico que afinal ela tivesse um filho. Bem, a Casa Burdum estava a passar por sérias remodelações… um apartamento espaçoso para mim e outro para Dorcas e Andrew Chandler. Talvez o rapaz viesse a ser um maior consolo do que um filho do seu próprio sangue? É certo que esse filho teria puxado ao lado das Latimer. Vadias vulgares e ordinárias… mas essa é a tua opinião *pessoal*, Charles! Em público? Apenas mal orientadas, pobres criaturas!

Eu caí porque confundo uma vadia com uma senhora, pensou ele, mas ergui-me novamente, uma fénix. Ainda tenho uma vida para viver.

O reverendo travou uma luta difícil com a sua consciência, mas o amor que sentia pela filha e um carácter suficientemente bom para assumir as suas próprias falhas fez com que fosse a público apoiar a atitude socialmente condenada de Kitty. O facto de ela viver em situação de adultério fez com que ganhasse muitos inimigos, embora poucos condenassem Jack, visto como o lorpa dela. Sentindo-se estranhamente livre, o reverendo Thomas Latimer pendurou a sobrepeliz e reformou-se; dois dias depois de o escândalo rebentar, Thomas arrumou tudo o que precisava da sua propriedade no presbitério e mudou-se para a casa creme e verde de Grace, em Trelawney Way. O seu raciocínio era simples: se Deus não tivesse feito homens e mulheres com falhas, da carne e outras até bem piores, não haveria qualquer necessidade de homens religiosos nem de polícias. Por isso, abandoná-los quando imploravam por ajuda era um pecado tão grande como o deles.

Podia até não ser aprovado, mas o seu trabalho no orfanato, no asilo, no hospital e com as pessoas que sofriam as consequências da Grande Depressão continuou e era recebido com gratidão. A vida em Trelawney, descobriu ele passado pouco tempo, era interessante, variada e recheada de pecado. Era mesmo o tipo de lugar para ele. É claro que pagava uma renda a Grace, plantava vegetais e mimava as galinhas para darem ovos.

As suas filhas eram agora uma parte maior da sua vida do que antes, mas, quando se encontrava em Corunda, não passava um dia sem visitar Maude. Mantinha-o humilde, com a mente nos mistérios de Deus.

As irmãs estavam genuinamente contentes por Kitty. A culpa que sentiam por tê-la pressionado a casar com Charles pesara-lhes nos ombros cada vez mais à medida que o tempo passava. Por isso, vê-la assentar com o homem certo para ela era tanto um alívio como um prazer. Talvez apenas Edda compreendesse quão longa e penosa fora a jornada de Kitty, mas Edda era a irmã que matava os demónios, e estivera sempre presente para matar todos os demónios de Kitty, exceto Charles, o último e mais terrível. Esse, Kitty tinha de matar sozinha.

Embora pouco tempo tivesse passado entre o momento em que Kitty deixara Charles e a reunião das quatro irmãs e dos seus homens, a atitude de Charles

Burdum era deixada bem clara e apregoada aos sete ventos: iria ser um mártir, suportando heroicamente o estigma do marido traído. O quê, *isso*? Puf! Um nada, é verdade… iria *eu* mentir?

Reuniram-se para o jantar de Natal em Corundoobar, incluindo o reverendo, que conhecia muito bem Charles.

— Muito astuto — disse o reverendo a Rawson, de quem gostava muito mais como pessoa do que alguma vez gostara de Charles. — Não há indícios de amargura, certamente nada que possa virar os seus apoiantes políticos contra ele. Fico feliz por Kitty. Alguns, é claro, nunca a vão perdoar.

— Também significa que os jornais mais importantes não conseguem desenterrar pormenores sórdidos suficientes para criar um escândalo amplamente publicitado a partir disto — disse Rawson, adorando o reverendo como uma pessoa que não se afastaria enojado se soubesse o segredo de Rawson. — Os habitantes de Corunda sentem-se relutantes em discutir o assunto com pessoas de fora.

Liam Finucan riu-se.

— Os habitantes de Corunda podem adorar Charlie, mas também adoram Jack Thurlow, por mais que Charlie não goste de o ouvir.

Jack não ouviu o comentário porque estava a cozinhar e tinha a cabeça sobre um tabuleiro, no qual se encontrava uma magnífica perna de porco, com a pele tostada na perfeição. Jack levantou a cabeça, sorrindo.

— Já não falta muito para o jantar — anunciou ele.

— Crias os teus próprios porcos? — perguntou Rawson.

As sobrancelhas claras levantaram-se.

— Não comeria carne de porco vinda de um talho. A minha é de graça, os pequenos diabos correm por todo o lado. Ficam com pouca gordura e com a carne mais tenra. A única coisa que os faz ficar na pocilga é a piscina. Deitam-se nela com os focinhos de fora, a fazer bolhinhas. E quando são mais velhos e se tornam uma carga de trabalhos, é altura de cozinhar porco assado.

— Vais deixar a Kitty cozinhar? — perguntou Liam.

— Estou a ensiná-la, mas ela é tão pequena que tenho de ser sempre eu a

fazer a perna do porco.

Tufts estava sentada a beber xerez e a divertir-se a ouvir Grace falar sobre a vida numa parte elegante de Sydney. Quem diria que a viúva Olsen iria gostar de lá estar como uma abelha num oceano de flores repletas de néctar.

— Nunca escondi os problemas que tive com a Depressão — disse ela, gesticulando com o copo na mão sem derramar uma única gota. — Tem de se ter uma aura de *glamour*, e um marido que se suicidou durante a Grande Depressão preenche o requisito. No entanto, não para os rapazes. Eles adoram aquela vida! — Os seus olhos ficaram de um tom mais escuro de cinzento. — Quando Kitty pulou a cerca para o novo recinto, fiquei preocupada que Charles azedasse, o que teria sido uma pena. Ainda assim, tinha Rawson na manga, por isso não teria conseguido seguir o meu plano se Rawson não existisse.

— Terias trocado a tua nova vida pelo salto para a liberdade de Kitty? — perguntou Tufts.

Grace fez um ar desdenhoso.

— Essa é uma pergunta indigna e tu sabes disso. Para ver Kitty feliz, regressaria de bom grado para a vida em Trelawney Way.

— Podes baixar as tuas defesas, Grace — disse Tufts a sorrir. — Só estou a fazer de advogado do diabo.

Edda e Kitty sentaram-se juntas no alpendre da casa, olhando para a curva do rio que abraçava a casa e os jardins. Do interior vinha um murmúrio de vozes, que subia e descia, enquanto Tufts punha a conversa em dia com Grace e os homens providenciavam um barulho de fundo ressonante.

— Estás feliz? — perguntou Kitty a Edda, uma pergunta honesta.

O rosto de porcelana virou-se para Kitty, surpreendido.

— Para me perguntares isso, valeu a pena salvar-te.

— Sim, eu percebo. Mas não me respondeste.

— *Estou* feliz. Apenas não extaticamente feliz como tu — respondeu Edda. — Estou a exercer a profissão para a qual nasci e o meu marido ama-me. —

Edda suspirou, um som mais pensativo do que triste. — Quem me dera que ele me amasse mais.

— Então é bom que tenhas o teu trabalho. Nada é tão doce que não tenha um resquício de amargura.

Edda riu.

— Queres dizer que a vida é assim, Kitty. Agridoce.